

O PASSE



**SEU ESTUDO
SUAS TÉCNICAS
SUA PRÁTICA**

JACOB MELO



SUMÁRIO

A SUBLIME DOAÇÃO	13
À GUIA DE EXPLICAÇÃO	14
CAPÍTULO I - O PASSE – DEFINIÇÕES	17
1. DEFINIÇÕES E MENÇÕES ESPÍRITAS	18
1.1 — De Allan Kardec	
1.2 — Clássicas (Contemporâneos de Allan Kardec)	
1.3 — Dos Espíritos	
1.4 — Dos Espíritas	
2. DEFINIÇÕES E MENÇÕES NÃO ESPÍRITAS	21
2.1 — Dos Dicionários e Enciclopédias	
2.3 — Dos Magnetizadores Clássicos	
2.3 — Dos Magnetizadores Contemporâneos	
2.4 — De Outras Escolas Religiosas	
3. CITACÕES BÍBLICAS	23
3.1 — No Antigo Testamento	
3.2 — No Novo Testamento	
4. DEFINIÇÕES EQUIVOCADAS	24
CAPÍTULO II - OS OBJETIVOS DO PASSE	28
1. EM RELAÇÃO AO PACIENTE	29
2. EM RELAÇÃO AO MÉDIUM	30
3. EM RELAÇÃO À CASA ESPÍRITA	32
CAPÍTULO III - O PORQUÊ DO PASSE	35
1. O ESPÍRITA PRECISA?	35
2. O MÉDIUM PRECISA?	37
3. SUBSTITUI O ESFORÇO PRÓPRIO?	38
4. POR QUE OS ESPÍRITOS NÃO DISPENSAM OS MÉDIUNS?	41
CAPÍTULO IV – ASSUNTOS COMPLEMENTARES	42
1. FLUIDOS	43
1.1 – O Fluido Universal	
1.2 – O Fluido Cósmico (ou a Grande Derivação do Fluido Universal)	
1.2.1 – O Princípio e o Fluido Vital	
1.3 – Conhecendo o fluido	
1.4 – Percepção – Assimilação	

1.5 – Propriedades Físicas	
1.6 – Os fluídos no Magnetismo	
2. PERISPÍRITO	53
2.1 — Definição	
2.2 — O Que é	
2.2.1 — Como Tem Sido Conhecido e Chamado	
2.2.2 — Sua Formação	
2.3 — Três Particularidades	
2.3.1 - O Cordão Ruídico	
2.3.2 — O Duplo Etérico	
2.3.3 — A Aura	
2.4 — Propriedades do Perispírito	
2.4.1 — Aparições	
2.4.2 - Tangibilidade	
2.4.3 — Transfiguração	
2.4.4 — Bicorporeidade	
2.4.5 — Penetrabilidade	
2.4.6 — Emancipação	
2.5 - Funções do Perispírito	
2.5.1 — Registro das Formas	
2.5.2 — Na Reencarnação	
2.5.3 — Na Desencarnação	
2.5.4 — Na Evolução	
2.5.5 — No Passe	
2.6 — Uma Rápida Conclusão	
3. CENTROS DE FORÇA	70
3.1 — Definições	
3.1.1 - A Visão Espírita	
3.1.2 — A Visão Esoterista	
3.2 — Sua Classificação	
3.3 — Sua Localização	
3.4 — Suas Funções	
3.4.1 — Do Centro Coronário	
3.4.2 — Do Centro Cerebral	
3.4.3 — Do Centro Laríngeo	
3.4.4 - Do Centro Cardíaco	
3.4.5 - Do Centro Esplênico	
3.4.6 — Do Centro Gástrico	
3.4.7 — Do Centro Genésico	
3.4.8 - Gerais	
3.4.9 — Exemplos de Passes nos Centros de Força	
3.5 — Desarmonia dos Centros de Força	
3.6 - A Kundalini	

CAPITULO V - QUEM É QUEM NO PASSE	79
1. FÉ, MERECEMENTO E VONTADE	79
1.1 - A Fé	
1.2 — O Merecimento	
1.3 - A Vontade	
2. QUEM RECEBE	85
2.1 — Pacientes com Problemas Físicos	
2.1.1 — Portadores de Doenças Contagiosas	
2.1.2 — Portadores de Doenças Não Contagiosas	
2.1.3 — Portadores de Doenças Desconhecidas	
2.2 — Pacientes com Problemas Espirituais	
2.2.1 - De Origem Perispiritica (ou Cármica)	
2.2.2 — De Origem Obsessiva	
2.2.3 — Decorrente de Desvios Morais	
2.3 — Paciente com Ambos os Problemas	
3. QUEM DOA	92
3.1 — Os Médiuns	
3.1.1 — Condições Físicas	
3.1.2 — Condições Morais	
3.1.3 — Condições Mentais (Psíquicas)	
3.2 — Os Espíritos	
3.2.1 — Nos Passes	
3.2.2 — Sua Ação de Maneira Direta no Paciente	
4. POTENCIAL FLUÍDICO	101
4.1 — Afinidade x Potencial Fluídico	
4.2 - Moral x Potencial Fluídico	
CAPÍTULO VI - COMO - O IMPASSE DO PASSE	104
1. NECESSIDADE DE CARACTERIZAÇÃO DO PASSE	104
2. TIPOS DE PASSE	105
2.1 — O Passe Segundo a Fonte do Fluido	
2.2 — O Passe Segundo o Alcance do Fluido	
2.3 — O Passe Segundo a Técnica	
3. O FIM DO PASSE	108
CAPÍTULO VII — QUANDO E ONDE	111
1. QUANDO	112
1.1 — Em Relação ao Paciente	
1.1.1 — Podemos Aplicar o Passe Quando	

1.1.2 — Não é Conveniente Aplicar o Passe Quando	
1.2 — Em Relação ao MédiuM	
1.2.1 — O MédiuM Pode Aplicar	
1.2.1.1 — O Passe Espiritual	
1.2.1.2 — Os Passes Magnéticos e Misto	
1.2.2 — O MédiuM Não Deve Aplicar	
1.3 — Em Relação à Casa Espírita	
1.3.1 — Deve Ser Aplicado	
1.3.2 — Devemos Evitar	
1.4 — Quando Não Convém	
2. ONDE	117
2.1 — Lugares Mais Apropriados	
2.2 — Lugares Não Recomendados	
2.2.1 — Não São Lugares Recomendados	
2.3 — Quando o Lugar Não Importa	
2.4 - Ambiente das Cabines	
3. RECOMENDAÇÕES	121
CAPÍTULO VIII - AS TÉCNICAS	123
1. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES	124
1.1 – As Mãos	
1.2 – O Sangue	
1.3 – A Respiração	
2. AS TÉCNICAS	133
2.1 – O Magnetismo	
2.1.1 – Breve História	
2.1.2 – Duas Regras Gerais	
2.1.2.1 – 1ª Regra	
2.1.2.2 – 2ª Regra	
2.2 – A Imposição de Mãos	
2.3 – Os Passes Longitudinais	
2.4 – Os Passes Transversais	
2.5 – Os Passes Circulares (Palmares)	
2.5.1 – Dispersão Circular	
2.5.2 – Observando a Técnica	
2.6 – Os Passes Perpendiculares	
2.7 – O Sopro (As Insuflações)	
2.7.1 – A Insuflação a Frio	
2.7.2 – A Insuflação a Quente	
2.7.3 – Uma Visão Espiritual do Sopro	
3. A IMPORTÂNCIA DO DISPERSIVO	157
4. OUTRAS MANEIRAS DO PASSE	161

4.1 — Passes Individuais	
4.1.1 — Em Cabines Individuais	
4.1.2 — Em Cabines Coletivas	
4.2 — Passes Coletivos	
4.3 — Passes Padronizados	
4.4 — Passes Livres	
4.5 — Passes com Nomes Comuns e Exóticos	
5. O PASSE NA CASA ESPÍRITA	164
5.1 — O Passe Espiritual	
5.2 — O Passe Misto	
5.3 — O Passe Magnético	
5.4 — A Distância e a Velocidade	
6. OUTROS USOS DO PASSE	171
6.1 — O Passe a Distância (Irradiações)	
6.1.1—O Recebimento de Passe por Pessoa Ausente	
6.2 — O Autopasse	
6.3—O Toque	
6.4 — O Tato-Magnético (Diagnose)	
6.3 — A Intuição	
6.6 — A Prece	
7. DOIS TIPOS BEM CONHECIDOS	185
7.1 — O Choque Anímico	
7.2—O Passe Pasteur	
8. AS CORRENTES	191
9. OUTRAS OBSERVAÇÕES	197
9.1 — Passes em Roupas e Objetos	
9.2— O Uso da Roupa Branca	
9.3 — Os Incensos e Defumadores	
9.4 — A Polaridade	
9.5 — Os Talismãs	
9.6 — Fixação do Número de Vezes	
10. A ÁGUA FLUIDIFICADA	202
10.1 — A Técnica da Fluidificação	
10. 2 — A Temperatura da Água	
10. 3 — A Fluidificação Específica ou Geral	
CAPÍTULO IX — A CURA	208
1. ESTUDANDO A CURA	210
2. GARANTIAS DE CURA	216

3. A INSTANTANEIDADE DAS CURAS	218
4. OUTRAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A CURA	220
4.1 — A Medicina e os Remédios	
4.2 — Tempo para a Cura	
4.3 — A Fadiga	
4.4 — Pagamentos e Presentes	
5. DIVERSAS ESCOLAS DE CURA	228
5.1 - Cura pela Cor (Cromoterapia)	
5.2 — Cura pelos ímãs (Magnetoterapia)	
5.3 — Cura pelos Cristais, Pirâmides e Astros	
5.4 — Cura pela Cura	
5.5 — A Doença como Cura	
CAPÍTULO X - ASSUNTOS DIVERSOS	233
1. A CRIANÇA	233
1.1 — Como Passista	
1.2 — Como Paciente	
2. O IDOSO	237
2.1 — Como Passista	
2.2 — Como Paciente	
3. A MULHER	239
3.1 — Como Passista	
3.2 — A Menstruação e a Menopausa	
3.3— Gestante	
3.3.1 — Como Passista	
3.3.2 — Como Paciente	
4. DAR ALTA	243
4.1 — Pela Intuição	
4.2 - Pelo "Tato-Magnético"	
4.3 — Pela Vidência/Audiência	
4.4 — Por Informações/Observações do Paciente	
4.5 — Pelo Receituário	
4.6 — Pelo Desinteresse do Paciente	
4.7 — Por Número Predeterminado de Vezes	
5. AS GESTICULAÇÕES/RESPIRAÇÕES	247
5.1 — O Sacudir das Mãos	
5.2 — O Lavar as Mãos	
6. PÉS DESCALÇOS E MÃOS PARA CIMA	249
6.1 — Os Pés Descalços	
6.2 — As Mãos para Cima	

7. OUTROS USOS E HÁBITOS	251
7.1 — A Alimentação	
7.2 - Os Vícios	
7.2.1 — No Paciente	
7.3 — Sexo antes do Passe	
7.4 – Os Remédios	
7.5 – O Passista Doente	
7.6 – A Higiene	
7.7 – As Roupas e Adereços	
7.8 – Olhos Abertos ou Fechados	
7.9 – Os Comentários com o Paciente	
7.10 – Vinculação Passista/Paciente	
7.11 – Os Encaminhamentos	
8. AS SENSações NO PASSE	265
8.1 – Sensações no Paciente	
8.2 – Sensações no MédiuM	
9. INCORPORAÇÃO DURANTE O PASSE	269
9.1 — Do Paciente	
9.2 — Do Passista	
10. O RECEITUÁRIO	271
11. PASSES ANTES E DEPOIS	274
11.1 — Para os Passistas	
11.2 — Nas Reuniões Mediúnicas	
11.3 — Os Papa-Passes	
12. MESMO SEXO	276
13. MÚSICA	277
14. LUMINOSIDADE/ESCURIDÃO	277
15. VENTILADORES, CALAFETADORES, CONDICIONADORES DE AR E EXAUSTORES	278
16. AS EQUIPES	278
17. O DESENVOLVIMENTO	279
18. PASSES EM PLANTAS E ANIMAIS	281
19. AS BENZEDEIRAS E O MAU-OLHADO	281
20. ÚLTIMAS RECOMENDAÇÕES	284
20.1 – Emoções	
20.2 - Atitudes Negativas	
20.3 - Prestar Atenção	
20.4 - O Estudo	

20.5 — A Paciência

21. CONCLUINDO	287
APÊNDICE "I" - FUNCIONAMENTO DE UMA EQUIPE PADRÃO	289
APÊNDICE "II" - RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO "X"	294
APÊNDICE "III" - MODELO DE FICHA PARA PASSES MAGNETO E/OU MISTO "X"	298
APÊNDICE "IV" - MODELO DE FICHA PARA CONTROLE DO ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO "X", SEGUNDO INFORMAÇÕES OBTIDAS JUNTO AOS MÉDIUNS.....	302
APÊNDICE "V" - RELATÓRIO À DIRETORIA: ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO "X" ...	305
APÊNDICE "VI" - RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA ATENDIMENTO A DISTÂNCIA	308
APÊNDICE "VII" - MODELO DE FICHA PARA ATENDIMENTO A DISTÂNCIA	312
APÊNDICE "VIII" - MODELO DE FICHA PARA CONTROLE DO ATENDIMENTO A DISTÂN- CIA, SEGUNDO INFORMAÇÕES OBTIDAS JUNTO AOS MÉDIUNS	316
APÊNDICE "IX" - NOÇÕES DE ANATOMIA E FISIOLOGIA	318
1. INTRODUÇÃO	318
1.1 — O Corpo Humano	
1.2 — Níveis de Organização	
1.3 — Funções Vitais	
1.3.1 - Funções de Vida Vegetativa ou Nutrição	
1.3.2 — Funções de Relação	
1.3.3 — Função de Reprodução	
2. FUNÇÕES DE NUTRIÇÃO	319
2.1 - Digestão	
2.1.1 — Dos Componentes	
2.1.2 — Dos Órgãos	
2.1.2.1 - Boca	
2.1.2.2 — Faringe	
2.1.2.3 — Esôfago	
2.1.2.4 — Estômago	
2.1.2.5 — Intestino	
2.1.2.6 - Glândulas Salivares	
2.1.2.7 - Fígado	
2.1.2.8 — Pâncreas	
2.1.3 — Do Funcionamento	
2.2 — Respiração	

2.2.1 — Dos Componentes	
2.2.2 — Dos Órgãos	
2.2.2.1 — Fossas Nasais	
2.2.2.2 — Faringe	
2.2.2.3 — Laringe	
2.2.2.4 — Traquéia	
2.2.2.5 — Brônquios	
2.2.2.6 — Bronquíolos	
2.2.2.7 — Pulmões	
2.2.3 — Do Funcionamento	
2.3 - Circulação	
2.3.1 — Dos Componentes	
2.3.2 — Dos Órgãos	
2.3.2.1 — Coração	
2.3.2.2 — Artérias	
2.3.2.3 - Veias	
2.3.2.4 — Capilares	
2.3.3 — Do Funcionamento	
2.3.4 — Sangue	
2.3.3 — Vasos Linfáticos e Linfa	
2.4 — Excreção	
2.4.1 - Pele	
2.4.2 — Sistema Urinário	
2.4.2.1 — Dos Componentes	
2.4.2.2 - Dos Órgãos	
2.4.2.2.1 - Rins	
2.4.2.2.2 - Pelve Renal	
2.4.2.2.3 — Ureteres	
2.4.2.2.4 — Bexiga	
2.4.2.2.5 - Uretra	
2.4.2.3 - Urina	
3. FUNÇÕES DE RELAÇÃO	334
3.1 — Locomoção	
3.1.1 – Dos Componentes	
3.1.1.1 – Esqueleto	
3.1.1.2 – Músculos	
3.2 – Os Sentidos	
3.2.1 – A Visão	
3.2.2 – A Audição	
3.2.3 – A Olfacção	
3.2.4 – A Gustação	
3.2.5 – O Tato	
3.3 – Fonação	
4. FUNÇÃO DE REPRODUÇÃO	341

4.1 — Sistema Reprodutor Masculino	
4.1.1 — Dos Componentes	
4.1.2 – Dos Órgãos	
4.1.2.1 - Dos Testículos	
4.1.2.2 - Epidídimo	
4.1.2.3 — Canal Deferente	
4.1.2.4 — Vesículas Seminais	
4.1.2.5 - Próstata	
4.1.2.6 - Pênis	
4.2 — Sistema Reprodutor Feminino	
4.2.1 — Dos Componentes	
4.2.2 – Dos Órgãos	
4.2.2.1 - Ovários	
4.2.2.2 — Trompas de Falópio (ou Uterinas)	
4.2.2.3 - Útero	
4.2.2.4 - Vagina	
4.3.2.3 - Vulva	
4.3— Ovulação /Ciclo Menstrual	
4.4 - Fecundação	
5. SISTEMA GLANDULAR	344
5.1 - Glândulas Endócrinas	
5.1.1 - Hipófise	
5.1.2 - Tireóide	
5.1.3 — Paratireóides	
5.1.4 — Adrenais (Supra-Renais)	
5.1.5 - Corpo Pineal	
5.2 - Glândulas Exócrinas	
5.3 - Glândulas Mistas	
6. SISTEMA NERVOSO (SN)	348
6.1 — Dos Componentes	
6.2 — Estrutura do Sistema Nervoso (SN)	
6.3 — Dos Órgãos	
6.3.1 - Cérebro	
6.3.2 - Cerebelo	
6.3.3 - Tronco Encefálico	
6.3.4 - Medula Espinhal	
6.3.5 — Nervos Cranianos	
6.3.6 — Nervos Espinhais	
BIBLIOGRAFIA DESTE APÊNDICE	355
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (OBRAS CITADAS E REFERENCIADAS)	356
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (OBRAS PESQUISADAS NÃO CITADAS)	362

O PASSE ESPÍRITA: A SUBLIME DOAÇÃO

"E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isto te dou. Em nome de Jesus-Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda". (Atos, 3:6)

À porta do templo, chamada Formosa, o apóstolo Pedro e o deficiente físico.

Entre ambos um momento de expectativa.

Da alma cansada e sofrida - que espera.

Da alma plena de fé e estuante de amor - que doa.

Não há indagações nem hesitações.

Apenas a sublime doação.

Eis aí o significado profundamente belo e sublimado do passe: a doação de alma para alma.

* * *

Nosso amigo, Jacob Luiz de Melo, apresenta, nestas páginas que se vai ler, todo o processo dessa doação (em cuja passagem acima citada alcança a culminância) que denominamos, em nosso meio espírita - **passes**.

As técnicas, a cura, os fluidos, o doador, o paciente, as diversas escolas, os efeitos, tudo, enfim, que é necessário para aprimoramento desse trabalho de verdadeira caridade, em nossas Casas Espíritas.

Para tanto, Jacob Melo se empenhou em pesquisar, estudar e meditar o passe. E mais ainda: apresenta a sua própria vivência, numa interação entre o conhecimento e a prática, especialmente porque tem ele, desde cedo, uma constante familiaridade com o ambiente espírita.

Há muito, as nossas letras se ressentiam de uma obra deste porte, que abordasse o tema em suas angulações e peculiaridades; que atendesse à necessidade de cunho científico e àquelas da praticidade; que avaliasse, numa análise sensata e clara o que está sendo feito nesse campo de atendimento aos que chegam às instituições em busca de alívio e consolo. Para isso faz o autor uma leitura bastante atualizada e lúcida do nosso Movimento Espírita no tocante a essa área de atividade, tirando ilações e apresentando sugestões que possibilitem uma reciclagem e mudanças para que os objetivos superiores que norteiam essa tarefa sejam alcançados plenamente.

Vale ressaltar, de forma preponderante, que Jacob de Melo consegue transmitir tudo isto com distinção e arte, encontrando sempre a palavra adequada, o conceito bem colocado, a crítica sóbria e elevada que nos permitem entrever a sua própria nobreza íntima e o acendrado amor com que revestiu todo este trabalho, desde a sua ideação até o ponto final.

* * *

"O que tenho isto te dou" - diz Pedro.

Jacob Luiz de Melo, guardadas as devidas proporções, também faz a sua doação.

Suely Caldas Schubert
Juiz de Fora (MG), outubro de 1991

À GUIA DE EXPLICAÇÃO

“Aquele, porém, que a pratique (uma religião) por interesse e por ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens. A Deus não podem agradar os que fingem humilhar-se diante dele tão somente para granjear o aplauso dos homens”. Espírito da Verdade¹

A despeito de quanto se tenha dito ou falado da validade ou não do passe na Casa Espírita, fato inofismável é que sua importância ali tem sido, e será sempre, muito grande. É difícil imaginarmos uma Instituição Espírita sem possuir trabalhos de assistência espiritual através desse dispositivo terapêutico. Seu uso é tão comum e suas técnicas, em geral, são tão simples que nos perguntamos por que tanta confusão, por que tanto impasse quando se quer entender o passe ou abordar-lhe os princípios?!

Nos ensina a lógica que, quando um assunto afeta a tantos e comporta exames, análises, comparações, comprovações e experiências, imediatamente surgem os pesquisadores e divulgadores sérios - apesar dos "mistificadores" de todos os tempos —, fazendo brotar boas obras e importantes referências, em número proporcional ao uso e ao interesse. Entretanto, estranha e contrariamente a isso, o passe, mesmo com seu milenar conhecimento e sua eficácia ecumenicamente propalada, tem sido muito pouco pesquisado, notadamente por quem mais lhe difunde o valor em nossas "bandas ocidentais": os espíritas.

Se recorrermos à bibliografia Espírita, que em inúmeras áreas é de uma fartura impressionante, nos espantaremos com o reduzido número de obras que tratam do assunto, mormente se de forma especializada. E se formos exigentes quanto à qualidade, como, inclusive, deveremos ser, tal número não caberá na contagem dos dedos de uma única mão. É, deveras, de espantar tão estranho comportamento pois, bem o sabemos, não apenas este assunto interessa muito (e a muitos), como ainda não temos sobre ele uma abordagem mais consentânea com a universalidade dos ensinamentos pertinentes - tal como se faz requerida e como bem sugeriu Allan Kardec, através de seu exemplo, pelo comportamento pessoal dado ao trato da Codificação.

Mesmo sem precipitar julgamentos, o que se nos afigura como justificativa para esse comportamento é uma certa e generalizada acomodação. Ao que vimos sentindo, todos queremos aprender, fazer certo, entender, mas, situações como: "fulano disse que é assim que se aplica o passe" ou "não preciso estudar técnicas e teorias porque Jesus apenas impunha as mãos e curava", têm servido de desculpas para um genérico "cruzar os braços", em vez de "pormos mãos à obra".

De outra maneira, como é comum se querer aprender a aplicar o passe "rapidinho", quase sempre se busca, apenas, "breves estudos", simplórios "manuais"... Nessa "pressa", costumamos assimilar certas orientações equivocadas e, muitas vezes, nelas nos cristalizamos, adotando técnicas e posturas nem sempre coerentes. Em consequência, com o passar do tempo, tentamos justificar nosso procedimento com frases tipo: "já aplico passes há "tantos" anos e tenho obtido excelentes resultados", ou usamos da cômoda transferência de deveres: "deixo aos Espíritos a responsabilidade pois a técnica é deles mesmos e eles podem usar meus fluidos como quiserem que não atrapalho".

Antes de prosseguirmos, analisemos as situações apresentadas já que, por serem muito comuns, justificam aproveitemos o ensejo.

1. **"Foi fulano que me ensinou assim"**; esta é a típica desculpa da pessoa que se sente (ou se diz) sempre "indisposta" e que, portanto, "não tem tempo para estudar". Perguntamos: será que só falta tempo mesmo para o estudo? E nosso propósito de servir ao próximo não merece de nós mesmos um pouco mais de esforço e dedicação? Será que nós gostaríamos de sermos atendidos, por e-

¹ KARDEC, Allan. *Da lei de adoração*. In "O Livro dos Espíritos", Parte 3ª, cap.2, item Adoração exterior, questão 655.

xemplo, por um médico que nunca tem tempo para estudar? E será que a pessoa (ou a obra, Instituição, curso, etc.) que nos ensinou, ensinou "tudo" mesmo e, se ensinou, o fez correto? Como saber reconhecer sem estudar? Bem se vê que só o estudo pode fornecer a segurança devida e nos coloca racionalmente ante nossos compromissos para com os irmãos que buscam nossa ajuda.

2. *"Jesus só impunha as mãos e curava, portanto (...)"*; aqui já não se trata de simples falta de estudo, mas, de desconhecimento até d'O Novo Testamento. Ao longo do livro, teremos oportunidade de apresentar várias situações envolvendo a ação fluídico-magnética do Cristo e veremos que não era só por imposição de mãos que Ele agia. Fica, desde já, a recomendação de que façamos uma leitura daquele livro, para conhecermos mais proximamente a figura de Jesus e seus exemplos morais e práticos de como atuar nas curas.

3. *"Já faz tanto tempo que aplico assim e dá bons resultados"*; de fato, nada nos impede de procedermos sempre de uma única maneira em nossas atividades e, ainda assim, nos sairemos bem; contudo, isto jamais quererá dizer devamos limitar nosso aprendizado - no que quer que seja - a apenas um método, a uma só ação, pois, nada há no mundo que seja ou deva ser tão restritamente especializado, Além do estudo e da pesquisa, nos compete, igualmente, um pouco de empenho e criatividade (no bom sentido) a fim de favorecermos nosso progresso. Afinal, o que "hoje" é considerado como resultado positivo não descarta a grande possibilidade de, em se melhorando o método ou as técnicas, obtê-lo mais excelente ainda "amanhã".

4. *"Como a técnica é dos Espíritos, deixo que me utilizem e não atrapalho"*; com toda franqueza, os que assim agem tomam uma postura, no mínimo, ridícula. Se nós evoluímos tanto nos Planos Espirituais quanto na Terra, por que não começarmos nosso aprendizado aqui, para aprimorá-lo quando lá estivermos? Por que não pensarmos, a despeito dos Espíritos serem os grandes detentores das técnicas, que nossos conhecimentos e estudos contribuirão eficazmente nos processos de atendimentos fluidoterápicos, pois, permitirão que o trabalho se realize de forma mais participativa? E afinal, queremos ser médiuns passistas de fato ou simples marionetes nas mãos dos Espíritos? E os Espíritos Superiores, por sua vez, estarão solicitando nossa participação como meros brinquedos liberadores de fluidos ou como companheiros efetivos nas atividades fraternas em favor das criaturas necessitadas? Meditemos; meditemos bem, pois, assim como não nos cabe "atrapalhar" os trabalhos dos Espíritos amigos, compete-nos o dever de darmos e fazermos o melhor de nós mesmos, sempre!

Retomando nossa idéia inicial, quando nos propusemos escrever esta obra, com surpresa descobrimos que a bibliografia não Espírita sobre o assunto é muitas vezes mais volumosa e variada que a nossa, o que, de certo modo, nos deixou levemente desapontados. Após "correr" as obras Espíritas sobre o passe e as "clássicas do Magnetismo" que conseguimos consultar, partimos para aquelas outras, nas quais encontramos: fartas pesquisas, sérios aprofundamentos, hipóteses intrigantes e instigantes, e muitas novidades. Infelizmente, porém, tudo de bom que lá se encontra quase sempre está misturado com muitas bobagens, montes de coisas sem qualquer fundamento, algumas (poucas, graças a Deus) afrontas à moral, a Medicina e aos princípios éticos do bom senso, e tantos absurdos destituídos de qualquer lógica ou respaldo.

Como resultado disso tudo, tivemos que nos "vestir" de "garimpeiros do passe" para conseguirmos extrair dali as "pérolas dos bons ensinamentos", procurando não confundi-las com as "argilas endurecidas e cristalizadas dos equívocos e despropósitos" tão virulentamente a elas agregadas.

Nessa "garimpagem", concluímos pelo que excedia em evidência: grandes descobertas, graves estudos, profundas pesquisas e excelentes práticas podem e devem ser encetados nesta área pelos espíritas, pois, sem dúvida alguma, somos "garimpeiros" privilegiados. Dispomos de uma "mina a céu aberto" (a Doutrina Espírita), o que nos livra de qualquer escuridão; contamos com cinco "mapas" (o Pentateuco Kardequiano) magnanimamente codificados; acompanham-nos "guias" (a Espiritualidade Superior) com profundos conhecimentos do terreno e das tarefas; dispomos de "detalhes técnicos" (as obras subsidiárias de Espíritos como André Luiz, Emmanuel e Manoel Philomeno de Miranda) de riquíssima precisão; temos à mão informações "geológicas do solo" com perfis (as obras

clássicas e modernas do Magnetismo) já devidamente testados; não nos faltam "elementos" ("nossos" pacientes) para trabalharmos em nossa mineração; possuímos "ferramentas" de primeira qualidade (nossa boa vontade e a disposição de servir); e, como se não bastasse, o nosso senhor é o maior e o melhor de todos os amos (Nosso Senhor Jesus-Cristo, em nome de Deus).

Foi refletindo assim que decidimos aprofundar um pouco mais o estudo sobre o passe, mesmo porque, aquilo que apresentamos como crítica generalizada logo no início desta "explicação", antes que em qualquer pessoa ou Instituição, ela foi aplicada sobre nós mesmos, com toda veemência e honestidade possível. E por pensarmos que não seria justo fazermos todo um trabalho de pesquisa, análise e estudo, no qual encontramos verdadeiras "jóias raras", e não dividirmos as benesses daí advindas (tal como exemplificou Allan Kardec quando acabou de compor aquele que seria a primeira edição de "O Livro dos Espíritos"), aqui trazemos nossa modesta "garimpagem", no intuito de assim contribuirmos para um enriquecimento, um conhecimento e um estudo mais acurado sobre o passe, da parte de todos nós.

É preciso confessar, entretanto, que não garimpamos sozinhos; contamos com muitas ajudas, de todos os níveis e de todos os "planos". Todas, sem exceção, foram valiosíssimas; mesmo aquelas que, de momento, não conseguimos entender, fossem por estarem além de nossa capacidade de tirocínio ou por extrapolarem os largos limites de nossa imperfeição.

Por isso mesmo, todos os méritos deste trabalho são dos Espíritos (encarnados e desencarnados) que - na pessoa dos vários autores consultados, dos amigos que sempre vibraram por nós outros, dos familiares e companheiros que aturaram nossa "teimosia por escrever um livro", dos críticos que escolhemos (e aqui queremos fazer uma ressalva especial para citar a estimada confreira Sarah Jane, pois, devemos a ela uma gratidão enorme, pelo seu empenho e destemor, inteligência e seriedade, estudo e atenção, sem o que esta obra estaria incompleta e com limitações) e dos que se escolheram, dos irmãos que apreciaram os rascunhos e os originais, orientando-nos, todos, com suas judiciosas ponderações, daqueles que tenham tentado nos deter ou atrapalhar nossa manifesta intenção de concluir tal trabalho, e dos que nos ajudaram direta e indiretamente, de forma reconhecida ou anonimamente - só contribuíram para a ocorrência de tudo de bom que aqui se encontre.

Entretanto, queremos registrar, explicitamente, que é do autor, e só dele, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas nesta obra, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos de Kardec.

*Jacob Luiz de Melo
Natal (RN), outubro de 1991.*

CAPÍTULO I - O PASSE - DEFINIÇÕES

“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora” - (Allan Kardec)²

É fora de dúvida que nenhuma Ciência pode ser bem entendida quando não se busca, antes, o conhecimento de sua base, de seus fundamentos. Sendo o Espiritismo, de fato e por definição, uma Ciência e como tal estabelecida por seu insigne Codificador, compete-nos buscar-lhe os princípios para não vagarmos em raciocínios periféricos quando nosso propósito é o do conhecimento coerente.

Os conhecidos “fatos espíritas”, hoje denominados “fenômenos mediúnicos”, ao lado da aplicação analisada e estudada do Magnetismo, foram os propiciadores da parte científica da Doutrina Espírita. Allan Kardec, entretanto, não se limitou a observá-los e estudá-los com profundidade; a partir daí, ele compôs todo o arcabouço teórico e prático do Espiritismo. Desde então tornou-se inconcebível estudar-se a mediunidade sem sedimentar alicerces nos registros kardequianos. Tal tentativa equivaleria a se querer edificar uma construção de grande porte sem antes certificar-se das condições do solo nem cuidar da robustez de suas fundações. Afinal, sem base sólida e robusta não há construção segura.

Decorrentemente, o presente estudo sobre o passe, o qual é uma das mais usuais derivações práticas da mediunidade e do magnetismo na Casa Espírita, para ser coerente e consentâneo com a Doutrina dos Espíritos, estará revestido de grande cuidado quanto a sua fundamentação doutrinária. Não queremos fugir da figura evangélica que lembra ser prudente o homem que constrói sua casa sobre a rocha para assim suportar a chuva que cair, os rios que transbordarem e os ventos que sobre ela se abaterem³. Daí iniciarmos por Allan Kardec e seu Pentateuco, símbolos maiores da sólida rocha doutrinária do Espiritismo, e com ele seguirmos até o fim da obra.

Na síntese em epígrafe, é inequívoca a seriedade com que Kardec se postou ante a “mediunidade curadora”. Tanto assim que a ela se refere como uma “coisa santa”, claramente ressaltando a nobreza de caráter da qual deve se revestir todo aquele que se disponha a esse verdadeiro labor divino, a fim de agir, em todos os momentos, “santamente, religiosamente”. Mas, caráter nobre é formatura adquirida nos modos e hábitos diários e não apenas em certos momentos, quase sempre vivenciados na esporadicidade de fundo imediatista, interesseiro ou comodista.

Conscientes dessa posição, podemos analisar inicialmente alguns aspectos que dizem respeito as definições e menções que adiante iremos apreciar. Isso porque não foi normalmente sob o nome passe, mas, via de regra, como “dom de curar”, “mediunidade curadora”, “imposição de mãos”, que o Codificador se referiu ao assunto em estudo. Além disso, em diversas ocasiões tratou deste tema nominando-o, genericamente, “magnetismo”, ainda que nessas oportunidades não deixasse dúvidas sobre que tipo de magnetismo⁴ se referia.

Na definição de mediunidade curadora dada por Kardec (é gênero de mediunidade que “consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação”⁵), já se percebe a abrangência com que ele tratou a matéria.

Uma outra verificação bastante comum é que, se formos analisar enciclopédias e dicionários, notaremos que nem todas as referências existentes são em relação ao *passe* (no singular), que é a

² KARDEC, Allan. *Daí gratuitamente o que gratuitamente recebestes*. In: “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 26, item 10.

³ Mateus, VII, vv. 24 e 25.

⁴ *Trataremos do assunto com mais detalhes no capítulo VIII - As Técnicas*.

⁵ KARDEC, Allan. *Médiuns curadores*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 175.

maneira usualmente empregada tanto no meio Espírita como na literatura espiritualista em geral, mas, preferencialmente, aos *passes* (no plural).

Importa ainda considerar que o termo “passe” tem significados distintos. Inicialmente era o passe apenas o nome dado ao gesto (ou ao conjunto destes) com fins de se movimentar “eflúvios”. Depois, entendido como atividade de cura, generalizou-se como a própria política da cura. No entendimento Espírita, ora é evocado como um, ora como outro sentido. Apesar disso, na maneira como venha a se empregar o termo, passe tanto pode ser entendido como uma terapia espírita, como uma parte do magnetismo, como uma técnica de cura ou ainda como o sentido genérico da “fluidoterapia”.

Isto posto, vamos às definições, menções e equívocos que envolvem nosso assunto, advertindo antecipadamente que limitaremos tais abordagens pois ao longo da obra surgirão muitas outras oportunidades para novas citações, das mais variadas fontes.

1. DEFINIÇÕES E MENÇÕES ESPÍRITAS

1.1 - De Allan Kardec

“É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional”⁶.

“A mediunidade curadora (...) é, por si só, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e não só abarca as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades (...) de obsessões”⁷. E ainda acrescenta: “(...) Aí nada queremos introduzir de pessoal e de hipotético, procedemos por via de experiência e de observação”.

“Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual”⁸.

Diz ainda Kardec: “O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos (...)”⁹.

Quando, estudando os possíveis problemas que poderiam surgir entre a “mediunidade curadora” e a lei, Kardec abriu indagações que, por si sós, ratificam o que dissemos acerca de ele usar os termos do magnetismo para se referir ao passe: “As pessoas não diplomadas que tratam os doentes pelo magnetismo; pela água magnetizada, que não é senão uma dissolução do fluido magnético; pela imposição das mãos, que é uma magnetização instantânea e poderosa; pela prece, que é uma magnetização mental; com o concurso dos Espíritos, o que é ainda uma variedade de magnetização, são passíveis da lei contra o exercício ilegal da medicina?”¹⁰.

Mesmo fazendo uso dos termos mais comuns a época, fica evidente que o passe foi considerado e estudado por Kardec com a mesma seriedade e gravidade que se tornaram sua *marca registrada* na condução do árduo trabalho da Codificação Espírita.

Quando fazemos a ligação entre as terminologias empregadas hoje com as do “ontem recente”, pretendemos convir, sempre e mais uma vez, com Kardec quando, nos primórdios do Espiritismo, já nos orientava sobre o proveito advindo com a Doutrina Espírita, a qual nos lança, de súbito, numa ordem de coisas tão nova quão grande, que só pode ser obtido “Com utilidade por homens sérios,

⁶ KARDEC, Allan. *Curas*, In “A Gênese”, cap.14, item 34.

⁷ *Da Mediunidade curadora*. “Revista Espírita”, set. 1865.

⁸ KARDEC, Allan. *O passamento*. In “O Céu e o Inferno”, 2ª Parte, cap. 1, item 15.

⁹ KARDEC, Allan. *Daí gratuitamente o que gratuitamente recebestes*. In “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 26, item 10.

¹⁰ *A Lei e os médiuns*. “Revista Espírita”, jul. 1867, p. 203.

perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado”¹¹. Daí a necessidade de sermos sérios e graves ante os assuntos do Espiritismo, em especial quando tratamos de temas pontilhados de personalismos, controvérsias e pouco estudo, como é o caso do passe.

1.2 - Clássicas (Contemporâneos de Allan Kardec)

“(…) O magnetismo vem a ser a medicina dos humildes e dos crentes, (…) de quantos sabem verdadeiramente amar”¹². Léon Denis.

Angel Aguarod assim se pronunciou: “Deixemos as drogas e os tóxicos para os hipnotizadores e reservemos para os magnetizadores a medicina do espírito, pois na alma se concentra toda a sua força e todo o seu poder”¹³.

Albeit De Rochas já fazia menção ao termo “passes”, assim como à imposição de mãos”. Observe-se, por exemplo, como o erudito escritor e engenheiro português, Dr. Antonio Lobo Vilela, fala sobre ele no seu livro “O Destino Humano”: “O processo experimental de De Rochas (utilizado para indução à regressão de memória) consiste no emprego de *passes magnéticos* longitudinais, combinados, por vezes, com a imposição da mão direita sobre a cabeça do *passivo*”. (Grifos originais)¹⁴. Mas falar de De Rochas seria praticamente dispensável já que todos os estudiosos do magnetismo, sonambulismo e exteriorização da personalidade (desdobramento) não regateiam elogios e citações ao mesmo. Apesar disso, lembraríamos que após estudar a “transplantação” das doenças - que se dava fazendo-se passar as doenças de uma pessoa para outra ou então para um animal - sugerida por um certo abade Vallemonte, no livro, “Physique Occulte”, escrito em 1693, e que ressurgiu em fins do século passado, rebatizada por “traspases” em plena Paris e implantada em alguns hospitais dali, concluiu ele pela ineficácia de ambos os métodos e, então, preferiu se utilizar dos passes nas suas sessões de estudo sobre os “eflúvios” e a “exteriorização da sensibilidade”¹⁵.

Para concluir este item, façamos um resumo histórico com Gabriel Delanne: “A ciência magnética compreende certo número de divisões, conforme as diferentes categorias de fenômenos.

“(…) Os anais dos povos da antiguidade formigam em narrativas circunstanciadas, que mostram o profundo conhecimento que do magnetismo tinham os antigos sacerdotes.

“Os magos da Caldéia, os brâmanes da Índia curavam pelo olhar (...). Ainda hoje, na Ásia, (...) os faquires cultivam com êxito as práticas magnéticas (...).

“Os egípcios (...) empregavam, no alívio dos sofrimentos, os passes e a aposição de mãos, como os executamos ainda em nossos dias.

“(…) Amóbio, Celso e Jâmblico ensinam em seus escritos que existia entre os egípcios, em todas as épocas, pessoas dotadas da faculdade de curar por meio da aposição das mãos e de insuflações (...)

“(…) Os romanos também tiveram templos onde se reconstituía a saúde por operações magnéticas. Conta Celso que Asclepíades de Pruse adormecia, magneticamente, as pessoas atacadas de frenesi.

“(…) Quem obteve, porém, maior fama nessa matéria, foi Simão, “o mágico”, que, soprando nos epilépticos, destruía o mal de que estavam atacados.

¹¹ KARDEC, Allan. *Introdução*. In “O Livro dos Espíritos”, item 8.

¹² DENIS, Léon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “No Invisível”, 2ª Parte, cap. XV, p. 182.

¹³ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 56.

¹⁴ FREIRE, Antonio J. *Experiências do coronel A. Rochas D’Aiglum*. In “Da Alma Humana”, cap.5, p. 104.

¹⁵ ROCHAS, Albert de. *Cura magnética das feridas e traspasse das doenças*. In “Exteriorização da sensibilidade”, cap. 5, itens 1 e 2, pp. 115 a 121.

“(…) Na Gália, os druidas e as druidesas possuíam em alto grau a faculdade de curar, como o atestam muitos historiadores; sua medicina magnética tornou-se tão célebre que os vinham consultar de todas as partes do mundo. (…) Na Idade Média, o magnetismo foi praticado, principalmente, pelos sábios.

“(…) Avincena, doutor famoso, que viveu de 980 a 1036, escreveu que a alma age não só sobre o corpo, senão ainda sobre corpos estranhos que pode influenciar, a distância.

“Arnaud de Villeneuve foi buscar nos autores árabes o conhecimento dos efeitos magnéticos (…)”.

“(…) Van Helmont dizia: (…) O magnetismo só tem de novo o nome (…)”

“(…) Em 1682, assinalaremos Greatrakes, na Inglaterra, que fez milagres, simplesmente com as mãos (…)”¹⁶, etc.

1.3 - Dos Espíritos

“O passe, como gênero de auxílio, invariavelmente aplicável sem qualquer contra-indicação, é sempre valioso no tratamento devido aos enfermos de toda classe (…)”¹⁷. André Luiz.

“(…) O passe é uma transfusão de energias psíquicas (…)”¹⁸. Emmanuel.

“(…) Ensinos espíritas que recomendam a terapia fluídica, através da transmissão das energias de que todos somos dotados, seja pela utilização do recurso do passe, seja pela magnetização da água, usando-se o contributo mental por processo de fixação telepática e transmissão de recursos otimistas, de energias salutares que refazem o metabolismo, contribuindo eficazmente para o restabelecimento da saúde mental, e, por extensão, da psicofísica (…)”¹⁹. Aristides Spinola.

“Penetrando nos fatores causais - o Espírito, seu pretérito, seu futuro - a fuidoterapia e o esclarecimento Espírita conscientizam, elucidam, emulam e seguram o homem da queda abissal (…)”²⁰ Carneiro de Campos.

“O passe é uma transfusão de energias, alterando o campo celular”²¹. André Luiz.

E, para encerrar, uma citação do Espírito Bezerra de Menezes que, de passagem, nos “atualiza” o termo: “Visitando enfermos, socorrendo necessitados, aplicando passes, ou bioenergia, como se modernizou o labor, enfim, a caridade é um esporte da alma, pouco utilizado pelos candidatos à *musculação* moral e inteireza espiritual”²². (Grifo original)

1.4 - Dos Espíritas

Para contribuir como elo de ligação entre as citações de Kardec com as atuais, vejamos, de início, o que nos diz Antônio Luiz Sayão quando comenta sobre as curas feitas por Jesus:

“Para imaginarmos o poder dos fluidos magnéticos de que dispunha Jesus, o mais puro de todos os Espíritos, e bem assim o poder que a sua vontade exercia sobre esses fluidos, regeneradores e fortificantes, cuja natureza, bem como combinações, efeitos e propriedades Ele conhecia de modo

¹⁶ IMBASSAHY, Carlos. *Histórico*. In “O Espiritismo perante a Ciência”, 2ª Parte, cap. 1, pp. 75 a 78.

¹⁷ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Passe e Oração*. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 12, p. 148.

¹⁸ XAVIER, Francisco Cândido. In “O Consolador”, cap. 5, p. 67.

¹⁹ FRANCO, Divaldo Pereira. *Forças mentais*. In “Terapêutica de Emergência”, cap. 10, pp. 45 e 46.

²⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. *Doenças e terapêutica*. In “Sementes de Vida Eterna”, cap. 8, p. 43.

²¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 17, p. 169.

²² FRANCO, Divaldo Pereira. *Expição e reparação*. In “Loucura e Obsessão”, cap. 23, p. 297.

absoluto, basta atentemos nos efeitos que produz o magnetismo humano e nos que conseguem os médiuns curadores (...)²³.

Do eminente Carlos Imbassahy tomaremos alguns parágrafos, cuja obra, a seguir referenciada, merece ser lida por quem queira se aprofundar nos detalhes que envolvem “a mediunidade e a lei”:

“Não seria para desprezar as curas do imperador Vespasiano, o qual dava passes e punha bons os nervosos; as de Adriano, que curava os doentes com os dedos; as do rei Olavo, as de Eduardo, o confessor, as de Felipe I, as do imperador Justiniano (...)

“O dom coube em partilha a todos, assim aos grandes como aos pequenos; vinha do palácio de imperadores e reis até a choupana dos pobres. Levret, um jardineiro, celebrizou-se com esses predicados.

“(…) Um dos maiores curadores espiritualistas da França, Charles Parlange, cujas espetaculares curas, oficialmente registradas, eram conseguidas tão-somente pela prece, estivesse o doente junto ou longe dele (...)²⁴.

“O passe é, antes de tudo, uma transfusão de amor²⁵. Divaldo Pereira Franco.

“O passe é um ato de amor na sua expressão mais sublimada²⁶. Suely Caldas Schubert.

Por fim, Herculano Pires nos sintetiza o seguinte: “O passe tornou-se popular por sua eficácia. Mas é tão simples um passe que não se pode fazer mais do que dá-lo²⁷”.

2 - DEFINIÇÕES E MENÇÕES NÃO ESPÍRITAS

2.1 - Dos Dicionários e Enciclopédias

“PASSES. Movimentos com as mãos, feitos pelos médiuns passistas, nos indivíduos com de-sequilíbrios psicossomáticos ou apenas desejosos de uma ação fluídica benéfica. (...) Os passes espí-ritas são uma imitação dos passes hipnomagnéticos, com a única diferença de contarem com a assis-tência, invocada e sabida, dos protetores espirituais²⁸”.

“PASSES (Pl. de passe) S. m. pl. Ato de passar as mãos repetidamente ante os olhos de uma pessoa para magnetizá-la, ou sobre uma parte doente de uma pessoa para curá-la”. Aurélio Buarque Holanda Ferreira²⁹.

“PASSE, (...) ato de passar as mãos repetidas vezes por diante dos olhos de quem se quer magnetizar ou sobre a parte doente da pessoa que se pretende curar pela *força mediúnica*”. (Grifamos) Francisco da S. Bueno³⁰. (Esta definição, por sinal, é a mesma encontrada no dicionário da Academia Brasileira de Letras.)

“PASSE: ato de passar as mãos repetidas vezes por diante ou por cima de pessoa que se pre-tende curar pela força mediúnica³¹. (Grifos nossos)

²³ SAYÃO, Antônio Luiz. In “Elucidações Evangélicas”, p. 129.

²⁴ IMBASSAHY, Carlos. Curas mediúnicas. In “A Mediunidade e a Lei”, pp. 46 e 61.

²⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. O passe - propriedades e efeitos. In “Diálogo com dirigentes e trabalhadores espí-ritas”, p. 61.

²⁶ SCHUBERT, Suely Caldas. A importância da fluidoterapia In “Obsessão/Desobsessão”, 2ª Parte, cap. 10, p. 116.

²⁷ PIRES, J. Herculano. Mediunidade prática In “Mediunidade - Vida e Comunicação”, cap. 14, p. 127.

²⁸ PAULA, João Teixeira de. In “Dicionário Enciclopédico Espiritismo Metapsíquica Parapsicologia”, Ilustrado, p. 192, Editora Bels S.A.

²⁹ “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”. Ed. Nova Fronteira.

³⁰ “Dicionário Escolar da Língua Portuguesa”. MEC - Fename.

³¹ “Enciclopédia Mirador Internacional”. vol. II. “Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”, p. 1289.

2.2 - Dos Magnetizadores Clássicos

Louis Alphonse Cahagnet, considerado por muitos como um dos precursores da Doutrina Espírita, haja vista sua notável obra, os “Arcanos”, além de inúmeras outras - 30 ao todo - sobre o magnetismo³², nos concede uma clara definição desta Ciência: “É uma propriedade da alma; o corpo é a máquina por intermédio do qual ele se filtra”³³.

Deleuze faz ressaltar o ângulo mais religioso do magnetismo, quando nos assevera que “(...) Sendo a faculdade de magnetizar, ou de fazer o bem aos seus semelhantes por influência de sua vontade, a mais bela e a mais preciosa que Deus deu ao homem, deve-se encarar o exercício do magnetismo como um ato religioso, que exige o maior recolhimento e a intenção mais pura (...)”³⁴.

Chardel, um dos pioneiros do magnetismo, em 1818 apresentou uma curiosa obra a consideração da Academia de Berlim, na qual afirmava: “O magnetismo é uma transfusão de vida espiritualizada do organismo do operador para o do paciente”³⁵. (Grifamos)

Outras definições e menções, de Mesmer, de Du Potet, de Lafontaine, de Puységur e de tantos outros magnetizadores não menos famosos, serão vistas ao longo da obra, pelo que nos permitimos parar por aqui.

2.3 - Dos Magnetizadores Contemporâneos

“Aquele (magnetizador) que se propõe a exercer o tratamento deve ter equilíbrio, tranqüilidade espiritual e total consciência da importância das manipulações levadas a efeito”³⁶. V. L. Saiunav - A personalidade que assina esta expressão é um russo que desenvolveu suas experiências de cura de uma forma autodidata, mas, apesar do pouco acesso as literaturas estrangeiras, podem verificar, *a posteriori*, que suas conclusões são muito similares e, por vezes, melhores que as experiências do mundo ocidental. Ele, inclusive, em seu livro, nos faz registros de autores cujas obras veio a conhecer depois, e que merecem destacarmos: “Quem duvidar, hoje, da atuação do magnetismo, deve ser chamado de ignorante e não de cético”. (Schoppenhauer) - “O magnetismo animal é, portanto, a mais poderosa de todas as forças físicas e químicas. (...) A cura magnética processa-se por meio de passes magnéticos, pela aposição de mãos (...)” (Du Prell)³⁷.

Ainda na Rússia temos um dos seus mais famosos curadores: o Coronel Krivorotov, o qual foi submetido a uma larga bateria de testes. Seu método de cura é o uso de passes a curta distância dos pacientes. E ele afirma crer que “A energia vem de alguma fonte externa”³⁸. Isso sem falar na famosa Djuna que, entre outros, diz ter curado com “suas mãos” o ex-homem-forte da União Soviética, Leonid Brejnev e resolvido até casos de aids, apesar de sua reconhecida excentricidade; além de Barbara Ivanova³⁹ que tem curado pessoas à distância, pelos mais variados meios, e que é reconhecida como uma das maiores autoridades soviéticas sobre reencarnação.

Para encerrar a lista, vejamos o que nos reserva o renomado e respeitado George W. Meek: “O curador não cura as doenças. Agindo de modo extraordinário, ele proporciona um ambiente no qual a cura pode realizar-se”⁴⁰.

³² WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. In “Allan Kardec”, cap. 9, pp. 92 a 100, v. 2.

³³ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 3, p. 23.

³⁴ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 54.

³⁵ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 1, p. 10.

³⁶ SAIUNAV, V. L. In “O fio de Ariadne”. cap. 2, p. 71.

³⁷ SAIUNAV, V. L. In “O Fio de Ariadne”, pp. 50 e 51.

³⁸ OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn. In “Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro”, cap. 18, p. 242.

³⁹ Durante o ano de 1990 ela passou vários meses aqui no Brasil proferindo palestras, seminários e cursos e, na oportunidade, publicou a versão do seu livro “O Cálice Dourado”, onde ensina suas técnicas de cura.

⁴⁰ MEEK, George W. (Org.). In “As curas paranormais”, 1ª Parte, cap. 2, p. 19.

2.4 - De Outras Escolas Religiosas

De um pastor presbítero (Dudley Blades):

“A cura espiritual é a cura do Espírito pelo Espírito. (...) Normalmente começo a cura repousando minhas mãos suavemente sobre a cabeça das pessoas (· · ·)”⁴¹.

De um padre católico (Frei Hugolino Back):

“Analisando, detidamente, os textos, dá-nos a impressão de que essas *ordens* proferidas por Jesus vêm acompanhadas de gestos. E gestos de movimentos rápidos e enérgicos. Seriam formas de passes?”

“- Que são passes?”

“- São gestos rápidos e enérgicos que são feitos pela pessoa-que-cura ao lado e ao longo do corpo de pessoa-que-está-sendo-curada”⁴². (Grifo original)

Uma prece católica de cura, apresentada pelo reverendo Robert DeGrandis, S. S. J.: “Jesus, quando oramos pelos outros em Teu nome, nós te pedimos que uses nossas mãos para vires até nós e toques aqueles pelos quais oramos, como se nossas mãos fossem tuas. Deixa que Teu Espírito opere, hoje, através de nós, especialmente quando oramos pelos membros de nossa família ou de nossa comunidade. Obrigado, Jesus, pelo Teu amor curador que está fluindo neste momento através de mim”⁴³.

Do budismo tibetano:

“Quando se compreendem os processos tântricos, torna-se claro que eles não são nenhum “passe de mágica” religioso com o qual nos iludimos, a nós e aos outros. São a manipulação de energias psicofísicas por seres que, mediante a prática do Dharma, em particular a meditação, aprimoram suas capacidades mentais (...)”⁴⁴.

3 - CITAÇÕES BÍBLICAS

3.1 - No Antigo Testamento

“Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo.

“Naamã, porém, muito se indignou, e se foi, dizendo: Pensava eu que ele sairia a ter comigo, por-se-ia de pé, invocaria o nome do SENHOR seu Deus, moveria a mão sobre o lugar da lepra, e restauraria o leproso”⁴⁵. (Grifamos)

“E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR, e disse: Ó SENHOR meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele.

“O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu”⁴⁶.

⁴¹ BLADES, Dudley. *O que é a cura?* In “A Energia Espiritual e seu Poder de Cura”, cap. 6, p. 52.

⁴² BACK, Hugolino e GRISA, Pedro A. *As técnicas de Jesus*. In “A Cura pela Imposição das Mãos”, p. 74.

⁴³ DeGRANDIS, Robert. *Os dez mandamentos da cura*. In “Ministério de Cura para Leigos”, cap. 2, p. 36.

⁴⁴ CLIFFORD, Terry. *A medicina tântrica*. In “A Arte de Curar no Budismo Tibetano”, cap. 5, p. 97.

⁴⁵ *II Reis*, V, vv. 10 e 11.

⁴⁶ *I Reis*, XVII, vv. 21 e 22.

“Josué, filho de Num, estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés havia posto sobre ele as suas mãos: assim os filhos de Israel lhe delam ouvidos, e fizeram como o SENHOR ordenara a Moisés.

“(…) E no tocante a todas as obras de sua poderosa mão, e aos grandes e terríveis feitos que operou Moisés à vista de todo o Israel”⁴⁷.

Nestes três exemplos, que colocamos em ordem reversa à cronológica dos fatos, vimos como o magnetismo era utilizado desde a mais antiga história, sob os métodos mais diversos, inclusive pela imposição das mãos.

3.2 - No Novo Testamento

“E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo de sua lepra”⁴⁸.

“Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos dizendo: Saulo, irmão, o SENHOR me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo”⁴⁹.

“A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando um fim proveitoso.

“Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento.

“A outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar (...)”⁵⁰.

Encontramos igualmente, nestes exemplos, o passe já como prática habitual de cura ao tempo de Jesus e de seus seguidores da primeira hora, quando as mãos aparecem como um dos mais comuns veículos de técnica de cura fluídica, além da origem do termo “dom de curar” pelo apóstolo Paulo.

4. DEFINIÇÕES EQUIVOCADAS

Antes de iniciarmos nossa análise sobre alguns dos mais comuns equívocos que se cometem quando se pretende comparar passes a outros métodos, gostaríamos de apresentar uma observação de Kardec: “Magnetizador é o que pratica o magnetismo; magnetista é aquele que lhe adota os princípios. Pode-se, pois, ser magnetista sem ser magnetizador; mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista”⁵¹. Por extensão, infere-se que o passista tanto pode ser um magnetizador quanto um simples magnetista; será ele magnetizador quando usar seus fluidos na magnetização e magnetista quando adotar os princípios, as técnicas e os métodos do magnetismo. Mas só será passista espírita quando suas técnicas forem consentâneas com a Doutrina Espírita e seu proceder moral se coadunar com os princípios desta.

No mesmo artigo⁵², Kardec nos afirma ainda que “O Magnetismo preparou o caminho do Espiritismo (...)”. E prossegue mais adiante: “Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo, nosso quadro (espiritismo) ficará incompleto (...). A ele nos referimos, pois, senão acessoriamente, mas suficientemente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na verdade, não passam de uma”.

⁴⁷ Deuteronômio, XXXIV, vv. 9 e 12.

⁴⁸ Mateus, VIII, v. 3.

⁴⁹ Atos, IX, v. 17.

⁵⁰ I Coríntios, XII, vv. 7 a 9.

⁵¹ Magnetismo e Espiritismo. “Revista Espírita”, mar. 1858, p. 94, nota de rodapé nr. (1).

⁵² Magnetismo e Espiritismo. “Revista Espírita”, mar. 1858, p. 94, nota de rodapé nr. (1).

O leitor há de convir conosco que esta citação é por demais importante. Entre outras, dela podemos tirar uma conclusão óbvia: pela maneira como foi considerado o magnetismo, a Ciência Espírita não pode ficar sem o contributo daquela outra, sob o risco de termos o Espiritismo de forma incompleta. Entretanto, ressalta das palavras de Kardec que se trata de uma mesma ciência pelo fato de uma estar inserida na outra e não que sejam simetricamente iguais.

Analisemos agora os equívocos. Para ficar mais didático, tratá-los-emos em subitens, na forma de perguntas e respostas, destacando os equívocos que pretendemos demonstrar.

1. *Magnetismo e Espiritismo são a mesma coisa?*

R - Já possuímos matéria suficiente para sustentarmos estar em equívoco aquele que afirmar sejam o magnetismo e o Espiritismo a mesma coisa, pois, da última colocação kardequiana se depreende que o primeiro, como ciência, participa da Ciência Espírita e não que esta esteja contida nos estreitos limites daquela outra. Não são a mesma coisa, afirmamos; nem por definição, nem por meios, nem por objetivos; apenas o magnetismo, com suas técnicas e experiências, viabilizou, no meio científico da época, o reconhecimento da existência de outras forças, energias, fluidos, que desaguaram, via sonambulismo, nas provas da existência do Espírito.

Mas, para que não haja dúvidas, eis a primeira definição de Allan Kardec sobre o Espiritismo: A doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas*, ou, se quiserem, os *espiritistas*⁵³ (grifos originais). Vemos que dessa definição não há como igualar tal Ciência - que é também Filosofia e Religião - ao magnetismo, cujos seguidores são chamados de magnetizadores⁵⁴.

Há, entretanto, estreitas ligações entre as duas ciências. E quem faz uma notável ligação entre o Espiritismo e o Magnetismo é o Espírito E. Quineman que, quando encarnado, segundo suas próprias palavras, ocupou-se com a prática do magnetismo material. Assim se expressa ele: “O Espiritismo não é, pois, senão o magnetismo espiritual, e o magnetismo não é outra coisa senão o Espiritismo humano. (...) O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo (...)”⁵⁵.

2. *E em relação ao passe propriamente dito, seriam ele e o magnetismo a mesma coisa?*

R - A resposta continua negativa, pois, se para o magnetismo o passe é uma técnica de movimentação de mãos, para o passe (espírita) o magnetismo é uma fonte de técnicas de transferências fluídicas. Atentemos, todavia, para o que nos diz Allan Kardec: “O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável”⁵⁶; isto nos sinaliza, inclusive, que nem sempre o passe se recorre do magnetismo como técnica.

Em síntese, todo passista (espírita) é, no fundo, um magnetizador mas nem todo magnetizador é um passista (espírita).

3. *E a magnetização e o hipnotismo são iguais, são uma mesma ciência?*

R - Trata-se de outro equívoco pensar-se assim. Embora não estejamos estudando o hipnotismo, é da própria história dessa ciência que ela surgiu em decorrência das práticas magnéticas, como uma experimentação, poderíamos dizer, especializada, de partes daquela. O hipnotismo, usando uma linguagem bem coloquial, é “filho” direto do magnetismo como o é o “sonambulismo provocado” “O próprio Braíd (chamado o pai do hipnotismo) reconheceu em sua *Neurhypnologie* que os procedimentos hipnóticos não determinavam absolutamente todos os fenômenos produzidos pelos magnetizadores”⁵⁷, evidenciando, assim, o caráter de menor eficiência destes, em termos gerais, que daquele

⁵³ KARDEC, Allan. Introdução. In “O Livro dos Espíritos”, item 1.

⁵⁴ Recomendamos sejam relidos os pontos principais do Espiritismo na Introdução de “O Livro dos Espíritos”, todos registrados no seu item 6, onde se patenteiam as diferenças entre as duas ciências.

⁵⁵ O Magnetismo e o Espiritismo comparados. “Revista Espírita”, jun. 1867, médium Sr. Desliens, pp. 190 a 192.

⁵⁶ Da Mediunidade curadora “Revista Espírita”. set. 1865. p. 254.

⁵⁷ JAGOT, Paul-Clement. Atualmente. In “Iniciação a Arte de Curar pelo Magnetismo Humano”, cap. 5, item 7, p. 53.

outro. Por ser derivação, confundi-los é o mesmo que se cambiar a obra pelo obreiro, o efeito pela causa.

4. *Já que o magnetismo é usado no passe, isso implicará que devemos usar também o hipnotismo nos nossos passes?*

R - De forma alguma. O Espírito Emmanuel, introduzindo André Luiz no livro “Mecanismos da Mediunidade”, enfatiza que mesmo tendo aquele estudado o hipnotismo “Para fazer mais amplamente compreendidos os múltiplos fenômenos da conjugação de ondas mentais, além de com isso demonstrar que a força magnética é simples agente, sem ser a causa das ocorrências medianímicas, nascidas, invariavelmente, de espírito para Espírito”, não recomenda. “De modo algum, a prática do hipnotismo em nossos templos Espíritas”⁵⁸.

Completemos nossa resposta com Michaelus: “Deixemos as drogas e os tóxicos para os hipnotizadores e reservemos para os magnetizadores a medicina do Espírito, pois na alma se concentra toda a sua força e todo o seu poder”⁵⁹.

5. *Mas, algumas pessoas advogam que durante ou após o passe, certos pacientes se sentem “diferentes”, como no hipnotismo.*

R - Sem entrar nos aspectos espíritos da questão, vejamos o que nos diz o renomado Dr. Jorge Andréa: “Não pretendemos negar que a hipnose determina, realmente, inibição de centros nervosos, zonas e mesmo regiões” mas, esclarece ele, “isso é uma consequência natural do desenvolvimento de mecanismo hipnótico”⁶⁰. Não é correto, portanto, que apressadamente se infira dos fatos do hipnotismo, sua equivalência, por suas reações (diversas, por sinal), com os passes. Mero desconhecimento de causa que não justifica o equívoco. Hermínio Correia de Miranda, quando liga o magnetismo ao hipnotismo, nos esclarece com sua síntese peculiar: “Magnetismo, a nosso ver, é a técnica do desdobramento provocado por meio de passes e/ou toques, enquanto a hipnose ficaria adstrita aos métodos de sugestão (...)”⁶¹.

6. *É o passe uma invenção do Espiritismo?*

R - Garantimos que, em princípio, o Espiritismo nunca “inventou” nada nem tampouco “criou” coisas usualmente a ele atribuídas. Pelas definições e menções apresentadas neste capítulo, fica evidente que o passe, suas técnicas e seu conhecimento remontam à mais longínqua antiguidade. A Doutrina Espírita apenas estudou o magnetismo e suas aplicações, estuda e continuará estudando suas causas e efeitos, tendo chegado a grandes conclusões, notadamente no que diz respeito ao seu uso para o bem dos Espíritos, tanto encarnados quanto desencarnados, dando-lhes emprego sério e útil, e incentivando sua prática dentro dos princípios cristãos e nos limites da pureza doutrinária espírita, lembrando aos seus praticantes, como o fez o Cristo: “(...) De graça recebestes, de graça dai”⁶².

7. *É o passe magia? Por quê?*

R - Não. Porque o passe não se utiliza de fetichismos, não é dogmático, não compactua com Espíritos inferiores para obtenção de favores, quer materiais, quer espirituais, nem se compromete com ritualismos. Não incita adoração a santos ou mitos nem requer pagamentos ou oferendas. Se nos permitimos uma definição própria, o passe é um dos veículos de que se utilizam os Bons Espíritos para atender aos necessitados, de acordo com a vontade de Deus, e não para atender aos homens, segundo nossos, quase sempre, pueris caprichos e mesquinhas imposições.

⁵⁸ XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *Mediunidade*. In “Mecanismos da Mediunidade”, pp. 15 e 16.

⁵⁹ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 56.

⁶⁰ 58. ANDRÉA, Jorge. *Fenômenos parapsicológicos*. In “Nos Alicerces do Inconsciente”. cap. 4. item 2 - Hipnose, p. 116.

⁶¹ MIRANDA, Hermínio C. In “A Memória e o Tempo”. cap. 4, p. 78, v. 1.

⁶² Mateus, X, v. 8.

8. *Como o passe, muitas vezes, usa das técnicas do magnetismo e das colocações kardequianas, entendemos que tanto há fluidificação espiritual como animal (do homem) e mista, isso quer dizer que no passe tanto há mediunismo quanto animismo?*

R - Estabelecamos primeiro que animismo não é, necessariamente, sinônimo de mistificação; animismo é a projeção ou a manifestação do Espírito do próprio médium por seu próprio corpo ou, ainda, o uso das energias fluídicas de si por si mesmo. Por outro lado, mediunidade existe quando há relação entre homem encarnado e Espírito desencarnado. Por isso podemos dizer, teoricamente, que o passe só é anímico quando o mesmo é aplicado por um magnetizador, com uso exclusivo de suas energias vitais, sem a interferência dos Espíritos (como se isso fosse possível). Mas, pelo que nos asseveram os Espíritos, quando respondendo a Kardec, nos asseguram que eles influem em nossos atos e pensamentos “Muito mais do que imaginais (...) a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem”⁶³, forçoso é concluirmos que não há magnetismo puro (quer dizer, sem intervenção espiritual), assim como também não há o animismo puro. A própria definição de passe vista anteriormente no item “2.1 - Dos Dicionários e Enciclopédias”, sob a referência número 27, já nos sugere isso. E, se não bastasse, sigamos Allan Kardec mais uma vez, quando ele pergunta aos Espíritos:

“Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?”

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções chama os maus”⁶⁴.

9. *Passistas e médiuns curadores são a mesma coisa?*

R - Se bem possam, em determinadas situações, se confundirem, não são necessariamente a mesma coisa pois o passista nem sempre é um médium curador no sentido maior do termo, enquanto que todo curador, posto que sempre usa alguma técnica de passe, é passista, ressalvando-se, contudo, que aqui importa distinguir passista de passista Espírita.

Quando Allan Kardec definiu médiuns curadores, disse que esses são “Os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.

“Essa faculdade não é essencialmente mediúnica: possuem-na todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não. As mais das vezes, é apenas uma exaltação do poder magnético, fortalecido, se necessário, pelo concurso de bons Espíritos”⁶⁵.

Percebemos assim que, no primeiro parágrafo, ele parece se referir ao passista espírita, enquanto que no segundo se referencia ao magnetizador, ao médium curador. De uma forma ou de outra, não faz grande diferença essa conceituação pois o que mais importa é a ação do passe, e Espírita, de preferência.

10. *Magnetismo e magnetoterapia são a mesma ciência?*

R - Não, não o são. Enquanto que o magnetismo lida com os fluidos animais (humanos), a magnetoterapia se utiliza dos ímãs ou materiais inorgânicos portadores de magnetismo. Enquanto a primeira se baseia no homem como fonte, a segunda tem sua base nos metais; a primeira requer, mesmo no magnetismo puro, um bom posicionamento de moral e equilíbrio do aplicador, enquanto a segunda, nem sempre.

11. *É o magnetismo humano (animal), o mesmo dos ímãs ou do resultante das correntes elétricas?*

R - Não. No magnetismo humano se percebe e se constata a existência de um componente anímico que não participa das outras modalidades de magnetismo. Outrossim, no magnetismo dos ímãs e dos oriundos dos campos energizados por eletricidade, obtêm-se padrões e quantidades invari-

⁶³ KARDEC, Allan. In “O Livro dos Espíritos”, cap. 9, questão 459.

⁶⁴ KARDEC, Allan. Dos médiuns. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 176, 3ª questão.

⁶⁵ KARDEC, Allan. Dos médiuns especiais. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 16, item 189.

ável e fisicamente mensuráveis, abstração feita as variações previstas e determinadas; no magnetismo humano os valores são extremamente flexíveis e variáveis não apenas por condições físico-químicas e orgânicas mas igualmente por influências psíquicas e espirituais.

12. Existe diferença entre passes e imposição de mãos?

R - Em termos espíritas, passes tanto pode ser entendido como o conjunto de recursos de transferências fluídicas levadas a efeito com fins fluidoterápicos, como uma das maneiras pela qual se faz tais transferências. No primeiro caso, a imposição de mãos seria um dos recursos; no segundo, uma das maneiras.

Assim sendo, de forma literal, passe e imposição de mãos não são a mesma coisa; em termos de uso, contudo, tem-se a imposição de mãos como uma técnica de passe⁶⁶. Tanto que é comum se falar de um querendo-se dar a entender o outro.

De outra forma, observemos a ponderação de nossa contemporânea Dalva Silva Souza, em excelente artigo publicado em “Reformador”: “A palavra (passe) é um deverbato de passar, verbo que, sem dúvida, transmite a idéia de MOVIMENTO”⁶⁷. Por outro lado, “imposição de mãos” já deixa bem induzido que se trata de atitude estática, sem movimento, posto que, derivado do verbo impor, imposição, nesse sentido, quer dizer: ato de fixar, estabelecer.

* * *

Outras dúvidas e equívocos, por certo, existirão. Mas, se não temos a pretensão de esgotar o assunto, nos resta a certeza de que ao longo desta obra, muitas questões serão resolvidas e vários problemas ganharão solução. Por outro lado, se novas dúvidas surgirem, como resultado da reflexão, do estudo, da análise e do raciocínio, é sinal de que teremos alcançado um bom “primeiro porto”, do qual, após o reabastecimento em novas pesquisas, partiremos buscando, juntos, novos e promissores horizontes, tudo em nome do Evangelho.

CAPÍTULO II - OS OBJETIVOS DO PASSE

“E insistentemente lhe suplica: Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá. Jesus foi com ele”⁶⁸.

Mesmo sendo o passe uma das circunstâncias mediúnicas mais comuns nas Instituições Espíritas, precisamos reconhecer, tanto pelo estudo quanto pela vivência, quais seus verdadeiros objetivos para, a pretexto de desconhecimento de causa, não virmos amanhã a desvirtuar-lhe os *fins* utilizando-nos de *meios* antidoutrinários ou então, ainda que através dos *meios* mais corretos, desvalorizemos os *fins*, por impertinentes. Afinal, se fazer é uma obrigação, saber fazer é um dever; e fazê-lo correto, no tempo, momento e lugar certo, é buscar a perfeição. Não sendo outro o motivo de nosso estágio aqui na Terra senão o de buscarmos, pelos meios ao nosso alcance, o *final* feliz, que é a perfeição, reconhecemo-nos numa posição que, pelo nível, ainda nos solicitará muito esforço, trabalho, vidas, renúncias, estudos e sacrifícios, até atingirmos o grande desiderato.

Sendo o magnetismo um dos “meios” que utilizaremos seguidamente, tomá-lo-emos tendo em vista a manutenção do estudo do passe dentro dos limites atinentes às causas e aos efeitos fluídicos de cura e de alívio orgânico e psíquico, além de auxiliar nos tratamentos espirituais e desobsessivos.

⁶⁶ Teceremos considerações no capítulo VI adiante.

⁶⁷ SOUZA, Dalva Silva de. Considerações em torno do passe. In “Reformador”, jan, 1986, p. 16.

⁶⁸ Marcos, V, vv. 23 e 24.

Evitaremos o aprofundamento que nos levaria ao estudo da *exteriorização da sensibilidade* e da *motricidade*⁶⁹, bem como aos *efeitos hipnóticos*, aos métodos de *regressão de memória*⁷⁰ e às características atinentes ao sonambulismo. Afinal, o que vamos estudar mesmo é o *passé* e não necessariamente o *magnetismo*, apesar de com isso não quereremos dizer que desprezaremos suas bases e técnicas, experiências e conclusões; muito pelo contrário, não só as utilizaremos como servirão de fundamental importância na sedimentação do entendimento, na efetivação de sua prática e para a explanação lógica de vários pontos comuns.

Começamos, então, buscando a lucidez e a objetividade do Espírito André Luiz⁷¹, o qual nos faz meditar com grande proveito: “O *passé* não é unicamente transfusão de energias anímicas⁷². É o equilibrante ideal da mente, apoio eficaz de todos os tratamentos (...). Se usamos o antibiótico por substância destinada a frustrar o desenvolvimento de microorganismos no campo físico, por que não adotar o *passé* por agente capaz de impedir as alucinações depressivas, no campo da alma? (...) Se atendemos à assepsia, no que se refere ao corpo, por que descurar dessa mesma assepsia no que tange ao espírito?”.

Aí encontramos André Luiz estendendo definições, com isso favorecendo-nos uma abertura para nosso estudo: o *passé* “é o equilibrante ideal da mente”, funcionando como coadjuvante em todos os tratamentos, não só físicos, mas igualmente da alma. Por isso mesmo, os objetivos do *passé* ficam bem categorizados como elementos a serem alcançados em dois campos: materiais e espirituais, a se refletirem no *paciente*⁷³, no passista e na Casa Espírita.

Corroborando com isso, encontramos Martins Peralva quando, estudando a mediunidade neste campo específico, nos lembra: “O socorro, através de *passes*, aos que sofrem do corpo e da alma, é instituição de alcance fraternal que remonta aos mais recuados tempos”⁷⁴.

Tendo este raciocínio como ponto de partida, componhamos uma análise um tanto quanto didática, distinguindo os objetivos do *passé* em três grupos:

- 1 - Em relação ao paciente;
- 2 - Em relação ao médium; e
- 3 - Em relação à Casa Espírita.

1. EM RELAÇÃO AO PACIENTE

O *passé* Espírita objetiva o reequilíbrio orgânico (físico), psíquico⁷⁵, perispiritual e espiritual do paciente. Chega-se fácil a esta conclusão pela observação de que:

- quando um paciente procura o *passé*, ele busca, com certeza, melhora para seu comportamento orgânico, psíquico e/ou espiritual, o que já representa uma afirmativa desse objetivo;
- quando os médiuns sentem-se “doando energias” e, por vezes, se fatigam após as sessões de *passes*, deixam claros indícios de que houve “transferências fluídicas” em benefício do paciente;
- na comprovação das melhoras ou curas dos pacientes, novamente se confirma a tese;

⁶⁹ Assuntos bem estudados por Albert De Rochas em seus livros (clássicos) “*Extériorisation de la Sensibilité*” e “*L’Extériorisation de la Motricité*”. Apenas o primeiro tem versão brasileira.

⁷⁰ Assunto igualmente estudado por De Rochas (“*Les Viés Successives*”, também não versionado).

⁷¹ XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *O passe*. In “*Opinião espírita*”, cap. 55, pp. 180 e 181.

⁷² Compare-se com nosso comentário acerca do equívoco existente entre animismo e mediunismo no *passé*, destacado no item 4 das “*Definições equivocadas*”, questão 8, do capítulo anterior.

⁷³ Convencionamos chamar de “*paciente*” a pessoa ou o Espírito que se submete(rá) ao tratamento fluídico.

⁷⁴ PERALVA, Martins. *Passes*. In “*Estudando a Mediunidade*”, cap. 26, p. 142.

⁷⁵ Preferimos destacar a condição psíquica para deixar claro estarmos tratando de condições mentais diferentemente de condições espirituais.

- no estudo dos mais variados tratados e obras sobre o assunto, não há quem discorde desse objetivo;

- e tantas outras evidências existem que não sobra margem para tergiversações.

Não se deve, porém, confundir o *objetivo* do passe com o seu *alcance*. Erroneamente é comum se deduzir do fato de alguém não ter sido curado num determinado tratamento fluidoterápico, este deixa de ter sua objetividade definida. Tal raciocínio equivaleria a se condenar a Medicina tomando como base os casos que não tiveram solução possível, ou se acusar um médico pelo fato de um paciente não responder a certos medicamentos. O passe, como os medicamentos, tem seus objetivos bem definidos, ainda que, por circunstâncias a serem vistas mais adiante, nem sempre sejam alcançados satisfatoriamente. Isso, entretanto, não os descaracterizam.

Angel Aguero⁷⁶ nos lembra que “O magnetismo, em certos estados de origem psíquica ou espiritual, basta e, para certos indivíduos, é o melhor agente curativo. Tanto o magnetismo *humano* como o *espiritual*” (grifamos). É bem verdade que esta citação não contemplou os problemas orgânicos em suas palavras mas isso não toma menos digna a nota. Entrementes, quando o autor se refere ao “magnetismo humano e espiritual” deixa liminarmente claro que seu entendimento reconhece a ação do magnetizador comum e daquele que atua com o auxílio dos Espíritos, sem igualmente deixar de lado a ação fluidica apenas por parte dos Espíritos.

Não se trata de opinião isolada; o Espírito Emmanuel assim se pronuncia: “Se necessitas de semelhante intervenção (do passe), recolhe-te à boa vontade, centraliza a tua expectativa nas fontes celestes do suprimento divino, humilha-te, conservando a receptividade edificante, inflama o teu coração na confiança positiva e, recordando que alguém vai arcar com o peso de tuas aflições, retifica o teu caminho, considerando igualmente o sacrifício incessante de Jesus por nós todos, porque, de conformidade com as letras sagradas, *Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças*”⁷⁷ (grifos originais). Aqui encontramos toda uma definição de objetividade; um verdadeiro manual de orientação a quem vai se beneficiar das benesses de um passe. É a parte moral e espiritual do passe em destaque, convidando o paciente a humildade com boa vontade, a fé com a responsabilidade de saber que alguém está agindo em seu favor, pelo que o respeito e a contrição são necessários.

Para reforçar que os objetivos alcançam a área das influências Espirituais, eis a palavra de Kardec: “Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluidica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito”⁷⁸.

Fica definido, desta forma, que o primeiro objetivo do passe é, para a pessoa ou para o Espírito que carece e procura esse notável “agente de cura”, o socorro que lhe proporciona o reequilíbrio orgânico, psíquico, perispiritual e espiritual.

2. EM RELAÇÃO AO MÉDIUM

Numa importante mensagem do Abade Príncipe de Hohenlohe (Espírito), intitulada “Conselhos Sobre a Mediunidade Curadora”, encontramos farto material para a definição dos objetivos ora epigrafados: “Em geral os que buscam a faculdade curadora têm como único desejo o restabelecimento da *saúde material*, de obter a sua liberdade de ação de tal órgão, impedido nas suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabei-o bem, é o menor dos serviços que esta faculdade está chamada a prestar, e só a conheceis em suas primícias e de maneira inteiramente rudimentar, se lhe conferis este único papel (...) Não: a faculdade curadora tem missão mais nobre e mais extensa! (...) Se pode dar aos corpos o vigor da saúde, também deve dar as almas toda a pureza de que são susceptíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.

⁷⁶ AGUAROD, Angel. *O problema da saúde*. In “Grandes e Pequenos Problemas”, cap. 9, item III, pp. 208 e 209.

⁷⁷ XAVIER, Francisco Cândido. *O passe*. In “Segue-me”, p. 100.

⁷⁸ KARDEC, Allan. *Da obsessão*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 23, item 251.

“(...) O aparente efeito material, o sofrimento, tem quase constantemente uma causa mórbida imaterial, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador se ataca ao corpo, só se ataca ao efeito, e a causa primeira do mal continuando, o efeito pode reproduzir-se, quer sob a forma primordial, quer sob qualquer outra aparência.

“(...) É necessário que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus efeitos; numa palavra, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o corpo e a alma”⁷⁹. (Grifos originais.)

Mediante tal ponderação que mais nos parece um verdadeiro corolário, percebemos que os objetivos do passe em relação ao médium têm estreita afinidade com os definidos aos pacientes. Porém, podemos (e devemos) entender o serviço do passe como uma tarefa muito mais ampla que a limitada a uma simples cura material. Se os pacientes, inadvertidamente, buscam tão-só as curas de suas mazelas orgânicas ou a solução de seus mal-estares, compreendamos e auxiliemo-los. Afinal, muitos deles, e por que não dizer a maioria, quase sempre chegam ao tratamento fluidoterápico buscando “essas coisas” já em última instância, visto que, alegam, “fulano foi quem me recomendou” (e dizem isso fazendo feições de desdém). Entretanto nós, os médiuns Espíritas, jamais deveremos entender nossa ação como sendo uma mera aventura no campo da matéria e dos fluidos, buscando soluções fantásticas e miraculosas pois, parafraseando Allan Kardec, é preciso aplicar e usar o passe como quem lida com uma “coisa santa”, tratando-o e recebendo-o de “maneira religiosa, sagrada”, a fim de seus reais objetivos, de cura material e, sobretudo, psico-espiritual, serem atingidos em sua plenitude, holisticamente.

Por outro lado, aqueles que não têm a visão Espírita e restringem os objetivos dos passes as curas materiais podem, ainda assim, favorecerem um caminho válido para comprovações presentes e futuras de seus benefícios, notadamente quando homens ditos de ciência se pronunciam a respeito pois, a partir do conhecimento e da verificação dos alcances das terapias chamadas “alternativas”, inevitavelmente um dia se chegará à conclusão da origem e da profundidade de muitas delas, resultando, por extensão, num entendimento e numa aceitação mais universal do passe espírita.

Para reforço, num documentário sobre os curadores gregorianos, uma médica de Moscou, Galina Shatalova, que pratica a imposição das mãos em muitos de seus pacientes, disse que “suas tentativas de transferir “energia biológica” freqüentemente pareciam ajudar mais o paciente que o tratamento ortodoxo envolvendo medicina e drogas”. E completou: “A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem-se empenhado num objetivo ambicioso - universalizar o tratamento de saúde até perto do final do século. Para atingir esse objetivo, a OMS tinha decidido utilizar os serviços de curadores não ortodoxos”. Então, “Halfdren Mahler (1977), como diretor geral da OMS, declarou que “o treinamento de auxiliares de saúde, parteiras tradicionais e curadores pode parecer desagradável a alguns fazedores de política, mas se a solução é correta no sentido de ajudar pessoas, nós deveríamos ter a coragem de insistir que esta é a melhor política”⁸⁰.

É deveras alvissareira essa abertura pois, mesmo pelo caminho estreito da matéria, com certeza aportaremos nas potencialidades do Espírito e, na conjugação das forças magnéticas orgânicas com as espirituais, o homem sairá do círculo estreito em que se encontra e o objetivo do tratamento fluido (em nosso caso particular, do passe) alcançará uma dimensão mais consentânea consigo mesmo.

Continuando, lembramos Kardec quando nos informa que “A faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la. entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais”⁸¹. Ou seja: além de proporcionar a

⁷⁹ KARDEC, Allan. In “Revista Espírita”, out. 1867, I Parte.

⁸⁰ KRIPPNER, Stanley. In “Possibilidades Humanas”, cap. 9, p. 239.

⁸¹ KARDEC, Allan. Médiuns curadores. In “Obras Póstumas”, 1ª Parte, cap. 6, item 52.

cura ou a melhora do paciente, deve o médium se esforçar por melhorar-se moralmente, no fito de cumprir sua tarefa dignamente e de melhor favorecer aos objetivos do passe.

Como médiuns, devemos ser conscientes de que temos no passe uma oportunidade sagrada de praticar a caridade sem mesclas, desde que imbuídos do verdadeiro Espírito cristão, sem falar na bênção de podermos estar em companhia de bons Espíritos que, com carinho, diligência, amor, compreensão e humildade se utilizam de nossas ainda limitadas potencialidades energéticas em benefício do próximo e de nós mesmos. Ademais, não olvidemos que somos, em maioria, iniciantes na jornada da evolução, pelo que vale a advertência de Emmanuel nos recordando que “Seria audácia por parte dos discípulos novos a expectativa de resultados tão sublimes quanto os obtidos por Jesus junto aos paralíticos, perturbados e agonizantes. O Mestre sabe, enquanto nós outros estamos aprendendo a conhecer. É necessário, contudo, não desprezar-lhe a lição, continuando, por nossa vez, a obra de amor, através das mãos fraternas”⁸².

Pelo fato de ser simples, não se deve doar o passe a esmo, nem, tampouco, a fim de “dar aparências graves” aos mesmos, alimentar idéias errôneas que induzam ao misticismo ou que venham a criar mistérios a seu respeito. Por isso mesmo nos convida André Luiz: “Espíritas e médiuns Espíritas, cultivemos o passe, no veículo da oração, com o respeito que se deve a um dos mais legítimos complementos da terapêutica usual”⁸³, induzindo-nos, assim, a responsabilidade que devemos ter como médiuns passistas Espíritas.

3. EM RELAÇÃO À CASA ESPÍRITA

O “Movimento Espírita” brasileiro é, seguramente, o mais bem estruturado e o mais atuante de todos os movimentos espíritas graças, não obstante parcas e isoladas opiniões em contrário, ao trabalho da Federação Espírita Brasileira (FEB) e, em especial, do Conselho Federativo Nacional (CFN), órgão que congrega todas as unidades federativas espíritas do país além daquela. E dessas duas células têm surgido os mais elaborados e profícuos trabalhos de orientação em todos os campos onde atuam ou podem atuar as Instituições Espíritas, de uma forma permanente e atualizada, sem, todavia, jamais descuidar dos princípios básicos da Doutrina Espírita nem de sua pureza doutrinária.

Permita-nos o leitor fazer um breve parêntese: infelizmente existem Espíritas que se rotulam de “modernos” e, da mesma maneira como encontraram este adjetivo para eles próprios, buscaram os de “conservadores e retrógrados” como sinônimos para aqueles que cuidam da doutrina com zelo e pureza doutrinária. Pelo fato de Kardec ter vivido no século passado, esses “modernos” chamam seu Pentateuco de “clássico”, ensejando se tratar de “artigo de prateleira de museu”. Embora tenhamos aprendido a respeitar as opiniões alheias, não podemos concordar nem aceitá-las todas. E essa é uma das que discordamos; entendemos como pureza doutrinária a fidelidade que devemos ter ao Pentateuco Kardequiano e o respeito a sua linha isenta de rituais, cismas e dogmas, buscando a atualidade das coisas mas não nos entusiasmando excessivamente pelas leves sucessivas de modismos que de tempos a tempos assola nosso meio, quase sempre destituídas de qualquer fundamentação lógica ou doutrinária. Afinal, atualizar-se não quer dizer desprezar ou menosprezar as bases; ao contrário, significa justapor-lhe, à essência, os avanços comprovadamente coerentes e cabíveis. Nisso tudo estamos integralmente com Ary Lex, quando diz: “No movimento Espírita costuma haver uma certa condescendência para com as pequenas deturpações, condescendência essa rotulada como tolerância cristã. Estão errados. Tolerância deve haver para as falhas das pessoas, que devem ser esclarecidas e apoiadas, ajudando-as a saírem do ciclo erro-sofrimento. Tolerância com as pessoas, sim, mas convivência com as deturpações, jamais”. E conclui acertadamente mais adiante: “É urgente e fundamental que todos aqueles que tiveram a ventura de entender o Espiritismo lutem, dia a dia, pela manutenção da pureza doutrinária. Que não se omitam. (...) O que não se pode permitir é que, em nome do Espi-

⁸² XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Caminho, Verdade e Vida”, cap. 153, p. 322.

⁸³ XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *O passe*. In “Opinião Espírita”, cap. 55, p. 131.

ritismo, se pratiquem atos totalmente condenados pela Doutrina”⁸⁴. (Grifos originais.) Fecha parênteses.

Hoje possuímos um documento de rara oportunidade, resultante de uma série de reuniões, plenárias, encontros, estudos e análises sobre o “Movimento Espírita” brasileiro, promovidos pela FEB e com a participação de todas as unidades federativas espíritas do Brasil⁸⁵, cuja conclusão culminou em meados do ano de 1980 - o que evidencia a atualidade do documento. É ele impresso e distribuído pela própria FEB e tem o nome de “Orientação ao Centro Espírita - 1980”, ao qual, em mais recentes edições, foram incorporados outros mais recentes trabalhos da lavra do mesmo CFN. Nele buscaremos algumas palavras a fim de nortear os objetivos aqui previstos.

Na apresentação do documento, item 5, observamos: “Fraternidade, respeito ao semelhante, desinteresse utilitarista, trabalho idealista na vivência do 'amai-vos uns aos outros', tolerância e simplicidade de coração, humildade de Espírito, numa palavra, a prática das virtudes evangélicas, eis o que distingue o trabalho Espírita e caracteriza a instituição fundada e sustentada sob a inspiração do Espiritismo”⁸⁶. Pois bem, será dentro desses padrões que consideraremos a Casa Espírita para efeito deste livro, mesmo porque, se ela assim não se caracterizar, por si só perderá sua qualificação primordial, ainda que ostente o nome “Espírita” em sua fachada.

No mesmo documento⁸⁷ temos: “A liberdade, característica da Doutrina, reflete-se na atuação do adepto. Mas é preciso não confundir livre iniciativa individual lastreada no conhecimento adquirido, com licença para fazer o que bem se entenda. O conhecimento da verdade revelada e o entendimento do Evangelho, em espírito, asseguram essa liberdade e lhe traçam os limites”. Mesmo considerando esta assertiva em seu caráter genérico, não podemos deixar de ver suas conseqüências em referência aos trabalhos do passe. Esse, inclusive, é mais um dos motivos por que estamos substanciando este livro no conhecimento já universalizado pelos Espíritos, tão bem balizado por Allan Kardec e condignamente ratificado pelos Espíritos André Luiz, Emmanuel, Bezerra de Menezes, Manoel Philomeno de Miranda e Alexandre, entre outros.

No capítulo V⁸⁸, o Centro Espírita tem necessidade de promover reunião(ões) de assistência espiritual onde, entre outras providências, haja a “(...) aplicação de passe e fluidificação de água, objetivando a mobilização de recursos terapêuticos do plano espiritual as pessoas carentes deste auxílio”. Ou seja, tem a Casa Espírita, no cumprimento de suas finalidades, a necessidade de manter um serviço de atendimento fluidoterápico, até mesmo para dar oportunidade aos médiuns a ela vinculados de servirem ao Senhor através do próximo, ao tempo em que propicia alento, orientação, reequilíbrio e esperança aos que lhe buscam os benefícios.

Não queremos, todavia, inferir que o serviço do passe seja a atividade mais importante da Casa Espírita. Não, não o é. Mas sua simplicidade aliada ao seu reconfortante alcance, principalmente quando utilizado de forma concomitante a doutrinação e a elucidação evangélico-doutrinária, é de tamanha envergadura que não se deveria deixar jamais de praticá-lo nas Instituições Espíritas. Afinal, no Mundo Espiritual os Mentores que orientam essas mesmas instituições formam equipes especializadas para atendimento aos encamados. Senão ouçamos André Luiz: “Em todas as reuniões do grupo (...) vários são os serviços que se desdobram sob a responsabilidade dos companheiros desencarnados. (...) Um desses serviços era o de passes magnéticos, ministrados aos frequentadores da casa. (...) Todas as pessoas, vindas ao recinto, recebiam-lhes o toque salutar e, depois de atenderem aos encarnados, ministravam socorro eficiente as entidades infelizes do nosso plano (...)”⁸⁹.

⁸⁴ LEX, Ary. *Dos fatos a filosofia*. In “Pureza Doutrinária”, cap. 7, pp. 96 e 98.

⁸⁵ Particularmente tivemos a honra de participar, como assessor da FERN, das duas últimas plenárias que elaboraram o referido documento, na sede do CFN da FEB em Brasília-DF.

⁸⁶ Conselho Federativo Nacional. In “Orientação ao Centro Espírita”, 1980, p. 11.

⁸⁷ *Idem*, p. 12.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 23.

⁸⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 320.

No mesmo tom, anotemos o registro que Manoel Philomeno fez das palavras do Dr. Lustoza (Espírito): “- Como existem Prontos-Socorros para os males físicos e assistência imediata para os alienados mentais em crise, já é tempo que a caridade cristã, nas Instituições Espíritas, crie serviços de urgência fluidoterápica e de consolação para quantos se debatem nos sofrimentos do mundo, e não têm forças para esperar datas distantes ou dias exclusivos para o atendimento. Espíritas esclarecidos, imbuídos do sentimento de caridade, poderiam unir-se neste mister, reservando algum tempo disponível e revezando-se num serviço de atendimento caridosamente programado, a fim de mais amplamente auxiliar-se o próximo, diminuindo a margem de aflições no mundo”.⁹⁰. Meditemos sobre isso!

Chamamos a atenção para o fato de que a Espiritualidade, antes mesmo do início das atividades “materiais” da Casa, já está presente e atuante, pelo que nosso respeito e reto comportamento devem ser uma constante, notadamente nos recintos da Instituição.

Cabe ao Centro Espírita não apenas utilizar-se de seus médiuns para os serviços do passe mas igualmente renovar os conhecimentos dos mesmos através de estudos, simpósios e treinamentos, buscando formar equipes conscientes e responsáveis e se eximindo da limitação tão perniciosa de se ter apenas um médium dito “especial”, ou, o que não é menos grave, contar com pessoas portadoras apenas de boa vontade ao serviço mas sem nenhum interesse em estudar, aprender ou reciclar conhecimentos, limitadas, quase sempre, às práticas do “já faz tanto tempo que ajo assim” ou “meu guia é quem me guia e ele não falha nunca”. Afinal, já sabemos que tempo de prática, considerado isoladamente, não confere respeitabilidade ao passe, assim como a tarefa, no campo da individualidade, é do médium e não de guias que o isente de participação e responsabilidade. Conscientizemos nossos assistidos de suas imensas e intransferíveis responsabilidades pois se em todas atividades de nossas vidas somos nós, direta e insubstituivelmente, responsáveis por nossos atos, que se há de pensar daquela vinculada a tão nobilitante tarefa!

⁹⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. Socorros espirituais relevantes. In “Painéis da Obsessão”, cap. 26, p. 215.

CAPÍTULO III

O PORQUÊ DO PASSE

"Enquanto estas cousas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou, e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a tua mão sobre ela, e viverá"¹.

Os acúmulos de bênçãos que os Céus incessantemente nos concedem se fazem bem patentes quando somos atendidos pela fluidoterapia; quer no alívio de uma simples dor de cabeça, quer fazendo minorar sofrimentos mais atrozes; tanto nos clareando a mente em vias de estressar-se quanto nos eximindo das ligações espirituais mais violentas e tenazes. Outrossim, Espíritos endividados tal qual somos, não conseguiríamos pôr muito em prática a caridade sem o exercício da ajuda aos mais necessitados; e neste campo, a prática do passe é de um valor inestimável.

O passe nos é essencial pelo muito que nos pode oferecer tanto em bênçãos quanto em oportunidades de serviço, o que também é uma bênção. Mas é comum, na prática, deturpar-se um pouco esta conclusão; enquanto alguns julgam serem imunes à necessidade dele para si mesmos, outros caem no "vício" de tomá-lo tantas vezes sejam possíveis e não apenas quantas necessárias. Por isso, mesmo tendo visto os objetivos do passe, importa considerar algumas questões que surgem com relativa freqüência.

1. O ESPÍRITA PRECISA?

"Ninguém é realmente espírita à altura desse nome, tão-só porque haja conseguido a cura de uma escabiose renitente, com o amparo de entidades amigas, se decida, por isso, a aceitar a intervenção do Além-Túmulo na sua existência: ninguém é médium, na elevada conceituação do termo, somente porque se faça órgão de comunicação entre criaturas visíveis e invisíveis". André Luiz².

Vemos, aos milhares, pessoas que foram beneficiadas pelos diversos atendimentos fluidoterápicos e, só por isso, se dizem espíritas. Mas o dizem sem conhecerem o que é, na verdade, ser espírita; de fato são criaturas que, na maioria, precisam de Evangelho e de Luz; todavia, muito pouco se esforçam para conhecê-lo e percebê-la. A verdade, entretanto, é que muitas vezes se dizem espíritas para, quando precisarem, os Espíritos virem socorrê-las, como se eles estivessem à cata de adeptos para repletarem estatísticas, ou para atenderem ao modismo atual de se estar em "alpha". Evidente tratar-se de irmãos carentes por isso e por outras, precisam não só de passe mas de toda uma mudança interior; de uma verdadeira evangelhoterapia. Afinal, na definição de Kardec, "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más"³.

¹ Mateus, IX, v. 18.

² XAVIER, Francisco Cândido. Pensamento e mediunidade. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 13, p. 121.

³ KARDEC, Allan. Os bons espíritas. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 17. tópico 4.

Feitas estas colocações sobre o espírita, fica evidente que serão nestes termos que o consideraremos em nossas análises. Ou seja: são espíritas aqueles que professam a Doutrina Espírita e por sua orientação procuram pautar sua vida e seus atos.

Assim sendo, volta a questão: o espírita precisa do passe? Sem dúvida sim, pois sendo o espírita um ser humano normal, sujeito a todas necessidades e vicissitudes da vida, está, por isso mesmo, exposto aos mesmos problemas e males que toda humanidade. Entrementes, conhecedor da prece, do Mundo Espiritual e praticante do Evangelho, pode ele, em muitos casos, resolver suas necessidades consigo mesmo. Afinal, o Espiritismo é uma das maiores bênçãos que um homem pode receber numa encarnação e a sua vivência é um verdadeiro evoluir.

Noutro aspecto da questão, recordamos que "Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes"⁴. Como espíritas, sob o ângulo do conhecimento e da consolação, não somos os doentes mas, pelas vias orgânicas e cármicas, muitas vezes somos dos mais necessitados. Daí nossa necessidade da profilaxia do passe. Mesmo porque se, como espíritas, não fizermos uso da fluidoterapia, como poderemos apresentá-la aos não espíritas como uma bênção divina à disposição de todos os homens? Se não lhes aceitamos as evidências, como ensiná-las e distribuí-las ao próximo?

Não se deve, contudo, daí inferir a generalização do "passe pelo passe", sem medir-lhe a real necessidade. Fazemos nossas as palavras do Espírito Emmanuel quando, dando-nos orientação sobre o uso deste recurso divino à dispôs dos homens, recomendou "Não abusar daqueles que te auxiliam. Não tomes lugar do verdadeiro necessitado, tão-só porque os teus caprichos e melindres pessoais estejam feridos"⁵.

Em termos práticos, o espírita precisa do passe toda vez que se sinta esgotado e que o repouso natural não lhe confira sua volta à normalidade; quando, por motivos diversos, sinta-se com dificuldade em fazer uma prece, de concentrar-se numa boa leitura, de voltar sua atenção para coisas sérias e nobres; se seu organismo, apesar dos cuidados devidos a ele prestados, não estiver tendo o comportamento normalmente esperado; quando idéias obsessivas se assenhorearem de seus pensamentos com freqüência e obstinação; quando, apesar de ingentes esforços para melhorar-se, pensar que tudo lhe sai sempre errado; quando idéias negativas e depressivas tornarem-se costumeiras no seu mundo interior; quando, por fim, sentir-se sob envolvimento espiritual de nível inferior e não se encontrar com forças para, por si só, sair da situação. Essas são vicissitudes comuns verificadas no nosso dia-a-dia, indicando-nos a necessidade de tomarmos um passe ou de fazermos um tratamento fluidoterápico, dependendo do caso, sem, contudo, esquecermos que o passe, em grande número desses casos, nada mais é que um simples complemento e não o tratamento total e exclusivo, a solução única e definitiva. O espírita sabe onde está a solução: é só buscá-la e igualmente ensiná-la ao irmão carente. Ademais, já afirmou Jesus: "Pedi, e dar-se-vos-buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á"⁶.

Não pode, portanto, o espírita prescindir do passe, assim como não deve explorar-lhe os benefícios. Afinal, o espírita conserva em si mesmo grande potencial de auto-socorro.

⁴ Mateus, IX, v. 12.

⁵ XAVIER, Francisco Cândido. O passe. In "Segue-me", p. 134.

⁶ Mateus, VII, v. 7.

2. O MÉDIUM PRECISA?

No que diz respeito aos médiuns, a citação atrás², acrescida de "(...) não basta ver, ouvir ou incorporar Espíritos desencarnados para que alguém seja conduzido à respeitabilidade"⁷, se amolda perfeitamente. André Luiz posicionou com equilíbrio sua definição sobre eles, não contradizendo o conceito de Allan Kardec a respeito⁸, mas registrando que uma profundidade maior se faz requerida para a especificidade do termo, para a categorização mais efetiva do fato. Tanto que, continuando dita citação, o autor espiritual lembra: "Não bastará portanto, meditar a grandeza de nosso idealismo superior. É preciso substancializar-lhe a excelssitude em nossas manifestações de cada dia", acrescentando mais adiante (p. 122): "Para atingir esse aprimoramento ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado a favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda." (Grifamos.)

Médiuns, nas colocações desse nosso trabalho, são aqueles que usam de seus dons mediúnicos em benefício do próximo, segundo as leis cristãs do "dai o que de graça recebestes", recordando o que nos diz o apóstolo Paulo: "Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbítero"⁹.

Apoiados na argumentação do item anterior, poderíamos afirmar que os médiuns precisam do passe; mas não nos limitaremos a isso. Na série "Nosso Lar" do Espírito André Luiz encontramos várias oportunidades em que os Espíritos estão a aplicar passes sobre pessoas e, especialmente, sobre os médiuns. Isto por si só, já confirma a necessidade do médium em tomá-los; tanto que muitas vezes o tomam, na modalidade "espírito-espiritual" ou "espírito-misto"¹⁰, sem ao menos se darem conta.

Para exemplificar, observemos duas narrativas:

"(...) Necessitamos de colaboradores para o auxílio magnético ao organismo mediúnico. (...) O aparelho mediúnico foi submetido a operações magnéticas destinadas a socorrer-lhe o organismo nos processos de nutrição, circulação, metabolismo e ações protoplásmicas (...) "¹¹ (Grifamos.)

Agora esta outra: "Enquanto Gabriel se postava ao lado da médium, aplicando-lhe passes de longo circuito, como a prepará-la com segurança para as atividades da noite, o condutor da reunião pronunciou sentida prece"¹² (grifamos).

Verificamos, portanto, a Espiritualidade se incumbindo do atendimento aos médiuns através do passe, atividade espiritual nunca desprezada em reuniões mediúnicas, no intuito de favorecer condições necessárias para o encaminhamento dos trabalhos e também ajudar e socorrer os

⁷ XAVIER, Francisco Cândido. Pensamento e mediunidade. In "Nos Domínios da Mediunidade" cap. 13, p. 123.

⁸ Em "O Livro dos Médiuns", cap. 14, item 159, diz Kardec: "Todo aquele que sente num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. (...) Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns."

⁹ I Timóteo, IV, v. 14.

¹⁰ A justificativa desses termos será dada no capítulo VI adiante.

¹¹ XAVIER, Francisco Cândido. Materialização. In "Missionários da Luz", cap. 10, pp. 113 e 115.

¹² XAVIER, Francisco Cândido. Mandato mediúnico. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 16, p. 152.

próprios tarefeiros. Isto, contudo, não isenta o médium de suas responsabilidades, posto que, "O médium, por excelente que seja sua assistência espiritual, não deve descuidar-se da própria vigilância, lembrando sempre de que é uma criatura humana, sujeita, por isso, a oscilações vibratórias, a pensamentos e desejos inadequados"¹³. (Martins Peralva.)

Atentemos para o fato de que "Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso (...) e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude"¹⁴. (Emmanuel.)

Compreendemos assim que o médium deve realizar permanente esforço de aprimoramento, conhecendo-se a si mesmo e domando suas más inclinações. Dessa forma, estará como o servidor fiel que se encontra pronto sempre que o serviço aparece.

Mas, se por algum motivo, após analisar-se e sentir que não se encontra bem, além da prece e de uma boa leitura, o passe é o coadjuvante por excelência, só para o médium como para o espírita em geral; diríamos mesmo que ele é o indispensável elemento reequilibrante. O médium não pode achar, só por sê-lo, que está isento de influências ou perturbações diversas. Para ele, até mesmo por sua facilidade de sintonia com o plano espiritual e por sua sensibilidade, o passe pode surtir efeitos mais rápidos e duradouros.

Não entendamos, contudo, devam os passistas buscarem receber passes após o terem aplicado, no sentido de se "reabastecerem". "Tal prática apenas indica o pouco entendimento que têm as pessoas com relação ao que fazem. Quando aplicamos passes, antes de atirmos as energias sobre o paciente (...), ficamos envolvidos por essas energias, por essas vibrações, que nos chegam dos Amigos Espirituais envolvidos nessa atividade, o que indica que, antes de atendermos aos outros, somos nós, a princípio, beneficiados e auxiliados para que possamos auxiliar, por nossa vez." (Raul Teixeira)¹⁵.

3. SUBSTITUI O ESFORÇO PRÓPRIO?

"Do ponto de vista terreno, a máxima: Buscai e achareis é análoga a outra: Ajuda-te a ti mesmo, que o Céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da lei do progresso (...)

"(...) Não, os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás. Toparás com pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar"¹⁶ Allan Kardec (grifos originais).

¹³ PERALVA, Martins. Médiuns. In "Estudando a Mediunidade", cap. 7, p. 45

¹⁴ XAVIER, Francisco Cândido, Quem são os médiuns na sua generalidade. In "Emmanuel", cap. 11, pp. 66 e 67.

¹⁵ FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, J. Raul. Passes. In "Diretrizes de Segurança", cap. 7, questão 80, p. 70.

¹⁶ KARDEC, Allan. Buscai e achareis. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 25, itens 2 e 4.

Estas palavras são muito transparentes. A necessidade do esforço próprio é inerente à própria Natureza, e à humana com especial ênfase. Isto, inclusive, apesar da simplicidade e objetividade com que o assunto é colocado, põe em xeque muitas hipóteses ditas "revolucionárias" ou "arrebadoras" que vivem a surgir, repletas de promessas as mais mirabolantes e inverossímeis possíveis, ou mesmo com aparentes lógicas e comprovações (mas só aparentes). É que essas propostas de tratamentos e curas, quase sempre sem fundamentos, argumentam o paciente só precisa fazer esse ou aquele exercício (físico ou psíquico), dessa ou daquela maneira, tantas ou quantas vezes, para ficar definitivamente curado.

A própria Ciência Médica nos dá conta de que, apesar dos inúmeros casos laboratoriais — com estudo, análise e desenvolvimento de medicamentos com cobaias, seguidos do acompanhamento sério e metódico das aplicações em que substâncias previamente determinadas são verificadas nos pacientes —, quase nunca as posologias são as mesmas, ainda que para casos semelhantes. Em face de tal verificação, que pensar das propostas cuja maioria não possui fundamentação técnica, teórica ou experimental, e que usam de um mesmo padrão e bitola para todos os casos, ou que, usando regras diferentes, não sustentam um mínim de questionamento sério? Seriam mais respeitáveis pelo simples fato de se dizerem espirituais ou alternativas? Cremos que não!

Mas essa lógica, para ser boa e correta, deve valer também para os espíritas E, infelizmente, centros, grupos e pessoas espíritas existem que, apressadamente estipulam um número "x" de passes para que o paciente fique curado, sem se aterem à imperiosa necessidade de fazê-lo refletir sobre suas necessidades de reformas interiores, bem assim no esforço para reterem os benefícios recebidos por ocasião daquele. Como naquelas outras escolas, aqui também não dará certo. Ocorre que, conforme veremos com mais detalhes adiante, no passe recebemos "fluidos" os quais, apesar do seu alto poder de penetração, podem ser facilmente degenerados, desmaterializados, desmagnetizados enfim, por efeito de nosso comportamento mental, de nosso "hálito psíquico"¹⁷. Além do que, a absorção fluídica e sua manutenção em nossos corpos físicos e fluídicos dependem de uma enormidade de fatores¹⁸.

Por mais repetitivo possa parecer, não podemos deixar de enfatizar que "Títulos de fé não constituem meras palavras, acobertando-nos deficiências e fraquezas. Expressam deveres de melhoria a que não nos será lícito fugir, sem agravo de obrigações"¹⁹ (André Luiz).

Verdade é que muitos se enchem de fé pelo fato de alcançarem uma cura. Mas, será fé mesmo? Não seria apenas desculpa momentânea para eximir-si das responsabilidades sempre presentes quando se obtém dádivas do Céu? Suportaria essa fé uma recaída momentânea?

Cientes de suas responsabilidades, os dirigentes espíritas devem ter muita consciência dessa questão, enfatizando-a junto aos que buscam tais serviços na Casa Espírita; responsabilizando os passistas ante tais obrigações e, sobretudo, vivendo e fazendo viver os bons exemplos, em espírito e verdade, a fim de não pretextar falsas interpretações ou atitudes equivocadas noutrem.

¹⁷ Por "hálito psíquico" entendemos as vibrações mentais que emitimos e nas quais nos comprazemos, e que impressionam nossa "aura", nossa exteriorização perispiritual.

¹⁸ No capítulo X adiante, veja-se o item 4, "Dar Alta".

¹⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Pensamento e mediunidade. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 13, p. 121.

Por outro lado, igualmente não devemos nem podemos desvalorizar o trabalho dos Espíritos, atribuindo-lhes valores quiméricos por julgarmos seja obrigação deles nos atenderem prontamente, como se fôssemos criaturas ímpares em virtudes e méritos e que, por isso, o cuidado conosco lhes sejam tarefas primordiais. Tampouco imaginemos que a ação fluidica no Plano Espiritual, por eles, seja simplória e graciosa como um simples estalar de dedos, como o uso de uma varinha de condão. A respeito, o Espírito Alexandre, pela narrativa de André Luiz, nos lembra: "Nossos amigos encarnados muitas vezes acreditam que somos meros adivinhos e, pelo simples fato de nos conservarmos fora da carne, admitem que já somos senhores de sublimes dons divinatórios, esquecidos de que o esforço próprio, como trabalho legítimo, é uma lei para todos os planos evolutivos"²⁰ (Grifamos).

Na monumental obra "Memórias de um Suicida", encontramos uma posição que define a questão em um sentido mais amplo: "(...) O ser iniciado no Espiritismo Cristão não exclui a necessidade de grandes reparações e testemunhos dolorosos"²¹. Sem dúvida se trata de uma advertência das mais "duras", entretanto, acreditamos que o autor espiritual (Camilo Cândido Botelho, pseudônimo do poeta português Camilo Castelo Branco) não queira aí menoscar os valores das ajudas que possamos ter ou que venhamos a buscar; ele patenteia sim a necessidade das reparações, devidas a débitos contraídos, e à "quase fatalidade" dos testemunhos dolorosos que temos de passar, como prova de quitação.

O Espírito Emmanuel, quando analisa a cura da cegueira de Paulo, realizada por Ananias sob a indicação pessoal do Cristo, nos recoloca ante a dimensão real da questão: "(...) O Senhor, utilizando a instrumentalidade de Ananias, não lhe cura senão os olhos, restituindo-lhe o dom de ver. Paulo sente que lhe caem escamas dos órgãos visuais e, desde então, oferecendo-se ao trabalho do Cristo, entra no caminho do sacrifício, a fim de extrair, por si mesmo, as demais escamas que lhe obscureciam as outras zonas do ser.

(...) Não te esqueças, pois, de que na luta diária poderás encontrar os Ananias da fraternidade, em nome do Mestre; aproximar-se-ão, compassivos tuas necessidades, mas não olvides que o Senhor apenas permite que te devolvam os olhos, a fim de que, vendo claramente, retifiques a vida por ti mesmo"²².

E continuando com a sabedoria emmanuelina, obtemos a resposta do título deste item: "Naturalmente, toda prática edificante deve ser aproveitada por elemento de auxílio; no entanto, compete a cada individualidade humana o esforço iluminativo"²³.

Afinal, que exemplo nos deu o Cristo? Que esforços Ele usou? Conclusão inarredável: insubstituível o esforço próprio; quer do paciente, seja ele quem for, quer do médium; quer dos dirigentes, quer dos Espíritos pois ninguém há na Natureza que esteja dispensado das Leis de Trabalho e Evolução. E estas Leis requerem de cada um de nós esforço próprio, empenho, dedicação, superação íntima, boa vontade, renúncia, humildade e amor.

²⁰ XAVIER, Francisco Cândido. Intercessão. In "Missionários da Luz", cap. 11, p. 126.

²¹ PEREIRA, Yvonne A. Nossos amigos — os discípulos de Allan Kardec. In "Memória um Suicida", 1ª Parte, cap. 7, p. 171.

²² XAVIER, Francisco Cândido. Escamas. In "Vinha de Luz", cap. 149, p. 314.

²³ XAVIER, Francisco Cândido. A posse do reino. In "Pão Nosso", cap. 159, p. 329.

4. POR QUE OS ESPÍRITOS NÃO DISPENSAM OS MÉDIUNS?

Parece intrigar a muitos o fato da Espiritualidade não dispensar nossa participação nos passes, mesmo quando é reconhecido que a "manipulação" dos fluidos e nosso potencial fluídico são orientados, reforçados e melhorados por ela. Isso sem considerar que muitas vezes, por imprevidência, irresponsabilidade, desconhecimento ou prepotência, ainda criamos embaraços e obstáculos à possibilidade de um melhor serviço da parte deles por nosso intermédio.

Kardec, sempre atento, nos dá uma indicação muito interessante: "Os Espírito vêm ajudar o desenvolvimento da ciência humana, e não suprimi-la"²⁴ (grifos originais). Aí patenteia-se a Sabedoria dos Espíritos que contam com nossa participação no intuito de nos ajudar a percorrermos os longos caminhos da evolução. Não pensemos que eles não nos dispensem para não se verem como "frágéis Espíritos que não contam conosco!". Se é para usar a expressão, "mais frágeis ainda seríamos nós, Espíritos vacilantes", se não fosse a participação deles pois suas ausências, além de outros fatores, nos limitaria os conceitos e conhecimentos, fazendo assim com que a marcha de nosso progresso se desse a passos muito lentos e vacilantes.

Outra situação a considerar é o fato de nossa animalidade orgânica ainda requerer fluidos animalizados e grosseiros, o que é confirmado, inclusive, por Jesus: "O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito"²⁵. Isto significa que, fluidicamente falando, ainda somos excessivamente dependentes de fluidos bem materiais, os quais, por serem encontrados em nossos iguais encarnados, são-nos extraídos por doação dos portadores mas com a ajuda da "manipulação" pelos Espíritos.

Inclusive, Espíritos desencarnados, mas ainda sensivelmente ligados à matéria, solicitam idênticos fluidos já que seus perispíritos — que também são considerados materiais – se enquadram no contexto de "carne" expresso pelo Cristo. Não dispendo os Espíritos Superiores em si mesmos de fluidos que tais, buscam em nossos organismo e psiquismo essas "energias", como também as extrai de outras fontes, quando cabível e indispensável.

Por fim, Deus nos concedeu nossa vitalidade para evoluirmos, por ela zelando, enriquecendo-a e empregando-a em benefício do próximo. E assim como ao aluno é propiciado um mestre, o qual lhe cobra as tarefas, como iríamos aplicá-la se os Espíritos (nossos Mestres) fizessem tudo sozinhos, sem nossa participação física e fluídica? Que oportunidades restariam para exercitarmos a transferência de nossas energias aos necessitados?

Como o ato desses Espíritos para conosco é de amor, a fim de que o nosso em relação ao próximo lhes seja idêntico, agradeçamos-lhes a bênção de suas companhias, paciência e sabedoria sem o que seríamos simples máquinas sem cérebros, meros brinquedos sem vida, vulgares autômatos que obedeceriam a comandos sem lhes entender os significados. E como isso não o somos (graças a Deus), sejamos o que eles esperam nos tornemos: fiéis discípulos do Cristo, reconhecendo por muito nos amarmos.

²⁴ KARDEC, Allan. Cura de uma fratura pela magnetização espiritual. In "Revista Espírita", set. 1865.

²⁵ João, III, v. 6

CAPÍTULO IV - ASSUNTOS COMPLEMENTARES

“Todo fenômeno edifica, se recebido para enriquecer o campo da essência.

“Quanto a nós, porém, estejamos fiéis à instrução, desmaterializando o espírito, quanto possível, para que o Espírito disponha a brilhar”. (Emmanuel)⁹¹

“O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança”. (Galileu - Espírito)⁹²

A fim de assimilarmos com mais segurança certas técnicas e procedimentos, bem como para melhor compormos raciocínios um tanto quanto mais elaborados, um conhecimento básico de alguns temas se faz imperioso. Ditos temas, por isso mesmo, servirão como verdadeiras ferramentas, de indispensável “manuseio”, para se obter explicações de várias questões tidas, muitas vezes, como axiomáticas quando, na realidade, são racionalmente demonstráveis.

Estes assuntos, por suas complexidades e extensões, não serão aprofundados senão nos limites das necessidades pertinentes ao bom entendimento dos capítulos seguintes, pelo que nos dispensaremos de fazermos conjecturas e demonstrações eminentemente técnicas⁹³.

⁹¹ XAVIER, Francisco Cândido. Dever espírita. In “Seara dos Médiuns”, p. 123.

⁹² KARDEC, Allan, A criação primária. In “A Gênese”, cap. 6, item 15.

⁹³ Estes três assuntos serão aproximadamente merecedores de um estudo mais aprofundado em obra que estamos trabalhando, com o título provisório “Fluidos, Perispírito, Centros de Força e Kundalini; uma abordagem racional

Desse modo, elegemos três “assuntos complementares” para nossa análise: Fluidos, Perispírito e Centros de Força, cuja seqüência está calcada na grande interdependência existente entre os mesmos.

1 - FLUIDOS

Fluido (lê-se fluido e não fluído) é um termo genérico empregado para traduzir a característica “das substâncias líquidas ou gasosas”, ou de substância “que corre ou se expande à maneira de um líquido ou gás; fluente⁹⁴”. Por isso, popularmente falando, designamo-lo como sendo a fase não sólida da matéria, a qual pode se apresentar em quatro subfases⁹⁵: pastosa, líquida, gasosa e radiante, tendo sido esta última apresentada à Ciência por um dos seus mais eminentes sábios, o inglês Sir William Crookes.

O entendimento espírita atribuído ao termo fluido, tal como criteriosamente assimilado por Allan Kardec, pelos Espíritos e por todos os espíritas, não se limita a tão restrita definição. Para nós, fluido é tudo quanto importa à matéria, da mais grosseira a mais diáfana, variando em multiplicidade infinita a fim de atender a todas as necessidades físicas, químicas e inclusive vitais daquela, bem como de sua intermediação entre os reinos material e espiritual. É o fluido não apenas algo que se move a exemplo dos líquidos ou gases, mas a essência mesma desses líquidos, gases e de todas as matérias, inclusive aqueles ainda inapreensíveis por nossos instrumentos físicos ou mesmo psíquicos.

Léon Denis, assimilando as teorias dos Espíritos, explicitou que “A matéria, tornada invisível, imponderável, se encontra sob formas cada vez mais sutis, que denominamos *fluidos*. À medida que se rarefaz, adquire novas propriedades e uma capacidade de irradiação sempre crescente; toma-se uma das formas de energia⁹⁶”. Com este conceito, remontando das conseqüências às causas, consorciava ele seu entendimento às teorias einstenianas por surgirem, chamando fluido de “uma das formas de energia”, assim sinalizando o avanço profundo e além-moderno dos conceitos espíritas sobre o fluido.

Na visão do Espírito André Luiz, temos o fluido definido segundo alguns critérios mais extensivos: assim, o fluido, dessa ou daquela procedência, vem a ser “(...) Um corpo cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção, ou separando-se, quando entregues a si mesmas⁹⁷”. “Mas no plano espiritual - continua ele —, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, (...) absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transsubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. - Esse fluido é seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos (...)”⁹⁸.

Partindo-se dessas colocações, fica fácil perceber que o fluido merece uma análise não só profunda como, inclusive, que leve em consideração o plano de observação. Por extensão, convimos que nossos conhecimentos atuais são ainda muito limitados para penetrarmos na essência desta matéria. A necessidade do entendimento da “mecânica do pensamento” (tema atualmente estudado por Espíritos desencarnados possuidores de conhecimentos bem avançados e evoluídos) e da própria absorção do fluido vital pela matéria são indispensáveis para o bom conhecimento de como se processa o domínio gerador do pensamento na criação de “potenciais energéticos” no “campo fluídico” esparsos por todo o cosmo.

⁹⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, p. 791.

⁹⁵ Atualmente a Ciência já considera até sete subfases para a matéria.

⁹⁶ DENIS, Leon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “No Invisível”, cap. 15, pp. 175 e 176.

⁹⁷ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Alma e fluidos*. In “Evolução em Dois Mundos”, item Fluidos em geral, cap. 13, p. 95.

⁹⁸ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Alma e fluidos*. In “Evolução em Dois Mundos”, item Fluido vivo, pp. 95 e 96.

Disso decorre que muita coisa ainda ficaremos por entender, mas, se por um lado coisas existem completamente ininteligíveis para nós, outro numero satisfatoriamente razoável se nos oferece como elemento elucidativo por suas evidências e comprovações.

No que tange ao nosso entendimento dos conceitos eminentemente espíritas em face dos conceitos acadêmicos observamos que parte de nossas atuais dificuldades se devem às atribuições dadas aos fluidos, tal como foi expandido e apreendido pela Codificação, sem considerar, por desconhecer, as teorias da física moderna, a qual criou termos novos para definir teorias e hipóteses novas, sem falar no próprio advento da Parapsicologia, da Psicotrônica e da Psicobiofísica que, por seus parapsicólogos⁹⁹ e pesquisadores, abriram campo no seio acadêmico às pesquisas mais aprofundadas sobre tal elemento. Afinal, quando Albert Einstein trouxe ao mundo suas revolucionárias teorias da relatividade e dos campos unificados das forças, e Plank nos trazia à consideração as teorias quânticas, a Codificação já estava para completar seu primeiro cinquentenário. Apesar disso, a não ser no que diz respeito a terminologias e nomenclaturas, tudo quanto ali está expresso condiz - e vai mais além - com os mais avançados postulados e conceitos das Ciências Modernas.

Por isso, concordamos que o termo fluido, em sua acepção normal, já não traduz exatamente o que ele representa no texto da Codificação. Do que assimilamos das modernas teorias físicas, os conceitos de “campos energéticos” e “campos de força” são aqueles que melhor enquadram o sentido que os Espíritos e Kardec quiseram emprestar ao termo fluido (pelo menos no que se refere à sua abrangência), pois por “campo” não se entenderia uma força unilateral, mas, uma dinâmica multidirecional. Exemplificando, seria como quando acendemos uma vela numa sala escura; a chama, que tem seu foco restrito e localizado, ilumina uma zona que lhe é o “campo” peculiar, não se restringindo esse “campo” à labareda, mas à sua ação iluminativa ou, ainda, ao alcance calórico de suas irradiações térmicas.

Nosso confrade Mauro Quintella escreveu interessante artigo¹⁰⁰ onde expressa idêntico pensamento: “Modernamente, com base nas teorias quânticas e relativistas (que, como dissemos acima, eram desconhecidas ao tempo de Kardec), a idéia de uma substância a permear o espaço, está voltando a ser reconsiderada. Se for apressado dizermos que essas novas idéias correspondem inteiramente ao conceito espírita, pelo menos temos certeza de que alguma relação guardam entre si, dada a semelhança entre elas e o postulado kardequiano” (parêntese nosso).

O conceito de “campo”, todavia, também não será perfeito se não buscarmos fazer uma distinção entre causa e efeito; como, no exemplo da vela, entre a labareda (*fonte*; causa) e a luminosidade ou o calor (*campo*; efeito); sem isso, conforme nos sugere André Luiz, “A proposição de Einstein (...) não resolve o problema, porque a indagação quanto à *matéria de base* para o *campo* continua desafiando o raciocínio, motivo pelo qual, escrevendo da esfera extrafísica (...), definiremos o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico ou Hálito Divino, a força para nós inabordável que sustenta a Criação¹⁰¹” (grifos originais). É uma colocação muito pertinente, pois ela pinça uma situação característica de “fonte” onde temos uma marcante conceituação de “campo”, ou vice-versa.

Pelo exposto, percebemos que para tratar da *causa*, do fluido universal (a elementaridade, a “fonte” da qual a matéria se origina), o conceito de “campo” se torna insuficiente e ineficiente, mas, para atendermos aos fluidos de uma forma geral, *consequência* portanto, onde se incluem os fluidos cósmico e vital, “campo” é a teoria mais apropriada.

⁹⁹ Entendemos por “parapsicólogos” os cientistas que estudam com seriedade os fenômenos paranormais, segundo métodos científicos, e não pessoas que se advogam como tais mas não estudam com profundidade e seriedade o assunto, apenas interpondo, empiricamente, suas observações eminentemente pessoais, destituídas de comprovações.

¹⁰⁰ Considerações sobre o fluido cósmico universal. Correio Fraternal do ABC, edição sem data.

¹⁰¹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Fotônios e fluido cósmico. In “Mecanismos da Mediunidade”, item “Campo” de Einstein, cap. 3. p. 39.

1.1 - O Fluido universal

Kardec perguntou se há dois elementos gerais no Universo: matéria e Espírito, ao que os Espíritos responderam: “Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, *ao elemento material se tem que juntar o fluido universal*, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, *de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo como elemento material*, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. *Esse fluido Universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza*, é princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá”.

E perguntou mais: “Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade?”.

“Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais *fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal*, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente¹⁰²” (grifamos).

Encontramos aí o fluido universal projetado como se os conceitos de “campo” lhe fossem suficientes. A perspicácia de Kardec, entretanto, vislumbrou se tratar de algo maior, de uma “fonte” inestancável, verdadeiro “vórtice gerador matriz”, pelo que ele “entrevistou” o Espírito São Luiz¹⁰³, obtendo deste informações de que o fluido universal é o elemento universal, “o princípio elementar de todas as coisas e que, para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos ascender aos Espíritos puros”. Fica assim registrado que, além de elemento, ele é o princípio, a causa, a “fonte”, o que difere conceitual e estruturalmente das conseqüências, o “campo”.

Dessa forma confirmamos que o fluido universal não pode ser conhecido totalmente por Espíritos de nosso nível, pois para apreendê-lo em sua intimidade precisaríamos ascender a Espíritos puros; nem poderemos atribuir-lhe, com segurança, os conceitos de “campo” tal como frisamos, sob pena de restringi-lo em sua verdadeira e maior função; mas podemos assimilá-lo com suficiente segurança, pela exploração e pesquisa do fluido cósmico, até o ponto que as Ciências, espírita e oficial, forem abrindo horizontes para um melhor registro e um mais perfeito entendimento.

Apresentamos, entretanto, uma definição de fluido universal que acreditamos abarca suas mais evidentes características: *O FLUIDO UNIVERSAL*, como *elemento cosmogônico básico*, verdadeira *prima-fonte*, assomando a característica de *matriz funcional do grande campo criador do universo material*, com seus universos macros e micros, visíveis e invisíveis, densos e tênues, criados e por criarem-se, irrompe conceitualmente como a *unidade criacionista das forças, a síntese das energias, o plano e o antiplano da matéria*.

1.2 - O Fluido Cósmico (ou a Grande Derivação do Fluido Universal)

A primeira grande derivação do fluido universal é o fluido cósmico, o fluido que enche todos os vazios, “o meio sutil em que o Universo se equilibra” e faz com que a matéria adquira “as qualidades que a gravidade lhe dá”, um verdadeiro “campo energético” pleno de elementos transformáveis, adaptáveis, expansíveis, contráteis, manipuláveis enfim.

¹⁰² KARDEC, Allan. *Espírito e matéria*. In “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 1ª, cap. 2.

¹⁰³ KARDEC, Allan. “*Da teoria das manifestações físicas*. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 4.

Anotemos as palavras do Espírito André Luiz a respeito: trata-se do “Plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano¹⁰⁴”. “*Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível, (...) extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade...*”¹⁰⁵. “Em análogo alicerce, as Inteligências humanas (...) utilizam o mesmo *fluido cósmico, em permanente circulação no Universo (...)* assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a Humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. Dentro das mesmas bases, plasmam também os lugares entenebrecidos pela purgação infernal, (...) e que valem por aglutinações de duração breve (...) Na essência, *toda a matéria é energia tornada visível e toda a energia, originariamente, é força divina* de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação..”¹⁰⁶. (Grifamos.)

Rapidamente percebemos que André Luiz se refere, sublinearmente, aos conceitos de “campo”, chamando o fluido cósmico ora de “substância original”, ora de “força divina”. Deduz-se, por interpolação, que os conceitos de “fonte” não foram ali considerados.

Em “A Gênese” encontramos: “A *matéria cósmica primitiva* continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. *Ela é a mãe fecunda* de todas as coisas, *a primeira avó* e, sobretudo, *a eterna geratriz*. Absolutamente não desapareceu essa *substância* donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno¹⁰⁷. (Grifamos.)

Percebamos como inicialmente foi inserido o termo “matéria cósmica primitiva” num sentido de “campo” e não de “fonte”; considerado foi que ela “continha os elementos materiais, fluídicos e vitais”, e não que os gerou (atente-se que gerar é diferente de criar). No momento seguinte, quando titulada de “mãe” e “avó” a um só tempo, ficou transparente o reconhecimento de se estar lidando com dois conceitos distintos; enquanto que a “mãe fecunda” é data imagem de “campo energético”, com suas cargas disseminadas e disponíveis à “manipulação”, a “primeira avó”, a “eterna geratriz” robustece a característica de “fonte primacial”, literalmente “a mãe da mãe”.

Observemos que eles retratam o quadro da “geração” do “campo cósmico” na imagem da “avó”, e o painel auto-renovável daquela matéria cósmica quando lembra que ela “recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno”, alusão direta ao “tudo se transforma”, ao princípio da conservação de energia.

Disso tudo que temos analisado, acreditamos estar visível que fluido - mesmo o universal - não é Espírito nem princípio espiritual pois, em sua natureza, o Espírito é “O princípio inteligente do Universo”¹⁰⁸; e inteligência é atributo que o fluido não possui, além do que “A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o Espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la”¹⁰⁹. Assim nos dizem os Espíritos da Codificação.

Raciocinando com Kardec, o estado de eterização do fluido é considerado como o estado primitivo, normal, enquanto que o de materialização resulta das transformações daquele, ao ponto de se apresentar como matéria tangível nos seus múltiplos aspectos. O ponto intermediário é o da trans-

¹⁰⁴ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Fluido cósmico*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. I, p. 19.

¹⁰⁵ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Co-criação em plano maior*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. I, p. 19.

¹⁰⁶ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Co-criação em plano maior*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. I, p. 23.

¹⁰⁷ KARDEC, Allan. *Uranografia geral*. In “A Gênese”, cap. 6, item 17.

¹⁰⁸ KARDEC, Allan. *Espírito e Matéria*. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, cap. 2, questão 23.

¹⁰⁹ KARDEC, Allan. *Inteligência e instinto*. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, cap. 4, questão 71.

formação do fluido em matéria tangível, sem que se verifique, todavia, transição brusca. A cada, um tipo de fenômeno especial; ao segundo, os fenômenos do mundo visível; ao primeiro, do invisível. Na eterização o fluido não é uniforme; suas modificações propiciam o surgimento de fluidos distintos que, se para os homens são invisíveis, para os Espíritos é como se materiais fossem, possibilitando, inclusive, a “manipulação” dos mesmos por Espíritos esclarecidos. Mas, aí remata ele: “Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível; o porvir, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que se nos conserva em mistério”¹¹⁰. Sem dúvida alguma as teorias quânticas e relativistas se encontram entre ditas leis.

Uma observação, contudo, merece registro: Kardec faz referência ao que usualmente chamamos de *fluido espiritual*. Nos adverte ele, com justa razão, que não se trata de uma qualificação exata pois os fluidos são sempre materiais, entretanto, tal nomenclatura exprime e transmite a idéia de estarmos nos referindo aos “*fluidos utilizados pelos Espíritos*”, pelo que se torna pertinente o uso. Não percamos tal observação para não cairmos em desentendimentos.

1.2.1 - O Princípio e o Fluido Vital

É o próprio São Luiz¹¹¹, respondendo a Kardec, quem nos orienta:

“22. Se bem compreendemos o que dissestes, o princípio vital reside no fluido universal; dele o Espírito extrai o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é por meio desse fluido que atua sobre a matéria inerte.

É isso mesmo?

“Sim; isto é, ele anima a matéria por uma espécie de vida fictícia; a matéria se anima pela vida animal (...)”.

Pelas colocações do sábio São Luiz, temos confirmado que a vida vem por ação do princípio vital, o qual, por dedução direta, é um “campo”. Sendo “princípio” definido como “qualquer das causas naturais que concorrem para que os corpos se movam, operem e vivam”¹¹², vemos que o princípio vital é o “toque mágico” propiciador da vida, o “interruptor” vital que faz a interligação de um “campo” específico chamado “fluido vital” com elemento(s) proveniente(s) de outro “campo” (Princípio Espiritual). Isto é interessante seja notado pois podemos ter, como temos, fluidos vitais dispersos, latentes, acumulados mesmo, nos grandes campos do fluido cósmico, sem que ali se dê a vida propriamente dita; é que aí ainda estaria faltando a “combinação” ou “interação” desses dois campos entre si a qual só se dá ante a propiciatura ativa do “princípio vital”.

Eis Allan Kardec em “A Gênese”¹¹³ a respeito: “(...) Há na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o *princípio vital*. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto (...)” (grifos originais). E mais adiante ele afirma: tal princípio é “(...) Um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida (...)”.

A vida, portanto, como “efeito” decorrente de um agente (princípio vital) sobre a matéria (fluido cósmico), tem, por sustentação, a matéria e o princípio vital em estado de interação ativa, de forma contínua. Decorrente da mesma fonte original - pois “reside” no “fluido magnético animal”, que, por sua vez, não é outro senão o fluido vital - tem, contudo, a condição peculiar de veicular o contato com o princípio espiritual.

Assim estabelecidos, tomemos o Espírito Emmanuel quando nos diz que a força denominada princípio vital é a “(...) essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas

¹¹⁰ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 6.

¹¹¹ TEORIA DAS Manifestações Físicas - II. “Revista Espírita”, jun. 1858, p. 155.

¹¹² AULETE, Caldas. “Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, vol. 4, p. 4.078.

¹¹³ KARDEC, Allan. *Gênese orgânica* In “A Gênese”, cap. 10, itens 16 e 17.

se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. *O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas*¹¹⁴ (grifamos).

Acompanhemos agora a resposta dos Espíritos dada à seguinte questão:

“Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem?”

“A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu”¹¹⁵. Interessante resposta; enquanto a matéria bruta se recomporá através de outros organismos, o princípio vital (matéria sutil) retornará à sua “massa” original (fluido cósmico). O fluido vital, quando o organismo vive, está ativado pelo princípio vital que dá àquele e a todas as suas partes “uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

“(…)A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. (...) Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente.

“A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

“O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro”¹¹⁶.

Por força do que vimos dizendo, falar de princípio vital requer abordemos um outro princípio: o espiritual, a fim de que não façamos confusão entre as duas coisas. Para elucidar com segurança, busquemos a Codificação:

“5 - São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital?”

“(…) Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, (...) essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes.

“6 - Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? (...)”

“Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; (...)”

“7 - Admitindo-se o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem? (...)”

“Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas (...)”¹¹⁷ (grifamos).

Com essas seguras respostas, os Espíritos nos informam que ainda não chegamos ao *nec plus ultra*, ao nada mais além. No-los afirmam que muito haverá a ser desvendado, investigado, descoberto, trabalhado. Norteiam nosso entendimento sob vários aspectos, inclusive dando-nos uma pista que

¹¹⁴ XAVIÊR, Francisco Cândido. *O corpo espiritual*. In “Emmanuel”, cap. 24, item “Através dos escaninhos do universo orgânico”, p. 132.

¹¹⁵ KARDEC, Allan. *A vida e a morte*. XAVIER, Francisco Cândido. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, cap. 4, questão 70.

¹¹⁶ KARDEC, Allan. *A vida e a morte*. XAVIER, Francisco Cândido. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 1ª, cap. 4, questão 70.

¹¹⁷ KARDEC, Allan. *Gênese espiritual*. In “A Gênese”, cap. 11, item Princípio espiritual.

nos favorece entendamos por que os materialistas se sentem com razão quando atribuem ávida uma função meramente maquinal, material; mas não remontam à gênese.

Partindo daquelas explicações, onde o princípio vital tem um significado ímpar perante a vida, mesmo sendo fruto do fluido cósmico e não do princípio espiritual, fica fácil entendermos “a vida”. Não poderíamos esperar que o Espírito agisse independente da matéria, quando ele nela se encontra encarnado. Sendo a matéria (corpo) o meio de expressão do Espírito, terá aquela, forçosamente, que fornecer as condições requeridas para que este se manifeste, qualquer que seja o nível em que isto se dê. Daí, inclusive, vemos tão profundas e estreitas ligações das potencialidades orgânicas com as manifestações do Espírito. Mas, apesar disso, não fica nenhuma dúvida quanto à dualidade do princípio criativo pois à essência espiritual a matéria não pode negar existência (...) nem explicar jamais! E isso aprendemos, de forma veemente, desde o tempo do Cristo: “O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito”¹¹⁸.

Disso tudo, portanto, fica destacado que a Inteligência, o Espírito propriamente dito, se origina de outro princípio que não é o fluido universal mas sim o Princípio Espiritual (ou Princípio Inteligente Universal).

Neste ponto, podemos fazer uma síntese: (FIGURA 1)

DEUS: Pai e criador; “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Dentre essas “todas as coisas” Ele criou:

O FLUIDO UNIVERSAL: “fonte” e princípio básico de todos os fluidos, o qual derivou (e continua a gerar) um grande campo:

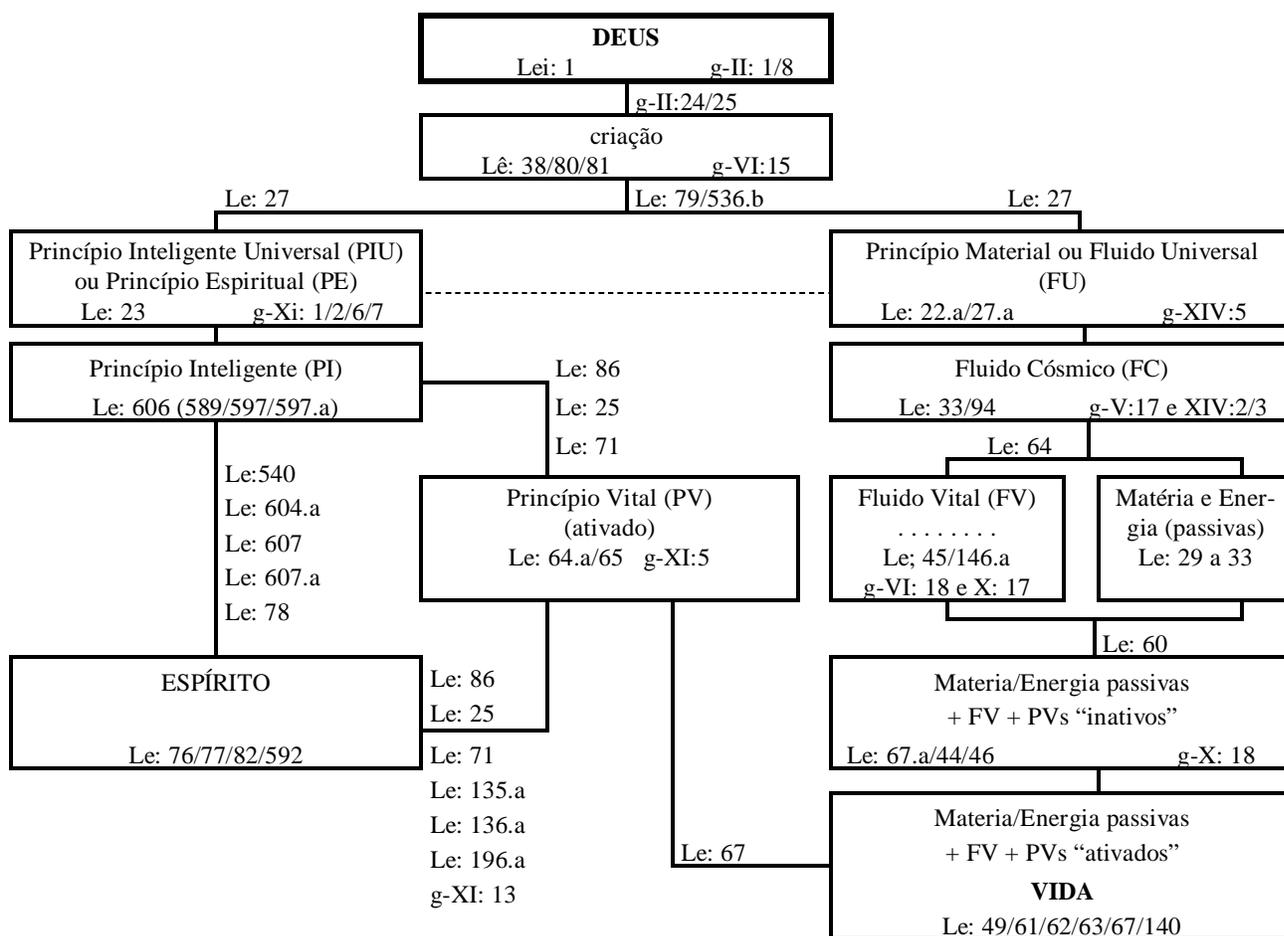


Figura 1

¹¹⁸ João, III, v. 6.

Seqüência evolutiva resultante dos “elementos gerais do universo”, conforme verificado em “O Livro dos Espíritos” (LE) e “A Gênese” (G) de Allan Kardec.

No quadro Fluido Vital (FV), as “partículas” ali disseminadas são, simbolicamente, os PVs “inativos” (“interruptores” vitais).

Para destacarmos a união dos dois princípios, fizemos ressaltar uma “partícula” de PV “inativo” a fim de melhor visualizarmos a interação que resulta na vida (orgânica) em todos os reinos.

O FLUIDO CÓSMICO: primeira (e talvez única) e maior decorrência do fluido universal, o qual, além de gerar todos os universos, macros e micros, tem dentro de si mesmo um outro campo:

O FLUIDO VITAL: que é o responsável, quando “combinado” com o fluido cósmico, ou com outras de suas derivações, através do agente chamado *PRINCÍPIO VITAL* segundo padrões muito especiais, pela vida.

Voltando a *DEUS*, na outra grande vertente da Criação, surge:

PRINCÍPIO INTELIGENTE (UNIVERSAL): “fonte” do “elemento espiritual” que virá a ser o Espírito Imortal; o “acionador” do P. V.

1.3 - Conhecendo o Fluido

O fluido cósmico sofre, primordialmente no estado de eterização, inúmeras modificações, podendo ou não deixar de ser etéreo, vindo a formar fluidos diferentes. Não obstante a mesma origem, tais fluidos adquirem propriedades especiais. Assim como, num processo chamado alotrópico, a combinação de dois átomos de oxigênio é o que chamamos de oxigênio simples, enquanto a combinação de três desses átomos faz com que se obtenha o ozônio, assimilamos a possibilidade da auto-combinação poder produzir um outro elemento de padrão diferente do original sem, contudo, destruir-lhe ou negar-lhe a origem. O mesmo se dá, em formas e condições bem diversas e mais ricas, com o fluido cósmico, que não apenas se combina de maneira alotrópica mas por uma infinidade de meios, físicos, psíquicos e químicos, que nem sequer vislumbramos a quantidade nem, muito menos, o *modus operandi*.

“Sabemos que o fluido universal, ou fluido cósmico etéreo, representa o estado mais simples da matéria; sua sutileza é tal que escapa a toda análise. E, entretanto, desse fluido procedem, mediante condensações graduais, todos os corpos sólidos e pesados que constituem a base da matéria terrestre”¹¹⁹. “O mundo dos fluidos, mais que qualquer outro, está submetido às leis de atração. Pela vontade, atraímos forças boas ou más, em harmonia com os nossos pensamentos e sentimentos”¹²⁰. Conhecendo essas informações, podemos assegurar que “A vontade de aliviar, de curar, comunica ao fluido magnético propriedades curativas. O remédio para nossos males está em nós”¹²¹. “O magnetismo, considerado em seu aspecto geral, é a utilização, sob o nome de fluido, da força psíquica por aqueles que abundantemente a possuem”¹²². (Citações de Léon Denis.)

Disso ressalta a precisão com que o fluido interfere em nossas vidas. Sua condição de afinidade, seu atendimento pela vontade, sua harmonização com os pensamentos e sentimentos, fornecem elementos básicos à nossa tarefa de cura, tanto quanto ao alcance como à necessidade de nos posicionarmos moralmente equilibrados para melhor podermos usufruir de suas virtudes.

1.4 - Percepção - Assimilação

“Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Al-

¹¹⁹ DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 20, p. 280.

¹²⁰ DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 15, p. 184.

¹²¹ DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 15, p. 181.

¹²² DENIS, Léon. In “No Invisível”, cap. 15, p. 180.

guns há, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer idéia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.

“Mas, entre tais fluidos, há os tão íntimamente ligados à vida corporal, que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de comparação direta, seus efeitos podem observar-se, como se observam os fluidos do ímã (...)”¹²³. (Kardec.)

Dessas palavras deduzimos que muito acerca de fluidos só poderemos alcançar através da percepção sub-reptícia, quer tátil, quer intuitiva, ou então por dedução lógica e filosófica; entretanto, fato é que eles existem e que sua teorização não se estriba apenas em matéria impalpável tal qual eles, em sua maioria, o são. Seus efeitos são sentidos, percebidos, medidos alguns e evidenciados sempre, seja pela pujança do fato, seja pela dedução do mesmo, pelo que nos compete o estudo sério e aprofundado.

O pensar¹²⁴ metaboliza o fluido cósmico, plasmando as imagens geradas pela mente, sendo, por isso mesmo, uma força criadora. O fluido vital não é mero produto mental, pois, se assim o fosse, as plantas e os animais não o possuiriam, posto que, não pensam.

Mas, isso não diz que esse fluido não seja afetado pelo impulso mental; é, e não é pouco! Pela maleabilidade e impressionabilidade dos fluidos, nosso vetor moralidade exerce forte ponderação nos destinos que lhes são decorrentes. Isto podemos confirmar numa colocação do Espírito Aulus quando explanava sobre o sistema de defesa espiritual de um médium moralmente equilibrado: “Quanto aos fluidos de natureza deletéria, não precisamos temê-los. Recuam instintivamente ante a luz espiritual que os fustiga ou desintegra. (...). Os raios luminosos da mente orientada para o bem incidem sobre as construções do mal, à feição de descargas elétricas”¹²⁵. Esta colocação, inclusive, responde às dúvidas muito comuns sobre o destino dos fluidos que são dispersados por ocasião dos passes. Notemos que a moralidade elevada exerce verdadeira desintegração sobre os fluidos nocivos, não alcançando estes, portanto, aquele que se exercita nas práticas morais do Evangelho de Jesus, inclusive através do passe.

Concluimos, portanto, que podemos perceber os fluidos através de nosso próprio referencial; nosso ambiente mental definirá a camada fluídica que nos rodeia e que de nós emana, em favor ou contra o próximo. Como o fluido se comporta segundo a lei de afinidade, fácil percebermos tanto o ambiente fluídico que nos envolve como nos é favorecida sua assimilação, segundo idênticos critérios.

1.5 - Propriedades Físicas

Retomando a “A Gênese”, de Allan Kardec, ficamos sabendo que os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, que são os fluidos etéreos, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando, sobremaneira, o pensamento e a vontade. Por estes, e aqui relembramos a plasticidade dos fluidos etéreos, imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, aglomerando-os, combinando-os, dispersando-os, organizando com eles conjuntos que constituem uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases e de outros corpos e substâncias, fazendo-os agirem e interagirem segundo certas leis.

Os fluidos não possuem qualidades “sui-generis”; as adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio. Portanto, dizendo-se que tal fluido é bom ou mal, nos referimos ao “produto final” e não a sua generalidade. O fluido cósmico é puro e suas derivações são produto das “manipulações”, em níveis e padrões variados ao infinito. Os fluidos derivados são mais ou

¹²³ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 4.

¹²⁴ *Pensar (atributo do Espírito), como verbo, traduz ação. Pensamento, substantivo, produto do pensar. Neste sentido é que estamos usando os termos.*

¹²⁵ XAVIER, Francisco Cândido. *Psicofonia sonambúlica*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 8, p. 49.

menos úteis, para tais ou quais casos, sendo excelentes para certos usos e sofríveis para outros. O uso e a assimilação que se tenha dos fluidos é que também podem repercutir. Podemos ter um fluido “fino”, bastante rarefeito, proveniente de uma fonte “elevada”, mas que, para determinado tratamento, seria preferível um fluido mais material, mais denso, pelo que aquele se tornaria menos eficiente que este. De outra forma, seríamos levados a crer que os fluidos teriam personalidades próprias; não as tem, são fluidos, são matéria. Suas qualidades são produtos das “manipulações” mentais, psíquicas, espirituais, ainda que com profundas repercussões físicas.

Do ponto de vista moral, os fluidos trarão impressos em si mesmos, pelas vibrações especiais que se lhes agregam, o cunho dos sentimentos de ódio, inveja, ciúme, orgulho, egoísmo, violência, hipocrisia, bondade, benevolência, amor, caridade, humildade, doçura, afeto e carinho, com que venham a ser laborados.

No caso do fluido magnético, conforme nos assevera Michaelus, sabemos que ele, “Por si só, não apresenta nenhuma propriedade terapêutica, mas age principalmente como elemento de equilíbrio. De sorte que o desequilíbrio (...) dos fluidos magnéticos que envolvem todos os órgãos do corpo humano acarreta a desordem nas funções desses órgãos e, daí, a caracterização do que chamamos doença. Todas as vezes, portanto, que se rompe o equilíbrio, quer por excessiva condensação ou concentração, quer por excessiva dispersão de fluidos, cumpre restabelecê-lo e, daí, a cura”¹²⁶.

Com esta colocação Michaelus desmistifica o fluido, mesmo o magnético. Sua propriedade básica no fenômeno das curas é o do restabelecimento do equilíbrio fluídico, através da mudança fluídica que está a gerar o fator doença.

1.6 - Os Fluidos no Magnetismo

Vamos, sucintamente, registrar as observações feitas por Michaelus, a partir de diversos magnetizadores (Deleuze, Aubin Gauthier, Du Potet e Ed. Bertholet, entre outros), e que importam ao magnetismo. Para não nos estendermos demasiadamente, aditaremos alguns breves comentários, colocando-os entre parênteses.

“1.- O fluido magnético, que se nos escapa continuamente, forma em torno do nosso corpo uma atmosfera. Não sendo impulsionado pela nossa vontade, não age sensivelmente sobre os indivíduos que nos cercam (...) (Observemos como a vontade tem um valor preponderante nas chamadas fluidificações ou influências fluídicas. Por outro lado, como toda regra tem exceção - diz a regra —, casos há em que pela excessiva sensibilidade alguém pode sentir e registrar as emanções fluídicas de uma outra pessoa, sem que seja necessariamente acionado o dispositivo da vontade do emissor; são os sensitivos em ação.)

“2.- O fluido penetra todos os corpos animados e inanimados.

“3.- O fluido possui um odor, que varia segundo o estado de saúde física do indivíduo, dos seus dotes morais e espirituais, e do seu grau de evolução e pureza. (...) O odor e a coloração do fluido estão na razão direta do estado de evolução da alma ou do Espírito (...) (Portanto, nada de se pensar que apenas as condições físicas interessam à economia fluídica do indivíduo.)

“4.- O fluido é visto pelos sonâmbulos como um vapor luminoso, mais ou menos brilhante (...) (Regra geral mas não única.)

“Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos (...)

“5.- O fluido magnético não é o fluido elétrico (...)

“6.- O fluido se propaga a grandes distâncias, o que depende, entretanto, da qualidade e da força do magnetizador, e igualmente da maior ou menor sensibilidade magnética do paciente. (Por “força do magnetizador” entenda-se “força fluídica” e não física.)

¹²⁶ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 10, p. 80.

“7.- O fluido está também sujeito às leis de atração, repulsão e afinidade (...) (Isto explica muitos problemas verificados nas aplicações de passes e nas fluidoterapias em geral.)

“8.- Precisamente porque o fluido varia de indivíduo a indivíduo, é de notar-se que certos magnetizadores têm mais facilidade em curar determinadas moléstias do que outras. (...) Convém não esquecer que, além do fluido propriamente humano, outros fluidos, dotados de diferentes propriedades, que ainda não conhecemos, poderão intervir na ação magnética (...) (Parece que os magnetizadores queriam falar na ação dos Espíritos. Constatamos que certos médiuns não têm grande força ou impulsão magnética de per si, mas, passam a produzir com fartura quando submetidos à assistência Espiritual evocada e consentida, confirmando como a ação da parte dos Espíritos não só é de grande proveito, mas, diríamos, indispensável.)

“9.- O estado atmosférico pode de certo modo aumentar ou diminuir a intensidade do fluido e, portanto, a eficácia da magnetização (...) (Esta observação não faz muito sentido por dois motivos: quando lidamos com fluidos espirituais, estes não se comportam exatamente como os magnéticos, nem quando aplicados em sua forma mista; por outro lado, magnetizadores contemporâneos comprovaram que tais estados atmosféricos não influem no magnetismo animal, como o evidencia a ação da fluidoterapia a distância.)

“10.- A quantidade de fluido não é igual em todos os seres orgânicos, variando segundo as espécies, e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie (...)

“11.- São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. (...) Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas.

“12.- A ligação entre o fluido magnético e os corpos que o recebem é tão íntima que nenhuma força física ou química pode destruí-lo. Os reativos químicos e o fogo nenhum efeito têm sobre ele (...) (Mas o efeito da moralidade ou da falta dela são incontestáveis.)

“Donde se conclui que há muito pouca analogia entre os fluidos imponderáveis que os físicos conhecem e o fluido magnético.

“13.- Por último, não é demais repetir que o magnetismo ensaia os seus primeiros passos e que muito pouco sabemos sobre o seu principal veículo do fluido, e que só o estudo e a experimentação poderão um dia descortinar o vasto e ilimitado caminho a percorrer”¹²⁷. (Esta é a parte mais óbvia disso tudo, mas, infelizmente, poucos têm dado a atenção que é devida a tão fascinante estudo.)

Ao final, queremos ressaltar que nem tudo o que é bom e certo para o Magnetismo, como Ciência, o é igualmente para os passes, como prática espírita, pelo que vale termos em mente o cuidado para não tomarmos a especificidade daquele pelo geral das Leis deste, ou a generalidade do Magnetismo pelas particularidades do passe Espírita.

2. PERISPÍRITO

“Envolvendo o germen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito”
(Allan Kardec)¹²⁸.

2.1 - Definição

¹²⁷ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 6, pp. 46 a 50.

¹²⁸ KARDEC, Allan. Perispírito. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, cap. 1, questão 93.

Por ter sido o termo criado pelo Espiritismo, ninguém melhor que Kardec para o definir: perispírito “(...) É o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. É por seu intercâmbio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, por seu intermédio, que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

(...) O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. (...) O Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico”¹²⁹ (grifos originais).

Deslindando as palavras de Kardec, Leon Denis nos diz que “O perispírito é, pois, um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, sobre a qual se modela o envoltório carnal, como uma veste dupla, invisível, constituída de matéria quintessenciada (...)”¹³⁰

Modernamente já existe uma busca de adaptação de termos para aplicar os conceitos espíritas de perispírito aos conhecimentos da Ciência (ou vice-versa) mas, como ocorreu quando estudávamos fluidos, ainda que a necessidade se faça sentida e mesmo reconhecendo que precisamos conhecer os porquês atuais que envolvem a questão, não carece modifiquemos nossa nomenclatura pois ela define para nós, com largueza, tudo aquilo que a Academia Parapsicológica chama de “corpo bioplásmico” (Escola russa) ou “modelo organizador biológico” (Escola brasileira), mesmo porque o corpo espiritual, como convencionou chamalo André Luiz¹³¹, é um corpo maior que esses dois, os quais estão, diríamos, contidos nele. Este, inclusive, é o raciocínio que inferimos das palavras do eminente Dr. Hernani Guimarães Andrade: “O corpo bioplásmico dos soviéticos é o constituinte fronteiro, material, fisiológico, capaz de sofrer a ação dos campos eletrodinâmicos do corpo espiritual. (...) Perispírito e corpo bioplásmico são, portanto, duas entidades distintas, embora conjugadas no processo biológico enquanto dura a vida orgânica”¹³². Afinal, sem querermos aqui debater tais pesquisas e reconhecendo a seriedade com que elas se revestem e os frutos já razoavelmente amadurecidos que nos têm dado, a terminologia kardequiana nos soa mais agradável, mais familiar e mais abrangente.

2.2 - O Que É

“135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo.

“a) De que natureza é esse laço?

“Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente”¹³³.

Esse “laço” a que os Espíritos se reportam é o perispírito. Ele, também chamado por Kardec de “corpo fluídico dos Espíritos”, “é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma”. E continua: “Já vimos que também o corpo carnal tem seu principio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas características etéreas”¹³⁴.

¹²⁹ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 22.

¹³⁰ DENIS, Léon. *O perispírito ou corpo espiritual*. In “Depois da Morte”, cap. 21, pp. 174 e 175.

¹³¹ Vide introdução do livro “Evolução em Dois Mundos”.

¹³² ANDRADE, Hernani Guimarães. *Corpo Bioplásmico e Perispírito*. In “Espírito, Perispírito e Alma”, cap. 1, item Corpo espiritual, p. 10.

¹³³ KARDEC, Allan. *A Alma*. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª.

¹³⁴ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 7.

No dizer de Jorge Andréa, ele é “um corpo sutil, extremamente poroso e plástico”¹³⁵ mas, na síntese de Léon Denis, descobrimos mais informações: “não é imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante para, em algum dia, resplandecer com essa luz radiante de que falam as Bíblias (antigas) e os testemunhos da História (...)”¹³⁶.

Tendo bebido parte de seus conhecimentos na mesma fonte, Gabriel Delanne assim se expressa: “Alma e perispírito formam um todo indivisível, constituindo, no conjunto, as partes ativa e passiva, as duas faces do princípio pensante. O invólucro é a parte material, a que tem por função reter todos os estados de consciência, de sensibilidade ou de vontade; é o reservatório de todos os conhecimentos, e, como nada se perde na natureza, sendo o invólucro indestrutível, a alma tem memória integral quando se encontra no espaço.

“O perispírito é a idéia diretora, o plano imponderável da estrutura orgânica. É ele que armazena, registra, conserva todas as percepções, todas as volições e idéias da alma. E não somente incrusta na substância todos os estados anímicos determinados pelo mundo exterior, como se constitui a testemunha imutável, o detentor indefectível dos mais fugidios pensamentos, dos sonhos apenas entrentos e formulados.

“É, enfim, o guardião fiel, o acervo imperecível do nosso passado. Em sua substância incorruptível, fixaram-se as leis do nosso desenvolvimento. Tomando-o, por excelência, o conservador de nossa personalidade, por isso que nele é que reside a memória”¹³⁷. Bem se percebe que esta visão nada tem de periférica; vai ao âmago da questão e amplia os campos de entendimento sobre tão fascinante “veículo”

Uma ressalva, contudo, merece ser considerada: existe uma linha de raciocínio que trata o perispírito como um “campo” restrito, uma unidade sem qualquer outra atribuição que não a de apenas e tão-só ligar, literalmente, o Espírito ao corpo. Quem aprofunde seus estudos em Kardec, todavia, verá que sua síntese perfeita não se contrapõe a uma visão mais ampla do perispírito. Buscando uma analogia, é vulgar se afirmar que no cérebro estão arquivadas as informações conscientes e inconscientes do homem. Com isso expressamos uma “meia verdade” que, a nível de estudos e pesquisas científicas, é satisfatoriamente comprovada. Daí, entretanto, a se querer dizer que é o cérebro que pensa, vai uma larga distância. Bem se vê que quem assim se reporta está tratando do órgão em sua função intrínseca, pelo que se abstrai a evidência maior do ser pensante, o Espírito. De outra forma, o perispírito, como o corpo, pertencem ao Espírito, e não este àqueles. Por isso, mesmo sendo o mais certo se afirmar categoricamente que o Espírito é o único detentor de todas as potencialidades e arquivos de sua individualidade espiritual, não estamos necessariamente errados quando atribuímos ao perispírito - e ao corpo - capacidades e funções que, em essência, são da Matriz, do “gérmen”, do Espírito, pois que são viabilizadas pelas funções destes. É nesse sentido que entendemos e concordamos com as atribuições essencialmente espirituais designadas ao corpo espiritual.

Exemplificando, tomemos algumas palavras do Espírito Emmanuel em seu livro “Dissertações Mediúnicas”, as quais atribuem certas funções ao perispírito, e que podem ser bem assimiladas dentro, da característica que frisamos:

“O ORGANISMO FLUÍDICO, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplásmicas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo a átomo, à matéria do germe e dirigindo-a, segundo a sua natureza particular”.

“O CORPO ESPIRITUAL não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos

¹³⁵ ANDRÉA, Jorge. *Perispírito ou Psicossoma*. In “*Correlação Espírito Matéria*”, pp. 19 a 23.

¹³⁶ DENIS, Leon. *O perispírito ou corpo espiritual*. In “*Depois da Morte*”, cap. 21, p. 175.

¹³⁷ DELANNE, Gabriel. *A vida, resumo*. In “*Evolução Anímica*”, cap. 1, p. 55.

sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria”.

“É ainda, pois, ao CORPO ESPIRITUAL que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si”.

“É, pois, o CORPO ESPIRITUAL a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, afim de materializar-se no mundo palpável”¹³⁸.

Fazendo rápidos comentários, vimos que:

1. O perispírito é mutável, posto que evolucionário e adaptável a cada orbe; portanto, quando Emmanuel fala de “seus elementos imutáveis”, refere-se ele aos caracteres adquiridos pelo Espírito ao longo de sua evolução, e estabilizados na “forma fluídica” para efeito de plasmagem do corpo psicofísico.

2. O perispírito provém do fluido cósmico, pelo que é material; por ser material, não pode produzir o pensamento, atributo do Espírito. Pode, todavia, arquivá-lo, assim como uma fita magnética grava vozes, sons, imagens, dados, etc. Quando, portanto, Emmanuel lhe atribui capacidades de arquivos e sede, com certeza se refere às características do Espírito se refletindo no perispírito, já que este é o veiculador das atividades e potencialidades daquele outro; seria o perispírito uma espécie de “videogravador” do Espírito.

3. Não há discordância entre o que Emmanuel e muitos outros dizem do perispírito, com o que registrou Kardec na Codificação; quando Emmanuel se reporta ao corpo espiritual como “a alma fisiológica” do Espírito, deixa claro, seu entendimento funcional do perispírito.

As palavras do assistente Calderaro, na importante obra “No Mundo Maior”, só fazem sentido se observarmos as particularidades do perispírito segundo uma ótica mais rica e pormenorizada: “Esse organismo, constituído, embora, de elementos mais plásticos e sutis, ainda é edifício material de retenção da consciência”¹³⁹.

2.2.1 - Como Tem Sido Conhecido e Chamado

O Espírito Joanna de Ângelis nos apresenta um resumo histórico deste tema, de quem tomaremos nossas informações:

“Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuídas. nos diversos períodos que duravam as investigações.

“Desde as apreciáveis lições do *Vedanta* quando apareceu como *Manu*, *maya* e *Kosha*, era conhecido no Budismo *esotérico* por *Kama-rupa*, enquanto no *Hermetismo egípcio* surgiu na qualidade de *Kha*, para avançar, na *Cabala hebraica*, como manifestação de *Rouach*. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o *carne sutil da alma*, e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o *corpo sutil e etéreo*. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos *Princípios*, identificava-o como *aura*; Tertuliano, o gigante inspirado da Apologética. nele vai o *corpo vital da alma*, enquanto Proclo o caracterizava como *veículo da alma*, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido.

“Na cultura modema, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de *corpo astral*, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza

¹³⁸ JORGE, José. In “Antologia do Perispírito”, p. 160.

¹³⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Mediunidade*. In “No Mundo Maior”, cap. 9, p. 128.

pela teoria dos “átomos espirituais ou mônadas”, surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de *corpo fluídico*.

“(...) Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado *corpo bioplásmico*, o Apóstolo Paulo já o chamava *corpo espiritual*, conforme escreveu aos coríntios (I epístola, 15:44), *corpo corruptível*. logo depois, na mesma Epístola, v. 53, ou *alma*, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola. 5:23), sobrevivente à morte”¹⁴⁰ (grifos originais).

2.2.2 - Sua Formação

“8. - Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. (...)”

“9.- A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro (...).”

“10.- A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra se pode comparar às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores. (...) Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da soma das partes puras que eles encerram. (...)”

“Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram deles seus perispiritos; porém, *conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna*. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

“Resulta disso este fato capital: *a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda*. O mesmo já não se dá com o corpo carnal(...)”

“Também resulta que: o envoltório perispiritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos Superiores, encarnados excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo”¹⁴¹ (grifos originais).

Estas conclusões de Kardec demonstram a profundidade com que se reveste o assunto. Vale refletirmos nas extensões daí decorrentes.

2.3 - Três Particularidades

Dentro de um universo de particularidades que envolvem o perispírito, três merecem detenharmos um pouco nossa atenção.

2.3.1 - O Cordão Fluídico

Toda literatura religiosa de todos os povos tem registros de um “cordão de prata” que liga o Espírito ao corpo, normalmente só visível em ocasião de desprendimentos ou desligamentos. O que seria então esse cordão, seria uma outra coisa que não o perispírito?

A lógica e as evidências nos têm demonstrado que se trata de uma particularidade do perispírito. O cordão fluídico funciona, para nos servirmos de uma comparação, como o cordão umbilical para o feto. É um “laço” prendendo o corpo espiritual ao corpo físico, só que extremamente flexível e

¹⁴⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. *Perispírito*. In “*Estudos Espíritos*”, cap. 4, pp. 40 e 41.

¹⁴¹ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item 7.

expansível, o qual serve para manter o Espírito jungido ao corpo. Tanto que, dito cordão serve para nos identificar no plano espiritual como encarnados quando para ali vamos em “desprendimento”. Esta, inclusive, é uma observação do próprio Kardec, que acrescenta: “Por meio dessa comunicação entre o Espírito e o corpo, é que aquele recebe aviso, qualquer que seja a distância a que se ache do segundo, da necessidade que este possa experimentar da sua presença, caso em que volta ao seu invólucro com a rapidez do relâmpago. Daí resulta que o corpo não pode morrer durante a ausência do Espírito e que não pode acontecer que este, ao regressar, encontre fechada a porta, conforme hão dito alguns romancistas (...)”¹⁴²

Kardec faz dois registros bem interessantes: “Meu Espírito se destaca um pouco de meu corpo, mas é como um balão cativo, preso pelas cordas. Quando o balão recebe solavancos, produzidos pelo vento, o poste onde está amarrado sente a comoção dos abalos, transmitidos pelas amarras. Meu corpo representa o poste para o meu Espírito, com a diferença que experimenta sensações desconhecidas do poste e que tais sensações fatigam bastante o cérebro”. (Resposta dada por um Espírito encarnado evocado, sobre a questão do sofrimento do corpo.)

Depois ele relata que havia na Inglaterra “(...) um médium vidente, dotado de grande força que, toda vez que se apresentava o Espírito de um vivo, notava um fio luminoso, partindo do peito, através do espaço, não interrompido por qualquer obstáculo material, e que ia terminar no corpo; era uma espécie de cordão umbilical, que unia as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Nunca o observou quando não havia vida corpórea. Era assim que reconhecia se o Espírito era de um morto ou de um vivo”¹⁴³.

No Antigo Testamento também temos evidências: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias (...)”

“(...) Antes que se rompa o *fio de prata*. e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro, junto à fonte, e se desfaça a toda junto ao poço,

“e o pó volte a terra, como o era (...)”¹⁴⁴ (grifamos). Parece muito clara a referência ao cordão fluídico.

2.3.2 - O Duplo Etérico

Quando o Dr. Jorge Andréa estuda o perispírito no seu “Forças Sexuais da Alma”, considera que “Não poderíamos deixar de aventar as possibilidades da existência de um campo energético apropriado. entre o perispírito e o corpo físico, o duplo etérico. Seria uma zona vibratória ocupando posição de destaque em face dos fenômenos conhecidos de materialização. Acreditamos que o campo energético dessa zona, em suas expansões com a do perispírito, se entrelalice nas irradiações do campo físico e forneça excelente material na formulação dos fenômenos psicocinéticos e outros tantos dessa esfera parapsicológica. Com isso, poderíamos explicar muitas das curas que os chamados passes magnéticos podem propiciar, em autênticas transfusões de energias - expansões da aura humana”¹⁴⁵. Concordamos com sua hipótese, aditando que podemos considerar o duplo etérico como uma extensão do perispírito e não necessariamente um agente destacado e independente daquele; seria como que uma das “capas” do perispírito que, por suas funções de interligação do perispírito propriamente dito com o corpo físico, retém uma maior quantidade fluídica de consistência oganomolecular (fisiológica) que psíquica. Entretanto, não queiramos inferir daí que ele seja mais corpo que perispírito ou vice-versa; ele é um campo mais denso que o perispiritual por onde as energias espirituais se “condensam” em direção ao corpo, e, de forma reversa, recebe os impulsos físicos, processando uma reconversão para os sentidos psíquicos e direcionando-os aos arquivos perispiríticos, mentais, inconscientes e espirituais.

¹⁴² KARDEC, Allan. *Da bicorporeidade e da transfiguração*. In “O Livro dos Médiuns”, 2ª Parte, cap. 7, item 118.

¹⁴³ LIGAÇÃO ENTRE espírito e corpo. “Revista Espírita”, maio 1859, pp. 139 e 140.

¹⁴⁴ Eclesiastes, 12, vv. 1, 6 e 7.

¹⁴⁵ ANDREA, Jorge. *Perispírito ou psicossoma*. In “Forças Sexuais da Alma”, cap. 1, pp. 36 e 37.

Pela origem esotérica do termo e do fato de Kardec não ter tratado diretamente deste “campo”, surgem algumas opiniões refratárias à hipótese, mas, que ela é bem plausível e sinaliza com grandes possibilidades de perquirição e demonstração, isto é inegável. Tanto que poderíamos inferir que os Espíritos da Codificação a ele se referiam quando afirmaram: “Acompanha os que da Terra partem, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, *uma espécie de atmosfera que os envolve. conservando-lhes o que têm de mau*, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria”¹⁴⁶ (grifamos), e completam adiante¹⁴⁷: “Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver (...)”. Como se vê, não há aí uma referência direta ao perispírito, senão através de uma de suas particularidades, com uma conotação muito própria. No nosso entender, o duplo etérico.

A Teosofia atribui ao duplo etérico duas funções principais¹⁴⁸: a de absorver o Prâna (fluido vital), enviando-o a todas as regiões do corpo físico, e a de servir de intermediário entre o corpo físico e o corpo astral (perispírito?). Seria ainda nele, segundo essa Escola, que se encontraram localizados os “centros de força”

Há quem considere o duplo etérico apenas como uma das expressões da aura. O Dr. Kilner nos leva a crer que ele seja uma das partes desta, a mais interna, posto que ele subdivide a aura em três partes: duplo etérico, aura interna e aura externas¹⁴⁹, afirmando que o duplo etérico constitui-se de uma camada escura, transparente e uniforme, rodeando o corpo físico, com espessura aproximada de 0,5 a 1,0 cm. Já a aura interna é a camada mais densa, com espessura de 10 a 15 cm, enquanto a aura externa começa logo após a interna e estende-se até cerca de 20 a 25 cm a contar da superfície do corpo. Estas medidas são padrões médios, podendo haver variações, sendo que as duas últimas camadas podem ser fundidas e comporem um único “clarão”.

Alguns também assinalam uma quarta camada áurica, a qual é igualmente externa e muito tênue e difusa, conhecida como a Ultra Exterior¹⁵⁰.

Apesar dessas colocações, não iremos considerar o duplo etérico como uma simples emanção áurica ou mero estado profundo daquele campo, mas um verdadeiro campo energético, ao qual a Literatura Espírita tão bem conceituou, na palavra de André Luiz, na figura do “corpo vital”

Presentemente, não investigaremos as particularidades desse campo pois fugiríamos do propósito do presente registro, porém, reconhecemos a necessidade de se aprofundar os conhecimentos sobre tal assunto pois por seu intermédio não apenas elucidaríamos muitas das dúvidas que nos absorvem os questionamentos advindos da própria fluidoterapia, como do fenômeno vital e de certas questões da “morte”, tais como: como se dá, tecnicamente, o sofrimento dos suicidas, dos que morrem pela eutanásia; por que pessoas acidentadas não padecem os mesmos sintomas dos suicidas; o que e como Espíritos inferiores vampirizam nossas energias; o que se passa com os perispíritos dos abortados; etc.

2.3.3 - A Aura

Começemos com André Luiz: “(...) É claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam.

¹⁴⁶ KARDEC, Allan. In “O Livro dos Espíritos”, 2ª Parte, cap. 6, questão 229.

¹⁴⁷ KARDEC, Allan. In “O Livro dos Espíritos”, 2ª Parte, cap. 6, questão 232.

¹⁴⁸ POWELL, Arthur E. Descrição geral. In “O Duplo Etérico”, cap. 1, pp. 13 e 35.

¹⁴⁹ POWELL, Arthur E. Descrição geral. A obra do Dr. Walter J. Kilner. In “O Duplo Etérico”, cap. 21, p. 124.

¹⁵⁰ Veja-se ‘Espírito, Perispírito e Alma’, cap. 3, “Perispírito e Alma da Individualidade”, p. 66.

“Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que Ihes corresponde a natureza.

“No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

“(…) Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas (…)

“Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende a cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes”.

“(…) A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior a nossa.

“Isso porque exteriorizamos (….) o reflexo de nós mesmos, nos contactos do pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais”¹⁵¹. (Grifamos)

Notemos alguns pontos:

1. André Luiz não classifica as emanções dos seres não humanos como “auras”, mas, de “halo energético”, constituído por “tecidos de força”, assim sinalizando-nos sensível diferença entre as irradiações humanas das dos demais reinos terrenos.

2. No homem, portanto, além das irradiações celulares, vigem as decorrentes do pensamento, da atividade mental contínua do ser, impondo variações tonais e estruturais as mesmas.

3. Por ser nossa irradiação emitida diretamente ao meio externo, por nossa aura comunicamos ao mundo, material e espiritual, nossa faixa de vibração; não é ela, contudo, Espírito ou perispírito; apenas emanção deste último, como ressonância do duplo etérico ou “corpo vital”, com impregnações morais do primeiro, e orgânicas do corpo.

4. Quando ela é detectada, mostramo-nos exatamente como e o que somos - física, psíquica e moralmente —, e não o que queremos ser.

Em face da comunhão entre as projeções físicas e psíquicas registradas na aura, só poderíamos esperar que sua variedade, em todos os sentidos, fosse demasiadamente grande. Para se ter uma ideia, nos registra Keith Sherwood que “O Conselho Britânico de Cores catalogou as cores da aura e descobriu 1.400 tons de azul; 1.000 matizes de vermelho; mais de 1.400 tons de marrom; mais de 80 tons de verde; 55 laranja; 36 matizes de violeta; e mais 12 tons de branco”, mostrando-nos, assim, a que fascinante variedade de cores está submetida a aura. Continua Sherwood no mesmo texto: “É aceito entre os pesquisadores que têm estudado a aura que ela tem uma forma mais ou menos oval e segue o perfil do corpo humano, ainda que haja variações. Pessoas com maior vitalidade terão uma aura mais forte e conseqüentemente ela se estenderá para o corpo físico. Assim, a composição da aura varia de pessoa para pessoa. A textura, bem como a cor e o tamanho, parece indicar a disposição

¹⁵¹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade e corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 17, itens *Aura humana e Mediunidade inicial*, pp. 129 e 130.

de uma pessoa. A textura geralmente revela o caráter da pessoa, enquanto a forma e a cor demonstram sua saúde e condições emocionais”¹⁵² (Grifamos).

Mas, ao contrário do que possa parecer, a aura não é uma parafernália desorganizada; seu estudo requer seriedade e profundidade pois, a partir dele, chegaremos a grandes conclusões, como as que foram expressadas acima, ou outras, como as compiladas pelo Dr. Jorge Andréa: “Os tecidos doentes mostram sempre uma aura turva, como no caso dos tumores degenerativos; o tecido sadio está sempre límpido. Tem-se observado que nas pequenas modificações, manchas ou turvações, em auras de indivíduos considerados sadios, com o tempo a doença se instala na zona física. Isto fez que se pensasse que a maioria das doenças físicas teria origem nas desestruturações dos campos perispirituais e, o que é mais importante, poderiam ser anotadas antes de sua instalação nas células da zona material”. O mesmo Jorge Andréa, do alto de suas conclusões, vaticina: “Dia haverá em que as biópsias serão coisas do passado (...)”¹⁵³.

Concluindo, além de pesquisas puramente físicas e laboratoriais, outros métodos de estudo da aura são conhecidos, entre os quais destacamos o “tato-magnético” e a vidência mediúnica. Quanto ao primeiro, veja-se detalhes adiante no capítulo VIII; no tocante à vidência, mesmo reconhecendo sua importância nas pesquisas mediúnicas, fazemos uma ressalva, usando as palavras do Prof. Herculano Pires: “A leitura da aura é uma técnica de avaliação das condições espirituais das pessoas através da vidência. Mas é ponto pacífico no Espiritismo que a vidência não oferece nenhuma condição de segurança para servir de instrumento de pesquisa. (...) Não há, até o momento, nenhum meio científico de se verificar objetivamente os graus de percepção mediúnica ou o grau de espiritualidade de uma pessoa. Além disso, o vidente que examina a aura de alguém sofre as mesmas variações provenientes da instabilidade psi-orgânica e emocionais”¹⁵⁴ (grifos originais). Acrescentamos que, além das observações com fins mediúnicos como foram abordadas, insere-se igual raciocínio sobre as repercussões da saúde orgânica e psíquica do vidente, no fenômeno.

2.4 - Propriedades do Perispírito

O perispírito, por sua tessitura, organização, flexibilidade e expansibilidade, fornece inúmeras condições de ação ao Espírito, mesmo quando encarnado, condições essas que podemos chamar de propriedades do perispírito, sem, com isso, desconhecermos que o propulsor de toda e qualquer ação é o Espírito.

Para que essas propriedades se tornem evidentes, necessário se atenda às leis dos fluidos, no que tange as suas condições de afinidade, quantidade necessária e qualidade dos fluidos, além de, em alguns casos, o conhecimento e a elevação moral da parte do Espírito que “manuseia” tais fluidos. Sinteticamente, teríamos:

2.4.1 - Aparições

Nos diz Allan Kardec: “Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível (...). Pode ele sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, quer por meio de uma espécie de condensação, quer por meio de uma mudança na disposição de suas moléculas. Aparece-nos então sob uma forma vaporosa.

“A condensação (...) pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando, porém, a possibilidade de retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível (...)

¹⁵² SHERWOOD, Keith. *A diagnose da cura e a aura*. In “*A arte da cura Espiritual*”, cap. 10, item *As características da aura*, p. 114.

¹⁵³ ANDRÉA, Jorge. *Reflexões sobre o campo organizador da forma*. In “*Enfoques Científicos na Doutrina Espírita*”, p. 33.

¹⁵⁴ PIRES, Herculano. *Grau de mediunidade*. In “*Mediunidade (vida e comunicação)*”, cap. 13, p. 111.

“(…) Não basta que o Espírito queira mostrar-se; não basta tampouco que uma pessoa queira vê-lo; é necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que entre eles haja uma espécie de afinidade e também, porventura, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente, que se verifiquem ainda outras condições que desconhecemos”¹⁵⁵.

2.4.2 - Tangibilidade

Assevera Kardec: “Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico (...) pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si”¹⁵⁶.

2.4.3 - Transfiguração

“O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. (...) O daquelas não se acha confinado no corpo: irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fúidica. Ora, pode suceder que, em certos casos e dadas as mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação (...): a forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluidica, se assim nos podemos exprimir, e toma por momentos uma aparência inteiramente diversa, mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo (...)

“O fenômeno da transfiguração pode operar-se com intensidades muito diferentes, conforme o grau de depuração do perispírito, grau que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Cinge-se às vezes a uma simples mudança no aspecto geral da fisionomia, enquanto que doutras vezes dá ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida”¹⁵⁷ (Allan Kardec)

2.4.4 - Bicorporeidade

Foi considerada por Kardec como uma variedade das manifestações visuais, pois que se assenta sobre as mesmas propriedades do perispírito já que, “(...) Quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o envoltório semimaterial que (...) pode tornar-se visível (...)”¹⁵⁸.

“Isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Demais (...), pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de bicorporeidade, foi que deu azo às histórias de homens duplos (...)”¹⁵⁹ (grifo original).

Esta propriedade, asseveram os Espíritos da Codificação, requer elevação moral da parte do Espírito que vai produzir tais modificações em seu perispírito.

Uma ressalva, porém, merece ser feita: não devemos confundir a bicorporeidade com a bilocação pois enquanto a primeira precisa que a segunda se de, a recíproca não é verdadeira. Para ocorrer a bicorporeidade, carece que o Espírito se desloque, se afaste de seu corpo físico e, onde se manifeste, necessário produza transformações em sua constituição molecular perispiritual a fim de se fazer visto; já para ele se deslocar (bilocação), necessário se dê apenas a primeira parte do fenômeno pois o Espírito pode se desprender sem, contudo, ser visto ou apreendido pelos sentidos comuns.

¹⁵⁵ KARDEC, Allan. *Das manifestações visuais*. In “O Livro dos Médiuns”. 2ª Parte. cap. 6, item 105.

¹⁵⁶ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 35, Aparições, - Transfigurações.

¹⁵⁷ KARDEC, Allan. *Manifestações dos Espíritos*. In “Obras Póstumas”, item 22.

¹⁵⁸ KARDEC, Allan. *Da bicorporeidade e da transfiguração*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 7.

¹⁵⁹ KARDEC, Allan. *Da bicorporeidade e da transfiguração*. In “O Livro dos Médins”, cap. 7, item 119.

Outro cuidado é o de não se confundir bicorporeidade e bilocação com o dom da ubiqüidade, o qual o Espírito não possui, visto que ele é uma unidade indivisível, apesar de poder irradiar em múltiplas direções¹⁶⁰.

2.4.5 - Penetrabilidade

Corolário! Esta é a melhor definição para a condição de penetrabilidade atribuída ao perispírito. Por isso mesmo, afirma Kardec: “Outra propriedade do perispírito inerente à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem não haver tapagem capaz de obstar à entrada dos Espíritos (...)”¹⁶¹.

2.4.6 - Emancipação

Afirmam os Espíritos que “Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos”¹⁶² (grifos originais). Mais enfaticamente, afirmam igualmente que “o sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre”¹⁶³.

2.5 - Funções do Perispírito

André Luiz nos apresenta importantes informações acerca das funções do perispírito, iniciando por dizer que este não é um reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.

“Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja”. E conclui mais adiante:

“Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do supulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, em face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta”¹⁶⁴.

Enquanto com André Luiz nos voltamos ao perispírito sob um ângulo de visão espiritual, Allan Kardec nos leva a uma preciosa análise, onde podemos perceber os melindres da ação do Espírito no corpo versus perispírito, num verbo genérico, mas, profundamente singelo: “Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito a pedra

¹⁶⁰ Veja-se: *Forma e ubiqüidade dos Espíritos*. In “*O Livro dos Espíritos*”, Parte 2ª, cap. 1, questão 92, p. 84 e cap. 2, questão 137, p. 105.

¹⁶¹ KARDEC, Allan. *Forma e ubiqüidade dos Espíritos*. In “*O Livro dos Espíritos*”. Parte 2ª, item 106.

¹⁶² KARDEC, Allan. *Da emancipação da alma*. In “*O Livro dos Espíritos*”, cap. 8, item O sono e os sonhos, questão 401.

¹⁶³ KARDEC, Allan. *Da emancipação da alma*. In “*O Livro dos Espíritos*”, cap. 8, item O sono e os sonhos, questão 402.

¹⁶⁴ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Corpo espiritual* In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 2, item Retrato do corpo espiritual, pp. 25 e 26.

rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos”. E prossegue:

“(…) Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-lhe e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência.

“(…) Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, têm, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual (…)¹⁶⁵. Dito isso, numa conclusão definitiva ele ratifica:

“Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele”¹⁶⁶.

Concluindo, voltando a palavra de André Luiz, anotamos que é o corpo espiritual que “Preside no campo físico a todas as atividades nervosas, resultantes da entrosagem de sinergias funcionais diversas”¹⁶⁷ pois, do enunciado por Kardec, o Espírito administra a formação do perispírito, “apropriando-o às suas novas necessidades”, entre as quais inserimos: de arquivos das memórias; de modelador da organização fisiobiológica; de forma reflexa dos arquivos pretéritos; etc.

2.5.1 - Registro das Formas

Por ser o perispírito um corpo fluídico, ao tempo em que é o mediador entre o Espírito e o corpo, pode sofrer marcas, mutações, lesões mesmo, que só um trabalho igualmente fluídico pode reparar, seja pela ação fluídico-magnética, seja pela mentalização equilibrada. Comprova-o o fato de vermos, ouvirmos e sabermos de tantos Espíritos desencarnados que trazem profundas marcas, fortes deformações em seus perispíritos, como decorrência de desvios pretéritos, regeneráveis pela assimilação moral de uma doutrinação cristã, conjugada à terapia do passe, e todo um processo de arrependimento e reforma íntima que, no seguimento, se estabiliza via etapas reencarnatórias corretivas.

Quando se é Espírito Superior, já se tem poder de adaptar a forma perispiritual à vontade; caso contrário, nossas forças mentais negativas, inferiores, intermitentes, nos impõem formas discrepantes, mossas aparentemente inextinguíveis, que só o tempo, alimentado pela renovação interior e pela reparação dos antigos débitos, poderá: patrocinar os reparos devidos quando, então, a força da fluidoterapia se faz por demais vigorosa.

Se nosso corpo físico recebe impressões perispirituais para sua feição, abastecendo-se para esse mister, igualmente, nas fontes genéticas da hereditariedade, quando desabrocha no plano espiritual “A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante (…)

“(…) Releva observar que, se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme suas disposições íntimas (…)

“(…) O aspecto que as entidades desencarnadas assumem perante os médiuns humanos (…)

pode variar infinitamente.

¹⁶⁵ KARDEC, Allan. *Gênese Espiritual*. In “A Gênese”, cap. 11, itens 10 e 12.

¹⁶⁶ KARDEC, Allan. *Gênese Espiritual*. In “A Gênese”, item 17.

¹⁶⁷ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA. *Mecanismos da mente*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 16, item Importância da encefalização, p. 124.

“(...) É importante considerar, todavia, que os Espíritos desencarnados, mesmo os de classe inferior, guardam a faculdade de exteriorizar os fluidos plasticizantes que Ihes são peculiares, espécie de aglutininas mentais com que envolvem a mente mediúnica encarnada (...)” (André Luiz)¹⁶⁸.

Não há, portanto, como enganar, no mundo espiritual, sobre nosso verdadeiro mundo interior pois, a exemplo da parábola do festim das bodas (Mateus, XXII, vv. 1 a 14), quando Iá chegarmos, teremos que estar vestidos com a “túnica nupcial”, sob pena de nos sujeitarmos à Lei de Justiça em seu aspecto reparativo. Só que esta túnica, numa imagem mais diretamente relacionada ao perispírito, sofre mutações oriundas das aglutinações mentais de nossa realidade intrínseca; se somos equilibrados, nada há que comprometa sua “alvura”; entretanto, se nosso padrão é o da instabilidade moral, seu colorido será destoante.

2.5.2 - Na Reencarnação

Assim se expressa Allan Kardec: “Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do *principio vito-material do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior”¹⁶⁹. (Grifos originais)

A palavra do Dr. Jorge Andréa também é bem objetiva: “O perispírito, representando a capa externa do Espírito, serviria de filtro e tela de suas manifestações. Apesar de apresentar intenso dinamismo psíquico, superior ao da zona consciente ou zona física, dirige os campos celulares físicos por influência do próprio Espírito donde é dependente”.

“O perispírito é zona que sofre modificações intensas nos processos reencarnatórios, passando por condições de miniaturização e mesmo perda de algumas energias, pois, ao se acercar do ovo para impulsionar a sua morfogênese, estará elaborando uma nova estruturação que responderá por um novo corpo físico. Se, no perispírito, estivessem sediados todos os arquivos do ser, é claro, que as intensas transformações do mecanismo reencarnatório afetariam a estruturação de imortalidade. Dessa forma, as aptidões que são absorvidas nas experiências que o ser passa diante das diversas etapas reencarnatórias estariam nas zonas definitivas do Espírito e refletidas no perispírito, zona dimensionalmente mais densa que a primeira e, por isso, mais apropriada às correlações com a matéria. Destarte, a matéria recebe o que necessita do impulso espiritual pelas telas perispirituais; estas, embora apresentando um campo avançado de trabalho, não são a sede das energias criativas da vida”¹⁷⁰.

Com estas palavras de Jorge Andréa, o assunto abordado no item 2.2 acima é recolocado, deixando claro o entendimento que se pode e se deve dar a certas atribuições do perispírito. Ressaltamos apenas que o Dr. Jorge Andréa, em sua hipótese de trabalho, faz considerações colocando o perispírito de forma destacada face outros componentes (capas) do perispírito propriamente dito, pelo que recomendamos seja buscada a obra referenciada para um melhor entendimento de sua postura.

2.5.3 - Na Desencarnação

Sigamos com Kardec, prolongando a citação (79) acima: “Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa,

¹⁶⁸ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mente*. IN “Evolução em Dois Mundos”, 2ª Parte, caps. 4 e 5, pp. 176 a 179.

¹⁶⁹ KARDEC, Allan. *Gênese espiritual*. In “A Gênese”, cap. 11, itens 18 e 20.

¹⁷⁰ ANDRÉA, Jorge. *Reflexões sobre o campo organizador da forma*. In “Enfoques Científicos na Doutrina Espírita”, pp. 32 e 33.

desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar.

Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se uníra, e ao Espírito é restituída à liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito*. (grifos originais)

2.5.4 - Na Evolução

Assim comentou o assistente Calderan, com André Luiz sobre o perispírito: “Estamos diante do órgão perispiritual do ser humano, adeso à duplicata física, da mesma forma que algumas partes do corpo camal têm estreito contacto com o indumento. Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagarosamente conquistadas pelo ser, através de milênios e milênios. Em renascendo entre as formas perecíveis, nosso corpo sutil, que se caracteriza, em nossa esfera menos densa, por extrema leveza e extraordinária plasticidade, submete-se, no plano da Crosta, às leis de recapitulação, hereditariedade e desenvolvimento fisiológico, em conformidade com o mérito ou demérito que trazemos e com a missão ou o aprendizado necessáanos”¹⁷¹.

Um pouco mais adiante, fazendo ligação entre o perispírito e o corpo, o mesmo Calderaro nos informa: “Comparando (...) nossa situação com o estado menos lúcido de nossos irmãos encarnados, importa não nos esqueça que os nervos, o córtex motor e os lobos frontais (...) constituem apenas regulares pontos de contacto entre a organização perispiritual e o aparelho físico, indispensáveis, uma e outro, ao trabalho de enriquecimento e de crescimento do ser eterno. Em linguagem mais simples, são respiradouros dos impulsos, experiências e noções elevadas da personalidade real que não se entingue no túmulo, e que não suportariam a carga de uma dupla vida. Em razão disto, e atendendo aos deveres impostos à consciência de vigília para os serviços de cada dia, desempenham função amortecedora (...)”¹⁷².

Nisso tudo vemos a perfeita conjugação dos componentes trinos que somos. O perispírito, como veículo do Espírito, projetando-se sobre a matéria, propicia-lhe vida, espiritualiza-a mesmo, posto que, lhe imprime não apenas vitalidade, mas, lhe induz a um contacto direto com a “mente”; por sua vez, subtrai a essência da experiência, assim respostando ao mesmo agente que lhe solicita estímulos por evoluir.

Allan Kardec nos lembra que “Sendo um dos elementos constitutivos do homem, *o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos*”¹⁷³ (grifamos).

Tanto é verdade que André Luiz reforça dizendo: “(...) em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexequibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência constituindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica”¹⁷⁴ (Grifamos). Para assimilarmos melhor, continuemos com André Luiz: “De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas (...)

“É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade

¹⁷¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Estudando o cérebro*. In “No Mundo Maior”, cap. 4, pp. 54 e 55.

¹⁷² XAVIER, Francisco Cândido. *Estudando o cérebro*. In “No Mundo Maior”, cap. 4, pp. 60 e 61.

¹⁷³ KARDEC, Allan. *Manifestações dos Espíritos*. In “Obras Póstumas”, item 12.

¹⁷⁴ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Automatismo e corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 4, item *Automatismo e herança*, p. 39.

(...) Todavia, (...) detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão a tona de nossa existência, para a necessária expunção, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene mental”¹⁷⁵. E simplifica numa outra obra¹⁷⁶: “A doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico”.

Sigamos um pouco mais com o Iúcido Espírito que é André Luiz: “Enquanto não se aprimore, é certo que o Espírito padecerá, em seu instrumento de manifestação, a resultante dos próprios erros. Esses desajustes, como é natural, não se limitam a comunidade das células físicas, quando em disfunções múltiplas por força dos agentes mentais viciados e enfermiços; estendem-se, muito especialmente, à constituição do corpo espiritual, a refletir-se no cérebro ou gabinete complexo da alma, aí ocasionando os diversos sintomas de perturbação do campo encefálico, acompanhados dos fenômenos psico-sensoriais que produzem alucinações e doenças da mente. (...)”

“Torturada por suas próprias ondas desorientadas, a reagirem, incessantes, sobre os centros e mecanismos do corpo espiritual, cai a mente nas desarmonias e fixações conseqüentes e, porque o veículo de células extrafísicas que a serve, depois da morte, é extremamente influenciável, ambienta nas próprias forças os desequilíbrios que a senhoreiam, consolidando-se-lhe, desse modo, as inibições que, em futura existência, dominar-lhe-ão temporariamente a personalidade, sob a forma de fatores mórbidos, condicionando as disfunções de certos recursos do cérebro físico, por tempo indeterminado”¹⁷⁷.

Atuando de forma direta ou indireta, impressionando ou sendo impressionado, agindo ou reagindo, o perispírito, como ponte, ligação, intermediário, canal emissor/captador, aparelho transmissor/receptor, e tantas coisas mais, transmuta-se no retrato não só da imagem de um corpo físico, mas no do arquivo vivo do Espírito, no exato degrau de evolução em que este estagia, como encarnado ou desencarnado, bruto ou angelizado, inconsciente ou Iúcido, aqui ou além. Por isso já nos asseverava Léon Denis: “O invólucro fluídico do ser depura-se, ilumina-se ou obscurece-se, segundo a natureza elevada ou grosseira dos pensamentos em si refletidos. Qualquer ato, qualquer pensamento repercute e grava-se no perispírito. Daí as conseqüências inevitáveis para a situação da própria alma, embora esta seja sempre senhora de modificar o seu estado pela ação contínua que exerce sobre seu invólucro”¹⁷⁸.

Reveste-se, portanto, de significativa importância o perispírito nos campos energéticos da evolução por este se urdir não só de fluidos eminentemente físicos, densos, mas por igualmente se entretecer com as emanções psicomentais do Espírito, seu detentor.

2.5.5 - No Passe

Podendo o Espírito, “(...) Pela ação de sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades”, já que “Esta faculdade é inerente a natureza do Espírito que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, e sem disso se aperceber”¹⁷⁹ e sabendo-se - conforme veremos no capítulo VIII - que “(...) Papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo”, “Assim se explica a faculdade de cura pelo contacto e pela imposição das mãos”¹⁸⁰ (Kardec), podemos inserir que, como o perispírito é o meio de veiculação da vontade do Espírito, cabe a ele o papel transformador e reativo nos e dos fluidos, especialmente quando movimentados nos trabalhos do passe. Daí a necessidade de o passista ser

¹⁷⁵ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Predisposições mórbidas*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 19, pp. 211 e 212.

¹⁷⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Ante o serviço*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 4, p. 40.

¹⁷⁷ XAVIER, Francisco Cândido. *Obsessão*. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 24, itens *Pensamento e obsessão e Perturbações morais*, pp. 156 a 158.

¹⁷⁸ DENIS, Léon. *A vontade e os fluidos*. In “Depois da Morte”, cap. 32, p. 208.

¹⁷⁹ KARDEC, Allan. *Do laboratório do mundo invisível*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 8, item 129.

¹⁸⁰ KARDEC, Allan. *Do laboratório do mundo invisível*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 8, item 131.

uma pessoa equilibrada, pois, sua vontade, por carecer de uma base firme, não pode, para fornecer saúde e harmonia, calcar-se numa estrutura moveável de moral vacilante e tonicidade intermitente. Ademais, “Se as paixões baixas e materiais perturbam, obscurecem o organismo fluídico, os pensamentos generosos, em um sentido oposto, as ações nobres apuram e dilatam as moléculas perispiríticas. Sabemos que as propriedades da matéria aumentam com seu grau de pureza”¹⁸¹, é o que nos lembra Léon Denis.

O Espírito Anacleto, pelo registro de André Luiz, nos ensina que “Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais”¹⁸², tudo isso provindo das atividades mentais negativas ou excessivamente presas aos limites da matéria. Por esse motivo é que podemos fazer refrão com o Espírito Áulus quando nos diz que estampamos “(...) no próprio corpo espiritual os sofrimentos de que (somos) portadores”¹⁸³.

A ser verdade tudo isso - e de fato o é —, torna-se final e decisivo que o perispírito tem participação impar nos fenômenos e nas manifestações mediúnicas e anímicas, sendo ele, portanto, o intermediário vital e indispensável da transmissão fluídica por ocasião do passe, da prece em favor dos outros e de nós mesmos, do próprio magnetismo pessoal e do intercâmbio com o chamado “reino dos mortos”.

Concluindo nosso estudo, busquemos André Luiz mais uma vez para observarmos como se dá o desprendimento do perispírito de um médium em serviço, através da ajuda do passe aplicado pelo plano espiritual: “Aproximou-se dele o irmão Clementino e, a maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito.

“Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros.

“Do tórax emanava com abundância um vapor embranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior.

“Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas.

“(...) Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada a direita e alaranjada a esquerda.

“Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto (...)

“Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico.

“Venfiquei, então, que desse contacto resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim.

“Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico”¹⁸⁴.

Das últimas palavras, ficam algumas questões que o leitor poderia, como sugestão, meditar a respeito:

1. Que seriam “passes de longo circuito” que o irmão Clementino aplicou em Castro?

¹⁸¹ DENIS, Léon. *A vontade e os fluidos*. In “*Depois da Morte*”, cap. 32, p. 210.

¹⁸² XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 325.

¹⁸³ XAVIER, Francisco Cândido. *Ante o serviço*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 4, pp. 41 e 42.

¹⁸⁴ XAVIER, Francisco Cândido. *Desdobramento em serviço*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 11, pp. 97 e 98.

2. Que vapor seria esse que saiu do corpo de Castro?
3. Por que Castro, se revelara maior, em perispírito, que seu corpo? Como e por que isso se dá?
4. Que cordão vaporoso era aquele que ligava Castro ao corpo?
5. Por que teria havido necessidade de uma segunda aplicação de passe?
6. Que se pensar das cores azul e laranja; cada uma num lado distinto do corpo espiritual de Castro?
7. Afinal, o que teria sido “engolido”, do perispírito de Castro, por seu próprio corpo?

São questões que, se não puderem ser bem respondidas por enquanto, depois que tivermos concluído o livro o leitor terá, com certeza grandes soluções. Portanto, vamos em frente!

2.6 - Uma Rápida Conclusão

O perispírito, este nosso companheiro de estrada ou, melhor dizendo, este nosso melhor indumento, necessita ser bem conhecido; afinal, não se trata de uma mera vestimenta física ou de uma insígnia para fazer registrar o “status” de seu possuidor. Muito mais que isso, é uma “máquina” multi-uso, de poderes tão variados e para atendimento de finalidades tão diversas que desconhecê-lo é, no mínimo, desperdício injustificável, mormente por quem quer extrair-lhe os melhores produtos. Assim como um computador, que quase nada vale se não sabemos usá-lo, o perispírito perde muito de suas potencialidades se lhe atribuirmos apenas a importante, mas limitada, função de gerenciar as atividades diretas e exclusivas de ligar o Espírito ao corpo. Assim como o computador não é, em si mesmo, inteligente, o perispírito igualmente não o é por não ser Espírito; enquanto o computador guarda funções e executa tarefas tão avançadas e de maneira tão eficiente, por resoluções que evidenciam a inteligência do homem que o concebeu e o opera, o perispírito, por um automatismo divino, interpreta o Espírito que lhe preside a existência. Assim como do computador não precisamos, necessariamente, entender a sua estrutura mecânica, física, elétrica e eletrônica para podermos operá-lo com proveito, mas, carecemos aprender a manuseá-lo, segundo sua concepção “filosófica” e fazer uso dos dispositivos para tal destinados, semelhantemente podemos deduzir que o Espírito em essência, nos é ainda inabordável, mas, é quase imperiosa a necessidade de conhecermos este indumento, suas funções e sob que leis se rege para, dessa maneira, extrairmos de sua essência, todas as suas potencialidades funcionais.

Quando inserimos o perispírito de forma destacada neste capítulo, foi porque ele é o melhor (e talvez o único, por enquanto) meio de entendermos e alcançarmos o Espírito, já que, suas evidências e seus registros deixados ao longo do tempo nos facilitam o entendimento. Por ele podemos avaliar funcionamento, limites e regência de leis na elaboração do relacionamento que temos, cada um de nós, com a matéria; e por ser fluidico, temos (e já o fizemos) como comprovar que sua estrutura funcional obedece às leis dos fluidos e, portanto, dirigido pela ação psíquica do seu senhor, o Espírito.

Fechemos esta parte deste capítulo com a palavra do Espírito Lamennais:

“O que uns chamam de *perispírito* não é senão o que outros chamam de envoltório material fluídico. Direi (...) que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das idéias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fuidos terrestres ainda lhe são de todo inerentes; logo, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos Superiores não podem experimentar, visto que os fuidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. (...) O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações.

“Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isto é outra questão. Compreendi primeiro, moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe o bastante, porém já chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vades mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois”¹⁸⁵ (grifo original).

3 - CENTROS DE FORÇA

Procuraremos fazer uma ligação entre os três “assuntos complementares”, recorrendo às palavras do Codificador: “Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados”.

“O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes”.

“(…) Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica a dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto, mais direta quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde”.

“Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contacto molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressentido uma impressão salutar; se forem maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades.

“Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispiríticos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais”¹⁸⁶ (grifamos).

Antes que detalhemos o assunto, indagamos: que seriam esses “poros perispirituais” a que se referiu Kardec? E quando ele questionou os Espíritos se a alma seria exterior ou interior ao corpo, que teriam quando os Espíritos realmente expressar com “A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo (...)”¹⁸⁷?

3.1 - Definições

Praticamente em toda e qualquer literatura que trate do assunto, nos depararemos com a ligação entre as terminologias: Centros de Força (também chamados de Centros Vitais por André Luiz) e chakras, sendo frisado que a palavra Chakra significa roda, em sânscrito.

Outra concordância comum é quanto a sua condição energética:

“(…) Podem ser encarados como vórtices de força” - Peter Rendel¹⁸⁸;

“Os chakras, ou centros de força, são pontos de conexão ou enlace pelos quais flui a energia de um a outro veículo ou corpo do homem” - Leadbeater¹⁸⁹;

¹⁸⁵ KARDEC, Allan. *Dos sistemas*. In “O Livro dos Médiuns”, 1ª Parte, cap. 4.

¹⁸⁶ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 18.

¹⁸⁷ KARDEC, Allan. *Da encarnação dos Espíritos*. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, cap. 2, item A alma, questão

¹⁴¹.
¹⁸⁸ RENDEL, Peter. *Introdução*. In “Os Chakras”, p. 11.

¹⁸⁹ LEADBEATER, C. W. *Centros de força*. In “Os Chakras”, cap. 1, item Os centros, p. 19.

“Estes chakras funcionam como terminais, através dos quais a energia (prana) é transferida de planos superiores para o corpo físico” - Keith Sherwood¹⁹⁰;

“Centros de Força ou Rodas são acumuladores e distribuidores de força espiritual, situados no corpo etéreo pelos quais transitam os fluidos energéticos (...)” - Edgard Armond¹⁹¹;

“Chakra é considerado como um intermediário de transferência de energia entre duas dimensões vizinhas do ser, tanto como um centro proporciona a conversão de energia entre um corpo e sua mente correspondente” - Hiroshi Motoyama¹⁹²;

“CHAKRAS SÃO CENTROS PSIQUICOS que estão sempre ativos no corpo, não importa se temos ou não consciência deles. A energia se move através dos chakras para produzir diferentes estados psíquicos” - Harish Johari¹⁹³ (Maiúsculas originais); e tantas e tantas outras.

3.1.1 - A Visão Espírita

Capturando as questões que propusemos há pouco, apesar de não podermos afirmar que por “poros perispiríticos” tenha Kardec explicitado os centros de força, nem que por “envoltórios” tampouco tenha se referido diretamente aos “corpos ou capas do espírito” tal como ensinados pelo esoterismo, não podemos esquecer que, pelo genérico com que muitos assuntos foram abordados, fica aberta a possibilidade de tirarmos algumas ilações de suas palavras mesmo que elas não tragam o cunho do explícito. Isto, contudo, não pode ser argumento para se importar ou se impor qualquer teoria ou hipótese ao corpo doutrinário: vale para que busquemos raciocínios, informações e, inclusive, crivemos coisas universalmente conhecidas e estudadas por doutrinas espiritualistas, pela ótica sempre avançada e firme do Espiritismo.

Tendo partido de constatação como esta, foi que, alguns Espíritos da maior credibilidade e autores com insuspeita isenção de ânimos e apurados sentidos críticos e analíticos, houveram por bem trazer à Doutrina Espírita tão ricos e profícuos estudos. Por eles, constatamos que os Centros de Força não constituem parte intrínseca da estrutura do Espírito, pois, são instrumentos desenvolvidos no corpo espiritual com o fim de realizar as adequações devidas entre os aspectos exteriores e interiores da realidade espiritual do ser imortal. Nosso confrade Jorge Andréa esclarece bem o assunto: “Vários estudos têm mostrado a existência, no perispírito, de discos energéticos (chakras), como verdadeiros controladores das correntes de energias, centrífugas (do Espírito para a matéria) ou centrípetas (da matéria para o Espírito), que aí se instalam como manifestações da própria vida. Esses discos energéticos comandariam, com as suas “superfunções”, as diversas zonas nervosas e de modo particular o sistema neurovegetativo, convidando, através dos genes e código genético, ao trabalho ajustado e bem ordenado da arquitetura neuroendócrina”¹⁹⁴.

“Como não desconhecem - diz o Espírito Clarêncio —, o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado”¹⁹⁵. E completa: “Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o “habitat” que Ihe compete. Mero problema de padrão vibratório”, acrescentando mais adiante: “Tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia no centro de força, que reage em nosso corpo a essa ou àquela classe de influxos mentais”¹⁹⁶ (grifamos).

¹⁹⁰ SHERWOOD, Keith. *Os chakras*. In “A Arte da Cura Espiritual”, cap. 6, p. 65.

¹⁹¹ ARMOND, Edgard. *Centros de força*. In “Passes e Radiações”, cap. 2, p. 46.

¹⁹² MOTOYAMA, Hiroshi. *Introdução*. In “Teoria dos Chakraas”, item *Os chakras e os nadis*, p. 21.

¹⁹³ JOHARI, Harish. *Prefácio*. In “Chakras”, p. 9.

¹⁹⁴ ANDRÉA, Jorge. *Perispírito ou psicossoma*, In “Forças Sexuais da Alma”, cap. 1, p. 36.

¹⁹⁵ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*. In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p. 126.

¹⁹⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*. In “Entre a Terra e o Céu”. cap. 20, p. 127.

Para estabelecer, em definitivo, o assunto, segundo a ótica espírita, deixamos com Clarêncio e André Luiz a palavra, na qual poderemos constatar o caráter sempre voltado para a moralidade com que ela, a Doutrina, se posiciona: “- Cada “centro de força” - ponderou André Luiz - exigirá absoluta harmonia, perante as Leis Divinas que nos regem, a fim de que possamos ascender no rumo do Perfeito Equilíbrio (...)

“- Sim - confirmou Clarêncio —, nossos deslizes de ordem moral estabelecem a condensação de fluidos inferiores de natureza gravitante, no campo eletromagnético de nossa organização, compelindo-nos a natural cativo em derredor das vidas começantes às quais nos imantamos”¹⁹⁷ (grifamos).

3.1.2 - A Visão Esoterista

Mesmo reconhecendo que as energias espirituais e mentais são preponderantes na ação desses centros de força, algumas escolas preferem se ater mais aos aspectos físicos ou, diríamos, mais materiais da questão, criando, inclusive, imagens para expressá-los como centros anímicos, igrejas, Iótus, estrelas, divindades, ou endereçando-os a prováveis correspondentes físicos, como os plexos, ou a elementos como o azoto, o éter, o ar, o fogo, a água e a Terra.

De uma forma genérica, no esoterismo não encontramos uma uniformidade sobre quase nada que diz respeito a tal assunto ou coligados, a começar pela definição do número de centros de força, como é o caso do budismo tibetano:

“Os chakras ou plexos psíquicos (em tibetano: khor-lo, literalmente “roda”) são os centros circulares formados sobre a veia central pela intersetção de muitas veias sutis e pela coleção de várias essências.

“(…) No sistema tântrico tibetano há um máximo de seis chakras principais, em confronto com os sete do sistema hindu. Só se usam, de hábito, cinco chakras na visualização interior tibetana e, não raro, só se menciona três”¹⁹⁸. Por este exemplo se vê que a questão do número é bem imprecisa. Portanto, não iremos nos fixar no caráter absoluto que alguns autores querem dar a suas hipóteses mas apenas aventaremos alguns pontos para conformar com nossas necessidades de entendimento e comparação.

O estudo dos chakras, assim como do perispírito, remonta a uma antiguidade muito distante. Por ter sido transmitido quase sempre de forma iniciática e muito privada, esteve restrito durante milênios e limitados ao oriente. Entrementes, ao contrário do que imaginava quem acreditava estivesse tal assunto, por assim tratado, isento de desvios e universalidade, ocorreu exatamente o contrário; o assunto ganhou as ruas, muitos adaptaram entendimentos, alguns impuseram ilações próprias e hoje é comum se encontrar, em qualquer livraria, literatura sobre o assunto. Contudo, é desnordeante o fato de não haver uma concordância entre os diversos autores sobre coisas, inclusive, consideradas básicas. Assim nos pronunciamos, no intuito de alertar quem queira conhecer o assunto com maior aprofundamento, quanto ao cuidado que deve ter quando estudar e interpretar as obras concernentes. Particularmente, tivemos dúvidas e entendimentos muito contraditórios quando tentamos estudar tal tema em sua vez primeira; e o fator causador foi exatamente essa falta de concordância. E como o assunto, além de envolver algumas abordagens, por subjetivas demais, complexas, invariavelmente é tratado de uma maneira muito mística e misteriosa, fica difícil um discernimento mais seguro enquanto não se tiver vasculhado um bom número de obras.

A visão esoterista dos chakras, portanto, não poderia, nem conviria, ser resumida neste espaço pois se assim fizéssemos criaríamos um emaranhado de conjugações de termos e valores que só tra-

¹⁹⁷ XAVIER, Francisco, Cândido. *Conversação edificante*. In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 21, pp. 131 a 133.

¹⁹⁸ CLIFFORD, Terry. *A medicina tântrica*. In “A Arte de Curar no Budismo Tibetano”, cap. 5, item *Os chakras e a esplendida visão interior*, p. 104.

ria mais problemas que soluções. Por isso, para quem queira proceder um aprofundamento na área, recomendamos sejam buscadas muitas obras, lidas todas mas tendo-se em mente, sempre, a recomendação paulina de que “leiamos tudo, retendo apenas o que for bom”. Neste campo, mais que em outros, todo cuidado é pouco!

3.2 - Sua Classificação

Busquemos a palavra do Espírito Clarencio a respeito: “Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o “centro coronário” que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. (...) Logo após, anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário” (...). Em seguida, temos o “centro laríngeo” (...). Logo após, identificamos o “centro cardíaco” (...). Prosseguindo em nossas observações, assinalamos o “centro esplênico” (...). Continuando, identificamos o “centro gástrico” (...) e, por fim temos o “centro genésico”.

“(...) Tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para a Glória Divina”¹⁹⁹ (grifamos).

3.3 - Sua Localização

Uma coisa podemos ter como certa: os centros de força têm seus correspondentes (não confundir com “suas identidades”) no corpo orgânico; partindo daí podemos fazer uma localização geográfica, correspondendo-os aos plexos com que se relacionam, desde que, atentemos para o fato de que os centros de força em si não se acham encerrados no corpo físico, mas no perispírito. pelo que eles podem se encontrar, como são registrados pelos estudos da aura, externos ao corpo orgânico, ainda que se afunilem em direção àquele. E quando dizemos “se afunilem”, o dizemos de forma literal, pois, as informações existentes, sobre a forma dos centros de força, são concordes em todas as Escolas, ou seja: são como funis que giram num determinado sentido, formando minifuracões, miniredemoinhos, com a “boca” desses funis direcionada ao espaço etérico (vide FIGURAS 2.A e 2.B).

Dessa forma teríamos:

<u>Centro de Força</u>	<u>Plexo Correspondente</u>	<u>Localização</u>
Coronário	Coronário	Alto da cabeça
Frontal	Frontal (Carótico)	Fronte (Lobo frontal)
Laríngeo	Laríngeo (Faríngeo)	Na garganta
Cardíaco	Cardíaco	Sobre o coração
Gástrico (Solar)	Gástrico (Solar)	Sobre o estômago
Esplênico	Esplênico (Mesentérico)	Sobre o baço
Genésio (Básico)	Coccígeo (Hipogástrico)	Baixo ventre

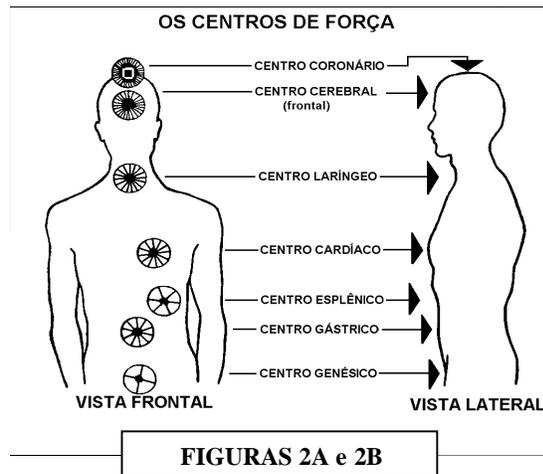
Como já vimos acima, o confrade Jorge Andéa preferiu chamar os chakras de “discos energéticos”, relacionando-os ao perispírito (psicossoma). Assim se expressa ele: “A zona mais externa do psicossoma, onde se expressam os discos energéticos, é a mais rica de vibrações e colorido, variando de um para outro disco, na dependência da importância fisiológica de que estão investidos”. São muitos; mas os principais e dignos de citação são em número de sete, e, pela localização, podemos classificá-los em:

¹⁹⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*. In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.128.

- “a) epifisiário - no centro do crânio;
- “b) frontal - ao nível do lobo frontal;
- “c) laríngeo - na região cervical (pescoço);
- “d) cardíaco - na região pericordial (coração);
- “e) solar - na região epigástrica (correspondendo ao fígado);
- “f) esplênico - na região esplênica (correspondendo ao baço); e
- “g) hipogástrico ou genésico - na região hipogástrica (correspondendo á bexiga)²⁰⁰.

3.4 - Suas Funções

Um fator que nos faz ponderar acerca de uma necessidade, tão-só meridiana, de conhecermos o assunto é a parcimônia com que os Espíritos sérios têm tocado no tema; enquanto alguns a eles se referem in passant, mencionando-os por terem sido acionados e não adiantando nada mais além, apenas com André Luiz registramos uma infomação mais direta, mais aberta, mais explícita.



FIGURAS 2A e 2B
apenas, os centros de força.

Isto posto, iremos ver as funções desses sete centros de força, com moderada reflexão, a fim de que a precipitação não nos projete a emaranhados de dúvidas, nem nos fixemos no comodismo de desconhecer esses verdadeiros canais de assimilação e projeção do perispírito. Afinal, concordemos ou não, para que tenhamos um aprofundamento dos conhecimentos que envolvem a fluidoterapia, faz-se indispensável consideremos, ainda que por hipótese

apenas, os centros de força.

3.4.1 - Do Centro Coronário

Assim se refere o Espírito Clarêncio: “(...) Nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do Espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência. Considerando (...) os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos da simplicidade (...), dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior, capazes de favorecer a sublimação da alma”²⁰¹.

André Luiz, que registrou as informações acima, diz mais em outra obra²⁰², quando relaciona ditos centros de força com o perispírito, neste identificando “O centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro, que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencamada, nas cintas de aprendizado que Ihe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que Ihe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las”. E acrescentou: “Temos particu-

²⁰⁰ ANDRÉA, Jorge. *Psicossoma*. In “*Nos Alicerces do Inconsciente*”, cap. 2, p.69.

²⁰¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “*Entre a Terra e o Céu*”, cap. 20, p.127.

²⁰² XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

larmente no centro, coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do Espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

“Dele parte, desse modo, a corrente de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e Conduta”²⁰³.

3.4.2 - Do Centro Cerebral

Continuemos com a palavra de Clarêncio²⁰⁴: “(...) Anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário”, que ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber. É no “centro cerebral” que possuímos o comando do núcleo endócrino, referente aos poderes psíquicos”.

André Luiz novamente acrescenta mais algum detalhe²⁰⁵: “Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma, e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras (...)”.

Pela exposição das funções desses dois primeiros centros de força, onde a espiritualidade já consigna ao primeiro o título de centro principal e, ao segundo, o de mais importante dos secundários, podemos, clara e linearmente, perceber a importância maior dos que estão acima sobre os que lhe são subsequentes, na disposição “geográfica” do corpo humano. Isto é valioso ser registrado, pois, estes dois centros de força têm excepcional importância não apenas na vida física, como na psíquica e na espiritual propriamente dita; registre-se, portanto, o valor que é dado à seqüência “alto para baixo”, “partes superiores a partes inferiores”, “cabeça aos pés”, etc. Esta seqüência, a nível de grau de importância, não é privativa dos Espíritos nem dos espíritas; ela é comum a todas as filosofias e escolas que estudam os chakras, apesar de várias delas, na hora da prática, esquecerem este “pequeno detalhe”. Precisaremos dessa observação mais adiante.

3.4.3 - Do Centro Laríngeo

Voltamos a palavra a Clarêncio²⁰⁶: “Em seguida, temos o “centro laríngeo”, que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide e das paratireóides”, “(...) controlando notadamente a respiração e a fonação”²⁰⁷. André Luiz.

3.4.4 - Do Centro Cardíaco

Continuemos, respectivamente, com Clarêncio²⁰⁸ e André Luiz²⁰⁹: “Logo após, identificamos o “centro cardíaco”, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral (...)”, “(...) dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base”.

²⁰³ XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, item Centro coronário, p. 27.

²⁰⁴ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

²⁰⁵ XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

²⁰⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

²⁰⁷ XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

²⁰⁸ XAVIER, Francisco Cândido. *Conflitos da Alma*, In “Entre a Terra e o Céu”, cap. 20, p.127.

²⁰⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 2, item Centros vitais, p.26.

Jorge Andréa, se referindo ao “disco cardíaco”, lembra ainda que ele “responderia pelas energias em todo o aparelho circulatório, dando orientação aos fenômenos da zona de “vitalização”²¹⁰.

3.4.5 - Do Centro Esplênico

Permita-nos o leitor continuemos com Clarêncio e André Luiz, na mesma seqüência e obras como vimos fazendo: “(...) Assinalamos o “centro esplênico”, que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos Servimos”, “(...) determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo”.

3.4.6 - Do Centro Gástrico

E vamos prosseguindo com a mesma dupla acima, na mesma ordem: “(...) Identificamos o “centro gástrico”, que se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização”, e “pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluidicos penetrando-nos a organização”.

3.4.7 - Do Centro Genésico

Concluamos com os mesmos Espíritos que nos orientaram nos seis centros anteriores, na mesma seqüência: “(...) Por fim, temos o “centro genésico”, em que se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos”, por isso mesmo “(...) Guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas”.

3.4.8 - Gerais

Já tivemos oportunidade de registrar que o Espírito André Luiz também tituló os centros de força como “centros vitais”; eis, então, sua visao mais generalizada dos mesmos: “São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos, no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação”²¹¹. Mas ele não parou por aí: “(...) Os centros vitais (...) são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontra no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes na Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro”²¹².

No prosseguimento, André Luiz nos fala desses centros no indivíduo que desencarna, os quais, como resultante no perispírito, sofrem variações, “segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam (...), apresentando transformações fundamentais (...) principalmente no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico, quando há

²¹⁰ ANDRÉA, Jorge. *Psicossoma*. In “*Nos Alicerces do Inconsciente*”, cap. 2, p. 69.

²¹¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “*Evolução em Dois Mundos*”, cap. 2, item *Centros vitais e células*, p. 28.

²¹² XAVIER, Francisco Cândido. *Corpo espiritual*. In “*Evolução em Dois Mundos*”, item *Exteriorização dos centros vitais*, p. 29.

sublimação do amor, na comunhão das almas que se reúnem no matrimônio divino das próprias forças, gerando novas fórmulas de aperfeiçoamento e progresso para o reino do Espírito”²¹³.

Assim encontramos André Luiz, com sua visão espiritual, fazendo verdadeira precognição quanto ao futuro da Ciência Médica, quando do encontro desta com as realidades do perispírito e dos centros de força, não por extensão de um materialismo que se torna, a cada dia, mais filosófico e metafísico, mas pela evidência irrefutável do impalpável - com sói acontece às ondas de uma emissora de rádio - que se tornará captável, não apenas pelos sentidos psíquicos e mediúnicos, porém pela parafernália eletrônica que se avizinha do nosso cotidiano comum, de forma irreversível, avassaladora. Neste campo específico, a obra “Teoria dos Chakras” de Hiroshi Motoyama já apresenta, ao final, toda uma maquinaria eletrônica por ele utilizada para medir campos e pontos energéticos do corpo humano e, segundo ele, astral também. Dito autor, hoje, é ovacionado por muitos cientistas de várias partes do mundo pelo cunho muito sério que vem dando às suas pesquisas.

3.4.9 - Exemplos de Passes nos Centros de Força

Até mesmo para não tornar a leitura cansativa, faremos apenas dois registros de exemplos, onde fica bem evidenciada a ação dos passes por interveniência dos centros de força; ambos exemplos serão extraídos de uma mesma obra espírita, posto que as palavras de André Luiz e Clarêncio, já mencionadas, deixam claro que este assunto não é, necessariamente, doutrina estranha.

“O obsessor dominava-o, quase completamente, acoplando-se aos centros de forças com toda a pujança do desejo irrefreável.

“(…) A única medida apaziguadora e oportuna será um ligeiro sono.

“Acercou-se do leito (...) e aplicou-lhe energias relaxadoras, que, adicionadas ao desgaste emocional dos momentos vividos, passaram a um efeito quase imediato.

“Dirigidas aos centros cerebral e solar, acalmaram-lhe a mente e as emoções inferiores (...)”²¹⁴ (Manoel Philomeno de Miranda) (grifos originais).

“(…) Conseguiu, também, através da aplicação correta de bioenergia nos centros coronário e cerebral, diluir as ideoplastias (...)”²¹⁵.

Uma outra fonte riquíssima de informações, mormente sobre os centros coronário e genésico, se encontra na obra “No Mundo Maior” de André Luiz, onde o aprofundamento das questões do cérebro e da mente são de uma riqueza indescritível. Deixamos ao leitor a sugestão dessa infatigável e enriquecedora leitura.

3.5 - Desarmonia dos Centros de Força

Desde que podemos assimilar a ação dos centros de força até mesmo por força das ações orgânicas do corpo humano, de igual sorte podemos entender que sua desarmonia, sua disfunção, repercutirá diretamente nos veículos somático e perispiritual, pelo que importa tenhamos-los harmonizados, equilibrados, em perfeito funcionamento.

Já observamos que nossa condução mental influi, direta e decisivamente, em nosso hálito fluídico, e este, por sua vez, impressiona nosso “corpo e espiritual”; se equilibrado e hârmônico, transtorna defeitos em “virtudes”, mazelas físicas em saúde pela substituição osmótica ou indireta das moléculas desarmonizadas ou doentes por moléculas sãs; se em desequilíbrio, transmite deficiên-

²¹³ FRANCO, Divaldo Pereira. *Nefasta planificação desarticuladora*. In “*Loucura e Obsessão*”, cap. 14, pp. 174 e 175.

²¹⁴ FRANCO, Divaldo Pereira. *Nefasta planificação desarticuladora*. In “*Loucura e Obsessão*”, cap. 14, pp. 174 e 175.

²¹⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. *As consultas*. In “*Loucura e Obsessão*”, cap. 3, p. 35.

cias, marcas e doenças, a maior ou menor prazo, com mais forte ou mais brando efeito, sob ação temporal ou com reflexos crônicos.

De maneira direta, nosso agir e nosso pensar desequilibrados fazem surgir desarmonias nos centros de força que, para se restabelecerem, carecem do restabelecimento do seu portador. E isso não se dá pelo simples acionar de uma chave chamada “ativação dos centros de força” e sim pelo reequilíbrio do “campo” que gerou o “defeito”. E, disso todos temos plena convicção, não será um simples passe que resolverá, nem mesmo uma oração balbuciada pelo reflexo condicionado apenas de se juntar palavras; são os passes e a prece veículos intercessórios, medicamentos reparativos complementares, que, embora dos mais úteis e, diríamos, indispensáveis, não são a base real do reequilíbrio e da rearmonização dos centros de força, a qual se estriba na reforma moral, pelo “carregar a própria cruz”, sem blasfêmias, sem alvoroços, sem temeridade.

Rearmonizar os centros de força, portanto, é reformar-se moralmente, agindo de maneira cristã em todos os momentos da vida. Mas, como isso não é comum às nossas ampliadas comodidades, a nós, falíveis espíritos devedores, nos cabe exercitar por possuí-las pelo perdão, pela fraternidade e pela compreensão, ajudando, socorrendo e, sobretudo, orando por nosso próximo. Dessa forma vibraremos em ondas de mais elevado teor moral, fazendo valer nosso centro coronário como captador das boas energias espirituais para distribuir o equilíbrio devido aos demais centros, assim espiritualizando nossa matéria, como nos propôs Emmanuel na nota que abriu nosso capítulo.

3.6 - A Kundalini

Apenas para não deixar de mencionar, registramos este item, posto que vários autores fazem referência a tal tema, alguns chegando mesmo a sugerir o “despertar da kundalini” nas práticas Espíritas. O nível de desinformação e desencontro que envolve o assunto, entretanto, é tão grave que não recomendamos esse “despertar”.

Para se ter uma idéia, enquanto alguns afirmam que a kundalini provém do “centro da Terra”, outros dizem que ela se assenta e se origina “no centro básico” do homem, enquanto outros garantem que ela é uma das energias vindas do sol. Por outro lado, em existindo essa força, essa energia é excessivamente material, venha de onde vier, parta de onde partir, pois, pela maioria que a estuda e a propaga, é ela classificada como violenta, materializante, bruta, ígnea e profundamente ligada à parte mais triste da sexualidade. Isso, cremos, já bastaria para convirmos que não é de boa medida sua busca, seu desenvolvimento, muito menos utilizá-la para “acionar, rodar ou ativar os centros de força”; pelo menos como alguns vêm ensinando.

Antes de tudo, temos uma visão Espírita, baseada no Evangelho de Jesus, que nos recomenda valorizemos nossa elevação pela reforma moral, pelo esforço em corrigir os próprios defeitos, pela prática do bem sem segundas intenções, além de buscarmos forças nos Planos Espirituais através da prece sentida e sincera, pois, nosso progresso se dá pela ação efetiva do amor, trabalho e renúncia e não por meros exercícios de concentração, meditação e reclusão. Por isso, não julgamos seja uma atitude de bom senso o querer fazer com que essa força seja a substituta das energias espirituais mais elevadas no papel de rearmonização dos centros de força, nem mesmo das energias solares. Eis por que não aceitamos como de boa medida o chamado “despertar da kundalini”, que vem a se confundir, em claro português, com um trânsito de energias densas e restritivas por nosso corpo, via maior adensamento do duplo etérico, ativando, de baixo para cima, nossos centros de força.

Queremos ativar chakras? Busquemos o Evangelho. Queremos renovar energias? Cumpramos o Evangelho. Queremos sublimar energias? Vivamos o Evangelho. Tudo o mais nos virá por acréscimo da bondade de Deus!

CAPÍTULO V - QUEM É QUEM NO PASSE

“Nem todos os homens são sensíveis à ação magnética, e, entre os que o são, pode haver maior ou menor receptividade, o que depende de diversas condições, umas que dizem respeito ao magnetizador e outras ao próprio magnetizado, além de circunstâncias ocasionais oriundas de diversos fatores”. (Michaelus)²¹⁶.

Antes que iniciemos o estudo do “quem é quem” propriamente dito, analisemos três fatores de alta relevância para o entendimento e a consecução do passe.

1. FÉ, MERECIMENTO E VONTADE

1.1- A Fé

“O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que, a um grande poder fluídico normal, junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: “Se não o curastes, foi porque não tendes fé” (Allan Kardec)²¹⁷. (Grifos nossos.)

Na verdade não há muito o que interpretar dessas palavras de Kardec; apenas ressaltamos a ponte existente entre a fé e a ação fluídica por obra da “força da sua vontade”. Desnecessário, portanto, dizer que a ausência da fé, por parte do passista, é a anulação prática de seu “poder” e, no paciente, é a falta do catalisador fundamental da cura. É, como disse Anna, rainha da Romênia, quando prefaciou George Chapman: “Serão salvos os que tiverem fé”²¹⁸.

Na pena de Léon Denis, observamos uma notável síntese deste assunto: “a fé vivaz, a vontade, a prece e a evocação dos poderes superiores amparam o operador e o sensitivo. Quando ambos se acham unidos pelo pensamento e pelo coração, a ação curativa é mais intensa”²¹⁹ (grifamos). Dispensável qualquer outro comentário.

Colocando-nos na posição daquele que não crê, ou não o quer, diríamos: “até parece que ter fé é uma coisa simples, fácil, que se pode conseguir sem maiores esforços”; mas, na realidade, não o é. Considerando determinados padrões de relatividade, não podemos dizer que ter fé seja fácil ou difícil, mas, sem dúvida, é adquirível. Afinal, conforme Kardec, “Entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela é uma espécie de lucidez (...)”. Entretanto, “Cumpra não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade”²²⁰, ao que reforça as palavras de Chico Xavier, ensinando-nos como consegui-la: “A conquista da fé, a nosso ver, se faz menos penosa, quando resolvemos ser fiéis, por nós mesmos, às disciplinas decorrentes dos compromissos que assumimos”²²¹.

Fé, portanto, é ação. É a confiança operando. Ao contrário do que muitos imaginam, a fé não é a passividade acomodada nem a expectativa contemplativa; ela nos solicita raciocínio, razão, paci-

²¹⁶ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 58.

²¹⁷ KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. 19, item 5.

²¹⁸ CHAPMAN, George. Prefácio. In “Encontros Extraordinários”, p. 1.

²¹⁹ DENIS, Léon. A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo. In “No Invisível”, 2ª Parte, cap. 15, p. 181.

²²⁰ KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. 19, itens 3 e 4.

²²¹ XAVIER, Francisco Cândido e ARANTES, Hércio Marcos C. Questões da atualidade. In “Encontro no Tempo”, cap. 3, pergunta 28, p. 30.

ência, trabalho e humildade. Daí nos preocuparmos com os esclarecimentos que devem ser dados aos pacientes e aos Espíritos em geral, a fim de, compreendendo a maneira como se dão as curas, possamos usar a razão, que nos fará rejeitar os absurdos, com a paciência humilde do “Pai Nosso, (...) seja feita a vossa vontade” - e não necessariamente “a nossa” -, confiantes de que nossas dores de hoje, se bem suportadas, transformar-se-ão nas glórias de amanhã.

A fé, contudo, não é artigo apenas dos religiosos. Saiunav, como outros magnetizadores de todos os tempos, lhe faz referência. Eis um exemplo: “Se o agente sabe *como* extrair de si o “bio-campo”, o “biochoque” (...), duvidar da capacidade de projetar do seu interior esse algo, ele nada conseguirá.

“(...) É *imprescindível* a confiança inabalável em si próprio, nas próprias forças, na própria vontade, na própria capacidade. De fato, só a fé é capaz de mover montanhas!”²²² (Grifos originais.)

Enaltecendo a fé através do pensamento e da vontade firme na execução de uma ação, Michaelus reforça que “A vontade por si só não terá a virtude de tornar eficiente a ação magnética, se não for acompanhada de um outro elemento - a confiança”, lembrando, ainda, que “O elemento confiança há de surgir necessária e logicamente da nossa fé e do auxílio que sempre recebemos do Alto”²²³.

Até mesmo como um alento a quem esteja desesperado, por qualquer que seja o motivo, lembramos as palavras de José, Espírito Protetor, quando, discorrendo sobre “A Fé: mãe da Esperança e da Caridade”, nos convida, esclarecendo: “Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé”²²⁴.

Portanto, para *quem recebe* e para *quem doa* o passe, a fé há de ser o luzeiro que descortinará o horizonte promissor da cura: material, moral e espiritual.

1.2 - O Merecimento

Para se entender o merecimento em maior profundidade faz-se necessário recorrer-se à teoria reencarnacionista. Como esse tema, por si só, comporta muitos volumes e não é nosso objetivo precípuo aqui pormenorizá-lo, limitar-nos-emos a um raciocínio de Kardec, simples e por demais objetivo, o qual se não leva os descrentes a aceitar a reencarnação, pelo menos os induz a pensar e reconhecer, logicamente, que sua possibilidade é mais racional e justa que sua negação pura e simples: “(...) por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias (doenças incuráveis ou de nascença, mortes prematuras, reveses da fortuna, pobreza extrema, etc.) são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. (...) não podendo Deus punir alguém pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus”²²⁵. (Grifos originais; parênteses, síntese, do autor.)

Isto colocado, afiançamos que a questão do merecimento está diretamente vinculada aos débitos do passado, tanto desta quanto de outras vidas, como aos esforços que vimos empreendendo para nos melhorarmos física, psíquica, moral e espiritualmente.

Se na vida anterior sujeitamos nosso corpo a pesados e indevidos desgastes, não só o teremos comprometido como igualmente nosso perispírito terá assimilado as conseqüências de tais mazelas. Em decorrência, nosso órgão perispiritual transferirá ao novo corpo as deficiências localizadas, as quais, dependendo da extensão e gravidade dos delitos, se demorarão para normalizar, ensejando-nos o aprendizado da valorização das reais finalidades orgânicas.

²²² SAIUNAV, V. L. In “O Fio de Ariadne”, p. 29.

²²³ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 4, p. 34.

²²⁴ KARDEC, Allan. *A fé transporta montanhas*. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap 19, item 11.

²²⁵ KARDEC, Allan. In “Bem-aventurados os aflitos”. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap.5, item 6.

Por outro lado, se temos problemas pulmonares devido ao fumo e queremos nos tratar, mas não abandonamos o cigarro, por mais ingentes sejam os esforços fluídicos empregados para a cura, tudo redundará em falhas ou ineficiência (recorde-se o caso anteriormente apresentado - item 1.2.3 deste - da assistência espiritual por apenas dez vezes). Num outro exemplo, se queremos tratar algum problema, sobretudo se psíquico ou perispiritual (cármico), e não nos esforçamos por melhorar nosso mundo mental, nosso padrão vibratório, nosso campo psíquico, dificilmente conseguiremos atingir nosso desiderato. Situações tais, vulgarmente chamadas de “ausência de merecimento”, são fatores a se considerar no tratamento fluidoterápico.

Como a situação da falta de merecimento está vinculada diretamente à nossa inferioridade, poucos são os que aceitam tal explicação com tranqüilidade, pois, mesmo sendo quem somos, acreditamo-nos melhores do que na realidade o somos e, por isso mesmo, queremos “driblar” a Espiritualidade fazendo rápidas e curtas boas ações, com isso imaginando adquirir a “senha” do merecimento. Mas, se é verdade que Deus não está “lá em cima com um caderninho” anotando tudo o que fazemos (os registros de nossos atos se dão em nossa própria consciência), é igualmente verdadeiro que vibramos e emitimos ondas psíquicas em nosso derredor de acordo com nossa realidade íntima e não com as aparências que procuramos apresentar. Afinal, o merecimento está estabelecido em leis de justiça e amor, vinculado tanto ao presente quanto ao passado espiritual de cada um. Como reforço, observemos algumas citações extraídas das obras de André Luiz onde vemos a importância do merecimento nos tratamentos:

“Em todo lugar onde haja merecimento nos que sofrem e boa vontade nos que auxiliam, podemos ministrar o benefício espiritual com relativa eficiência”²²⁶ (Alexandre).

“Ao toque da energia emanante do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o próprio enfermo, na pauta da confiança e do merecimento de que dá testemunho, emite ondas mentais características, assimilando os recursos vitais que recebe (...)”²²⁷ (André Luiz).

“No terreno das vantagens espirituais, é imprescindível que o candidato apresente uma certa “tensão favorável”. Essa tensão decorre da fé. Certo não nos reportamos ao fanatismo religioso ou à cegueira da ignorância, mas sim à atitude de segurança íntima, com reverência e submissão, diante das Leis Divinas (...)”²²⁸ (Áulus).

A propósito dessa “tensão”, o grande apóstolo do magnetismo, H. Durville, ao seu “Tratado Experimental de Magnetismo”, nos coloca: “No indivíduo são e bem equilibrado, pode-se admitir que a *tensão magnética é normal*. Em todos os casos, se essa tensão é aumentada, produz-se um aumento da atividade orgânica; se, ao contrário, é diminuída, a atividade orgânica diminui e, em ambos os casos, o equilíbrio funcional se rompe. Não é sempre assim nos enfermos, porque é fácil compreender que, aumentando a tensão onde ela está diminuída e a diminuindo onde ela está muito considerável, levam-na pouco a pouco ao seu estado normal, e o conjunto das funções orgânicas retoma o equilíbrio que constitui a saúde, com a condição, todavia, de que os órgãos essenciais à vida não sejam muito profundamente alterados.

“Tal princípio constitui a base de toda a terapêutica do magnetismo”²²⁹ (grifos originais).

Como bem podemos notar, nos dois casos a “tensão magnética” é considerada como fator de doação e receptividade fluídica; assim sendo, reconhecendo-se que a fé exerce um poder determinante em relação a tal tensão, não há que duvidar de sua necessidade nos tratamentos fluidoterápicos.

Num outro aspecto do merecimento, o médium Chico Xavier lembra, quando consultado sobre a possibilidade de alguém receber uma cura mesmo sem fé, que “(...) os Espíritos aconselham *um*

²²⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 168.

²²⁷ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismo do passe*. In “*Mecanismos da Mediunidade*”, cap. 22, p. 147.

²²⁸ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 17, p. 168.

²²⁹ LHOMME, José. *A gradação das faculdades curadoras*. In “*O Livro do Médium Curador*”, cap. 4, item *Princípio de base*, p. 46.

Espírito de aceitação. Primeiramente, em qualquer caso da doença que possa ocorrer em nós, em nosso mundo orgânico, *o espírito de aceitação* torna mais fácil para o médico deste mundo ou para os benfeitores espirituais do outro atuarem em nosso favor. Agora, a nossa aflição ou a nossa inquietação apenas perturbam os médicos neste mundo ou no outro, dificultando a cura. (...) Muitas vezes temos conosco determinados tipos de moléstias, que nós mesmos pedimos, antes da nossa reencarnação, para que nossos impulsos negativos ou destrutivos sejam treinados. Muitas frustrações que sofremos neste mundo são pedidas por nós mesmos, para que não venhamos a cair em falhas mais graves do que aquelas em que já caímos em outras vidas”²³⁰ (grifamos).

Finalizando, lembramos que não existe tratamento impossível, mesmo porque esta palavra, bem como milagre, não consta do dicionário Divino. Basta lembrar a máxima do Cristo de que “A fé transporta montanhas”²³¹, o que nos dá a dimensão da fé e, conseqüentemente, do poder da Divindade. Se alguns tratamentos não produzem os frutos que seriam almejados, é porque a lei de causa e efeito é uma lei de justiça; ademais, com nossa cegueira espiritual, muitas vezes não queremos ver a ação além dos limites estreitos do imediatismo material, não nos ocorrendo que, mesmo sem a recomposição orgânica, é comum, pela evangelização, alcançarmos verdadeiros prodígios no campo da paciência, da renúncia, da compreensão, da prudência, da harmonia interior e da renovação de ânimos que, por si sós, nos projetam a condição dos que, parafraseando Jesus²³², “vêm pois que têm olhos para ver”.

1.3 - A Vontade

Apesar da fé e do merecimento serem importantes fatores (ditos subjetivos) em qualquer análise séria sobre as chamadas “curas espirituais” nem todos escritores e pesquisadores não Espíritas levam-nos em consideração. Já no tocante à vontade, encontramos unanimidade sobre seu efeito e necessidade, em toda e qualquer Escola, ainda que algumas utilizem nomes diferentes para designar tão importante agente.

Iniciemos seu estudo com Kardec: “Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? (...) A vontade é atributo essencial do Espírito (...). Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas”. E continua: “Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí *o poder do magnetizador*, poder que se sabe *estar na razão direta da força de vontade*. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites”²³³ (grifamos). E, na palavra dos Espíritos que lhe responderam, já vimos que “Se magnetizas com o propósito de curar (...) e invocas *um bom Espírito* (...), *ele aumenta a tua força e a tua vontade*, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias”²³⁴ (grifamos).

A clareza e a objetividade destas palavras são irreprocháveis. Tratam desde a origem, a sede da vontade, até seu alcance, sua desenvoltura, ligando-lhe a intensidade aos sucessos magnéticos da cura. A vontade, não podendo ser confundida como uma técnica em si, é a propulsora da ação fluidoterápica por excelência, tanto a nível de emissão fluídica como de recepção.

Complementariamente, os Espíritos ainda nos garantem que ela pode ser aumentada por suas influências e ajudas, indiretamente confirmando-nos que, de fato, somos por eles dirigidos²³⁵.

Prosseguindo, busquemos uma informação originária de uma obra antiga:

²³⁰ SILVEIRA, Adelino da. *Merecimento e aceitação*. In “Chico, de Francisco”, 2ª Parte, pp. 86 e 87.

²³¹ Mateus, XVII, v. 20.

²³² Mateus, XIII, v.9.

²³³ KARDEC, Allan. *Do laboratório do mundo invisível*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 8, item 131.

²³⁴ KARDEC, Allan. *Dos médiuns*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 176, questão 2ª.

²³⁵ Veja-se “O Livro dos Espíritos”, questão 459, a ser comentada no capítulo VII.

“Uma vontade decidida é o princípio indispensável de todas as operações magnéticas (...)” (Autor anônimo hebreu)²³⁶.

Vejamos outras citações para exemplificar:

“(...) A força posta em atividade não irradia em todos os sentidos, mas se transmite na direção que lhe assina a vontade” (Albert de Rochas)²³⁷.

“Emilie Coue, a maior metafísica da França, escreveu: “(...) Nossas ações vêm de nossa vontade, e não de nossa imaginação”²³⁸.

“A vontade ativa representa a decidida determinação de alcançar um objetivo definido. Esta vontade e o magnetismo são inseparáveis” (V. Turnbull)²³⁹.

“(...) E mostraremos que não só a vontade existe realmente, como faculdade da alma, mas também que exerce seu poder, durante a vida, fora do corpo terrestre e, a *fortiori*, além do perispírito no espaço (...) Nós (...) sustentamos que a vontade é uma faculdade do Espírito; que ela existe positivamente como potência; que sua ação se revela claramente na esfera do corpo e que pode mesmo projetar a distância sua energia (...) Esse poder da alma sobre o corpo pode chegar até a vencer a enfermidade. Muitas vezes, uma vontade enérgica consegue restabelecer a saúde (...)” (Gabriel Delanne)²⁴⁰.

Voltemos a Kardec: “O Sr. Jacob, não tocando no doente, não fazendo mesmo nenhum passe magnético, o fluido não pode ter por motor e propulsor senão a vontade”²⁴¹.

“Mas se a vontade for ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem mole, *distraído*, a corrente é mole, a emissão é fraca; o fluido espiritual pára nele, mas sem que o aproveite; no homem de vontade enérgica, a corrente produz o *efeito de uma ducha*. Não se deve confundir vontade enérgica com teimosia, porque esta é sempre resultado do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter a vontade do devotamento”²⁴² (grifos originais).

Noutro momento, Kardec transcreve uma mensagem de Mesmer, Espírito:

“Existindo no homem a vontade em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas tanto serviu para curar, quanto para aliviar. (...) A vontade tanto desenvolve o fluido animal quanto o espiritual, porque, todos sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo. e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro”²⁴³.

Observemos o que diz Paulo, apóstolo, em mensagem psicografada: “Uma palavra sobre os médiuns curadores... Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando, por vezes, dizia eu quero, a palavra estava cheia de unção (...)”²⁴⁴ (grifos originais). É de se admirar e reconhecer toda pujança presente numa vontade pura; sedimentada no amor vivido e exemplificado, torna-se uma vontade verdadeiramente divina. Eis o que o Cristo nos ensinou; eis o que Paulo nos lembra!

Léon Denis, com sua síntese, nos concede outra jóia de raciocínio:

²³⁶ MALIK, Malcom. *El arte de magnetizar*. In “*El Art de Magnetizar al Alcance de Todos*”, pp. 85 e 86.

²³⁷ ROCHAS, Albert De. In “*Exteriorização da Sensibilidade*”, Nota “L”, p. 206.

²³⁸ SHERWOOD, Keith. *A enfermidade mental*. In “*A Arte da Cura Espiritual*”, cap. 4, p.41.

²³⁹ TURNBULL, V. Lição 18. In “*Curso de Magnetismo Pessoal*”, p. 85.

²⁴⁰ DELANNE, Gabriel. In “*A Alma é Imortal*”, Quarta Parte, pp. 289 a 293.

²⁴¹ O ZUAVO, Jacob. “*Revista Espírita*”, nov. 1867, p. 346.

²⁴² Da mediunidade curadora. “*Revista Espírita*”, set. 1865, p. 253.

²⁴³ Médiuns curadores. “*Revista Espírita*”, jan. 1864, p. 7.

²⁴⁴ Médiuns curadores, *Ibidem*. p. 8.

“A vontade de aliviar, de curar, comunica ao fluido magnético propriedades curativas”²⁴⁵. Ao que André Luiz acrescenta: “Pelo passe magnético (...), notadamente naquele que se baseie no manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência, se recomponha para o equilíbrio indispensável”²⁴⁶. E, sendo mais explícito ainda, ratifica dizendo: “Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais, a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade”²⁴⁷, complementando que “O processo de socorro pelo passe é tanto mais eficiente quanto mais intensa se faça a adesão daquele que lhe recolhe os benefícios, de vez que a vontade do paciente, erguida ao limite máximo de aceitação, determina sobre si mesmo mais elevados potenciais de cura.

“Nesse estado de ambientação, ao influxo dos passes recebidos, as oscilações mentais do enfermo se condensam, mecanicamente, na direção do trabalho restaurativo, passando a sugerir-lo às entidades celulares do veículo em que se expressam, e os milhões de corpúsculos do organismo fisiopsicossomático tendem a obedecer, instintivamente, às ordens recebidas, sintonizando-se com os propósitos do comando espiritual que os agrega”²⁴⁸.

Em outra oportunidade, este Espírito correlaciona a mente, o corpo, o perispírito e a vontade, numa panorâmica de incedível profundidade: “Tomando (...) o sistema cerebral por gabinete administrativo da mente, reconheceremos sempre que a conduta do corpo espiritual está submetida ao governo da nossa vontade”²⁴⁹. E não apenas isso; a “corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada Espírito com qualidade de indução mental, tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande.

“(...) No reino dos poderes mentais (...), a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. (...) O fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético.

“Compreendemos (...) que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto, imponderáveis na Terra) de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade”²⁵⁰.

Quanto à ausência da vontade, partindo da premissa de que quem não confia no que faz não tem boa vontade sobre o que quer: “A falta de confiança, diz Aubin Gauthier, faz o timorato; teme-se o efeito magnético, em vez de o desejar; ele se apresenta, é recebido com inquietação; os efeitos imprevistos enchem de pasmo o incrédulo, ou impelem a imprudências e exageros, que não se danam em havendo diretrizes a reflexão, o critério e a experiência”²⁵¹.

²⁴⁵ DENIS, Léon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “No Invisível”, 2ª parte, cap. 15, p. 181.

²⁴⁶ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Passe magnético*. In “Evolução em Dois Mundos”, 2ª Parte, cap. 15, p. 203.

²⁴⁷ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade curativa*. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 22, item *Mente e psicossoma*, p. 144.

²⁴⁸ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade curativa*. In “Mecanismos da Mediunidade”, item *Vontade do paciente*, p. 148.

²⁴⁹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mente*. In “Evolução em Dois Mundos”, cap. 16, item *Secção da medula*, pp. 121 e 122.

²⁵⁰ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Matéria mental*. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 4, item *Indução mental*, pp. 43 e 44.

²⁵¹ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 10, p. 85.

Concluimos generalizando, por extensão de tudo o que vimos, que só seremos bons passistas se, além dos caracteres anteriormente já analisados, possuímos

uma vontade firme e ativa, a qual é construída com ação e vivência consciente, e não só com palavras.

2. QUEM RECEBE

Basicamente, dois são os personagens que se interligam no mecanismo do passe: o receptor e o doador. Por isso, o sucesso ou o insucesso de um tratamento fluidoterápico depende, diretamente, do comportamento deles. Este é, sem dúvida, um raciocínio genérico, haja vista sabermos que vários fatores influem no processo, os quais nem ao menos se limitam à esfera material. Esses outros fatores serão objeto de estudo em momento próprio. No momento, veremos quem recebe.

Sabemos que não apenas nós, os encarnados, recebemos os benefícios do passe. Quem tenha participado de reunião de desobsessão ou mesmo procedido leitura criteriosa das obras da Codificação e suas subsidiárias, há de ter comprovado que os Espíritos desencarnados igualmente se beneficiam desse balsamo divino, tanto diretamente dos Espíritos quanto com a ajuda dos encarnados. Contudo, como nos dirigimos precipuamente aos encarnados, não consideraremos esta outra evidência neste item, pois a questão que ora nos diz respeito é mais atinente ao nosso plano físico e suas conseqüências neste.

Como faremos nossas colocações de forma didática, ressaltamos que alguns tópicos serão analisados sem levar em consideração outras evidências; contudo, sempre as mencionaremos pois, de fato, não serão desprezadas, senão destacadas para um melhor entendimento.

Ressalvas à parte, consideremos o paciente, que é nosso primeiro “quem”, um desconhecido. Não sabemos de onde veio, por que veio, que religião professa, se acredita ou não nos Espíritos, nem que tipo de problemas tem. Mas, sabemos o essencial: *ele é o nosso próximo!* E, se ali está, é porque, querendo ou não, acreditando ou sem acreditar, se dispôs a receber “algo” que, sem dúvida, é para nós, os médiuns, os dirigentes e as Casas Espíritas, um bom caminho para a prática do amor fraternal, desinteressado e cristão. Portanto. mãos à obra!

Primeiro, nos conscientizemos de que devemos dar ao paciente, além do passe, tudo o mais que é da maior importância: evangelho, orientação, desmistificação do tratamento e desmistificação dos ídolos, concitando-o à reforma interior e a compreensão dos fatos para, pelo conhecimento, não ser levado a vícios e equívocos que, embora costumeiros, são injustificáveis.

Depois, não olvidemos que cabe a nós, os passistas, antes que ao paciente, o dever de saber o que fazemos, como fazemos e por que fazemos o passe já que nem sempre aquele outro irá tomá-lo sabendo exatamente o que fazer ou como fazê-lo. Não podemos cair na desculpa de atribuir responsabilidades aos outros, relegando a nossa a escanteio. Afinal, assim como certos pacientes criam hábitos e vícios perniciosos por falta de orientação correta, o médium passista, pela falta de estudo, bom senso, ponderação e assiduidade, pode não apenas adquirir manias ridículas e antidoutrinárias como transmiti-las, inadvertida e perniciosamente, aos pacientes e companheiros desavisados.

Como homens, sabemos que a administração do patrimônio orgânico é tarefa pessoal e intransferível, estando não apenas sua manutenção sob nossa responsabilidade, mas, igualmente sua conservação dentro dos padrões de equilíbrio que a própria Natureza nos indica. “Quando, porém, o homem espiritual dominar o homem físico, os elementos medicamentosos da Terra estarão transformados na excelência dos recursos psíquicos e essa grande oficina achar-se-á elevada a santuário de forças e possibilidades espirituais junto das almas”. Emmanuel²⁵².

Desde então, que evoluamos em moralidade e conhecimentos, pórticos de alcandoradas possibilidades abrir-se-nos-ão, descortinando horizontes de harmonia e equilíbrio, num oceano de boas

²⁵² XAVIER, Francisco Cândido. In “O Consolador”, 1ª Parte, cap. 5, questão 97, p. 67.

energias, onde tão acessível nos será receber benesses espirituais quanto transferirmos tais bênçãos aos mais carentes.

Retomando nossa linha de raciocínio inicial para seqüenciar o estudo, podemos destacar, entre os que “recebem”:

- pacientes com problemas físicos;
- pacientes com problemas espirituais; e
- pacientes com ambos problemas.

2.1- Pacientes Com Problemas Físicos

Aqui iremos nos referir apenas a problemas orgânicos, desprezando qualquer fator que não seja puramente físico. Portanto, estaremos afastando, momentaneamente, as decorrências de fatores espirituais e morais. Subdividiremos este grupo de pacientes em três:

2.1.1 - Portadores de Doenças Contagiosas

Recomendação de André Luiz: “Interditar, sempre que necessário, a presença de enfermos portadores de moléstias contagiosas nas sessões de assistência em grupo, situando-os em regime de separação para o socorro previsto” pois “A fé não exclui a previdência”²⁵³.

É evidente que a medida sugerida tem caráter puramente preventivo e jamais discriminatório como há quem possa querer julgar. É lógico não devamos expor alguém que venha em busca de um auxílio, ao contágio de um outro, mal, tal como não será cristão dispor o contagiante, que igualmente busca ajuda, ao ridículo da execração de outrem. O bom senso nos indica que cuidados são necessários e devidos. A prudência nos sugere discernimento e tato. A razão nos solicita não só agir, mas reflexionar. Sejamos, pois, cristãos. Afinal, o portador de doença contagiosa já sofre uma espécie de isolamento que, mesmo sendo natural e involuntário, não deixa de ser constrangedor. E se sua doença for de longo curso, seu estado de ânimo, face essa “solidão”, pode estar bastante abatido. Não sejamos nós portanto, por imprudência, os agravantes desse estado. Ajamos com a razão, mas, sem esquecer que ela é má conselheira se desassociada do sentimento.

Até mesmo em nome da prudência e do bom senso, o passe recomendado a esta categoria de doentes deve ser aplicado em caráter individual e reservado, com os cuidados cabíveis e recomendáveis para situações que tais.

Uma observação importante merece ser destacada: o passista não deve simplesmente negar atendimento a pacientes dessa categoria por medo de contágio. Ao lado de certos cuidados que podem e devem ser tomados, uma ponderação do Espírito Manoel Philomeno de Miranda vem a calhar: “Médicos e enfermeiros, assistentes sociais e voluntários, religiosos dedicados que se entregam às tarefas mais sacrificiais em Sanatórios dos males de Hadsen, de Koch e de outras baciloses violentas sem que o contato demorado com os pacientes lhes cause qualquer contágio, adquirem resistências imunológicas, enquanto outros, que não convivem com portadores de inumeráveis moléstias, de um para outro momento fazem-se vítimas das vigorosas doenças que lhes exterminam o corpo, em razão de se encontrarem no mapa cármico de cada um as condições propiciatórias para que se lhes manifestem os males que merecem e de que necessitam em razão dos delitos praticados e que são atenuados pela misericórdia do Senhor, já que o amor é mais poderoso do que a justiça, que por aquele se faz comandada”²⁵⁴ (Grifamos a última frase.)

2.1.2 - Portadores de Doenças não Contagiosas

²⁵³ VIEIRA, Waldo. *Perante o passe*. In “Conduta Espírita”, cap. 28, pp. 103 e 104.

²⁵⁴ FRANCO, Divaldo Pereira. *Resgate necessário e urgente*. In “Painéis da Obsessão”, cap. 4, p. 36.

Como o paciente aqui enquadrado não expõe outros a riscos de contágios, seu atendimento poderá ser feito tanto de forma individualizada quanto em grupo, dependendo do tratamento e das técnicas a serem usadas.

Por ser comum o paciente que busca o tratamento magnético estar passando por acompanhamento médico ou sob medicação indicada por facultativo, convém, nesses casos, manter ficha de acompanhamento contendo informações sobre tipos de tratamento e medicações que esteja fazendo uso²⁵⁵.

A propósito, eis o que nos diz Suely Caldas Schubert: “Se o doente está fazendo uso de medicação receitada por médico da Terra, esta não deverá ser suspensa. nem sob o pretexto de atrapalhar o tratamento espiritual. Uma atitude dessas traz graves implicações, cujos resultados poderão comprometer seriamente aquele que a recomendou. Afinal, sabemos à saciedade que existem casos de caráter misto, em que se conjugam o mal espiritual e o físico, exigindo por isso uma terapêutica igualmente mista”²⁵⁶. (Grifos originais.)

Não desconhecemos que a clássica Escola de Mesmer recomendava fossem evitadas certas substâncias no corpo orgânico para um melhor alcance do tratamento magnético. Mas, como dissemos no capítulo I, não nos propomos a tratar do magnetismo em exclusividade, mas, sim do passe, fazendo mão das técnicas, experiências e conclusões daquele, porém, adaptando-as a nossa realidade. Ademais, posteriores estudos acerca do magnetismo não deram muita ênfase aquele aspecto restringente, apesar de se comprovar, numa enormidade de casos, que a homeopatia age, quando conjugada ao magnetismo, mais proficuamente que a alopatia, mormente em casos de origem cármica. Todavia, como o passe espírita atua, primordialmente, a nível de perispírito, não encontramos muita argumentação a favor de que o medicamento humano interfira no paciente a ponto de inutilizar ou anular o efeito magnético. Modestamente, inclusive, já há consenso quanto à necessidade de tratamentos concomitantes, haja vista o que nos trazido das avançadas pesquisas verificadas no Leste Europeu.

Contrariamente, temos inúmeras comprovações de que as atitudes mentais perniciosas e as vibrações e mentalizações negativas por parte do paciente são violentos veículos degeneradores do equilíbrio fluídico adquirido através da fluidoterapia, onde, portanto, nossa redobrada atenção e cuidado são requeridos no intuito de instruir os pacientes a respeito.

2.1.3 - Portadores de Doenças Desconhecidas

Para pacientes com esta característica e que venham a tomar passes com acompanhamento (controle por meio de fichas), devemos buscar informações via receituário da Casa Espírita bem como junto ao próprio paciente ou acompanhantes, seguindo-se com o tratamento que for recomendado, ou, ainda, por outros meios confiáveis que são a intuição espiritual e o “tato-magnético”²⁵⁷.

Dispensado dizer que as observações apresentadas no item anterior são igualmente extensivas a este grupo, assim como, informados da possibilidade de contágio, se interpolarão os cuidados recomendados na matéria do primeiro item (1.1.1) deste capítulo.

2.2 - Pacientes com Problemas Espirituais

Nesta oportunidade nos deteremos nos problemas eminentemente espirituais, abstraindo-nos, portanto, das injunções orgânicas.

²⁵⁵ Vide apêndices I, II e III onde apresentamos modelos de ficha de acompanhamento usado no Grupo Espírita Allan Kardec - GEAK, de Natal-RN.

²⁵⁶ SCHUBERT, Suely Caldas. *Os recursos espíritas*. In “Obsessão / Desobsessão”, 2ª Parte. cap. 8, p. 112.

²⁵⁷ Vide detalhamento no cap. VIII - “As Técnicas”.

É comum observarmos que parte dos pacientes englobados neste grupo sente uma certa “aproximação ou influência” quando recebe o passe. O Espírito André Luiz, entretanto, nos recomenda que devemos “Interromper as manifestações mediúnicas no horário de transmissões do passe curativo”²⁵⁸. Além de ser uma recomendação prudente, é de uma aplicação, diríamos, intransigentemente necessária. Sem tal cuidado, muito dos melhores esforços fica seriamente comprometido, em especial quando se trata de passes em cabines coletivas ou quando não está a dirigir os trabalhos pessoa de elevada moral e conhecimento doutrinário seguro. Posteriormente trataremos desse assunto.

Neste grupo faremos igualmente três subdivisões:

2.2. 1 - De Origem Perispirítica (ou Cármica)

Como somos hoje o resultado da autoconstrução promovida nas experiências pretéritas, trazemos para esta vida mazelas que encontram suas origens nos desequilíbrios que patrocinamos alhures. Sendo nosso perispírito o agente arquivador dos reflexos desses desequilíbrios, é por seu intermédio que se verifica a transposição das chamadas injunções cármicas, fazendo refletir no corpo orgânico de hoje as conseqüências dos desvios perpetrados “ontem”. É a lei de “causa e efeito”. Exemplificamos: uma criatura que apresente problemas pulmonares “de nascença” pode ter sido uma alma viciada em fumo em precedente existência; pessoas com sérios distúrbios intestinais, sem cometer excessos que favoreçam tal quadro hoje, por certo, encontrarão nas glotonarias do passado justificativas bem lógicas para suas atuais patologias; indivíduos com dores de cabeça violentas e permanentes, sem qualquer explicação clínica, encontram nas vidas anteriores as causas matrizes; cânceres, aleijões, demências, lepras, asma, epilepsias, deformidades congênitas e tantas outras situações que, diversas vezes, não encontram qualquer justificativa em causas presentes, indubitável serão racionalmente explicadas como de origem cármica.

Pela natureza pretérita da doença, fácil se concluir nem sempre ser possível grandes conquistas, inclusive com a fluidoterapia. Como a origem do mal está, neste caso, diretamente ligada a fatores morais do passado, é imprescindível uma reestruturação moral e vibratória do paciente. Sem isso, pouco se pode esperar, salvo os casos em que o paciente já esteja em término de quitação do débito.

Nestes casos, como em especial todos os de origem espiritual, a responsabilidade dos médiuns passistas aumenta, assim como devem aumentar a fé e o interesse do próprio paciente em se curar. Mas nós, os médiuns, devemos “Criar em torno dos doentes uma atmosfera de positiva confiança, através de preces, vibrações e palavras de carinho, fortaleza e bom ânimo”²⁵⁹ (André Luiz) para, dessa forma, contribuímos mais eficazmente no processo de reparação/recuperação do paciente.

Ademais, conforme nos lembra Manoel Philomeno: “Na terapia do passe (...) a disposição do paciente exerce papel relevante para os resultados. A má vontade habitual (...) gera energia de alto teor destrutivo que se irradia do interior da pessoa para o seu exterior, produzindo a anulação da força (...)”²⁶⁰.

Como vimos, a efetiva participação do paciente é fundamental, não apenas nessas, como em outras situações. Por outro lado, se noutros casos a participação do passista é muito importante, neste é de inegável valor. Afinal, o perispírito do paciente carece de fluidos tanto do plano espiritual quanto do material, sendo que estes últimos apenas são fornecidos pelos médiuns. Por serem os fluidos dos médiuns, em termos de vibração, de equivalência igual ao do paciente mas tecnicamente harmoniosos, a renovação fluídica que se verificará pelo passe favorecerá o estabelecimento das condições de cura ou, quando pouco, de manutenção da carga fluídica, então renovada.

²⁵⁸ VIEIRA, Waldo. *Perante o passe*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 28, p. 103.

²⁵⁹ VIEIRA, Waldo. *Perante os doentes*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 22, p. 84.

²⁶⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. *Reencontro feliz*. In “*Nas Fronteiras da Loucura*”, cap. 30, pp. 235 e 236.

Daí, em tais casos, o comum à ver-se a ação fluídica superar a ação oriunda da farmacopéia e dos tratamentos médico-hospitalares pois, via de regra, bom número desses casos só obtêm da medicina tradicional resultados apenas satisfatórios e de forma intermitente.

Uma regra geral, todavia, se sobressai: este tipo de paciente quase sempre requer tratamento de longo prazo; o que não quer dizer não haja curas quase instantâneas em pacientes tais. Isto porque nos encontramos em nível de provas e expiações e, muitas vezes, passamos por sofrimentos que são a resposta do preceito evangélico: “Se a vossa mão ou o vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno”²⁶¹. Lembramos, todavia, que estes pacientes têm de trabalhar seriamente em prol de suas reformas morais, sempre.

Quanto aos passes aqui aplicados, tanto podem ser individuais quanto coletivas, mas existem casos mais graves em que o bom senso recomenda se opte pelos aplicados individualmente.

2.2.2 - De origem Obsessiva

Uma grande parte dos espíritas, quando encontra alguém com problemas obsessivos, recomenda-lhe participar de reunião de desobsessão (com frases tipo: “você precisa ir para a “mesa” desenvolver”; “ou você dá “passividade” ou vai se dar mal”; ou ainda “lá no Centro tem um médium que “tira” esse Espírito bem “ligeirinho” ”). Antes que tudo, reunião de desobsessão não é reunião pública nem à sua parte prática devem comparecer os obsidiados, conforme recomendam os Espíritos e a experiência o comprova; reunião de desobsessão é reunião privada, onde médiuns (que devem ser equilibrados) se reúnem no intuito de auxiliarem os Espíritos sofredores, encarnados e desencarnados, orando e vibrando em favor dos mesmos. O que pode e deve haver é uma parte doutrinária, pública, para levar o Evangelho aos pacientes obsidiados, lhes obsequiando o passe ao final.

“Desenvolver” a mediunidade, por sua vez, é educá-la, dirigi-la com sabedoria e consciência e não colocar-se uma pessoa “numa mesa” para “incorporar” o obsessor. Ora, se alguém está perturbado por obsessão, claro se encontra sob o jugo de Espíritos imperfeitos, dos quais não tem sabido se desvencilhar. Como, então, propor a essa criatura a desenvoltura de suas possibilidades medianímicas se elas também estão sob domínio inferior? Correto será primeiro sanar o clima espiritual para só depois fazer encaminhamento a educação mediúnica, sob pena de facilitar mais ainda o obsidiado ao domínio daquele(s) de quem se está a querer fugir.

Lamentavelmente temos observado que nem sempre se dá a importância devida ao passe na terapia desobsessiva; de ordinário verificamos que o passe só tem se revestido de seus reais valores quando se trata de atendimento para cura ou alívio de dores e mal-estares físicos. De outra forma, o que é mais lastimável, tem sido considerado como um mero complemento de reunião doutrinária ou como, pasme-se, criação ritualística do Espiritismo (Doutrina que não tem nem se coaduna com rituais de quaisquer tipos ou natureza) para substituir o sentido atribuído à hóstia católica.

O passe, no tratamento desobsessivo, é de capital importância. Não apenas o passe coletivo, de cabine, espiritual, como usualmente é chamado, mas, para vários casos, o passe onde o magnetismo do médium, unido aos fluidos dos Espíritos, é aplicado de uma forma bem própria e racional; em suma, o passe misto-magnético ou o misto-misto²⁶².

A doutrinação evangélica, conforme já dito anteriormente, é tão ou mais importante que o passe, pois tem o papel indispensável de renovar as disposições íntimas do obsidiado e do obsessor, favorecendo, assim, o rompimento das ligações “mento-magnéticas” estabelecidas entre eles, por meio da elevação do padrão vibratório de ambos. O passe, em tais casos, fornece fluidos para a renovação

²⁶¹ Mateus, Cap. V, v. 29. In “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. 8, item 11, p. 159.

²⁶² No capítulo VI – “Como - O Impasse do Passe”, apresentamos nossas justificativas para as nomenclaturas que temos utilizado na titulação dos tipos dos passes.

do “clima” fluídico do obsidiado, predispondo-o a manutenção das bênçãos em si mesmo. É óbvio que, a depender do caso, o tipo ou a técnica do passe poderá variar²⁶³.

Pacientes submetidos a processos de subjugação normalmente terão tratamento mais trabalhoso e prolongado. Os passes para eles serão bem diversos, com predominância dos fluidos magnéticos. Porém, como medida complementar, os nomes desses pacientes deverão estar inscritos nos livros de preces das Instituições que fazem reuniões de desobsessão ou de atendimento espiritual a distância, lembrando que, em todo caso, o verdadeiro livro de preces deve ser o coração do médium, pleno de amor e de boas vibrações em favor não só do obsidiado como do obsessor.

Fator relevante é que os passes nos pacientes com problemas obsessivos atingem igualmente os obsessores. E como eles são também saturados de bons fluidos, se renovam, se houver predisposição para tal, ou se controlam, como se dominados por uma força estranha, ou, ainda, nalgumas situações, fogem espavoridos, largando “a presa” por momentos, os quais serão valiosíssimos se bem aproveitados pelos doutrinadores, passistas e pacientes²⁶⁴.

Corroborando, nos diz Antonio J. Freire: “O magnetismo, quando aplicado com proficiência e bondade, pode prestar relevantes serviços a estes Espíritos sofredores; por vezes, ficam curados numa só sessão. As preces (...) são de magnífico efeito auxiliar, conjuntamente com as aplicações magnéticas a fim de expurgar o perispírito da parte etérica que ainda lhe esteja agregada, o que se consegue com os passes magnéticos dispersantes”²⁶⁵.

Para facilitar o entendimento, voltamos a buscar a palavra do Espírito Manoel Philomeno, o qual nos apresenta um precioso estudo sobre o tema: “Nos comportamentos obsessivos, as técnicas de atendimento ao paciente, além de exigirem o conhecimento da enfermidade espiritual, impõem ao atendente outros valores preciosos que noutras áreas da saúde mental não são vitais (...). São eles: a conduta moral superior do terapeuta - o doutrinador encarregado da desobsessão -, bem como do paciente, quando este não se encontre inconsciente do problema; a habilidade afetuosa de que se deve revestir, jamais esquecendo do agente desencadeador do distúrbio, que é, igualmente, enfermo, vítima desditosa, que procura tomar a justiça nas mãos; o contributo das suas forças mentais, dirigidas a ambos litigantes da pugna infeliz; a aplicação correta das energias e vibrações defluentes da oração unvida de fé e amor; o preparo emocional para entender e amar tanto o hóspede estranho e invisível quanto o hospedeiro impertinente e desgastante no vaivém das recidivas e desmandos (...)

“A cura das obsessões, conforme ocorre no caso da loucura, é de difícil curso e nem sempre rápida, estando a depender de múltiplos fatores, especialmente, da renovação, para melhor, do paciente, que deve envidar esforços máximos para granjear a simpatia daquele que o persegue (...)”²⁶⁶.

A tarefa desobsessiva, portanto, não é eminentemente do passe, mas este entra como reforço de primeira linha. Observemos a seguinte colocação de Bezerra de Menezes quando comentava sobre um processo desobsessivo com a atuação do plano espiritual: “Foi muito sábia a Mentora amiga, propondo, em primeiro ato, a desobsessão, para depois serem aplicadas outras fluidoterapias ao lado da medicamentosa e da psicoterapia que a Doutrina Espírita pode propiciar com excelentes resultados, a depender de fatores vários como do próprio paciente, quando possa optar pela ocupacional, dedicando-se ao serviço de benemerência e de abnegação, em favor do próximo, através do qual granjeará méritos que influirão na regularização de suas dívidas, pela diminuição dos seus débitos. Não devemos, como é sabido, agasalhar idéias otimistas exageradas, quanto à recuperação da saúde mental do nosso doente (...)”²⁶⁷.

²⁶³ Nos capítulos VI e VIII adiante, veremos os tipos e as técnicas do passe.

²⁶⁴ Veja-se, no capítulo VIII adiante, o tem “Choque Anímico”.

²⁶⁵ FREIRE, Antônio J. Do corpo vital ou duplo etérico. In “Da Alma Humana”, cap. 3, p. 50.

²⁶⁶ FRANCO, Divaldo Pereira. Introdução. In “Loucura e Obsessão”, p. 14.

²⁶⁷ FRANCO. Divaldo Pereira. O drama de Carlos. In “Loucura e Obsessão”. cap. 4, p. 52.

2.2.3 - Decorrente de Desvios Morais

Como a ação fluídica tem na vontade seu motor e no pensamento seu veículo, fica evidente que pacientes com tais problemas tornam-se, via de regra, extremamente refratários a fluidoterapia porquanto tal decorrência tem matriz nas desarmonias que são geradas na instabilidade moral do paciente, o que, por sua vez, não lhe favorece uma mentalização equilibrada e constante no bem.

Não queremos com isso dizer que estes pacientes sejam considerados incuráveis ou que não se lhes deva prestar todo o auxílio possível; ao contrário, lembremo-nos de que “Somos devedores de amor e respeito uns para com os outros e, quanto mais desventurados, de tanto mais auxílio necessitamos. É indispensável receber nossos irmãos comprometidos com o mal, como enfermos que nos reclamam carinho”²⁶⁸ (André Luiz).

Na espiritualidade, entretanto, existem limites. Observemos um caso exemplar tratado pelo Espírito Anacleto e narrado por André Luiz: “Há pessoas que procuram o sofrimento, a perturbação, o desequilíbrio, e à razão que sejam punidas pelas conseqüências de seus próprios atos. Quando encontramos enfermos dessa condição, salvamo-los dos fluidos deletérios em que se envolvem por deliberação própria, *por dez vezes consecutivas*, a título de benemerência espiritual. Todavia, se as dez oportunidades voam sem proveito para os interessados, temos instruções superiores para entregá-los a sua própria obra, a fim de que aprendam consigo mesmos. Poderemos aliviá-los, mas nunca libertá-los”²⁶⁹ (grifamos).

Pode parecer estranho que a Espiritualidade seja tão rígida para com aqueles que persistem no erro, mas perguntamos: será que nós temos tanta paciência com aqueles que convivem conosco? Será que reprisaríamos a oportunidade por dez vezes consecutivas para quem insistisse em continuar cometendo o mesmo erro? Veja-se bem; não se trata aqui do perdão, que deve ser dado “Não só sete vezes mas setenta vezes sete vezes”²⁷⁰, porém do atendimento repetido ao renitente, ao incorrigível, que persiste em cometer as mesmas faltas, os mesmos delitos, de forma consciente.

Para este grupo de pacientes a recomendação do estudo metódico e sistemático da Doutrina, aliada ao hábito de boas leituras, freqüência às reuniões evangélico-doutrinárias e a prática do bem, com exercício da paciência, do perdão, da humildade e da resignação, é imperativo. Mas, bem o sabemos, devido seu estado mental, dificilmente conseguirá ele iniciar-se por aí, sem auxílio. Para tanto, nossas preces e o passe são contributos valiosíssimos.

Como disseram os Espíritos a Allan Kardec: “Não basta que um doente diga ao seu médico: dê-me saúde, quero passar bem. O médico nada pode, se o doente não faz o que é preciso”²⁷¹. Assim nosso paciente; ele deve ser alertado sobre suas responsabilidades no processo de cura, pois, a fluidoterapia não pode ser vista como transferência ou omissão delas, mas, sim, benesses complementares que são adquiridas e estabilizadas pela sua vivência.

2.3 - Paciente Com Ambos os Problemas

Agora, não isolaremos decorrências, pois, este item trata de casos mistos: físicos (orgânicos) e psíquicos (espirituais).

Do ponto de vista material, a ação do passista é quase sempre muito restrita. Afinal, por mais se tenha estudado e pesquisado, falecem-nos os meios por dominar a “manipulação fluídica”, dom por enquanto apenas acessível a Espiritualidade. Na realidade, quase sempre nos limitamos a fornecer os fluidos que nos são peculiares, dando-lhes a impulsão benéfica de acordo com nossa vontade firme de fazer o bem. Ter consciência disso é importante, pois, além de nos fazer refletir sobre como

²⁶⁸ XAVIER, Francisco Cândido. *Mandato Mediúnico*. In “*Nos Bastidores da Mediunidade*”, cap. 16, p. 150.

²⁶⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Os passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 334.

²⁷⁰ Mateus, XVIII, v. 22.

²⁷¹ KARDEC, Allan. *Da obsessão*. In “*O Livro dos Médiuns*”, cap. 23, item 254, questão terceira.

agir cotidianamente no bem, para podermos fornecer bons fluidos, impõe-nos a necessidade do estudo continuado a fim de melhor contribuirmos no processo fluidoterápico.

Através do estudo, sempre conjugado à intuição espiritual, podemos avaliar a maior valência do problema do paciente para bem direcionar o tratamento. Caso prevaleça o aspecto físico, recomendam-se os cuidados descritos para pacientes com estes problemas (item 2.1); do contrário, deve-se observar os descritos no item seguinte (2.2). Contudo, o bom senso nos recomenda não fazermos distinção tão marcante, notadamente porque os Espíritos serão os verdadeiros “operadores” e, quase sempre, serão eles quem encaminharão todo o processo, abstração feita à responsabilidade dos médiuns.

Neste grupo de pacientes teremos tratamentos conjugados, os quais só a análise caso a caso poderá determinar o caminho a seguir. É sempre bom lembrar, todavia, que nada nem nenhum tratamento fluidoterápico pode ser tão técnico que descuide dos princípios básicos do amor cristão e da fé em Deus.

3. QUEM DOA

“Na cura, nós somos o aparelho e, falando de forma simples, temos de estar sempre nos esforçando para nos tornarmos melhores receptores. (...) O poder que traz a cura começa como um Espírito puro, como uma energia pura, que tem de ser reconduzida, enfraquecida, transformada, tornada mais grosseira, num certo sentido, antes que possa ser transmitida para “fulana”, que veio para ser curada (...)”²⁷² (Dudley Blades). - Ao contrário do que se poderia imaginar, esta citação é de um pastor presbítero inglês e não de algum autor Espírita. Inclusive, na obra (“A Energia Espiritual e Seu Poder de Cura”) ele comenta sobre reencarnação (é favorável), mundo espiritual, Espíritos, e tem uma visão muito feliz sobre as bênçãos de Deus em relação a nós.

De suas palavras apreendemos a importância de nos melhorarmos como doadores, pois apesar de mostrarmos repetidas vezes que o papel do médium no tratamento do passe é, dentro de certos ângulos, mais de canal que necessariamente de gerência, “Apregoarmos que o resultado do passe independe do médium que o aplica, além de ser um ponto de vista sem base doutrinária, será motivo para que o médium se acomode, não encontrando ele por que se esforçar por melhorar-se. Ao contrário, que a Doutrina ensina é que ele deve adotar hábitos salutarres, eliminando os vícios, vigiando as emoções e sentimentos, aplicando-se ao estudo, à meditação e a prece, cultivando intenções nobres, enfim, trabalhando pelo seu aperfeiçoamento moral para que possa ser instrumento útil dos companheiros espirituais no amparo as necessidades humanas”²⁷³ (Dalva Silva Souza). Por isso mesmo. deve o magnetizador “(...) Contar com boa saúde, sua vontade deve ser firme; a fé na ciência que professa, absolutamente inquebrantável; sua conduta deve ser inobjável, seus costumes moderados e, ademais, ser um ser humano disposto sempre a sacrificar-se por seus semelhantes”²⁷⁴ (Malcolm Malik).

Dentro dessa seqüência, Paul-Clément Jagot nos afirma que “O essencial, para magnetizar de uma maneira benéfica, é um equilíbrio moral, intelectual e físico satisfatório. Se o moral é ao mesmo tempo firme e sensível, se o intelecto é lúcido e culto, se os mecanismos fisiológicos são robustos, profusamente radioativos, os resultados serão máximos. Mas, repito, a retidão da intenção, seu ardor e um estado de saúde normal bastam”²⁷⁵, prosseguindo mais adiante: “A insônia, a intoxicação alimentar, a insuficiência respiratória enfraquecem consideravelmente a tensão de exteriorização. A agitação nervosa, as emoções vivas, as paixões obsessivas perturbam a emissividade, que então se torna

²⁷² BLADES. Dudley. In “A Energia Espiritual e Seu Poder de Cura”, cap. 2, p. 31.

²⁷³ OS EFEITOS do passe. “Reformador”, ago, 1986, p. 254.

²⁷⁴ MALIK. Malcolm. Hipnotismo. In “El Arte de Magnetizar al Alcance de Todos”, p. 23.

²⁷⁵ JAGOT, Paul-Clément. Introdução. In “Iniciação a Arte de Curar pelo Magnetismo Humano”, cap 1, item 5, Toda pessoa equilibrada pode magnetizar, p. 14.

instável, espasmódica e perde suas propriedades equilibrantes”²⁷⁶. Como vimos, no final ressurgue a tensão que, da parte do passista, implica a qualidade de sua participação no processo fluidoterápico.

Sem dúvida, o passista é peça-chave nos tratamentos fluídicos. E mesmo sendo aquele que aplica o passe um médium, todos o podem praticar já que as condições para se ser passista não requer se tenha mediunidade ostensiva em qualquer de suas nuances. Tal nos afirma Léon Denis: “Como o Cristo e os apóstolos, como os santos, os profetas e os magos, todos nós podemos impor as mãos e curar, se temos amor aos nossos semelhantes e o desejo ardente de os aliviar”²⁷⁷. Daí, contudo, não se crer seja o passe um brinquedo que a todos é dado direito manusear de maneira irresponsável. Como diz Roque Jacintho, “Ninguém recebe uma graça ou um acréscimo especial da Misericórdia Divina para ser, aqui na Terra, um passista comum. E no mesmo sentido, ninguém, para essa atividade normal, traz missão especialíssima”²⁷⁸. Conscientização das responsabilidades, portanto, à tarefa inadiável.

O Espírito André Luiz em diálogo com o mentor Alexandre, examinando a participação dos Espíritos nos processos da fluidoterapia, pergunta: “Esses trabalhadores apresentam requisitos especiais?” Ao que Alexandre responde:

“- Sim (...), na execução da tarefa que lhes está subordinada, não basta a boa vontade, como acontece em outros setores de nossa atuação. Precisam revelar determinadas qualidades de ordem superior e certos *conhecimentos especializados*. O Servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer em semelhante serviço, se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes”. Isto coloca com liminar clareza a posição de conhecimentos e esforços dos Espíritos nesta tarefa que, na nossa ótica puramente material, se nos parece tão simples, tão mecânica.

Para nos posicionar no outro ponto da questão (o do médium passista), André Luiz indaga: “Os amigos encarnados, de modo geral, poderiam colaborar em semelhantes atividades de auxílio magnético?” A resposta é primorosa:

“- Todos, com maior ou menor intensidade, poderão prestar concurso fraterno, nesse sentido, porquanto, revelada a disposição fiel de cooperador a serviço do próximo, (...) as autoridades de nosso meio designam entidades sábias e benevolentes que orientam, indiretamente, o neófito, utilizando-lhe a boa vontade e enriquecendo-lhe o próprio valor. *São muito raros, porém, os companheiros que demonstram a vocação de servir espontaneamente*. Muitos, não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, aguardam a mediunidade curadora, como se ela fosse um acontecimento miraculoso em suas vidas e não um serviço do bem, que *pede do candidato o esforço laborioso do começo*”²⁷⁹ (grifamos).

Se, por um lado, temos de reconhecer a seriedade do trabalho dos passes, que nos requer estudos, tanto da Doutrina quanto especializados, e esforço laborioso para o grande desiderato, podemos estar tranqüilos quanto a nos vincularmos nas tarefas do passe, pois “Os orientadores da Espiritualidade procuram companheiros, não escravos. O médium digno da missão do auxílio não é um animal subjugado à canga, mas sim um Irmão da Humanidade e um aspirante à Sabedoria. Deve trabalhar e estudar por amor (...)”²⁸⁰ (Áulus). Portanto, “Todas as pessoas dignas e fervorosas, com o auxílio da prece, podem conquistar a simpatia de veneráveis magnetizadores do Plano Espiritual, que passam, assim, a mobilizá-las na extensão do bem. (...) É importante não esquecer essa verdade para deixar-

²⁷⁶ JAGOT Paul-Clément. *Noções elementares*. In “*Iniciação a Arte de Curar pelo Magnetismo Humano*”, cap. 2, item 4. O magnetizador, p. 17.

²⁷⁷ DENIS, Léon. In “*No Invisível*”, Parte 2, cap. 15, p. 182.

²⁷⁸ JACINTHO, Roque. *Passistas*. In “*Passe e Passista*”, cap. 3, p. 19.

²⁷⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, pp. 321 e 322.

²⁸⁰ XAVIER, Francisco Cândido. *Mandato mediúnico*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 16, p. 156.

mos bem claro que, onde surjam a humildade e o amor, o amparo divino é seguro e imediato”²⁸¹ (Áulus).

Analisando o papel do doador nas atividades do passe, iremos estudar separadamente os médiuns e os Espíritos.

3.1 - Os Médiuns

Com serenidade concluímos que no campo do passe há espaço para todos. Lembremo-nos, todavia, que “Ser médium é ser ajudante do Mundo Espiritual. E ser ajudante em determinado trabalho é ser alguém que auxilia espontaneamente, descansando a cabeça dos responsáveis”²⁸² (Emmanuel).

Aos médiuns, portanto, “O estudo da constituição humana lhes é naturalmente aconselhável, tanto quanto ao aluno de enfermagem, embora não seja médico, se recomenda a aquisição de conhecimentos do corpo em si. E do mesmo modo que esse aprendiz de rudimentos da Medicina precisa atentar para a assepsia do seu quadro de trabalho, o médium passista necessitará vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer. Eis por que se lhe pede a sustentação de hábitos nobres e atividades limpas, com a simplicidade e a humildade por alicerces (...)”²⁸³ (André Luiz).

Por outro lado, o receio de se ser visto pelos não espíritas como meros gesticuladores ou magos curandeiros não deverá encontrar respaldo em nossos sentidos, pois o que deveras conta é nossa participação efetiva no socorro aos necessitados. Ademais, existe a visão espiritual da questão: “Os passistas afiguravam-se-nos como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça (...)”²⁸⁴ (André Luiz). E, a partir desta visão, não podemos nos deter em raciocínios menores, sem, contudo, açularmos vaidades piegas ou fomentarmos a imaginação com a irrealidade de se possuir poderes miraculosos, daqueles que derrogariam as leis Naturais. Somos passistas; somos trabalhadores da seara do Cristo. Isto é muito. Isto é tudo!

3.1.1 - Condições Físicas

À primeira vista, poderia parecer que apenas aqueles que têm bom condicionamento físico são passíveis de aplicar passes. É fora de dúvida que uma saúde perfeita, um corpo sem doenças, favorecerá enormemente na função de uma boa doação fluídica. Mas, por tudo o que já vimos até aqui, é fácil deduzir que isso não é tudo; afinal, são inumeráveis os casos de pessoas que são socorridas por outras mais débeis e frágeis fisicamente, mas, nem por isso, os alcances são menos expressivos. Contudo, não estamos com isso querendo menosprezar o valor do equilíbrio orgânico do médium passista, notadamente daquele que doa suas próprias energias: o passista magnético, o magnetizador propriamente dito. O cuidado com sua saúde não só é importante como imprescindível.

Vejamos como pensa Michaelus: “Um corpo sem saúde não pode transmitir aquilo que não possui; a sua irradiação seria fraca, ineficaz e mais nociva do que útil, para si e para o paciente.

“Deve-se, entretanto, distinguir entre uma pessoa incessantemente doente (...) da que é apenas atingida de uma doença local, um mal de estomago, dos rins, etc., embora de caráter crônico”²⁸⁵. (Este é, inclusive, o pensamento de Aubin Gauthier expresso em seu “Magnétisme et Somnambulisme”). O mesmo Michaelus, continuando o assunto, traduz a assertiva de Alfonse Bué (do seu “Mag-

²⁸¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 17, p. 167.

²⁸² XAVIER, Francisco Cândido. *Ser Médium*. In “Seara dos Médiuns”, p. 138.

²⁸³ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mediunidade curativa*. In “Mecanismos da Mediunidade”, cap. 22, item Médium passista, p. 146.

²⁸⁴ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 17, p. 165.

²⁸⁵ MICHAELUS. In “Magnétismo Espiritual”, cap. 7, pp. 51 e 52.

nétisme Curatif) que deve ser bem ponderada: “Não se creia, entretanto, que o poder magnético caminhe de par com a força muscular”.

Apesar de parecer contraditório, a saúde é importante ser velada, mas, de igual modo, não é tudo. Afinal, como o fluxo magnético provém não só do corpo senão essencialmente da alma, é desta que devemos cuidar em primeiro lugar. Só que é indissociável o cuidar de uma sem o zelar da outra. Outrossim, o estado físico, por si só, não diz tudo o que precisa ser observado; já dissemos, alhures, que a mentalização negativa destrói, desintegra, perturba nossas camadas fluídicas equilibradas e equilibrantes, donde fácil concluir que o físico não é sobrevalente ao estado mental.

Muitas vezes, não conseguimos evitar o acometimento de certas doenças em nós mesmos, visto podermos ingerir algo deteriorado sem o percebermos e isso nos complicar a saúde, por exemplo. Ou então, aquelas epidemias que de tempos a tempos aparecem e nos pegam “desprevenidos”. Até aí está relativamente justificado o problema verificado em nossa saúde, sem, com isso, termos comprometido nossa moral. Mas, existem outras situações que não nos exime das responsabilidades decorrentes: “A fiscalização dos elementos destinados aos armazéns celulares é indispensável, por parte do próprio interessado em atender as tarefas do bem. O *excesso de alimentação* produz odores fétidos, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estomago, prejudicando as facultades radiantes, porquanto provoca dejeções anormais e desarmonias de vulto no aparelho gastrintestinal, interessando a intimidade das células. O *álcool e outras substâncias tóxicas* operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os melhores esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutares”.²⁸⁶ (Grifos nossos.) Esta colocação do Espírito Alexandre nos adverte para algumas das coisas que devemos ter cuidado, a fim de não comprometermos nosso corpo somático nem o trabalho de assistência via passes. Afinal, se no exemplo anterior poderíamos ser catalogados, de certa forma, como vítimas das circunstâncias, agora somos os agentes dos distúrbios, por não vigiarmos ou por agirmos em desacordo com os cuidados requeridos.

Corroborando com tudo o que foi visto, ampliaremos, aqui, os compromissos que temos com nossa saúde. Um técnico em planejamento reencarnatório, no plano espiritual, assim se refere a um grupo que prejudicou seus corpos: “Abusaram eles da magnífica saúde que possuíam. Saúde! Bem inapreciável de que o homem desdenha, fingindo ignorar que se trata de um auxílio divino que a solicitude do Altíssimo concede as criaturas (...). Sem a mínima demonstração de respeito à autoridade do Criador, aqueles nossos inditosos irmãos envenenaram os fardos preciosos com excessos de toda a natureza!”²⁸⁷. Desnecessário dizer que, se para a vida como um todo a falta de cuidados com a saúde tem repercussões que tais, imaginemos o que ocorre a nível das disposições fluídicas em face da urgência de determinados trabalhos fluídicos.

Por tudo isso, existe um coro uníssono e universal a respeito. Fred Wachsmann nos sintetiza que, “De um modo geral, deve-se evitar tudo quanto importa no desgaste ou perda de energia: excessos sexuais, trabalhos demasiados, alimentação imprópria, hiperácida, hipercarnívora, energética, bem como o álcool, a nicotina e os entorpecentes de toda espécie; deve-se, enfim, viver mais naturalmente e adquirir melhores qualidades”²⁸⁸.

Carlos Imbassahy, por sua vez, nos adverte: “O Espiritismo (...) aconselha que preservemos o nosso corpo dos elementos ou fatores que lhe diminuam a capacidade de resistência, e assim teremos que nos alimentar, sóbria, mas suficientemente; não podemos perder a noite em prazeres inúteis ou os dias em maus contubérnios e em vícios; não devemos entregar-nos à ociosidade; não usaremos vestes impróprias ao clima; não procuraremos exagerar o recato até o ridículo; não sacrificaremos as benesses da Natureza em nome de convenções ou de uma moral movediça, intermitente, errática, o-

²⁸⁶ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 323.

²⁸⁷ PEREIRA, Yvonne A. In “*Memórias de um Suicida*”, 2ª Parte, cap. 6, pp. 361 e 362.

²⁸⁸ MICHAELUS. In “*Magnetismo Espiritual*”, cap. 7, p. 54.

riunda de mitos, das superstições ou da ignorância. É, enfim, nosso dever, promover a robustez, entreter a saúde, alimentar a existência por meio do exercício físico (...)²⁸⁹.

Consideraremos, separadamente, as condições para as crianças e para os idosos²⁹⁰. A questão do deficiente mental, abordaremos no item 3.1.3 adiante.

3.1.2 - Condições Morais

Eis o que o Codificador nos indica a respeito: “Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. (...) A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. (...) As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidiez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem a matéria”²⁹¹. Além disso, a porta que os espíritos imperfeitos “Exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades (...)²⁹².

Na “Revista Espírita” de outubro de 1867 Kardec publicou uma mensagem do Abade Príncipe de Hohenlohe muito interessante: “(...) Conforme o estado de vossa alma e as aptidões do vosso organismo, podeis, se Deus vo-lo permitir, tanto curar as dores físicas quanto os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais de ser capaz de fazer uma ou outra coisa, porque conheceis as vossas imperfeições. Mas Deus não pede a perfeição, a pureza absoluta dos homens da terra. A esse título, ninguém entre vós seria digno de ser médium curador. Deus pede que vos melhoreis, que façais esforços constantes para vos purificar e vos leva em conta a vossa boa vontade. (...) Melhorai-vos pela prece, pelo amor do Senhor, de vossos irmãos e não duvideis que o Todo-Poderoso não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer vossa faculdade mediúnica. (...) Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo (...)²⁹³.

Noutra oportunidade o Codificador indagou ao Espírito Annonay, sonâmbula de uma “lucidez notável”, a qual ele conhecera quando encarnada:

“27 - O poder magnético do magnetizador depende de sua constituição física?

“- Sim; mas muito de seu caráter. Numa palavra: depende de si próprio.

“30. - Quais as qualidades mais essenciais para o magnetizador?

“- O coração; as boas intenções sempre firmes; o desinteresse.

“31. - Quais os defeitos que mais o prejudicam?

“- As más inclinações, ou melhor, o desejo de prejudicar”²⁹⁴.

É Kardec quem comenta: “O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for puro e desprendido da matéria. Compreende-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do homem e possa ter propriedades *maléficas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

²⁸⁹ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 7, p. 55.

²⁹⁰ Vide capítulo X.

²⁹¹ KARDEC, Allan. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 20, item 227.

²⁹² KARDEC, Allan. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 20, item 228.

²⁹³ “Dissertações Espíritas”, III, pp. 320 e 321.

²⁹⁴ SRA. REYNAUD. “Revista Espírita”, mar, 1859, p. 80.

“Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam nuanças infinitas, conforme as qualidades *físicas e morais* do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos ao magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o seu semelhante, aliados a saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual”²⁹⁵. (Grifos originais.)

Reveste-se de fundamental importância o registro acima pelas conclusões que albergam. Entre outros, Kardec nos confirma o valor da moral ante a qualidade dos fluidos, a qual pode transubstanciar nossos fluidos animais em “quase” espirituais .

A essas alturas, lembramos uma citação que vimos alhures: “Há mediunidades extraordinárias, mas poucos médiuns extraordinários”²⁹⁶. Sem dúvida, ela se presta a várias interpretações, mas, uma delas vem a calhar ao nosso caso. Existem, deveras, mediunidades extraordinárias; quanto ao sentido, quanto ao alcance e quanto ao espetáculo. Mas, médiuns extraordinários, anônimos servidores do Cristo, que fazem e cumprem seus deveres sem estardalhaços, sem personalismos, sem vaidades ou outros sentimentos menos nobres, esses são poucos. Entretanto, não sejamos tão pessimistas; eles existem. E nós, eu e você, poderemos ser um deles. Sabe de quem depende isso? De nós apenas. “- Mas como?”, pode ser perguntado. “- Com nosso esforço, pela melhora moral nossa”. “- E os Espíritos Superiores, esses nos ajudarão?” “- Sim, pois que já nos ajudam, mesmo sem nos melhorarmos. Apenas não os percebemos porque nos sintonizamos em frequências diferentes, por opção própria”. Eles estão sempre prontos. Infelizmente, nós é que quase nunca estamos a disposição deles. Como dois só conseguem quando os dois querem, é necessário que queiramos, pois os Espíritos Superiores o querem, com certeza (pelo que fica faltando só a nossa parte). Vale ser lembrado, contudo, que querer é ter disposição, boa vontade e ação e não apenas dizer “quero”, e cruzar braços.

Observemos, agora, o que nos diz o Espírito Alexandre: “O servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer em semelhante serviço (do passe) se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental contínua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes. *O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino.* (...) Na esfera carnal, a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis”²⁹⁷ (grifamos).

Todavia, não pensemos que isso só se aplica aos médiuns e aos Espíritos. A moral é chave fundamental para todos. Observe-se, por exemplo, o que nos diz George W. Meek²⁹⁸: “Os curandeiros são quase invariavelmente generosos, amáveis, preocupando-se muito com seus pacientes”. Ou seja, mesmo aqueles que não são necessariamente vistos com os bons olhos da coletividade humana, inclusive uma grande parte Espírita, são portadores de virtudes enobrecedoras e, sem dúvida, isso é fundamental para seus sucessos.

Feita esta constatação, sentimos como o posicionamento moral do médium é muito importante para o sucesso de sua tarefa. Não esperamos, pois, que os pacientes sejam sempre “bonzinhos” e que os Espíritos estejam sempre “na agulha” para agirem ao nosso “estalar de dedos”, sem que sejamos nós os primeiros a estar prontos, física e, sobretudo, moralmente para o trabalho. Não seria de se imaginar diferente. A moral há de ter importância preponderante nos trabalhos fluídicos, já que o meio onde os fluidos são processados é basicamente mental (para não dizer espiritual). A mente determina a vibração fluídica a partir da vontade e esta libera os fluidos, tonificando-os pelos padrões psíquicos do(s) emissor(es); estes fluidos serão tão melhormente consistentes e harmonizados quanto

²⁹⁵ *Da mediunidade curadora. Revista Espírita*, set. 1865, item 4, p. 252.

²⁹⁶ TOLEDO, Wenefledo de. In “*Passes e Curas Espirituais*”, 2ª Parte, lição 6ª, p. 93.

²⁹⁷ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “*Missionários da Luz*”, cap. 19, p. 321.

²⁹⁸ MEEK, George W. *Observações*. In “*As Curas Paranormais*”, cap. 5, p. 61.

maior equilíbrio tiver a moral do(s) doador(es). Assim, deixando de lado as condições do receptor final (paciente), a emissão fluídica assume o cunho de pureza determinada pela moral em que vibra(m) o(s) emissor(es).

3.1.3 - Condições Mentais (Psíquicas)

Não devemos forçar a prática mediúnica em pessoas débeis, pois a perda de fluidos pode lhes ser danosa. Diríamos até que *não se deve forçar*, no sentido literal da palavra, qualquer prática mediúnica em qualquer criatura. Mas, seguindo com Kardec, desse exercício “Cumprir afastar, por todos os meios possíveis, as que apresentem sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas idéias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura, que se pode manifestar por efeito de qualquer sobreexcitação. (...) O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência a idéia fixa e dar outra diretriz as suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos”²⁹⁹.

De início, portanto, já concluímos com Allan Kardec que aquelas criaturas com limitações mentais não são indicadas as tarefas mediúnicas. Entretanto, as implicações não se restringem a esse aspecto. Voltando à última citação do Espírito Alexandre³⁰⁰, encontramos-lo, um pouco mais adiante, agora sob outro ângulo: “Falaremos tão-só das conquistas mais simples e imediatas que deve fazer (o médium), dentro de si mesmo. Antes de tudo, é necessário equilibrar o campo das emoções. Não é possível fornecer energias construtivas a alguém (...) se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais. Um sistema nervoso esgotado, oprimido, é um canal que não responde pelas interrupções havidas. A mágoa excessiva, a paixão desvairada, a inquietude obsidente, constituem barreiras que impedem a passagem das energias auxiliadoras”³⁰¹.

Uma outra observação de impedimento as práticas da mediunidade nos é colocada pelo Espírito André Luiz quando nos sugere “Interdizer a participação de portadores de mediunidade em desequilíbrio nas tarefas sistematizadas de assistência mediúnica, ajudando-os discretamente no reajuste” posto que “Um doente-médium não pode ser um médium-sadio”³⁰². Mais claro e objetivo é impossível.

Prossigamos com a literatura de André Luiz, agora na palavra do Espírito Albério: “(...) A mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. (...) Nossa mente é, dessarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios. (...) Em qualquer posição mediúnica, a inteligência receptiva está sujeita às possibilidades e a coloração dos pensamentos em que vive, e a inteligência emissora jaz submetida aos limites e às interpretações dos pensamentos que é capaz de produzir. (...) Em mediunidade, portanto, não podemos olvidar o problema da sintonia”³⁰³. Eis aí, claramente estabelecido, por que a mente equilibrada e, em conseqüência, nossa posição psíquica, é de vital importância para conseguirmos o fruto desejado nas lides fluidoterápicas.

O cultivo de mente pura à nosso dever, já que ela é o filtro por onde passam as benesses que favorecerão nosso próximo e, por conseguinte, a nós mesmos. Afinal, “A energia transmitida pelos amigos espirituais circula primeiramente na cabeça dos médiuns”³⁰⁴. (Só para recordar, lembra o leitor onde fica o Centro Coronário e qual a sua importância?)

²⁹⁹ KARDEC, Allan. *Inconvenientes e perigos da mediunidade*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 18, item 222.

³⁰⁰ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 321.

³⁰¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 323.

³⁰² VIEIRA, Waldo. *Do dirigente de reuniões doutrinárias*. In “Conduta Espírita”, cap. 3, p. 24.

³⁰³ XAVIER, Francisco Cândido. *Estudando a mediunidade*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 1, pp. 15, 17 e

18.

³⁰⁴ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviço de passes*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 17, p. 165.

Poderíamos ainda pensar nas condições psicológicas do médium ante o serviço do passe. Muitas publicações têm surgido ultimamente enfatizando o poder da mente, com colocações, diríamos, nem sempre bem ponderadas. Isto porque, na maioria delas, enfatiza-se o “querer é poder”, mas, atribuindo ao querer a simples repetitividade, até meio irracional, de palavras ou frases “chaves”. Por exemplo: “Diga para você, 'tantas' vezes por 'tanto' tempo, que você vai conseguir isso, ou que você terá aquilo ou que você alcançará aquilo outro”. E depois de você se convencer disso, garante que terá alcançado ou estará por alcançar seu desejo. É, sem querer menosprezar as obras sérias que tratam do assunto, um simplismo fabricado para atender à comodidade da “lei do menor esforço”. Quer estabelecer poderes através do simples condicionamento de palavras é, no mínimo, reduzir as maravilhosas potencialidades do ser humano a puro automatismo irracional.

Os médiuns não de desenvolver condições íntimas de fé e confiança, que se adquirem com muito labor. “O Evangelho segundo o Espiritismo” muito nos tem ensinado nesse sentido. E são essas condições, adquiridas e vividas de forma inabalável, que nos favorecerão as condições psicológicas do “eu quero, eu posso”, posto que estabelecidas em vivência, em prática, em Espírito e verdade e não por refração de palavras.

Nossa posição psicológica para a aplicação do passe deve ser tal qual a assertiva do Mestre Jesus: “Seja o vosso falar (e agir), sim, sim; não, não³⁰⁵. Sem espaço para vacilações, sem espaço para descrença, sem espaço para o medo. A mente tem que estar repleta de pensamentos positivos e o coração emitindo vibrações de um harmônico amor. Nosso desejo não será o de curar de qualquer maneira mas o de favorecer o paciente, o irmão necessitado, com a “ajuda máxima que possamos dar”, mas, sob os alcances determinados pelo “seja feita a vontade de Deus”, e não necessariamente a nossa.

Podemos concluir com uma síntese de Keith Sherwood: “O curador busca duas direções: primeiro Deus, concretizando a afinidade com o Todo, a fonte da cura e depois com seu paciente, tornando-se o canal através do qual a energia fluirá³⁰⁶. Isto representa uma imagem ideal para o passista, posto que, buscar a Deus, Jesus já bem ensinou, através do “Amarás o teu próximo como a ti mesmo³⁰⁷”; e se buscando-O amamos o semelhante, e vice-versa, alcançamos o ideal da Lei já que ali se encontram “toda a lei e os profetas³⁰⁸, inclusive a lei das curas.

3.2 - Os Espíritos

Será que já nos demos conta de que, para a realidade da existência do passista, se torna necessária a presença de trabalhadores no plano espiritual nessa mesma área, para secundar (o mais certo seria primar) os trabalhos?

Independentemente do atendimento dos Espíritos aos trabalhos específicos do passe, sabemos, com o Espírito Alexandre, que “Há verdadeiras legiões de trabalhadores de nossa especialidade amparando as criaturas, que através de elevadas aspirações, procuram o caminho certo nas instituições religiosas de todos os matizes³⁰⁹. Inclusive, com esta afirmação, fica evidente que o trabalho da Espiritualidade Superior, no atendimento de nossas necessidades, não se vincula a qualquer ordem ou orientação religiosa dessa ou daquela estirpe; simplesmente atende aos necessitados, na proporção direta de sua fé, de seu merecimento e de sua vinculação com os planos elevados. Isto ratifica a postulação de Kardec no capítulo XV de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, quando, registrando passagens do Cristo e de Paulo neste especial, corporifica o “Fora da caridade não há salvação”.

Os Espíritos, temos certeza, são indispensáveis em nossas atividades fluidoterápicas e sua ação é tão palpável que negá-los se nos apresenta como ignorância ou puro orgulho; ignorância da parte

³⁰⁵ Mateus, V, v. 37.

³⁰⁶ SHERWOOD, Keith. *O perigo do medo*. In “A Arte da Cura Espiritual”, cap. 2, item Confiança e união, p. 36.

³⁰⁷ Mateus, XXII, v. 39.

³⁰⁸ Mateus, XXII, v. 40.

³⁰⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 327.

daquele que não sabe, não conhece, não experimentou; orgulho, naquele que sabe, conhece ou experimentou, mas se acredita insubstituível e fonte natural de todos os recursos que fluem por seu intermédio; pobre coitado carente de oração e cuidados para não se obsidiar em grau mais elevado.

3.2. 1 - Nos Passes

“- Mãos à obra! Distribuamos alguns passes de reconforto!

“(...) Recordei Narcisa (...) Pareceu-me, ainda, ouvir-lhe a voz fraterna e carinhosa - 'André, meu amigo, nunca te negues, quanto possível, a auxiliar os que sofrem. Ao pé dos enfermos, não olvides que o melhor remédio é a renovação da esperança; se encontrares os falidos e os derrotados da sorte, fala-lhes do divino ensejo do futuro; se fores procurado, algum dia, pelos Espíritos desviados e criminosos, não profiras palavras de maldição. Anima, eleva, educa, desperta, sem ferir os que ainda dormem. Deus opera maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade!’ (...)”

“Aniceto designou-me um grupo de seis enfermos espirituais, acentuando:

“- Aplique seus recursos, André. (...)”

“Aproximei-me duma senhora profundamente abatida (...), entendendo que não deveria socorrer utilizando apenas a firmeza e a energia, mas também a ternura e a compreensão. (...)”

“Lembrando a influência divina de Jesus, iniciei o passe de alívio sobre os olhos da pobre mulher, reparando que enorme placa de sombra lhe pesava na frente”³¹⁰.

Pela exposição, não temos motivos para descrer da ação dos Espíritos, já que a larga maioria dos experimentadores de todas as Escolas, de forma direta ou velada, também se reporta a essa ação, quer por menção à intuição, quer por referência as sensações de “acompanhamentos”.

Chico Xavier perguntou a André Luiz: “Quais os principais métodos usados na Espiritualidade para o tratamento das lesões do corpo espiritual?” Eis a resposta: “- Na Espiritualidade, os servidores da Medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares.

“Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão (...) podem ser enriquecidos com a ficha cármica do paciente a qual determina quanto a reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas *somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico, a fim de que as causas profundas do mal sejam extirpadas da mente pelo contacto direto com as lutas em que se configuraram.*

“Crucial, portanto, é que o médico espiritual se utilize ainda, de certa maneira, da medicação que vos é conhecida, no socorro aos desencarnados em sofrimento (...)”

“Contudo é imperioso reconhecer que na Espiritualidade Superior o médico (...) se ergue com (...) as qualidades morais que lhe confirmam valor e ponderação, humildade e devotamento, visto que a *psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano estafísico*, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração”³¹¹ (grifamos).

A transcrição dispensa comentários.

Na espiritualidade, é de se notar, também se faz uso da “psicoterapia e do magnetismo”, ficando, assim, definido que não se trata de Ciências eminentemente humanas, mas, sobretudo, Naturais. Isso é bom ficar bem entendido pois Psicologia é o estudo da alma e Magnetismo à a Ciência do bem em ação; e por assim serem entendidas, não podem, pura e simplesmente, ser afastadas das Casas Espíritas. Devemos, isto sim, usar-lhe os benefícios, orientados pela lucidez kardequiana da Codifi-

³¹⁰ XAVIER, Francisco Cândido. *Assistência*. In “Os Mensageiros”, cap. 44, pp. 228 a 231.

³¹¹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Predisposições mórbidas*. In “Evolução em Dois Mundos”, 2ª Parte, cap. 19, pp. 215 e 216.

cação Espírita, sem com isso estarmos apregoando devam as Instituições Espíritas ter ou vir a ser clínicas de psicologia ou departamentos de magnetismo aplicado.

3.2.2 - Sua Ação de Maneira Direta no Paciente

Vejamos um caso registrado por Allan Kardec que fala por si:

“Tínhamos ocultado a morte do Sr. Demeure à Sra. G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, para poupar sua extrema sensibilidade. E o bom doutor (Demeure), percebendo nosso ponto de vista, sem dúvida tinha evitado manifestar-se a ela. A 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a Sra. G... de uma entorse de que sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto (...). Apenas caída em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

“A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas as suas feições ficavam ocultas; *operava fricções e massagens*, fazendo de vez em quando uma *fricção longitudinal* sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não teve longa duração; ao cabo de dez minutos todo o traço de entorse havia desaparecido; não mais inflamação, o pé tinha tomado sua aparência normal; a Sra. G... estava curada.

“(· · ·) A cura referida acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mistura do magnetismo humano”³¹² (grifamos).

Eis outro exemplo, agora como testemunho pessoal; há alguns anos sofríamos de um violento processo alérgico nas fossas nasais, ao ponto de só dormirmos com aplicação local de remédios vasoconstritores. Como sofremos de hipertensão, a situação ficou muito delicada. Certa noite, a hora de dormir, pedimos aos Amigos Espirituais que, se possível, “procurassem um jeitinho” para resolver o problema, pois já não conseguíamos dormir direito, em virtude da dificuldade de respiração. Dias depois, enquanto trabalhávamos ao computador, repentinamente veio um mal-estar na narina mais fortemente afetada e, num espirro, saiu uma carnosidade bastante volumosa dali, envolta de sangue enegrecido. Ficamos espantados mas, por precaução, guardamos aquela “carne” num vidro com álcool. Fato é que não nos lembrávamos mais da prece daquela noite e, após uns quatro ou cinco dias deste último fato, percebemos que o nariz não mais ficava obstruído, pelo que voltamos a dormir direito (...) Só então percebemos que tal se deu depois do desprendimento daquela “coisa”. Procuramos, então, um médico amigo, contamos-lhe o fato, ele examinou o material e disse se tratar de um “cartucho” (esse é o nome que conhecemos) que tinha sido “cirurgiado”. Para nós, foram os Espíritos que fizeram a cirurgia, se bem não saibamos como se deu o fenômeno na sua intimidade.

Não há dúvidas: isto é exemplo de intervenção espiritual!

4. POTENCIAL FLUÍDICO

Como quem doa tem que ter o que doar ou saber o que, e onde conseguir para doá-lo, faremos alguns registros neste sentido.

Allan Kardec nos informa que “São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois pólos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela in-

³¹² Poder curativo do magnetismo espiritual. In “Revista Espírita”, abr. 1865, pp. 109 a 111.

tensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico, e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais”³¹³.

Observemos como o Codificador deixou bem diferenciado o magnetismo ordinário do magnetismo que é levado a efeito pelo Espiritismo e, por conseguinte, nos passes. Como se infere, tanto da teoria quanto da prática, o magnetismo ordinário é de aplicação bem mais demorada que o espírita, mesmo em se tratando de um idêntico objetivo, um mesmo alcance. Todavia, para quem não aceita ou não conhece o Espiritismo fica difícil entender o motivo disso tudo. Para nós, que estudamos a Doutrina dos Espíritos, é fácil esse entendimento; nossa ação conta com a participação consciente e aceita dos Espíritos e de seu instrumental, que chamaríamos de cósmico, fluido-espiritual ou ainda fluídico-espiritual.

Allan Kardec nos concede outras observações: “(...) o médium (curador) tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o *papel capital que representam as afinidades fluídicas* em todos os fenômenos de mediunidade. Algumas pessoas mesmo só gozam acidentalmente e para um determinado caso. Seria, pois, um erro crer que, por isso que se obteve uma cura, mesmo difícil, podem ser obtidas todas, pela razão que o *fluido próprio de certas doenças é refratário ao fluido do médium*; a cura é tanto mais difícil quanto a assimilação dos fluidos se opera naturalmente. Assim, é surpreendente que algumas pessoas frágeis e delicadas exerçam uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. Então é que essas pessoas podem ser bons condutores do fluido espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser maus condutores. Têm seu *fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos bons Espíritos*”³¹⁴ (grifamos).

Acreditamos ser óbvio que um corpo são tem melhores recursos fluídicos, via de regra, que um corpo débil, doente. Numa obra já mencionada³¹⁵, há registro das observações do comportamento orgânico em médiuns, onde, pelas perdas de peso, alteração de pulso e pressão e consideráveis modificações nos níveis sanguíneos, fica evidente que é necessário um bom estado orgânico para que se tenha um grande potencial fluídico. Mas a recíproca não é necessariamente verdadeira. O animismo (perispiritual) pode fornecer tônus vital próprio que exceda os potenciais orgânicos, assim como as condições nunca desprezíveis, advindas da atuação fluídica decorrente de uma vontade forte e da ação dos Espíritos reforçam esses potenciais.

4.1- Afinidade x Potencial Fluídico

Na “Revista Espírita” de 1858, Kardec nos diz: “A emissão do fluido pode ser mais ou menos abundante: daí os médiuns mais ou menos potentes.

E como não é permanente, explica a intermitência daquele poder. Enfim, se levarmos em conta o grau de afinidade que pode existir entre o fluido do médium e o de tal ou qual Espírito, compreender-se-á que sua ação se possa exercitar sobre uns e não sobre outros”³¹⁶.

Concluído que a potência fluídica está diretamente relacionada com a quantidade e a qualidade da emissão fluídica por parte do médium, localizamos, com Kardec, outra dependência: a da afinidade. Tanto que ele diz: “A cura é devida às afinidades fluídicas, que se manifestam instantaneamente, como um choque elétrico, e que não podem ser prejudicadas”³¹⁷.

Isso tudo nos induz ao entendimento das muitas vezes em que um determinado tipo de tratamento funciona com um paciente e não com outro; ou com um, segundo uma extensão temporal mais ou menos longa, que em outros. Por isso achamos precipitado acusarmos ineficiência em certos

³¹³ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item 32.

³¹⁴ Poder curativo do magnetismo espiritual. In “Revista Espírita”, abr. 1865, pp. 111 e 112.

³¹⁵ KRIPPNER, Stanley (ph.D). *Psicocinesia em Leningrado*. In “Possibilidades Humanas”, cap. 2.

³¹⁶ Teoria das manifestações físicas - 2. In “Revista Espírita”, jun. 1858, p. 156.

³¹⁷ O ZUAVO Jacob - 2. In “Revista Espírita”, nov. 1867, p. 345.

médiuns ou deficiência nalguns pacientes; muitas vezes o médium com maior potencial não consegue grandes coisas com determinado paciente, o qual vem a se curar com outro médium tido como “fraco”, fluidicamente falando. É que além do potencial fluídico a afinidade é fundamental.

Para se entender como funciona essa afinidade, façamos uma analogia: uma emissora de rádio, por mais forte que seja seu “sinal”, não será receptada por um rádio que esteja sintonizado noutra frequência, ainda que de “sinal” mais fraco. É que, como nos passes, além da potência do “sinal”, é indispensável a sintonia (afinidade) na mesma frequência. Por outro lado a afinidade a que nos referimos não deve ser confundida com a simpatia que temos pelas pessoas. A “afinidade fluídica” depende da vibração do campo fluídico em uma mesma frequência ou onde se instale uma frequência que comporte a outra. Isto quer dizer que até frequências diferentes podem se combinar, desde que dentro, de determinados padrões e limites.

Reconhecendo o empirismo em que este assunto ainda se encontra, fica a sugestão para que busquemos investigar, pesquisar e aprofundar nossos conhecimentos na área para, de futuro, poderemos equacionar melhor nossos padrões de afinidade versus potenciais fluídicos.

4.2 - Moral x Potencial Fluídico

Quanto aos valores morais em função do potencial fluídico, já concluímos que seu engrandecimento é marcadamente necessário. Para não nos alongarmos desnecessariamente, vejamos a analogia feita pelo Espírito Emmanuel: “(...) Em essência, os olhos de um analfabeto, de um preguiçoso, de um malfeitor e de um missionário do bem não exibem qualquer diferença de histologia da retina (...)

“Imaginemos fosse concedida, aos quatro, determinada máquina com vistas à produção de certos benefícios, acompanhada da respectiva carta de instruções para o necessário aproveitamento.

“O analfabeto teria, debalde, o aparelho, por desconhecer como deletrear o processo de utilização.

“O preguiçoso conheceria o engenho, mas deixá-lo-ia na poeira da inércia.

“O malfeitor aproveitá-lo-ia para explorar os semelhantes ou perpetrar algum crime.

“O missionário do bem, contudo, guardá-lo-ia sob a sua responsabilidade, orientando-lhe o funcionamento na utilidade geral.

“Força medianímica, desse modo, quanto acontece a capacidade visual, é dom que a vida outorga a todos.

“O que difere, em cada pessoa, é o problema de rumo”³¹⁸.

Dispensando outros comentários, podemos concluir com Michaelus: “(...) Tanto maior será a força do magnetizador quanto mais puro for o seu coração. Quanto mais o homem se elevar espiritualmente, tanto maior será o poder de sua irradiação”³¹⁹. Ou seja: façamos nossa parte; façamos o melhor possível pois a Espiritualidade faz sua parte, sempre. E se “A cada um é dado segundo suas obras”, também prevalece o “Faze por ti que o Céu te ajudará” (Jesus).

³¹⁸ XAVIER, Francisco Cândido. *Força mediúnica ~n'Seara dos Médiuns*, pp. 55 e 56.

³¹⁹ MICHAELUS. In *“Magnetismo Espiritual”*, cap. 4, p. 36.

CAPÍTULO VI - COMO → O IMPASSE DO PASSE

“E quem tiver feito seus estudos e experiências reconhecerá que a diversidade dos processos resulta principalmente da própria natureza e das propriedades do fluido de cada magnetizador. Uma observação acurada nos levará à convicção de que o essencial é agir de acordo com os princípios, sem ficar preso aos métodos prescritos, mas adotando aquele que for, em cada caso, o mais consentâneo e eficiente”. (Michaelus)³²⁰

Desde criança ouvimos que a Doutrina Espírita não tem mistérios, que tudo (ou quase tudo) tem explicação, que o bom senso sempre prevalece e que nada é imposto, principalmente, se vem de Espíritos Superiores. Mas na hora de se explicar o passe, “é um Deus nos acuda!”. Tanto que é comum pessoas e Instituições Espíritas recriminarem abertamente o “passe magnético” sem, entretanto, darem para tal fato explicações convincentes.

Perquirindo e raciocinando a respeito, fomos percebendo que o grande problema a ser vencido estava a nível de definição, pois as discussões que havia, via de regra, giravam em torno de palavras e não dos fatos em si.

Procurando resolver esta situação, embora ousando um pouco e correndo o risco de sermos mal interpretados, propomos uma forma de solucionar o que chamamos de “impasse do passe”.

1. NECESSIDADE DE CARACTERIZAÇÃO DO PASSE

É sabido que o passe não atende a uma única finalidade nem sua origem fluídica promana de uma única fonte. Sabemos igualmente que muitas escolas orientais e esotéricas têm estudado as técnicas do magnetismo sob as mais diversas denominações e com os mais variados objetivos. Percebemos, por fim, que o passe na Casa Espírita está muito miscigenado, por vezes de uma forma um tanto quanto indevida; não que tal fato seja, em si, condenável pois, atendendo ao convite feito pelo “apóstolo dos gentios”³²¹, devemos analisar tudo, retendo o que é bom; apenas não devemos incorporar conceitos, práticas e rituais que sejam contraditórios entre si, que afrontem os princípios doutrinários do Espiritismo ou que não melhorem, não aprimorem ou apenas piorem aquilo que já está estabelecido e reconhecido como correto e frutuoso.

A par disso, o personalismo. as práticas eminentemente individuais ou de grupos isolados da realidade universal, além de certas informações não crivadas na razão e no bom senso, dadas por determinados “guias” - os quais se melindram ao serem questionados, relegando o interesse na promoção da universalidade de seus ensinamentos, como que a temê-lo -, muito têm contribuído para os desvios e impasses com que nos deparamos na maioria das Casas Espíritas.

Decorrentemente, começaram a surgir nomes, técnicas e métodos os mais variados e exóticos possíveis, sem falar nas concepções equivocadas atribuídas a nomenclaturas já bem definidas. Desse embaralhamento restou a constatação límpida de que nós, os espíritas, já não nos entendemos quando nos referimos ao passe, como se os termos que o envolvem formassem um verdadeiro dialeto e, o que é pior, um dialeto muito pobre e conflitante.

O que fazer então para sair do “impasse do passe”? Sem dúvida que a resposta é estudar. Só que estudar não é apenas ler um livro, ouvir uma palestra ou participar de um curso; é isso e muito mais. É pesquisar, experimentar com equilíbrio e sob boa orientação, é buscar o sentido das coisas, tudo ponderando com critério e bom senso. É bitolar-se pela Lei Natural.

³²⁰ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 9, p. 66.

³²¹ I Tessalonicenses, V, v. 21.

Vamos estudar, então. E comecemos por Kardec:

“A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

“1º) pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita a força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

“2º) pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

“3º) pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o *magnetismo misto, semi-espiritual*, ou, se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinando com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades que ele carece (...)” (grifos do original)³²².

Percebe-se claramente que Kardec tomou por referencial apenas um aspecto da questão fluido-terápica: a ação magnética em função da “*fonte dos fluidos*”, ou seja, de sua origem. Isto quer dizer que, traduzindo suas palavras para a terminologia do passe, ele falou, respectivamente, do passe magnético, do passe espiritual e do passe misto; tudo, perdoem-nos a ênfase, apenas no que se refere à fonte dos fluidos.

Racionalizando nossa realidade, sabemos que o passe também pode (e deve, e é) ser analisado segundo, pelo menos, outros dois aspectos: em relação ao “*alcance do fluido*” e as “*técnicas*” usadas.

Retornemos ao raciocínio inicial: tornou-se por demais comum ouvir-se dizer que na Casa Espírita não deve ser aplicado o passe magnético mas apenas o espiritual ou o mediúnico (...) Nesse ponto perguntamos: e o que é o passe mediúnico? Será aquele que se aplica “incorporado”? Não concordamos que seja dessa forma³²³, assim como discordamos se aplique passes com riqueza de técnicas do magnetismo de forma pública e coletiva. Como se vê, dependendo da situação proposta poderemos concordar ou discordar de determinadas práticas. Uma coisa, contudo, ressalta: precisamos saber exatamente o que se quer dizer quando se fala de passe magnético, espiritual e/ou misto. Eis por que precisamos urgentemente de uma caracterização do passe na Casa Espírita³²⁴.

2. TIPOS DE PASSE

“O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, ainda não pode ter dito tudo; não pode, de um só golpe, mostrar-nos todos os fatos que abarca; diariamente os mostra novos, dos quais vêm corroborar ou completar os já conhecidos, mas é necessário tempo material para tudo”³²⁵. Com este pensamento, Kardec nos adverte para a progressividade do tema. Ele, é fácil verificarmos, não se prendeu a análise isolada dos outros fatores que envolvem a prática do magnetismo tal como didaticamente o faremos nesta oportunidade; mas que ele sabia dessas considerações é inegável, pois em várias oportunidades estudou e comentou, em sua “*Revista Espírita*”, os aspectos do “*alcance*” do fluido e das “*técnicas*” do passe, conforme teremos ocasião de observar ao longo das citações que faremos.

Busquemos então, sem mais delongas, o entendimento para o passe segundo as três situações propostas.

³²² KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “*A Gênese*”, cap. 14, item Curas, tópico 33.

³²³ No capítulo X, item 9 - “*Incorporação Durante o Passe*”. trataremos detalhadamente deste aspecto.

³²⁴ No Congresso Internacional de Espiritismo de 1989, realizado em outubro daquele ano em Brasília-DF, tivemos a honra de apresentar este assunto sob o título “*Caracterização dos Passes Ministrados na Casa Espírita*”, cujo trabalho serviu de base para este capítulo.

³²⁵ *Da Mediunidade Curadora*. In “*Revista Espírita*”, set. 1865, p. 250.

2.1- O Passe Segundo a Fonte do Fluido

Conforme já observamos e deduzimos anteriormente, aqui teremos três tipos de passes, cuja seqüência obedecerá àquela seguida por Kardec³²⁶: magnético, espiritual e misto.

a) O passe magnético aqui caracterizado é aquele cujo fluido utilizado emana *basicamente*³²⁷ do próprio passista (ou do médium, magnetizador, curador, curandeiro, etc.). Seria, isoladamente considerado, o animismo de cura.

b) O *passe espiritual* é o que se verifica pela doação fluídica direta dos Espíritos ao paciente, sem interferência de médiuns. Na prática dos encarnados, contudo, a presença do médium, nesse caso, serve apenas como “canal” dos fluidos espirituais³²⁸.

A Literatura Espírita nos mostra exemplos registrando a ação do Plano Espiritual sobre o Físico. Eis dois registros de André Luiz: “Aproximou-se dele o irmão Clementino e, a maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito”³²⁹; o Espírito Áulus, numa tarefa de atendimento desobsessivo, “Aplicou passes de desobstrução a garganta da enferma (encarnada) e, em breves instantes, o verdugo (obsessor desencarnado) começou a falar (...)”³³⁰.

Antes de passarmos ao próximo tipo, notemos que os Espíritos trabalham no Plano Espiritual, “à maneira do magnetizador comum”, isto é, “aplicando-lhe passes de longo circuito”. O que será isso? Um outro fator a se considerar ainda é que este passe se dá igualmente de Espírito para Espírito.

c) O *passe misto*, que é predominante em nosso meio, conta com a participação fluídica tanto dos Espíritos quanto dos médiuns. Este passe também recebe o nome de *mediúnico* por alguns Espíritos, em virtude da presença espiritual manifesta no fenômeno por seu derramar fluídico, a qual por vezes se dá de forma muito ostensiva, e indevida, através da psicofonia³³¹.

2.2 - O Passe Segundo o Alcance do Fluido

Até aqui este capítulo foi elaborado levando em consideração apenas o passe que tem por base a *fonte* de onde “primordialmente” se origina o fluido. Apesar desse aspecto ser de importância basilar, a característica que ora iremos analisar também se destaca por sua relevância. É pelo *alcance do fluido* que buscaremos, posteriormente, as técnicas, para atender aos três tipos de pacientes que caracterizamos no capítulo V, item 1 - “Quem recebe”.

Uma dificuldade parece se interpor: como definir novos nomes para os passes, agora *segundo o alcance* dos fluidos, sem com isso criarmos mais terminologias numa área onde o excesso de termos só tem gerado confusão e desencontro de idéias? Ou então, como aceitar uma mesma terminologia sem cair neste já complicado impasse? Bem se vê que urge uma solução. Iremos propô-la e acreditamos que será bem aceita e entendida com facilidade.

Mas, antes de fazermos nossa propositura, pedimos permissão para usarmos a mesma terminologia utilizada no item anterior para definir o passe, só que agora levaremos em conta apenas sua ocorrência *em relação ao “alcance do fluido”*. Assim sendo, teremos:

³²⁶ KARDEC, Allan. *Os fluidos*. In “A Gênese”, cap. 14, item Curas, tópico 33.

³²⁷ Dizemos “basicamente” porque sabemos sempre haver participação dos fluidos espirituais, mesmo naquilo que se convencionou chamar de “magnetismo puro”.

³²⁸ Atente-se para o que referimos no capítulo IV, item 1.2, último parágrafo.

³²⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Desdobramento em serviço*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 11, p. 97.

³³⁰ XAVIER, Francisco Cândido. *Fascinação*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 23, p. 220.

³³¹ Mais conhecido popularmente por “incorporação”. Embora esta expressão não seja bem aceita por todos, ela é usualmente empregada e assimilada no meio Espírita.

a) O *passé magnético*, neste enfoque, é aquele cujo alcance objetiva o atendimento de problemas orgânicos, físicos e/ou perispirituais, aí se incluindo aqueles passes praticados pelos Espíritos diretamente em desencarnados com o fim de recuperar deficiências ou limitações “físicas” naqueles.

b) O *passé espiritual* aqui assume a feição daquele destinado ao atendimento de problemas de ordem espiritual, principalmente dos cujas matrizes são os processos obsessivos ou decorrentes de desvios morais. Para exemplificar, este passe é aplicado pelos médiuns nas reuniões de desobsessão, assim como pelos Espíritos.

c) O *passé misto*, a exemplo do seu homônimo anterior, já nos sugere ser aquele onde o tratamento visa não uma mas todas as partes do ser, ou seja: corpo, perispírito e espírito. Obviamente os fluidos aqui “manipulados” atuarão não apenas a nível perispiritual, mas atingirão as próprias células do corpo e alcançarão igualmente a intimidade do Espírito, ainda que por via perispiritual.

Acreditamos que o leitor já terá percebido onde queremos chegar. Por esta nova caracterização ficou patente que muitos de nossos desentendimentos se dão mais por questão de falta de definição do que propriamente por má vontade ou menor entendimento da parte de algum.

Mas ainda existe, como dissemos no início, uma outra “variável” para o nosso equacionamento; é a questão da técnica.

2.3 - O Passe Segundo a Técnica

Pelos mesmos motivos explanados no item anterior, mais uma vez deixaremos de criar novos termos e faremos uso dos três já utilizados nos itens acima. Não creia o leitor que isto é simples comodidade ou mera inovação; é que muitas pessoas, por exemplo, quando falam “passé magnético”, estão se referindo aos passes que usam as técnicas do magnetismo, sem se reportarem necessariamente às características que já apresentamos. Tanto é que comumente ouvimos as pessoas dizerem que preferem tomar passe com “fulano” porque ele dá um “passé magnético” (com movimentação de mãos) enquanto “sicrano” só dá “passé espiritual”, pois “nem sequer se mexe”.

Vejamos, então, como fica nosso entendimento em face desta nova situação, atentando que não iremos levantar as técnicas em si mesmas.

a) O *passé magnético* agora é entendido como o que é aplicado segundo as técnicas do magnetismo, não importando nem de onde venham os fluidos, nem para que fins se destinam, nem ainda quem o aplique.

b) O *passé espiritual*, conforme seu entendimento nesta situação sugere, é aquele onde o passista utiliza, como técnica, apenas a prece, a irradiação (a distância) ou, no máximo, a imposição de mãos, sem movimentos e sobre a cabeça ou frente do paciente. Este seria aquele caso em que o médium passista não necessitaria ter tantos conhecimentos de técnicas pois sua ação seria essencialmente mental.

c) O *passé misto* aqui é entendido como o que faz a utilização conjugada da prece com imposição de mãos, seguido do uso de outras técnicas, ou então a aplicação de um passe com técnicas variadas após uma radiação (que é um passe espiritual, segundo a técnica). Para reforço do entendimento, diríamos que tal passe é aquele onde se utiliza a dispersão fluídica antes e/ou após a imposição de mãos, intercalada por técnicas outras.

Agora que definimos nossas três características típicas, vamos à proposição que visa solucionar o problema do entendimento. Entrementes, caso não tenham sido percebidas as diferenças estabelecidas nos itens acima pormenorizados, sugerimos sua releitura antes de entrarmos no próximo tópico.

3. O FIM DO IMPASSE

Na matemática encontramos um cálculo chamado “combinação” que nos permite encontrar o resultado da soma de vezes em que um número de coisas se combinam com outras, dentro dos padrões estabelecidos pela propositura do problema. Como, nas situações apresentadas, temos três características de passes (em relação a origem do fluido, em relação a seu alcance e em relação a técnica aplicada) onde cada um nos apresenta três tipos (magnético, espiritual e misto), se fizermos a combinação desses três elementos três a três, teremos, por resultado, o número vinte e sete. Isto quer dizer que, se para cada tipo de combinação rotulássemos um nome, teríamos que criar vinte e sete nomes diferentes para atendê-las todas. Convenhamos, seria um embaraço sem fim, fazendo com que nosso simplório passe se revestisse de uma falsa prosopopéia, além do agravante de atrapalhar o raciocínio de pessoas humildes, no meio das quais, por sinal, se encontra o maior número dos médiuns mais produtivos, prestativos, honestos e pontuais.

Como nos recorreremos da matemática para chegarmos ao número acima, faremos mão de suas teorias outra vez a fim de explicar nosso raciocínio. Aprendemos que, quando temos uma única equação com tais variáveis, se torna indispensável fixemos valores a duas dessas variáveis para descobrirmos a outra incógnita.

Com isso queremos dizer que iremos fixar nomes para podermos simplificar nossa solução.

Paralelamente, buscaremos na gramática um recurso muito usado para, por meio de duas ou mais palavras, se exprimir uma terceira significação; trata-se da “união gramatical”, aquele tracinho (-) que quando une guarda com chuva, por exemplo, faz com que desapareça o sentido de vigilante e de aguaceiro para surgir o de protetor contra a chuva. Essa união gramatical, quando necessário, aos permite usar um artifício bem interessante que é o de sincopar as palavras, ou seja, reduzi-las, suprimir-lhe certas letras sem, contudo, alterar-lhe o sentido. De posse dessas “ferramentas”, vamos ao que interessa.

Primeiro, vamos lidar com uniões gramaticais para definir nossa caracterização onde, portanto, a união gramatical será nossa linha de equação. Para isso, fixemos nossa primeira variável ou seja: todos os primeiros nomes das nossas uniões gramaticais. Que nomes serão esses? Serão exatamente os nomes dados à nossa primeira característica de passe, isto é: os nomes dos passes *segundo a fonte do fluido*; magnético, espiritual e misto. Antes de passarmos aos segundos nomes das uniões, a fim de facilitar a composição que faremos a seguir, tomemo-los em suas formas sincopadas, quer dizer: passe magneto (de magnético), passe espírito (de espiritual) e passe misto (este não convém sincopar).

Em seguida, fixemos, da mesma maneira, nossa segunda variável que são os nomes dos passes caracterizados *segundo o alcance do fluido*. Aqui iremos empregá-los em suas formas naturais e não mais de maneira sincopada. Para facilitar nosso entendimento, deixemos nossa terceira variável (passes segundo a técnica), provisoriamente, de lado.

Componhamos agora nossa união gramatical com as variáveis que já fixamos, combinando essas variáveis duas a duas:

2º a origem	2º o alcance
passe magneto	- magnético
passe magneto	- espiritual
passe magneto	- misto
passe Espírito	- magnético
passe Espírito	- espiritual
passe Espírito	- misto
passe misto	- magnético

passé misto	-	espiritual
passé misto	-	misto

Antes de seguirmos, poderíamos fazer um certo “aperfeiçoamento” naquelas uniões gramaticais, mesmo não sendo isso tão importante. Se observarmos com atenção veremos que ali alguns termos se repetem, soando como uma repetição meio esquisita. Por este motivo, e para quem ache que assim ficará mais conveniente, poderemos substituir o segundo termo das uniões que se repetem pelo algarismo “II” (em romanos). Com isso, três daquelas uniões seriam modificadas:

- a) de “passé magneto-magnético” para “passé magneto-II” (ou “passé magnético”);
- b) de “passé Espírito-espiritual” para “passé Espírito-II” (ou “passé espiritual-II”); e
- c) de “passé misto-misto” para “passé misto-II”.

Que queremos dizer com isso? Exatamente o que o leitor já deve ter imaginado. Estamos usando os mesmos nomes para dizer as mesmas coisas só que agora com tudo bem definido, pois em nossa união gramatical o primeiro termo estará sempre se referindo à origem, a fonte básica do fluido, enquanto que o segundo estará definitivamente fazendo alusão ao destino, ao alcance do fluido.

Vejamos como ficaria nosso entendimento:

- quando falarmos em “passé magneto-espiritual”, estaremos nos referindo, de forma clara, direta e irretorquível, do passé magnético, segundo a origem do fluido (os quais são predominantemente do médium), com o fim de tratar problemas de fundo espiritual, que é o passé segundo o alcance do fluido;

- quando se disser: “passé misto-magnético” estar-se-á referindo ao passé misto segundo a origem do fluido (com fluidos tanto do passista quanto da espiritualidade), para tratamento de problemas orgânicos e espirituais (pois este é o alcance pretendido do fluido);

- no caso do “passé misto-misto” (ou “misto-II”), isto exprimirá que o passé está sendo aplicado com fluidos oriundos dos dois Planos da vida, com o objetivo de atender a problemas materiais e espirituais. E assim por diante...

Neste ponto fazemos uma sugestão: que tal você mesmo tentar denominar as outras seis variações que não esmiuçamos? Com isso você poderá checar seu entendimento acerca dessas caracterizações.

Não! Não esquecemos a variável do passé segundo a técnica; apenas reservamos uma surpresa a respeito: por incrível possa parecer não iremos incorporá-la de forma definitiva em nossa união gramatical. Ocorre que as divergências maiores comumente envolvem as duas primeiras características. Com isso evitaremos as uniões gramaticais triplas.

Mas, com justa razão, alguns leitores não aceitação este argumento, pois na abertura deste assunto não só atiçamos a curiosidade como prometemos uma solução para os impasses. Ei-la, então. Quando houver necessidade de se explicitar o tipo de passé segundo uma técnica, conjuntamente com as outras características, apresentaremos as uniões gramaticais acima já definidas e acrescentaremos, explicitamente, o tipo de técnica que se vai usar. Com isso poderemos, inclusive, descer a denominações específicas das técnicas, posto que estas têm vários nomes já bem estabelecidos e reconhecidos universalmente. Assim, quando se quiser recomendar um passé “misto-magnético” com uma técnica magnética, diremos, simplesmente: “passé misto-magnético” com técnica(s) tal(is), expondo a técnica a ser empregada (por exemplo: um “passé misto-magnético-longitudinal”). Tal procedimento será de grande valia para instruir iniciantes, para exposições acerca das técnicas ou quando, nos trabalhos do passé, um instrutor funcionar sugerindo os procedimentos aos demais médiums, ou ainda para facilitar o encaminhamento nas orientações dos receituários da Casa Espírita.

De forma alguma estamos desconsiderando a técnica nesse modo de caracterizar o passé; como na maioria das vezes não é necessário ou não são conhecidas as técnicas, tal supressão é mais

benéfica que desrespeitosa. Ademais, estamos deixando em aberto, para quem queira, a liberdade de explicitar mais ainda as técnicas ou, o que à outra opção, poder até fazer-se a união gramatical com três elementos, seguindo os mesmos princípios já estabelecidos para os dois primeiros tipos. Dessa maneira, agindo assim participamos da idéia do Codificador do Espiritismo quando, se posicionando quanto às técnicas, disse: “Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de os curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. *O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável*”³³² (grifamos).

Tomando as palavras de Kardec, faremos um parêntese aqui: se ele reconheceu que “o conhecimento dos processos magnéticos é útil”, como querer não se deva usar os recursos do magnetismo nas Casas Espíritas? Ou será que nas Casas Espíritas ou nos serviços de atendimento pelos Espíritas não surjam “casos complicados”? Ou será ainda que do fato de não ser “indispensável” se queira tornar aquele conhecimento inútil, menosprezando-o?

Tomemos Kardec mais uma vez:

“1ª - “Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

- “Não há que duvidar.

“2ª - Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetiza com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.

“3ª Há, entretanto, bons magnetizadores que não crêem nos Espíritos?

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso (...)

“4ª Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?

“Faria coisas que considerareis milagres”³³³.

Nos afirmando os Espíritos que os magnetizadores são médiuns, sentimos não há como criar precisas demarcações limítrofes entre os domínios da mediunidade e do animismo, pois que os fluidos utilizados nos passes e, por extensão, nas manifestações anímicas, não são só dos Espíritos encarnados. Depois verificamos que, mesmo sem crer-se nos Espíritos, os magnetizadores (animistas, portanto) são ajudados por eles, os quais agem por seu intermédio, ainda que a inconsciência ou não perceptibilidade do fato se verifique. Isso nos faz recordar uma outra questão proposta por Kardec: “Influem os Espíritos em nossos pensamentos?

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem”³³⁴.

E quando Kardec nos acrescenta: “Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se souber fazer-se assistir por bons Espíritos. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando

³³² *Da Mediunidade Curadora In “Revista Espírita”, set. 1865, p. 254.*

³³³ KARDEC, Allan. *Dos médiuns. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 14, item 176.*

³³⁴ KARDEC, Allan. *Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos. In “O Livro dos Espíritos”, Parte 2ª, cap. 9, questão 459.*

sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano”³³⁵, ficamos extasiados ante o universo que se descortina em face de nossas possibilidades, hoje raquíticas, mas com justas esperanças por um centuplicar misericordioso.

Com tudo isso para fechar este longo parêntese, não dá para entender não se deva aplicar o passe magnético (em qualquer de suas três versões apresentadas) na Casa Espírita; é elementar uma conclusão favorável pois se os Espíritos multiplicam nosso poder “humano”, dentro dos limites da Lei de amor e justiça, certamente que será para uma finalidade superior. O que não aconselhamos, e isso queremos deixar bem frisado, é querer transformar-se o magnetismo em algo maior que a participação da Espiritualidade em nossos trabalhos de passe, ou que se fique a imaginar que “nossas energias” sejam melhores ou mais efetivas que quaisquer outras beneficiadas pelos Mentores Espirituais. Afinal, são eles, com suas “energias e técnicas”. que invariavelmente atuam, “manipulando” os fluidos e nos favorecendo com suas “intuições” e benesses a fim de suprir nossas deficiências e limitações.

Por tudo isso era necessário uma caracterização do passe a fim de possibilitar não caminhássemos indefinidamente nos trilhos do desentendimento por falta de simples definições.

Encerrando este assunto, nos daríamos por felizes se o leitor comparasse seus conceitos sobre tipos de passes com esses que, mesmo não sendo exclusivamente nossos, vimos propor. Na verdade, eles fazem luzir reflexões, as quais poderão propiciar a germinação de bons e proveitosos frutos nos níveis de entendimento em meio àqueles Espíritos desprendidos que buscam meios de ajudar e progredir, servindo e amando.

CAPÍTULO VII - QUANDO E ONDE

*“Fazei aos homens tudo o que quereis que eles vos façam, porque esta é a Lei e os profetas.” (Jesus)*³³⁶

Falar das imensas necessidades, privações e provações que a humanidade terrena está constantemente a viver é redundante. Luz na Doutrina Espírita todo um manancial de informações, observações, teorias e comprovações, quer filosóficas, científicas ou inspiradas, a confirmar a destinação presente de nosso orbe: “mundo de provas e expiações”. Em consequência, nada mais natural que tanta dor, tanto sofrimento, tantos desatinos, tantos erros... Por outro lado, atendendo as Leis de Amor e Justiça, percebemos tantas bênçãos anônimas, tantas almas generosas, tantas oportunidades de reparação e tantos e eloquentes convites ao Evangelho...

Infelizmente, por conjugações visivelmente equivocadas, muito se tem usado o argumento de que, sendo aqui mundo de provas e expiações, cada um tem que pagar seu quinhão sozinho, com isso se esquivando do exercício do amor fraternal... Que pena! Quão dignos de compaixão e esclarecimentos são os que assim pensam, agem ou ensinam! Bernardino, Espírito protetor, em Bordéus, 1863, já nos recomendava: “Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a justiça de Deus, importa que siga seu curso.” Dizei antes: “Vejam os meios que o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. (...) Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer cessar esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.”(...) Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade”³³⁷.

Exaramos daí que nos compete agir em favor do próximo, pois, se para ele suas dificuldades são “testes”, para nós, os conscientes das Verdades Eternas ensinadas pelo Cristo, são oportuni-

³³⁵ Da *Mediunidade Curadora* In “*Revista Espírita*”, set. 1865, p. 253.

³³⁶ Mateus, VII, v. 12.

³³⁷ KARDEC, Allan. *Bem aventurados os aflitos*. In “*O Evangelho segundo o Espiritismo*,” cap. 5. item 27.

dades de “quitação” pois, já nos asseverou Pedro: “Tende amor imenso uns para com os outros, porque o amor cobre a multidão de pecados”³³⁸. Agindo assim estaremos contribuindo para o bem não só da humanidade senão de nós mesmos; estaremos aprendendo a amar, pois amor não é título que se compre ou se regateie, mas sim uma vivência profunda de largo conjunto de práticas, tais como a afabilidade, a doçura, a renúncia, a resignação, o perdão, o esquecimento das ofensas, a compreensão, a humildade, a benevolência, a caridade, a paciência...

1. QUANDO

Se devemos socorrer nossos irmãos, sejam eles quem forem, isso nos leva a meditar sobre a oportunidade de fazê-lo. Deveremos, em qualquer caso, atender, socorrer um irmão necessitado? Óbvio que sim. Mas, no caso do passe, devemos igualmente prestar este atendimento a qualquer hora e sob quaisquer condições? Meditemos um pouco antes de emitirmos alguma resposta. Na primeira situação tínhamos uma questão extremamente genérica requisitando uma solução em igualdade de condições, ou seja: genérica. Na segunda proposição encontramos um questionamento genérico requerendo uma ação fundamentalmente específica. Busquemos uma comparação para materializar o entendimento: uma pessoa está acidentada na via pública; devemos socorrê-la? E, no mesmo caso, deveremos, ali mesmo, cirurgiá-la, ainda que sejamos médico cirurgião? Parece estar claro que à primeira pergunta a resposta será afirmativa enquanto que à segunda talvez não o seja. Por quê? Pelo simples fato de situações especiais requererem atendimentos especiais. Assim, salvo situações quase sempre incomuns, o passe pode ter aguardada sua aplicação por parte do paciente, o qual deverá ser enquadrado ou se enquadrar às normas de atendimento desse serviço, tal como o acidentado do exemplo que será ou deverá ser preparado para o atendimento devido, no momento e lugar próprios.

Para que não nos percamos num emaranhado de hipóteses e proposições, tornaremos o mais didático possível nossa classificação sobre “quando” aplicar o passe.

1.1 - Em Relação ao Paciente

O orientador espiritual Anacleto, comentando sobre o passe em sua visão desde o Plano Espiritual, nos lega uma advertência muito séria: “Nossa missão é de amparar os que erraram e não de fortalecer os erros”³³⁹. Comentemos: nessa oportunidade tinha sido socorrido um Espírito encarnado, através dos benefícios do passe, pela décima vez seguida, sem que ele se corrigisse de suas conscientes e corrigíveis falhas. Que lição podemos tirar daí? Além da seriedade com que os Espíritos tratam das atividades a eles atinentes, ressalta o fato de que situações existem em que a caridade não necessariamente prestar um atendimento ao necessitado, socorrendo-o com novos e novos suprimentos de energias para um reerguimento físico ou psíquico imediato, mas ajudá-lo com esses recursos, fazendo-o compreender a necessidade de sua participação efetiva, sem, contudo, se acumpliciar com seus equívocos; aliviá-lo, porém não eximindo-o de suas responsabilidades, as quais são pessoais e intransferíveis.

De forma bem genérica, podemos concluir, por força do bom senso e do amor cristão, que:

1.1.1 - Podemos Aplicar o Passe Quando

a) O paciente procura ou solicita tal serviço, se esforçando por consegui-lo. Nesse caso, deverá ele se condicionar às normas de atendimento do passe da casa por ele buscada, dando, assim, demonstração de seu real interesse. Esta atitude, aparentemente anacrônica, irá auxiliá-lo profunda-

³³⁸ I Pedro, IV, v. 8.

³³⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Passes*. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 374.

mente, pois Jesus já nos ensinou que “Buscai e achareis, batei e abri-vos-á”,³⁴⁰, ensejando-nos assim que a participação de cada um é devida e requerida.

A exceção, no que diz respeito à participação consciente do paciente, fica para os casos de emergência como crises epiléticas, obsessivas, febres violentas ou situações similares;

b) O paciente se encontra hipnotizado ou em estado sonambúlico, quer por força material, anímica, quer por força espiritual, quer de forma natural, quer provocada, e é necessário tirá-lo desse estado;

c) Como recurso terapêutico total, complementar, reparatório ou preparatório.

Total: quando forem casos plenamente tratáveis por essa terapia;

Complementar: se o tratamento for conjugado, com a medicina dos homens ou com a *medicina espiritual*;

Reparatório: quando visa corrigir equívocos e/ou excessos decorrentes de terapias mal aplicadas; e

Preparatório: como auxiliar de primeiro momento para tratamentos médicos, fluidoterápicos e de ligamentos ou desligamentos nos processos reencarnatórios e/ou desencarnatórios;

d) O paciente se encontra sob influência obsessiva, pelo que, além da “evangelhoterapia”, o passe é altamente significativo; e

e) O paciente atende indicação tanto de consulta espiritual, através do receituário da casa Espírita, quanto de recomendação que lhe tenha sido feita nesse sentido.

Omitimos a condição requerida para efeitos de pesquisas científicas por nosso trabalho não visar tal alcance, mas, com a ressalva, alertamos também para este “quando”.

Entretanto, por ser recomendável poupemos esforços na aplicação de passes em determinadas situações, cabe-nos o cuidado de examinarmos algumas situações criadas pelos pacientes que, mesmo sem querer nem dever fazer-se disso uma preocupação tamanha a ponto de inibir as boas ações, nos indicam:

1.1.2 - Não e Conveniente Aplicar o Passe Quando

a) O paciente é refratário por decisão própria, provocando com isso apenas desgaste fluídico para os médiuns. Tal paciente é, via de regra, mordaz, cínico, irrefletido, buscando antes um motivo para chacotas a uma solução para seu(s) problema(s). Antes recomendemos-lhe muito Evangelho, estudo metódico de obras sérias e boas orientações através do “diálogo fraterno”, sem falar na inclusão de seu nome para as irradiações e desobsessões;

b) O paciente simplesmente não quer tomar o passe;

c) A procura do passe é simples curiosidade, comodidade ou teste para tentar se convencer daquilo que, no fundo, não quer se convencer; e

d) O paciente se nega a seguir as orientações que lhe são dadas no sentido de, por exemplo, assistir reuniões doutrinárias, evitar bebidas alcoólicas antes e depois do passe ou não ficar faltando sistematicamente ao tratamento, etc.

Como se vê, tudo tem sua lógica, tudo se ajusta, pois do fato de o amor fraternal mandar nos socorramos uns aos outros, de igual maneira orienta não abusemos dos valores alheios nem joguemos “pérolas aos porcos”. Bem servir é servir com utilidade e não necessariamente prestar serviço

³⁴⁰ Mateus. VII, v. 7.

inopinadamente. Afinal, como judiciosamente pondera André Luiz, “A caridade não dispensa a prudência”³⁴¹.

1.2 - Em Relação ao Médiun

Se o paciente deve assumir certas obrigações, notadamente de ordem moral, para poder fazer-se merecedor da assistência dos Bons Espíritos, o médiun do passe, no cômputo de suas responsabilidades, deverá estar submetido a um condicionamento de muito equilíbrio e retidão. O Espírito Alexandre nos informa que “O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio de si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino”. E acrescenta: “Na esfera da carne a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis”³⁴².

Se por um lado vemos reconhecida a importância da boa vontade para o bom desempenho desse ministério, não podemos inferir seja ela condição única. Precisamos adquirir todas as virtudes ali descritas, pois são elas necessárias não apenas aos Espíritos mas igualmente aos médiuns passistas.

Para compormos os demais subtítulos deste item será necessário relembremos as três caracterizações que acabamos de ver no capítulo anterior, ou seja: temos o passe conforme a origem do fluido; em relação ao alcance deste; e de acordo com as técnicas utilizadas. Neste capítulo levaremos em consideração apenas a primeira característica, isto é: a origem do fluido (que seria o primeiro termo de nossa união gramatical). Assim, podemos concluir:

1.2.1 -O Médiun Pode Aplicar

1.2.1.1 - O Passe Espiritual

(Só para reforçar, este, por definição, é aquele cujos fluidos provêm fundamentalmente dos Espíritos.)

- a) Quando estiver moralmente equilibrado e se sentir em condições físicas para tal. A partir daí, vêm as outras condições;
- b) Quando for solicitado, em casos sérios ou urgentes;
- c) Quando estiver ou for indicado para tal tarefa; e
- d) Quando em condições ambientais e fluídicas propícias.

Apesar de poucas, não se prenda ninguém a essas limitações. Afinal, se seguirmos as colocações feitas por Alexandre, não só estaremos sempre em condições de aplicar o passe como teremos moral suficiente para equilibrar os ambientes onde iremos operar.

1.2.1.2 - Os Passes Magnético e Misto

(É evidente que aqui o significado destes passes é o daqueles cujos fluidos são preferencialmente dos próprios médiuns (magnéticos) ou de ambas as fontes (mistos).)

- a) Quando preencher todos os requisitos do item 1.2.1.1 acima;
- b) Quando dispuser de fluidos magnéticos próprios e suficientes para o trabalho;

³⁴¹ VIEIRA, Waldo. *Do dirigente de reuniões doutrinárias. In “Conduta Espírita”, cap. 3, p. 25.*

³⁴² XAVIER, Francisco Cândido. *Passes. In “Missionários da Luz”, cap. 19, p. 321.*

c) Quando conhecer, ao menos, a dispersão fluídica, a concentração de fluidos e a imposição de mãos; tiver vontade firme e desinteressada e boa intuição e/ou “tato magnético”³⁴³; e

d) Não portar doenças infecto-contagiosas nem deficiências orgânicas que sejam transmissíveis via fluido magnético³⁴⁴.

1.2.2 - O Médiun Não Deve Aplicar

a) Quando não se sentir confiante pois, “Imerso em vontade duvidosa, fica impossibilitado de obter qualquer efeito curativo ou mesmo o mais insignificante alívio ao seu pobre paciente”³⁴⁵.

b) Quando estiver nutrindo sentimentos negativos e não conseguir superá-los;

c) Quando tiver vícios como o uso regular de alcoólicos, fumo, tóxicos, alimentar-se desregradamente ou usar de práticas que promovam desgastes físicos exaustivos e desnecessários, pois “Não é possível fornecer forças construtivas a alguém (...) se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais”³⁴⁶.

d) Quando estiver com o estomago muito cheio ou após ter se alimentado de maneira “pesada”;

e) Quando submetido a tratamento que prescreva medicamentos controlados (especialmente aqueles que agem no sistema nervoso central);

f) Quando em idade avançada e com visível esgotamento fluídico ou portando deficiências orgânicas impeditivas³⁴⁷;

g) Quando se é criança ou muito jovem ainda (adolescente), notadamente se o passe for magnético (dentro da conceituação aqui considerada)³⁴⁸;

h) Quando se encontrar estafado física e/ou mentalmente³⁴⁹; e

i) Observemos esta situação que foi proposta a Chico Xavier: “Como agir com as pessoas que nos procuram nas horas impróprias? Devemos atender a todos a qualquer hora?”

R - “(...) Todo trabalho para expressar-se em eficiência e segurança reclama disciplina. Aprendamos a controlar os horários de ação espiritual, a fim de que a perturbação não venha aparecer, em nossas tarefas, sob o nome de caridade. Peçamos a Jesus nos inspire e abençoe para isso. A ordem preside o progresso e, por isto mesmo, não podemos perder a ordem de vista, sob pena de desequilibrar, embora sem querer, o nosso próprio trabalho”³⁵⁰.

A isto, acrescenta Divaldo Franco: “As conseqüências de um médiun andar daqui para ali aplicando passes são muitos graves, porque ele não pode pretender estar armado de defesas para se acautelar das influências que o aguardam em lugares onde a palavra superior não é ventilada, onde as regras de moral não são preservadas, e onde o bom comportamento não é mantido”³⁵¹.

Por fim, conforme nos observa Hermínio Miranda, “A primeira norma que poderíamos lembrar é a de que (o passe) não deve ser aplicado a qualquer momento, indiscriminadamente, e por qualquer motivo”³⁵². Por isso, ao tempo em que não queremos apor limites aos passistas, procuramos fazer

³⁴³ No capítulo VIII - “As Técnicas”, trataremos com detalhes de todas essas técnicas.

³⁴⁴ Vide capítulo X, item 7.5 - “O passista doente”.

³⁴⁵ TOLEDO, Wenefledo. Introdução. In “Passes e Curas Espirituais”, p. 37.

³⁴⁶ TOLEDO, Wenefledo. Médiuns passistas. In “Passes e Curas Espirituais”, p. 32.

³⁴⁷ Vide adiante no capítulo X, o item 2, “O idoso”.

³⁴⁸ Vide adiante no capítulo X, o item 1. “A Criança”.

³⁴⁹ Vide diante no capítulo IX, o item 4.3, “A Fadiga”.

³⁵⁰ SILVEIRA, Adelino da. Passes - Desobsessão - Disciplina. In “Chico, de Francisco”, questão 8, p. 119.

³⁵¹ FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, Raul J. Passes. In “Diretrizes de Segurança”, cap. 7, questão 81, p. 70.

³⁵² MIRANDA, Hermínio Correia de. O Passe. In “Diálogo com as Sombras”, cap. 4, p. 249.

convergir à reflexão aqueles que têm por hábito a aplicação do passe a qualquer hora, em qualquer lugar, sob qualquer pretexto, estando ou não em condições de fazê-lo.

1.3 - Em Relação à casa Espírita

Hermínio Miranda, em obra de valor irreprochável, a qual estuda a temática da desobsessão, nos lembra que “O Espírito desencarnado, incorporado ao médium, torna-se facilmente acessível ao passe magnético e, portanto, aberto aos benefícios que o passe proporciona”³⁵³. Isto quer dizer que o passe está intimamente associado aos trabalhos desobsessivos, por força mesmo de sua eficácia neste terreno. Atentos, todavia, aos limites propostos para este capítulo, assimilamos que a incorporação referida, para estar submetida a uma boa norma, devem se dar em reuniões para este fim destinadas. Por isso mesmo, é importante que a casa Espírita esteja preparada para atender às tarefas da assistência espiritual também neste setor. Afinal, ainda que a prática da desobsessão - no seu sentido genérico - não seja uma prática exclusivamente espírita, é, entretanto, a casa Espírita quem melhor execução e uso pode dar a tão valioso socorro, a tão ímpar profilaxia espiritual. E como nesse mister o passe irrompe com o instrumento de subido valor, não podemos nem devemos negligenciar-lhe a atenção e prática devidas. Partindo-se daí, fica evidente que a casa Espírita deve promover reuniões de assistência espiritual, com o passe a elas associado.

Há outras situações igualmente em que o passe também se reveste de uma importância muito grande para a casa Espírita, pelo que:

1.3.1 - Deve Ser Aplicado

a) Quando do atendimento aos necessitados nas reuniões de assistência social e espiritual da casa Espírita;

b) Após as reuniões doutrinárias, àquelas pessoas que precisem ou queiram receber tal bênção;

c) Quando surja alguém muito necessitado dessa providência, em caráter de urgência, mesmo que naquele momento não tenha reunião própria para tal serviço, mas que exista ao menos um passista de boa vontade ali presente;

d) Nas reuniões mediúnicas, não apenas para atender aos Espíritos comunicantes, mas como auxílio aos médiuns. Dizemos “auxílio aos médiuns” para que não se ritualizem nem se imponha, por norma, os passes nas reuniões mediúnicas da casa Espírita³⁵⁴; e

e) Em horários previamente estabelecidos para tal serviço.

Contrariamente, tal como se verificou nos itens anteriores, mesmo para a casa Espírita existem casos em que necessitamos analisar a conveniência ou não de sua aplicação. Por isso mesmo, vejamos:

1.3.2 - Devemos Evitar

a) Quando antes não tiver sido feito nem uma prece ou pequena reflexão sobre página evangélica (para que o passe se dê com equilíbrio e maior proveito é conveniente se harmonizem o ambiente, os passistas e os pacientes):

b) Concomitante às reuniões ou explanações evangélico-doutrinárias, evitando-se, com isso, subtrair o paciente da evangelização que, conforme já percebemos, é igualmente fundamental. Exceções ocorrem quando a casa dispõe de evangelização conjugada com o atendimento fluídico-magnético para os pacientes:

³⁵³ MIRANDA, Hermínio Correia de. *O passe*. In “Diálogo com as Sombras”, cap. 4, p. 247.

³⁵⁴ No capítulo X, item 11 – “Passes Antes e Depois”, analisaremos este aspecto com mais detalhes.

c) Em horários não determinados (de forma habitual), salvo em casos de emergência; atente-mos, porém, para não fazermos da exceção a regra;

d) Quando for apenas para atender a pedidos fantasiosos ou comodismos que são, via de regra, infundados e descaridosos; e

e) Quando não existir passista preparado para a tarefa. Vale lembrar, por oportuno, que a Instituição Espírita deve estar sempre atenta à formação moral, teórica e prática de seus médiuns, preparando-os para as tarefas e alertando-os sobre os graves inconvenientes ocasionados por suas faltas e ausências repentinas.

1.4 - Quando Não Convém

Além dos vários inconvenientes já alinhavados nos itens anteriores, deveríamos meditar sobre mais alguns a fim de não faltarmos com a prudência e o bom senso tão recomendados por Kardec.

a) Em casos de obsessões violentas e subjugações, só aplicar o passe contando com o apoio espiritual e material indispensável e suficiente ao bom desempenho dessa tarefa, notadamente quando estivermos, por alguma circunstância, fora da casa Espírita;

b) Nos lares. Quando a prática do passe no nosso lar assumir característica de rotina ou quando formos ali para atender comodismos ou “vergonhas” do paciente em ir ao Centro Espírita, verdadeiramente não convém a prática:

c) Em hospitais, detenções, manicômios ou outros ambientes públicos, salvo em condições de muita necessidade e atendendo aos seguintes requisitos:

1 - Possuir autorização tanto da casa em nome da qual se faça o atendimento (se for o caso) quanto da Instituição visitada;

2 - Concordância e aceitação desse tratamento por parte do paciente e/ou de seu(s) responsável (eis), se for o caso;

3 - Estar-se em equipe de, pelo menos, dois membros;

4 - Poder antes fazer a leitura de uma mensagem, seguida de uma prece e voltando a fazer outra prece de agradecimento ao final. Vale lembrar que nestes casos, mais que em qualquer outro, é necessário vigilância redobrada e equilíbrio inabalável não apenas no sentido de se manter em perfeita sintonia com a Espiritualidade Superior mas de coibir gestos, bocejos, incorporações e toques que, se em condições normais são injustificáveis, agora são literalmente impróprios; e

d) Quando o bom senso não recomendar e a prudência não o determinar.

2. ONDE

Se por um lado Jesus preconizou que “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles”³⁵⁵. Allan Kardec nos afirmou que “Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros”³⁵⁶. Conjugando-se tais posições, vemos que elas se completam, fazendo-nos concluir que o ambiente de uma reunião será bom se observarmos que “As condições do meio serão tanto melhores, quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados (...)” Kardec³⁵⁷.

É por todos - e em todos os tempos - conhecido que as vibrações emitidas pelas pessoas, quer com palavras, atos e/ou pensamentos, impregnam os ambientes de um certo “clima psíquico”, cor-

³⁵⁵ Mateus, XVIII, v. 20.

³⁵⁶ KARDEC, Allan. *Das reuniões e das Sociedades Espíritas*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 29, item 331.

³⁵⁷ KARDEC, Allan. *Da influência do meio*. In “O Livro dos Médiuns”, cap. 21, item 233.

respondente ao nível dessas emissões. Assim, em lugares onde se verifiquem reuniões serias e com fins nobres, ter-se-á, sempre, um “clima” favorável aos trabalhos de passes. Tendo-se por base tal raciocínio, analisemos:

2.1 - Lugares Mais Adequados

“No templo espírita, os instrutores desencarnados conseguem localizar recursos avançados do plano espiritual para o socorro a obsidiados e obsessores (...)”³⁵⁸. Generalizando a partir desta afirmação do Espírito André Luiz e na certeza de que os fluidos nesses ambientes favorecem excelentes condições para combinações fluídicas altamente ricas e profícuas em face das elevadas vibrações aí reinantes, podemos afirmar categoricamente que a Instituição verdadeiramente Espírita é o lugar ideal para a aplicação do passe, em qualquer de suas modalidades, abstração feita às aplicações ocorridas em Regiões Espirituais Superiores.

Outrossim, na casa Espírita existem equipes espirituais atentas a tal mister, como se pode perceber nesse registro de André Luiz onde Hilário pergunta a Conrado (no plano espiritual):

“- O amigo permanece freqüentemente aqui?”

“- Sim, tomamos sob nossa responsabilidade os serviços assistenciais da instituição, em favor dos doentes, duas noites por semana.

“- Dos enfermos tão-somente encarnados?”

“- Não é bem assim. Atendemos aos necessitados de qualquer procedência.

“- Conta com muitos cooperadores?”

“- Integramos um quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior.

“- Quer dizer que, numa casa como esta, há colaboradores espirituais devidamente fichados (...)?”

“- Perfeitamente. (...) O êxito do trabalho reclama experiência, horário, segurança e responsabilidade do servidor fiel aos compromissos assumidos. A Lei não pode menosprezar as linhas da lógica”³⁵⁹ (grifamos).

Somos levados a meditar na evidência da casa Espírita como o mais adequado lugar para se fazer a aplicação do passe e, de preferência, lá, em sua sala (cabine) própria (se houver).

Fora do Templo Espírita, entretanto, pode-se igualmente fazer aplicação do passe, mas, para tanto, as condições precisam ser consideradas. Por extensão do que exemplificamos no início do capítulo, assim como os médicos eventualmente dispõem de “mini-hospitais ambulantes” para prestar socorro aos pacientes fora dos hospitais ou consultórios, por atendimento de condições de urgência ou de impossibilidade de transferência daqueles a ambientes mais adequados, a casa Espírita também poderá prover “equipes de atendimento de emergência” através de “plantões” de atendimento com o objetivo de prestar, com equilíbrio, denodo e responsabilidade, este tipo de serviço.

Nesses lugares, ou seja, fora das Instituições Espíritas porém, “O magnetizador deverá, antes de tudo, certificar-se do ambiente em que vai operar, de maneira que possa agir com calma, atenção, recolhimento, sem receio de que possa ser perturbado. (...) Não deve permitir aglomeração de pessoas no recinto e aconselhar o maior silêncio. Todavia, é útil a presença de uma, duas ou três pessoas, preferentemente das que mais desejam a cura do paciente” (Michaelus)³⁶⁰. Tais recintos devem

³⁵⁸ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Templo Espírita*, In “Desobsessão”, cap. 9, p. 47.

³⁵⁹ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviços de passes*. In “Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 17, p. 163.

³⁶⁰ MICHAELUS. In “Magnetismo Espiritual”, cap. 9, p. 67.

ser reservados, tranquilos, bem arejados ou calafetados (conforme o caso) e, durante a aplicação dos passes, evitar-se trânsito, conversas ou poluições físicas e mentais.

Para aplicação do passe na casa do paciente, além das condições já mencionadas, não descurar de alertar os envolvidos de que tal tarefa, naquele ambiente, é de cunho temporal e extraordinário, devendo o(s) paciente(s) ser(em) encaminhado(s) à casa Espírita não só para buscar(em) o refrigério do passe mas para se alimentar(em) com o “pão do Evangelho”.

2.2 - Lugares Não Recomendados

Quase fazendo coro à última citação de Michaelus, André Luiz nos adverte para se “Proibir ruídos quaisquer, baforadas de fumo, vapores alcoólicos, tanto quanto ajuntamento de gente ou a presença de pessoas irreverentes e sarcásticas nos recintos para assistência e tratamento espiritual”, pois “De ambiente poluído, nada de bom se pode esperar”³⁶¹.

Por esta situação proposta, podemos dizer que, para a aplicação do passe:

2.2.1 - Não São Lugares Recomendados

a) Ambientes poluídos mental e fluidicamente, ou onde se verifique grande trânsito de pessoas ou muitos ruídos;

b) Lugares públicos em geral, salvo se observadas as recomendações já anotadas;

c) O lar não é recomendado para se fazer tratamento fluídico, notadamente quando se trata de problemas obsessivos. Nos lembra Suely Caldas Schubert, entretantes, que “Se houver imperiosa necessidade de se socorrer o paciente em seu lar, por exemplo, através do passe, é imprescindível que compareçam, no mínimo, dois integrantes da equipe. O médium passista nunca devera ir só, para quaisquer atividades do seu setor, mormente em casos dessa natureza”³⁶².

Anotamos ainda que, assim como existem lugares melhores e outros não recomendáveis, existe uma outra situação a ser considerada.

2.3 - Quando o Lugar Não Importa

Voltamos a André Luiz para registrar nossa observação de “Dar atenção e carinho aos corações angustiados e sofredores, sem falar ou agir de modo a humilhá-los em suas posições e convicções, buscando atender-lhes às necessidades físicas e morais dentro dos recursos ao nosso alcance”, pois “A melhoria eficaz das almas deita raízes na solidariedade perfeita”³⁶³.

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, por sua vez, registrou uma nota de grande valor, dita por Genézio Duarte:

“- O médico não teme o contágio do enfermo, porque sabe defender-se; o sábio não receia o ignorante, porque pode esclarece-lo (...) Ora, o espírita, realmente consciente, que se não apóia em mecanismos desculpistas, enfrenta vibrações de teor baixo, armado do escudo da caridade e protegido pela superior inspiração que haure na prece, partindo para o serviço no lugar em que se faz necessário, onde dele precisam”³⁶⁴.

Estas duas citações nos resumem as situações que sintetizam este tópico: dentro do espírito de “solidariedade perfeita”, tenhamos em mente que as verdadeiras urgências muitas vezes superam

³⁶¹ VIEIRA, Waldo. *Perante o passe*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 28, p. 103.

³⁶² SCHUBERT, Suely Caldas. *Os recursos espíritas*. In “*Obsessão / Desobsessão*”, cap. 8, p. 111.

³⁶³ VIEIRA, Waldo. *Perante os doentes*. In “*Conduta Espírita*”, cap. 22, p. 85.

³⁶⁴ FRANCO, Divaldo Pereira. *Apontamentos necessários*. In “*Nas Fronteiras da Loucura*”, cap. 17, p. 126.

quaisquer outras recomendações, tal como nos enseja o vigoroso exemplo da parábola do bom samaritano³⁶⁵.

2.4 - Ambiente das cabines

Há quem diga que o passe não exige ambiente próprio. Não concordamos integralmente com tal afirmação, pois do fato de ele poder ser aplicado em quase todos os lugares, não se pode concluir não mereça um local para este fim destinado. Por analogia, do fato de podermos, dependendo das circunstâncias, dormir em qualquer lugar, inclusive ao relento, isto não implica devamos ficar desprovidos de quartos e leitos.

Roque Jacintho sugere que “Nos Templos do Espiritismo-cristão³⁶⁶, contudo, é bastante oportuno destacar ou erigir um pequeno cômodo, isolado da visitação e da permanência alongada do público”³⁶⁷. Concordamos com esta afirmativa, desde que não se entenda por “cabine de passes” um lugar onde as pessoas simplesmente entram, se aquietam e de lá saem, como se fosse uma espécie de oratório. Acreditamos, inclusive, que foi este o enfoque dado pelo Roque Jacintho, mas, conforme podemos observar, ele é sumamente feliz quando diz que “Por útil a câmara de passes, o passista não deve, porém, a ela escravizar-se”, assim como “Não deve, também, tomar-se de inconcebível purismo, policiando ou proibindo a entrada de pacientes à câmara de passes, chegando a torná-la apenas o seu oratório e reflexório particular (...)”.

Concordes que estamos de que a casa Espírita precisa (e merece) de um lugar reservado para a aplicação dos passes, não devemos limitar tal necessidade aos aspectos da construção física do ambiente pois “Há uma tarefa especial, particularmente destinada aos espíritas, à margem das obrigações que lhe são peculiares: a formação de ambiente adequado ao trabalho edificante dos Bons Espíritos. (...) É forçoso recordar, sobretudo, que os alicerces de qualquer ambiente espiritual começam nas forças do pensamento” (Emmanuel)³⁶⁸. Portanto, além do espaço físico, cuidemos primordialmente do “espaço mental”.

Por isso afirmamos: deve sim! O Centro Espírita deve ter uma cabine de passes, mesmo que seja apenas uma divisão por biombo, cortina, plástico ou o que seja; ainda que num espaço onde só caiba um passista e um paciente, mesmo que em pé. É importante que tenha uma cabine. Fisicamente ela deve ser clara, sem com isso querer se entenda atingida diretamente pelos raios solares ou submetida a fortes refletores; seu ambiente deve ser calmo e arejado (em nosso clima quente) ou aquecido (para climas frios), “podendo” (e não “devendo”) ter uma luz vermelha que será acionada precipua-mente para os trabalhos de passes com fluidos de origem magnéticos (já que, em tese, os passes espirituais dispensam tal cuidado). E quando dizemos “luz vermelha” fazemos nossa sugestão apoiada em confirmações experimentais - as quais existem desde os primeiros magnetizadores -, que indicam seja tal espectro o que menos afeta certas características dos “fluidos das curas”, ou seja: o fluido magnético, o ectoplasma³⁶⁹.

Alguns magnetizadores antigos fazem reservas à umidade, a horários preferenciais, a condições climáticas e outros fatores físico-químicos de menor importância. Tais enfoques, para o passe espírita, além de não resistirem a uma análise mais profunda, são destituídos de respaldo doutrinário. Ocorre que, ao tempo dos pioneiros do magnetismo, chegou-se a algumas conclusões levando-se em consideração fatores que tais, mas ditas conclusões não só não se universalizaram como, por bom número de vezes, tiveram suas eficiências negadas. Vale lembrar que referidos magnetizadores inclu-

³⁶⁵ Vide Lucas, cap. X, vv. 25 a 37.

³⁶⁶ Imaginamos que o autor quis fazer uso de uma ênfase, pois, coerentemente com Kardec, não conhecemos Espiritismo sem ser cristão.

³⁶⁷ JACINTO, Roque. *Passe e câmara*. In “*Passe e Passista*”, cap. X, p. 30.

³⁶⁸ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Ambiente espiritual*. In “*Estude e Viva*”, p. 200.

³⁶⁹ Maiores detalhes serão considerados no capítulo X, itens 14 e 15.

sive - e isso não é o nosso caso - não dispunham da companhia *invocada e sabida*³⁷⁰ dos Espíritos, o que, sem dúvida, não eliminava suas presenças mas limitava muito suas participações, pois os Espíritos Superiores não interferem nas disposições íntimas de ninguém, de modo a sobreporem-se ao livre-arbítrio das pessoas. Em conseqüência, essa menor ação dos Espíritos serviu (e serve) para evidenciar que suas ausências ou não interferências mais diretas toldavam-lhes ou embaraçavam-lhes os resultados, tomando as sessões de passes, por isso mesmo, longas, fastidiosas e, por vezes, inopinadamente infrutuosas. Isso, a prática da fluidoterapia, de hoje, demonstra com fartura.

Na visão espiritual, entretanto, a cabine (ou sala de passes), quando mantida sob o influxo da prece e das boas ações, tem outra dinâmica: “Atravessamos (diz André Luiz) a porta e fomos defrontados por ambiente balsâmico e luminoso.

“(...) Como compreender a atmosfera radiante em que nos banhamos? aventurou Hilário, curioso.

“- Nesta sala - explicou Áulus, amigavelmente - se reúnem sublimadas emanções mentais da maioria de quantos se valem do socorro magnético, tomados de amor e confiança. Aqui possuímos uma espécie de altar interior, formado pelos pensamentos, preces e aspirações de quantos nos procuram trazendo o melhor de si mesmos”³⁷¹. Para que nossas cabines de passes tenham tais bálsamos e luminosidades, basta seguirmos os esclarecimentos ora prestados pelo Espírito Áulus.

3. RECOMENDAÇÕES

Muito já foi dito mas não queremos nos furtar de lembrar alguns pontos, ao tempo em que acrescentamos novos apontamentos.

I. Para o bom julgamento do “quando e onde” se aplicar ou não o passe, é imprescindível que se use o bom senso e a razão. Entre o certo e o errado, existe a condição de “conveniência”. É comum o certo, por inconveniente, se tomar errado, como ocorre com o errado que, tomado convenientemente, pode vir a ser considerado certo.

2. “Não penetreis, pois, nesse domínio sem a pureza de coração e a caridade. Nunca ponhais em ação as forças magnéticas, sem lhes acrescentar o impulso da prece e um pensamento de amor sincero por vossos semelhantes. Assim procedendo, estabereis a harmonia de vossos fluidos com o dinamismo divino e tomareis sua ação mais profunda e eficaz” (Léon Denis)³⁷².

3. “Tendo Jesus partido dali, entrou na sinagoga deles.

“Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida; e eles então, com o intuito de acusá-lo, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado?

“Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali?

“Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito fazer bem, aos sábados”³⁷³. O raciocínio é direto: podemos e devemos fazer o bem, a qualquer tempo, em qualquer tempo e em qualquer dia. Afinal, o dia foi feito para o homem e não o homem para o dia. Faça-o quem tiver caridade para fazê-lo. Mas jamais isso quererá dizer ou deverá ser interpretado como “faça-se o que se quiser, quando, onde e como se quiser”.

4. A despeito de podermos favorecer ajudas de grande valor aos pacientes, não nos é dado o direito de fazer brotar neles comodismos, falsas esperanças ou disassociação da necessidade de re-

³⁷⁰ Vide primeira definição do item 2.1 - dos dicionários e enciclopédias, no capítulo I.

³⁷¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Serviços de passes*. In “*Nos Domínios da Mediunidade*”, cap. 17, pp. 160 e 161.

³⁷² DENIS, Léon. *A força psíquica. Os fluidos. O magnetismo*. In “*No Invisível*”, 2ª parte, cap. 15, p. 184.

³⁷³ Mateus, XII, vv. 9 a 12.

forma íntima e do esforço próprio para sua própria recuperação. Nossa ação, para ser completa, deve atender ao corpo e ao Espírito, sempre!

5. Ainda que o lugar não seja o mais recomendado; ainda que o paciente não seja dos mais coerentes; ainda que não nos sintamos em condições excepcionais, lembremo-nos de Jesus, confiemos em seu amor misericordioso e procuremos fazer de nossa ação uma extensão de seu psiquismo divino sobre o atendido, esforçando-nos para favorecer uma melhor harmonia no ambiente, uma melhor compreensão e assimilação por parte do paciente e uma determinante decisão de corrigir os próprios deslizes, orando, vigiando, vibrando equilibradamente e agindo bem.

6. Isentemo-nos do orgulho pois “Onde há verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia” (Kardec)³⁷⁴.

³⁷⁴ KARDEC, Allan. In “O Livro dos Espíritos”, item 3.

CAPÍTULO VIII

AS TÉCNICAS

"O passe poderá obedecer à fórmula que forneça maior porcentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe (...)" (Emmanuel)¹.

'Indiscutivelmente não prescindimos do coração nobre e da mente pura, no exercício do amor, da humildade e da fé viva, para que os raios do poder divino encontrem acesso e passagem por nós, a benefício dos outros. Para a sustentação de um serviço metódico de cura, isso é indispensável" (Áulus)².

Reconhecendo que a prática do passe tem criado muitas celeumas em face da maneira um tanto quanto empírica como é apresentada, transmitida e ensinada, mos o maior cuidado, a fim de que, em momento algum, surjam dúvidas to à seriedade com que este assunto deve ser analisado e considerado, mos elucidar as técnicas nos limites do essencial, apresentando os "aparatos" por vezes, são requeridos com suas respectivas explicações, ao tempo em cuidamos de nos posicionar ante determinadas técnicas e práticas bastante conhecidas, sem, contudo, pretender atingir pessoas, autores ou instituições. Nossa postulação, todavia, estará fundada, o máximo possível, na Codificação, obras subsidiárias reconhecidamente sérias e no Novo Testamento. Além disso, buscaremos informações e experiências em obras outras que tratam do assunto, mas que não são necessariamente espíritas, fazendo valer, contudo, conveniência da abordagem a ser dada.

Apesar desses cuidados, alguém poderá estranhar nossa abordagem, momentaneamente nos posicionarmos ante algumas práticas e técnicas largamente difundidas. Todavia, quando nos propusemos a escrever este livro, fomos convulsivamente levados a recordar as graves palavras do Cristo: "Seja, porém, a tua palavra; sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno"³. Estas, conjugadas com as do apóstolo Paulo: "Porventura procuro eu agora o favor dos homens, ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo"⁴, nos deixam tranqüilos quanto à responsabilidade que temos em face da Verdade e da consciência por não tanger ao maligno.

Não existem, contudo, eivas de vaidade ou brocas de prepotência; alimenta-nos tão-só o desejo da sincera lealdade doutrinária, a qual tem sido e será nossa base elementar. E não será por pinguismos ou por excesso de limites que assim seguiremos, mas pela opção da descoberta pessoal — e graças que não individual — de que, com Allan Kardec e com o Evangelho de Jesus, não há que temer escuridão, sede, fome, destino, mentiras e existência pois, se o Cristo é "a Luz", "a Água", "o Pão", "o Caminho, a Verdade e a Vida"⁵. Kardec veio materializar e coligir a grande promessa daquele: o envio do Consolador, em Espírito e Verdade.

¹ XAVIER, Francisco Cândido. Ciências aplicadas. In "O Consolador", 1: Parte, questão . 68.

² XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In "Nos Domínios da Mediunidade", 17, p. 166.

³ Mateus, V, v.37

⁴ Gálatas, I, v.10

⁵ Todas em João, respectivamente: VIII, v. 12; VII, v. 37; VI, v. 48; e XIV, v. 6.

1. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

As citações que abrem este capítulo merecem ser analisadas com cuidado, a fim de que, não as assimilamos como contraditórias entre si. Revestem-nas uma característica de complementaridade, posto que a primeira fala de fórmulas (técnicas) enquanto a segunda se refere à disposição íntima (o como) do médium. Fazemos essa ressalva logo de início porque neste capítulo lidaremos com muitas citações as quais, por vezes, parecerão contraditarem-se umas às outras, mas, no seu bojo, farão parte de uma mesma estrutura explicativa, conforme teremos oportunidade de demonstrar.

Muitos têm sido os mitos que temos enfrentado em nossas vidas. Desde os pródomos das civilizações até os dias atuais — e parece que vai perdurar ainda por longos evos —, criamos mitos para nos sustentarmos e, assim, atender a comodismos arraigados que trazemos em nossa imperfeição. Não vamos descer a analisá-los pois desviaria nosso objetivo, mas, questionemos: quem não pensar um dia que o remédio para ser eficaz teria que ser amargo? Ou que "injeções" só serviam aquelas que deixavam os braços "mortos" por pelo menos dois dias? E quem não ouviu alguém dizer, ao menos uma vez, que passe bom é aquece cujo passista sua, chia, estala e faz ahhh no final? Não são mitologias mas verdadeiros mitos; e equivocados, bem o sabemos. Assim como o é o não querer se admitir tenha o passe algumas técnicas; tem sim. Só não concordamos com gesticulações exageradas e "encenações", que claramente visam impressionar o paciente ou encobrir um falso saber, nem com certas padronizações destituídas de lógicas científicas ou espíritas.

A aplicação do passe, a despeito de opiniões em contrário, requer técnicas: se não humanas, dos Espíritos. Esses, como sabemos, as empregam, quando da fluidoterapia das quais, similares às do magnetismo; e, se eles as empregam, sem dúvida alguma as estudam. Por isso, do fato de o passe ser "espírito-magnético", por exemplo, não ficamos desobrigados do seu estudo pois será estudando-o que assimilaremos seus fundamentos e técnicas. Mas, como já vimos alhures, alguns usam, como recurso de defesa (para se desobrigarem daquele, da pesquisa, do trabalho), a presença das curas fluídicas. Se bem seja verdade existam situações em que o melhor a fazer é usar uma simples imposição de mãos ou uma prece apenas, não podemos nem devemos generalizar que só se pode fazer isso. Não! Isto seria uma incongruência.

Consideremos como, em sua forma genérica, tão bem frisou Herculano Pires: "O passe tornou-se popular por sua eficácia. Mas é tão simples um passe que se pode fazer mais do que dá-lo"⁶. Bem se vê que aqui temos uma generalização a qual, embora de extrema felicidade, não atende a todos os requisitos que um aprofundamento merece. De fato, nada é tão simples que um passe: nas, por paradoxal possa parecer, pouca coisa existe tão profunda. A simplicidade se prende à ação espiritual, que administra o processo com proficiência, e ao semi-automatismo" da absorção fluídica, por disposição da Lei Natural. A profundidade, por sua vez, se sedimenta no condicionamento moral robustecido pelo conhecimento adquirido através do estudo sério, metódico e perseverante, e pelo "manuseio" por meio de uma vontade firme, resoluta, mas, humilde e confiante. A propósito, Divaldo Franco nos faz uma ressalva importantíssima: existem "algumas técnicas que são muito válidas, desde que não sejam condições sine qua non, para que não troquemos os valores do espírito

⁶ PIRES, J. Herculano. Mediunidade prática. In "Mediunidade — Vida e Comunicação", :ap. 14, p. 127.

pelas preocupações das fórmulas e para que não venhamos a criar um ritual, no qual o sentimento ceda lugar à aparência. É muito bom que tenhamos alguma metodologia para a aplicação do passe, mas que tenhamos mais a preocupação da nossa saúde moral, a fim de transmitirmos o que possuímos de melhor"⁷. Ou seja: a técnica é útil, pelo que precisa ser estudada; só não se deve relevá-la acima dos valores psíquicos e morais.

Rino Curti segue a mesma linha de raciocínio: "(...) Mais importante que desenvolver-lhes (aos médiuns) a faculdade mediúnica é corrigir-lhes o modo de pensar e o comportamento, o que não é nem fácil, nem rápido. (...) Há que transformá-los em médiuns espíritas, caso contrário geram formas sincréticas de conhecimento, que corrompem a Doutrina e comprometem sua divulgação."⁸ Concordamos: devemos ser "médiuns espíritas". Para tanto, o estudo e a educação mediúnica, inclusive para os passistas, são fundamentais, pois o que transforma um médium em médium espírita não é apenas a técnica que ele usa ou deixa de usar, porém um comportamento ético e moral consoante com o Evangelho. O uso correto da técnica, entretanto, seja em que e onde for, é demonstração natural de conhecimento, e não o contrário. Infelizmente, porém, alguns advogam que os chamados passes magnéticos são uma prática desaconselhável na Casa Espírita. Com todo respeito, anelaríamos que conhecessem outros pontos de vista e explicações embasadas em fundamentos sérios e doutrinários; quiçá mudassem suas colocações. Ademais, como já tivemos oportunidade de registrar, os próprios Espíritos se utilizam das técnicas do magnetismo: "(...) Dando-me a entender que ia favorecer suas expressões irradiantes (...), começou a atuar por imposição. Colocou a mão direita sobre o epigastro da paciente (...) e, com surpresa, notei que a destra, assim disposta, emitia sublimes jatos de luz que se dirigiam ao coração da senhora enferma (...) Foi então que o magnetizador espiritual iniciou o serviço mais ativo do passe (...). Fez o contato duplo sobre o epigastro, erguendo ambas as mãos e descendo-as, logo após, morosamente, através dos quadris até aos joelhos, repetindo o contato na região mencionada e prosseguindo nas mesmas operações por diversas vezes" (André Luiz)⁹.

Qualquer que conheça técnicas de magnetismo verá que o Espírito (Anacleto), nessa passagem, só as utilizou. E não foi por instantaneidade ou milagres singulares; foi a aplicação das técnicas, com muita proficiência, proficiência essa que devemos estudar e exercitar para possuí-la. Tanto que vale a pergunta: por que nós não podemos utilizá-las também? Há quem alegue devamos nos manter em "simplicidade", mas, simplicidade não é sinônimo de desconhecimento ou ignorância. Ademais, não estamos aqui apenas para exercitar uma prática que quando estivermos no mundo espiritual, será muito diferente. Devemos utilizá-las sim, pois, no Mundo Espiritual elas também serão usadas, mas, precisamos atentar para aplicá-las nos tempos e lugares certos, para não cairmos em ritualizações ou padronizações despropositadas.

Jesus-Cristo, do alto de sua sabedoria, nos asseverou: "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará (...)"¹⁰ (grifamos). Não nos limitemos psicologicamente, portanto, achando que não teremos poderes divinos nem como educar e direcionar nossos conhecimentos. O Cristo foi claro: "podemos fazer o que ele fez, e

⁷ FRANCO, Divaldo Pereira. O passe — propriedades e efeitos. In "Diálogo com Diligentes ; Trabalhadores Espíritas", pp. 61 e 62.

⁸ CURTI, Rino. Curas espirituais. In "O Passe (Imposição de Mãos)", cap. 6, item 5, Passes -lagnéticos, p. 89.

⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Passe. In "Missionários da Luz", cap. 19, p. 326

¹⁰ João, XIV, v. 12

muito mais". Entrementes, não agasalhemos vaidades, não sejamos orgulhosos nem alimentemos a prepotência; ao contrário, produzamos, em nome dEle, por amor ao/e pelo próximo, que é o caminho para se amar a Deus com caridade e destemor.

Não podemos nem devemos temer o conhecimento pelo fato de "ontem", os doutos terem desviado o rumo certo de suas aquisições para o desaguadouro das "fórmulas sacramentais e das formas equivocadamente estereotipadas", como bem diz o Espírito de Joanna de Ângelis: o conhecimento, afinal, faz parte das necessidades evolutivas de nossos Espíritos. Ressalvamos apenas no sentido de não se querer impor técnicas a quem não tem capacidade de assimilá-las, nem formar ditas técnicas em fatores de distração "da mente que se deve fixar no objetivo do bem e não na maneira de expressá-lo"¹¹.

Uma distinção, contudo, é requerida: princípios (base) e processos (técnicas). Desleuze nos diz que "Uns são imutáveis, e outros variáveis; deve-se sempre respeitar os princípios e deles nunca os afastarmos; quanto aos processos, o mesmo não se dá, pois a experiência é tudo, e a prática pode, a cada momento, retificar o que se fazia na véspera"¹².

Esta é uma colocação por demais pertinente; no passe, como no magnetismo, existem princípios dos quais não podemos nos desgarrar. Quanto aos processos, entretanto, nem sempre as observações se limitam a simples desigualdades, posto própria evolução nos mostra que aquilo que "ontem" era uma verdade aparentemente incontestável "hoje" poderá ser duvidosa e "amanhã", quem sabe, passará de mera informação histórica. E isso não se dá apenas neste assunto, em todo aquele que estuda e observa técnicas e procedimentos.

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda nos brinda com seu raciocínio e conhecimento, dizendo-nos que "Conhecendo (...) o látego demorado da aflição, que a primeira providência ante o desespero é a do socorro que restaura equilíbrio, para depois auxiliar na técnica de remover-lhe a causa danosa ou, menos, enfrentá-la"¹³. Daí interpolamos que, para o socorro imediato, de urgência, nada é tão superior quanto o atendimento emergencial, sem maiores ligações às técnicas da especialização; todavia, os passos seguintes requerem-nas tornar o atendimento completo. Por isso, revistamo-nos da humildade e analisemos o valor das técnicas com isenção de ânimos a fim de assumirmos, terreno, a parte que nos cabe no: "Espíritas, instruí-vos!".

1.1 — As Mãos

"Então Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o SENHOR, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez retirar-se o mar, que se tornou seca, e as águas foram divididas. (...) Disse o SENHOR a Moisés: Estende a mão sobre o mar, para que as águas se voltem sobre os egípcios (...) Então Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar, ao romper da manhã, retomou a sua força (...)"¹⁴.

¹¹ CURTI, Rino. Imposição de mãos. In "O Passe (Imposição de Mãos)", p. 14.

¹² MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 10, p. 78.

¹³ FRANCO, Divaldo Pereira. Reflexões salutares. In "Loucura e Obsessão", cap. 22, 283

¹⁴ Êxodo, XIV, vv. 21, 26 e 27.

Após a ressurreição, Jesus "Então os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou"¹⁵.

"Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos" ¹⁶.

Com estas três citações bíblicas cronologicamente dispostas, vemos o realce que sempre tiveram as mãos nos fenômenos mediúnicos — e não só nas curas. As mãos, como verdadeiros "pólos" emissores de fluidos, sobressaem-se das demais partes do corpo humano, mesmo que reconheçamos o fato de outras extremidades físicas serem também sensivelmente importantes neste mister, assim como ocorre com alguns orifícios fisiológicos — posição largamente demonstrada nos fenômenos de ectoplasma —, sem falar especificamente nos atributos dos olhos. Mas, mesmo levando-se em consideração toda essa variedade de pontos emissores de fluidos, não podemos subestimar nem diminuir a importância das mãos, relevando, contudo, o ascendente da mente que é, definitivamente, a vera diretriz de todo processo fluídico.

Deixando-se a mente de lado e nos detendo apenas no que toca ao corpo orgânico, as mãos teriam (e têm) lugar primacial como condutoras do processo fluidoterápico. Tanto que, vários escritores e iniciados orientais afirmam nelas se localizarem importantíssimos "chakras secundários".

Neste ponto, surge uma situação interessante: se as mãos são tão importantes, mas, a mente é quem governa, por que a necessidade de movimentá-las e quem não as tem, pode aplicar passes? Raciocinemos: devido aos nossos condicionamentos reflexos, estabelecidos desde que, como princípio espiritual nos estruturamos no reino animal, caracterizamos nossas mãos primacialmente como veículos táteis de relação com o mundo, por meio das quais damos e recebemos, tocamos, apalpamos, alisamos, sentimos enfim¹⁷. "Hoje", quando queremos transmitir fluidos a alguém, somos compulsivamente chamados a depositar as mãos naquela direção, como um verdadeiro reflexo fisiológico de uma atitude psicológica. Com isso, nossas extremidades corporificaram a função de catalisadores psíquicos, ou seja, estimulantes naturais impulsionados pelos reflexos condicionados de doarmos e/ou recebermos com as mãos. Por idêntico caminho, atendendo aos mesmos reflexos, o "soma perispiritual", em suas extensas psíquicas, registrando a existência espiritual (mental) do órgão ausente no corpo patrocina a evidência também psíquica dos braços ou mãos "invisíveis", permitindo, dessa maneira, a ação mental dos manetas como se mãos físicas tivessem. Daí, a necessidade da movimentação das mãos ser, por vezes, necessária (pelo menos até que adquiramos o domínio do direcionamento e da movimentação raramente mental), assim como podemos concluir que os manetas igualmente podem aplicar passes. Como exemplo, quem nunca tenha apalpado uma escrita em braille, não conseguirá perceber naquelas marcas nada mais que rugas, enquanto aquele que desenvolveu sua capacidade tátil específica nesse campo conseguirá dali extrair tudo que imaginamos só ser possível com os olhos.

Por complexo possa parecer, o processo se assemelha ao verificado nos tratamentos fluídicos quando, de maneira correta, os passistas ou curadores tratam das "doenças" sem tocarem nos corpos dos pacientes enquanto estes sentem o tratamento não apenas na epiderme mas, muitas

¹⁵ Lucas, XXIV, v.

¹⁶ Atos, V, v. 12.

¹⁷ As mãos, fisiologicamente falando, são muito ricas, principalmente porque nelas se encontra número de terminações nervosas especializadas para as funções táteis e sensitivas, além de possuírem uma rica vascularização, o que, pela eficiente circulação sanguínea, favorece a emissão fluídica.

vezes, em suas próprias entranhas. Herculano Pires, que chamava as cirurgias espirituais, segundo este processo de "cirurgias simpáticas", dá exemplo: "A médium Bernarda Torrúbio, mulher do campo (...) fazia uma prece, pedindo assistência aos Espíritos. Estendia as mãos sobre o doente, sem tocá-lo. Este sentia que mexiam por dentro em seus órgãos doentes, ocorriam-lhe ânsias de vômito, mas quem vomitava era a médium. (...) O doente se sentia fraco, abatido como se tivesse passado por ma intervenção cirúrgica. As dores internas confirmavam essa impressão. (...) A recuperação era rápida e total"¹⁸.

Num exemplo como esse fica claro que não era necessário o médium tocar o órgão doente, sequer roçar-lhe a pele; apesar disso, os órgãos eram atingidos, forma direta e irretorquível, com conseqüências físicas verificáveis. Isto evidencia que os órgãos perispiríticos do paciente não estavam necessariamente dentro corpo físico, assim como, no caso do maneta anteriormente referido, ele precisa das mãos senão pelo condicionamento dos reflexos a elas ordenados, sermos mais claros ainda, uma pessoa sem braços poderá fazer projetar seus fluidos de cura a partir de outros órgãos, e sua mente se encarregará de fazer o direcionamento compatível e cabível que o caso requeira. Isto indica para casos excepcionais, há condições aparentemente excepcionais; mas, como regra, são as mãos as melhores extremidades de liberação fluídica.

Vale seja observado o que nos informa Albert De Rochas: "Ora o eflúvio envolve todo o corpo, ora é localizado nas suas extremidades. Em todos os casos, é absolutamente solidário com a forma e a posição do corpo. (...) Todos os sensitivos descrevem o eflúvio como uma chama que sai do corpo, quer por toda a sua superfície, apresentando uma forma arredondada, quer pelas duas extremidades, se tem uma forma alongada"¹⁹.

Reconhecemos ficar patente que as mãos, neste mister, têm uma valência mais alta que outras estruturas orgânicas, donde sua importância. Entretanto, parece haver uma "aparente" discrepância com o que vimos falando sobre a atuação do maneta, já que De Rochas fala da "solidariedade dos eflúvios" com o corpo. Raciocinemos: dentro de duas suposições, o maneta poderá ter "braços perispirituais" ou não. O que isso significa? Suponhamos que ele tenha, em sua forma perispiritual presente, os braços; no caso, o processo de exteriorização fluídica por aquelas extremidades (as mãos) será veiculado por ato direto da vontade, como resultado consecutivo de um reflexo condicionado. Noutra situação, não havendo a "forma" perispiritual dos braços, a solicitação de um "psi-alongamento" daqueles membros requisitará um maior poder mental da parte do passista maneta, já que a exteriorização psíquica de suas extremidades não se limitará a um reflexo condicionado recente, mas, a um "adensamento" fluídico. movido pela vontade e pelo domínio do direcionamento dos fluidos. Neste caso, esses "psi-alongamento" e "adensamento fluídico" funcionarão apenas por ocasião do passe. Noutras situações, não havendo "vontade" neste sentido, suas emanações serão apenas aquelas solidárias com o corpo físico, pelo que não serão registradas, sequer, pelos videntes.

A evidência das mãos nos processos magnéticos é tão marcante para os que estudaram e estudam o assunto, como àqueles outros que apenas cuidam da prática, de forma amadora, autodidata, incipiente. Haja vista o procedimento das crianças que, sabendo a mamãe com dor de

¹⁸ PIRES, J. Herculano. Medicina espírita. In "Mediunidade Vida e Comunicação", cap. 12, P. 109.

¹⁹ ROCHAS, Albert De. Da objetividade dos eflúvios. In "Exteriorização da Sensibilidade", cap. 1, pp. 18 e 19.

cabeça, instintivamente dizem "deixe eu pôr minha mãozinha na sua cabeça, mãezinha, que passa logo, logo!"

Por sinal, a senhora Olga N. Worrall, notável médium de cura norte-americana, teve o começo como curadora quando "Por meio de suas mãozinhas infantis estendendo-se com o amor puro de uma criança, para tocar em alguém, quando, por exemplo, sua mãe, um irmão, uma irmã ou mesmo algum vizinho, queixava-se de uma dor de cabeça ou num braço, ou qualquer coisa do gênero"²⁰.

1.2 — O Sangue

Imaginamos o quanto o leitor deve estar impaciente por saber das técnicas propriamente ditas, mas, um pouco de paciência é sempre um bom sinal no passista pois, se ele é impaciente, torna-se temerário. O mais importante agora é conhecermos os vários fatores que têm importância relevante nos processos de cura para não ficarmos sem entender porque certas coisas acontecem. Assim como foi importante falarmos de fluidos, perispírito, centros de força, fé, merecimento, vontade e mãos, será valioso ver o sangue, agora.

André Luiz, com profunda visão espiritual, nos coloca: "Salientando que o sistema hemático, no corpo físico, representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas em princípio pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico, é para ele eu nos compete voltar a maior atenção, no estudo de qualquer processo fluidoterápico de tratamento ou de cura"²¹, de vez que se encontra intimamente associado ao estímulo nervoso ou aparelho de comunicação entre o governo do Estado simbólico a que nos referimos ("o carro de exteriorização da inteligência") e suas províncias e cidadãos — os órgãos e as células.

"(...) Reconhecendo-se a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará sobre as entidades celulares do Estado Orgânico — particularmente as sangüíneas e as histiocitárias²² —, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda"²³ (grifamos).

Continuando com André Luiz, temos ainda: "Ao toque da energia emanante do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o próprio enfermo, pauta da confiança e do merecimento de que dá testemunho, emite ondas mentais características, assimilando os recursos vitais que recebe, retendo-os na própria constituição fisiopsicossomática, através das várias funções do sangue.

²⁰ WORRALL, A. Ambrose e WORRALL, Olga N. Noivos. In "O dom de curar", cap. 8, p. 85

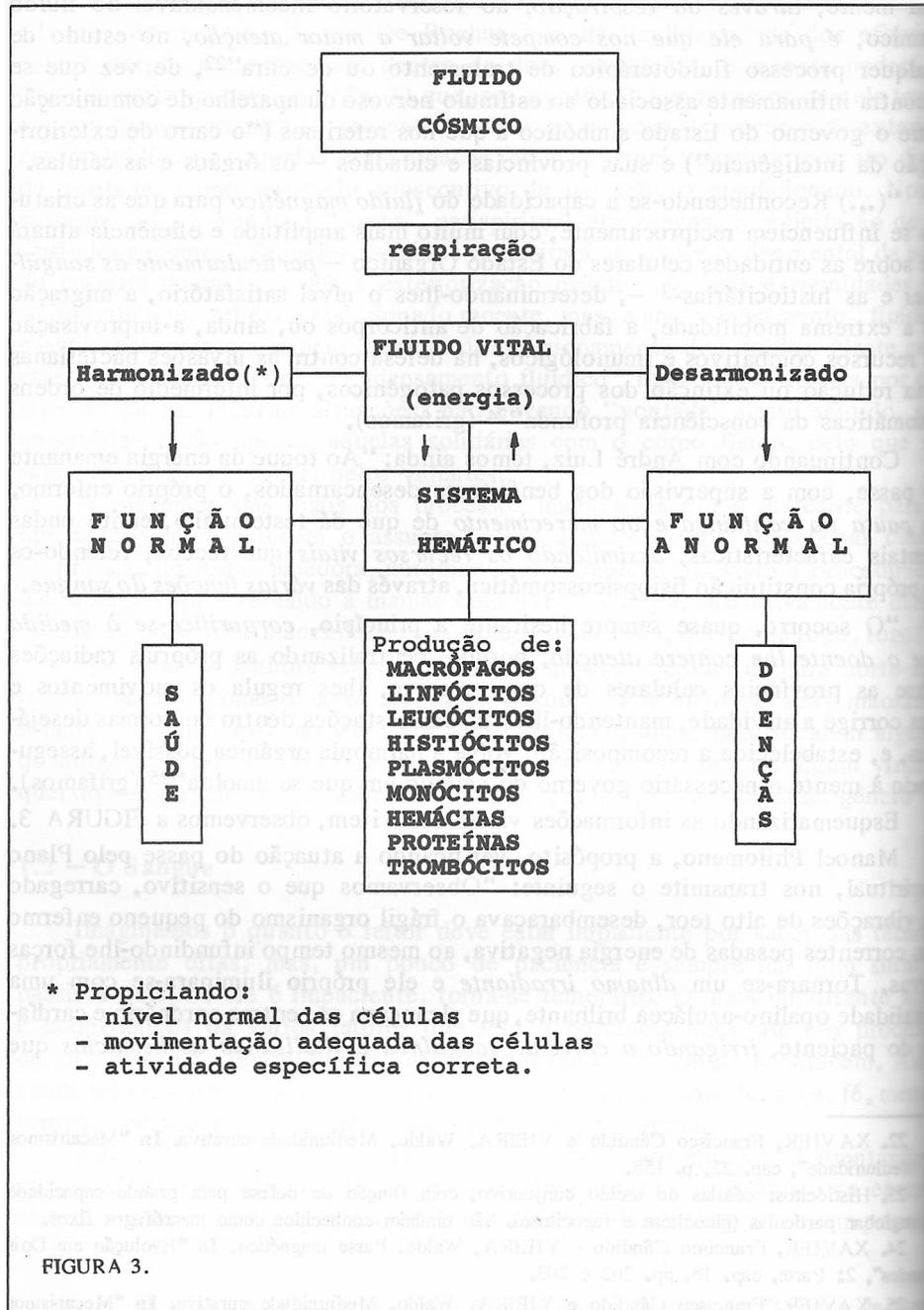
²¹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Mediunidade curativa. In "Mecanismos Mediunidade", cap. 22, p. 158.

²² Histiócitos: células do tecido conjuntivo, com função de defesa pela grande capacidade de englobar partículas (pinocitose e fagocitose). São também conhecidos como macrófagos fixos.

²³ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Passe magnético. In "Evolução em Dois bandos", 21 Parte, cap. 15, pp. 202 e 203.

"O socorro, quase sempre hesitante a princípio, corporifica-se à medida que o doente lhe confere atenção, porque, centralizando as próprias radiações sobre as províncias celulares de que se serve, lhes regula os movimentos e corrige a atividade, mantendo-lhes as manifestações dentro de normas desejáveis, e, estabelecida a recomposição, volve a harmonia orgânica possível, assegurando à mente o necessário governo do veículo em que se amolda"²⁴ (grifamos).

Esquematizando as informações vistas neste item, observemos a FIGURA 3.



Manoel Philomeno, a propósito, verificando a atuação do passe pelo Plano Espiritual, nos transmite o seguinte: "Observamos que o sensitivo, carregado vibrações de alto teor, desembaraçava

²⁴ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Mediunidade curativa. In "Mecanismos da Mediunidade", cap. 22, item Mecanismos do passe, pp. 147 e 148.

o frágil organismo do pequeno enfermo das correntes pesadas de energia negativa, ao mesmo tempo infundindo-lhe forças novas. Tornara-se um dínamo irradiante e ele próprio iluminara-se com uma tonalidade opalino-azulácea brilhante, que alcançava os centros coronário e cardíaco do paciente, irrigando a corrente sangüínea e vitalizando as hemácias que passaram a adquirir a coloração que do médium se exteriorizava"²⁵ (grifamos), ainda acrescenta: "A transmissão de força fluídica e a absorção pelo doente das energias canalizadas pela oração constituíam-lhe, no momento, alta carga de recursos terapêuticos a estimularem os campos vitais encarregados de aglutinar fomentar o surgimento das células para o milagre da saúde"²⁶ (grifo original), o "magnetismo" em ação, atingindo a intimidade orgânica, quer por meio externo (mediúnic), quer por moto próprio (oração).

O médium inglês George Chapman, mundialmente conhecido por suas curas, realizadas sob as ação e orientação espiritual do Dr. William Lang, tem concedido muitos exemplos da importância do sangue em seus tratamentos, a partir dos dados que o Dr. Lang demonstra em relação ao seu fluxo. Ilustremos (os grifos serão nossos):

"A Sra. Renwick conta que o Dr. Lang operou seu coração na primeira consulta, para melhorar a circulação"²⁷.

"Depois começou a operar a doente para o sangue poder circular livremente na região paralisada. Durante sua intervenção, a paciente exclamou: 'O que senhor está fazendo, Dr. Lang? Eu estou sentindo alguma coisa, parece uma faca"²⁸.

"Pedi-me para que deitasse sobre o divã e disse que começaria por uma operação no coração para aumentar a circulação do sangue nos olhos. (...) Em seguida compreendi que ele operava meu perispírito, dois centímetros mais ou menos acima do meu corpo terrestre"²⁹.

"O Dr. Henry Bieler, um pioneiro no estudo da nutrição, conta-nos que o sangue, além de funcionar como combustível do corpo físico, pode fazer muito mais por nós, pode ser nosso melhor medicamento"³⁰. Estaria ele se referindo apenas aos aspectos da nutrição ou conhecia a ação dos fluidos magnéticos no sangue?

Os que estudam o magnetismo através dos ímãs (o que não é nosso caso), também acusam o sangue de ser um grande agente de cura. Observemos esta passagem: "Isto indica que o campo magnético afeta profundamente o sangue e acarreta muitas alterações ao corpo. Também através do sangue magnetizado são assegurados a regularidade do ritmo magnético e o valor magnético das diferentes células, o que finalmente conduz a uma perfeita harmonia magnética do corpo" (M. Matheus de Souza)³¹.

²⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. Socorros espirituais relevantes. In "Painéis da Obsessão", aç. 26, p. 208.

²⁶ FRANCO, Divaldo Pereira. Medidas profiláticas para obsessões. In "Painéis da Obsessão", ar. 11, p. 82.

²⁷ CHAPMAN, George. Hoje ela serra árvores! In "Encontros Extraordinários", cap. 11, *.64.

²⁸ CHAPMAN, George. Uma biologista homenageia. In "Encontros Extraordinários", cap. 14,

²⁹ CHAPMAN, George. Um salto adiante. In "Encontros Extraordinários", cap. 15, p. 83.

³⁰ SHER WOOD, Keith. Um regime diário para uma boa saúde. In "A Arte da Cura Espiritual", ^r. 18, item A boa nutrição, p. 210.

³¹ SOUZA, M. Matheus. Magnetos: a cura natural. In "Magnetoterapia", cap. 3, item através do sangue, p. 41.

Podemos dizer que o sangue é, literal e pleonasticamente falando, vital para nossas vidas. Não entraremos, todavia, em minudências biológicas nem organo-funcionais de suas composição e circulação pois, além de fugir do intuito desta obra, não somos os mais indicados a fazê-lo por não termos qualquer especialidade nesta área nem um conhecimento mais profundo do assunto. Tomamos a liberdade, entretanto, de indicar as seguintes obras para aquele que queira buscar um aprofundamento maior:

1. BEÇAK, Maria Luiza — "Elementos de Biologia", 2º. grau. Cap. 18. "Histologia", págs. 137 e 138. - São Paulo-SP. - FTD - 1977.
2. JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa — "Noções Básicas de Citologia, Histologia e Embriologia", Cap. 20, "Sangue", Págs. 121 a 125, 6ª ed., Sá: Paulo-SP. - NOBEL - 1974.
3. "Histologia Básica", Cap. 12, "Células do Sangue", págs. 222 a 239. 3; ed., Rio de Janeiro-RJ. - GUANABARA KOOGAN - 1974.
4. GUYTON, Arthur C. - "Tratado de Filosofia Médica" - Parte m Cap. 5, "Heritrócitos, Anemia e Policitemia", págs. 52 a 59, e Cap. 6, "Resistência do Organismo à Infecção", págs. 61 a 63, 5ª ed., Rio de Janeiro-RJ. - INTERAMERICANA - 1977.

Além dessas, outras similares são facilmente encontradas em quaisquer livrarias.

Todavia, para não nos omitirmos de todo, vai uma referência muito interessante: "Aproximadamente um litro de sangue passa pelo cérebro a cada minuto"³². Se meditarmos com vagar sobre esta referência, perceberemos que daquele fato decorre um reforço significativo para as evidências da ação mental (cujo órgão físico que possibilita sua manifestação é o cérebro) nos processos fluidoterápicos, e, de forma reversa, pelo constante mergulho circulatório naquela sede, o sangue se caracteriza mais ainda como veículo de fundamental importância nesses tratamentos.

Mas o que mais nos toca no estudo do sangue neste espaço é sua capacidade de segregar os agentes flúidicos, tanto da cura quanto degenerativos, a depender da sintonia em que situemos nossa mente e nosso coração. Da parte das curas, já vimos várias colocações; da outra, a degenerativa, poderemos observar uma situação apresentada pelo nobre Espírito Bezerra de Menezes, que nos ilustrará com suficiência: "A ação obsessiva, por parte dos cobradores desencarnados, contribui para o baixo consumo de oxigênio, a anemia secundária e outros distúrbios que são registrados nos pacientes esquizóides e que, em Carlos (personagem que estava sendo tratado), são habituais, porque a ingestão dos fluidos perniciosos intoxicam-no, levando órgãos a funcionamento alterado, inclusive à lentidão do fluxo sanguíneo com ingerência flúidica no sistema enzimático do organismo (...)"³³ (grifos originais).

Vimos, assim, como é importante a questão sanguínea ante o passe e as curas. Por isso mesmo, interessa estudemos mais alguma matéria que lhe tem relação.

1.3 — A Respiração

Da citação acima de André Luiz (referência 22), assim como de todas as informações que temos obtido dos ensinamentos da biologia e da fisiologia, a respiração desempenha vital papel para todos nós. Ela é responsável, direta ou indiretamente, pela economia orgânica do ser humano,

³² ROSE, Kenneth Jon. O corpo em horas. In "O Corpo Humano no Tempo", car-p. 95.

³³ FRANCO, Divaldo Pereira. O drama de Carlos. In "Loucura e Obsessão", cap. 4, p. 51.

principalmente na oxigenação do sangue e, portanto, de sua vida. E se o sangue, como vimos, é vital, em todos os sentidos, a respiração não poderia ser esquecida.

A vida nos tem ensinado que a naturalidade, no alimentar, vestir, assear, beber e, evidente e primordialmente, no respirar, nos propicia uma qualidade de vida orgânica mais saudável. Apesar de evidente, entretanto, nem sempre assimilamos eficientemente os benefícios do ar. Se de um lado precisamos buscar-lhe as fontes mais puras, por outro carecemos de um princípio e de pelo menos um método; as fontes puras são os ambientes despoluídos onde a vida animal e vegetal vivam em perfeito equilíbrio, com o ar isento de certos miasmas; o princípio básico é que se inspire a expire o ar pelas fossas nasais, seu canal natural³⁴. Relativamente ao uso da boca como respiradouro, tal sistema não deve ser nosso caminho normal pois àquele órgão faltam os "filtros" próprios do sistema respiratório nasal. Para se ter uma idéia, "O nariz filtra o ar tão bem que dificilmente uma partícula de poeira maior que um glóbulo vermelho do sangue — apenas 8 micra de espessura — consegue atravessá-lo"³⁵. Entretanto, para certos exercícios respiratórios, tão-só no que toca aos momentos de expiração, a boca pode ser utilizada sem maiores prejuízos.

Pelo preâmbulo, podemos sentir como é importante os cuidados que devemos ter com a respiração. Mas, não sendo nosso propósito entrar no âmago deste assunto³⁶, apenas registraremos alguns tópicos:

1. Como dissemos e queremos deixar bem enfatizado, devemos respirar e expirar o máximo possível pelas narinas.
2. Tanto quanto possível, respirar o mais puro ar; o contato com a Natureza — no campo, numa fazenda, numa praia despoluída ao amanhecer — nos atende em tal requisito, salvo raras exceções.
3. Fazer exercícios de respiração³⁷ de forma moderada, mas, constante, renova nossas energias e favorece a circulação sangüínea, com isso possibilitando-nos a elaboração orgânica de bons e saudáveis fluidos magnéticos, o que nos projeta como melhores doadores e receptores fluídicos.

2. AS TÉCNICAS

Sendo o Magnetismo o grande responsável pela codificação das técnicas que iremos tratar, não desejaríamos abordá-las sem, antes, considerar alguns aspectos que o envolvem diretamente.

2.1 — O Magnetismo

Quando anteriormente falamos de Maxwell, estávamos antecipando, de certa forma, dados históricos do magnetismo. Mesmo procurando não fazer longas retrospectivas, vejamos um pouco

³⁴ FRANCO, Divaldo Pereira. O drama de Carlos. In "Loucura e obsessão", cap. 4, p. 51.

³⁵ O nariz, na inspiração, possui três funções básicas: umedecimento e aquecimento do ar inspirado e a retirada de partículas até 8 micra. Elas (as funções) são chamadas de condicionamento do ar.

³⁶ Para noções de anatomia e fisiologia, vide apêndice "IX", item "Aparelho Respiratório".

³⁷ Como existem muitas técnicas de respiração e, a bem da verdade, sua execução deve ser observada e recomendada por profissional competente, sugerimos não seguir métodos por indicação que não atenda tal requisito.

da história desta Ciência para melhor nos situarmos no tempo quanto a sua realidade. Com isso, inclusive, atender o que prometemos quando, nas definições do nosso primeiro capítulo, dissemos que trataríamos deste assunto mais adiante; é o que faremos agora.

2.1.1 — Breve História

Michaelus³⁸ nos faculta a possibilidade de uma panorâmica bem ampla quando, de início, nos confirma que "O magnetismo animal não surgiu com Mesmer. A sua prática remonta a eras imemoriais. Os sacerdotes nos templos dos deuses no antigo Egito, segundo parece³⁹, já eram iniciados nos segredos da experimentação magnética. Já no século XV (...) se falava na simpatia magnética (...) um sistema perfeitamente análogo, nas suas bases essenciais, ao que tinha sido formulado por Paracelso. E no século XVII Van Helmont já usava o nome de magnetismo animal.

"(...) A essência do Mesmerismo (...) encontra-se nas 27 proposições da sua primeira memória impressa em 1779, das quais as mais importantes são seguintes:

1ª a influência dos astros uns sobre os outros e sobre os corpos animados;

2ª. o fluido universal é o agente dessa influência;

3ª essa ação recíproca está submetida a leis mecânicas;

4ª os corpos gozam de propriedades análogas ao imã;

5ª essas propriedades podem ser transmitidas a outros corpos animados ou inanimados;

6ª a moléstia é apenas a resultante da falta ou do desequilíbrio na distribuição do magnetismo pelo corpo.

"(...) Em 1787, o marquês de Puységur (Armand Mane Jacques de Chastenet) (...) descobriu a um só tempo o sonambulismo, a sugestão mental e a transmissão do pensamento.

"(...) Em 1785, Deleuze (Joseph Philippe François) (...) iniciou seus estudos e as suas observações sobre o magnetismo (...)

"Deleuze tornou-se um grande magnetizador e, pela prudência, critério e operosidade, muito fez pela causa do magnetismo, em cujo fenômeno reconheceu não só um efeito físico, mas também espiritual.

"1818, Chardel (...) apresentou uma curiosíssima obra à consideração da Academia de Berlim, sob o título "Memória sobre o magnetismo animal (...)"

"Em 1819, Bruno publicou um livro, "Dos princípios e dos processos do Magnetismo animal e das suas relações com as leis da Física e da Fisiologia", repleto de experiências e observações, tendo realizado com êxito a magnetização a distância.

³⁸ 39. MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. I, pp. 8 a 12.

³⁹ Conforme já vimos no item 2.3 deste capítulo, e ainda veremos noutras ocasiões neste título, este "segundo parece" não tem justificativa, pelo que deveria ser suprimido; conserva por respeito ao original.

"(...) Logo a seguir, ainda em 1819, surgiram dois notáveis magnetizadores . Barão du Potet e Charles Lafontaine, ambos autores de interessantes livros e memórias.

"(...) Em 1841, o médico inglês Braid, depois de profundamente impressionado com as experiências de Lafontaine, lançou as bases do hipnotismo moderno, qual (...) deriva diretamente de Mesmer.

"(...) Todavia, Mesmer era materialista, ao passo que Jaime Braid era espiritualista (...)" (grifamos).

Michaelus, entretanto, não fez menção ao Maxwell, de quem buscamos referências na obra de Albert De Rochas⁴⁰. "Maxwell, (...) na única obra que deixou, pode ser considerado o pai do magnetismo animal. (...) As teorias de Mesmer em parte tinham sido bebidas nas de Maxwell.

"(...) Ele foi mais longe que Paracelso (1493-1541) e Van Helmont (1577-1634), que o precederam de alguns anos.

"(...) O livro de Maxwell é intitulado: "De medicina magnética libri III, in quibus tam Theoria quam Praxis continetur; auctori Guillelmo Maxwello: D. D. Scoto-Britano. Francofurti, XDCLXXIX." (A seguir, algumas de sus conclusões):

"II — A alma opera fora do que se chama seu próprio corpo.

"III — De todo o corpo escapam raios corporais, nos quais a alma opera por sua presença e aos quais dá energia e a força para agir (...)

"IV — Esses raios, que são emitidos pelos corpos dos animais, têm afinidade com o ESPÍRITO VITAL (spiritu vitali quodam) pelo qual se efetuam as operações da alma.

"VIII — Basta que uma parte do corpo seja afetada, isto é, que o seu espírito seja lesado, para que as outras fiquem doentes.

"XII — A mistura dos espíritos produzem a simpatia e desta nasce o amor".

(Desejando aprofundar conhecimentos, sugerimos a obra referida, onde encontram todas as teorias de Maxwell.)

Colhendo mais algumas informações, ficamos sabendo que:

Para o "(...) marquês de Puységur (1751-1825) (...) a confiança, a intenção de fazer o bem, a ardente vontade de realizar esta intenção constituem o essencial das disposições necessárias para magnetizar com sucesso. Ele não utilizou, nem seus sucessores, a selha de Mesmer (...)

"Deleuze (1754-1835) (...) absteve-se de toda inovação teórica e multiplicou as observações. (...) Insistiu na utilidade de estabelecer uma relação entre magnetizador e o magnetizado antes de qualquer tentativa experimental ou terapêutica.

"O barão Du Potet de Sennevoy (1786-1881) (...) obteve resultados 'de fazer cair para trás, diz Louis Figuier, os mais robustos adversários do magnetismo' (...)

⁴⁰ ROCHAS, Albert De. As teorias de Maxwell. In "Exteriorização da sensibilidade", 6, pp. 133 a 142.

"Lafontaine (1803-1892) (...) considerava o magnetismo como um agente físico mais ou menos submetido à ação da vontade (...)

"(...) Doutor Hector Durville (1849-1923); um mestre até então inigualável, Experimentador ponderado, metódico, consciencioso, era dotado de uma irradiação pessoal extremamente poderosa que utilizou, infatigavelmente, de um lado para curar e por outro lado para pesquisar, mais cientificamente do que seu precursores, as leis do fenomenismo magnético"⁴¹.

Mais recentemente, no final do século passado, a Sociedade Real de Medicina voltou a examinar as propostas que o rei, em maio de 1788, tinha encaminhado a ela sobre as curas de Mesmer (1734-1815), a qual, depois, assim se pronunciou:

"Não se pode deixar de reconhecer nestes efeitos constantes um grande poder que agita os doentes, domina-os e do qual o magnetista parece ser o depositário." Mas o relator Bailly concluiu pela inexistência do magnetismo animal, apesar de tudo.

Dentre as conclusões daquele novo relatório, destacamos:

"1º O contato dos polegares e das mãos, as fricções ou certos gestos feitos a pequena distância do corpo e chamados passes, são os meios empregados para a relação, ou, em outros termos, para transmitir a ação do magnetizador magnetizado.

"2º Os meios, que são exteriores e visíveis, não são sempre necessários que em várias ocasiões a vontade, a fixidez do olhar, bastaram para produzir fenômenos magnéticos, mesmo à revelia do magnetizado.

"3º O magnetismo agiu sobre pessoas de sexo e idade diferentes.

"5º O magnetismo, em geral, não age sobre as pessoas saudáveis.

"6º Tampouco age sobre todos os doentes.

"10º A existência de uma característica única, que sirva para fazer reconhecer em todos os casos a realidade do estado de sonambulismo, não foi constatada.

"17º O magnetismo tem a mesma intensidade; ele é imediatamente sentido a uma distância de seis pés tanto quanto a uma de seis polegadas e os fenômenos que desenvolve são os mesmos nos dois casos.

"28º Alguns destes doentes magnetizados não sentiram bem algum; outros experimentaram alívio mais ou menos marcante, ou seja: um, a suspensão de dores habituais; o outro, a volta das forças; um terceiro, um atraso de alguns meses no aparecimento de acessos epiléticos; e um quarto, a cura completa de uma paralisia grave e antiga.

⁴¹ JAGOT, Paul-Clément. Resumo histórico. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", cap. 5, pp. 40 a 45

"29º Considerado como agente de fenômenos fisiológicos ou como meio terapêutico, o magnetismo deveria constar do quadro dos conhecimentos médicos)"⁴².

Infelizmente, assim como o primeiro relatório, este também foi desconsiderado porque bastaria que um único membro da comissão examinadora desse parecer desfavorável para que não fossem aceitas suas conclusões; e um objetor, o Dr. Castel, usou este argumento: "Se a maioria dos fatos alegados são reais, eles destruiriam a metade dos conhecimentos fisiológicos." Tal argumento, não percebeu ele, só lhe acentuou a pequenez, em humildade e sabedoria, pois bem poderia ter-lhe ocorrido que tais fatos só viriam a enriquecer não só a fisiologia como aclarar-lhe os passos. Esta, infelizmente, é a característica do "cego que não quer ver" de que tanto falou Jesus; do homem que se prende aos métodos e se olvida ou desconsidera os princípios, tal como expusemos anteriormente: esta era a característica do Dr. Castel (que pena!).

Antes de concluirmos este resumo, não poderíamos deixar de mencionar o Hermetismo, originado no antigo Egito, e as conclusões do Dr. George W. Meek sobre os "curandeiros típicos" que trabalham no Brasil, Inglaterra e Estados Unidos.

Do Hermetismo, "Conta-se que foi cedido para a humanidade por Thoth, o deus egípcio da sabedoria, a quem os gregos mais tarde chamaram de Hermes Trismegisto. (...) Talvez (Hermes) tenha sido o lendário Melquisedeque, a quem Abraão pagou o dízimo (...) "⁴³.

O Hermetismo se fundou em sete axiomas, os quais, resumidamente, são:

"I — "O Todo é mente: o Universo é mental."

"II — "Tal em cima, qual embaixo; tal embaixo, qual em cima."

"III — "Nada repousa; tudo se movimenta; todas as coisas vibram."

"IV — "Todas as coisas têm dois lados; todas as coisas têm dois pólos tudo tem seu oposto (...)"

"V — "Tudo flui para fora e para dentro; todas as coisas têm seu curso: tudo sobe e desce (...)"

"VI — "Toda causa tem seu efeito; todo efeito tem sua causa; todas as coisas acontecem segundo a lei; o acaso não é senão o nome da lei não reconhecida; existem muitos planos de causas, mas nada escapa à lei."

"VII — "O gênero está em todas as coisas; todas as coisas trazem o feminino e o masculino; o gênero se manifesta em todos os planos"⁴⁴.

Pela antigüidade do hermetismo, percebe-se quanta sabedoria temos desprezado ao longo do tempo, por motivos nem sempre justificáveis. Daí a imperiosa necessidade de estudarmos "hoje", mais que "ontem" e "amanhã" mais ainda, a fim de tentarmos recuperar o tempo perdido.

⁴² JAGOT, Paul-Clément. Resumo histórico. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", cap. 5, pp. 46 a 50

⁴³ SHERWOOD, Keith. Introdução à cura. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 1, item Hermetismo, p. 12

⁴⁴ SHERWOOD, Keith. Introdução à cura. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 1, item Hermetismo, pp. 13 a 15.

Quanto às conclusões do Dr. George Meek, daremos só as que consideramos mais notáveis:

"1. Um curandeiro (este é o termo usado por ele) pode ser de qualquer sexo; de qualquer raça ou cor; e pode ou não ser adepto de qualquer religião organizada.

"2. A ausência da educação convencional NÃO é uma barreira para o desenvolvimento de um bom curandeiro — pode bem representar uma vantagem positiva.

"3. As aptidões curativas podem desenvolver-se em qualquer época da vida, desde a adolescência até depois dos 60.

"6. O curandeiro não precisa necessariamente ter contato físico com paciente (...).

"7. Alguns curandeiros não precisam encontrar-se na presença direta do paciente.

"8. O nível da aptidão curativa varia muito entre os curandeiros individuais e depende das aptidões congênitas, do desejo de servir (amor), sintonização com o cosmos, da experiência e compreensão da natureza humana.

"11. Nenhum curandeiro obtém 100% de sucesso com seus pacientes (...)

"12. A cura pode efetuar-se instantaneamente, mas com maior freqüência leva dias e, em alguns casos, várias semanas ou meses.

"14. Os curandeiros são quase invariavelmente generosos, amáveis, preocupando-se muito com seus pacientes.

"15. Provavelmente, é difícil para uma pessoa egoísta, sequiosa de dinheiro e poder, realizar-se plenamente servindo como curandeira.

"16. Alguns curandeiros bem-sucedidos, e que se tornaram preocupados ou obcecados com o ego ou em fazer fortuna, parecem sofrer um declínio em suas faculdades curativas"⁴⁵.

Queremos frisar que este último autor não é espírita, nem suas conclusões são a última palavra sobre o tema; mas que valem uma enormidade para nosso estudo, é inegável.

2.1.2 — Duas Regras Gerais

De tudo o que o magnetismo nos tem dado, pelo menos duas regras têm se apresentado como gerais.

2.1.2.1 – 1ª Regra

Os passes magnéticos, quer pela origem do fluido, quer pela técnica empregada pedem seja observado o "sentido" das passagens das mãos sobre o corpo do paciente, ou seja: devem ser executados sempre de "cima para baixo", da cabeça aos pés, dos órgãos que estiverem mais acima aos que se encontrarem mais abaixo. Esta conclusão foi confirmada pela grande maioria dos magnetizadores de todas as partes em face da constatação de que a ação contrária em vez de provocar uma "desmagnetização" — a qual corresponderia, em tese, ao efeito de uma "dispersão

⁴⁵ MEEK, George W. Observações. In "As curas Paranormais", cap. 5, pp. 60 e 61.

fluídica" —, na realidade, provoca uma "congestão fluídica" generalizada, com conseqüências graves ou, no mínimo, desagradáveis, sempre imprevisíveis e, portanto, inoportunas e prejudiciais.

Como corolário desta regra, sempre que há movimentação de mãos (passes) sobre o corpo do paciente, ao final de cada percurso devemos afastá-las do mesmo, fechá-las (sem necessidade, contudo, de fazê-lo com força ou contração muscular, nem ficar a sacudi-las), tornar as mesmas ao ponto onde vai ser reiniciado o percurso e só aí reabri-las, para seguir novo percurso ou mudar de técnica.

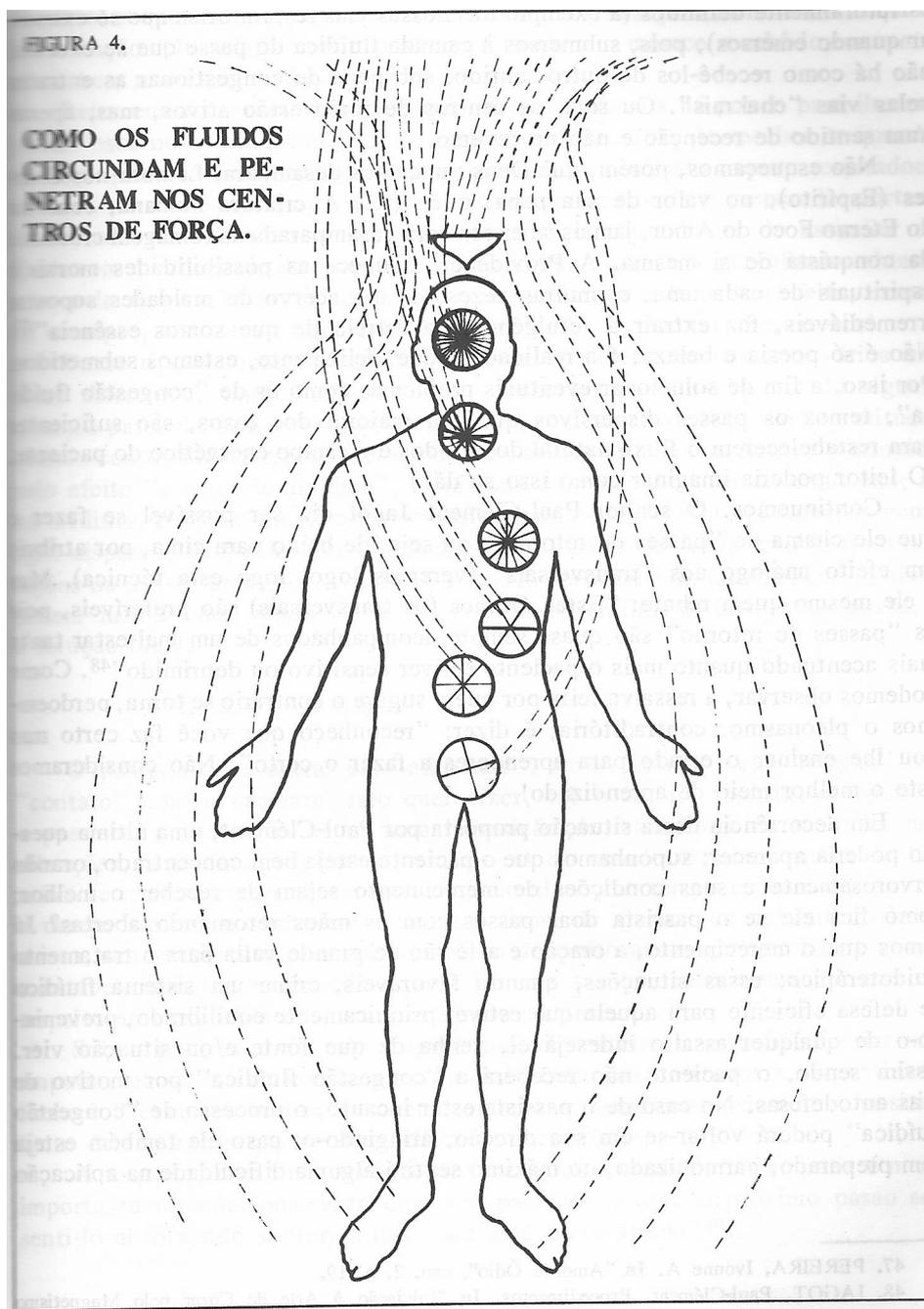
Isto é o que ensina a teoria. As explicações? Vejamos. Já vimos que quando se está procedendo um passe magnético quanto à origem dos fluidos, estes são basicamente do médium, do magnetizador. Também já observamos que as mãos são os catalisadores de maior liberação fluídica do nosso corpo, mormente quando fazemos aplicação de passes. Mesmo sabendo e reconhecendo que a mente é a propulsora da estrutura organizacional, liberativa e orientadora dos fluidos, é pelas mãos que fluem, de forma ininterrupta, durante o trabalho do passe, os fluidos em disposição à "manipulação". Daí a necessidade de se fechar as mãos a fim de psiquicamente, por reflexo fisiológico, se interromper a "perda ou fuga fluídica".

Insistimos seja notado que aqui estamos tratando de fluidos anímicos e não espirituais.

Quanto à questão da "congestão fluídica", lembremos que os "centros de força" são estruturas especializadas do perispírito para receberem as energias de que carecemos e fazê-las fluir para ele como um todo, bem como para "expelir" as próprias emanções que se estabilizam no duplo etérico e na aura. Os fluidos atingindo as zonas perispirituais, via centros de força (que são, teoricamente, externos aos plexos), alcançam o corpo físico através do funcionamento destes. Conforme vimos no capítulo IV, item "Centros de força", o coronário vibra em maior intensidade, o que lhe dá maior poder de captação, enquanto os demais lhe são, de todo, subseqüentes. Como os fluidos magnéticos (animais ou espirituais) são de origem externa ao paciente e seu ingresso se dá no sentido dos campos energéticos criados pelos centros de força (FIGURA n°. 4), isso nos indica que a corrente fluídica percorre o soma, naturalmente, de cima para baixo (a nível de centros de força). Portanto, como as "captações fluídicas" por ocasião do passe se verificam no sentido cabeça/pés, o retorno das mãos abertas, emitindo fluidos no sentido contrário ao fluxo natural, cria bloqueios e/ou concentrações congestivas em vários setores dos centros de força que, transmitidos ao corpo, provocam toda sorte de mal-estares e conseqüências outras.

Raciocinemos por analogia: suponhamos um mergulhador que vai executar seu mergulho numa piscina e lá deverá se demorar submerso; para obter bom resultado, ele encherá os pulmões de ar antes de mergulhar; no fundo, ficará enquanto suportar e, para estender um pouco mais seu tempo de submerso, irá esvaziando os pulmões pouco a pouco, sem poder aí todavia, inspirar. Se tentar, o que acontecerá? Ele literalmente se afogará. Por quê? Porque as vias respiratórias principais e secundárias são para receber ar e não líquido, nessas condições. Ou seja, fora do mergulho ele tanto pode inspirar quanto expirar, porém, mergulhado só tem a liberdade de expirar. Pois bem; quando recebemos uma aplicação de passe no sentido contrário, dos pés à cabeça, nossos centros de força funcionariam como o mergulhador que, submerso, tentasse inspirar. Ocorre que os centros de força funcionam unilateralmente, no sentido de receberem fluidos daquele "campo fluídico-energético" da maneira e no sentido como estruturalmente definidos (a exemplo das nossas vias respiratórias que só extraem ar quando emersos), pois, submersos à camada fluidica do passe

que se executa, não há como recebê-los de outro sentido, sob pena de congestionar as entradas pelas vias "chakras". Ou seja, os centros de força estão ativos, mas, apenas num sentido de recepção e não no reverso.



Não esqueçamos, porém, que Deus nunca nos desampara. Lembra-nos Charles (Espírito), no valor de sua pena, que "(...) A criatura humana, centelha do Eterno Foco do Amor, jamais se encontrará desamparada na rompage m cruciante da conquista de si mesma. A Providência conhece as possibilidades morais e espirituais de cada uma, e, muitas vezes, de um acervo de maldades supostas irremediáveis, faz extrair a refulgência da estrela de que somos essência"⁴⁶. Não é só poesia

⁴⁶ PEREIRA, Ivonne A. In "Amor e Ódio", cap. 2, p. 19.

e beleza; é a realidade a que, felizmente, estamos submetidos. Por isso, a fim de solucionar eventuais problemas como os de "congestão fluídica", temos os passes dispersivos que, na maioria dos casos, são suficientes para restabelecerem o fluxo natural dos fluidos e o campo energético do paciente. (O leitor poderia imaginar como isso se dá?)

Continuemos. O senhor Paul-Clément Jagot diz ser possível se fazer o que ele chama de "passes de retorno", ou seja, de baixo para cima, por atribuir um efeito análogo aos "transversais" (veremos logo, logo esta técnica). Mas é ele mesmo quem rebate: "Estes últimos (os transversais) são preferíveis, pois os "passes de retorno" são quase sempre acompanhados de um mal-estar tanto mais acentuado quanto mais o paciente estiver sensitivo ou deprimido"⁴⁷. Como podemos observar, a ressalva feita por quem sugere o contrário se toma, perdoem-nos o pleonismo, contraditória; é dizer: "reconheço que você faz certo mas vou lhe ensinar o errado para aprenderes a fazer o certo". Não consideramos este o melhor meio de aprendizado!

Em decorrência desta situação proposta por Paul-Clément, uma última questão poderia aparecer: suponhamos que o paciente esteja bem concentrado, orando fervorosamente e suas condições de merecimento sejam de receber o melhor como fica ele se o passista doar passes com as mãos retomando abertas? Já vimos que o merecimento, a oração e a fé são de grande valia para o tratamento fluidoterápico; essas situações, quando favoráveis, criam um sistema fluídico de defesa eficiente para aquele que estiver psiquicamente equilibrado, prevenindo-o de qualquer assalto indesejável, venha de que fonte e/ou situação vier. Assim sendo, o paciente não receberá a "congestão fluídica" por motivo de suas autodefesas. No caso de o passista estar incauto, o processo de "congestão fluídica" poderá voltar-se em sua direção, atingindo-o; caso ele também esteja bem preparado, harmonizado, no máximo sentirá alguma dificuldade na aplicação do passe, enquanto o paciente poderá no máximo registrar pouca eficiência naquela fluidificação. Ou seja: o mal não atinge a quem não merece recebê-lo enquanto que o bem nunca se perde.

Retomemos o exemplo do mergulhador que usamos há pouco para ilustrar melhor esta nova situação: para que ele tenha condições de receber ar quando submerso, deverá estar protegido por um escafandro equipado com um respiradouro. Isso, no nosso exemplo, equivaleria ao nosso paciente bem preparado, portanto, isolado pelo escafandro moral e, por ele, com condições de assimilar os fluidos em qualquer circunstância; receberia o fluido, como o mergulhador obteria ar pela respiração artificial. Só que não seria tão natural seu efeito, como, exemplo, o é a respiração fora da água. Será que clareou? Esperamos!

Desse tipo de ocorrência já testemunhamos vários casos, e com vários médiuns diferentes. Caso o leitor venha a observar ou já tenha notado alguma situação parecida (entretanto, anote-se bem: jamais a provoque pois é uma atitude, quando consciente, irresponsável e indigna), atente que, se o paciente for atingido pelo efeito "congestão fluídica", sairá tonto, com enjôos, se sentindo mal; se no médium, reações semelhantes se verificarão. Nesses casos, já sabemos como agir: dispersão de fluidos. Ressaltamos, contudo, que nem todo caso de tonturas, enjôos ou mal-estares após o passe seja devido apenas a esse fator; outros motivos podem influir mas, ainda aí, a dispersão, no sentido de técnica de passe, é a solução ideal.

⁴⁷ JAGOT, Paul-Clément. Procedimentos. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", cap. 3, p. 22.

2.1.2.2 – 2ª Regra

O passista deve entrar em "afinidade", em "sintonia", em "relação", em "'contato" com o paciente. Isto quer dizer, sob o ângulo espírita, o seguinte: o passista, pela oração e por uma imposição de mãos, procura modular suas vibrações, fluídicas, psíquicas e mentais, às do mundo espiritual que o assiste a fim de melhor sorver as energias daquele plano, ao tempo em que deve nutrir o desejo sincero e alimentar a vontade firme de ajudar seu paciente. Alie-se a isso, um sentimento profundo e sincero de muito amor por ele. Isto favorece o estabelecimento de um clima propício para a cura, pelo menos no que diz respeito às obrigações do passista naquele instante.

Sob o ponto de vista do magnetismo, o "entrar em relação" é criar uma empatia, um clima de confiança e amizade entre magnetizador e magnetizado, "relação" essa que requer do magnetizador um componente psicológico positivo tanto de segurança quanto de equilíbrio e moralidade.

A respeito, a explicação de Keith Sherwood é notável: "A empatia é muito importante no relacionamento com seu paciente porque o próximo passo será senti-lo absorvendo a energia que você está transmitindo"⁴⁸.

Sobre esta regra, podemos afirmar que ela é válida inclusive nos planos espirituais. Vejamos André Luiz em sua primeira intervenção no campo do passe: "(...) Entendendo que não deveria socorrer utilizando apenas a firmeza e a energia, mas também a ternura e a compreensão (...), disse, procurando captar-lhe a confiança, vamos ao passe reconfortador"⁴⁹ (grifamos). Fica patente a necessidade de empatia por ele sentida e referida. Mas, não foi apenas nesse momento que encontramos esse registro; vejamos esta outra referência: "Estabelecido o clima de confiança, qual acontece entre o doente e o médico preferido, cria-se a ligação sutil entre o necessitado e o socorrista e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos créditos de um e outro"⁵⁰ (grifamos).

De outro ângulo, José Lhomme ensina que: "Antes de empreender toda ação magnética, é preciso pôr-se em relação, isto é, estabelecer uma corrente de transmissão fluídica entre o médium curador e o enfermo." E prossegue: "(...) Certos médiuns fazem o contato por uma simples imposição das mãos sobre a fronte (do paciente)"⁵¹ (grifamos).

Se observarmos atentamente veremos que esta segunda regra geral faz parte de qualquer área de relacionamento interpessoal, especialmente a nível médico. Tanto é verdade, que qualquer de nós tem ao menos uma história a contar sobre o sucesso ou o insucesso de uma ocorrência, com base na maior ou menor empatia havida entre as partes.

Para enfeixar o assunto, podemos raciocinar que se na medicina, onde normalmente se lida com valores bem mais materiais que espirituais e fluídicos, a necessidade da empatia é irrefutável e, muitas vezes, a grande responsável pela melhora dos pacientes, que se deduzir em relação ao passe espírita?

⁴⁸ 49. SHERWOOD, Keith. A cura ausente. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 8, p. 94.

⁴⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Assistência. In "Os Mensageiros", cap. 44, p. 230.

⁵⁰ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Mediunidade curativa. In "Mecanismo da Mediunidade", cap. 22, item Mecanismo do passe, p. 147.

⁵¹ LHOMME, José. A ação magnética. In "O Livro do Médium Curador", cap. 5, pp. 57 e 5f.

2.2 — A Imposição de Mãos

Sem dúvida alguma esta é a técnica mais comum de se aplicar o passe: mais comum e mais universal. Como já podemos observar, desde as citações do Antigo Testamento⁵² até os dias atuais, é unânime a prática, o conhecimento e o uso desta técnica, não apenas por religiosos mas inclusive por leigos e até mesmo agnósticos. Lembra-nos Paul-Clément Jagot que "De um papiro descoberto por Ebers nas ruínas de Tebas, os tradutores extraíram esta frase característica: 'Coloque tua mão sobre a dor e diga para a dor se ir'. No Livro dos Mortos lemos: 'Eu coloco as mãos sobre ti, Osíris, para teu bem, para te fazer viver'. Sabe-se aliás que nos templos egípcios o hierofante impunha as mãos sobre os doentes e assim operava curas. (...) Um outro historiador, Prosper Alpini menciona misteriosas "fricções médicas" empregadas pelos sacerdotes do antigo Egito e facilmente identificáveis aos passes magnéticos. (...) Na Grécia, a doutrina pitagórica (...) mostra que a medicina pela imposição das mãos, quando praticada pelos Asclepiadeus, não era considerada empírica mas procedente de dados racionais. (...) Durante todo o período medieval, as imposições, os passes, o sopro e todos os procedimentos de projeção do magnetismo humano tiveram seus práticos. (...) Como os magnetizadores da Idade Média procediam, quase todos, pelo contato, eram chamados "tocadores". Ora, constituiu-se uma tradição que atribuía aos reis que gostavam de "tocar" os doentes, um poder especial. De fato, desde São Luís (outros dizem que desde Clóvis), os reis da França curavam pelo toque. Este uso se perpetuou até Henrique IV"⁵³.

Saindo dos dados históricos, podemos afirmar que a estruturação técnica da imposição de mãos é igualmente tão simples que não há muito o que aprender; basta estender os braços para frente do corpo, pondo as mãos sobre a(s) cabeça(s) do(s) paciente(s) (ou sobre outra parte que se deseje magnetizar), ficando as mãos espalmadas para baixo, sem contração ou enrijecimento muscular, sem fazer força ou se posicionar tipo estátua. A par disso, e é o que é mais importante, manter-se orando firme e equilibradamente, pedindo ao Senhor bênçãos para o paciente, acionando a vontade de ajudar, de transmitir bons fluidos, favorecer à fluidificação espiritual (se for o caso) e esquecer qualquer vaidade, orgulho, rancor ou problemas materiais. Este momento é literalmente sagrado, qualquer que seja a característica de passe que se esteja operando.

Como se percebe, existe também a imposição de mãos localizada, que é derivação das técnicas do magnetismo. É usada sobre órgãos afetados ou centros de força, de conveniência e nas distâncias que os casos requeiram e que a prática e a intuição indiquem.

Se na Casa Espírita ou no atendimento que estiver fazendo não for possível ou aconselhável fazer uso de qualquer outra técnica que não essa, e sentir a necessidade de fazer, por exemplo, um passe dispersivo, mentalize com força de vontade tal procedimento, que ele minimizará a falta do dispersivo, patrocinando aquele intento em condições relativamente satisfatórias. Convém lembrar, contudo, que dentro dos "princípios" uma regra geral existe, e que nos foi apresentada por Jesus, quando nos ensinou a oração dominical: "Pai, seja feita vossa vontade, tanto na Terra como no Céu". Isto significa que devemos subordinar nossa ação e nossos pedidos de socorro e ajuda ao determinado pela Justiça Divina. Assim, fazemos o melhor que podemos mas deixamos ao Pai, por intermédio de seus Emissários, a adequação da solução à Vontade Maior.

⁵² Vide nosso capítulo I, item 3.1.

⁵³ JAGOT, Paul-Clément. Resumo histórico. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", cap. 5, pp. 34 a 36.

Como, via de regra, o paciente está com seu campo fluídico desequilibrado ou desarmonizado, quase sempre é conveniente fazer-se, antes, uma dispersão fluídica. Mesmo na imposição de mãos este recurso é muito válido, pois com a dispersão "extraímos" ou "reordenamos" os fluidos desequilibrantes ou desarmonizadores. Existem, porém, pessoas que têm capacidade de apenas substituindo os campos fluídicos do paciente, já restabelecê-los e curá-los. Entretanto, esta não é a regra. Allan Kardec, nos falou a respeito: "É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício: mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional"⁵⁴.

Até agora vimos falando das imposições no plural, o que pode sugerir que elas só possam ser feitas com as duas mãos; não, não é isso. A imposição pode ser feita com uma ou duas mãos, mas, o mais comum é se usar as duas, principalmente quando a imposição é a técnica que se está utilizando de forma única. V. L. Saiunav nos diz: "Pela prática sabemos da possibilidade de fazer manipulações com uma única mão (sobre uma parte do corpo ou sobre um órgão enfermo), mas é mais vantajoso atuar com as duas"⁵⁵ (grifamos). Embora essa seja uma opinião pessoal, não é isolada; ademais, não se condena o uso de uma só mão, mas, dependendo do caso, o uso das duas é mais proveitoso. Tanto que no mundo espiritual também se faz essa distinção. Recorda-se o leitor do exemplo que demos na referência (10) deste capítulo?

Reforçando a questão, existem, inclusive, nomes específicos para as imposições de uma e de duas mãos: "imposição simples" e de "mãos combinadas ou dupla"⁵⁶, respectivamente. Até aí, tudo bem; agora, dizer-se que a imposição de só uma mão é para que a outra descanse, não faz o menor sentido. Primeiro porque não estamos sendo "magnetizadores", no sentido específico do termo os quais, por usarem basicamente seus fluidos, necessitam de uma ação mais demorada para alcançarem os efeitos esperados e, por isso, chegam a cansar. Segundo: o passista, quando assume a responsabilidade do passe, não pode estar se entregando ao comodismo ao primeiro sinal de cansaço. E terceiro: quando se opta por se usar uma só mão é porque já se adquiriu tal hábito ou porque se está apenas fazendo o contato (entrando em relação com o paciente), por sentir que dessa forma atenderá suficientemente bem sua tarefa; porque o lugar a ser atingido só comporta uma mão ou por fazer parte de uma técnica mais complexa. Abstração feita ao caso dos manetas (que, tendo apenas uma mão, não têm, fisicamente falando, outra opção), fora disso, é preciso que seja considerado.

Vejamos outros exemplos: Louis Alphonse Cahagnet já em 1850 escrevia: "A imposição da mão na parte doente faz desaparecer por encanto os engurgitamentos"⁵⁷.

Por outro lado, "Diz o Sr. Ochorowicz (Suggestion Mentale, pág. 182): Tirei dores de cabeça de centenas de pessoas pela simples imposição das mãos"⁵⁸.

Escreve Keith Sherwood sobre a imposição de mãos: "É chamado de 'o toque superior', e sabe-se que foi muito conhecido na França medieval e na terra. Os imperadores romanos Adriano e

⁵⁴ KARDEC, Allan. Os fluidos. In "A Gênese", cap. 14, item Curas, 34.

⁵⁵ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 69.

⁵⁶ TOLEDO, Wenefledo de. Imposição de mãos. In "Passes e Curas Espirituais", Lição nona, p. 111.

⁵⁷ ROCHAS, Albert De. Cura magnética das feridas e traspasse das doenças. In "Exteriorização Sensibilidade", cap. 5, p. 132

⁵⁸ Idem, ibidem.

Vespasiano tinham esse dom. O mesmo ocorria com o Rei Olavo, da Noruega, que à época era considerado santo. São Patrick foi capaz de curar um enfermo colocando suas mãos sobre ele. (...) Os gregos primitivos costumavam curar os doentes através do das mãos. Hipócrates conta-nos: 'Muitos médicos experientes acreditam que o calor das mãos quando aplicado sobre o doente é altamente salutar e acalentador'. (...) A evidência de sua prática é reconhecida através de mais de mil e quinhentos anos⁵⁹, ao se descobrir as pinturas feitas nas cavernas no período Neolítico. A cura pelo contato direto, ou o que chamamos de "imposição de mãos", parece ser uma prática humana universal"⁶⁰.

O senhor José Lhomme, a respeito, comenta: "(...) Se consultais um curador de uma tendência diferente, ouvi-lo-eis dizer que não recorre senão à prece e à imposição da mão sobre a fronte do paciente, forma de magnetismo reduzido à sua mais simples expressão"⁶¹. E acrescenta mais adiante: "Certos curadores que, pela imposição das mãos, os fluidos levados ou dirigidos pela entidade se espalham por todo o corpo e restabelecem o equilíbrio vital comprometido pela enfermidade. (...) A imposição é feita com as palmas das mãos ou as pontas dos dedos, sem tensão ou contração. Ela tem principalmente por fim restabelecer o equilíbrio das forças do enfermo e, nisso, a calma e o fortalecimento"⁶².

Allan Kardec transcreveu em sua "Revista Espírita" uma carta do Sr. Dombre em que ele dizia ter consultado os Espíritos e: "(...) Nossos guias prescreveram como todo remédio a imposição das mãos, os passes fluídicos por parte mãe (...) Depois de três dias de passes e de imposição das mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuadas a título de lições, mas feitas com alma a criança pedia para se levantar; a febre tinha passado e todos os acidentes descritos acima (dor de cabeça contínua, febre, tosse freqüente com expectoração e dor viva do lado esquerdo; também viva dor nos olhos que, de vez em quando se cobriam de uma substância leitosa... Sob os cabelos, a pele do crânio coberta de películas brancas; urina espessa e turva. Deprimida e abatida, a menina não comia nem dormia) desapareceram ao cabo de dez dias". Outro caso: "consultados, nossos guias disseram: (...) Que o marido eleve sua alma a Deus, imponha as mãos sobre a fronte da esposa e lhe faça passes fluídicos com amor e confiança (...) "⁶³ (grifos originais).

Por enquanto vamos parar por aqui pois se fôssemos ficar transcrevendo situações envolvendo as imposições de mãos, cansaríamos e não as esgotaríamos; afinal já temos material suficiente para o entendimento desta técnica. Antes, porém, um detalhe: você notou que nesta última citação é estabelecida uma clara distinção quanto ao entendimento de imposição das mãos e passes fluidicos? A que será que se atribui isso?

⁵⁹ Acreditamos que o autor tenha se referido à descoberta das evidências (há 1500 anos) pois o período Neolítico citado teve duração de 18.000 a 5.000 anos a.C. Isto deduzimos por fatores: primeiro porque entre os egípcios já no IV milênio a.C. predominava a religião totêmica dos nomos; depois porque pelas escavações da atualidade já foram registradas evidências das práticas da imposição das mãos antecessoras e esse período posto que localizadas em pinturas nas cavernas no período Paleolítico Superior (que se estendeu de 30 mil a 18 mil anos a.C), quando, inclusive, já se localizavam maior diversidade dos ritos funerários e o uso mais frequente da magia, conforme relata o livro de "História Antiga e Medieval" de José Jobson de A. Arruda (Editora Ática - 1976).

⁶⁰ SHERWOOD, Keith. A imposição das mãos. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 14, 156 e 157.

⁶¹ LHOMME, José. Introdução. In "O Livro do Médiun Curador", p. 23.

⁶² LHOMME, José. A ação magnética. In "O Livro do Médiun Curador", cap. 5, p. 60.

⁶³ Intervenção de parentes nas curas. In "Revista Espírita", jun. 1867, pp. 179 a 180.

Observemos uma ressalva feita por Michaelus que importa tenhamos em mente: no que diz respeito ao magnetismo propriamente dito "(...) as imposições precedem e preparam os passes, mas também podem com estes últimos ser combinados e intercalados, de acordo com as circunstâncias"⁶⁴. Que tal comparar esta citação com as conclusões exaradas da questão anterior?

2.3 — Os Passes Longitudinais

Como técnica, os passes longitudinais são aqueles feitos ao longo do corpo (do paciente), da cabeça aos pés e de cima para baixo, com as mãos abertas e "os braços estendidos normalmente, sem nenhuma contração, e com a necessária flexibilidade para executar os movimentos" (Michaelus)⁶⁵, de um mesmo lado do paciente (frente, costas ou lado). Pode ser feito com uma ou duas mãos. Suas variações se devem à forma e aos fins como são dispensados.

Quando aplicados lentamente (média de 30 segundos da cabeça aos pés e a uma distância muito pequena do corpo, cerca de 5 a 15 centímetros, saturam o paciente de fluidos e, por isso mesmo, são muito ativos e excitantes. Os próprios magnetizadores, quando usam os longitudinais por muitas vezes seguidas sentem um certo esgotamento fluídico, pelo que o Deleuze recomendava nunca fossem muito continuados. A fim de evitar os inconvenientes, divide-se o corpo do paciente, hipoteticamente, em duas ou três zonas (por exemplo: cabeça/pescoço; tronco; e pernas) e passa-se a fazer as aplicações parcialmente. Para tanto, dois caminhos podem ser utilizados; um deles: suponhamos que o magnetizador queira fazer quatro aplicações longitudinais; então ele faz quatro aplicações seguidas na zona cabeça/pescoço, depois quatro no tronco e mais quatro nas pernas; o outro caminho é fazer, seqüencialmente, uma aplicação por zona, observando-se sempre o sentido "de cima para baixo", iniciando pelo superior, indo até o inferior e voltando da última à primeira zona tantas vezes quantas queira ou se precise fazer o passe. Normalmente esta segunda opção é a mais utilizada, mesmo porque, não sendo fixo o número de passes a se aplicar, fica mais difícil seja determinado quantas vezes se faria na primeira zona do primeiro modo, a fim de atender às necessidades das outras zonas que podem ter solicitações maiores ou menores que a imaginada na primeira.

A experiência nos diz que, quando os longitudinais são feitos lentamente a uma distância de 15 centímetros até mais de um metro, se tornam calmantes.

Poder-se-ia perguntar: e como se determina essa distância? A determinação da distância será decorrente de três fatores: a experiência do passista, através do "tato-magnético"⁶⁶; a intuição; ou os dois (quando, adiante, estudarmos o tato-magnético e a intuição entenderemos melhor como isso se dá).

Os passes longitudinais, também conhecidos como de "grande corrente", quando feitos rapidamente (cerca de 5 segundos para o percurso cabeça/pés) e a uma distância de 15 centímetros a mais, têm notável poder dispersivo e sua ação também é calmante além de regularizar a circulação sangüínea e fluídica.

⁶⁴ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 9, p. 72

⁶⁵ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 9, p. 75

⁶⁶ Este assunto será tratado neste capítulo no item 5.4

Neste ponto perguntamos: lembra o leitor quando acima falávamos de que, vivendo uma "congestão fluídica", poder-se-ia resolver o problema com uma dispersão? Pois esta é normalmente a dispersão recomendada para o caso, visto que ela alcança todo o campo fluídico do paciente, promovendo uma dispersão geral e um subsequente reequilíbrio fluídico holístico, total.

Apesar de, por definição, os longitudinais serem feitos da cabeça aos pés, os mesmos também podem ser executados apenas em certas partes do corpo com o mesmo efeito. Com isso dizemos que se pode usar o longitudinal só para as pernas, ou só para os braços, ou apenas para o tronco, e assim por diante...

Gostaríamos que o leitor atentasse agora para esta observação: conforme vimos acima e reanalisaremos adiante, o uso do dispersivo é quase sempre operativo nos tratamentos fluidoterápicos. No caso de o passista estar usando o passe longitudinal, poderá fazer a dispersão segundo a mesma gesticulação, apenas adaptando a distância e a velocidade da aplicação; quanto mais rápido, mais dispersivo. Esta providência evita muitos inconvenientes de ordem prática, pois a adaptação referida contribui à própria concentração já que o passista não precisará ficar mudando de técnicas para proceder a dispersão, mas apenas acomodá-la às exigências de cada caso, isto é, adaptar o ritmo e a distância da aplicação.

Notemos agora o uso dos passes nos planos espirituais, onde os longitudinais são utilizados proficuamente como dispersivos: "Ele próprio aplicou recursos magnéticos na obsidiada, fazendo a dispersão dos fluidos tóxicos que a asfixiavam, mediante movimentos longitudinais, rítmicos, logo após insuflando energias restauradoras de forças" (Manoel Philomeno de Miranda)⁶⁷.

Antes de prosseguirmos, observemos que na narrativa acima o Espírito fez dispersivos e, em seguida, usou do sopro, da insuflação.

Busquemos outro exemplo com o mesmo Espírito Manoel Philomeno de Miranda: "A Entidade compassiva, utilizando-se da técnica do passe longitudinal com pequenas variações, demonstrando, porém, profundo conhecimento dos centros captadores de força, no corpo e no perispírito, operou, dispersando, a princípio, as construções mentais perniciosas e desencharcando-lhe o psiquismo de fluidos prejudiciais, para, logo após, recompor-lhe o equilíbrio, mediante a doação de energia, facilmente assimilada pelo organismo"⁶⁸ (grifamos).

Nessa colocação percebemos que o Espírito magnetizador utilizou apenas a técnica longitudinal com "pequenas variações", as quais foram necessárias devido a dois fatores: o primeiro, ao grau de conhecimento da técnica por ele que é, sem dúvida, muito profundo, e dos plexos e centros de captação de força; o segundo, para poder fazer as variações devidas, tornando os passes aglutinadores, dispersivos e ativantes, conforme o caso. (Observe-se ainda que a "dispersão" foi utilizada logo no início do atendimento.)

Uma ilação pode ser repetida: se os "técnicos espirituais" continuam estudando as técnicas para se aperfeiçoarem, apesar de conhecê-las com profundidade; quanto mais deveremos nós?

⁶⁷ FRANCO, Divaldo Pereira. Primeiras providências. In "Nas Fronteiras da Loucura", cap. 5, p. 49.

⁶⁸ FRANCO, Divaldo Pereira. Primeiras providências. In "Nas Fronteiras da Loucura", cap. 5, pp. 65 e 66.

Mas, para termos uma idéia de como e para que é aplicado o longitudinal aqui em nosso plano, vejamos algumas notas sobre a forma de Albert De Rochas magnetizar seus pacientes:

"Por meio de passes longitudinais, combinados com a imposição da mão direita sobre a cabeça, estando o paciente confortavelmente sentado diante dele."

"Adormeceu-a por meio de passes longitudinais (...)"

"Após algumas sessões destinadas a treiná-la e a diminuir o tempo necessário a levá-la ao estado de sua primeira infância, tive a idéia de prosseguir com os passes longitudinais"⁶⁹ (grifos originais).

Uma nota de grande importância, e que é válida para todos os itens das técnicas dos passes oriundos do magnetismo: se formos estudar os tratados de magnetismo veremos que para cada técnica, para cada tratamento, para cada movimento, eles determinam tempos mais ou menos precisos e, na maioria, relativamente longos. Para se ter uma idéia, o "entrar em relação" normalmente requer cerca de 5 minutos. No passe espírita esses tempos são sensivelmente alterados para menos, salvo raras exceções. A explicação é devida a três motivos: o paciente, antes do passe, recebe uma "evangelhoterapia", predispondo-o à reforma moral e melhorando-lhe as condições psíquicas de recebimento e renovação dos fluidos; os médiuns igualmente se preparam, não apenas pelo Evangelho mas por todos os cuidados que um passista deve ter; e porque a presença e a ação dos Espíritos é efetivamente sabida e usada⁷⁰.

Mesmo já tendo sido visto que no mundo espiritual os passes magnéticos são utilizados, vamos transcrever só mais uma aplicação ali verificada para observarmos quão largo é o uso desta técnica (neste exemplo, o mesmo servirá para favorecer o desdobramento): "A Benfeitora aplicou-lhe passes longitudinais, detendo-se mais na área do epigástrico e em poucos segundos, ele se exteriorizava, denotando as sensações traumatizantes que o ato produzira no corpo, alcançando os tecidos sutis do Espírito pelo processo automático da ação-reação" (M. Philomeno de Miranda)⁷¹.

Conhecida esta técnica, de valor e praticidade inquestionáveis, ponhamo-la em prática, posto que seu uso é tão reconhecido e aceito, mesmo no passe espírita, quanto a própria imposição de mãos.

2.4 — Os Passes Transversais

Estes passes têm grande poder dispersivo, mas, apresentam alguns inconvenientes quanto ao seu uso na Casa Espírita. Vejamos o porquê.

São executados com os braços distendidos à frente e as mãos, inicialmente, posicionadas a uma distância do paciente entre 30 e 50 centímetros; como função, são essencialmente dispersivos. Seu modo de aplicar é relativamente simples: "O operador, colocado de pé e defronte do magnetizado, estende os dois braços diante, as mãos abertas, com a palma e, bem assim, os polegares para baixo; nessa posição, ele abre rapidamente e com muita energia os braços no sentido

⁶⁹ Regressão de memória — II. In "Reformador", jul. 1972, pp. 16 e 17.

⁷⁰ KARDEC, Allan. Dos médiuns. In "O Livro dos Médiuns", cap. 14, item 176. questão 4.

⁷¹ FRANCO, Divaldo Pereira. Técnica de sobrevida. In "Painéis da Obsessão™", cap. 5, p. 41.

horizontal e depois volta com vivacidade à posição primitiva para recomeçar logo a seguir da mesma maneira.

"(...) Nos casos de dispersão geral, como acontece no fim de cada sessão ou para despertar o sonâmbulo, esses passes são dirigidos, em série, sucessivamente, à altura da frente, ao peito e aos pés.

"Pode-se também executar o passe transversal só com uma das mãos. Nesse caso, o operador impulsiona a mão, batendo vivamente o ar por cima e na altura de 5 centímetros da parte visada, como se fosse agredir o paciente, tendo o cuidado de, ao repetir o passe, fechar e afastar a mão" (Michaelus)⁷².

Conforme verificamos, tal dispersivo requer um jogo de mãos e braços muito violento e pede bastante espaço lateral para sua execução. Como a maioria das Casas Espiritas são pequenas e suas cabines de passes invariavelmente apertadas, já aí, teríamos um primeiro grande inconveniente; depois, durante tal aplicação não haveria condições de se ter algum outro passista muito próximo pois corria-se o risco do impacto físico entre eles; tudo isso sem falar da possibilidade de o passista chegar a bater no paciente, caso este se mova para a frente. Ademais, se temos passes mais simples, quanto à técnica, que atingem o mesmo objetivo, ou seja, são também bastante dispersivos, porque fazer um que apresente tantos inconvenientes?

Do fato de se sugerir que as mãos estejam espalmadas para baixo com os polegares igualmente para ali direcionados, os magnetizadores afirmam que, dessa forma, os fluidos dispersáveis, captados do paciente, retornariam ao magnetizador pelos dedos dirigidos ao corpo do paciente e se dispersariam por seus polegares, com isso não chegando a penetrar nem se fixar no corpo, aura ou perispírito do magnetizador. Dita conclusão foi oriunda da observação feita pelos videntes, os quais acompanhavam, clarividamente, o percurso descrito pela movimentação fluidica, e também pelas conseqüências por vezes inoportunas verificadas nalguns magnetizadores que, provavelmente por serem mais sensíveis que outros, absorviam as emanções desequilibradas do paciente e, em vez de simplesmente dispersá-las, agregava-as aos seus campos fluidicos. A nível de passe espírita não temos ainda nenhum dado que confirme ou desminta tal fato⁷³. Assim sendo, quem queira fazer uso dessa técnica e não pretenda correr riscos, aconselhamos seguir a sugestão acima dada por Michaelus.

Uma outra modalidade do transversal é o "transversal cruzado". A técnica e a finalidade são idênticas, só diferenciando que aqui os braços se cruzam à frente do paciente. Dessa forma, em vez de o passe ter os braços simplesmente estendidos, serão eles sobrepostos um ao outro em forma de "X". Os demais procedimentos são idênticos.

Há quem diga que esta modalidade é mais dispersiva que a primeira mas, contrapartida, é mais inconveniente ainda, pois as condições de espaço e riscos de impactos físicos são maiores. Um tanto precipitadamente há quem afirme que este passe, "o transversal cruzado", é o ideal para "tirar Espíritos". Em tom de brincadeira, inclusive, já teve quem afirmasse que esta técnica, se aplicada com muito vigor, "tiraria" até o Espírito do próprio médium.

⁷² MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 12, p. 107.

⁷³ Veja-se exemplo cuja nota de rodapé está mais adiante.

Brincadeiras à parte, gostaríamos de fazer uma ressalva a respeito: a expressão "tirar Espíritos" nos soa um pouco destoante, pois aqueles irmãos que pretendemos "tirar" quase sempre são sofrendores e ignorantes, e não necessariamente maus⁷⁴; são mais carentes da aproximação de uma boa sintonia, de uma vibração equilibrada, do que de um afastamento puro e simples⁷⁵. Todavia, reconhecemos existirem situações em que determinados Espíritos devam ser convidados a se retirarem, mas, não expulsos e entregues à própria sorte. A respeito de nossa ação junto a esse tipo de Espíritos, Jesus recomendava: "Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum"⁷⁶; e "oração e jejum" aqui não são apenas uma prece e se passar alguns dias tomando líquidos, mas, orar com fé e respaldo moral interior, jejuando-se das inferioridades a que usualmente vinculamos mas nos alimentando da água e da comida que ele referiu à samaritana⁷⁷. Depois, o ato de "tirar Espíritos" não é maquinal nem está associado apenas ao vigor com que o passe é feito; uma doutrinação evangélica equilibrada, uma intervenção dos Planos Espirituais, em cuja área, mais que em qualquer outra, o domínio é infinitas vezes maior que o nosso, resolvem segura e satisfatoriamente a questão. Lembremos que o passe, principalmente na Instituição Espírita, tem a função de aliviar, ajudar, curar, amparar, complementar um tratamento, enfim, de se fazer um ato de amor, e nunca o de agredir, afastar, repelir, criar ou açular ranços.

Consultando Allan Kardec, obtemos elucidações valiosíssimas: "Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?"

"— Fórmula é matéria; muito mais vale um bom pensamento dirigido a Deus"⁷⁸.

Noutra oportunidade, pergunta ele aos Espíritos: "Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?"

"Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente"⁷⁹. E já tinham respondido antes: "O mais poderoso meio de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons"⁸⁰.

Pelas respostas dos Espíritos percebemos que não existe recomendação no sentido de se tirar Espíritos, mas, sim, de se elevar o padrão moral; tanto do Espírito quanto do médium.

Voltando ao transversal, apesar de nossas ressalvas quanto aos inconvenientes desta técnica, seu poder dispersivo é muito forte. Os magnetizadores o utilizavam com regularidade, principalmente para fazer sair do estado sonambúlico ou hipnótico os pacientes ou sujetos com quem faziam suas experiências.

⁷⁴ Diz Fiódor M. Dostoiévski, no seu "Os Irmãos Karamázovi", p. 15: "Muitas vezes, as pessoas, mesmo más, são mais ingênuas, mais simples do que o pensamos. Nós também, aliás."

⁷⁵ Recordemos Jesus: "Os são não precisam de médico, e, sim, os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: 'Misericórdia quero, e não holocaustos; pois não vim chamar os justos, e, sim, pecadores (ao arrependimento)'. " Em Mateus, IX, vv. 12 e 13.

⁷⁶ Mateus, Cap. XVII, v. 21.

⁷⁷ Veja-se passagem em João, IV, w. 10 a 15.

⁷⁸ KARDEC, Allan. Da identidade dos Espíritos. In "O Livro dos Médiuns", cap. 24, item 268, questão 22.

⁷⁹ KARDEC, Allan. Da obsessão. In "O livro dos Médiuns", cap. 23, item 254, questão 5.

⁸⁰ KARDEC, Allan. Da obsessão. In "O livro dos Médiuns", cap. 23, item 254, questão 2.

2.5 — Os Passes Circulares (Palmares)

Estes passes são executados com a palma das mãos ou com os dedos (respectivamente: movimentos rotatórios palmares e digitais) lentamente, operando-se movimentos circulares da direita para a esquerda, e vice-versa, de maneira localizada, e a uma altura (distância) do corpo do paciente em torno de 10 a 15 centímetros. Quando aplicados com os dedos, estes deverão estar voltados ao ponto que se deseja magnetizar, sem rigidez ou contração muscular. São muito ativantes e, por isso mesmo, muito utilizados quando se pretende tratar ingurgitamentos abscessos, obstruções, irritações intestinais, cólicas, supressões e males em geral do baixo ventre.

Uma variação desses passes, conforme nos observa Michaelus, são conhecidos como "fricções sem contato" ou "afloração". A diferença entre estes e os circulares é que aqui fazemos uma espécie de massagem psíquica e não apenas rotações. Por isso estes podem ser palmares, digitais, longitudinais e rotatórios, e têm finalidades idênticas aos circulares propriamente ditos. No caso dessas fricções "(...) as palmares são feitas (...) com as palmas da mão, em cheio, os dedos ligeiramente afastados, sem crispações e sem rigidez; as digitais, com a mão aberta, ficando os dedos ligeiramente afastados e um pouco curvados, evitando-se contração e rigidez, com o punho erguido; as longitudinais são executadas com a mão aberta, como as fricções palmares, ou somente com as pontas dos dedos, como as fricções digitais, ao longo dos membros do corpo, muito lenta e suavemente (cerca de um minuto da cabeça aos pés), e no sentido das correntes, isto é, do alto para baixo, seguindo o trajeto dos nervos e dos músculos; as rotatórias são feitas igualmente com a palma das mãos ou com a ponta dos dedos, descrevendo círculos concêntricos no sentido dos ponteiros do relógio. (...) Não se deve esquecer que, ao fazer retornar a mão ao ponto de partida, o operador a conservará fechada e afastada do corpo do paciente, tal como com os passes"⁸¹. (Grifos originais.)

A nível de técnica, os circulares ou palmares, bem como as fricções, por motivo mesmo da movimentação das mãos, bloqueiam o retorno de fluidos dispersáveis àquelas extremidades, quando se está procedendo o passe, o que nem sempre se verifica com as imposições.

Resumindo: enquanto nos circulares os braços ficam fixos e só as mãos movimentam, nas fricções podem se dar os dois movimentos. Suas variações e adaptações, quando consciente e eficazmente aplicadas, ensejam notáveis bênçãos no campo da cura magnética.

2.5.1 — Dispersão Circular

Por serem muito excitantes e na maioria das vezes atuarem em regiões físicas muito restritas, normalmente, após a aplicação de quaisquer das variedades dos circulares, se verifica uma concentração fluídica localizada muito forte, requerendo, por isso mesmo, uma dispersão também localizada e muito ativa. Para tanto, uma dispersão muito própria existe: põe-se a mão sobre o ponto que se quer dispersar, à mesma distância que se usou para o passe ou até mais próximo, com a palma voltada ao ponto que se quer dispersar, arcando-se os dedos para cima, inteiramente abertos, firmes e imóveis, como se se quisesse dobrá-los para trás. Nessa hora o magnetizador perceberá nitidamente os fluidos vindos do ponto observado como que penetrando no meio da palma da mão e a esvaírem-se por seus dedos, em direção ao espaço etérico. Além de dispersiva, esta técnica é

⁸¹ MICHAELUS, In "Magnetismo Espiritual", cap. 12, pp. 104 e 105

excelente para se fazer cessar dores localizadas, resolver tumores e inflamações. Atentemos, todavia, para a nossa posição mental, pois não é o simples arcar de dedos que fará fluir fluidos dispersáveis; nossa disposição e comando mentais nesse sentido são indispensáveis.

2.5.2 — Observando a Técnica

Vejamos um exemplo: estando o senhor (Ph.D) Stanley Krippner estudando a parapsicologia soviética e participando de um congresso na cidade de Tbilisi, foi apresentado à médium Juna Davitashvili. "Contando-nos que ela fizera cursos de fisiologia para melhor se familiarizar com o corpo humano, Davitashvili pôs-se a diagnosticar meu estado corrente de saúde. Corretamente, identificou meu maior problema na área em torno da região abdominal. Contudo, Adamenko e outros sabiam sobre minha cirurgia de úlcera duodenal, realizada alguns anos antes. Ela também identificou corretamente um músculo dolorido em meu pé esquerdo, condição que eu havia notado enquanto praticava corrida no dia anterior.

"Davitashvili declarou, então, que eu tinha "problemas menores" de ombro, coração, fígado e baço. Entretanto, não havia forma de se determinar a precisão deste diagnóstico (...) Nos seis dias seguintes, gastou 5 minutos a cada tarde executando movimentos circulares com suas mãos ao redor do meu corpo visando estimular o fluxo de minhas "energias de cura". Ela fez "imposição das mãos sobre as áreas problemáticas do meu corpo e iniciou uma massagem circular, numa tentativa de transferir para mim um pouco de sua "energia de cura". Funcionou? O músculo do meu pé esquerdo não estava mais dolorido e voltei às minhas corridas. Não sofri dos ataques de diarreia que preocuparam alguns dos estrangeiros na conferência"⁸² (grifamos).

Pela riqueza de detalhes do exemplo nos furtamos dos comentários mas buscamos Kardec para nos fornecer mais uma explicação: "Como procede o magnetizador ordinário? Suponhamos que queira agir, por exemplo, sobre o braço. Concentra sua atenção sobre esse membro e, por um simples movimento dos dedos, executado a distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, dirige uma corrente fluídica sobre ponto desejado. O Espírito não age diversamente. Sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e deste ao corpo material"⁸³ (grifamos).

Na palavra do Codificador tivemos não apenas uma explicação do processo do ponto de vista material mas, inclusive, uma confirmação de como atuam os Espíritos, ratificando, por extensão, nossas explicações quando tratamos da questão dos passistas manetas⁸⁴.

Também esta modalidade de passe é utilizada no plano espiritual: "Ato contínuo, conclamou-nos à oração silenciosa, recorrendo ao auxílio psicoterápico do dedicado Bernardo (Espírito), que o acudiu com passes de dispersão fluídica a princípio, para, logo depois, em movimentos rítmicos, circulares, objetivando a área cardiopulmonar, revigorá-lo com energias especiais" (M. Philomeno Miranda)⁸⁵.

⁸² KRIPPNER, Stanley (Ph.D.). Problemas do inconsciente. In "Possibilidades Humana cap. 9, item Curadores e artistas, pp. 237 e 238.

⁸³ Cura de uma fratura pela magnetização espiritual. In "Revista Espírita", set. 182. p. 258.

⁸⁴ Vide item "2.1 — As Mãos", neste capítulo.

⁸⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. Medidas profiláticas para obsessões. In "Painéis da Obs cap. 11, p. 82.

Encerrando este item gostaríamos de deixar uma observação muito importante: em se tratando de atendimento fluídico por essas técnicas (circulares e fricções), sobre regiões vitais como o coração, por exemplo, é imprescindível muita prática, conhecimento e domínio da técnica, além de perfeita sintonia com os Planos Espirituais Superiores a fim de não proceder de forma a complicar quadros clínicos que, por si sós, geralmente são muito delicados. É, inclusive, recomendado a presença ou o acompanhamento de médico especializado para se evitar surpresas desagradáveis. Afinal, a par de que os Espíritos estão nos assistindo e auxiliando, quando nos recomendam estudar e ponderar nossas responsabilidades não estão a fazer simples indicações para "encher tempo vazio", mas, nos convidando a assumirmos nossas responsabilidades ante o que façamos, inclusive nesta área.

2.6 — Os Passes Perpendiculares

Como os transversais, estes também são extremamente dispersivos. Devem ser aplicados a uma pequena distância do corpo do paciente — aproximadamente 5 centímetros —, com as palmas estendidas sobre a cabeça e descendo-as rapidamente, sendo uma pela frente e a outra por trás do corpo do paciente, o que nos indica deva ficar o magnetizado de lado para o magnetizador. Seu poder de dispersão geral é muito ativo e extremamente eficiente.

Lamentavelmente, como bem se percebe, oferece inconvenientes quando incorporados à prática do passe espírita, principalmente pelo fato de ficar mudando, o passista ou o magnetizado, de posição, e da conveniência de essa técnica requerer estejam, preferencialmente, os dois, magnetizador e magnetizado, em pé.

Por questão de ordem prática e de exequibilidade, fazemos restrições a essa técnica.

2.7 — O Sopro (As Insuflações)

"Então formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego da vida, e o homem passou a ser alma vivente"⁸⁶ (grifamos).

"O Espírito sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (Jesus)⁸⁷ (grifamos).

Primeiro, na simbologia da gênese humana, encontramos um registro notável e indelével da vitalidade do sopro; depois vemos o Mestre, em explicação ainda inacessível ao nosso vão conhecimento, apresentar a criação espiritual na figura da sopro divino. Querer desprezar tão relevantes aspectos não condiz com nosso raciocínio pois, por inferência, o sopro é a imagem da vida. Tanto que, de maneira reversa, vulgarmente se diz, quando alguém desencarna: "Deu o último respiro!", com isso simbolizando o "fim" da vida.

Além desses aspectos bíblicos, é reconhecido o fato de que o magnetismo tem contribuído enormemente para o estudo, e na aplicação, desse poderoso agente terapêutico. Por ele sabemos que existem duas técnicas distintas para a sua aplicação, tanto quanto ao método como ao objetivo.

⁸⁶ Gênese, II, v. 7.

⁸⁷ João, III, v. 8.

2.7.1 — A Insuflação a Frio

Esta, também conhecida por insuflação fria, é executada a uma distância de 30 centímetros a até mais de um metro de afastamento do paciente, se tornando tanto mais fria quanto mais longa for a distância em que seja praticada. Executa-se soprando-se com rapidez e vigor sobre a parte que se deseja atuar, tal como se tentássemos apagar uma vela acesa a distância.

Seu efeito é refrigerante e calmante e funciona como um precioso processo de dispersão. Pode ser usado para combater dores de cabeça, agitações febris, ataques nervosos, queimaduras, etc. E quando aplicada na testa e nos olhos desperta o paciente magneticamente adormecido, quer por magnetizador, quer por processo obsessivo, e ainda faz cessar crises de epilepsia.

Uma questão merece ser considerada, todavia; nem todos magnetizadores possuem um sopro eficaz, assim como, no geral, nem todos são felizes em todas as técnicas. Alguns existem, como já vimos, que não precisam sequer fazer imposições de mãos enquanto outros só conseguem grandes feitos quando consorcia praticamente todas as técnicas num único atendimento.

Esta técnica é usada com grande proveito em pacientes que indevidamente "incorporem" nas cabines de passes e se demorem a sair do estado de torpor em que muitas vezes ficam após tal ocorrência. Nestes casos, o passista usa o sopro com bastante vivacidade, mirando a região frontal, entre os olhos. Quando assim proceder, deve-se ter o cuidado de segurar ou apoiar o paciente, especialmente se ele estiver em pé pois, dependendo da maneira como venha a despertar, poderá ter vágados repentinos e cair ou desequilibrar-se. Fora esse cuidado, não existe registro de qualquer outro inconveniente ao paciente.

2.7.2 - A Insuflação a Quente

Ao contrário da primeira, a insuflação a quente, ou insuflação quente, é executada na forma de contato físico, da seguinte maneira: coloca-se um lenço ou um pequeno pano (que, dependendo do caso pode ser a própria roupa do paciente) sobre a parte que se deseja magnetizar; após se fazer uma longa inspiração, aplica-se a boca sobre o lenço ou pano e começa-se a soprar uma expiração muito forte e o mais demorado possível, até esgotar toda a reserva de ar dos pulmões, sem empregar contração nem força na boca. Esgotada a provisão de ar, levanta-se a cabeça, afasta-se a boca e aspira-se pelo nariz, do ar ambiente, o qual deverá ser saudável, nova reserva de ar, repetindo-se o mesmo procedimento. Após um máximo de seis insuflações quentes, havendo necessidade de mais aplicações, convém descansar um pouco, pois se trata de técnica extremamente fatigante.

Este tipo de insuflação (a quente) é muito feliz "(...) Nos ingurgitamentos, nas obstruções, asfixias, dores de estômago, cólicas hepáticas ou nefríticas, enxaquecas, afecções glandulares, dores de ouvido, surdez, etc., tendo grande efeito sobre as articulações, sobre o alto da cabeça, o cerebelo, as têmporas, os olhos, as orelhas, o epigástrico, o baço, o fígado, os rins, a coluna vertebral e o coração.

"Precisamente porque a insuflação a quente é demasiadamente excitante, deve-se tomar o cuidado de não aplicá-la quando houver lesões profundas e, especialmente, nos casos de aneurismas do coração e da aorta, e nos casos de tuberculose adiantada. Deleuze e Du Potet vão mais longe, asseverando que é sempre perigosa qualquer ação magnética sobre os tuberculosos em grau avançado" (Michaelus)⁸⁸.

Aproveitando o ensejo, continuemos com Michaelus na mesma citação: "A insuflação quente pode também ser feita à distância de uns poucos centímetros, em lugares mais acessíveis, como a cabeça, os olhos, os braços, os dedos, etc. Nesse caso, não há necessidade de aplicar os lábios, e, em vez do sopro lento e prolongado, fazem-se expirações muito curtas e sucessivas, como se costuma proceder para limpar os óculos e para aquecer os dedos e as mãos em tempo de frio.

"Quando as conveniências não permitem o sopro direto sobre certas partes do corpo, os magnetizadores costumam empregar um tubo de vidro, mais ou menos longo, tendo uma das extremidades aplicada diretamente sobre o pano, e através do qual fazem a insuflação."

Dessas colocações podemos aditar algumas considerações.

1. Esta técnica fornece uma série de inconvenientes, tanto a nível do magnetizador quanto do magnetizado, muito embora, por seus notáveis efeitos, isso não invalide seu potencial.
2. Para aplicá-la, o magnetizador deve ter uma saúde muito equilibrada, principalmente dos órgãos ligados aos aparelhos respiratório e digestivo, além de um coração sem restrições clínicas.
3. Se dando por contato, as transferências fluídicas são sensivelmente afetadas pelas emanções psicobiofísicas dos órgãos internos do passista, pelo que certos "desarranjos" deste poderão vir a atingir a intimidade celular do paciente de forma indevida e imprópria, o que só reforça a necessidade de cuidados especiais com a saúde do passista.
4. Uma alimentação bem balanceada e o cuidado e a limpeza dos dentes, a fim de evitar o mal hálito, são indispensáveis.
5. Como a insuflação quente se dá por toque, e com os lábios sobre o corpo do paciente, surge a possibilidade de se criar induções perniciosas, tanto na mente do magnetizador que esteja despreparado moralmente quanto no paciente inadvertido, pelo que todo cuidado é pouco!
6. A presença do tubo de vidro aventada por Michaelus não tem qualquer respaldo doutrinário para que seja usado na Casa Espírita. Como os fluidos não seguem necessariamente a bitola física do frasco, este se torna dispensável, salvo se para evitar o toque direto da boca do magnetizador junto ao paciente.
7. No referente ao pano, alguns magnetizadores fazem restrições à seda e a outros materiais sintéticos. Em nossa maneira de ver isso não faz muito sentido, especialmente no passe espírita, pois se o fluido atravessa distâncias e barreiras inconcebíveis, por que razão não venceria tão singelo obstáculo" De outra forma, acreditamos que a presença do pano tem por finalidade precípua evitar o toque no corpo do paciente diretamente com os lábios, com isso minimizando os efeitos das emanções puramente orgânicas do magnetizador sobre a pele do paciente. Por isso mesmo, podemos concluir que o pano serve mas como filtro físico que como coadjuvante fluídico do passe.

⁸⁸ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 12, p. 110.

Concluindo, advertimos que, em virtude de ser essa insuflação muito ativante e concentrada, a necessidade de dispersão localizada logo após seu emprego é uma verdadeira determinação. Para tal dispersão pode ser usada uma circular tal como já descrita.

2.7.3 — Uma Visão Espiritual do Sopro

Busquemos agora o Espírito André Luiz para apreciarmos suas colocações a respeito do sopro.

"(...) Necessitaremos a colaboração de mais alguns técnicos do sopro. Temos alguns irmãos em estado grave, tomados de impressões físicas mais fortes (disse o instrutor espiritual Alfredo).

"— Técnicos do sopro? (...)

"— Sim, meu amigo (...), o sopro curador, mesmo na Terra, é sublime privilégio do homem. No entanto, quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros que nos pertencem. (...) Quem pudesse compreender, entre as formas terrestres, toda a extensão deste assunto, poderia criar no mundo os mais eficientes processos soproterápicos.

"— Mas, semelhante patrimônio está à disposição de qualquer Espírito encarnado? (...)

"— Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o sopro curativo poderia ser utilizado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. (...) Nossos técnicos no assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquiriram experiências a preço alto. Em tudo há uma ciência de começar (...) mas, para isso, precisa conservar a pureza da boca e a santidade das intenções.

"(...) Referindo-nos aos nossos irmãos encarnados, faz-se preciso reconhecer, André, que, mesmo partindo de homens imperfeitos, mas de boa vontade, todo sopro com intenção de aliviar ou curar tem relevante significação entre as criaturas, porque todos nós somos herdeiros diretos do Divino Poder (...) Temos, ali (no Ministério do Auxílio), grande instituto especializado nesse sentido, onde nobres colegas se votam a essa modalidade de cooperação. No plano carnal, toda boca, santamente intencionada, pode prestar apreciáveis auxílios, notando-se porém, que as bocas generosas e puras poderão distribuir auxílios divinos, transmitindo fluidos vitais de saúde e reconforto"⁸⁹ (grifamos). Apesar de longa, gostaríamos de analisar esta citação:

1. - Existem "técnicos do sopro" no plano espiritual e, inclusive, um instituto especializado no assunto. Perguntamos: e por que não aqui também? Se não a especialização, por que não a prática, de forma evangélica, religiosa, metódica e séria?
2. O problema é que, "quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros". E de quem será a culpa? Será das instituições ou de nós mesmos, os médiuns, que nos acomodamos?
3. E a grande maioria de nós podemos movimentar esse benefício, mas, "o esforço individual é imprescindível". Pena que isso parece tolher muitos dos "melhores propósitos" da maioria.

⁸⁹ XAVIER, Francisco Cândido. O sopro. In "Os Mensageiros", pp. 104 a 106.

4. "Bocas generosas e puras", "transmitindo fluidos vitais de saúde e reconforto"; uma imagem que nos parece distante. Mas podemos fazer tudo isso, desde que nos disponhamos a atingir o degrau de evolução que nos compete alcançar. Se podemos chegar lá, precisamos iniciar a jornada quanto antes; se sabemos "o caminho", "pé na estrada"!
5. E, vejamos bem, já está registrado no mundo espiritual o termo "processos soproterápicos", como instituição que devemos "criar no mundo" material. Não estamos aqui inventando nada, nem mesmo termos ou expressões; esperaremos não demorarmos muito a vencer certas barreiras...

Em termos de técnica, vimos tratar das mais comuns e usuais, oriundas das escolas magnéticas, e que podem ser perfeitamente adaptadas ao passe espírita, como, a rigor, ao longo das explicações, bem o demonstramos. O bom senso, o critério, a experiência e o estudo metódico e sério dos passistas, aliado às condições de cada instituição, saberão orientar o que melhor há a fazer para aproveitar os conhecimentos que adquirimos, adaptando-os, moldando-os às características espíritas, modulando-nos para não incorrerem em comodismos nem nos atirmos no despropósito da ritualização ou encenação fantasiosa.

3. A IMPORTÂNCIA DO DISPERSIVO

Já tivemos oportunidade de nos referirmos ao valor atribuído ao dispersivo. Antes de outras considerações, todavia, raciocinemos segundo uma analogia: quando um paciente vai ser atendido por um médico em seu consultório, normalmente ele se prepara, se higieniza, seria o termo. Se o atendimento é de urgência, num ambulatório, antes de qualquer outro cuidado, é providenciada a assepsia do enfermo para só depois iniciar o atendimento propriamente dito. Trazendo a imagem para o passe, sabemos que quando o paciente vai à Casa Espírita para receber tal recurso, nos dias e nas condições previamente programadas, se assemelha àquele que vai ao consultório e que, por extensão, deve se preparar devidamente, ou seja: cuidar de seu comportamento: moral, orgânico e psíquico. Entretanto, mesmo que essas providências sejam tomadas, é comum se demorem alguns fluidos nocivos nos campos fluídicos do paciente, tal como, apesar do asseio, aquele, antes de ser examinado no consultório, muitas vezes ainda precisa ser "desinfetado". No passe espírita isso equivaleria à primeira necessidade de dispersão, notadamente quando se vai fazer a "diagnose", da qual falaremos mais adiante. Seguindo com o exemplo, os casos de emergência seriam similares no passe: o paciente é trazido em "crise" e, portanto, não teve nem como se preparar previamente. Nesses casos, é indispensável seja feita uma dispersão, a qual corresponderia à anti-sepsia hospitalar. Disso tudo ressalta-se que, quase sempre, antes da aplicação efetiva do passe, é necessário um dispersivo pois dessa forma se eliminará (ou se reordenará), no paciente, uma camada fluídica nociva que lhe está agregada, com isso facilitando o acesso das energias renovadas do agente doador. Por sua vez, ao passista restará uma percepção mais "tátil", mais "palpável" do foco de desequilíbrio quando atuando por meio de um "tato-magnético" precedido de um dispersivo.

Entendido isto, o leitor deverá estar perguntando sobre nossa recomendação de aplicar dispersivos também ao final dos passes. Quando aplicamos passes em alguém, quase sempre fazemos transfusões de fluidos em grande quantidade e, como consequência, é comum haver "sobras" de fluidos no paciente, daí advindo certos mal-estares. Aplicando-se um dispersivo, esses excessos são "eliminados", reestabilizados ou melhor distribuídos, pois, associado à vontade do

paciente de se curar, propiciará para que ele retenha apenas o suficiente ou da maneira correta. O dispersivo propiciará o equilíbrio fluídico. Tão maior seja a prática do passista, maior domínio ele adquirirá na distribuição dos fluidos o que fará seja o dispersivo final mais restrito, mas, nunca indispensável. Isto chega a ser uma regra geral: "(...) Invariavelmente no fim de cada magnetização há necessidade de dispersar os fluidos (...) acumulados" (Michaelus)⁹⁰.

Isso tudo é apenas um retrato da primeira imagem que normalmente registramos do dispersivo, ou seja: a de "retirar", "suprimir", "espargir" fluidos. Mas ele não se limita a este único objetivo. Ao contrário, suas objetividade e funcionalidade excedem em muito tal atributo; exerce ele o papel de reordenador das camadas fluídicas do paciente, dando a elas a estabilidade devida; comporta-se como um eliminador dos fluidos que, mesmo sem serem maus ou impuros, podem ser inconvenientes ao estado fluídico do paciente; são indispensáveis para despertar o paciente em sono magnético ou hipnótico; possui uma incrível capacidade redistributiva das cargas (campos) fluídicas retidas, recebidas ou doadas, agindo neste mister com surpreendente eficácia; e ainda é feliz numa infinidade de outros usos e aplicações que cada passista, no seu exercício normal, irá descobrindo, nunca sem surpresas (agradáveis). "A ação de dispersar, portanto é a ação de equilíbrio e não, como insinua Lawrence, ação de desmagnetização"⁹¹ (Michaelus).

Observemos agora alguns exemplos envolvendo o dispersivo. Começamos com o que nos diz Antônio J. Freire: "Por vezes a desmagnetização⁹², repetida noutras sessões sucessivas, prestava grandes serviços ao Espírito perturbado, dando por curá-lo radicalmente. As mortes bruscas, acidentais, produzem grande perturbação nos primeiros tempos da desencarnação⁹³. O magnetismo quando aplicado com proficiência e bondade, pode prestar relevantes serviços estes Espíritos sofredores; por vezes, ficam curados numa só sessão. As preces, componentes do grupo experimental espírita⁹⁴, são de magnífico efeito auxiliar, conjuntamente com as aplicações magnéticas a fim de expurgar o perispírito da parte etérica que ainda lhe esteja agregada, o que se consegue com os passes magnéticos dispersantes"⁹⁵ (grifamos).

Já o russo Saiunav emprega um outro termo para expressar seu modo de usar o dispersivo: "Segundo velhas normas, as manipulações de cura sobre uma determinada região do corpo devem ser iniciadas por passes gerais ou, conforme denominação de um autor, por "acompanhamentos"⁹⁶, partindo da cabeça e atingindo os calcanhares do doente. Antes da atuação direta sobre a região atingida, deve-se fazer três ou quatro desses "acompanhamentos" compassadamente, com calma, sem se deter em lugar algum, terminando nos calcanhares e "desligando" a radiação por um instante, até que as mãos se reaproximem da cabeça." E acrescenta: "Com tais passes-acompanhamentos são tratadas a gripe, a hipertensão, a fraqueza geral, a tensão nervosa, as paralisias"⁹⁷ (grifamos).

⁹⁰ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 12, p. 106.

⁹¹ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", pp. 106 e 107.

⁹² Conforme o leitor poderá observar no prosseguimento da narrativa, o autor estava se «erindo ao dispersivo.

⁹³ Nem sempre isso se verifica, apesar de essa ser uma regra de caráter geral.

⁹⁴ Acreditamos estava o autor se referindo às reuniões mediúnicas de atendimento espiritual.

⁹⁵ FREIRE, Antônio J. Do corpo vital ou duplo etérico. In "Da Alma Humana", cap. 3, p. 50.

⁹⁶ Pravódamí, do termo pravodit (passar). Explicação do original.

⁹⁷ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 70.

Podemos observar que os "acompanhamentos" por ele designados nada mais são que nossos dispersivos; no caso, ele usava um longitudinal para dispersar. Outro detalhe: notou que ele iniciou sua afirmativa com os termos "Segundo velhas normas"? Isto ratifica que se trata de uma regra não só geral como antiga e universal.

Quando Allan Kardec estuda as curas instantâneas, nos dá uma teoria muito interessante: "Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado crônico, não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido, que as desagrega, por assim dizer, e perturba a sua economia. (...)

"Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos, dos quais é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso. (...)

"Esta teoria pode assim resumir-se: 'Quando o mal exige a reparação de órgãos alterados, necessariamente a cura é lenta e requer uma ação contínua e um fluido de qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e, mesmo, instantânea'"⁹⁸ (grifamos).

Mesmo Allan Kardec não tendo falado explicitamente dos dispersivos, em se tratando de técnica, a expulsão de um mau fluido se dá, com segurança por esse mecanismo.

Apesar de já termos feito diversos registros sobre o uso dos dispersivos no mundo espiritual, mormente no início dos trabalhos de passe, evidenciá-los-emos em mais duas citações do Espírito Manoel Philomeno de Miranda: "A Mensageira aplicou-lhe passes de dispersão fluidica, desintoxicando-o, numa tentativa de arrancá-lo do estado de hibernação profunda, no qual se recolhera buscando esconder-se da própria consciência"⁹⁹. E esta outra: "A princípio, com movimentos rítmicos e em direção longitudinal, desembaraçou o enfermo das energias absorvidas e dos miasmas venenosos que lhe empestavam o organismo, como a desintoxicar as células, facilitando-lhes a renovação.

"Foram mais cuidadosamente atendidos os centros coronário, cardíaco e gástrico, que exteriorizavam coloração escura e fluido pastoso, letal. Em seguida, passou a transferir-lhe as forças restauradoras, mediante a imposição das mãos nas referidas áreas que, lentamente foram absorvendo a energia salutar e mudando de cor, irradiando para todo o corpo as vibrações de reequilíbrio. Logo após, foi magnetizada a água, que lhe foi oferecida em pequena dose e se encerrou o labor da caridade fraternal"¹⁰⁰. (Desculpem-nos a descrição maior que o assunto pedia, mas quisemos deixar um registro mais amplo para focalizarmos todo um processo fluidoterápico.)

Nesses exemplos, vimos a técnica dispersiva aplicada no início do atendimento, mesmo que apontando em mais de um tipo de aplicação.

Advertimos que uma ilação um tanto quanto equivocada tem se verificado tocante ao dispersar. Muitas vezes se imagina que dispersar seja "jogar as mãos para o lado", como se "o lado"

⁹⁸ Ensaio teórico das curas instantâneas. In "Revista Espírita", mar. 1868, pp. 87 a 89.

⁹⁹ FRANCO, Divaldo Pereira. O despertar de Aderson. In "Loucura e Obsessão", cap. p. 233.

¹⁰⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. A recidiva de Argos. In "Painéis da Obsessão", cap. p. 225.

fosse um repositório de lixos fluídicos. É bem verdade que, se psiquicamente imaginarmos que, jogando as mãos de lado, com isso estaremos tirando os fluidos ali aderidos, induziremos esta impulsão a esse fluido, fazendo com que isso possa vir a ocorrer. Entretanto, não se pode generalizar a partir de tal fato, pois os fluidos, quando dispersados, não são necessariamente "arrancados" do paciente e "jogados fora", mas tanto podem ser desintegrados como reordenados, extraídos como renovados; e como "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma", segundo a Lei de Lavoisier, é de se imaginar que os fluidos não serão simplesmente "jogados fora" mas reaproveitados — assim como o são nossos próprios dejetos orgânicos—, ainda que não saibamos como isso se dê na essência. O jogar as mãos de lado, como quem se livra de sujeiras, decorre da desinformação, unida a tos reflexos condicionados, gerando idiosincrasias lamentáveis.

Vejamos um exemplo: o médium Ambrose A. Worrall, depois de entrar em relação com sua paciente, colocou "As mãos sobre os joelhos inchados (...)

"Ao afastá-las, ouvi Tom dizer:

"— Veja (...) suas mãos ficaram pretas.

"Olhei para baixo vendo que era verdade; ambas pareciam terem absorvido qualquer coisa, um pouco da tonalidade escura dos joelhos inflamados; haviam adquirido um aspecto de cor tenebrosa.

"Sem saber o que me levou a fazer aquilo, levantei-me e sacudi as mãos, exatamente como quando nos livramos de uma substância estranha (...). Assim fazendo livre-me instantaneamente daquele negrume ou o que quer que fosse em minhas mãos (...)

"No mesmo instante ouvi Anne exclamar:

— Vejam (...) meus joelhos (...) o edema desapareceu quase por completo! a dor sumiu"¹⁰¹ (grifamos).

Exemplo muito interessante, principalmente sabendo que o médium não é espírita nem magnetizador profissional. Examinemo-lo: notamos que o passe foi uma imposição sobre uma parte doente e não, o que seria mais recomendável, uma fricção ou um circular quando, ao tempo em que se projeta o fluido, bloqueia-se a possibilidade de retorno e assimilação dos dispersáveis para o médium. Não podemos esquecer que, como médiuns, somos sensitivos, na expressão pura do termo, o que nos confere uma capacidade de percepção e, por vezes, assimilação dos fluidos. Foi o que se deu; na imposição o médium, ao tempo em que extrai os fluidos da paciente, assimilou-os. Caso tivesse arcado os dedos, conforme apresentado na técnica dos passes circulares, ou comandado psiquicamente uma determinante dispersiva, esses fluidos teriam sido dispersados e a ocorrência, aparentemente estranha, não teria se verificado. Quanto ao fato de ele jogar as mãos e os fluidos saírem (observe-se que, de sua narrativa, se depreende que não sabia do que se tratava), retornamos ao ponto dos reflexos condicionados (basta observar com o que ele comparou o ato) quando, pela vontade de eliminar os fluidos densos de suas mãos, dispersou-os. Ou seja: o que precisava ser feito não era "jogar as mãos" mas sim mentalizar a dispersão, ainda que por puro reflexo.

¹⁰¹ 102. WORRALL, A. Ambrose e WORRALL, Olga N. O despertar. In "O Dom de Curar", 9, pp. 96 e 97.

Foi de situações tais que se convencionou jogar as mãos para se desfazer dos fluidos "carregados". Um pouco mais de observação ou estudo e tudo se esclareceria com tranquilidade, evitando-se a gesticulação desnecessária.

Supondo-se que o simples "jogar as mãos" fossem suficientes para a dispersão, seríamos direcionados a pensar que esses fluidos dispersados (no sentido de extraídos e jogados fora) não sofreriam nenhum "beneficiamento", pelo que os ambientes das cabines de passes seriam totalmente desequilibrados por motivo dos excessos desses fluidos; ocorre que, pelo que indica a lógica, os fluidos a serem dispersados são desintegrados, redirecionados ou reestabilizados, motivo pelo qual não provocam prejuízos quando assim orientados. Este raciocínio faz parte de uma ilação a partir de matéria que vimos no capítulo IV, quando estudamos o fluido (princípio) vital. Ali encontramos, na referência 28, que quando o homem desencarna, o fluido vital volta "à massa" (fluido cósmico) de onde saiu. Vimos também que o fluido cósmico se encontra bem exemplificado no fluido magnético animal que, por sua vez, é derivação do fluido vital. Ora, conjugando-se essas informações, fica fácil concluirmos que os fluidos dispersados devam ser reaproveitados pelos "laboratórios espirituais", atento, todavia, à exequibilidade de leis que ainda não conhecemos¹⁰².

Por igual razão fica destituída de qualquer lógica a prática que alguns médiuns têm de se separarem em categorias: os que aplicam passes dispersivos e os que fazem passes de cura, como se se tratasse de um hospital terreno, com enfermeiros, cuidando da assepsia, e os médicos, cuidando do atendimento real. Na realidade, se o médium está convenientemente preparado e as condições ambientais, principalmente as espirituais, estão equilibradas e harmonizadas, não há como inferir seja tal ou qual médium mais indicado para essa ou aquela tarefa; somos servidores de um mesmo Senhor e prestamos todos um mesmo serviço, apesar de com isso não insinuarmos deixem de existir aptidões mais caracterizadas em uns que noutros médiuns.

A prática desse tipo de divisão é também condenável por fazer surgirem rivalidades, indisposições e até brigas entre os membros dos grupos de passistas, os quais passam a ver, nos dispersivos, uma importância menor, quando na realidade isso não se dá já. Ademais, que adianta um bom dispersivo, feito por um bom médium, seguido de uma má fluidificação feita por um médium despreparado? E que vale uma transferência fluídica bem-feita se precedida de uma dispersão feita com má vontade? Sejamos coerentes com o bom senso e corrijamos nossos equívocos.

4. OUTRAS MANEIRAS DO PASSE

Não se trata aqui de novas técnicas nem tipos, mas sim de alguns procedimentos que têm adquirido praxe no meio espírita, favorecendo uma divisão didática; de outra forma, veremos também alguns nomes usuais e outros exóticos, mas de conhecimento quase sempre restrito, que denotam mais o personalismo que o assunto é tratado do que estudado e racionalizado pelo bom senso.

¹⁰² A respeito, reveja-se o Capítulo IV, item 1.4, na matéria referenciada na nota de rodapé

4.1 — Passes Individuais

Dizemos que os passes são individuais quando o atendimento do paciente é feito por um passista por vez, podendo ser assim subdividido:

4.1.1 — Em Cabines Individuais

Quando existem cabines ou macas individuais, com o paciente isolado de outros pacientes.

Esta é a situação mais favorável para aplicação dos passes de origem magnética, ou seja: os "magneto-espirituais", os "magneto-magnéticos" e os "magneto-mistos", sob quaisquer modalidades de técnicas, assim como, nalguns casos, os "misto-espirituais", os "misto-magnéticos" e os "misto-II".

4.1.2 — Em Cabines Coletivas

Quando, mesmo existindo apenas um passista, forem dispostos mais de um paciente numa sala ou cabine ampla, e este sair aplicando passes individualmente um a um por paciente, o mesmo se dando quando se dispuser de mais um médium, quando, então, serão "distribuídos" os pacientes para cada passista.

Este é o tipo ideal para passes de origem espiritual, ou seja: os "espírito-espirituais", os "espírito-magnéticos" e os "espírito-misto", além de algumas variações dos mistos, de acordo com as conveniências. Ideal também para o atendimento de grande número de irmãos que buscam o passe após as reuniões doutrinárias com o fim de estabelecerem as harmonias da doutrinação em seus campos psíquicos.

4.2 — Passes Coletivos

Como o próprio nome sugere, são aqueles aplicados em mais de uma pessoa (ou Espírito), de uma só vez. Exemplos:

- em reuniões públicas que não têm passes após seu término, normalmente a espiritualidade favorece os presentes com um passe "espírito-espiritual"; nessas ocasiões os médiuns videntes costumam ver flores, raios luminosos, águas cristalinas a verterem dos Planos Espirituais sobre a assembléia, num fenômeno de rara beleza;

- muitas vezes quando se aplica passes em crianças sentadas ao colo da mãe, posto que as duas estão, ao mesmo tempo, recebendo as benesses do passe;

- quando, pela inexistência de suficiente número de médiuns com condições para o atendimento, um único médium impõe a mão sobre os presentes e, invocando as bênçãos divinas, aplica um "espírito-misto" coletivo.

Lembramos não ser recomendável, nessas ocasiões e lugares, que o paciente fique deitado.

4.3 — Passes Padronizados

Teremos oportunidade de deter nossa atenção sobre certas padronizações mais adiante. Por enquanto, queremos dizer apenas que estes são os passes que obedecem, como o nome sugere, a uma padronização. Se por um lado é muito bom se tenha uma "ordem" técnica de aplicação, a padronização, tal qual é profusamente conhecida e empregada, só tende a criar ritualismos nas Casas Espíritas e vícios de postura nos médiuns. As técnicas existem, juntamente com as intuições e as práticas, para serem estudadas, analisadas, ponderadas e ajustadas às conveniências, a fim de que se fuja dos desvios lamentáveis que têm ocorrido na prática do passe espírita pelo excesso de padronização. Afinal, tudo que é ritual, por mais correto possa parecer, é antidoutrinário e, portanto, incorreto no passe espírita.

Os passes coletivos, até mesmo para se evitar encenações exacerbadas ou técnicas inconvenientes, são os que mais solicitam um padrão, padrão esse que deve ser o mais simples possível. No caso de se perceber que determinado paciente está requerendo um tratamento mais rico em técnicas, encaminhem-o, de conformidade com as orientações da Casa, ao tratamento devido, obedecendo às oportunidades de tempo, lugar e horário determinados.

4.4 — Passes Livres

O próprio nome já diz tudo; são os passes aplicados sem nenhum padrão estabelecido. Assim como os padronizados, devem ser analisados com cuidado a fim de se evitar equívocos, quase sempre perniciosos à pureza doutrinária.

Tal como vimos no item anterior, os passes coletivos não devem ser livres, pois tenderiam a provocar mais desencontros que soluções. Esta situação só é recomendada a passes de origem e objetivo magnéticos, na maioria das vezes de forma individual, e apenas quando os médiuns que atuam são experientes conhecedores das técnicas, fazendo-lhes uso com proficiência.

4.5 — Passes com Nomes Comuns e Exóticos

Simplesmente porque não dá para enumerar nem minudenciar todos os nomes como os passes são divulgados, pois, por incrível possa parecer, existem aos milhares (embora só conheçamos alguns), daremos alguns só para conhecermos a profusão das denominações existentes:

- Passe de malaxação (uma espécie de massagem psíquica).
- Passe "Pulo do Gato" (aquele que só determinado médium sabe aplicar e não ensina a ninguém).
- Passe "Fulano de Tal" (cujo nome se dá em homenagem ao Espírito que sugeriu aquela técnica).

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

- Passe de corrente (analisaremos adiante).
 - Passe conjugado (um misto de técnicas, padrões e passistas num só passe).
 - Passe de petardo (acreditamos que para atirar em alguém ou nalguma coisa).
 - Passe de benzimento (já que espírita não tem batismo, não é?).
 - Passe de arrastamento (alusão ao dispersivo, acreditamos).
 - Passe de descarrego (idem, idem).
 - Passe de limpeza (idem, idem).
 - Passe mediúnico (aquele que o médium aplica incorporado).
 - Passe animico (aquele cujos fluidos são apenas do médium).
 - Passe da bênção (como se o passe em si já não o fosse).
 - Passe da cruz (sincretismo oriundo da prática do "sinal da cruz" dos católicos).
 - Passe do fogo (o paciente em meio a um círculo e os "médiuns" com tochas de fogo ao seu redor).
 - Passe de (do) arrote (por ser este gesto o expelimento, no dizer de seus praticantes, das energias materiais interiores, se toma muito forte. Só se for em falta de educação).
 - Passe astral (passe espiritual coletivo distribuído em grandes assembléias).
 - Passe do Cálice Dourado (ensinado pela parapsicóloga russa Bárbara Iva-nova).
- Etc, etc, etc...

Queremos aproveitar a oportunidade para pedir aos leitores que, conhecendo outros nomes e funções, nos escrevam, informando-nos, para fazermos uma catalogação dos mesmos. Se possível, além do nome, gostaríamos de outras informações como: como se aplica, em que região surgiu, para que se destina, qual o tempo de aplicação, que recomendações requer, de que maneira surgiu e quem seria (se houver) seu "inventor". As informações podem ser remetidas para a Caixa Postal 813, CEP 59035, em Natal-RN.

5. O PASSE NA CASA ESPÍRITA

Não poderíamos nos furtar de apresentar uma sugestão quanto à aplicação do passe na Casa Espírita, tendo-se em consideração que vimos várias técnicas as quais poderiam, sem uma explicação adicional, sugerir devêssemos usá-las todas a qualquer tempo e de qualquer maneira. Atentos para que tal raciocínio não seja inferido de nossas exposições, analisemos como e quando fizermos uso das técnicas.

Antes, uma questão bem simples: "O passe precisa ser transmitido em pé ou sentado?" Com a palavra, Chico Xavier:

"Constituindo-se o passe no Grupo Espírita Evangélico, em recursos administrados pelos Benfeitores da Vida Maior, através dos instrumentos humanos, a posição dos medianeiros, qualquer que seja, é sempre digna, desde que seja digna a atitude íntima desses mesmos medianeiros. Ainda assim, a postura de pé será sempre a mais recomendável pelo respeito geral que inspira"¹⁰³.

Iniciando nossa análise, a título de simplificar a terminologia, todas as denominações empregadas nos títulos dos subitens seguintes se referem à qualidade do passe segundo a origem do fluido.

5.1 — O Passe Espiritual

Considerando apenas o passe dado diretamente pelos Espíritos, por motivos óbvios nos dispensaremos de qualquer comentário. Se, entretanto, nos referimos ao passe doado por um médium com os fluidos vindos primordialmente daqueles, sugerimos três opções de técnicas.

A primeira delas é a mais elementar: a imposição de mãos.

A segunda seria um misto de imposição de mãos seguido de um dispersivo, culminando (ou não) com uma nova imposição de mãos.

A terceira seria uma conjugação mais complexa onde se iniciaria pela imposição, seguida de uma dispersão; depois aplicar-se-ia um longitudinal (calmante ou ativante conforme a intuição) seguido de novo dispersivo, podendo encerrar esse dispersivo ou com uma nova imposição.

A supressão que estamos fazendo da necessidade de oração, recolhimento equilíbrio, aliados à fé e à vontade do passista, se deve ao fato de que isto são pré-requisitos indispensáveis, os quais já devem fazer parte da "cultura geral" do passista.

5.2—O Passe Misto

As três opções anteriores são perfeitamente aplicáveis aos casos atendidos este passe, mas podemos abrir margem a outras situações.

Caso opte-se por um misto-misto ou um misto-magnético individual em cabine individual, algumas das outras técnicas apresentadas poderão ser aplicadas comutativamente, atendendo ao que orientar o tato-magnético ou a intuição. Contudo, em sendo passe coletivo, deve-se procurar evitar a profusão de técnicas, notadamente aquelas que requerem uma gesticulação mais "vibrante".

¹⁰³ SILVEIRA, Adelino da. Passes — Desobsessão — Disciplina. In "Chico, de Francisco", questão 1, p. 117.

5.3 — O Passe Magnético

Para a aplicação deste passe, mesmo sendo o magneto-espírita, recomenda-se que sua aplicação se restrinja àquela de forma individual. Isto porque tal passe normalmente requererá uma variedade de aplicações de técnicas, bem como, via de regra, solicitará uma elasticidade de tempo um pouco maior que as modalidades anteriores para sua efetivação.

Será nesta modalidade de passe que teremos oportunidade de experimentar com calma o tato-magnético e a intuição, onde cada caso será sempre um caso, não comportando padrões para o atendimento. Entretanto, recomenda-se iniciar-se este passe por uma imposição sobre a cabeça (centro coronário) enquanto se estabelece o "contato", "a relação" e, logo em seguida, se procede um dispersivo a fim de retirar ou reestabilizar as "camadas" mais densas dos fluidos ditos "pesados", ao tempo em que começa por reordenar os demais fluidos. Após a dispersão (que se fará de uma ou várias vezes, a depender do "feeling"¹⁰⁴ do passista), iniciar-se-á então o passe propriamente dito, aplicando-se a(s) técnica(s) que for(em) mais conveniente(s).

Nestes casos o dispersivo deve ser utilizado igualmente ao final de cada sessão de passes, assim como, a depender do tratamento que se esteja levando a efeito, poderá ser intercalado algumas vezes entre os próprios passes. O quando e o como distinguir esses momentos intermediários só mesmo a prática, a intuição bem desenvolvida e um tato-magnético bem aprimorado o dirão.

Nesta modalidade são possíveis e permissíveis certas adaptações de técnicas, bem como o aprimoramento de certas potencialidades individuais de cada médium. Contudo, jamais se afronte os princípios, tanto do Magnetismo quanto, especialmente, da Doutrina Espírita, nem se queira impor ou importar práticas e conjunções exóticas e sem respaldos doutrinários.

Uma regra geral, todavia, se sobressai: nenhuma técnica ou adaptação deverá ser feita ou empregada quando tender ao misticismo, ao ritualismo e ao exibicionismo, ou quando ferir os critérios de prudência, conveniência, aptidões, respeito ao próximo e bom senso.

5.4 — A Distância e a Velocidade

Em termos de prática e de técnicas, as condições de distância e velocidade com que são aplicados os passes repercutem sensivelmente para os efeitos do alcance dos fluidos. Por isso mesmo, normalmente uma dificuldade se impõe: como determinar essas coordenadas para o bom proceder (técnico) dos passes? Qual das duas têm prevalência?

Frisando que aqui estamos considerando a questão dentro dos estreitos limites? da técnica, desconsiderando, portanto, os fatores psíquicos e mentais, os quais têm valor preponderante, observa-se que a escola magnética há concluído um padrão bem universal:

- a) quanto mais perto (dos limites da aura) passarmos as mãos, mais energizantes, mais ativantes serão os passes;

¹⁰⁴ Expressão inglesa que literalmente traduz-se como "sentido", mas que aqui inserimos com a conotação de "sentido perceptivo psicotátil".

- b) quanto mais distantes, mais calmantes serão os efeitos;
- c) quanto mais lentos, mais concentradores de fluidos; e
- d) quanto mais rápidos, mais dispersivos.

Apesar dessa verificação, quando conjugamos esses vetores, um prevalece sobre o outro. Por exemplo: o passe aplicado "muito perto e muito rápido" perde bastante de sua capacidade ativante (fica-o bem menos) enquanto sua peculiaridade dispersiva pouco se altera, deixando mostras de que o fator velocidade (rapidez) supera o efeito da distância (no caso, proximidade).

Para se escolher a técnica mais apropriada a cada caso, portanto, é importante saibamos estabelecer a distância e a velocidade ideal do passe (principalmente quando magnético quanto à origem do fluido). A prática e a atenção são de fundamental e indispensável importância embora não sejam tudo. Quando estudarmos o tato-magnético adiante (item 6.4), iremos observar uma técnica bem interessante sobre como calcular a altura e a qualidade de rugosidade ou pureza de uma aura. De posse desses dados, basta reconhecermos, por qualquer que seja o processo, qual o problema do paciente e como pretendemos tratá-lo, magneticamente falando.

Em termos práticos, tanto a distância quanto a velocidade só funcionam com o prosseguimento das aplicações. Isto quer dizer que, se pretendemos "ativar" o campo fluídico de um paciente, iremos fazer passes bem lentos e próximos, de maneira repetida, tantas vezes quantas sejam necessárias (um dos melhores meios de verificação é o tato-magnético). Com isso, estaremos induzindo ao campo fluídico do paciente uma carga fluídica ativante, a qual promoverá a ativação, de maneira progressiva, em todo o paciente. Idêntico raciocínio se aplica para os casos de dispersão, calmante ou outros que se queira. O que ressalta, entretanto, é o fato de que dificilmente se conseguirá obter pleno sucesso, em quaisquer dos casos, com apenas uma movimentação.

No que diz respeito à característica da velocidade, é preciso um pouco mais de apuro "psicotátil" da parte do passista. Isso porque além da distância e da "rugosidade" da aura, precisamos assimilar a vibração das camadas fluídicas do paciente para, por meio delas, definirmos nossa velocidade de ação. O reconhecido magnetizador Hector Durville nos fala a respeito: "O magnetizador deve procurar equilibrar a atividade do movimento do doente com o seu, diminuindo-a ou aumentando-a, de acordo com os casos, de maneira a dar-lhe uma sincronização conveniente. Nisso reside o segredo dos bons magnetizadores. A prática metódica facilmente se adapta a essas situações, pondo o operador nos estados vibratórios especiais e convenientes, às vezes por instinto e intuição"¹⁰⁵.

Quanto ao resultado da conjugação dos dois fatores (distância e velocidade), empiricamente podemos dizer que, em termos médios, as repercussões de um sobre o outro se dão conforme os gráficos esquemáticos das FIGURAS 5A, 5B e 5C, onde, no eixo vertical, temos uma escala referente ao tempo em segundos (considerado o percurso cabeça/pés) e, no horizontal, outra alusiva a distância (do passista ao paciente) em centímetros, além de aplicarmos uma escala de valores variando de 0 a 10 para as coordenadas que estivermos analisando, sendo mais evidente o efeito quanto maior for o valor encontrado.

¹⁰⁵ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 10, p. 80.

Na FIGURA 5A encontramos a curva da influência dos dois fatores (velocidade e distância) em relação ao grau dispersivo; na FIGURA 5B (observe-se que fizemos aí uma inversão no eixo do tempo) temos a curva que indica a intensidade da ação calmante; e na FIGURA 5C em vez de fazermos uma simples curva de concentração/ativação fluidica, preferimos fazer curvas individuais em relação à ação de cada tempo (velocidade) versus distâncias, tentando mostrar a ação sob a forma de campo que de pontos. Contudo, deixamos ali os pontos que seriam os limites de uma pretensa curva de ativação. Ainda nas FIGURAS 5A e 5B queremos alertar o leitor para o fato de os valores tirados a partir das curvas também não serem rigidamente precisos, pois, além do empirismo dos dados, existem medições fora daqueles padrões, pelo que deixamos áreas não quadriculadas, com isso querendo determinar a existência de zonas de valores iguais ou muito próximos a zero.

Apesar de termos evitado um comportamento gráfico excessivamente acadêmico, acreditamos que o leitor perceberá os alcances que objetivamos.

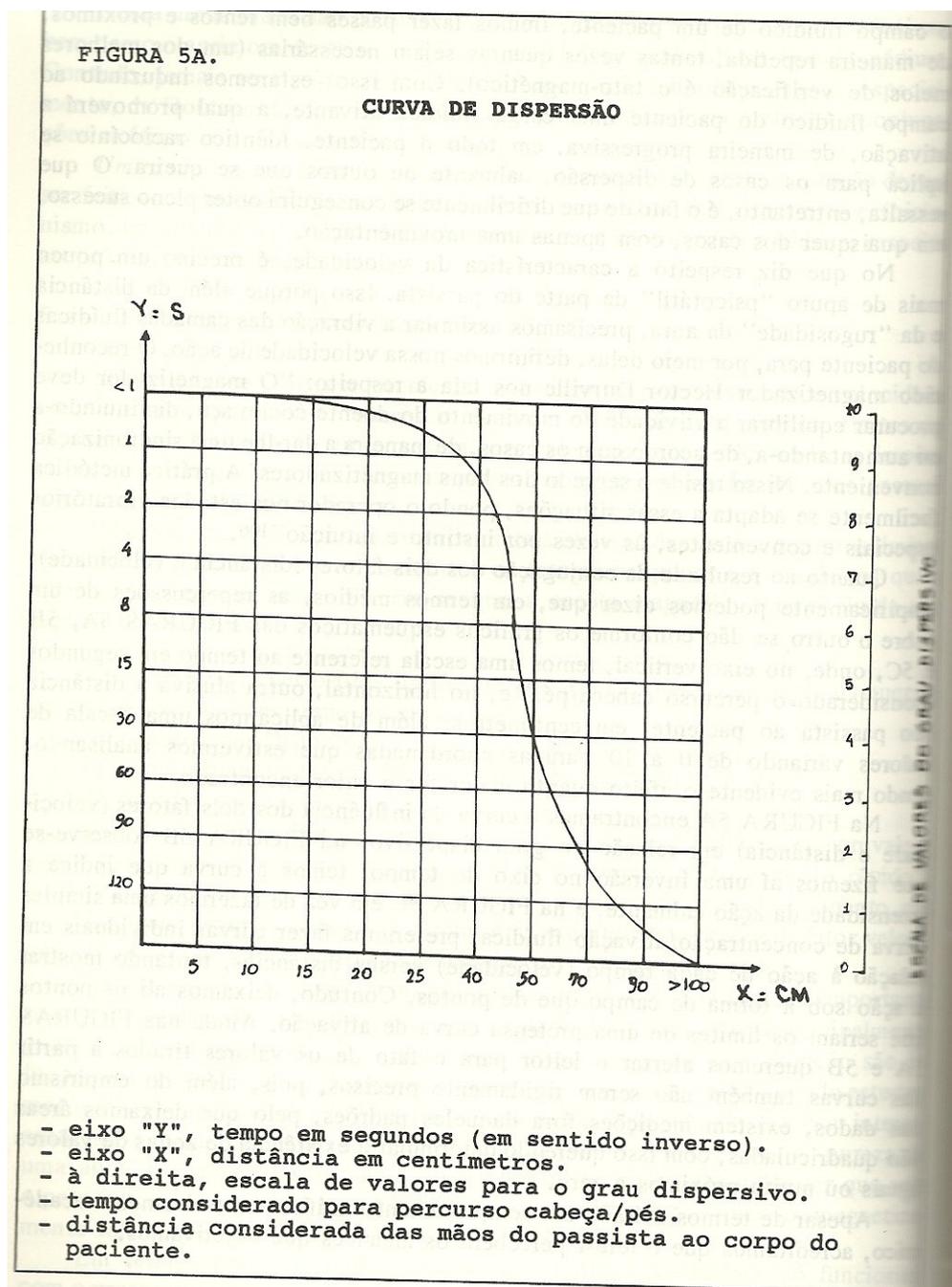
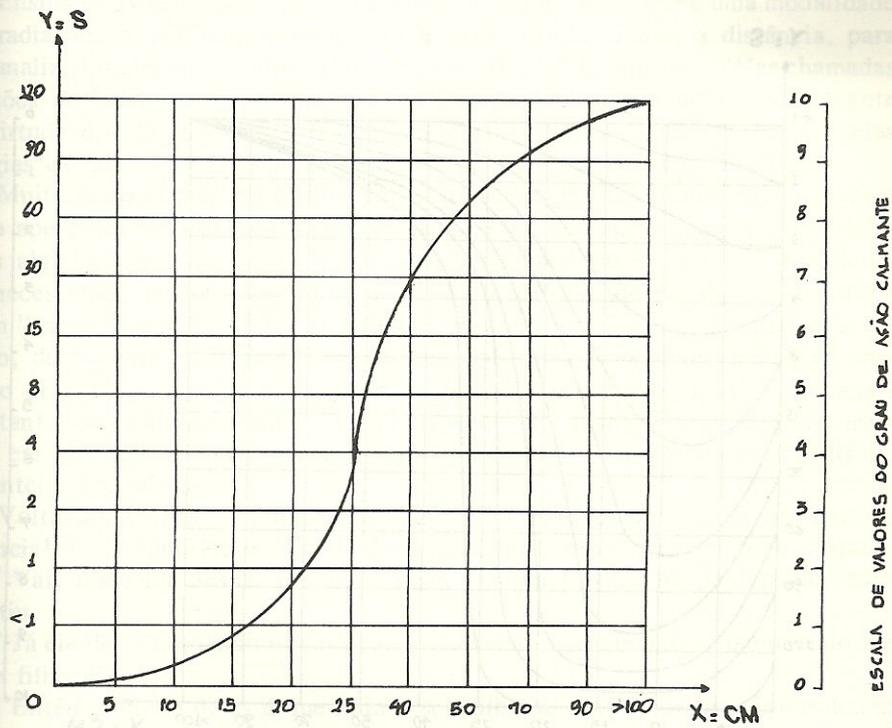


FIGURA 5B.

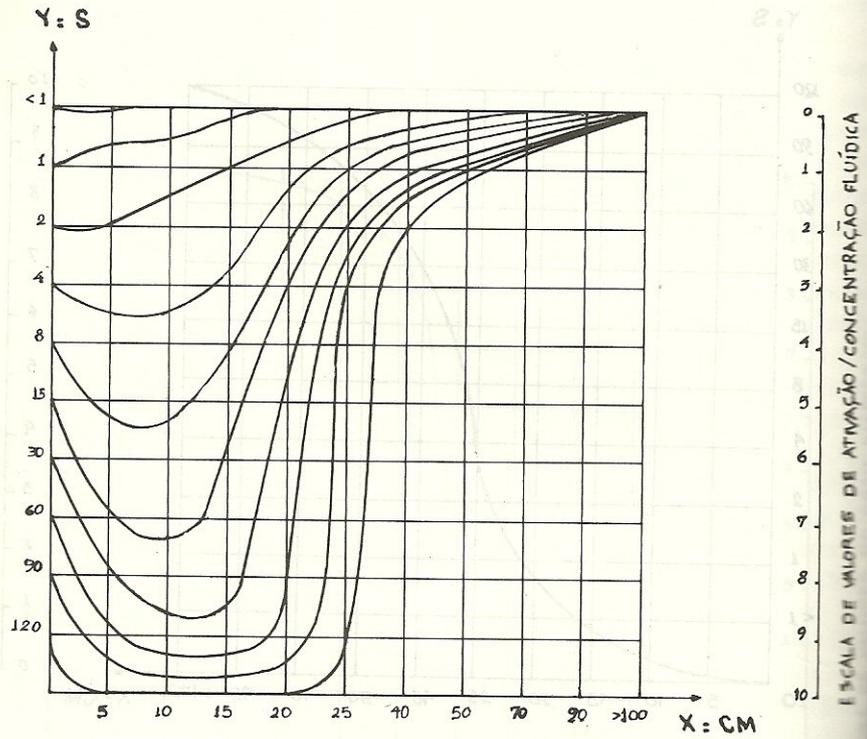
CURVA AÇÃO CALMANTE



- eixo "Y", tempo em segundos.
- eixo "X", distância em centímetros.
- à direita, escala de valores para o grau de ação calmante.
- tempo considerado para percurso cabeça/pés.
- distância considerada das mãos do passista ao corpo do paciente.

FIGURA 5C.

CURVAS DE ATIVAÇÃO E CONCENTRAÇÃO FLUÍDICA



- eixo "Y", tempo em segundos (em sentido inverso).
- eixo "X", distância em centímetros.
- à direita, escala de valores para o grau de ação calmante.
- escala de valores disposta em sentido inverso.
- tempo e distância considerados como nas figuras anteriores.
- valores medidos em cima das curvas.

6. OUTROS USOS DO PASSE

Aqui iremos apreciar outras maneiras como o passe pode ou não deve ser usado.

6.1 — O Passe a Distância (Irradiações)

Ensina Martins Peralva que "(...) No passe a distância, que é uma modalidade irradiação, o médium, sintonizando-se com o necessitado, a distância, para ele canaliza igualmente fluidos salutar e benéficos." E continua: "Nas chamadas sessões de irradiação", os doentes são beneficiados a distância, não somente em virtude dos fluidos dirigidos conscientemente pelos encarnados, como pelas energias extraídas dos presentes, pelos cooperadores espirituais (...)"¹⁰⁶.

Muito justo observar a afirmação de que são extraídos fluidos dos presentes e não apenas dos passistas e Espíritos. Este é um fenômeno comum pois muitas vezes alguém vai à cabine pensando em "receber o passe" mas, na realidade, sua necessidade maior é de "doar fluidos", oportunidade em que os Espíritos fazem "saques" dos fluidos excedentes e "recanaliza-os" aos necessitados, atendendo, desta sorte, a dois de uma só vez. Isto também sugere explicação para fato de o passe espiritual ou o misto (quanto à origem do fluido) não cansarem tanto os médiuns; afinal, além das energias dos Espíritos e deles mesmos, em tais casos ainda se conta com o eventual reforço advindo de outro(s) paciente(s)/doador(es).

Voltando ao passe a distância, lembramos que Jesus também fez curas a distância¹⁰⁷: "Rogou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. "Vai, disse-lhe Jesus; teu filho vive. O homem creu na palavra de Jesus e partiu.

"Já ele descia, quando os seus servos lhe vieram ao encontro, anunciando-lhe que o filho vivia.

"Então indagou deles a que hora o seu filho se sentira melhor. Informaram: Ontem à hora sétima a febre o deixou.

'Com isto reconheceu o pai ser aquela precisamente a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e creu ele e toda a sua casa."

Quem atentar à passagem, poderá tirar boas ilações além das diretamente ligadas a distância.

Busquemos agora André Luiz. Quando ele indagou ao Espírito Áulus se era possível aplicar o passe dessa forma, este respondeu: "Sim, desde que haja sintonia entre aquele que o administra e aquele que o recebe. Nesse caso, diversos companheiros espirituais se ajustam no trabalho do auxílio, favorecendo a realização, e a prece silenciosa será o melhor veículo da força curadora"¹⁰⁸.

¹⁰⁶ PERALVA, Martins. Na hora do passe. In "Estudando a Mediunidade", cap. 27, l 147.

¹⁰⁷ João, IV, w. 49 a 53.

¹⁰⁸ XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In "Nos Domínios da Mediunidade":*. cap. 17, p. 170.

Da resposta do Espírito Áulus podemos destacar sua menção à segura regra geral do magnetismo, que é a "sintonia", como condição básica, juntamente à "prece", que lhe é o "melhor veículo".

Basicamente, como vimos, o processo é simples. Mas existem os que complicam, sugerindo se traga, ideoplasticamente, a presença do ausente e aí, imaginariamente, se lhe aplique o passe¹⁰⁹. Particularmente consideramos desnecessário tal ideoplastia pois a partir dessa prática à de se pedir retratos, roupas ou objetos do ausente para se fazer a "atração", é só um pequeno passo. E sabemos a mancheias que isso é anti-doutrinário, sem respaldo evangélico e comprovadamente, por diversas evidências, desnecessário ao bom resultado da fluidoterapia.

Quanto à possibilidade do atendimento a distância, parece não haver dúvidas. Para ilustrar, daremos alguns exemplos:

"A distância em si não representa um obstáculo à cura" (Dudley Blades)¹¹⁰ "O tratamento de cura a distância estava sendo ministrado ininterruptamente pelo Dr. Lang e (...) a Sra. James ia, lentamente, se recuperando" (J. Bemarr Hutton)¹¹¹.

"Distância não é obstáculo para os médicos do Além, portanto o tratamento pode ser administrado a um doente que vive em qualquer lugar do mundo. (...) O tratamento a distância funciona como valioso suplemento no tratamento por contato (...)" (George Chapman)¹¹².

"Posso fornecer vários exemplos para provar que a energia transmitida desconhece obstáculos, sejam paredes de construções, sejam distâncias. Além do mais é desnecessário saber onde, em dado momento, se encontra a pessoa a quem se quer ajudar. Basta como que materializá-lo na própria consciência e o enviado encontrará o destinatário, esteja onde estiver" (V. L. Saiunav)¹¹³. Este russo inclusive, diz que faz cura a distância, por telefone¹¹⁴; mas isso não é coisa de espantar pois, no caso, o telefone funciona apenas como um meio de se estabelecer o contato e não como veículo de cura.

"No tratamento a distância não é preciso mentalizar qualquer gesto do passe. É suficiente pensar no doente (...) deixando, entretanto, seja feita a vontade Divina" (Wenefledo de Toledo)¹¹⁵.

"O Prâna colorido pelo pensamento do emissor pode ser projetado a pessoas ausentes (...) e dessa forma se podem obter curas" (Yogue Ramacháraca)¹¹⁶.

"A cura prânica a distância é semelhante à cura prânica realizada perto do paciente", tal como diz a máxima esotérica de que "A energia segue o pensamento" (Choa Kok Sui)¹¹⁷.

¹⁰⁹ No livro "Passes e Radiações", de Edgard Armond, o leitor encontrará detalhes sobre esta técnica.

¹¹⁰ BLADES, Dudley. A imaginação criativa. In "A Energia Espiritual e seu Poder de Cura", cap. 10, p. 81.

¹¹¹ HUTTON, J. Bernard. A moça do milagre. In "Mãos que Curam", cap. 12, p. 84.

¹¹² CHAPMAN, George. A força que cura. In "Encontros Extraordinários", cap. 3, 16 e 17.

¹¹³ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 45.

¹¹⁴ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 33.

¹¹⁵ TOLEDO, Wenefledo de. Contato mediúnico com o doente. In "Passes e Curas Espirituais", oitava, p. 105.

¹¹⁶ RAMACHÁRACA, Yogue. Tratamentos prânicos. In "A Ciência da Cura Psíquica — Suplemento à Hatha-Yoga", cap. 9, item Cura a distância, p. 57.

¹¹⁷ SUI, Choa Kok. Cura prânica a distância. In "A Antiga Ciência e Arte da Cura Prânica", cap. 7, pp. 187 e 188.

Antes de encerrar este assunto, Gabriel Delanne, estudando a magnetização através do sonambulismo, trouxe um exemplo de Du Potet quando, em experimentação, pôs em sonambulismo uma jovem a distância em mais de uma oportunidade, fiscalizado pelo Dr. Husson, diretor do hospital onde o fenômeno se verificou. Diz Delanne: "Mas a contraprova tem sido favorável à hipótese da ação a distância, posto que trazido novamente a moça ao gabinete do Dr. Husson, colocada no mesmo lugar, com o mesmo propósito e realizados os mesmos gestos, o sonambulismo não se produziu, o que prova que sua imaginação não estava influenciada a primeira vez para cair em sonambulismo. Mais tarde e apenas Du Potet começou a magnetizá-la, sem que ela soubesse, começou a dormir"¹¹⁸.

Para concluir, vamos resumir as palavras do antropólogo belga A. Rutot do biólogo M. Scherer: "A projeção radiante de um pensamento ou de uma ação psíquica determinada através do meio (...) atmosfera energética humana, é animada de uma velocidade de translação da ordem da luz (...) isto é, quase instantânea.

"(...) Não é uma simples hipótese, não é simplesmente comprovada pelo conhecimento dos fatos, certamente prováveis, de telepatia e das manifestações de ordem espírita, porque três psiquistas eminentes: o Dr. Youriévitich, M. du Bourg de Bozas, engenheiro francês, e M. Grunwald, engenheiro alemão, têm realizado, cada um deles, uma série de experiências, donde resulta que as vibrações de energia psíquica têm comprimentos de ondas e velocidades de frequências que se colocam na série ultravioleta, depois dos raios X e dos raios gama de rádio. Os raios de ordem psíquica são, pois, dotados de uma penetração extraordinária, atravessando, sem dificuldade, uma forte espessura de folhas de chumbo para descarregar o eletroscópio"¹¹⁹ (grifos originais).

6.1.1 — Recebimento de Passe por Pessoa Ausente

É comum encontrarmos pessoas querendo receber passes por outra pessoa que "não pode vir à sessão". É válido isso? Ouçamos Chico Xavier:

"Alguém não pode substituir alguém, de maneira total, na recepção do passe, mas a mentalização do necessitado do socorro espiritual por parte de quem recebe semelhante auxílio magnético é apoio e assistência de grande valor para quem se pede a intervenção da Vida Maior"¹²⁰ (grifamos).

Bem se vê que não se trata de uma substituição total, mas, também não quer dizer que o esforço não tenha sentido ou valor. Vale sim; primeiro porque sabemos que a intencionalidade é o grande motor da vontade; depois porque Deus nunca despreza nossos impulsos na direção do bem; e terceiro porque a ação fluidica a distância é uma realidade efetiva. Contudo, essa prática feita de forma habitual com o fito de substituir comodismos ou irreverências de terceiros não será positivamente um motivo ideal para tal desiderato, pelo que não se justificaria.

¹¹⁸ DELANNE, Gabriel. El automatismo en sus relaciones con la telepatia y la exteriorización alma humana. In "Investigaciones Sobre la Mediunidade", 2: Parte, cap. 4, p. 277.

¹¹⁹ FREIRE, Antônio J. Do complexo humano. In "Da Alma Humana", cap. 1, p. 27.

¹²⁰ 121. SILVEIRA, Adelino da. Passes — Desobsessão — Disciplina. In "Chico, de Francisco, questão 7, p. 119.

6.2 — O Autopasse

Eis uma questão que tem sido apresentada como tabu, e que, por mesmo, tem servido a muitas polêmicas. Ocorre que um bom número de médiuns e magnetizadores recomendam o autopasse, segundo técnicas do magnetismo, e outras pessoas simplesmente o desconsideram, sem para isso darem explicações. Raciocinemos: uma das recomendações básicas que fazemos aos passistas é que estejam equilibrados (espiritual e fisicamente), harmonizados, em boa vibração para melhor poderem ajudar aos pacientes. Por que isso? Porque nós, como filtros que somos, não devemos contaminar os fluidos que vêm dos planos e espirituais em benefício do próximo (passe espiritual) nem comprometer nossos fluidos vitais (passe magnético). Ora, desde que nos sentimos com necessidade de receber o passe é porque não estamos, ainda que momentaneamente, atendendo àqueles requisitos; então, como teríamos condições de filtrar esses fluidos ou reestabilizar os nossos? Apenas por técnicas? Mas se estamos, em tese, descompensados, não estaríamos tecnicamente impossibilitados de tal ação?

Com essas simples observações fica fácil entendermos que não é de boa medida o autopasse com uso de técnicas posto que isso fere princípios básicos que tocam ao magnetizador. Contudo, o autopasse no sentido espiritual do termo existe. E como é ele? É, em técnica, o mais simples de todos mas, em execução às vezes nem tanto: trata-se da oração, da prece sentida, religiosa, santa, verdadeira e pura. E isso não somos nós que o dizemos de forma isolada; o próprio Cristo nos ensinou: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á"¹²¹, assim apontando-nos a necessidade de uma ação efetiva, aliada ao trabalho individual e intransferível. Mas, quando estamos perturbados fica, por vezes, difícil fazermos uma prece com essas características, recorramos antes à leitura de um bom livro de mensagens para depois, mais tranquilos, fazermos nossa prece, nosso autopasse.

A propósito, observemos outras colocações interessantes: O José Lhomme nos diz uma frase singela: "Em geral, não é quem ora para si mesmo que é curado. É quem ora pelos outros"¹²².

Já o Roque Jacintho nos diz de outra forma: "O passe nem sempre é oração. A oração, porém, é sempre um passe, um autopasse"¹²³.

O Moacyr Petrone busca uma outra maneira de colocar o assunto: "À invasão dos maus fluidos, cumpre se oponham os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o remédio aplicável. Trata-se, apenas, de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais, que constituam para as más influências um REPULSOR, em vez de uma força atrativa"¹²⁴ (maiúsculas originais).

Wenefledo de Toledo, depois de nos apresentar sua opinião dizendo que "Para os espíritos, os Guias sugerem sempre a idéia do autopasse", acrescenta que "A prece é um dos recursos"¹²⁵. Fariamos apenas uma pequena retificação: em vez de dizer ser a prece "um dos recursos", diríamos que ela é "o seu melhor recurso".

¹²¹ Mateus, VII, v. 7.

¹²² LHOMME, José. As influências mentais. In "O Livro do Médium Curador", cap. 8, p. 116.

¹²³ JACINTHO, Roque. Passe e oração. In "Passes e Passistas", cap. 6, p. 25.

¹²⁴ PETRONE, Moacyr. Natureza e propriedades dos fluidos. In "Assistência Espiritual", ap. 2, p. 14.

¹²⁵ TOLEDO, Wenefledo de. Autopasse. In "Passes e Curas Espirituais", Lição décima-quarta, p. 159.

Keith Sherwood raciocina como os espíritas: "O trabalho do curador é (...) canalizar a energia da cura para o paciente (...). Para realizar esse processo, o curador torna-se um transmissor da vontade divina (...). Dessa forma, ele também é curado"¹²⁶.

E o que diz Kardec? "A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só chamando a concurso dos bons Espíritos, mas dirigindo ao doente uma salutar corrente fluidica"¹²⁷.

Por motivo de não concordarmos com as técnicas magnéticas do autopasse, nos omitiremos de apresentá-las e discuti-las. A prece, além de ser a principal chave para abrir os canais de ligação com os Planos Superiores, é, muitas vezes o suficiente para recebermos o magnetismo restaurador dos Espíritos.

Se estamos precisando de energias magnéticas animais, tenhamos a humildade devida e nos tornemos "pacientes-pacientes", aguardando, respeitosa e confiantemente, nossa vez para recebermos o passe.

6.3 - O Toque

E conhecido que a cura magnética também se dá pelo toque, pelo contato. Nada obstante, o assunto requer uma análise. Para tanto, limitar-nos-emos a fazer algumas citações, concluindo ao final.

"Na maioria dos casos, não precisavam tocar o corpo dos pacientes, modo direto. Os recursos magnéticos, aplicados a reduzida distância, penetravam assim mesmo o "halo vital" ou a aura dos doentes, provocando modificações subitâneas" (André Luiz)¹²⁸.

"O curandeiro não precisa necessariamente ter contato físico com o paciente (...)" (George W. Meek)¹²⁹.

"Mesmer acha que o contato nem sempre é necessário e que, em certos casos, a atuação pode ser exercida a distância (...)

"Deve-se levar em conta, ainda, a inexistência de contato com o doente (intangibilidade) (...)" (V. L. Saiunav)¹³⁰ (grifos originais).

"Devo frisar aqui que, durante uma operação espiritual, não se toca no corpo do paciente, nem sua roupa é removida" (G. Chapman)¹³¹.

"(...) O passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação" (Emmanuel)¹³².

¹²⁶ SHERWOOD, Keith. Introdução à cura. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 1, p. 9.

¹²⁷ Da mediunidade curadora. In "Revista Espírita", set. 1865, p. 254.

¹²⁸ XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In "Nos Domínios da Mediunidade" cap. 17, pp. 164 e 165.

¹²⁹ MEEK, George W. Observações. In "As Curas Paranormais", cap. 5, p. 60.

¹³⁰ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", pp. 48 e 56.

¹³¹ CHAPMAN, George. A força que cura. In "Encontros Extraordinários", p. 16.

"(...) Os médiuns que desejam manter a sua moral a coberto de qualquer aleivosidade, em hipótese alguma devem tocar as mãos do doente para transmissão do passe, ainda que para isso sejam instados. Mesmo porque os fluidos manejados a distância têm maior força de penetração" (Wenefledo de Toledo)¹³³.

"Foi extraordinário, afirmou o Sr. Holmes posteriormente. O Dr. Lang não tocou realmente no meu corpo — suas mãos ficaram todo tempo suspensas acima dele. Quando senti a pontada de dor durante a 'operação', notei que as suas mãos estavam a uma distância de três a cinco centímetros afastadas mim" (John Holmes)¹³⁴.

"O toque (ou seja, os passes com contato) é um procedimento secundário. Seus efeitos são análogos aos dos passes sem contato. (É melhor evitar o toque para não dar aos adversários do magnetismo a ocasião de comentários tendenciosos)" (Paul-Clément Jagot)¹³⁵.

"O médium curador deve, sobretudo, evitar qualquer contato que possa ofender o pudor do paciente e recorrer, se preciso, à presença de um assistente" (José Lhomme)¹³⁶.

"(...) Na prática muitos curadores poderão não tocar em absoluto a outra pessoa, e simplesmente manter suas mãos a algumas polegadas do corpo dela" (Doudley Blades)¹³⁷.

Finalizando, "Nas reuniões de passes proíbe-se o toque dos médiuns nos pacientes, a não ser para ajudá-los em casos extremos, para evitar mal-entendidos e suspeitas maliciosas que atentam contra o médium, a instituição e a doutrina. Não é necessário de maneira alguma o toque do médium, nem mesmo a pretexto de transfusão fluidica, como se faz em algumas modalidades do sincretismo religioso afro-brasileiro. As mãos do médium funcionam nos passes como antenas captadoras e emissoras de vibrações dos Espíritos¹³⁸, o que pode ser feito até a grandes distâncias. A Moral Mediúnica não é nem pode ser preconceituosa, mas não dispensa medidas de segurança e defesa em meio à malícia do mundo" (J. Herculano Pires)¹³⁹.

Dessa forma, pudemos observar que temos opiniões as mais variadas, com todas concordando num ponto: o toque deve ser evitado. Não que ele seja criminoso, pecaminoso ou que não funcione como técnica de cura, mas, seus inconvenientes, pelos motivos apresentados por Herculano Pires, descartam sua necessidade.

¹³² XAVIER, Francisco Cândido. In "O Consolador", questão 99, p. 68.

¹³³ TOLEDO, Wenefledo de. Passes. In "Passes e Curas Espirituais", Lição décima, p. 129.

¹³⁴ HUTTON, J. Bernard. Escapando do bisturi. In "Mãos que Curam", cap. 11, p. 80.

¹³⁵ JAGOT, Paul-Clément. Passes. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", cap. 3, item 5, p. 22.

¹³⁶ LHOMME, José. A ação magnética. In "O Livro do Médium Curador", cap. 5, item Processos, p. 60.

¹³⁷ BLADES, Dudley. A aura. In "A Energia Espiritual e seu Poder de Cura", cap. 8, p. 62.

¹³⁸ Lembramos ao leitor nossas colocações apresentadas neste capítulo no item 1.1, as quais posicionam nosso entendimento a respeito de as mãos funcionarem como "captadores fluídicos", assim como adiantamos que no capítulo X, no item 6.2, trataremos da questão "Mãos para cima".

¹³⁹ PIRES, J. Herculano. A moral mediúnica. In "Mediunidade — Vida e Comunicação", cap. 9, p. 79.

6.4 — O Tato-Magnético (Diagnose)

Até pouco tempo não eram muito difundidos, no meio espírita, os termos "diagnose" e "tato-magnético", notadamente com a conceituação que iremos abordar. Como a própria intuição do leitor deve estar sugerindo-o, trata-se do registro psicotátil, por parte do médium, quando pesquisando, sentindo, registrando, por diferença de vibração, as emanções fluídicas do corpo perispiritual do paciente. Em linha geral, consiste no "tato-sem-contato" do médium sobre o corpo do paciente, normalmente com as mãos, a uma distância relativamente curta, sobre o que se convencionou chamar "limites externos da aura", o que em média dá um afastamento de uns 5 a 15 centímetros.

Como se faz? — Simples. Tal como no passe longitudinal, passa-se as mãos por sobre o paciente, lentamente, numa média de 15 a 25 segundos da cabeça aos pés, e em vez de, mentalmente, liberar fluidos para o corpo daquele, aguça-se a sensibilidade magnética para perceber, pelas variações fluídicas, as emanções que o corpo físico e o perispiritual emitem. Assim, os médiuns registram os pontos, as zonas ou os campos que estão em desequilíbrio.

Os assistas experientes nesta técnica, com uma ou duas passagens sobre o corpo do paciente, já detectam muitas e valiosas informações, mas, as pessoa que ainda não têm domínio da experiência nem uma sensibilidade "psicotátil apurada sentirão necessidade de experimentar mais vezes. O tempo e a prática continuada melhoram enormemente tal sensação e registro.

Uma variação bem interessante deste método é que alguns médiuns, em vez de sentirem os fluidos que vêm dos pacientes, fazem do corpo do paciente um "refletor fluídico", onde ele projeta fluidos com o intuito de fazer o tato-magnético, e estes se refletem e retornam às suas mãos; dependendo de como eles, voltam (em textura, intensidade e temperatura), ficam localizados os pontos "refletores" e suas prováveis deficiências.

Alguns magnetizadores fazem o tato-magnético passando as mãos, os dedos ou o olhar (num misto de vidência) sobre o corpo do paciente; apalpando-o ou tocando-o mão na mão, dedo no dedo, polegar no polegar; ou ainda pousando a mão sobre a testa ou alto da cabeça do paciente. É de se notar os grandes inconvenientes e sujeições decorrentes dessas variedades, pelo que não as recomendamos. Ademais, a técnica mais tradicional já tem dado provas mais que suficientes de sua eficácia e ausência de inconvenientes.

Uma ressalva importante: a prática do tato-magnético deve ser restrita aos passes magnéticos ou mistos, quanto à origem do fluido, e quando feitos em cabines isoladas ou para tal fim destinadas, já que os passes coletivos dificultariam tal prática.

E como poderíamos aprimorar tal técnica? Também é simples. Depois de tudo que já vimos sobre técnicas e dispersivos, é natural entender que aconselhamos, antes de qualquer passe, um dispersivo; no caso em análise, quando pretendemos fazer uma diagnose pelo tato-magnético, tal providência é indispensável. Por quê? Imaginemos um paciente com problemas gástricos, por exemplo, há três dias. O que acontece com seu campo fluídico, como um todo? Obviamente que estará desorganizado. Se tentarmos fazer uma diagnose nesse momento, sem o precedido dispersivo, teremos o registro de uma desorganização generalizada e, mesmo detectemos que o problema está mais sério na região do abdômen, não precisaremos tal informação tanto quanto se antes fizermos um dispersivo, pois, com este, "extrairemos e/ou ordenaremos" os fluidos

desordenados que envolvem o resto do corpo e, com maior facilidade, localizaremos o "foco" de desequilíbrio, por possuímos, assim, maior e melhor condição de acesso e precisão para nosso diagnóstico. Por isso que, com o auxílio do dispersivo aplicado antes, os registros no tato-magnético se fazem mais precisos, o que serve, como decorrência, para assim procedermos no intuito de aprimorarmos nossa sensibilidade. A par disso, muita prática e constantes exercícios são requeridos.

Alguém, entretanto, poderá perguntar: "e onde fica a intuição?" — Fica e ficará muito mais aprimorada, pois, agora ela terá mais um meio, o físico, para se fazer registrar, e não apenas o psíquico. Isso é bom ser notado porque o tato-magnético não elimina nem atrapalha em nada a ação dos Espíritos nos trabalhos do passe da Casa Espírita, mas, dá-lhes melhores ferramentas para executarem suas tarefas junto a nós, os encarnados. Afinal, tanto melhores são nossos auxiliares quanto mais conhecem o serviço e o praticam; é o que nos ensina a vida prática. Se isto é correto, o mesmo vale para os Espíritos em relação a nós.

Vejamos agora alguns exemplos de dignose. Primeiro iremos trazer o do médium George Chapman que incorporava o Dr. Lang:

"O Dr. Lang examinou-me completamente (...) Eu disse que tinha saúde perfeita (...) Imediatamente disse-me que eu tinha uma perna mais curta que a outra, e que precisaria passar por três operações psíquicas para corrigir esse problema. Não tocou meu corpo nem uma vez, as pontas dos dedos ficavam a alguns centímetros de distância. Como eu vestia um grosso conjunto de lã e por baixo uma blusa de tricô, era-lhe impossível enxergar a forma de "S" da minha espinha, que ele descreveu detalhadamente" ¹⁴⁰.

Uma das obras que mais comenta sobre o "tato-magnético" é o livro do russo V. L. Saiunav. Dele extrairemos algumas citações:

"Nossas experiências (...) confirmaram plenamente a capacidade de visão dermo-óptica atribuída a Rosa Kuléchava. Com a palma da mão, ela lia facilmente, tanto os tipos grandes, quanto os pequenos, impressos nos jornais (...) "¹⁴¹. (Se bem aqui não era ainda o tato-magnético, isto serviu para alertar Saiunav sobre o fenômeno.)

"Falei da possibilidade de "diagnosticar" com as mãos, o que demonstrei num jornalista conhecido que viera visitá-lo" ¹⁴².

"Descobri essa possibilidade de maneira totalmente inesperada quando, ao fazer os acompanhamentos, senti que em certas partes do corpo do doente minha energia era captada de modo mais intenso do que em outras. Inúmeras perguntas feitas aos pacientes confirmavam totalmente o fenômeno. Sim, as partes afetadas do organismo absorvem a energia de modo muito mais sensível do que as outras. (...) Isso tudo me levou a supor que, além da "aura" que circunda o corpo humano, contorno biomagnético próximo da periferia do organismo, existe ainda uma estrutura energética qualquer do elemento vivo que conserva traços indelévels de qualquer doença

¹⁴⁰ CHAPMAN, George. Novamente com plena saúde. In "Encontros Extraordinários", cap. 9, pp. 58 a 59.

¹⁴¹ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 11.

¹⁴² SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 39.

ou trauma. As perturbações dessa unidade são sentidas pelo magnetizador, quando este adquire certa prática do chamado "biodiagnóstico"¹⁴³.

Resumidamente, a técnica de Saiunav é a seguinte:

1. "O Examinado deve ficar de pé ou deitado, com os olhos abertos, os braços esticados (...) É desejável, mas não indispensável, o máximo relaxamento.
2. "O exame começa a partir da cabeça, as mãos descem como que se arrastando (...)
3. "A distância do corpo do examinado varia de cinco a quinze centímetros. A velocidade (...) vai de meio a um segundo, ou mais, por decímetro.
4. "Os resultados (...) devem ser comunicados (...) por expressões moderadas, tais como: "Parece-me", "pode ser que o senhor tenha tal coisa", "não posso garantir que seja isso", etc."

E acrescenta: "Esses cuidados não são apenas necessários por causa da grande impressionabilidade do examinado, como também, muitas vezes, por questões práticas."

"(...) No decorrer do "biodiagnóstico" registram-se "aberturas", "brechas" "pontos de calor" no campo energético total que circunda o organismo vivo.

"O sucesso do biodiagnóstico em curso reside na seqüência sem desvios de uma dada situação, de grande concentração interior, sem qualquer desejo de encontrar nisso um divertimento para si próprio ou para os presentes.

"Não se admitem as adivinhações ou as improvisações (...) "¹⁴⁴ (grifos originais).

E, para encerrar as citações do Saiunav, vejamos mais esta:

"Entretanto, imperceptivelmente a biodiagnose, à primeira vista, baseada apenas na atenção concentrada, na intensidade da perda do fluxo energético começou a mudar, adquirindo outros princípios. Acontece que é possível, sem atentar para as próprias sensações, saber (!) que sob as mãos encontra-se um órgão afetado ou parte do corpo que, no passado, sofrerá um trauma, um ferimento, uma operação, um processo inflamatório. O conhecimento precede à observação (...) Isso já é algo semelhante ao "contato com o campo das idéias e decisões preexistentes" (...) "¹⁴⁵ (grifos originais).

Antes de passarmos a outros autores, façamos uma breve análise do que disse Saiunav.

1. Ele descobriu sua capacidade de "biodiagnosticar" fazendo "acompanhamentos"; estes, como vimos no item 3, "A Importância do Dispersivo", nada mais são que nossos conhecidos dispersivos. Confirma, assim, o que já tínhamos dito.
2. Diferentemente do que dissemos nos primeiros parágrafos, Saiunav prefere referir às "captações mais intensas de energias" que aos desarranjos do campo fluídico; não se trata de contradição mas de óticas diferentes. Muitos poderão sentir como ele mas, até onde a

¹⁴³ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 73.

¹⁴⁴ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", pp. 75 e 76.

¹⁴⁵ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 105.

- experiência nos tem demonstrado, a maioria percebe como um foco em desarmonia e não, necessariamente, um foco sugador, pelo menos até que se tenha feito algumas dispersões.
3. Quanto às suas quatro técnicas, poderíamos dizer que, na visão espírita, o fato de o paciente estar de olhos abertos ou fechados, de pé ou deitado, de frente ou de costas, não tem grande significação. Inclusive a necessidade de se virar o paciente é dispensável pois o tato-magnético funciona como um raio X que, de um único lado, "vê" e "sente" todos os órgãos. Podem ocorrer eventuais imprecisões quando o médium não tem muita prática ou quando está com a sensibilidade "psicotátil" enfraquecida; fora isso, a prática prova e aprova sobejamente nosso argumento.
 4. Quanto aos resultados, não aconselhamos prestar informações, neste sentido, ao paciente. A prudência recomenda se faça o tratamento com acompanhamento por fichas, conforme explicaremos em apêndice próprio ao final do livro.
 5. Concluindo, podemos senti-lo "tocando" o perispírito mas que, sem querer ou poder, não o reconhece, talvez até pelas disposições legais de seu país; mas ele deixa claro e evidente o reconhecimento dos centros de força, da aura, do próprio perispírito e da intuição, que ele aqui denominou, complexamente, de "contato com o campo das idéias e decisões preexistentes", daí podendo-se inferir, igualmente, direta alusão ao passado cármico do paciente e à preexistência da alma; em outras palavras: à reencarnação.

Keith Sherwood concorda com os pontos básicos de Saiunav mas diverge apenas nos pormenores como, olhos, relaxamento e posição; em sua visão, os olhos devem estar fechados, o paciente obrigatoriamente relaxado e, primeiro, deitado de costas para, depois, virar de bruços. Busquemos sua obra: "O curador, ao afagar a aura de seu paciente com a palma de sua mão, pode coletar informações sobre a saúde física e emocional de seu paciente."

E sugere: "(...) Então faça três passes completos com suas mãos sobre o corpo do paciente, começando pela cabeça e terminando nos pés. (...) Depois do passe final (...) ponha sua mão mais sensível a aproximadamente 40 cm. sobre o coração do paciente. Permita que sua mão desça até sentir uma ligeira resistência, que fará a palma de sua mão latejar (...)

"Se você deixar sua mão ir deslizando pela superfície, você sentirá a energia de sua própria mão sendo refletida no corpo do seu paciente. (...) Esteja ciente de todas as mudanças que vão ocorrer no nível de energia da aura que faz sua mão mergulhar no corpo de seu paciente, ou ser pressionada para longe. Mudanças violentas significam que o paciente está tendo problemas em sua aura e no sistema sensível de energia. Note as diferenças de temperatura; pontos frios e pontos quentes também podem indicar a existência de alguma enfermidade.

"A aura deve ser firme, lisa e de temperatura uniforme. Sempre que há alteração em uma destas condições, algum tipo de enfermidade é culpada"¹⁴⁶.

Observemos como aqui o passe dispersivo foi mais claramente descrito e usado antes da diagnose. Depois, a sugestão de iniciar colocando a(s) mãos a partir de uma certa altura e ir baixando aos poucos, até encontrar o limite da aura, é de muita praticidade e qualquer que queira aprimorar

¹⁴⁶ SHERWOOD, Keith. A diagnose da cura e a aura. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 10, item Sentindo a aura, pp. 120 e 121.

sua prática deverá exercitar este procedimento. Por fim, a técnica de diagnose aqui empregada é mais por "reflexão" que por "refração fluídica".

Registremos, agora, uma rápida informação de Sheilla Ostrander: "Talvez o maior dos curadores populares tenha sido Karl Ottovich Zeeling. (...) Os doentes acorriam de todas as partes para serem diagnosticados e tratados por Zeeling na longínqua cidade siberiana de Tomsk. Um cientista descreveu-lhe o trabalho: 'Zeeling, um homenzarrão bem apessoado, estende a mão. Nada sabe a respeito do paciente, que está inteiramente vestido; não obstante, sua mão pesquisa com facilidade, circulando acima do corpo.

"(...) Pessoas doentes, entram na sala, uma depois da outra. Zeeling faz o diagnóstico de cada uma, dá a cada uma o método exato de tratamento"¹⁴⁷.

O Coronel Albert De Rochas nos diz que "(...) o sentido do tato, em vez de se exercer, como de ordinário, na superfície da pele, estende-se fora do corpo (...)"¹⁴⁸.

Como se pode observar, muitos são os autores que se referenciam à diagnose, de certa forma, ao tato-magnético. Entretanto, não fomos nós quem inventamos esses termos na Literatura Espírita; foi o notável Michaelus que, com sua lucidez e honestidade, nos brindou tais pérolas, assim dizendo: "Contudo, há que distinguir os efeitos reativos da ação, que todos os magnetizadores, em maior ou menor grau, experimentam, constituindo o que se denominou de tato magnético, faculdade preciosa no diagnóstico das moléstias e que se pode desenvolver o exercício e pela prática"¹⁴⁹ (grifamos).

De tudo o que vimos, acreditamos ter fornecido elementos suficientes ao leitor para raciocinar sobre o tato-magnético pois este é um grande auxiliar nas tarefas do passe. Não esquecer, contudo, que diagnósticos são apenas bússolas orientadoras aos médiuns e não mapas precisos para fonte de receituários nem alimento de curiosidades ou sentimentos outros, abstração feita às sérias pesquisas com fins de estudo e comprovações científicas. Encerrando, duas sugestões:

1. Quando estivermos exercitando o tato-magnético, é de boa medida fazer-mos uma verificação do estado do paciente no final do passe para sentirmos as diferenças do antes e do depois do passe, com isso aprimorando nossa técnica.
2. Esta, especialmente para os neófitos: faça-se o tato-magnético antes e depois de um dispersivo para se registrar com mais precisão nosso nível de percepção "psicotátil", ao tempo em que se ganha a oportunidade de "checar" a teoria exposta.

1.5 - A Intuição

"Embora o SENHOR vos dê pão de angústia e água de aflição, contudo não se esconderão mais os teus mestres, os teus olhos verão os teus mestres.

¹⁴⁷ OSTRANDER, Sheilla e SCHROEDER, Lynn. Uma feiticeira soviética prediz. In "Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro", cap. 19, item Curadores populares, pp. e 263.

¹⁴⁸ ROCHAS, Albert De. A exteriorização da sensibilidade. In "Exteriorização da Sensibilidade", cap. 2, item 2, p. 40.

¹⁴⁹ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 10, p. 81.

"Quando te desviare para a direita e quando te desviare para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele"¹⁵⁰.

Observemos o primeiro versículo: apesar de tudo o que possa nos acontecer, ou esteja acontecendo, "nossos Mestres", ou seja, nossos caminhos, não se esconderão, isto é, contaremos com uma certa vidência; "nossos olhos verão nossos Mestres". Mas, ainda assim (no segundo versículo), podemos nos desviar, mesmo vendo "nossos caminhos", como, então, corrigirmos nossos rumos? Por meio da "voz", da INTUIÇÃO. — Que quer isso dizer, afinal? — Até mesmo a vidência, bastas vezes decantada exagerada e impensadamente, nos trai (isso porque é esta faculdade mediúnicamente das mais fugidias); sobra-nos, então a intuição que é, quando pura, a mais sublime das disposições mediúnicas.

Contudo, certo estava Isaías; tímidos continuamos nós. Até as histórias de Walt Disney já incorporaram o conceito da intuição; quem não viu ainda Pateta, ou outros de seus personagens, com figuras sobre a cabeça, uma aureolada, outra "menos elevada" portando tridentes, intuindo o caminho a seguir? Quem já não teve um dia ao menos um "sussurro" mental lhe dizendo: "vá", "não vá", "sim", "não"?

Não podemos esquecer que, no campo da mediunidade, devemos ser verdadeiras "Joannas-d'Arcs", "ouvindo", "sentindo" ou "registrando apenas" as intuições dos Planos Espirituais, principalmente quando lidamos com a cura. Mas, infelizmente, nossa fé vacila muito e, ao primeiro sinal de tormenta, como bem ensejou o Cristo, "afundamos", literalmente. O exemplo é rico: "E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados, e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram.

"Mas Jesus imediatamente lhes falou: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!

"Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas.

"E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus.

"Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!

"E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?

"Subindo ambos para o barco, cessou o vento"¹⁵¹.

Parece ressoar até hoje em nossos ouvidos a expressão: "homem de pequena fé". Fato é que ouvimos a intuição (vemos o vulto andando sobre as águas), podemos crivá-la sob nosso bom senso (perguntamos o que é e de onde vem) e seguimos fazendo testes (se és quem dizes, faze o mesmo conosco). Depois de tudo testado e aprovado (conseguimos andar sobre as águas), ao primeiro sinal de estranheza (o vento faz ondas), optamos por não aceitar o resultado (duvidamos do poder daquele) e afundamos na dúvida (começamos a submergir). Mas o Mestre sempre nos ajuda (Ele nos

¹⁵⁰ Isaías, XXX, VV. 20 e 21.

¹⁵¹ Mateus, Cap. XIV, VV. 26 a 32.

estende a mão) e nos mostra que os temores e receios, a essas alturas, são indevidos (cessou o vento).

Por todo esse raciocínio podemos perceber que a intuição, como muitas vezes pode parecer, também não é uma coisa mágica, milagrosa. Ela requer muito de nós mesmos. Roque Jacintho sintetiza muito bem quando diz que "A intuição, oriunda de reflexão e estudos, de humildade e renúncia - é a grande mestra do passista (...)"¹⁵².

O próprio Saiunav, de quem já transcrevemos tanto, assim se pronuncia: "(...) As sensações debaixo de minhas mãos, sob as palmas, começam a desaparecer, dando lugar a uma voz inaudível como que da intuição e do saber, "sem qualquer esforço, sem o emprego das mãos", simplesmente assim, eu sei e isso basta"¹⁵³. Ressaltaríamos apenas que essa intuição do Saiunav só veio a se aprimorar com o seu apuro técnico e a partir de sua boa vontade para com semelhantes, atraindo assim, para si, boas companhias espirituais¹⁵⁴.

Prosseguindo, vamos buscar duas informações do casal de médiuns Olga e Ambrose Worrall:

"Na cura espiritual, muitas vezes a compreensão surge imediatamente, sem o esforço ou sequer a percepção da forma pela qual ela nos atinge (...)

"(...) Esse conhecimento surge como uma inspiração, tão logo dirijo minha atenção para a necessidade do paciente, onde quer que ele esteja. Isto realmente é que se chama de "conhecimento sem experiência", e aproxima-se do nível da percepção pura e instintiva"¹⁵⁵.

Numa outra informação desse casal, veremos uma união da intuição com a diagnose: "A intuição é uma espada de dois gumes. Mal compreendida, mal interpretada e mal empregada pode prejudicar. O terapeuta não deve substituir o médico fazendo um diagnóstico, mas sim limitar-se a declarar: "O seu mal está na coxa" — o médico porém é quem deve confirmar isto e prescrever o tratamento.

"A intuição é holofote que ilumina um caminho. Não é um mapa rodoviário, um plano de ação definido. E a indicação de uma região a ser explorada — com cuidado, discernimento e responsabilidade"¹⁵⁶.

A intuição é uma voz interior que nos diz que "sabemos" alguma coisa mas que nem sempre sabemos como "sabemos". Isto evidencia que tal elemento não pode nunca ser nocivo a qualquer outra técnica de verificação, mas sim que sua eclosão pode dispor de vários meios de aprimoramento ou checagem, ou de valioso subsídio às demais técnicas.

"Que se deve fazer para o desenvolvimento da intuição?"

¹⁵² JACINTHO, Roque. Passe e intuição. In "Passe e Passista", cap. 28, p. 82.

¹⁵³ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 194.

¹⁵⁴ Tivemos oportunidade de perguntar, em um seminário, a sua compatriota Bárbara Ivanova, sobre o Saiunav, e ela, que o conhece pessoalmente, afirmou ser ele um excelente diagnosticador e pessoa muito boa.

¹⁵⁵ WORRALL, A. Ambrose e Olga N. As fronteiras da cura. In "O Dom de Curar", cap. 14, pp. 151 e 152.

¹⁵⁶ WORRALL, A. Ambrose e Olga N. Fontes. In "O Dom de Curar", cap. 17, p.

"— O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da intuição, em todos os seus aspectos"¹⁵⁷. Respondeu o Espírito Emmanuel. Precisa dizer mais alguma coisa?!

6.6 — A Prece

No primeiro capítulo, item 1.1 — "De Allan Kardec", transcrevemos que "Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual (...)". Com isso ratificamos nossa forma inequívoca de ver na prece uma essência indissociável da fluidoterapia.

Partindo-se daquelas palavras de Kardec, temos a prece como uma magnetização; como atuará ela no passe? Deixemos ao próprio Allan Kardec a resposta: "(...) Para curar pela ação fluidica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis; desde que esses fluidos benéficos são dos Espíritos Superiores, então é o concurso deles que é preciso obter. Por isso a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar e, sobretudo, orar com fervor, é preciso fé. Para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com humildade e dilatada por um real sentimento de benevolência e de caridade. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem desinteresse. Sem estas condições o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, fica reduzido às suas próprias forças (...) "¹⁵⁸ (grifos originais).

Creemos valer a pena lembrar Kardec mais uma vez: "Podem obter-se curas unicamente por meio da prece?"

"Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgais que a vossa prece não foi ouvida"¹⁵⁹.

"A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para que obtenha o que deseja. Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos"¹⁶⁰ (grifamos).

Por nossa vez, não nos proponhamos a curar sem que antes façamos uma prece tal como nos recomendam os Espíritos; e, para sermos mais felizes ainda em nossas curas, façamos de nossas atividades diárias verdadeiras preces de humildade, amor ao próximo, dedicação às tarefas — por menores e insignificante pareçam ser — e devotamento. E quando não tivermos técnica, não possuímos instrução suficiente para ministrar um passe com doação intencional de nossos próprios fluidos, ouçamos Tiago quando nos sugere: "Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração (...)

"E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará (...)

¹⁵⁷ XAVIER, Francisco Cândido. Filosofia. In "O Consolador", Segunda Parte, questão 122, p. 79.

¹⁵⁸ Médiuns curadores. In "Revista Espírita", jan. 1864, p. 9.

¹⁵⁹ KARDEC, Allan. Dos médiuns. In "O Livro dos Médiuns", cap. 14, item 177, questão 8.

¹⁶⁰ KARDEC, Allan. Da intervenção dos Espíritos. In "O Livro dos Espíritos", Parte cap. 9, questão 479.

"(...) E orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo"¹⁶¹.

Sejamos, portanto, justos para, com justiça e amor, muito podermos e muito fazermos!

7. DOIS TIPOS BEM CONHECIDOS

7.1 — O Choque Anímico

Esta expressão foi cunhada pelo engenheiro Edgard Armond, conforme está relatado em seu livro "Passes e Radiações". Eis, resumidamente, o que lá encontramos:

"Na realidade, nossa melhor defesa pessoal está, como se sabe, no uso da prece e, sobretudo, na conduta reta e moralizada, porquanto é certo que o indivíduo suficientemente evangelizado e devotado ao bem torna-se não imune mas resistente às manifestações dos agentes do mal"¹⁶² (grifamos). E continua: "Urge, portanto, introduzir nas práticas espíritas processos novos de trabalho, visando combater tais malefícios pelo esclarecimento e o auxílio espiritual ao maior número possível de necessitados nos dois planos.

"(...) Assim sendo, julgamos poder sugerir, para todos os casos de perturbações, o seguinte processo avançado, que denominamos "Choque Anímico" e que representa um desdobramento, uma especialização do trabalho de curas (...) "¹⁶³ (grifamos).

Dentro do espírito dos objetivos da questão, concordamos que muitos casos requerem um atendimento mais especializado sem que se precise, necessariamente, de um "processo avançado" na prática espírita, mesmo porque o maior avanço que conhecemos até hoje, ainda não plenamente assimilado pela humanidade, foi a vinda do Cristo à Terra e os exemplos por Ele deixados. Afinal, como já bem frisou o próprio Edgard Armond, "nossa melhor defesa pessoal está no uso da prece e em nossa conduta reta e moralizada".

Partindo daí, o modus operandi da prática por ele sugerida, que se utiliza de "correntes" de médiuns, sobre as quais falaremos em item próprio mais adiante (não confundir com "corrente fluídica", que determina o campo de vibração e/ou captação energética que cada um de nós possuímos), pode ser, na nossa visão pessoal, melhor repensada. Assim julgamos motivados pela explicação que ele oferece a respeito dos objetivos do referido "choque"; afirma ele que tal modalidade de trabalho visa "combater os malefícios pelo esclarecimento e o auxílio espiritual", o que nos leva a imaginar uma ação modulada por uma doutrinação evangélica bem consistente e caridosa e um passe que reorganize o estado fluídico dos envolvidos.

No prosseguimento, ao explicar o "mecanismo" do "choque anímico", diz ele que "(...) os fluidos, sendo dirigidos diretamente ao coração do obsessor, provocam intenso choque anímico, emoção desconhecida para Espíritos que somente sabem vibrar em escalas negativas e inferiores; é como um jato de luz repentinamente se projetando sobre uma massa de sombra. Esse choque

¹⁶¹ Tiago, V, v. 13, 15 e 16

¹⁶² ARMOND, Edgard. O choque anímico. In "Passes e Radiações", cap. 13, p. 105.

¹⁶³ ARMOND, Edgard. O choque anímico. In "Passes e Radiações", cap. 13, pp. 106 i 107.

emocional aos poucos vai alterando sentimentos, pensamentos e atos". Não discordamos de que tal fato se dê, mas não podemos desassociar disso tudo a pujante necessidade de um amor inextinguível, de um equilíbrio moral inofensivo da parte do(s) médium(ns) que lidará(ão) com o caso. Isto, inclusive, podemos infirmar a partir da nota de rodapé feita pelo próprio Armond: "No livro "Nos Domínios da Mediunidade", André Luiz mostra, nos casos de doutrinação, que não eram as palavras do doutrinador encarnado que exerciam mais benéfica influência sobre os sofredores, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas' Ou seja: como nós, ele reconhece que não são as palavras, e inferimos que tampouco o são apenas os fluidos, mas, sobretudo, o "sentimento irradiante" que "manipula" os fluidos, sensibilizando o obsessor.

Partindo deste raciocínio, concluímos que tal prática deve ter, desde sua premissa, toda uma estrutura, toda uma fundamentação evangélico-doutrinária, ou seja: nossa preocupação deve ser voltada ao esclarecimento dos Espíritos sofredores envolvidos na questão, quando procuraremos auxiliá-los, e não entendermos que um simples infligir "choques" possa resolver a questão. Queremos entender que foi nesse sentido maior que o Edgard Armond quis registrar suas conclusões.

Quando ele aborda o assunto noutra obra sua¹⁶⁴, nos diz que o fluido deve ser direcionado à cabeça do interessado (não mais ao coração), com "Os (...) médiuns (...) projetando fortes e contínuas ondulações vibratórias para o cérebro espiritual do obsessor, visando atingir sua mente. A vibração deve ser de amor, paz, bondade (...)"

Pelo que já consideramos, o "choque anímico" tem sua razão de ser e, quanto a isso, devemos louvar o pioneirismo de Edgard Armond. Acreditamos, entretanto, precisemos aperfeiçoar o entendimento do "choque" para aplicá-lo com segurança e acerto. O Espírito Manoel Philomeno de Miranda abordou o assunto pelo ângulo espiritual:

O Espírito Felinto, destacado para atender os Espíritos obsessores que vinham ao tratamento, "retirando-os da ociosidade ou da exploração viciosa aos semelhantes ainda domiciliados no corpo físico", disse: "Aplicamos-lhe o choque anímico, antes de serem tomadas outras providências.

"— Choque anímico?! (...)" (perguntou, espantado, o Philomeno).

"— (...) Da mesma forma que, na terapia do eletrochoque, aplicada a pacientes mentais, os Espíritos que se lhes imantam recebem a carga de eletricidade, deslocando-se com certa violência dos seus hospedeiros, aqui o aplicamos, através da psicofonia atormentada, que preferimos utilizar com o nome de incorporação, por parecer-nos mais compatível com o tipo de tratamento empregado, e colhemos resultados equivalentes.

"(...) Do mesmo modo que o médium, pelo perispírito, absorve as energias comunicantes espirituais que, no caso de estarem em sofrimento, perturbação ou desespero, de imediato experimentam melhora no estado geral, por diminuir-lhes a carga vibratória prejudicial, a recíproca é verdadeira (...) Trazido o Espírito rebelde ou malfazejo ao fenômeno da incorporação, o perispírito do médium transmite-lhe alta carga fluidica animal, chamemo-la assim, que bem comandada aturde-o, fá-lo quebrar algemas e mudar a maneira de pensar (...)

¹⁶⁴ ARMOND, Edgard. Tratamento. In "Curas Espirituais", 3ª Parte, p. 49.

"E não se trata de violência, como a pessoas precipitadas pode parecer. É um expediente de emergência para os auxiliar (...)

"(...) Os sofredores, atraídos pela irradiação do médium, absorvem-lhe a energia fluídica, com possibilidade de demorar-se por ela impregnados. Sob essa ação, a teimosia rebelde, a ostensiva maldade e o contínuo ódio diminuem, permitindo que o receio se lhes instale no sentimento, tornando-os maleáveis às orientações e mais acessíveis à condição para o bem. Qual ocorre na Terra, com determinada súcia de poltrões ou delinqüentes, a ação da polícia inspira-lhes mais respeito do que a honorabilidade de uma personagem de consideração.

"Por fim, elucidamos que, em nosso campo de trabalho, lidamos com as formas mais condensadas da energia, próximas da matéria, ao que chamaríamos expressões mais grosseiras do fluido, capazes de produzir, num primeiro tentame, resultados favoráveis a futuros cometimentos. Sem descer à beligerância ou à usança de forças iguais, não devemos desconsiderar que a aplicação de recursos equivalentes, porém direcionados com objetivos superiores, logra o resultado almejado, que é despertar o infrator, a fim de que se disponha à recuperação para o seu próprio benefício. É também caridade cercear a um louco a liberdade, como se faz a um criminoso, com finalidade de o proteger de si mesmo, assim resguardando a sociedade que lhe experimenta a sanha. Em nosso setor de trabalho com os desencarnados, às vezes recorremos a tal providência, mediante a aplicação de energias próprias, de formações ideoplásticas e de outros métodos (...)"¹⁶⁵ (grifos originais).

Está ressaltado que a espiritualidade adotou o termo sugerido por Edgard Armond, dando-lhe a extensão devida: o "choque anímico" é uma "incorporação" com uma doutrinação muito própria, para a qual se utiliza de recursos como a ideoplastia, a revivescência do passado e fortes projeções fluídicas que ajudam a transformar o campo fluídico do obsessor. Isso conta, entretanto, com planejamento da parte dos Planos Espirituais. Não se trata, como percebemos, de uma sessão de passes apenas; sua aplicação "é um expediente de emergência" e não um atendimento rotineiro. Outro fator a considerar é que as energias, embora densas, são devidamente orientadas, com a Espiritualidade Superior jamais recorrendo à competição ou à medição de forças.

Sobressai-se, portanto, a função desobsessiva do choque anímico. Daí lembrarmos Kardec quando recomenda que "Antes de pretender (...) domar um Espírito mau, precisa cuidar de domar-se a si mesmo. (...) O mais eficiente (meio) é a vontade secundada pela prece, a prece do coração, entenda-se, e não a de palavras (...)

"Por vezes acontece que a subjugação avulta até ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, do qual nenhum concurso sério se pode esperar. Aí, principalmente, é que a intervenção de terceiros se torna necessária, quer per meio da prece, quer pela ação magnética. Mas, também a força dessa intervenção depende do ascendente moral que os interventores possam ter sobre os Espíritos; se não valerem mais do que estes, improfícua será a ação que desenvolvam. A ação magnética, no caso, tem por efeito introduzir no fluido do obsidiado um fluido melhor e eliminar o do mau Espírito. Ao operar, deve o magnetizador objetivar duplo fim: o de opor a uma força moral outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido com o auxílio de outro fluido. Dessa forma, não só opera um desprendimento salutar, como igualmente fortalece os órgãos enfraquecidos por longa e

¹⁶⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. Técnicas de Libertação. In "Loucura e Obsessão", cap. II, pp. 134 a 136.

vigorosa constrição. (...) O poder da ação fluídica está na razão direta não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e (...) que essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. (...) É de toda a necessidade um magnetizador ESPÍRITA, que atue com conhecimento de causa, com a intenção de obter, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, porém, os resultados que vimos descrever. (...) Uma ação magnética dirigida neste sentido não pode deixar de ser muito proveitosa nos casos de obsessão ordinária (...)”¹⁶⁶ (grifamos)

Muitas deduções podemos extrair das palavras de Kardec:

1. Não se queira ser bom médium de desobsessão ou, mais especificamente, de serviço no choque anímico, se não se dispuser a "cuidar de domar-se a si mesmo" e de ter uma "prece do coração".
2. A "intervenção de terceiros" é assim colocada no sentido amplo, mas não se pode daí inferir que tal atendimento seja interdito a um único médium; óbvio está não se deva participar de trabalhos desobsessivos isoladamente pois os riscos são grandes; mas, não se deduza pela imperiosidade de se fazer "correntes", no seu sentido literal.
3. Na citação, Allan Kardec se referiu tão-só ao aspecto do obsidiado, não se prendendo ao obsessor, por uma questão didática apenas. Por isso mesmo "a ação magnética tem por efeito introduzir um fluido melhor no obsidiado, eliminando o do mau Espírito", ou seja, renovando as disposições fluídicas do paciente.
4. Devem os médiuns operar em dois sentidos: substituir os fluidos desarmonizados que se estabeleceram no campo psíquico do paciente e fortalecer-lhe os órgãos enfraquecidos.
5. Para que os fluidos sejam bons, o médium deve ter boa "instrução" e elevadas "qualidades morais", pelo que recomenda Kardec seja o magnetizador (médium), ESPÍRITA.
6. E aqui temos uma ressalva da maior significação: Allan Kardec recomenda que existam MAGNETIZADORES ESPÍRITAS pois isso "É de toda necessidade". Portanto, não se diga que a Doutrina Espírita não comporta o passe magnético nem que isso não tenha o respaldo do Codificador. Tem sim, e de forma enfática, direta e exemplificada!

Busquemos agora uma ilustração evangélica: "Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saído dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho.

"E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?"¹⁶⁷.

Sem dúvida que, para aqueles Espíritos, a "luz" que Jesus não apenas representava, mas que se impunha, ante a inferioridade de tão infelizes obsessores, "atormentava-os", "antes do tempo" de seus arrependimentos. A presença do Cristo era, para aquela casta de Espíritos, um verdadeiro choque, assim como, por exemplo, é um choque brutal para nossas retinas quando, saindo de uma sala escura, nos defrontamos com um sol alto e tentamos mirá-lo sem proteger os olhos.

¹⁶⁶ KARDEC, Allan. Manifestações dos Espíritos: caracteres e conseqüências religiosas dessas manifestações. In "Obras Póstumas", 1ª Parte, item 7, da obsessão e da possessão.

¹⁶⁷ Mateus, VIII, VV. 28 e 29.

Para ratificar que nisso tudo não há violência, não há guerras, apenas uma luminosa presença "moral" ante a negritude da "ignorância" e que o choque mímico é, a bem dizer, uma particularidade das reuniões de desobsessão, recorreremos a duas obras de Manoel Philomeno de Miranda, Espírito este que tem, por sua literatura, voltado vistas de maneira especializada aos problemas da obsessão.

Considerando o caso de um Espírito (Ricardo) revoltado por ter sido abortado e que estivera incorporado num médium (Jonas) "vigilante e em sintonia com os Diretores Espirituais da reunião", Dr. Bezerra de Menezes inspirou o dirigente encarnado e este "Passou a aplicar passes no médium, enquanto o Mentor desprendia Ricardo, que se libertou (...)

"(...) Desejávamos produzir um choque anímico em nosso irmão, para colhermos resultados futuros (...)"¹⁶⁸ (grifos originais).

O caso prossegue... "O mergulho nos fluidos salutares do médium Jonas propiciou-lhe uma rápida desintoxicação, modificando-lhe, por um momento embora, a densa psicofera em que se situava.

"(...) O choque anímico, decorrente da psicofonia controlada, debilitou-o, fazendo-o adormecer por largo período (...)"¹⁶⁹.

Neste primeiro caso, ficou lúcido como o choque anímico é uma desobsessão onde os passes entram como componentes fluídicos e não que sejam eles o choque em si; tanto que ao final o Espírito adormece e não é expulso ou fica "tremendo" como resultado da operação. No caso que veremos a seguir, observaremos como e por que o Espírito sente o choque mas, ainda aí, não será presenciada a reforma do Espírito só pelo contato com os fluidos nem que os passes, sozinhos sejam suficientes para o atendimento completo: "A Benfeitora, sem delongas, exorou a proteção de Deus para o empreendimento socorrista, depois do que o nosso abençoado técnico em passes aplicou recursos magnéticos especiais, desenovelando dos fluidos mais densos o Espírito perverso, que não se dava conta, conscientemente da ocorrência, embora experimentasse os choques da corrente de energia com que o especialista o desligava da situação constritora que impunha a Valtécio (paciente). Não o libertou, porém, totalmente, deixando que permanecesse uma certa imantação perispiritual com o enfermo, que foi a seu turno, semidesligado da forma física, a fim de serem conduzidos sob sono profundo à Colônia Espiritual onde o carinho do venerando Héber contribuiria para o cometimento da caridade"¹⁷⁰.

Esta é a maneira como nós entendemos e concordamos com o "choque anímico"; um verdadeiro atendimento desobsessivo.

7.2 — O Passe Pasteur

No livro de Moacyr Petrone¹⁷¹ colhemos a informação de que "Os passes padronizados foram criados sob a orientação dos Espíritos Benfeitores, de acordo com conhecimentos científicos do corpo físico e do corpo espiritual, para proporcionarem maiores vantagens e melhor aproveitamento

¹⁶⁸ FRANCO, Divaldo Pereira. Técnica de libertação. In "Nas Fronteiras da Loucura", cap. 25, p. 184.

¹⁶⁹ FRANCO, Divaldo Pereira. Considerações e preparativos. In "Nas Fronteiras da Loucura" cap. 26, pp. 185 e 186.

¹⁷⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. Providências inesperadas. In "Painéis da Obsessão", cap. 12, p. 91.

¹⁷¹ PETRONE, Moacyr. O porquê da padronização dos passes. In "Assistência Espiritual", cap. 3, pp. 27 e 28.

de tempo e espaço, além da necessidade de atenderem um número elevado de pessoas". Mas, apesar dessa padronização, "Para cada caso (Casa Espírita) deve-se estudar a adequação, sob a orientação do Plano Espiritual Superior" (grifamos).

Por sua vez, Edgard Armond diz: "Os trabalhos denominados "Pasteur" criados para isso na Federação Espírita do Estado (de São Paulo), são uma aplicação do processo (de cura) e os resultados têm sido bons, conquanto devam ainda sofrer aperfeiçoamentos"¹⁷² (grifamos). Voltando à obra de Petrone, encontramos: "Os trabalhos de atendimento especializado, que foram organizados sob a orientação do Espírito de Louis Pasteur, são realizados com base em correntes magnéticas (...) Estes trabalhos foram estudados e pesquisados com muito interesse por parte dos Espíritos (...)"¹⁷³ (grifamos).

Pelo que apreendemos das exposições acima, o "passe Pasteur" foi criado e desenvolvido na FEESP, sob a orientação do Espírito Louis Pasteur, com o intuito de atender, de forma especializada, a um número grande de pessoas. Do depoimento de Edgard Armond, assimilamos que tal técnica, embora apresentando bons resultados, ainda deve sofrer aperfeiçoamentos, o que é natural. Afinal, trata-se de uma técnica com estilo muito próprio e que, por isso mesmo, não atende a universalidade das técnicas. Daí julgarmos que, mesmo dando bons resultados, merece ponderemos mais acuradamente, pois, sabemos que qualquer trabalho de cura onde a boa vontade e o amor estiverem presentes dará bom resultado, pelo que não nos vemos no direito de julgar qual seja mais ou menos eficaz. Contudo, uma coisa ressalta: não será pelo fato da padronização, da ritualização ou das "correntes" que o resultado será ou não positivo; sua positividade, na maioria das vezes, dar-se-á pelos excessos da Misericórdia Divina para conosco. Nossa postura moral equilibrada, aliada a um bom nível de conhecimento das nuances que envolvem o passe, esses sim são os responsáveis, a nosso nível, pela excelência dos resultados alcançados.

Buscando a personalidade de Pasteur, recordamo-lo como Espírito laborioso que legou notáveis benefícios à humanidade. É dele, quando encarnado, a seguinte reflexão: "As idéias preconcebidas, submetidas ao severo controle da experimentação, são a chama vivificante das ciências de observação; as idéias fixas são seu perigo. Lembrai-vos da bela frase de Bossuet: 'O maior desregramento do espírito é crer nas coisas porque se quer que elas existam'"¹⁷⁴ (grifo original). É pensando igualmente assim que não queremos nos submeter, nem fazê-lo aos outros, às idéias fixas. Eis aí, por que nos permitimos discorrer sobre esta técnica, embora contando com seus méritos, carece, na prática, comparemos seus efeitos aos obtidos por técnicas mais simples e universais.

Imaginando mesmo que nosso posicionamento possa melindrar alguns confrades, fazemos ver que estamos atendendo a "necessidade de aperfeiçoamento" preconizada pelo próprio Edgard Armond. Falamos daquilo que racionalizamos e ponderamos com fundamentos sólidos e honestidade de princípios, buscando corrigir equívocos, pois, afinal, não é justo tenhamos visões diferentes dos assuntos e não as exponhamos ao julgamento dos interessados.

Quando estudarmos, no próximo item, as "correntes", exporemos nossa forma de raciocinar acerca dessa outra situação que envolve o passe Pasteur.

¹⁷² ARMOND, Edgard. Aspectos gerais. In "Curas Espirituais", 2ª Parte, p. 31.

¹⁷³ PETRONE, Moacyr. Assistência especializada. In "Assistência Espiritual", cap. 11, p. 75.

¹⁷⁴ ROCHAS, Albert De. Notas. In "Exteriorização da Sensibilidade", pp. 149 e 150.

Finalizamos dizendo que, por tudo o que expomos acima, não descereamos a detalhar referida técnica e suas variantes. Contudo, aquele que queira conhecê-la, busque as obras do engenheiro Edgard Armond ou de Moacyr Petrone, entre outras, pois lá encontrará todo o detalhamento, podendo o leitor, a partir daí, fazer seu estudo, sua comparação e seu julgamento.

8. AS CORRENTES

As correntes que aqui trataremos não são, como já dissemos antes, as que mencionamos quando definíamos os campos energéticos dos pacientes e médiuns no item 2.1.2.1 — "1ª Regra Geral" deste capítulo, mas sim uma prática com a qual, em tese, não concordamos.

Começemos por Kardec. Perguntou ele:

"Será conveniente a precaução de se formar cadeia, dando-se todos as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião?" Ao que obtive a seguinte resposta dos Espíritos: "A cadeia é um meio material, que não estabelece entre vós a união, se esta não existe nos pensamentos; mais conveniente do que isso é unirem-se todos por um pensamento comum, chamando cada um, de seu lado, os bons Espíritos. Não imaginais o que se pode obter numa reunião séria, de onde se haja banido todo sentimento de orgulho e de personalismo e onde reine perfeito o de mútua cordialidade"¹⁷⁵ (grifamos).

Se limitássemos toda nossa argumentação baseando-nos apenas na citação acima, acreditamos já seria suficiente. Mas, não ficaremos só aí. Analisemos, inicialmente, aquelas palavras de Kardec.

1. cremos estar evidente que, no caso, "cadeia" e "corrente" são sinônimos entre si; portanto, "dar as mãos" passa a ter um significado muito próprio, ou seja: estabelecer "cadeia", "corrente".
2. Por ser um "meio material", a corrente não tem a condição intrínseca de, por seu intermédio, vencer uma situação sobremaneira moral. Sua ação portanto, é apenas material e, se quisermos exceder seu alcance, chegaremos à evidência de que ela se dá nos limites dos "reflexos condicionados" não efetivamente "direcionados".
3. A verdadeira "cadeia" se dá pelo pensamento, sem qualquer "sentimento de orgulho ou personalismo, onde reine com perfeição a mútua cordialidade". Isto quer dizer que nos grupos mediúnicos não vale alimentar sentimentos negativos, de qualquer ordem, pois eles rompem a "verdadeira corrente" que é a mental, a psíquica, a moral.

Busquemos Kardec mais uma vez e observemos quando ele comenta a cura de uma fratura óssea: "(...) A cura foi produzida, no caso, como em todos os casos de cura pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido, posto que etéreo, não deixa de ser matéria; que rela corrente que lhe imprime, o Espírito pode com ele impregnar e saturar todas as moléculas da parte doente; que pode modificar suas propriedades, como o magnetizador modifica as da água, dando-lhe uma virtude curativa, adequada às necessidades; que a energia da corrente está

¹⁷⁵ KARDEC, Allan. Das evocações. In "O Livro dos Médiuns", cap. 25, item 282, Questões sobre as evocações, questão 15a.

na razão do número, da QUALIDADE e da HOMOGENEIDADE dos elementos que constituem a corrente das ressoas chamadas a fornecer seu contingente fluídico. Essa corrente provavelmente ativa a secreção que deve produzir a soldadura dos ossos (...)”¹⁷⁶ (grifos nossos; maiúsculas, do original).

Notemos agora que em nenhum momento Kardec se refere a "dar as mãos", mesmo porque a ação foi de magnetismo espiritual e não animal; depois, ele foi explícito quando grifou "qualidade e homogeneidade", deixando de grifar número" na mesma frase, com isso representando que não é o número de participantes, nem a maneira como são eles dispostos, que importa na "corrente", mas outros valores. Depois, na primeira vez que ele emprega o termo "corrente", fácil perceber que é no sentido de "campo fluídico" que ele se refere e não do que estamos tratando neste item.

Continuemos com Kardec. Estudando ele as manifestações físicas (não esqueçamos que as curas, em grande número de casos, são verdadeiros efeitos físicos), chegou à seguinte conclusão: "A princípio, como se ignorassem as causas do fenômeno, recomendavam muitas precauções, que depois se verificou serem absolutamente inúteis. Tal, por exemplo, a alternância dos sexos; tal, também, o contato entre os dedos mínimos das diferentes pessoas, de modo a formar uma cadeia ininterrupta. Esta última precaução parecia necessária, quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica. Depois, a experiência lhe demonstrou a inutilidade.

"A única prescrição de rigor obrigatório é o recolhimento, absoluto silêncio e, sobretudo, a paciência (...)”¹⁷⁷ (grifamos).

Mesmo reconhecendo que aqui o Codificador não tratava especificamente da cura, podemos inferir que a prática dos médiuns darem-se as mãos, de se intercalar os sexos, de se tocarem os dedos, não encontra substância se não na ignorância do fenômeno, isto é, são práticas não só passadas como superadas pela própria verificação experimental de homens do labor e quilate de um Kardec. Em síntese: são práticas superadas há, no mínimo, um século e meio.

Os estudiosos das obras de Mesmer, Deleuze e Reichenbach poderão argumentar que eles recomendavam dessem-se as mãos os sensitivos pois isso aumentava o fluxo magnético. Deleuze ressalva, contudo, que ao componente da "corrente humana" deve ser pedido "Que roguem a Deus em comum pelo doente, o que é um excelente meio de manter a atenção e dirigir a intenção"¹⁷⁸. Albert De Rochas acrescenta: "(...) Porque o fator psíquico opera aqui exatamente como, nos coadjuvantes puramente físicos, a vibração molecular; (talvez não se devesse, também, aqui negligenciar a influência das forças ocultas, chamadas pela prece)"¹⁷⁹. Agora, se tivermos em conta que nenhum deles eram espíritas e que o próprio Kardec foi discípulo do magnetismo (portanto, conhecia a matéria a fundo), podemos concluir com segurança pela ineficiência das correntes pois o que ressalta destas últimas palavras do De Rochas é que a mente, ligada a Deus através da prece, é quem realmente compõe a verdadeira corrente.

Aliada à inutilidade, ainda pesa contra as correntes o fato de elas serem uma "infiltração" indevida; afinal, seu uso é oriundo das escolas maçônicas (que por sua vez se fundou no esoterismo

¹⁷⁶ Cura de uma fratura pela magnetização espiritual. In "Revista Espírita", set. 1865, p. 260.

¹⁷⁷ KARDEC, Allan. Das manifestações físicas — das mesas girantes. In "O Livro dos Médiuns", cap. 2, item 62.

¹⁷⁸ ROCHAS, Albert De. Nota L. In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 206.

¹⁷⁹ ROCHAS, Albert De. Nota L. In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 206.

egípcio antigo), as quais têm rituais e motivos próprios — que não nos compete julgá-los —, mas que não são nem poderiam ser espíritas já que esta Doutrina não tem rituais. Como verificação, consultemos Rizzaro Camino, em sua obra maçônica: "As Loja (Maçônicas)", em sua grande maioria, realizam a "Cadeia de União" (...) por ocasião das cerimônias de iniciação.

"(...) Há vários modos de realizar uma "Cadeia de União", modos válidos todos, se considerarmos a inexistência de uma determinação estatutária (...)

"(...) O modo mais comum é aquele em que todos os presentes se dão as mãos em círculo, unindo as pontas dos pés uns aos outros, sem a preocupação de número. (Rito Escocês Antigo e Aceito).

"Porém a "Cadeia de União Triangular" deve obedecer a um rito determinado, que nos vem do antigo Egito.

"(...) Os egípcios faziam a sua "Cadeia" com os pés descalços; hoje, a evolução, a moda, a higiene e o conforto exigem que os pés estejam calçados (...)

'(...) O tato, através do aperto das mãos, tem sido, sempre, desde os primórdios da civilização quando o homem estendeu sua mão ao semelhante a manifestação do calor humano.

"(...) Essas sensibilidades, obviamente, são de caráter positivo e criam novos aspectos psicológicos, "transmitindo" e "permutando" benesses, a todos.

"Esta seria uma das funções "físicas" propiciada pela "Cadeia de União", mas surgem funções muito mais profundas, que não podem ser vistas ou medidas, porém sentidas"¹⁸⁰ (grifamos).

Pelos destaques que fizemos na transcrição, fica bastante claro que providências como a de dar as mãos em círculo ou triângulo, remontam a um esoterismo distante cuja ritualística não se coaduna com as práticas Espíritas.

Esta parece que também era a opinião do próprio Edgard Armond; no seu "Mediunidade", cuja terceira edição veio a lume quando pessoalmente ainda estávamos por reencarnar, definia clara e coerentemente o sentido das "correntes": "Chama-se "corrente" ao conjunto de forças magnéticas que se form, em dado local, quando indivíduos de pensamentos e objetivos idênticos se reúnem e vibram em comum, visando a sua realização.

"Nessa corrente, além da conjugação de forças mentais, estabelece-se o contato entre as auras, casam-se os fluidos, harmonizam-se as vibrações individuais, ligam-se entre si os elementos psíquicos e forma-se uma estrutura espiritual da qual cada componente é um elo, mas elo vivo, vibrante, operante, integralizador do conjunto. Um pensamento ou sentimento discordante individual, afeta toda a estrutura, dissocia-a, desagrega-a e prejudica o trabalho, assim como o elo quebrado de uma corrente a torna fraca ou imprestável.

"(...) A formação de uma boa corrente magnética é, pois, a condição primária para a realização de todo e qualquer bom trabalho espiritual (...)

¹⁸⁰ CAMINO, Rizzaro. In "O Delta Luminoso", pp. 183 a 187.

"(...) A marca, a característica de uma corrente perfeita é a serenidade, a calma, a harmonia, a beatitude do ambiente que então se forma; o bem-estar que todos sentem e a qualidade dos benefícios espirituais que todos recebem"¹⁸¹ (grifamos).

Antes de comentarmos, vejamos o que ele diz mais adiante: "A corrente magnética de base, feita pelos encarnados, começa a formar-se desde o momento em que se faz silêncio e se inicia a concentração, fase essa que, no outro plano, já foi antecedida, de alguns momentos, pelas providências preparatórias dos trabalhadores invisíveis.

"De cada indivíduo concentrado e desde que haja uniformidade mental partem raios fluídicos luminosos, de cores que variam segundo as condições morais de cada um; esses raios se vão ligando uns aos outros, a poucos centímetros dos corpos físicos, e terminam se fundindo numa corrente única que, a seu turno, se conjuga com a corrente formada pelos cooperadores invisíveis (de isolamento e proteção do ambiente geral), disso resultando um conjunto vibratório de grande força potencial que se estende em torno, numa certa área e que constitui o que se pode chamar "o campo espiritual do trabalho"¹⁸² (grifos nossos).

A visão de Edgard Armond aqui é consoante a tudo o que já vimos com Kardec; em nenhum momento sugere ele ou dá qualquer indicação no sentido do "dar as mãos" para se estabelecer a "corrente". Portanto, se for necessário reunirem-se médiuns (passistas) para o atendimento de casos graves, que eles se reúnam na Casa Espírita pelas normas que esta orientar, e usem da oração, da fé, da boa vontade, do recolhimento, do conhecimento das técnicas e da intuição, doando suas energias em favor daqueles, mas sem necessidade de darem-se as mãos; sem carecer intercalarem-se por sexo, idade, cor ou o que quer que seja; sem a preocupação de tocarem desse ou daquele outro lado ou extremidade; sem precisar fazer círculos ou figuras geométricas por "indicação" nesse sentido; sem necessitar roupas especiais ou pés descalços; sem convencionar devesse o paciente ficar nessa ou naquela posição geográfica em relação ao grupo sem, por fim, qualquer recurso que induza ou sugira posturas ritualísticas, sem fundamentação científica nem, o que é mais importante, doutrinária.

Certa vez, quando participando de um treinamento sobre passes, nos recomendaram olhássemos uma obra de André Luiz onde ele fala das correntes de mãos e, com isso, concluíssemos que ele era favorável às mesmas, pois no Plano Espiritual se usava tal recurso. Buscamos não uma, mas duas obras desse notável Espírito. Convidamos você, amigo leitor, a buscá-las conosco...

Na primeira¹⁸³ (que foi a recomendada), o autor espiritual descreve como são socorridos os Espíritos que estão sofrendo no umbral, mas que já alcançaram o arrependimento e a sintonia requeridos ao trabalho de suas partidas daquela região. Narra André Luiz: "(...) Reparava, pela expressão de quantos iluminados se aproximavam de nós, que se esforçavam por manter o pensamento alheio às objurgatórias dos maus, temendo talvez o interesse mental pelo que emitiam, circunstância criadora dos novos laços magnéticos favoráveis à dominação dos verdugos. Intentavam (...) alimentar o máximo desprendimento dos apodos que lhes eram lançados (...). Formavam agrupamentos de formosura singular. Sublimes quadros de paraíso, no inferno de atrozes padecimentos! Vinham, de mãos entrelaçadas, como a permutar energias, a fim de que se lhes

¹⁸¹ ARMOND, Edgard. Adaptação psíquica. In "Mediunidade", pp. 141 e 142.

¹⁸² ARMOND, Edgard. O trabalho dos guias. In "Mediunidade", cap. 28, p. 191.

¹⁸³ XAVIER, Francisco Cândido, Fogo purificador. In "Obreiros da Vida Eterna", cap. 10, pp.164 e 165.

aumentasse a força para a salvação, no minuto supremo da batalha que mantinham, talvez, desde muito antes. E esse processo de troca instintiva dos valores magnéticos infundia-lhes prodigiosa renovação de poder, porquanto levitavam, sobrepondo-se ao desvairado ajuntamento.

"(...) Entretanto, para alcançarem o átrio da instituição, eram compelida à quebra da corrente de energias magnéticas recíprocas, mantendo-se de mãos separadas, e os recém-chegados, em sua maioria, desvencilhando-se, involuntariamente uns dos outros, tombavam enfraquecidos após prolongado esforço, logo aos primeiros passos na região da Casa Transitória" (grifamos). Analisemos a citação:

1. Os Espíritos inferiores, por suas projeções mentais, também criam "laços magnéticos" com os quais procuram dominar suas presas.
2. Os sentimentos dos que eram recolhidos à Casa Transitória (lugar de atividade socorrista no plano espiritual), eram do maior desprendimento e de força de vontade por vencer a rudeza do momento.
3. Vinham de "mãos entrelaçadas, como a" permutar energias (reflexos condicionados). Bem sabemos que quando queremos alcançar maior força física, a união dos esforços físicos dá bom resultado; o mesmo em relação aos sentimentos de coragem e solidariedade; só que, para estes, a união não é física mas, sobremaneira, mental, psíquica; tanto que no primeiro uso vemos a troca se dar "de maneira instintiva" enquanto no segundo se requer harmonia e vontade.
4. Como se tratava de Espíritos recém-saídos do umbral, que mal vislumbravam o imenso paraíso a se lhes descortinar, a "corrente magnética" carecia do "condicionamento instintivo" das mãos dadas.
5. Disso tudo não se pode concluir, pois seria um grande equívoco, que para se atender nos trabalhos do passe seja necessário fazer-se corrente dando-se as mãos, imaginando que tal atitude reforçaria nossos valores fluidico-magnéticos; não, não reforçaria, pelo menos por este motivo. Quem assim age e pensa simplesmente expõe suas limitações. Não que isso seja pejorativo, mas, que sirva para refletirmos melhor sobre nossa responsabilidade ante o estudo, o entendimento, a prática e o acerto.

Na outra obra¹⁸⁴, André Luiz nos apresenta uma reunião de desobsessão quando serão atendidos vários Espíritos rebeldes, difíceis, violentos alguns. Assim descreve ele seu espanto: "Observei que muitos servidores de nossa esfera (espiritual) mantinham-se de mão dadas, formando extensa corrente protetora da mesa consagrada aos serviços da noite. O quadro era para mim uma novidade.

"Alexandre, porém, explicou-me, discreto:

"— Trata-se da cadeia magnética necessária à eficiência de nossa tarefa de doutrinação. Sem essa rede de forças positivas, que opera a vigilância indispensável, não teríamos elementos para conter as entidades perversas e recalcitrantes.

¹⁸⁴ 185. XAVIER, Francisco Cândido. Doutrinação. In "Missionários da Luz", cap. 17, pp. 289 e 290.

"(...) Sentindo, agora, o ambiente em que se achava, Marinho quis recuar, mas não pôde. A fronteira vibratória estabelecida pelos nossos colaboradores, a reduzida distância da mesa de fraternidade, impedia-lhe a fuga" (grifamos).

Trocaremos, igualmente, em itens, esta citação.

1. Aqui vemos alguns colaboradores do Plano Espiritual dando-se as mãos para formar uma "extensa corrente protetora". Sabemos que os colaboradores do plano espiritual não são todos Espíritos Superiores; muitos são Espíritos com especialidade em determinados trabalhos, mas que não alcançaram ainda um nível de elevação moral suficiente para serem classificados como superiores. Depois, é igualmente universal a informação de que os trabalhos espirituais mais "pesados" são entregues, quase sempre, a Espíritos de "boa vontade" e não, precipuamente, aos Espíritos Superiores.
2. Como já frisado pelo Espírito Bezerra de Menezes, lembremos que para determinadas atividades, a polícia impõe mais respeito que a gravidade de homens sérios, ou seja: a aparência muitas vezes é requerida para conter, mesmo psiquicamente, Espíritos bem inferiores.
3. A "cadeia magnética" de que fala Alexandre tem a função primordial de favorecer um clima de segurança à doutrinação e não de congregar fluidos para simplesmente aplicá-los nos Espíritos; funciona, no caso, como um "cordão de isolamento".
4. Com barreiras fluídicas dessa natureza, no Plano Espiritual, se evita a evasão dos perturbados que vêm para serem atendidos, ou o assédio direto dos outros que, de fora, ficam tentando perturbar os trabalhos mediúnicos.
5. Como no caso anterior, não dá para inferir que nem André Luiz nem a Espiritualidade estejam sugerindo demo-nos as mãos para procedermos o atendimento pelos passes ou ainda que correntes de mãos sejam condições indispensáveis ao atendimento dos necessitados das intervenções magnéticas.

Encerremos o assunto com o Prof. Herculano Pires: "Os círculos mediúnicos com o paciente no meio pressupõem uma concentração de forças. Os médiuns já não são mais médiuns, são pilhas elétricas fornecedoras de energias. Não são os Espíritos que sabem o que o doente precisa. São os bisonhos aprendizes de anatomia e fisiologia, de magnetismo e ginástica com subsídios de bailados rituais dos templos egípcios. As pessoas que desejam realmente iniciar-se no Espiritismo devem compreender, antes de tudo, que Espiritismo é simplicidade e bom senso. Fora disso o que temos são encenações que desvirtuam a doutrina. São essas invigilâncias que ameaçam a prática espírita. Ninguém deseja que os espíritas sejam ignorantes, mas é evidente que devem ser simples e humildes, compreendendo que nem Salomão se vestia com a beleza das flores simples do campo. Temos de superar o fermento dos fariseus, se quisermos realmente fazer-nos dignos do Espiritismo"¹⁸⁵.

¹⁸⁵ PIRES, J. Herculano. Mediunidade prática. In "Mediunidade — Vida e Comunicação", cap. 14, p. 128.

9. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Se fôssemos atentar a todas observações que têm surgido para vincular usos estranhos às práticas espíritas da fluidoterapia, encheríamos enciclopédias e não terminaríamos nosso trabalho. Para nossa apreciação, tocaremos rapidamente algumas.

9.1 — Passes em Roupas e Objetos

Apesar de vários magnetizadores terem feito experiências nesse campo e alguns terem chegado a conclusões favoráveis no sentido de recomendar tal prática (já que a própria psicometria tem evidenciado a impregnação fluídica em roupas e objetos), não recomendamos seu uso na Casa Espírita em face de sua carência de sustentação doutrinária, além de tal recurso fazer pender o paciente aos hábitos nocivos do comodismo, criando distorções, falsos poderes, ritos e dogmas, tudo em prejuízo da verdadeira necessidade do homem que é a de se elevar pelos bons atos, os quais começam pela renúncia, pela humildade e pelo sacrifício ao bem.

Jussieu, no seu "Relatório sobre o fluido animal", nos diz: "As experiências de móveis e vasos magnetizados, de sensações operadas pela reflexão dos vidros, jamais me pareceram bastante satisfatórias para lhes emprestar algum valor"¹⁸⁶. Tal informação aponta a inutilidade de tal prática, inclusive sob a ótica do magnetismo.

Outrossim, como as transfusões anímico-fluídicas pelo passe se dão de perispírito a perispírito, o passe em roupas e objetos rompem essa cadeia, pois, ainda sejam estes para uso pessoais, suas estruturas moleculares não "capturam" os vários "padrões" dos fluidos transfundidos, pelo que não redonda num benefício efetivo ao paciente, senão como espécie de placebo.

9.2 — O Uso da Roupa Branca

Não resta a menor dúvida que a roupa branca é mais fresca e, por apresentar mais vivamente as impurezas que a ela possam se agregar, facilmente se percebe quando está suja. Mas isso nem é nem nunca foi condição sine qua non para que o passe se dê. Os próprios médicos de hoje já não se limitam ao branco nas cores de suas vestes.

Herculano Pires sintetiza muito bem o assunto, mormente no que se refere às toalhas das mesas das reuniões mediúnicas: "A cor da toalha pouco importa. A cor branca não interessa mais ao ato mediúnico do que a vermelha ou a preta. A pureza exigida é apenas a das intenções"¹⁸⁷.

Se na palavra de Herculano a colocação não é tão específica, vejamos as ponderações judiciosas do Dr. Bezerra de Menezes: "Com a consideração que merecem aqueles que assim pensam, o branco é símbolo de pureza, segundo algumas tradições e em determinados povos. Superstição destituída de base racional, porque (...) nenhuma influência vibratória exerce em relação aos Espíritos, que sintonizam com as emanações da mente, as irradiações da conduta. Talvez que,

¹⁸⁶ ROCHAS, Albert De. Notas. In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 150.

¹⁸⁷ PIRES, J. Herculano. A mesa e o pão. In "Mediunidade — Vida e Comunicação", cap. 7, p. 50.

desencarnados, igualmente supersticiosos, se afeiçoem àqueles que se trajar, com essa cor, sendo, no entanto, ainda atrasados. Tivesse fundamentação e seria cômodo para os maus e astutos manterem a sua conduta interior irregular enquanto ostentariam trajes alvinitentes que os credenciariam a valores que não possuem, atribuindo-lhes méritos que estão longe de conseguir.

"Os judeus eram muito formais e cuidavam em demasia da aparência, sendo por Jesus reprochados com severidade, por Ele considerar mais importante a pureza interna do que a convencional, a exterior (...)"¹⁸⁸.

Disso tudo podemos concluir que em nenhuma situação a cor da roupa, seja branca, amarela, preta, vermelha, roxa ou qual seja, interfere no fenômeno da fluidoterapia; nem favorece nem atrapalha; não "filtra" melhor, como querem alguns, nem "atrai" entidades desse ou daquele nível. A síntese do Espírito André Luiz: "O espírita não se prende a exterioridades"¹⁸⁹ nos posiciona equilibradamente.

9.3 — Os Incensos e Defumadores

Igualmente destituídos de qualquer valor evangélico ou doutrinário, seus usos são desaconselháveis, pois, não só não resolvem problemas psíquicos, orgânicos ou morais, como, apenas, viciam e aprisionam mentes de fraco poder de raciocínio ou de vontade moral vacilante, intermitente.

Busquemos mais uma vez a palavra do Dr. Bezerra de Menezes:

"— Informa-se que o fumo que se evola dos incensadores e vasilhames com brasas, onde ardem essas substâncias, teria ação sobre os Espíritos perturbados, ignorantes, perversos, que os afastaria, atraindo, em contrapartida, os bons e nobres. Não há evidência dessa propalada ação. O odor agradável perfuma o ambiente e, em algumas religiões, têm essas práticas um significado simbólico, recordando as oferendas que os reis do Oriente teriam apresentado, a Jesus recém-nascido (...) As resinas e madeiras perfumadas sempre foram queimadas em cerimônias festivas como fúnebres, para odorificar o recinto. Entre os homens mais primitivos resultavam positivas as práticas, porque, sugestionados com os efeitos que lhes atribuíam os ancestrais, que se demoravam no comércio espiritual com os seus, os Espíritos fugiam, apavorados. Ainda remanescem alguns estados desse teor e muitos desencarnados em fixação com as cerimônias antigas que lhes podem aceitar a aparente ação, fazendo-os afastar-se das pessoas ou lugares com quem e onde se encontram (...) Nenhuma força real emana dos defumadores e incensos, que possa ajudar, concedendo sorte e solucionando os problemas que aturdem os homens, sempre interessados em sortilégios e equacionamentos simplistas, sem esforço pessoal nem mudança moral de profundidade"¹⁹⁰.

¹⁸⁸ FRANCO, Divaldo Pereira. Apontamentos adicionais. In "Loucura e Obsessão", cap. 10, p. 127.

¹⁸⁹ VIEIRA, Waldo. Perante as fórmulas sociais. In "Conduta Espírita", cap. 37, p. 128.

¹⁹⁰ VIEIRA, Waldo. Perante as fórmulas sociais. In "Conduta Espírita", cap. 37, p. 128.

9.4 — A Polaridade

Dizem muitos magnetizadores: "São muito fortes as evidências de uma polaridade no corpo humano", assemelhando-se este a um ímã. Mas nem todos o confirmam. Um certo Dr. Randolph Stone, médico em osteopatia, doutor em naturopatia e quiroprático, nascido na Áustria em 1890, advoga para si o direito de ser o fundador do moderno sistema de polaridade. Pela obra de seu seguidor¹⁹¹ Richard Gordon, se observa, contudo, que a polaridade do Sr. Stone não traz nenhuma novidade; apenas compõe algumas misturas sincréticas, de duvidosos resultados. Haja vista a técnica "cócix" que, conforme os gráficos por ele apresentados, são de uma inconveniência a toda prova¹⁹².

Sem querer generalizar a partir de uma obra, podemos sentir que a polaridade tem muito o que dar, principalmente a nível de polêmicas, desvios, refutações, ensinamentos equivocados e desvirtuamento dos meios e fins, ainda que o raciocínio da polaridade, como hipótese teórica, seja muito válido em várias situações e analogias.

Busquemos Michaelus: "(...) Se pode magnetizar indiferentemente com a mão direita ou com a esquerda ou com as duas mãos. Assim, porém, não entendem os polaristas, tendo à frente Durville (H. Durville — *Traité Experimental de Magnétisme*), os quais afirmam que o corpo humano (...) é polarizado.

"Du Potet (Du Potet — *Traité Complet de Magnétisme Animal*), Deleuze Deleuze — *Instruções*), Gauthier (H. Gauthier — *Magnétisme et Somnambulisme*), Zahagnet (A. Cahagnet — *Thérapeutique du Magnétisme*), Morand (Dr. J. S. Morand — *Le Magnétisme Animal*), Rouxel (Rouxel — *Rapports du Magnétisme et du Spiritisme*), Bué (Alfonse Bué — *Le Magnétisme Curatif*), Lafontaine (Ch. Lafontaine — *L'Art de Magnétiser*), Binet e Fere (Binet et Fere — *Le Magnétisme Animal*) e muitos outros contestam as conclusões dos polaristas, afirmando que a potência volitiva do magnetizador unifica a ação radiadora e a conduz com igual segurança ao paciente, de face, de lado, pelas costas, de perto ou de longe, e, às vezes, mesmo de um compartimento para outro, através das paredes e sem estar vendo o paciente"¹⁹³ (grifamos).

Wenefledo de Toledo admite a existência da polaridade em seu livro. Lamentavelmente, entretanto, não explica como ela se dá nos passes, nem como se combinam ou agem os fluidos, quando levada em consideração. Infelizmente o assunto surge de forma "quase" inesperada e sem as explicações necessárias para um melhor julgamento. A analogia do ímã surge como uma justificativa mas, apesar de boa como analogia, não podemos usá-la, além dos limites da comparação, pois, a realidade mineral difere estrutural e psicologicamente da encontrada no Espírito encarnado.

O russo Saiunav, a quem recorreremos tantas vezes, nos diz: "Num dos livros antigos que tratam da cura pelo magnetismo encontrei a afirmação de que a polaridade e, com ela, as próprias sensações mudam no decorrer de vinte e quatro horas, dependendo, inclusive, da posição da lua. Nunca percebi essas influências na minha prática, sem contar casos particulares, quando me era necessário fazer ligações com o mesmo doente em diferentes horários do dia e da noite. Assim

¹⁹¹ GORDON, Richard. In "A Cura pelas Mãos".

¹⁹² Detalhes na obra referida, em suas páginas 102 a 107.

¹⁹³ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 10, p. 86.

mesmo, só registrei a diminuição ou o aumento da sensibilidade do enfermo quanto à aceitação da energia transmitida¹⁹⁴.

Já o senhor Paul-Clément Jagot afirma que "(...) Esta polaridade não se manifesta em todos com a mesma precisão. Só é claramente observável em certos sensitivos e alguns magnetizadores"¹⁹⁵. Vale perguntar: o que podemos assimilar dessa conclusão? Se ela não se manifesta em todos e se os que não têm polaridade manifesta obtêm resultados assim mesmo, significa que seu registro, se houver não é tão importante assim.

Como já dissemos, a polaridade foi percebida por vários magnetizadores, mas, apesar do minudenciamento de algumas verificações, a única conclusão universal sobre o assunto foi no tocante às cores anunciadas por Albert De Rochas. Fora disso, cada qual chegou às suas evidências particulares, nem sempre concordantes umas com as outras; haja vista a solução dada aos canhotos, aos manetas, às mulheres, aos ciclos de mudança de polaridade, etc.

Ademais, Antônio J. Freire estudou a polaridade segundo os ensinamentos do Rosacruzianismo¹⁹⁶, confirmando, destarte, o caráter de "teoria importada" que essa consideração traz em seu bojo.

O senhor José Lhomme, por sua vez, disse que "(...) Devemos confessar que todos os magnetizadores não admitem a polaridade humana sob o pretexto de que o pensamento dá ao fluido os elementos de calma ou de excitação que eles desejam obter"¹⁹⁷ (grifos originais). Ou seja: o que importa é a mente e não necessariamente o lado, o pólo...

Do "Extrato do Relatório de Jussieu Sobre o Magnetismo Animal"¹⁹⁸, temos que "A doutrina do magnetismo admite, nos corpos animados, pólos diretos, que não devem exercer ação um sobre o outro, e pólos opostos, cuja ação recíproca é mais constante." E acresce, peremptório: "Nem sempre reconheci esta correspondência."

Concluindo, não encontramos nenhuma referência de Kardec sobre o assunto, nem pró, nem contra. Agradeceríamos a quem encontrar nos informar. Para nós, pelos muitos desencontros e controvérsias gerados pelo assunto, inclusive tendo sido essa pretensa capacidade uma das que fizeram surgir a idéia das "correntes de mãos", não somos favoráveis ao seu uso como recurso fluido-terápico.

9.5 - Os Talismãs

Neste item vamos nos limitar a Kardec:

¹⁹⁴ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 84.

¹⁹⁵ JAGOT, Paul-Clément. Experimentação. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", cap. 4, item 2, Ações gerais e ações polares, p. 26.

¹⁹⁶ FREIRE, Antônio J. Do corpo vital ou duplo etérico. In "Da Alma Humana", cap. 3, notadamente na página 61.

¹⁹⁷ LHOMME, José. A gradação das faculdades curadoras. In "O Livro do Médium Curador", cap. 4, item Ação do pensamento sobre o fluido humano, p. 48.

¹⁹⁸ ROCHAS, Albert De. Notas. In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 150.

"Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor do concurso dos Espíritos?"

"(...) Todas as fórmulas são mera charlatanearia. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais"¹⁹⁹. E continua mais adiante: "Ora, muito raramente aquele que seja bastante simplório para acreditar na virtude de um talismã deixará de colimar um fim mais material do que moral. Qualquer, porém, que seja o caso, essa crença denuncia uma inferioridade e uma fraqueza de idéias que favorecem a ação dos Espíritos imperfeitos e escarninhos"²⁰⁰.

Em "O Livro dos Médiuns" ele pergunta:

"Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos conforme pretendem alguns?"

"Esta pergunta era escusada, porquanto bem sabes que a matéria nenhuma ação exerce sobre os Espíritos. Fica bem certo de que nunca um bom Espírito aconselhará semelhantes absurdidades. A virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, jamais existiu, senão, na imaginação das pessoas crédulas"²⁰¹.

Agora as conclusões do Sr. Allan Kardec:

"Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento e não por objetos materiais (...). Em todos os tempos os Espíritos superiores condenaram o emprego de signos e de formas cabalísticas; e todo Espírito que lhes atribui uma virtude ou que pretende dar talismãs que denotam magia, por aí revela a própria inferioridade, quer quando age de boa-fé e por ignorância, (...) quer quando conscientemente (...). Os sinais cabalísticos, quando não são mera fantasia, são símbolos que lembram crenças supersticiosas na virtude de certas coisas, como os números, os planetas e sua correspondência com os metais, crenças nascidas no tempo da ignorância e que repousam sobre erros manifestos, aos quais a ciência fez justiça, mostrando o que há sobre os pretensos sete planetas, os sete metais, etc. A forma mística e ininteligível de tais emblemas tem o objetivo de os impor ao vulgo (...), aquilo que não compreende.

"(...) Regra geral: Para os Espíritos superiores a forma nada é; o pensamento é tudo; todo Espírito que liga mais importância à forma que ao fundo é inferior, não merece nenhuma confiança, mesmo quando, vez por outra, diz alguma coisa boa; porque as boas coisas são por vezes um meio de sedução"²⁰².

¹⁹⁹ KARDEC, Allan. Da intervenção dos Espíritos. In "O Livro dos Espíritos", 2: Parte, cap. 9, questão 553.

²⁰⁰ KARDEC, Allan. Da intervenção dos Espíritos. In "O Livro dos Espíritos", 2: Parte, cap. 9, questão 554.

²⁰¹ KARDEC, Allan. Das evocações. In "O Livro dos Espíritos", cap. 25, item 282, Questões sobre as evocações, questão 17a.

²⁰² Os talismãs – medalha cabalística. In "Revista Espírita", set. 1858, pp. 268 e 269.

9.6 — Fixação do Número de Vezes

Eis outra questão delicada; delicada porque alguns ensinam que determinados tipos ou técnicas de passe devem ser feitos "tantas" vezes, seguidos de "tal" ou "qual" procedimento, de forma rigorosa e invariável. Pelo já estudado, possuímos material suficiente para dizermos que o passe não pode nem deve ser tratado por bitolas que tais.

Se, didaticamente, vamos instruir um neófito ao qual pretendamos fornecer parâmetros para assimilação de técnicas e referenciais próprios posteriores, podemos iniciar nossas explicações com a indicação de determinados números de vezes para certos procedimentos, fundados tais números numa observação, diríamos, estatística média do comprovado no exercício dos que já têm prática. Isto nos enseja que tal procedimento é aconselhável, mas, apenas a nível de orientação didática, de balizamento. Afinal, somos Espíritos cuidando de Espíritos, seres altamente mutáveis e instáveis permutando vibrações entre si sob padrões infinitamente variáveis, buscando um equilíbrio nem sempre alcançado de forma ou por métodos uniformes. Como bem sugeriu Michaelus, atenhamo-nos aos princípios para, com o uso do discernimento e a ferramenta do bom senso, alcançarmos regras equilibradas e coerentes, e não bitolas fixas e descaracterizada do conhecimento, da realidade e da pureza requeridos.

10. A ÁGUA FLUIDIFICADA

Com este item encerraremos este capítulo; afinal, nada como encerrar atividade com "água fluidificada", não é verdade?

Brincadeiras à parte, a água fluidificada é um dos mais notáveis coadjuvantes dos tratamentos fluidoterápicos pois, ao contrário dos tratamentos por magnetizadores comuns, os passes recebidos na Casa Espírita nem sempre são diários ou intercalados por um máximo de um, dois dias; o mais comum é um ou dois passes por semana. Como a fluidificação do paciente por ocasião do passe está sujeita a sofrer perdas devido ao seu comportamento psíquico (moral) e, até, orgânico, a absorção de fluidos restauradores, de forma complementar, pela água fluidificada, equilibra e sustenta o quadro fluídico renovado do paciente (em tese) até sua próxima sessão de passe. Além disso, importa muitas vezes ao organismo a ingestão direta dos fluidos pelas vias orgânicas internas, e, para isso, a água é não apenas formidável mas, diríamos, incomparável.

Há de se perguntar: "E por que não acontece a diminuição da carga fluídica com a água?" E porque, além do que nos diz H. Durville em seu "Tratado Experimental de Magnetismo" — "A água e os líquidos em geral a conservam (a magnetização) durante longo tempo, anos mesmo, sem que as propriedades comunicadas estejam sensivelmente diminuídas (...)"²⁰³ — ali o fluido atua no que chamaríamos "psimolécula" da água, campo onde não atuam outros campos organofluídicos, já que, por ser a água um composto inorgânico, é destituído de manifestações vitais e psíquicas próprias, propiciando, assim, uma estabilidade molecular por influência do que chamaríamos "campo psimolecular" — surgido pelo fenômeno da magnetização —, o qual só será alterado por outra

²⁰³ LHOMME, José. A ação magnética. In "O Livro do Médiun Curador", cap. 5, item Duração da ação magnética dos magnetóforos, p. 66.

influência psíquica externa, quer por nova magnetização, quer pela dissociação de suas cargas energéticas, quando consumidas.

Isto solicita uma explicação adicional. Partamos da realidade universalmente observada de que a água favorece à vida. Por aí, verificamos que a água, mesmo sendo inorgânica em si mesma, é a patrocinadora de uma função eminentemente "vitalista", com toda a força que o termo representa. Figuremos um exemplo: uma semente que, sabemos, segrega em si mesma a vida de forma latente, geralmente só exterioriza e consubstancia a vida da planta que se lhe seguirá ante a indispensável presença da água. Este exemplo, por ser quase universal, ratifica que é esta o veículo primacial da vida, mesmo sendo inorgânica. E onde queremos chegar com isso? Simples. Tudo nos leva a crer que entre as "psimoléculas" da água existem componentes que se não são orgânicos (ou ainda não o são assim catalogados pela Química humana), contendo em suas intimidades verdadeiros vórtices de vitalidade que favorecem a interligação desses dois princípios aparentemente díspares: o inorgânico e o orgânico. Mesmo considerando que este ponto é uma hipótese de trabalho, não podemos desconsiderá-lo em face das evidências de que se reveste. Inclusive, por esse caminho podemos explicar, com boa lógica, o porquê da água ser universalmente recomendada à magnetização, enquanto o mesmo não se dá em relação a outras substâncias inorgânicas ou objetos.

Como bem conclui o Dr. Bezerra de Menezes, "A água, em face da constituição molecular, é elemento que absorve e conduz a bioenergia que lhe é ministrada. Quando magnetizada e ingerida, produz efeitos orgânicos compatíveis com o fluido de que se faz portadora"²⁰⁴. Estas palavras do Dr. Bezerra são de uma profunda complementaridade à hipótese apresentada.

Fazendo coro, diz George W. Meek: "A água é extremamente sensível a muitas irradiações"²⁰⁵, enquanto Michaelus considera que "De todos os corpos da Natureza, a água é o que mais completamente recebe o fluido magnético, e o recebe de maneira a chegar facilmente ao estado de saturação"²⁰⁶. E continua mais adiante:

"A água por si mesma já é um elemento primordial à vida. Sob a ação da nossa vontade e da nossa fé podemos impregná-la de um fluido sutil, enchendo-lhe "os interstícios" até a saturação.

"Por isso, como acessório de qualquer tratamento, os magnetizadores empregam a água magnetizada com resultados surpreendentes. Assim, não se deve, na terapêutica magnética, olvidar esse poderoso agente todo o tempo do tratamento de uma doença.

"(...) A água magnetizada tem a vantagem de não fazer mal e de ser ingerida facilmente pelos doentes.

"(...) A água ingerida, desde o primeiro dia de magnetização, principalmente nas moléstias agudas, de um modo ou de outro, sempre produz bons resulta dos"²⁰⁷ (grifamos).

Sigamos com Michaelus:

²⁰⁴ FRANCO, Divaldo Pereira. As consultas. In "Loucura e Obsessão", cap. 3, p. 40.

²⁰⁵ MEEK, George W. In "As Curas Paranormais", cap. 5, item 19, tópico 4, p. 238.

²⁰⁶ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 15, p. 136.

²⁰⁷ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 15, p. 140.

"Os efeitos produzidos pela água magnetizada são múltiplos, às vezes mesmo até absolutamente opostos; alternativamente tônica ou laxativa, a água magnetizada fecha ou abre as vias de eliminação, segundo as necessidades do organismo, pois toda magnetização, direta ou indireta, tem por fim o equilíbrio das correntes e, conseqüentemente, o das funções (...)

"(...) Tomada em jejum e nas refeições, habitualmente, restabelece o equilíbrio das funções, fazendo assim desaparecer as prisões de ventre. (...) a purgação pela água não abala e nem deprime; ao contrário, sente-se o doente animado e revigorado.

"(...) Além dos efeitos apontados, a água magnetizada favorece a transpiração e a circulação do sangue". E conclui:

"Os espíritas têm em grande apreço a água fluidificada, que mais não é senão a água que recebe os eflúvios magnéticos dos planos espirituais através das nossas rogativas fervorosas e sinceras"²⁰⁸.

10.1 — A Técnica da Fluidificação

Dispensadas as opiniões dos magnetizadores, especialmente os clássicos, para fluidificarmos a água teremos de levar em consideração — como em qualquer caso de fluidificação — a origem do fluido: se espiritual, os próprios Espíritos fluidificarão nossa água, quer atendendo nossas orações, quer durante as reuniões de evangelização; quer nos vasilhames para esse fim destinados nas reuniões de "Evangelho no Lar", quer à cabeceira de nossas camas quando estamos em atendimento a distância. No caso, nossa participação se dá pela fé perseverante que possuímos, pela vontade tal como já definida, e pela oração sincera; se humano ou misto, teremos necessidade, como médiuns, de nos recolhermos através da oração e, impondo as mãos (indiferente se uma ou as duas) sobre o(s) recipiente(s) que contem(êm) a água, deixarmos fluir nossas energias, nossos fluidos magnéticos, direcionando-os por nossa vontade mas sujeitando-as, pela prece, à Vontade Maior.

Quanto à questão dos vasilhames estarem abertos ou fechados, não faz a menor diferença pois nenhuma matéria, até onde todas as pesquisas científicas e espíritas já chegaram, é capaz de deter ou opor obstáculos à transmissão fluidica; prova-o os atendimentos a distância. A recomendação de se conservar os vasilhames abertos deve-se à ausência de raciocínio ou a um conservadorismo imaturo. Por isso mesmo, pensemos com tranqüilidade antes de sugerirmos deixá-los abertos pois muitas vezes, a depender do local físico em que fiquem os recipientes, melhor seria recomendar ficassem os mesmos bem fechados a fim de evitar contaminação por pó, insetos, etc.

Um outro detalhe diz respeito ao material do vasilhame. Nada, neste sentido, importa à fluidificação. Os recipientes podem ser de vidro, plástico, alumínio, cobre, latão, escuros, claros, opacos, transparentes... Deve-se cuidar, todavia, para que os mesmos estejam limpos e isentos de impurezas que possam vir a contaminar a água.

²⁰⁸ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 15, pp. 143 a 145.

10.2 — A Temperatura da Água

Outra situação interessante é que muito se fala quanto à temperatura da água: fria, morna, quente ou gelada? E, via de regra, querendo se justificar esta ou aquela opinião, apresenta-se explicações bisonhas e, na maioria das vezes, infundadas.

Vejamos uma explicação de Gabriel Delanne sobre os fluidos perispirituais a fim de compormos um raciocínio: "(...) Os Espíritos têm um corpo fluídico, que nenhuma das formas de energia pode influenciar. Nem os frios intensos dos espaços interplanetários, que chegam a 273 graus abaixo de zero, nem a temperatura de muitos milhares de graus dos sóis qualquer influência exercer sobre a matéria perispirítica. É que esse invólucro da alma procede do fluido cósmico universal (...)"²⁰⁹.

Que conclusões podemos tirar da afirmativa de Delanne? Reconhecemos que os fluidos magnéticos não são exclusivamente perispirituais mas sabemos que se lhes assemelham; por provirem da mesma fonte cósmica e funcionarem numa mesma direção, têm comportamento semelhante. Por este raciocínio podemos concluir que as diferenças de temperatura não devem influir substancialmente no comportamento fluídico da água. Ademais, lembrando a influência fluídica nas psimoléculas da água, a qual não se submete às nossas condições físico-químicas conforme o demonstra o magnetismo através do comportamento dos fluidos de uma forma geral, fácil concluir que a água magnetizada não pode estar tão sujeita a tais fatores. Em face dessa evidência, sugerimos arquivem-se as informações em contrário pois, racionalmente, se assim não ocorresse, os povos de cidades muito quentes ou muito frias estariam em sérias dificuldades para serem atendidos pela magnetização, o que, convenhamos, seria uma discriminação muito grande da parte do Grande Doador.

A síntese do Espírito Emmanuel nos fala claro:

"Se desejas, portanto, o concurso dos Amigos Espirituais, na solução de tuas necessidades fisiopsíquicas ou nos problemas de saúde e equilíbrio dos companheiros, coloca o teu recipiente de água cristalina à frente de tuas orações e espera e confia. O orvalho do Plano Divino magnetizará o líquido, com raios de amor, em forma de bênçãos (...)"²¹⁰.

Das palavras emmanuelinas depreendemos que ele ali se refere à fluidificação espiritual. Quanto à forma da água, afirma que ela apenas deve ser "cristalina" ou seja, potável e límpida, sem abordar questões que envolvam condições de temperatura e pressão.

10.3 — A Fluidificação Específica ou Geral

Perguntou Chico Xavier a Emmanuel:

"No tratamento ministrado pelos Espíritos amigos, a água fluidificada, para um doente, terá o mesmo efeito em outro enfermo?"

²⁰⁹ DELANNE, Gabriel. O mundo espiritual e os fluidos. In "A Alma é Imortal", cap. 3, item Estudo sobre os fluidos, p. 241.

²¹⁰ XAVIER, Francisco Cândido. A água fluida. In "Segue-me", p. 132.

R — "A água pode ser fluidificada, de modo geral, em benefício de todos; todavia, pode sê-lo em caráter particular para determinado enfermo, e, neste caso, é conveniente que o uso seja pessoal e exclusivo"²¹¹.

Poderíamos, então, perguntar: e como se dá com a água quando tratada por uma magnetização geral e não específica para cada paciente? Temos uma hipótese muito simples. Já vimos que o passe, bem como as fluidificações por magnetismo em geral, não são nocivas nem oferecem efeitos colaterais, em nenhum caso, abstração feita às congestões fluídicas. Por extensão, o mesmo se dá com a água fluidificada. Então, se os Espíritos que orientam e manipulam os fluidos dessas fluidificações sabem que a água é para uso geral e não individual, põem ali vários tipos de combinações fluídicas ou propiciam campo a várias delas, prevendo o atendimento de várias necessidades, pois seus "relativos excedentes" fluídicos não serão nem absorvidos nem provocarão desarranjos nos que os ingerirem sem deles precisarem já que a assimilação fluídica, em termos "físicos", se dá por afinidade, ou seja, o órgão, a molécula deficiente, atrairá o correspondente fluídico que lhe restituirá a normalidade.

Recorramos a um exemplo: joguemos limalhas de ferro misturadas com limalhas de alumínio e passemos um ímã sobre elas; o que acontecerá? O ímã apenas atrairá as partículas de ferro e desprezará as demais, pois não há "afinidade" magnética entre o ímã e o alumínio. Tal se verifica com os fluidos não afins às nossas necessidades quando os ingerimos; como a parte fluídica excedente não encontra campo para "combinação", ela fica inócua no organismo, pelo que não produz os malfadados efeitos colaterais.

Quanto à fluidificação específica, ela é possível e utilizável para atendimentos igualmente específicos. Quando tal se dá, o agente fluidificador dará informações neste sentido a fim de que o paciente a quem foi dirigida a fluidificação, e só ele, a absorva. Não que haja prejuízo fluídico a outra pessoa que venha a ingerir aquela água magnetizada, mas simplesmente não lhe fará efeito posto que lhe será inócua; o prejuízo maior será a falta que fará ao paciente. Tomemos, agora, as elucidações do Espírito Áulus:

"(...) A água potável destina-se a ser fluidificada. O líquido simples receberá recursos magnéticos de subido valor para o equilíbrio psicofísico dos circunstantes.

"(...) Daí a instantes, de sua destra espalmada sobre o jarro, partículas riosas eram projetadas sobre o líquido cristalino que as absorvia de maneira total.

"— Por intermédio da água fluidificada — continuou Áulus —, precioso esforço de medicação pode ser levado a efeito. Há lesões e deficiências no veículo espiritual a se estamparem no corpo físico, que somente a intervenção magnética consegue aliviar, até que os interessados se disponham à própria cura.

"(—) Clementino, findo o preparo da água medicamentosa, consagrou-lhes (aos médiuns) maior carinho, aplicando-lhes passes na região frontal"²¹². Comentemos essas palavras:

²¹¹ XAVIER, Francisco Cândido, pp. 69 e 70. A água fluida. In "O Consolador", questão 103, pp. 69 e 70.

²¹² XAVIER, Francisco Cândido. Clarividência e clariaudiência. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 12, pp. 107 e 108.

- 1 — "O líquido simples", a água portanto, deve ser "potável", "cristalina". O Espírito não recomenda nada no sentido de fria, quente, gelada ou morna já que a temperatura nada importa.
- 2 — Se bem o exemplo trate de fluidificação espiritual, observemos que o Espírito "opera" os fluidos através de imposição de mãos", tal como recomendamos aos médiuns fazerem.
- 3 — A ação da água fluidificada é efetiva, mas, é preciso que "os interessada se disponham à própria cura", ou seja, não devemos deixar de orientar nossos pacientes sobre seus próprios cuidados. Analogicamente falando, se a água propicia o surgimento da vida da planta, a semente será nosso merecimento, revestido por nossa vontade e acolitado por nossa fé.
- 4 — Por fim, o mesmo Espírito que magnetizou a água foi o que aplicou os passes; isto desmistifica e esclarece, de uma vez por todas, aquela situação de que devam existir médiuns "especializados" para cada tarefa no terreno da fluidificação. E equivocado se pense, como já comentamos anteriormente, que os passistas devam ter funções específicas nos tratamentos (ou só dispersam ou só aplicam, ou só magnetizam a água) pois, na realidade, o serviço é um só e o Senhor é o mesmo, sempre!

Para encerrar, busquemos o Codificador; nos diz ele que na mudança das propriedades da água, por obra da vontade, "O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que (...) é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida"²¹³.

Aí encontramos Allan Kardec fazendo referência à fluidificação da água pelo magnetismo animal, confirmando, assim, suas propriedades e ratificando seu uso na prática espírita quando a assemelha ao tratamento magnético. É o Codificador nos instruindo clara e diretamente sobre a fluidoterapia pela água, assim colocando em quarentena os argumentos que precipitadamente infirmam seja a água fluidificada um desvio sincrético, uma prática estranha.

*

Esperamos que o estudo e as descrições das técnicas tenham sido suficientes para instruírem, orientarem e ajudarem na compreensão dos vários fatores que têm induzido os homens a optarem ora pelas simples imposições de mãos, ora pelas técnicas mais rebuscadas — e com as devidas adaptações — do magnetismo, ou ainda pelas padronizações.

Importa-nos, todavia, que fique ressaltado o valor da análise, do estudo, da pesquisa séria e isenta de atavismos, deixando-se de lado qualquer interpretação que direcione o leitor à disputa, ao embate mesquinho. Sabemos que estamos ousando quando abrimos comentários sobre assuntos que sempre foram analisados "na surdina"; mas, só o fazemos no intuito de alertar o leitor para outras formas de raciocinar sobre questões tão corriqueiras, mas, nem sempre bem interpretadas ou ensinadas. Não somos professores nem nos advogamos com tal cabedal, mas, com modéstia, não

²¹³ KARDEC, Allan. Do laboratório do mundo invisível. In "O Livro dos Médiuns", cap. 8. item 131.

tememos a responsabilidade de considerar pontos, que, por terem sido catalogados como "delicados", vão ficando ao "deus dará" do tempo. Como diz o refrão da música popular:

"Tá doido moço não faça isso não...

"(...) Vou embora, vou sem medo, nessa escuridão

"Quem anda com Deus não tem medo de assombração

"Eu ando com Jesus-Cristo no meu coração!"²¹⁴.

E assim vamos caminhando, em busca de dias melhores para todos nós. Isto esperamos, mas, para que aconteça, procuremos dar a nossa parcela de trabalho, de forma consciente, responsável e, sobretudo, cristã.

²¹⁴ "Menino de Jaçanã". Música de Luiz Vieira.

CAPÍTULO IX

A CURA

"O acaso não opera prodígios. Qualquer realização há que planejar, atacar, pôr a termo. Para que o homem físico se converta em homem espiritual, o milagre exige muita colaboração de nossa parte."²¹⁵ (Calderaro, Espírito.)

Nenhuma idéia é tão fortemente associada às chamadas "curas psíquicas" quanto a do milagre, do maravilhoso, do sobrenatural. Mas, a vida com seu manancial de lições e corrigendas, nos tem facultado oportunidades e evidências de que aquilo — teologismo de derrogação das Leis Naturais —, nada mais é do que estreiteza de conhecimento, raciocínio e percepção de nossa parte. Assim como "ontem", vimos nos raios e trovões, a representação da ira divina e, só muito depois, pudemos entendê-los como fenômenos naturais, "hoje", ainda não entendemos — ora por não ser acessível ao sentido, ora por nos acomodarmos à não pesquisa e ao não estudo — como certas curas se dão, sem ingestão de medicamentos, sem intervenções materiais, quando, muitas vezes os tratamentos convencionais já foram recorridos e não apresentaram solução sequer satisfatória. Dessa forma passamos a catalogá-las como "milagres", naquele sentido usual. Entretanto, o "amanhã" virá, apresentando-nos a naturalidade do fenômeno e sua função de bemestar superior; e esse "amanhã", pode ser aqui, já; basta estudemos, assimilemos, aprendamos e pratiquemos.

Milagre, como teologismo, não existe. Deus não demonstraria inteligência fazendo uma Lei para depois derogá-la e, com isso, provar (para quem?) que tem superpoderes. Não seria Ele mais sábio, fazendo uma Lei tão perfeita que jamais precisasse ser derogada? Analogicamente, que mérito teria um relojoeiro que fizesse um relógio com a premente intenção de fazê-lo funcionar atrasado no intuito único de apresentar-se como inteligente, já que saberia e poderia acertá-lo? Não seria mais inteligente, e proveitoso, se ele fizesse que seu relógio funcionasse sempre em ponto e que não precisasse mais de sua intervenção para corrigi-lo?

Felizmente, Deus é tão inteligente (Ele é a "Inteligência Suprema, a Causa Primária de todas as coisas", já nos disseram os Espíritos Superiores²¹⁶ que não precisa nem precisará se preocuparem em nos provar sua sabedoria; a própria Natureza no-la demonstra. "Não sendo necessário os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derogá-las"²¹⁷ (Allan Kardec) (grifos originais).

Allan Kardec, nos capítulos iniciais de "O Livro dos Médiuns" (toda primeira parte), faz um primoroso estudo sobre o maravilhoso e o sobrenatural, observando seus métodos e sistemas, e segue em "A Gênese", no capítulo XIII, analisando, discutindo e explicando tudo quanto importa sobre o "milagre", culminando no capítulo XV da mesma obra, com uma minuciosa e rica investigação sobre o que ele chamou de "Os Milagres do Evangelho". Com base nesses estudos,

²¹⁵ XAVIER, Francisco Cândido. Entre dois planos. In "No Mundo Maior", cap. 1. pp. 19 e 20.

²¹⁶ KARDEC, Allan. In "O Livro dos Espíritos", cap. 1, 1ª questão.

²¹⁷ KARDEC, Allan. Os milagres segundo o Espiritismo. In "A Gênese", cap. 13, item 15.

quaisquer de nós temos condições de entender que a cura através do passe espírita não é milagrosa, nem maravilhosa ou sobrenatural; trata-se, apenas, da confirmação da lei dos fluidos, consoante a Suprema Vontade que, em Sua bondade infinita, nos permite miscigenemos a nossa pequena e ainda vacilante vontade à Sua, para, sem nenhuma quebra da Lei Maior, atendermo-nos sob critérios de mútua afinidade, solidariedade, compreensão e renúncia, sustentando-nos e apoiando-nos uns aos outros, encarnados e desencarnados.

Para alcançarmos uma cura integral — material, perispiritual, moral e espiritual —, nos adverte o Espírito Euzébio: "Não bastará, em nossas realizações, a crença que espera; indispensável é o amor que confia e atende, transforma e eleva, como vaso legítimo da Sabedoria Divina.

"Sejamos instrumentos do bem, acima de expectantes da graça. A tarefa demanda coragem e suprema devoção a Deus."

E prossegue adiante: "Não busqueis o maravilhoso: a sede do milagre pode viciar-vos e perder-vos.

"Vinculai-vos, pela oração e pelo trabalho construtivo, aos planos superiores, a estes vos proporcionarão contato com os Armazéns Divinos, que suprem a cada um de nós segundo a justa necessidade.

"(...) Não galgueis os obstáculos, nem tenteis contorná-los pela fuga deliberada: vancei-os, utilizando a vontade e a perseverança, ensejando crescimento aos vossos próprios valores.

"(...) Impossível o título de anjos, sem serdes, antes, criaturas ponderadas.

"(...) Abandonai a ilusão, antes que a ilusão vos abandone"²¹⁸.

1. ESTUDANDO A CURA

O que é uma doença? Seria a doença um mal de fato? A curadora norte-americana Barbara Ann Brennan nos apresenta um raciocínio do seu "Espírito Guia" muito interessante: "Toda doença é uma mensagem direta dirigida a você, que lhe diz que você não tem amado quem você é, nem se tratado com carinho a fim de ser quem você é. ESSA É A BASE DE TODO O TRATAMENTO"²¹⁹. (Maiúsculas originais.) De fato, todas as vezes que nosso corpo apresenta alguma "mazela", isto deve ser tomado como um sinal de que alguma coisa não está bem. E, de uma forma ou de outra, isso é patrocinado, gerado ou acalentado por nós mesmos, pelo que devemos observar as doenças como sinais de alerta e não como um mal em si, pois, se sabemos que algo está desequilibrado e não nos sentimos bem com isso, devemos procurar o reequilíbrio e não ficarmos a maldizer o veículo sinalizador.

De uma maneira primorosa, o Codificador Kardec nos situa: "A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo está, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto

²¹⁸ XAVIER, Francisco Cândido. A preleção de Euzébio. In "No Mundo Maior", cap. 2, pp. 33 a 35.

²¹⁹ BRENNAN, Barbara Ann. Saúde, um desafio para você ser você mesmo. In "Mãos de Luz", cap. 26, item Meditação de Heyoan sobre a autocura, subitem 3, p. 355.

maior for, mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, seja homem ou Espírito.

"(...) O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais"²²⁰. (Grifos originais.)

Essa explicação, por simples, guarda, com profundidade, todos os quadrantes da questão fluidoterápica. Ao tempo em que sintetiza o *modus operandi*, estabelece as condições *sine qua non* ao bom desempenho do passe, além de definir sem rodeios, o princípio básico sobre o qual repousam o magnetismo e o passe.

O médico Antônio J. Freire nos indica, por sua ótica, o processo da substituição das "moléculas malsãs pelas sãs": "O corpo vital está em íntima relação fisiológica e patológica com o corpo físico. Todas as doenças produzem repercussão no corpo vital; as perturbações na aura da saúde são comprobativas.

"É no corpo vital — detentor, transformador e emissor da vitalidade solar — que existe o laboratório produtor do biomagnetismo, cujo poder curativo dos seus eflúvios para grande número de doenças é, por vezes, extraordinário, tomando a aparência de milagre.

"(...) As aplicações magnéticas são, em última análise, uma transfusão de vida, elaborada pelo corpo vital, duplo etérico ou corpo bódico"²²¹. (Grifos originais.)

Mesmo tendo o autor deixado de lado, em sua análise, a influência espiritual, percebemos a atuação do perispírito nessa "mão de duas vias", patrocinando a "transfusão de vida", o que ratifica as palavras de Kardec.

Se na situação acima foi desconsiderada a parte espiritual, observemos agora um tratamento bem específico, um caso de autismo, quando o paciente, encarnado, receberá toda uma terapia fluídica e espiritual por ocasião do desdobramento da personalidade nos momentos do sono. Assim instrui o Dr. Bezerra de Menezes:

"Ser-lhe-ão aplicados recursos especiais no perispírito, na área do centro cerebral, despertando-lhe as potencialidades ainda bloqueadas, para que se destravem os controles da memória, da razão, prosseguindo, no centro motor, de modo a reordenar os movimentos, reestruturando os equipamentos nervosos, que serão melhormente utilizados em favor da sua própria reabilitação.

"(...) A medida que a consciência libere energias positivas, regular-se-ão os ritmos da onda mental responsável pela ação coordenada entre a afetividade e a segurança interior, canalizando as forças psíquicas para o restabelecimento relativo da saúde"²²². (Grifos originais.)

Recordemos, complementando tudo isso, a palavra esclarecedora do Espírito André Luiz:

"Reconhecendo-se a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do

²²⁰ KARDEC, Allan. Os fluidos. In "A Gênese", cap. 14, itens 31 e 32, Curas.

²²¹ FREIRE, Antônio J. Do corpo vital ou duplo etérico. In "Da Alma Humana", cap. 3, p. 55.

²²² FRANCO, Divaldo Pereira. O despertar de Aderson. In "Loucura e Obsessão", cap. 18, p. 237.

Estado Orgânico — particularmente as sangüíneas e as histiocitárias —, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda.

"Toda queda moral nos seres responsáveis opera certa lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito, a refletir-se em desarmonia no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento.

"A dor, portanto, dessa ou daquela forma, é sempre uma situação de alarma ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura"²²³.

Encontramos, assim, lúcidas explicações sobre o efeito físico do fluido no organismo e como se processa o que Kardec chamou de substituição de moléculas. Por outro lado, André Luiz considera as diretas implicações do comportamento moral do homem na gênese de certas lesões não só psíquicas, mas, igualmente físicas, apresentando, a seguir, o lado positivo da dor: sinalizador da necessidade de "reparos" na "carruagem" orgânica. E essa carruagem funcionará, não esqueçamos, sob os auspícios da mente, como deixou claro o Dr. Bezerra acima.

Desse ponto, voltemos a Kardec e a sua visão "molecular", a fim de percebermos que não há divergência de explicação, mas, tão-só uma questão de terminologia. Agora, ele edita uma mensagem psicografada do Espírito E. Quinemam, sem aditar comentários:

"O fluido transmissor da saúde no magnetismo é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, e que poderia comparar-se ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem trazer a cura nos órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, em consequência de sua composição molecular, esse fluido pode transmitir tão bem uma influência espiritual, quanto uma influência puramente animal"²²⁴. (Grifamos.)

Num outro momento, e ainda considerando sua teoria de substituição molecular, Kardec faz uma ressalva importantíssima: "Na cura das moléstias desta natureza (doenças puramente orgânicas), pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias." E acrescenta adiante, enfocando outro aspecto da questão:

"Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado crônico, não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido, que as desagrega, por assim dizer, e perturba a sua economia.

"(...) Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos, dos quais é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o

²²³ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Passe magnético. In "Evolução em Dois Mundos", 2ª Parte, 15, pp. 202 e 203.

²²⁴ O magnetismo e o Espiritismo comparados. In "Revista Espírita", jun. 1867, p. 191.

equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso"²²⁵. (Lembra o leitor da importância do dispersivo comentada no capítulo anterior? E de nossa colocação sobre o "amanhã" já ser nosso "hoje", feita há pouco?)

Examinemos agora uma teoria que foi apresentada ao Sr. Harold Sherman, sobre os tão famosos e surpreendentes feitos do médium filipino Tony Agpaoa que "abria as carnes" dos pacientes, sem qualquer instrumento cortante ou cirúrgico nas mãos, e depois fazia a religação das mesmas, num processo de cicatrização rapidíssimo e sem conseqüências maiores ao organismo. Eis a síntese da teoria que lhe foi apresentada por um médico: "Sr. Sherman, não estou preparado, neste momento, para comunicar isto ao mundo científico como um fato real, mas pode interessar-lhe saber que no meu laboratório, por meio de instrumentação eletromagnética desenvolvida, eu estive separando e reunindo estruturas celulares vegetais e estruturas celulares de ratos e camundongos."

"Para mim (comenta Sherman), aquela era uma declaração assombrosa, mas sua lógica tornou-se mais aparente depois que ele me explicou: "Não há dúvida alguma que a ciência um dia há de separar e reunir estruturas celulares ou tecidos por meios eletromagnéticos. É a mesma energia magnética coesiva que mantém unidas as células de nossos organismos. E se Tony e outros curadores estiverem realmente executando esse fenômeno, terão de absorver, converter ; usar essa mesma energia eletromagnética do campo da energia terrestre. Se estiverem fazendo isso, não estarão cortando os tecidos celulares; estão simplesmente separando-os por uma forma de unipolarização, e a simples separação não prejudica as células como o faz a faca do cirurgião, de modo que as células não têm de se restaurar antes de serem curadas. Uma vez liberado o tecido celular separado, que foi partido e está num estado unipolar, as polaridades magnéticas opostas rapidamente o juntam de novo, e as duas partes se fundem e aparecem exatamente como eram antes!

"Isso apresenta um vasto campo para conjeturas, pois se é possível separar e reunir estruturas celulares in vitro no laboratório, então parece lógico que isso possa ser feito in vivo, como Tony e outros curadores parecem fazer"²²⁶. (Grifos originais.)

É, sem dúvida, uma hipótese verdadeiramente provocadora, instigante, sensata, racional. Mas, ainda que não comprovada (até onde sabemos), tem uma lógica primorosa, mormente se considerarmos a ação espiritual que, no caso, não foi aventada. Para sentirmos sua lógica, basta comparemo-la às explicações dos chamados "fenômenos de transporte", tão bem estudados por Kardec e minuciosamente monografados pelo eminente Ernesto Bozzano. Fato é que a "Natureza" nos reserva surpresas e "mistérios" para muitos milhares... de reencarnações.

Voltando à teoria sobre as operações do médium Tony, encontramos uma linha de pesquisas que, bem perseguida, nos levará a grandes descobertas no campo dos fluidos. Já iniciada mas, lamentavelmente, distorcida, a kirliangrafia pode render muito: "Os trabalhos preliminares com a fotografia kirliana até agora parecem indicar que a cura psíquica envolve uma transferência de energia do corpo bioplasmático do curador para o corpo bioplasmático do paciente. As mudanças ocorridas nesse nível finalmente se refletem no corpo físico e, segundo se afirma, curam-no. Se

²²⁵ Ensaio teórico das curas instantâneas. In "Revista Espírita", mar. 1868, pp. 87 e 88.

²²⁶ SHERMAN, Harold. Uma experiência curativa distante. In "O Poder de Curar", cap. 3, item Uma teoria provocadora, p. 31.

descobrissemos como funciona o corpo bioplasmático, talvez pudéssemos desenvolver novas formas de cura baseadas na equilíbrio das suas energias, possivelmente com íons negativos, pulsações eletromagnéticas ou campos magnéticos oscilantes"²²⁷ (Sheila Ostrandere e Lynn Schroeder) (grifos originais).

"Para Inyushin, a doença basicamente refletiria um distúrbio no equilíbrio bioplasmático do corpo. Em outras palavras, existem poucas enfermidades localizadas — ao invés disso, a doença, de uma forma geral, envolve o organismo como um todo. O paciente deveria ser tratado "como um todo bioenergético".

"Um campo completamente novo da regulação direcionada do estado bioenergético do organismo está sendo descoberto. Os bioefeitos ressoantes induzidos pela radiação forçam-nos a criar novos conceitos acerca do organismo vivo como sendo um todo, no qual os processos energéticos repousam na base de todas as manifestações da vida. (Inyushin e Chekorov, 1976, p. 7.)

"Esta posição holística é apoiada por A. S. Romen em seu trabalho de auto-regulação"²²⁸.

"(...) Inyushin avançou na teoria de que os organismos vivos são "corpos energéticos" interagindo com campos de energia em seu ambiente local cósmico. Algumas pessoas poderiam ser treinadas para utilizar esta energia a fim de cura: a si mesmas, curar os outros e interagir a distância com outros organismos. Portanto, a auto-regulação pode ser associada intimamente a fenômenos de cura não-usual, ESP e PK"²²⁹.

Sintamos o quanto nós, os espíritas, somos agraciados. Enquanto os russos iniciam suas pesquisas de forma puramente animal, já estamos "no espaço" atuando com, em, pelos e para os Espíritos, tudo a partir da "matéria elementar" do fluido cósmico, como bem conceituou Kardec, pela vontade da Vontade Maior. Não precisamos de termos rebuscados, não carecemos de medições imprecisas; os resultados nos demonstram as conquistas, a moral nos impulsiona a grandes vitórias, o bem se estabelece sem alquimias fantasiosas e o estudo, baseado na experimentação ipso facto, se torna proveitoso e avançado. O que hoje lha é motivo de festejos por descobertas, a descoberta do perispírito, sua estruturação, sua razão de ser e seu domínio vibracional sobre as funções do corpo e as ligações Espírito-matéria, nos planifica o saber em nível superior e nos plenifica de entusiasmos por seu estudo, sua assimilação e, o que mais importa, pelo veículo evolutivo em que se consubstancia para cada um de nós. Se para eles a cura holística se resume, ainda, nos extremos que vão do corpo humano ao corpo bioplasmático, para o espírita ela se estende mais além, pois, integra, a esse holismo "bidimensional", sua figura primordial, seu elemento-chave: o Espírito, ser imortal e dominante no homem, encarnado e desencarnado.

Porém, se para eles suas novidades nos são antigas, muito do que temos novo, tem sua origem num remoto passado, mostrando-nos o quanto somos leigos nos estudos e aprendizados. Muito antes de Cristo, assim já pensava Platão que bebia sua sabedoria na sabedoria maior de

²²⁷ OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn. O corpo energético e a ESP. In "Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro", cap. 18, item Cura, p. 243.

²²⁸ KRIPPNER, Stanley (Ph.D.). Acupuntura por raios laser. In "Possibilidades Humanas", cap. 11, item Ressonância, bioplasma e auto-regulação, p. 302.

²²⁹ KRIPPNER, Stanley (Ph.D.). Acupuntura por raios laser. In "Possibilidades Humanas", cap. 11, item Corpos energéticos, p. 310.

Sócrates: "Se a cabeça e o corpo devem andar bem, deveis começar por curar a alma; esta é a primeira coisa (...) O grande erro de nossa época no tratamento do corpo humano (é) que os médicos separam a alma do corpo" (Diálogos)²³⁰. É brincadeira!?

Curemos e curemo-nos, holisticamente, como sugere Emmanuel:

"Consagra-te à própria cura, mas não esqueças a pregação do Reino Divino aos teus órgãos.

"Eles são vivos e educáveis. Sem que teu pensamento se purifique e sem a tua vontade comande o barco do organismo para o bem, a intervenção dos remédios humanos não passará de medida em trânsito para a inutilidade"²³¹.

Em todas as teorias e hipóteses até aqui apresentadas, inclusive as informações de Kardec e dos Espíritos, só encontramos sustentação para elas se auridas, vividas e alimentadas na Fonte das Bênçãos Perenes que, sem agir diretamente senão por meio de sua Lei, não nos lega à própria sorte, nunca. Razão por que, mesmo os materialistas, mesmos os ateus, sobrelevando as potências anímicas do ser, mas conjugando-as à Natureza, a uma Lei Maior, reportam-se, instintiva e subliminarmente, ao Todo Poderoso, nosso Pai de Amor e Bondade, DEUS! Sem Ele, ainda que houvesse cura, não haveria nada. Como dizia um médico amigo nosso: "Não importa que acreditemos ou não em Deus. Importa que Ele acredite em nós pois se Ele não acreditar na gente, nós simplesmente não existiremos."

Nossa humildade é necessária e o reconhecimento do Pai e dos seus Emissários não nos diminui em nada; afinal, o humilde não é o miserável sem vontade, mas, aquele que sabe obedecer com resignação. Sejam, em nossas curas, como dizia e fazia o Dr. Ambrose Pare, famoso cirurgião francês do século XVI, que após cada operação por ele realizada repetia sempre: "Fui eu quem pôs a atadura no ferimento — Deus o curou"²³².

Vale a ponderação do Dr. Bezerra de Menezes: "Quando os homens compreenderem que o amor é sempre mais benéfico para quem ama, muitos males desaparecerão da Terra e a etiopatogenia de inúmeras enfermidades diluir-se-á, sustando-se a erupção das mesmas"²³³.

Antes de passamos ao próximo item, uma outra observação. Daquela passagem narrada por Marcos (V, 25 a 34) em que uma jovem após 12 anos de hemorragia contínua tocou as vestes do Cristo e se curou, notemos que Jesus não exteriorizou uma "vontade" de cura mas ainda assim a jovem absorveu sua "virtude" e curou-se. Isto demonstra que pode haver cura por "irradiação fluídica normal", sem a expressa vontade do doador, mas desde que haja um outro componente de igual força, fazendo com que o fluido salutar da cura seja "atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente", conforme bem raciocinou Kardec²³⁴.

²³⁰ MEEK, George W. (Org.). Perspectiva — uma visão geral da cura paranormal. In "As Curas Paranormais", cap. 1, pp. 10 e 11.

²³¹ XAVIER, Francisco Cândido. A cura própria. In "Segue-me", p. 54.

²³² MEEK, George W. (Org.). A eficiente medicina da cura. In "As Curas Paranormais", cap. 11, item A linha básica, p. 145.

²³³ FRANCO, Divaldo Pereira. Programática reencarnacionista. In "Nas Fronteiras da Loucura", cap. 4, p. 41.

²³⁴ KARDEC, Allan. Os milagres do Evangelho. In "A Gênese", cap. 15, item 11.

2. GARANTIAS DE CURA

Quantas decepções, quantas frustrações, quantos mal-entendidos já foram gerados, alimentados e multiplicados por não se compreender bem os aspectos e limites que envolvem a cura! Quantas promessas, ainda que cheias de boa intenção, feitas sem o menor fundamento! Quanto comprometimento negativo os tratamentos fluidoterápicos têm recebido por lhes atribuímos bitolas e padrões inexistentes! O que custa um pouco de bom senso? Quanto custa um pouco mais de prudência? Quem de nós pode garantir qualquer cura quando estamos cansados de saber que seus fatores são diversos e com vínculos, muitas vezes totalmente desconhecidos? Quem já não ouviu falar em merecimento, débitos cármicos, necessidade de reparação? E de irresponsabilidade por tornar o viciado ao vício? São tantos os motivos que existem e que podem determinar um insucesso não apenas na terapia fluidica quanto em qualquer outra, que não é sensato se alardear garantias que não possuímos. Ou pensamos poder driblar a Verdade apenas por nos arrogarmos no direito de dizer: "vai ser assim porque eu quero!"

O nobre Espírito Manoel Philomeno de Miranda nos lembra, com justa ponderação, que "Em todo e qualquer processo de alienação, seja qual for a sua etiopatogenia, é de bom alvitre que se não acenem esperanças exageradas, o que se deve ter em mente ao defrontar-se qualquer tipo de doença ou aflição de problema ou necessidade. A prudência e o equilíbrio são medidas de boa conduta, jamais dispensáveis no relacionamento humano, aliás, muito escassas"²³⁵.

O Espírito Áulus, respondendo sobre a eficácia das mensagens dos desencarnados aos chamados "vivos", diz que "(...) Entre o auxílio e a solução vai sempre alguma distância em qualquer dificuldade, e não podemos esquecer que cada um de nós possui os seus próprios enigmas.

"(...) Dentro dos princípios de causa e efeito, adquirimos os valores da experiência com que estruturamos a nossa individualidade para as Esferas Superiores. A mente, em verdade, é o caminheiro buscando a meta da angelitude, contudo, não avançará sem auxílio. (...) É da Lei que a sabedoria socorra a ignorância, que os melhores ajudem aos menos bons.

"(...) Jesus, o Governador Espiritual do Mundo, auxiliou a doentes e aflitos, sem retirá-los das questões fundamentais que lhes diziam respeito.

"(...) Não atribuamos, assim, ao médium obrigações que nos competem, em caráter exclusivo, e nem aguardemos da mediunidade funções milagreiras, porquanto só a nós cabe o serviço árduo da própria ascensão, na pauta das responsabilidades que o conhecimento superior nos impõe"²³⁶. (Grifamos.)

Isso é inato ao próprio homem; todos sabemos, consciente ou intuitivamente, não conseguiremos nada além daquilo que nos é devido. Se nos revoltamos, passamos recibo de nossa inferioridade; se aceitamos com resignação, podemos quitar nosso débito. Nada há diferente disso. Por isso, o raciocínio de Dudley Blades: "Não existe lugar no trabalho de cura para sentimentos de vaidade"²³⁷, deve ser primado pelo passista. Assim, seremos refratários às presunções que impelem

²³⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. Experiências finais. In "Loucura e obsessão", cap. 26, p. 326.

²³⁶ XAVIER, Francisco Cândido. Apontamentos à margem. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 18, pp. 172, 173 e 177.

²³⁷ BLADES, Dudley. A mente. In "A Energia Espiritual e seu Poder de Cura", cap. 12, p. 96.

muitos médiuns às promessas irrefletidas de garantias inexistentes e inexecutáveis. A humildade, ao contrário, nos posiciona nos limites da verdade, da prudência e do bom senso. Por tudo, vale refletir no que disse o Dr. P. Oudinot, da Faculdade de Medicina de Paris: "Somente os charlatães pretendem curar tudo e todos"²³⁸.

Quem é, simplesmente é, e não precisa sair dizendo que é. Se somos bons estudantes, não precisamos dizê-lo pois nossas notas e nosso comportamento dirão (e todos saberão). O mesmo se formos maus alunos. Trazendo para mediunidade, não precisamos sair determinando prazos nem garantindo curas, pois, não será nossa propaganda, nossa pseudogarantia, que fará com que venha cura, mas, sim, aquela série de fatores que já referimos. E como diz a música popular: "O homem que diz sou, não é, porque quem é mesmo, não diz (...)"²³⁹.

Nessa mesma linha de raciocínio empregada por Dudley Blades, o Espírito Aniceto, conversando com André Luiz, nos recomenda: "A excessiva contemplação dos resultados pode prejudicar o trabalhador. (...) A vaidade costuma acordar dentro de nós, fazendo-nos esquecer o Senhor. Não olvides que o bem procede d'Ele (...)"

"(...) O que nos deve interessar, todavia, é a sementeira do bem. A germinação, o desenvolvimento, a flor e o fruto pertencem ao Senhor"²⁴⁰. Ou seja: se o resultado, por mais espantoso possa parecer, não deve nos impressionar ao ponto de despertar a vaidade, com muito mais razão não nos cabe o direito de ficarmos "adivinhandos" período para cura ou transmitindo falsas garantias. O Senhor sabe, como, quem, onde e quando concluir nosso trabalho; fora disso, nossa presunção apenas contribuirá para mesclar uma límpida terapia divina.

A médium Olga Worrall preparou um folheto para orientação de uma clínica terapêutica e lá ela afirma:

"É importante que um ministro, ou um leigo, deixe perfeitamente esclarecido que ninguém pode prometer uma cura. Um altar de terapia espiritual é um laboratório experimental. (...) São raríssimas as curas instantâneas (...) Acima de tudo, não se preocupem se nada acontecer durante semanas ou meses (...) Lembrem-se de que a cura só se efetua segundo o tempo de Deus e não no das criaturas humanas (...)"²⁴¹. (Grifamos.) É deveras notável este senso de respeito e subordinação à vontade de Deus. Cabe-nos seguir tais exemplos.

Sobre um outro aspecto, Dudley Blades²⁴² faz sete considerações relativas às falhas nas curas:

1. — "Lembremo-nos de que a cura pode ser bloqueada." (Para exemplificar ele lembra que Jesus, em sua cidade natal, não conseguiu realizar grandes curas devido a atitude de seu povo.)
2. — "Existem pessoas que ficam na expectativa de contrair uma doença" fazendo-a quase tornar-se "um passa-tempo". (A hipocondria não só obstaculiza os tratamentos, de toda espécie, como tem levado muita gente ao suicídio e à loucura.)

²³⁸ JAGOT, Paul-Clément. Prefácio. In "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano", p. 10.

²³⁹ "Canto de Ossanha", de Baden Powell e Vinícius de Moraes.

²⁴⁰ XAVIER, Francisco Cândido. Assistência. In "Os Mensageiros", cap. 44, pp. 231 a 233.

²⁴¹ WORRALL, A. Ambrose e WORRALL, Olga N. O alcançamento. In "O Dom de Curar", cap. 19, p. 205.

²⁴² BLADES, Dudley. Quando a cura "falha". In "A Energia Espiritual e seu Poder de Cura", cap. 14, pp. 108 a 110.

3. — "A doença pode ser uma maneira segura de sairmos de uma situação grave; uma muleta" (...) (Mas será sempre uma muleta; jamais chegará a ser uma perna...)
4. — "(...) As enfermidades que resultam dos hábitos indevidos" (...)
5. — "Existem também algumas condições físicas que nunca são eliminadas, mas o trabalho de cura fornece a energia para que sejam superadas (...). O nosso desenvolvimento espiritual é a razão pela qual estamos aqui."
6. — "Pede-se ao curador que ele seja constante nas pequenas coisas e que deixe o resto para as esferas superiores."
7. — "A morte não significa que o trabalho de cura tenha falhado." (Comentaremos a respeito no item 6.2 adiante.

Neste ponto, importa não confundir nossas assertivas imaginando não devamos dar esperanças e incentivar a fé nos pacientes. Isso é missão nossa, aliada ao dever do serviço. O incorreto é prometer o que não possuímos; garantir o que não dominamos; criar esperanças com data marcada para serem realizadas. André Luiz nos recomenda: "Em nenhuma circunstância, garantir a cura ou marcar o prazo para o restabelecimento completo dos doentes, em particular dos obsidiados, sob pena de cair em leviandade"²⁴³.

Cultivemos a esperança e a fé nos pacientes, especialmente nos chamados terminais", pois o que "termina" são as etapas, as experiências momentâneas, já que a vida não termina nunca. A Dra. Elizabeth Kübler-Ross, maior tanatóloga da atualidade, através de seus preciosos livros²⁴⁴, nos ensina como lidar com pacientes tais. Apesar de ela não lhes omitir a realidade da proximidade da "morte", inclusive, dialogando abertamente sobre o assunto com seus pacientes, fala-lhes com amor e carinho, sobre as esperanças e consolações futuras, valorizando-lhes seus últimos dias. Sente o paciente como um filho, ouvindo-o e atendendo-o, preparando-o para a grande viagem, ainda que falando da vida encarnada e de seu verdadeiro significado. Seu coração não se perturba pois já vê na morte simples face da vida, pelo que atende às esperanças de uma paciente que lhe diz: "Sei que minhas chances são de uma em um milhão; hoje quero apenas falar nesse um por cento"²⁴⁵, e fala-lhe, então, dessa única possibilidade, com toda a esperança que só os grandes espíritos conhecem e sabem.

3. A INSTANTANEIDADE DAS CURAS

Já tivemos oportunidade de comentar sobre as curas instantâneas. O próprio Kardec nos informa de seu caráter excepcional, quer no que diz respeito ao poder fluídico do médium, quer na assimilação por parte do paciente. Entretanto, não é uma impossibilidade nem seus casos são, ao longo do tempo, poucos. Sabemos que os fluidos espirituais são mais "finos" e sutis que os fluidos magnéticos e, por isso mesmo, bem mais puros que os provenientes do simples magnetismo humano; sua absorção, portanto, promove um efeito a nível perispiritual muito mais intenso que o

²⁴³ VIEIRA, Waldo. Perante os doentes. In "Conduta Espírita", cap. 22, p. 85.

²⁴⁴ São eles: "Morte, Estágio Final da Evolução", "Sobre a Morte e o Morrer" e "Perguntas e Respostas Sobre a Morte e o Morrer", além de um infantil belíssimo intitulado "A Revelação do Segredo" e um outro sobre atendimento a pacientes portadores da Aids: "Aids, o Desafio Final". Recomendamos seus estudos, notadamente a médicos, enfermeiras e passistas que lidem com pacientes terminais.

²⁴⁵ KÜBLER-ROSS, Elizabeth. Prefácio. In "Morte, Estágio Final da Evolução", p. 23.

do segundo, desde que atendidas as condições de cura, dentre as quais, para o caso, se destaca o merecimento. Entretanto, não esperemos curar a tudo e a todos por mera influência de fluidos espirituais ou mesmo humanos —, muito menos segundo esta característica de instantaneidade; o bom senso nos indica que as curas, via de regra, precisam ser maturadas, pois, o contrário, muitas vezes, tem levado a desvios maiores por parte dos beneficiados.

Exemplificamos: é comum se ver uma pessoa que foi atendida, quer por médico, quer por fluidoterapia e, aos primeiros resultados satisfatórios, menospreza o tratamento já que seu resultado foi muito imediato. Daí, descuida-se das recomendações devidas, caindo, em seguida, numa situação mais constrangedora. Os casos de "cirurgias espirituais" têm tido algumas complicações de pós-operatório motivadas pelo descaso e pelo desrespeito às recomendações quanto ao uso de medicamentos, repouso, alimentos, vícios, etc. Como a cirurgia foi rápida e indolor (na maioria dos casos), o paciente é levado a pensar que o processo de refazimento também é instantâneo e independe de seu comportamento. Vil engano que será pago com severas dores... Só que, depois disso, não se pode acusar o tratamento de ineficiente; afinal, uma cirurgia é sempre uma cirurgia, ainda que elaborada sob diferentes caracteres.

Quem quer que se sinta curado de maneira instantânea, não só deve vigiar e orar mais ainda, como cumprir todas as recomendações que lhe são devidas, pois o refazimento não depende apenas da cirurgia mas igualmente do "resguardo" posterior.

Quanto à possibilidade de os médiuns promoverem curas instantâneas, já vimos a mancheias que é exeqüível; mas, as condições de tais médiuns, como diz Allan Kardec, são excepcionais, o que nos leva a crer que seus fluidos, nesses casos, têm profunda semelhança com a característica dos "fluidos espirituais".

Para encerrar, é comum ouvirmos dizer que Jesus sempre curou de forma instantânea. Seu poder para tanto, além de inegável, mereceu comprovações das mais veementes. Entretanto, talvez até para nos deixar o exemplo de nem tudo se resolve com simples abrir e fechar de olhos, propiciou-nos uma cura em dois tempos, ou seja, não instantânea... Tomemos o texto evangélico: "Então chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse.

"Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa?

"Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo homens, porque como árvores os vejo, andando.

"Então novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito.

"E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia"²⁴⁶.

Não tiraremos de você, leitor, a oportunidade de meditar sobre essa passagem que é muito significativa para nosso tema. Todavia, queremos convidá-lo a observar as técnicas que Jesus usou (pois é, até Jesus usou técnicas), a situação de parcialidade da cura (por que será que o paciente cego não ficou bem desde a primeira vez?) e a recomendação final (o que estaria o Senhor querendo dizer

²⁴⁶ Marcos, VIII, vv. 22 a 26.

como o "não entres na aldeia"? Por que terá ele retirado o paciente da aldeia para curá-lo lá fora?) que, por sinal, era um hábito do Cristo fazê-las sempre após as curas (por quê?).

4. OUTRAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A CURA

4.1 — A Medicina e os Remédios

Começemos por Mesmer: "O veículo da influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os corpos animados, é ainda um fluido universal espalhado por toda parte. Esse fluido provoca efeitos de fluxo e refluxo e atua sobre os nervos, insinuando-se em sua substância. (...) Este princípio pode curar imediatamente as enfermidades dos nervos e indiretamente as outras; robustece a ação dos medicamentos e provoca e dirige as crises salutares"²⁴⁷.

Vejamos agora Kardec: "A substância fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com a diferença que, sendo maior a sua penetração, em razão da tenuidade de seus princípios constitutivos, age mais diretamente sobre as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, porque suas qualidades são modificáveis pelo pensamento, ao passo que as da matéria são fixas e invariáveis e não se podem aplicar senão a casos determinados.

"Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos.

"(...) A substância medicamentosa, levada pela divisão ao estado atômico, até certo ponto adquire as propriedades dos fluidos, menos, entretanto, o princípio animico, que existe nos fluidos animalizados e lhes dá qualidades especiais.

"(...) A medicina terapêutica naturalmente falha contra os agentes fluídicos; pela mesma razão a medicina fluídica falha onde há que opor matéria à matéria; a medicina homeopática nos parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos, e deve particularmente ter êxito nas afecções que poderiam chamar-se mistas.

"(...) A cura só é completa após a destruição das duas causas. É o caso mais comum; eis por que os tratamentos terapêuticos muitas vezes necessitam ser completados por tratamento fluídico e reciprocamente"²⁴⁸. (Grifos originais.)

Dessas duas citações podemos concluir que a fluidoterapia não se contrapõe à medicina e à farmacopéia, apesar de reconhecer que os fluidos têm uma função muito profunda; que a homeopatia tem grandes valores nos campos da cura; e que medicina e fluidoterapia são complementares e não antagônicas, assim como hoje já se reconhece que ciência e religião são elementos de uma mesma equação e não problemas com proposituras divergentes.

Todos os médiuns e magnetizadores prudentes são unânimes em afirmar que a medicina tem seu grande e reconhecido valor, sendo, inclusive, insubstituível e indispensável seu concurso em

²⁴⁷ FARIA, Osmard Andrade. Pré-história (de Mesmer a Kardec). In "Parapsicologia", cap. 3. p. 41.

²⁴⁸ Ensaio teórico das curas instantâneas. In "Revista Espirita", mar. 1868, pp. 86 a 89.

muitos casos, assim como hoje as ciências psicológicas já começam por indicar terapias espíritas como coadjuvantes de seus tratamentos em pacientes com problemas difíceis e/ou aparentemente insolúveis.

Mas, não se preocupe a medicina nem se envaideçam os médiuns: nós, os passistas, não vamos concorrer com aquela nem somos detentores absolutos de nossos fugidios poderes psíquicos.

4.2 — Tempo Para a Cura

Primeiro, são muitos os fatores levados em consideração numa cura. Depois, o que é uma cura? É a recuperação de um tecido deteriorado? E se o tecido não se recompõe mas o paciente se reforma moralmente e, por isso, se sente bem, houve cura ou não?

Cura, no nosso entendimento, é a solução básica de um problema, ainda que o problema não seja de todo resolvido. Pode parecer estranho, mas, é assim mesmo pois, se a base ou o foco do problema está resolvido, toda a estrutura que lhe tem seqüência se orienta à solução. A partir daí, a própria ação do paciente pode levá-lo ao estado de equilíbrio geral, donde a cura. E assim nos referimos em todos os sentidos: físico, psíquico, moral e espiritual.

Observemos este quadro: "À medida que o instrutor movimentava as mãos sobre o cérebro de Antônio, este revelava sinais de crescentes melhoras. Verificava, sob forte assombro, que a sua forma perispiritual reunia-se devagarzinho à forma física, integrando-se, harmoniosamente, uma com a outra, como se estivessem, de novo, em processo de reajustamento, célula por célula.

"Depois de um quarto de hora, segundo meu cálculo de tempo, estava finda a laboriosa intervenção magnética e Alexandre, chamando a velhinha, acentuou:

"— Justina, o coágulo acaba de ser reabsorvido e conseguimos socorrer a artéria com os nossos recursos, mas Antônio terá, no máximo, cinco meses a mais, de permanência na Terra"²⁴⁹.

Se analisarmos com nossa visão imediatista, não houve cura nenhuma, mas sim, uma moratória. Mas, nesse caso, a moratória não é a cura?

Outra coisa: e quando o tratamento termina com o desencarne do paciente, não pelo tratamento, mas, porque ele não resistiu, como fica? Terá havido cura?

Nós, os espíritas, sabemos que a morte não é o fim mas sim uma nova etapa da vida. Daí, quem nos garante que a desencarnação, após um bem feito atendimento fluidoterápico, não ajudou o desencarnante enormemente no seu desenlace? Não é isso o que mais sabemos fazer os Espíritos no plano espiritual? Observemos um exemplo narrado por Manoel Philomeno:

"— E logrará êxito?

"— Sim (...), dependendo do que consideremos como sendo êxito. O enfermo desencarnará, porque o seu avançado estado de desgaste é irreversível, mas ela, por amor, conseguirá diminuir a gravidade do desditoso cometimento filial (...)"²⁵⁰.

²⁴⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Socorro espiritual. In "Missionários da Luz", cap. p. 74.

Como podemos notar, nossa visão não pode ser tão estreita quanto nos faculta a matéria; devemos observar as curas como uma ocorrência mais profunda, como conseqüências não limitadas à esfera física.

Mais um aspecto: muitas vezes, aparentes pioras dos quadros clínicos não querem dizer pioras reais, assim como nem toda cura instantânea é uma cura holística. Basta lembrar, por analogia, que quando um paciente sofre uma intervenção cirúrgica, ele literalmente piora por um bom tempo, mas, depois, ressurgente plenamente recuperado, quando a intervenção é feliz. No magnetismo, a mudança do campo fluídico do paciente produz, como veremos no capítulo X, sensações as mais variadas, podendo, inclusive, aparentar agravamentos. Não devemos ser imprudentes, entretanto, ao ponto de descuidar desses casos, pois podem haver alguns, embora raramente, que de fato compliquem, assim como o cirurgião, por maior sucesso obtenha na sua cirurgia, nunca descuida do paciente, notadamente nos primeiros dias.

Daí podemos tirar uma regra: devemos instruir o paciente para, piorando bruscamente, principalmente nas primeiras intervenções, não desistir do tratamento, pois, muito em breve, poderá constatar as melhoras sensíveis. Na maioria das vezes, esses sinais são como as reações das vacinas que, quando reagem, indicam sua ação imunológica em eclosão. Por extensão, quando o paciente se sentir muito bom muito rapidamente, orientá-lo a não se afastar da evangelização pois se seu problema for de origem obsessiva, pode ser que o(s) obsessor(es) esteja(m) forçando o seu afastamento da fonte corretiva/curativa.

4.3 - A Fadiga

A pergunta é de Allan Kardec e a resposta dos Espíritos Superiores: "O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?"

"O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso"²⁵¹.

E Kardec comenta: "Sendo o fluido humano menos ativo (que o espiritual), exige uma magnetização continuada e um verdadeiro tratamento, por vezes muito longo. Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se esgota e se fatiga, pois dá de seu próprio elemento vital. Por isso deve, de vez em quando, recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso, em razão de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, por vezes, quase instantâneos. Não sendo esse fluido do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula"²⁵².

O que essas duas colocações querem dizer? Primeiro que a atividade mediúnica pode cansar, fisicamente falando, especialmente se de efeitos físicos. Então, quando o passe é dado basicamente com fluidos do passista, este fatiga mais que o de origem espiritual pois se equipara a um "efeito físico", devido sua característica de liberação anímica de fluidos. Depois, essa fadiga é temporária e,

²⁵⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. Resgate necessário e urgente. In "Painéis da Obsessão", cap. 4, p. 38.

²⁵¹ KARDEC, Allan. Dos inconvenientes e perigos da mediunidade. In "O Livro dos Médiuns", cap. 18, item 221, questão 2a.

²⁵² Da mediunidade curadora. In "Revista Espírita", set. 1865, p. 252.

via de regra, uma noite de descanso repõe a energia despendida, auxiliada por uma alimentação natural bem balanceada. José Lhomme sugere que, "Em caso de fadiga psíquica, o médium curador recorrerá a uma caminhada a grandes passos, com o peito distendido, ao ar livre, de preferência em um local repousante e arborizado, porque é preciso não se esquecer de que o ar puro fornece oxigênio, que é a fonte da vida e regenera as células do organismo vivo"²⁵³.

Keith Sherwood também concorda: "A melhor e mais agradável maneira de se recuperar (...) é andar descalço, na praia ou no campo. Apenas dez minutos de caminhada terão efeitos maravilhosos. Todos os ambientes naturais têm qualidade de restauração (...). Comer verduras e comidas naturais aumentará seu prana; assim também acontece com a água pura, natural. Use a combinação que melhor lhe convier quando se sentir exausto, e tenha certeza de que está respirando corretamente. Em pouco tempo você estará pronto para realizar a cura direta novamente"²⁵⁴. (Grifo original.)

Enquanto isso, Saiunav simplifica: "Perguntam como concretizo minha realimentação ou complementação energética. Repito: por meio de um tranqüilo descanso, pela respiração ritmada; nada de misterioso. Tal qual um lenhador que, cansado, senta-se num toco de árvore e descansa, readquirindo forças. Nenhuma "transfusão" do famigerado prana cósmico. Tudo acontece muito mais simplesmente — assim como falei. O prolongamento do descanso acha-se em proporção direta à duração da energia doada durante o tratamento"²⁵⁵.

Dá para perceber claramente, que tanto maior será a fadiga quão grande venha a ser o dispêndio de fluidos próprios. Isso, todavia, não se restringe ao número de passes aplicados, mas, sim, à quantidade de fluidos emitidos, pois casos há em que um único paciente nos absorve muito mais energia e, portanto, nos cansa muito mais que algumas dezenas de outros juntos.

É bom ficar bem registrado que, consoante o dito por Kardec, a fadiga se origina da perda ou da transferência de fluidos humanos, e não pelo fato de sermos transmissores de fluidos espirituais. Aliás, o que mais comumente verifica é os assistas se sentirem mais fortalecidos após uma sessão de aplicação de passes que se sentiam antes de começarem suas tarefas, podendo mesmo alguns, inclusive, terem se sentido fluidicamente sem condições no início dos trabalhos, mas, ao final, sentirem-se renovados, plenos, leves, felizes.

Comparemos essa informação com o que nos registrou Manoel Philomeno de Miranda: "Os que aplicam as horas nos jogos das paixões dissolventes gastam as forças físicas e emocionais, como alguém que acende uma vela pelas duas extremidades, queimando excesso de combustível, o que acelera a sua extinção. Em nosso campo de atividade (...), "quanto mais se dá, mais se recebe". O intercâmbio mediúnico, em clima de amor e de serviço pelo próximo, proporciona permuta de forças que se renovam e estimulam, no organismos perispiritual, a regeneração celular, o surgimento de outras saídas, sem desgaste excedente de energias. Em tudo, a vigência das Leis da Causalidade... Conforme a criatura atua, assim se situa"²⁵⁶. (Grifos originais.)

²⁵³ LHOMME, José. O médium curador. In "O Livro do Médium Curador", cap. 3, Gênero de vida, p. 34.

²⁵⁴ SHERWOOD, Keith. A imposição das mãos. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 14, item A reação do curador, p. 168.

²⁵⁵ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 194.

²⁵⁶ FRANCO, Divaldo Pereira. O despertar de Aderson. In "Loucura e Obsessão", cap. 18, p. 230.

Seguindo esse mesmo raciocínio, observemos o que o Espírito Conrado explica a André Luiz, quando fala da participação do passista responsável em favor do próximo: "Desse modo, ajudam e acabam por ser firmemente ajudados.

"— Isso significa que não precisam recluir a sua exaustão (...)

"— De modo algum. Tanto quanto nós, não comparecem aqui com a pretensão de serem os senhores do benefício, mas sim na condição de beneficiários que recebem para dar. A oração, com o reconhecimento de nossa desvalia, coloca-nos na posição de simples elos de uma cadeia de socorro, cuja orientação reside no Alto. Somos nós aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à singela tomada elétrica, dando passagem à força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz"²⁵⁷.

E é nesse sentido que André Luiz adverte: "Quando aplicar passes e demais métodos da terapêutica espiritual, fugir à indagação sobre resultados e jamais temer a exaustão das forças magnéticas" pois "O bem ajuda sem perguntar"²⁵⁸.

Mas, o Espírito Emmanuel faz uma advertência muito pertinente: "O passe exprime, também, gastos de forças e não deves provocar o dispêndio de energias do Alto, com infantilidade e ninharias"²⁵⁹. Isso porque pode ser que alguém que faça um entendimento precipitado e, pelo fato de o passe espiritual quase não cansar, querer sair aplicando-o a esmo. De forma alguma se deve agir assim pois, se a parcimônia responsável no uso de nossas energias vitais é devida, que se dizer em relação à energia alheia (espiritual).

Sobre a fadiga magnética, busquemos uma explicação com De Rochas, atentos que normalmente ele chama o fluido magnético de "od".

"A perda de forças se faz sentir principalmente nos braços, mãos e dedos. Os magnetizadores que sentem muito vivamente o escoamento de fluido pelas mãos sobretudo, fatigam-se muito mais depressa e se esgotam a ponto de cair (sic). Em breve, perdem o od e perdem a força vital; portanto, o od é o portador, o distribuidor da força vital.

"É certo dizer que em todos os tempos houve magnetizadores de profissão que, malgrado todos os seus esforços, não experimentam nenhum esgotamento, o que se deve à sua rápida reparação das forças. O quimismo orgânico é, aliás, uma fonte de od muito abundante; quem quer que possua um bom estômago e pulmões sãos, repara, pois, depressa, pela digestão e pela respiração, as perdas de od. Isto não basta para elucidar completamente a questão; com efeito, há magnetizadores que experimentam uma necessidade formal de magnetizar, uma necessidade de ceder suas forças, e que se sentem mal quando deixam de lado as magnetizações durante algum tempo. Este fato parece contraditório com o que temos dito do gasto de força vital na magnetização. Esta contradição, posto que aparente, mereceria ainda ser explicada.

"(...) Por paradoxal que isto pareça, não é esta saúde florescente a causa de semelhante poder funcional, mas é ela o efeito da perda contínua do od, incessantemente substituído. E assim que se explica o mal-estar de um magnetizador de profissão, quando cessa de funcionar durante

²⁵⁷ XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 17, p. 164.

²⁵⁸ VIEIRA, Waldo. Perante o passe. In "Conduta Espírita", cap. 28, p. 102.

²⁵⁹ XAVIER, Francisco Cândido. O passe. In "Segue-me", p. 134.

algum tempo. Não é o dispêndio de od que lhe é uma necessidade, é a sua renovação. Eis a que simplicidade se resume o problema da saúde!"²⁶⁰.

Muito valiosa a explicação pois regularmente nos deparamos com passistas que suspenderam suas atividades nesse mister e, em decorrência, passaram a se sentir mal, acometidos de indisposições aparentemente injustificáveis. É que, além do aventado pelo De Rochas, quando suspendemos atividades como essa, rompemos em nós uma situação superfavorável de "canal de fluidos finos, ricos e superiores", para passarmos à condição de represa de fluidos densos, por vezes pobres e inferiores. A faculdade de aplicar passes, dentro deste exemplo, é a comporta que, em funcionamento, libera os fluidos para energizar as turbinas do próximo, fertilizar os campos da cura e regular o nível para receber novas projeções de fluidos que vêm do alto.

Quando um passista doa de suas próprias energias, importa ele saber algumas regras básicas, como as muitas que já comentamos; mas uma ele deve ter em ente: quando se sentir esgotado, não force. E como adverte Keith Sherwood: "Se você sentir que a cura se tornou um grande esforço, se depois da cura você se sentir exausto, ou se ao final do dia você sentir falta da vitalidade é porque você realizou muitas curas durante o dia e deve diminuir este número. Você há de perceber que, reduzindo o número de curas, você sentirá sua capacidade crescer e será capaz de trabalhar com mais pacientes por períodos de tempo mais longos"²⁶¹.

Sentimos que as palavras de Keith merecem algum reparo; elas se prendem basicamente ao número de curas e, por não ser espírita, não são levadas em consideração a presença e a ação dos Espíritos. Como o dispêndio não está ligado só ao número de passes, a quantidade e a qualidade de fluido transmitidas devem ser consideradas. Por experiência, a redução do número de passes funciona como uma adaptação inicial pertinente aos neófitos, os quais ainda não têm domínio nem conhecimento de suas potencialidades. Entretanto, o número ideal do início nem sempre será o ideal definitivamente, pois, além da quantidade e da qualidade despendida que referimos, a capacidade do passista aumenta com a prática.

As perdas e as transferências de fluido magnético já são hoje comprovadas cientificamente, não apenas pelas kirliangrafias mas por variados "sensores psíquicos" que a moderna parapsicologia tem inventado. Essas medições, desde o tempo de Sir William Crookes, atestam as transferências fluídicas dos médiuns, não só nas sessões de cura como nos experimentos de efeitos físicos, com verificação de perda de peso e alterações na composição sanguínea deles, entre outros fatores.

Concluamos agora nosso item, buscando a palavra de Michaelus:

"O magnetizador que abusa da sua força, sem repouso para recuperá-la, estiola-se, esgota-se (...)

"A fadiga que resulta das experiências muito prolongadas ou muitas vezes repetidas reflete-se, particularmente, no cérebro, na cavidade do estômago e nas articulações"²⁶² (grifamos).

²⁶⁰ ROCHAS, Albert De. Nota "L". In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 205.

²⁶¹ SHERWOOD, Keith. Questões acerca da cura ausente. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 13, item Curas em multiplicidade, p. 150.

²⁶² MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 7, pp. 56 e 57.

4.4 — Pagamentos e Presentes

"Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito, ofereceu-lhes dinheiro, propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo.

"Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus.

"Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus.

"Arrepende-te, pois, da tua maldade, e roga ao Senhor; talvez que te seja perdoado o intento do coração; pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade"²⁶³.

Este registro de Pedro é notável. Se o dinheiro não deve servir para se adquirir o "dom de impor as mãos", que se dizer do pagamento pelo fruto desse dom? Se, por descuido ou inadvertência, já recebemos algum pagamento pelos benefícios dos quais somos simples canais, arrependamo-nos deles, devolvendo-os, por doação, aos mais necessitados, não abrigando, todavia, espaço para a repetição do desvio. Afinal, não queiramos para nossas consciências o fel amargo do delito, lançando-nos negativamente o Espírito por tal iniquidade.

Quando Kardec estuda o "Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido", nos lembra que, com esta recomendação, Jesus "Prescreve que ninguém se faça pagar daquilo que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida"²⁶⁴. E acrescenta mais adiante: "Jesus expulsou do templo os mercadores. Condenou assim o tráfico das coisas santas sob qualquer forma"²⁶⁵. (Grifos originais.) Por fim, confirma: "A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos (...) que ele põe a preço de moeda"²⁶⁶ (grifos originais).

A mediunidade nos foi dada para, entre outras coisas, curando e aliviando os sofrimentos, a tornássemos "meio de propagação da fé" e nunca como desvirtuamento daquela, através de pagamentos, falsos encaminhamentos e promessas, além de outras quinquilharias, "sob qualquer forma" ou pretexto. A palavra Kardequiana é clara e incisiva. Só não a entende quem não quer.

²⁶³ Atos, VIII, w. 18 a 22.

²⁶⁴ KARDEC, Allan. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 26, item 2.

²⁶⁵ KARDEC, Allan. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 26, item 6.

²⁶⁶ KARDEC, Allan. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 26, item 9.

Neste ponto perguntamos: lembra o leitor da 16ª conclusão do Dr. George Meek que mencionamos no item 2.4.1 do capítulo VIII?

Presentes. Serão, por acaso, os presentes, só presentes mesmo, ou serão pagamentos disfarçados? Lamentavelmente, nos labores fluidoterápicos os pagamentos surgem, muitas vezes, camuflados. Oriundos, talvez, da prática antiga de se dar presentes às "benzedoras", que na maioria eram (e são) pessoas boas, humildes mas que, convivendo sob penúrias, não aceitavam pagamentos "Porque Deus não aprova", apenas acatavam os presentes os quais contribuía para a manutenção da despesa, esses se interpõem como "forma de gratidão". Fica requerido, portanto, cuidado e prudência no trato dado à recepção desses.

O casal de médiuns, não espírita, Ambrose e Olga Worrall, diziam, invariavelmente, aos seus atendidos: "— Não cobramos nada e nada aceitamos. Caso a senhora desejar oferecer alguma coisa para uma organização de caridade, ou ama igreja como gratidão a Deus, isto é consigo. Deve porém fazê-lo por sua própria conta"²⁶⁷. — Lindo, não!? Isso é que é dignidade exemplar. Mas, mais notável ainda, é a coerência: "Algumas vezes uma das crianças (atendidas por eles) nos oferecia um presente de amizade, um vaso de flor ou mesmo uma geléia feita pela mãe. Tais coisas não possuindo nenhum valor monetário, preferíamos aceitá-las para não ofender. Isso, porém, representava o limite máximo"²⁶⁸. Que bela lição para ser aprendida e praticada, SEMPRE! Sigamos tal exemplo. Não aceitemos pagamentos, presentes, nem mesmo elogios. Sabemos que o que damos não o damos de nós mesmos já que até aquilo que doamos de nossa intimidade só é nosso por empréstimo do Grande Doador. O presente aceito hoje será o desvio de amanhã; pela vaidade, pelo orgulho, pela presunção, pela cobiça, pela ambição. Doemos o passe, de origem espiritual ou de origem anímico, como sugere o preceito evangélico: "Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste"²⁶⁹.

E quando alguma angústia quiser visitar nosso coração por não sermos reconhecidos como seres que trabalhamos pelo próximo, despeçamo-nos de qualquer vaidade. Nessas horas poderemos refletir: "Um missionário que estivera muitos anos na China e um famoso artista de variedades que lá estivera por duas semanas viajavam de volta para os Estados Unidos no mesmo barco. Ao atracarem em Nova York, o missionário viu uma multidão de fãs do artista à espera, no cais. "Meu Deus, não compreendo", disse o missionário. "Dei quarenta e dois anos de minha vida à China e ele deu-lhe apenas duas semanas, mas há milhares de pessoas a dar-lhe as boas-vindas e ninguém para me receber."

E Deus respondeu: "Filho, ainda não chegaste em casa."²⁷⁰.

²⁶⁷ WORRALL, A. Ambrose e WORRALL, Olga N. O renascimento. In "O Dom de Curar", cap. 10, p. 107.

²⁶⁸ WORRALL, A. Ambrose e WORRALL, Olga N. Idem, ibidem.

²⁶⁹ Mateus, VI, v. 1.

²⁷⁰ Instantâneos pessoais. "Seleções do Reader's Digest", tomo 34, nº 233, out. 1990, 1ª contracapa.

5. DIVERSAS ESCOLAS DE CURA

Como seria de se imaginar, não dá para relacionar e comentar todas as escolas existentes que tratam da cura. Procuraremos abordar apenas algumas das mais conhecidas.

5.1 — Cura pela Cor (Cromoterapia)

No que diz respeito à ação de certas luzes (laser, infravermelho, ultravioleta raios X e Gama, etc.) no organismo humano, não há como deixar de reconhecer-se não apenas sua ação como sua eficiência em várias modalidades de tratamento orgânico; igualmente, a tonalidade de certos ambientes são mais calmantes, quanto outros transmitem a sensação de quentura, aflição, agitação. Fato é que, por ressonância, intensidade ou variação térmica, as cores, sob determinadas condições, influem em nossos níveis de comodismo e irritabilidade. Entretanto, uma ponderação de André Luiz nos deixa aberto o horizonte para a visualização de uma boa compreensão: "Semelhantes notas (sobre a luz e as cores) oferecem ligeira idéia da transcendência das ondas nos reinos do Espírito, com base forças do pensamento"²⁷¹. Ou seja: a mente volta a ser a base de tudo, inclusive das cores. O que isso pode representar?

Se por um lado as cores, como acima explicado, podem atuar fisicamente em favor (ou contra) nosso organismo, não serão suas projeções mentais, ou por vontade de se produzir tal ou qual cor ideoplasticamente, que irão definir nossa melhora, mas, sim, as conseqüências dos sentimentos humanos (no caso, dos passistas) que, dotando de cores as emissões fluídicas, nos alcançarão. Ocorre que, como sabemos, pensamento é matéria e como tal se expressa, ainda que de forma extremamente sutil e até indecifrável — a nível do nosso conhecimento atual —, por meio de vibrações. Por vezes são percebidas essas vibrações pelas cores que adquirem, sem falar que o fluido, em si, é matéria mais ou menos grosseira.

O próprio Edgard Armond, maior defensor no meio espírita da cromoterapia, já nos afirmou que "Os raios fluídicos luminosos" têm cores que "variam segundo as condições morais de cada um", com isso deixando evidentes serem as cores uma CONSEQÜÊNCIA e não uma CAUSA.

O Espírito Dr. Arnaldo, quando questionado sobre "a luz que se projetou" sobre um paciente por ocasião do passe, respondeu: "Trata-se da condensação do amor do Divino Médico, restaurando, em definitivo, as forças do enfermo e tonificando-lhe o corpo perispiritual (...) Tudo são vibrações em estados diferentes de energia, desde a pedra até o pensamento que se exterioriza pela vontade. (...) Com a resposta que nos foi transmitida, veio também o recurso solucionador, e fixava nas células em renovação os nossos fluidos recém-transmitidos. Eis por que se dilata o conceito, cada dia, de que a luz divina cura. Isto porque a é constituída de energia pura, causa essencial e primitiva da vida orgânica em germe em toda parte"²⁷².

As cores — como elementos físicos, por seus fins específicos, estudados e praticados pela Ciência — são ferramentas de ação terapêutica de reconhecido valor. No entanto, simplesmente projetadas para mudar um clima moral, tonificar perispírito ou subverter a ordem da fluidoterapia,

²⁷¹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Ondas e percepções. In "Mecanismos da Mediunidade", cap. 1, item Outros reinos ondulatórios, p. 26.

²⁷² FRANCO, Divaldo Pereira. Socorros espirituais relevantes. In "Painéis da Obsessão", cap. 26, pp. 211 e 212.

são destituídas de comprovações efetivas; além de antidoutrinárias, tal simplismo desvia o sentido real da reforma íntima a que cada um estamos diuturnamente convidados a promovermos.

5.2 — Cura Pelos Ímãs (Magnetoterapia)

Uma conseqüência daquela analogia antiga entre o corpo humano e o ímã fez surgirem estudos da ação dos ímãs (magnetos) sobre nosso organismo. A despeito de alguns estudiosos tirarem conclusões favoráveis sobre tal prática, sua incorporação ao passe espírita é, da mesma forma que as cores, indevida e sem respaldo doutrinário.

Sobre essa matéria, o Sr. M. Matheus de Souza, um dos maiores difundidores dessa modalidade de terapia alternativa aqui no Brasil, nos diz que "No caso de uma ciência embrionária e na sua fase heterodoxa como a magnetoterapia, o leque de pesquisas é vastíssimo (...)", elucidando, assim, que nem mesmo no meio científico a Magnetoterapia não está definida claramente. Tanto que ele reforça dizendo: "Não queremos dar a impressão que esse método seja uma panacéia que resolverá todos os problemas de saúde (...)"²⁷³.

Fazemos um registro: a magnetoterapia, com este nome, pode ser recente, mas o estudo da influência dos ímãs no corpo humano é muito remoto. Veja-se a nota de Albert De Rochas (referência 14) contida em nosso capítulo I, no item 1.2 — "Clássicas (Contemporâneos de Allan Kardec)" quando ele fala dos traspases.

Concluindo, ainda que encontremos pontos comuns em que a ação magnética dos ímãs possa ser comparada a do magnetismo humano, jamais aquela lhe será igual em virtude da energia anímica que lhe falta, além das psíquica e espiritual, pelo que refutamos o Magnetismo (espiritual e humano) como Ciência muitas vezes superior à magnetoterapia.

5.3 — Cura Pelos Cristais, Pirâmides e Astros

Que pensar se, nos dias atuais, alguém nos disser que acredita no deus Trovão, no deus Fogo, no deus Pedra? Com certeza nos soará como primitivismo. E quanto a alguém acreditar no poder dos cristais, das pirâmides e dos astros, de uma forma beatífica, será isso evolução? Não sabemos. Mas podemos afirmar que tal crença, muitas vezes, cria atavismos, favorecendo comodismos e gerando distorções equivocadas. Quem queira usar-lhe os pretensos benefícios ou sugeri-los, faça-o, mas sabendo que nada tem a ver com Doutrina Espírita e que os Espíritos não o recomendam.

Quanto aos astros, assim resume Ary Lex: "Há uma diferença muito grande entre a ação energética sobre a matéria orgânica, realmente possível, e a atuação dos astros sobre a conduta das pessoas; estaria havendo interferência no livre-arbítrio, o que é um absurdo"²⁷⁴.

Ou seja, do que temos visto, não basta se propague um benefício alcançado por esse ou aquele meio para que se deva incorporá-lo à Doutrina Espírita. Se assim o fosse, o Espiritismo teria, como prática, não apenas todas as práticas médicas mas, igualmente, todas aquelas que influíssem na economia do ser em sua romagem terrena, o que extrapolaria o sentido, os meios e os fins do

²⁷³ SOUZA, M. Matheus. Um longo caminho pela frente. In "Magnetoterapia", cap. 7, p. 78.

²⁷⁴ LEX, Ary. Evolução do pensamento humano. In "Pureza Doutrinária", cap. 2, p. 22.

Espiritismo. E, como bem raciocinou Ary Lex acima, como ficaria nosso livre-arbítrio se apenas automatismos, ritmos, ritos e tantas práticas exóticas funcionassem sempre e plenamente, sem nosso contributo moral?

5.4 — Cura Pela Cura

Até parece que, mais que em qualquer outro tempo, a humanidade tem se preocupado com a cura, esquecendo, todavia, de manter a saúde. Tanto parte para a cura pela cura, ou seja: não importam os meios nem muito menos as providências; as providências, desde que não solicitem reformas íntimas nem exijam sacrifícios dos vícios e do comodismo, são tudo o que importa. É a filosofia do "façamos o máximo que pudermos, enquanto temos saúde, pois quando ela se for nós daremos um jeitinho; afinal, a medicina foi feita para isso", como se nosso corpo fosse apenas fonte de prazer e emoções mórbidas e nosso Espírito encarnado tivesse a finalidade única de locupletar-se na luxúria do consumismo, da sensualidade e da irresponsabilidade.

Por isso a razão de tão grande profusão de terapias alternativas. Não que sejam, em si, ruins ou ineficazes; mas o que se verifica é que o homem tem buscado, na maioria das vezes, de forma equivocada, ainda que seus fundadores, por imensa maioria, sejam homens sérios e que buscam, com seus trabalhos e pesquisas, ajudar a humanidade a se fazer mais saudável, mais feliz. Todavia, isso não tem bastado.

Nesse mar de "terapias de cura", encontramos aditivo para todos os gostos; sobressaem-se, entre elas, algumas terapias, além das já mencionadas: são as pelas plantas (fitoterapia), pelas agulhas (acupuntura), pela meditação (yoga, várias modalidades), pelas águas (hidroterapia, não confundir com a água fluidificada), pelo barro (geoterapia), pelas massagens (do-in, por exemplo), pela hipnose (com regressão a vidas passadas), pela homeopatia (contraria contrariis curantur), pelo alimento integral (macrobiótica), pela radiestesia (assimilação radiações), e outras mais. Contudo, mesmo lhes aferindo valores positivos quanto aos resultados, não devem nem podem ser incorporadas à prática Espírita por não comungarem das mesmas bases. O que pode e deve ser feito é aproveitarmos seus conhecimentos, quando universalizados, e, como seres humanos, incorporar à nossa cultura e experiência pessoal aquilo de bom e útil ao nosso dispor, sem, contudo, afrontar nossos princípios morais e/ou doutrinários. Um exemplo disso é que a Espiritualidade usa, nos Planos Espirituais, de conhecimentos médicos avançados, sem que isso seja necessariamente Doutrina Espírita. Inclusive o próprio André Luiz nos dá um exemplo do uso da acupuntura naqueles planos, totalmente dentro dos conceitos dos fluidos, deixando caminhos de reflexão à humanidade quanto às potencialidades nossas no "grande amanhã": "Providências para que a jovem não se afastasse, em espírito, do corpo desgovernado, passes reconfortantes nos centros de forças, estímulos variados em diversas seções do campo cerebral, insuflações nos vasos sanguíneos. Operações minuciosas e demoradas. Acupuntura magnética do plano espiritual, em que o orientador patenteava notável mestria"²⁷⁵. Entretanto, não podemos inferir dessa colocação que André Luiz tenha querido introduzir a acupuntura no corpo doutrinário do Espiritismo. (Atente o leitor para as várias situações mencionadas por André Luiz nesta curta passagem, e tire suas próprias conclusões. Para ajudar, grifamos algumas delas.)

²⁷⁵ XAVIER, Francisco Cândido. In "Sexo e Destino", cap. 14, p. 168.

Um esclarecimento importa a ser feito. Apesar de termos colocado a homeopatia como terapia alternativa, na realidade ela não o é pois "A homeopatia foi reconhecida como especialidade médica em 1979 pela Associação Médica Brasileira e, em 1980, pelo Conselho Federal de Medicina"²⁷⁶, conforme registra Célia Regina Barollo: "A Homeopatia é — segundo a mesma autora — rigorosamente uma ciência, uma revolução na medicina convencional, iniciada por Hahnemann há quase dois séculos"²⁷⁷.

Inclusive, a Homeopatia tem muita afinidade com os princípios da fluidoterapia²⁷⁸ posto que, como esta, não é imediatista e requer do paciente uma grande reforma íntima, fato pelo qual paga o elevado preço da incompreensão em que se vê sitiada. O tratamento por seus métodos e fundamentos analisa o homem como um ser integral e, por isso, nunca se limita a ser um simples remédio do imediatismo. É ela, por sinal, a única Medicina (quem atua como Homeopata "latu senso" é somente médicos formados em Medicina) que na prescrição de seus remédios prevê o estado emocional e psíquico de seus pacientes; para uma mesma doença prescreve remédios distintos, dependendo das características intrínsecas de cada paciente. Por isso é que a Homeopatia não é terapia alternativa "ela é a própria Medicina (quicá, A MEDICINA DO FUTURO!)"²⁷⁹.

Destacamos ainda que fizemos a catalogação daquelas práticas de cura como terapias alternativas em face do apresentado em compilações e consensos literários não específicos às respectivas terapias. Não se tome, portanto, o termo "alternativa" por discriminatório; mesmo porque, nessas literaturas, o próprio passe e o magnetismo são igualmente catalogados como tais. A acupuntura, por é reconhecida como ciência médica em muitos países mas, naquelas publicações recebe o mesmo tratamento alternativo. Fica o registro.

5.5 — A Doença Como Cura

Mesmo parecendo estranho, muitas doenças funcionam como maravilhosas terapias. Uma pessoa viciada, por exemplo, pode contrair uma hepatite e, a partir daí, estabelecer base para sua reforma, para a mudança de seus hábitos. Não seria aí, então, a hepatite, um bem maior que um mal? Por exemplos tais, percebe-se que doenças podem ser encaradas como solução de problemas outros que, por serem maiores, transmutam-nas em verdadeiras curas.

Vejamos um exemplo tomado do ângulo Espiritual: "— Ele necessitará de desintoxicação — confidenciou-me o Dr. Lustoza — Bernardo irá assisti-lo com passes diários por algum tempo e será providenciada uma enfermidade-auxiliar mo terapia libertadora.

"— Enfermidade-auxiliar! — interroguei, a meu turno.

²⁷⁶ BARROLO, Célia Regina. Histórico da homeopatia. In "Aos que se tratam pela homeopatia", cap. 2, p. 16.

²⁷⁷ BARROLO, Célia Regina. Introdução. In "Aos que se tratam pela homeopatia", p. 6.

²⁷⁸ Veja-se a obra "Homeopatia e Espiritismo" de autoria do Dr. Lauro São Thiago, publicada pela FEB.

²⁷⁹ As informações sobre Homeopatia nos foram valiosa e carinhosamente cedidas pela confreira "Bea" Fanha.

"— Não há motivo para estranheza — replicou jovial —. Existem as doenças expurgadoras, as que convidam à renovação e as que ajudam na libertação dos vícios. Enfermo (...), ele se recusará às drogas, por medo da morte e cuidará melhor do corpo (...). Porque suas resistências imunológicas estão em quase crise, não será difícil auxiliá-lo na aquisição de uma infecção respiratória (...)"²⁸⁰. (Grifos originais.)

Para resumir, indicamos a mensagem "Doentes e Doenças" (Irmão X) do livro "Estante da Vida"²⁸¹, onde três curas se convertem em três problemas, fazendo os doentes precisarem do retorno da doença.

Casos como esses são úteis para refletirmos sobre o valor da cura; não no sentido apenas do retorno da saúde mas como a própria doença pode estar funcionando em favor de uma cura maior. Como diz Richard Simonetti, "Doença prolongada é tratamento de beleza para o Espírito"²⁸².

²⁸⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. O despertar de Maurício. In "Painéis da Obsessão", cap. 13, p. 109.

²⁸¹ Cap. 32, pp. 122 a 124.

²⁸² SIMONETTI, Richard. As delongas do desligamento. In "Quem Tem Medo da Morte", p. 46.

CAPÍTULO X

ASSUNTOS DIVERSOS

"Os fluidos salutareos decorrentes da oração e do amor fraterno de todos nós anestesiar-lhe-ão os centros psíquicos, de alguma forma atenuando a aflição que a golpeia, continua. O Senhor não deseja a punição do infrator, mas a sua reeducação com vitória sobre a infração." (Bezerra de Menezes, Espírito)²⁸³.

Embora não seja pretensão nossa esgotar tão vasto assunto, na medida de nossas possibilidades procuramos abordar o maior número possível de casos e situações em que o passe, através dos pacientes, passistas, Casas Espíritas e Espíritos, pudessem estar envolvidos. Contando com a privilegiada ótica Espírita, buscamos os requisitos necessários para um perfeito entendimento da matéria, adequando-a, assim, a um entendimento rico, mas, não "oculto", consentâneo, porém, não vulgar, grande, contudo, pouco rebuscado.

Agora, que estamos chegando ao final do livro, registramos ainda existirem assuntos carentes de uma apreciação mais prática, por motivo mesmo das corriqueiras dúvidas que suscitam.

Assim sendo, encerraremos buscando fazer uma panorâmica sobre vários assuntos, na tentativa de eliminar mais algumas dúvidas e ensejar outras reflexões aos estudiosos da fluidoterapia, do passe.

1. A CRIANÇA

Uma atenção muito especial; eis o que, de início, ela precisa. Afinal, a própria filosofia humana, na sua realidade prática, nos ensina que esta será o nosso homem de amanhã. E, em assim sendo, todo cuidado que lhe dedicemos, principalmente nos ensinamentos morais, ainda serão poucos. É, pois, de se perguntar: "E como será em relação à fluidoterapia? Merecerá uma atenção diferente?" Examinemos a questão.

1.1 — Como Passista

Perguntou Kardec aos Espíritos: "Em que idade a criança pode ocupar-se da mediunidade? A resposta: "Não há idade precisa, tudo dependendo do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. (...) Falo da mediunidade, em geral; porém, a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo (...)"²⁸⁴. Como já vimos noutra oportunidade, a tarefa do passe tem profundas ligações com a mediunidade de efeitos físicos, em face das liberações fluidicas com que se trabalha. Por isso, como regra geral, não deve a criança nem o adolescente se entregarem a tal mister.

²⁸³ FRANCO, Divaldo Pereira. Primeiras providências. In "Nas Fronteiras da Loucura", p. 49.

²⁸⁴ KARDEC, Allan. Inconvenientes e perigos da mediunidade. In "O Livro dos Médiuns", cap. 18, item 221, 8ª questão.

A criança não toma posse integral de todas as funções organoperispirituais, em média, até que complete os sete anos de idade; a ligação perispiritual com o corpo ainda não está, por assim dizer, completada. Como evidência, a própria genética nos ensina que, desde a fecundação do óvulo até aquela idade, o comportamento metabólico e cariocinético do reencarnante se dá de maneira e em proporções diversas do que acontece com o adulto.

A propósito, nos orienta André Luiz: "A criança recém-nata retira-se do útero e entra em nova fase de evolução, que se firma através de alguns anos. A princípio, tenra e frágil, retém na própria organização os recursos sanguíneos que lhes foram doados, por manutenção endosmótica, no organismo materno, para, somente depois, eliminar, quanto lhe seja possível, esses mesmos recursos, gerando os que lhe são próprios"²⁸⁵. (Grifamos.)

Estando o Espírito reencarnante, quando criança, ainda assomando seu novo corpo, tanto no aspecto fluídico quanto orgânico, o desprendimento prematuro de suas energias vitais, principalmente se de forma regular, lhe será prejudicial, pois, estará dando algo de essencial ao seu próprio desenvolvimento orgânico, com isso gerando interferências nocivas ao tônus vital, com conseqüências graves e imprevisíveis. Como a perda fluídica do médium, por ocasião do passe, se faz refletir, em seus corpos orgânico e perispiritual, não seria diferente na criança. Ocorre que esta, em seu desenvolvimento, via de regra ainda está necessitando receber e metabolizar certas dosagens fluídicas para melhor estabilizar seu campo energético próprio. Por isso, se vier a ter perdas fluídicas consideráveis, não terá, em tese, como reparar seu campo fluídico com facilidade. Pelo menos dois motivos se impõem: primeiro porque numa criança uma perda fluídica não é apenas uma alteração molecular, mas, uma "descompensação fluídica" que requererá não só condições especiais para seu refazimento como também uma maior elasticidade temporal a fim de que todo um processo de histogênese fluídico-perispiritual se estabeleça; depois, vem a questão do direcionamento fluídico: desempenhando um papel importantíssimo nas transferências e absorções fluídicas, a criança, que neste campo específico ainda não terá desenvolvido sua capacidade específica a contento, não favorecerá plenamente o processo de doação controlada, pelo que a tornará ineficiente, abstração feita às condições de merecimento e de ajudas espirituais.

Portanto, ainda que a criança demonstre grande capacidade de doação fluídica, convém controlá-la através de evangelização apropriada à sua faixa etária e psíquica, nunca sendo de bom alvitre o seu desenvolvimento prematuro neste mister. (Acreditamos estar óbvio que tão mais grave será a questão quanto mais envolver a criança como doadora de suas próprias energias magnéticas, Com isso queremos deixar evidente que não se está proibindo que uma criança pouse sua mão sobre a cabeça de um ente querido e, rogando a Jesus proteção, transmita-lhe a bênção do "fique bonzinho, viu?!".)

O adolescente, também de forma geral, não deve ter suas potencialidades fluídicas expostas às doações constantes, pois, muito dos fluidos vitais que vier a despender também lhe farão falta. Afinal, como os Espíritos nos instruem, até a maioria nem sempre o homem tem assomado integralmente sua reencarnação, no que tange à perfeita interação Espírito-perispiritual-corpo, pelo que vulgarmente se diz que o jovem anda "no mundo da lua", com isso insinuando que os observamos qual criaturas que têm um pé aqui e outro num outro lado da vida. Toda prudência para

²⁸⁵ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Existência da alma. In "Evolução em Dois Mundos", cap. 11, item A larva e a criança, pp. 81 e 82.

com o jovem na área da fluidoterapia, neste sentido é requerida. Tanto que Michaelus assim se expressa: "Os adolescentes não devem magnetizar, não porque lhes falte a força necessária, mas porque, na idade de crescimento em que se encontram, o fluido que despendessem far-lhes-ia falta para o seu próprio desenvolvimento"²⁸⁶.

1.2 — Como Paciente

Conforme acabamos de ver, geralmente a criança requer fluidos e, por isso mesmo, cria uma predisposição natural a sua assimilação. Ademais, muitas crianças procuram, pedem, buscam mesmo o passe, assim registrando sua fé com um vigor muito consistente. Por outro lado, ainda que a busca não lhes seja consciente ou mesmo bem aceita (no início), fato é que elas ainda não criaram barreiras mentais à fluidoterapia, o que corresponde a uma entrega ao passe com o coração, sob um "campo" de funda receptividade. E quando os pais ou responsáveis tem-na orientado acerca dessa bênção, os resultados são bem mais seguros e benfazejos. Por tudo isso, seu sistema de absorção fluidica é mais "aberto" que o dos adultos já que, por força do exposto no item anterior, independente de qualquer anomalia, sua estrutura perispiritual está transitando exatamente na busca de energias complementares para, inclusive, patrocinar a "geração de recursos" de que falou André Luiz na referência (3) acima. Isto, inclusive, explica por que o passe na criança é, via de regra, muito feliz.

Como o sistema de permuta fluidica nos processos do passe se dá por idade, torna-se comum o passista se sentir bem, leve, harmônico, após fazer aplicação de passes em crianças; a empatia proporciona um feedback, um retomo, ao médium na forma de equilíbrio, aliado à agradável sensação de bem-estar, proveniente do como a criança "absorveu" os fluidos. É, para exemplificar, como quando damos um presente a alguém e esse alguém nos transmite sua alegria por recebê-lo; isso nos deixa leves, felizes. A criança, por sua própria capacidade assimilativa de fluidos "finos", nos transmite tal sensação em grande número de oportunidades. Como a criança quase sempre requer fluidos mais finos", menos materiais, a passagem desses fluidos por nosso intermédio também nos proporciona a agradável sensação que acabamos de mencionar; mas se, em vez dos fluidos "passarem", eles "saírem" de nós, ainda aí quedará uma sensação amena pois, para liberarmos tais fluidos, precisaremos adaptar a "textura" de nosso fluido, a qual se estrutura por nossa posição mental, por uma elevação psíquica nossa. Representando isso uma elevação de padrão vibratório e como quem se eleva, em termos de vibração, registra uma sensação agradável, eis aí, mais uma explicação. Assim sendo, ao contrário da peneira física que retém grãos maiores e libera passagem aos menores, a "peneira psíquica" seleciona os fluidos, direcionando os "finos" a este atendimento e reelaborando os demais em benefício e função do próprio médium (ou de outros pacientes), como que harmonizando-os por balanceamento psíquico no organismo do passista. Não duvidemos: a Lei é perfeita!

A satisfação com que um paciente assimila nossos fluidos geram em nós, não por egoísmos, vaidade ou capricho, mas, por satisfação do dever bem cumprido, uma reação de plenitude, ainda que, por vezes, estejamos submetidos a certos estados de fadiga.

²⁸⁶ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 17, p. 157.

Uma ressalva, todavia, se faz necessária: não se entenda que do fato de nos sentirmos mal após aplicarmos um passe se trate de um mau registro ou de uma assimilação duvidosa da parte do paciente; não! Outros fatores, e estes são inúmeros, podem contribuir para isso, dos quais veremos alguns adiante quando estudarmos as sensações no passe.

Quanto aos casos de sensações desagradáveis, além dos fatores que mencionaremos adiante, existem crianças que possuem registros de experiências passadas muito vigorosas a ponto de transmitirem esses registros a sua aura ou, ainda, algumas possuem eventuais perseguidores espirituais que se revoltam com o atendimento que se lhes prestam, levando-os a infligirem a quem as atende, todo seu ódio e toda sua vibração negativa. São sensações, contudo, que não possuem vida própria e que, portanto, são facilmente descartadas. Como, todavia, só recebemos de acordo com nosso merecimento, e este tem muito a ver com nossa conduta moral, a necessidade de reforma moral torna-se sempre urgente e intransferível.

Um outro fator merece ser considerado; é comum se recomendar que as crianças, quando misturadas aos adultos, tomem passes primeiro. Dois fatores se impõem: o primeiro é de ordem disciplinar; como as crianças normalmente são irrequietas, posicioná-las em filas longas cria embaraços não só para elas como para seus responsáveis; se as crianças ainda são de colo, o problema é mais grave ainda pois, além da possibilidade do choro, os que estão a carregá-las se cansarão desnecessariamente. O segundo fator é que os médiuns, mormente em caso de passes com predominância de fluidos humanos, ficam em condições de controlar melhor suas doações fluídicas quando iniciam por elas. Não se trata, entretanto, de regra inflexível mas o bom senso recomenda atentemos à conveniência de priorizar, neste sentido, o atendimento às crianças.

Por outro lado, será que a criança deverá receber a mesma carga fluídica de um adulto? O próprio bom senso nos diz que não. Se na alimentação, na vestimenta, nas posologias médicas, nos hábitos de dormir e de como se lhes distribuir as atividades, tudo para a criança é diferenciado, como iríamos fazer-lhes doações fortes, abundantes, hiperconcentradas, nos mesmos padrões dados aos adultos? A criança carece não só de fluidos "finos", menos densos, como em quantidades proporcionalmente menores que os adultos. Eis mais um motivo por que a criança, preferencialmente, deveria receber passes antes dos adultos.

Duas últimas observações:

1. Os cuidados quanto à alimentação e ao comportamento orgânico (absorção de medicamentos, tóxicos, vícios em geral) por parte dos passistas, quando da aplicação de passes em crianças, são muito mais sérios e graves que os recomendados como regra geral. Jamais deveremos expor as crianças às nossas mazelas, não apenas no campo do exemplo moral, mas, igualmente nas transfusões fluídicas.
2. Se para o adulto a dispersão de fluidos ao final dos passes é importante, para as crianças é **INDISPENSÁVEL!** Afinal, elas estão mais expostas às sensações desagradáveis patrocinadas por excessos de fluidos que os adultos. Portanto, e vamos dizê-lo em maiúsculas para que nos lembremos, sempre: **"AO FINAL DOS PASSES EM CRIANÇAS, ENCERRÁ-LOS COM PASSES DISPERSIVOS"**

2. O IDOSO

Vejamos uma situação aparentemente contrária à da criança; trata-se do idoso. Como corpo orgânico, quase sempre ele está em esgotamento fluídico, carente, portanto, de energias que revigorem seu tônus vital. Por conta disso, se diz que a pessoa, em média, acima dos 60 anos de idade, não se encontrara em condições ideais de aplicar passes — especialmente de origem magnéticos. Este raciocínio merece uma consideração de Michaelus: "O homem não é uma máquina que segrega o agente magnético, adverte Du Potet. O fluido vital é essencial à vida, e isso é quase pleonástico: logo, não se deve transmitir, em nome de nenhum princípio, uma força já em grau de esgotamento, a qual, por um lado, não beneficia a quem a recebe, e, por outro, prejudica a quem a transmite"²⁸⁷.

De maneira contrária, existem os que querem imputar a todo idoso a obrigação de tomar passes o maior número de vezes possível para completarem seus "tanques de abastecimento fluídico" com a maior quantidade de fluidos suportável. Tal determinação decorre de um raciocínio um tanto quanto equivocado. Analisemos as questões.

2.1 — Como Passista

Assim se pronuncia Michaelus: "(...) Os homens de idade avançada não devem magnetizar; de resto, salvo casos excepcionais, a sua força não é eficiente. Os homens na idade adulta são os mais aptos para a prática magnética, desde que reúnam, é bem de ver, as demais condições necessárias"²⁸⁸.

Apesar da clareza, aditaremos três observações:

1. O que entendemos por idade avançada? Seria um homem aos cinquenta anos, mas, sem energias, ou um outro aos setenta e cinco, pleno de vigor? Por aí já devemos notar que a característica "idade avançada" é relativa, pelo que Michaelus se absteve de considerar uma idade padrão.
2. Note-se que o autor enfatiza "não devem magnetizar", com isso fazendo direta alusão à doação dos fluidos magnéticos humanos.
3. Os casos excepcionais, acreditamos, não são apenas aqueles em que homens (falamos no sentido de pessoas e não apenas nos referindo ao sexo masculino) idosos têm vigor orgânico; não. Afinal, vimos que o passe, quanto ao fluido, tem três origens; e para o passe de origem espiritual não se requer uma condição orgânica tão primorosa quanto se solicita no magnético. Depois, se bem que não tão comum, é possível encontrarmos homens relativamente fragilizados pela idade, mas, com elevado poder magnético. Afinal, uma das grandes diferenças existentes entre o idoso e a criança, nesse caso, é que o idoso já tem uma condição de direcionamento fluídico apoiado numa vontade firme, estruturada numa vivência. E quando essa vivência foi profícua no campo da renúncia e do amor ao próximo, a vontade daí decorrente é inquebrantável, poderosíssima mesmo, especialmente em termos de direcionamento e qualificação fluidica.

²⁸⁷ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 7, p. 56.

²⁸⁸ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 7, p. 57.

Busquemos, para ilustrar, um exemplo registrado por Albert De Rochas: "De si mesmo diz Du Potet que é como o protótipo da saúde, que jamais esteve doente e sempre teve um excesso de força vital. (...) Morreu aos 87 anos e magnetizou até a morte"²⁸⁹. Contra fatos não há argumentos! Contudo, o De Rochas lembrou um aspecto interessante: a doação fluídica da parte do magnetizador muitas vezes vem a ser uma "renovação" fluídica para este e, em tal caso, a idade não interessa tanto. Alguns magnetizadores existem que não renovam suas energias com a rapidez como se dava com o Du Potet (que, lembramos, não era um magnetizador qualquer) e que, por isso mesmo, nem sempre conseguem magnetizar até o final de seus dias na Terra. Mas, por outro lado, o raciocínio demonstra com lógica que a situação do limite de idade à atividade do passista é muito relativa.

Chico Xavier também nos concede um primoroso exemplo:

"Uma senhora que transmitia passes há muitos anos num Centro Espírita procurou o Chico e perguntou se não estava muito velha e exausta para continuar e acrescentou:

"— Mas eu quero a opinião de Emmanuel, viu?

"E o grande apóstolo respondeu:

"— Chico, diga a nossa irmã que o mais velho de todos nós é Deus e que ELE ainda não se cansou"²⁹⁰.

Podemos concluir que um passista, que sempre praticou o passe com método, critério e regularidade, não será facilmente destituído de seu poder fluídico pelo avançar da idade. Ao contrário, parece-nos mais comum pessoas jovens, mas, que não são constantes nem cuidadosas em suas tarefas, rapidamente perderem não apenas suas potencialidades fluídicas como também o prazer interior de servir ao próximo (pelo menos por esta via). Afinal, amor não é élan extemporâneo nem missão sazonal!

2.2 — Como Paciente

Quando um idoso requer energias pelo passe, normalmente o solicita com "fartura" pois invariavelmente sua carência é grande. Em conseqüência, via de regra o médium sentirá um desgaste fluídico muito maior quando aplicar o passe num idoso, notadamente se este se encontrar em profundo estado de esgotamento.

Interpor a isso a obrigatoriedade do idoso receber muitos e continuados passes não é necessariamente o raciocínio correto. Equivaleria dizer-se que, por estar muito esgotado, os medicamentos que devêssemos dar aos idosos seriam em altas posologias e de forma sempre violenta; isso, em muitos casos, apenas apressaria o desenlace do paciente, além de, por outro lado, aniquilar a geriatria. Não é a quantidade de passes, mas, sim, a qualidade que importa; mesmo no caso do idoso. Isso porque sua absorção fluídica, ao contrário da criança, é lenta, demorada, sem

²⁸⁹ ROCHAS, Albert De. Nota "L". In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 205.

²⁹⁰ SILVEIRA, Adelino da. O mais velho. In Chico, de Francisco, p. 46

com isso se querer dizer que os fluidos, por não serem absorvidos imediatamente, sejam automaticamente expelidos ou rejeitados. Valendo-nos mais uma vez de uma analogia, seria como alguns mamíferos que, após ingerirem bastante alimento, ficam a ruminá-los durante longo período, digerindo-os demoradamente. No nosso caso não se trataria de uma "ruminação fluidica", o que não faz muito sentido, mas, de um armazenamento de fluidos nos "campos profundos" do perispírito para uma assimilação prolongada a posteriori.

3. A MULHER

A Doutrina Espírita, entre outras maravilhas, veio reabilitar a mulher, tirando-a do ostracismo quase animalesco a que esteve arremetida pelo comportamento desumanamente machista que de há muito vigora — não só por força da sociedade, mas, inclusive das religiões "oficiais" —, para projetá-la à pujante realidade da espiritualidade que lhe habita a alma. A mulher, com o Espiritismo, adquire o poder e a liberdade que, raras vezes, teve de fato, mas, que nunca lhes houveram sido dados de direito. E o exemplo partiu do próprio Codificador quando, casando-se com Amélie-Gabrielle Boudet, mais idosa que ele sete anos, deu-lhe a relevância devida aos grandes personagens da Terra, confirmada por ela mesma, por sua vida e por sua firmeza quando do "Procès des Spirités"²⁹¹.

A mulher para o Espírita, portanto, tem sua posição bem reconhecida, por seu valor, por sua igualdade ao homem nos direitos e deveres, por sua reconhecida e ativa participação no movimento cristão. Contudo, reconhecemos que sua organização física é diferente da masculina, principalmente nas funções reprodutivas, pelo que merecem consideremos alguns pontos.

3.1 — Como Passista

Não apenas na atividade do passe, mas, em todas outras dentro do Movimento e da Casa Espírita, a mulher pode e deve estar presente, de forma atuante, sem barreiras ou restrições. Nada lhe é interdito, nenhuma função lhe é vedada.

Como passista, a mulher se sobressai. Talvez pela sua meiguice peculiar, quem sabe pela função co-criadora que possui, função essa que lhe engrandece perante a vida e faz engrandeçam-se seus pacientes, já que, pela qualidade do atendimento que presta, excede o sentimento de considerá-los irmãos; dá-lhes a graduação de verdadeiros filhos da alma!

À mulher, dirigimos o convite ao exemplo das Marias: a de Nazareth, que por seu Filho, amou e ama todos que, diz Ele, são seus irmãos; e a de Magdala, que não gerando, amou os filhos desamados do caminho, com um amor inexcedível, profundo, como o amor que ela aprendeu com o Filho daquela primeira.

²⁹¹ Instaurado em 16 de junho de 1875, movido em Paris pelo Ministério Público, contra Buguet, Firmam e também Pierre-Gaëtan Leymarie. Autêntica peça inquisitorial que desrespeitou a viúva Allan Kardec, mas que, talvez até por isso, tenha enaltecido mais ainda sua nobreza de caráter, com sua figura feminina se saindo robustecida como o verdadeiro feminismo quer, com igualdade e respeito, direitos e deveres, mas, isento de libertinagens nefastas e comparações em níveis inferiores degradantes. Maiores e amplas informações no livro do mesmo nome, publicado pela FEB.

Mulher, podes aplicar passes. Faze-o portanto. Estuda-o. Une-o ao teu amor maternal e, como mãe amorosa, ama teus pacientes, impondo-lhes as mãos. E farás prodígios ditos inacreditáveis!

3.2 — A Menstruação e a Menopausa

Parece incrível, mas ainda há, nos dias atuais, quem veja a menstruação como uma doença ou um estado punitivo decorrente do "pecado original". Mesmo repetindo um conhecimento universal, lembramos: a menstruação não é doença nem castigo, assim como a ausência definitiva desta (a menopausa) não é a recuperação da saúde nem o fim da punição. Trata-se de uma disposição natural do organismo feminino, pois quando o óvulo não é fecundado, as glândulas e os vasos aumentados do endométrio são eliminados, sob a forma de menstruação, no primeiro caso, e, no segundo, como uma demonstração da falência da função hormonal ovariana²⁹².

Invariavelmente, entretanto, surgem as perguntas: "Mulher menstruada pode aplicar passes? E na menopausa?"

Raciocinemos: como a menstruação não é uma doença, não é transmissível por nenhum processo, nem importa diretamente na emissão fluídica — apesar de seus vínculos diretos com o fluxo sanguíneo —, nada obsta que a mulher menstruada aplique passes. Isso em condições normais.

De outra maneira, mulheres existem que não passam bem nos períodos de menstruação, com cólicas, enjôos, dores e molezas generalizadas. Nessas situações, sentindo-se a mulher sem condições de exercer sua atividade, como de resto até atividades não espíritas, deve abster-se de aplicar passes; mas não será pela menstruação em si, senão por sua indisposição física, orgânica. daí decorrente. Lembramos, todavia, que esse tipo de problema pode ser resolvido pela medicina oficial, sem falar dos muitos casos que são solucionados, plena e totalmente, por passes magneto-magnéticos.

Analisemos agora a questão da menopausa: se na menstruação não é registrado nenhum problema que desvirtue o passe, imaginemos em sua ausência definitiva. Como aquela, esta também não é doença nem, tampouco, transmissível. Entretanto, a menopausa, principalmente no seu início, pode gerar alguns desconfortos à mulher, mas, não há razão para que se suspenda as tarefas do passe, salvo quando tais desconfortos seja excessivamente constrangedores ou dolorosos.

De outra forma, menopausa não significa um esgotamento fluídico, um enfraquecimento de energias vitais, mas, apenas uma acomodação natural do organismo feminino. Nossos corpos foram criados por Deus para nos darem oportunidade trabalho, serviço, aprendizado e evolução, nunca para acomodações, "desculpismos" e fugas. Portanto, tanto na menstruação quanto na menopausa a mulher pode ser passista.

²⁹² Maiores informações no apêndice IX.

3.3 — Gestante

Assim como nos casos anteriores ficou estabelecido que aquelas disposições feminis não são doenças, também não deveremos nem poderemos considerar a mulher gestante como uma mulher doente, pois, é até redundante dizer-se que ela, quando assim se encontra, está mais plena de vida que nunca! Afinal, seu corpo já não habita uma só vida, senão duas!

Apesar disso, o caso da gestante também é uma situação especial que merece ser considerada mais detidamente.

3.3.1 — Como Passista

Nesta situação precisamos ter um certo cuidado. Quando a mulher se encontra gestante, está se dando nela um fenômeno dos mais monumentais da Natureza; ela está participando, ativamente, como co-criadora da vida humana, através de doação não apenas de seu espaço físico (útero), mas, de suas energias, fluidos, sangue e vida.

Para nossa observação, registremos parte de um comentário do Espírito Alexandre a André Luiz: "Na organização fetal, o patrimônio sangüíneo é uma dádiva do organismo materno. Logo após o renascimento, inicia-se o período de assimilação diferente das energias orgânicas, em que o "eu" reencarnado ensaia a consolidação de suas novas experiências e, somente aos sete anos de vida comum, começa a presidir, por si mesmo, ao processo de formação do sangue, elemento básico de equilíbrio ao corpo perispiritico ou forma preexistente, no novo serviço iniciado. O sangue, portanto, é como se fora o fluido divino que nos fixa as atividades no campo material e em seu fluxo e refluxo incessantes, na organização fisiológica, nos fornece o símbolo do eterno movimento das forças sublimes da Criação Infinita. Quando a circulação deixa de ser livre, surge o desequilíbrio ou enfermidade e, se surgem obstáculos que impedem o seu movimento, de maneira absoluta, então sobrevém a extinção do tônus vital, no campo físico, ao qual se segue a morte com a retirada imediata da alma"²⁹³ (grifamos).

Pela enorme dependência entre o ser reencarnante e a mãe, ela, quando gestante, deve se precaver de muitas situações que envolvam emoções fortes, alimentos inadequados, vícios, comportamento orgânico displicente, medicamentos impróprios e hábitos nocivos, a fim de manter-se holisticamente equilibrada e permitir o bom desenvolvimento daquele que já lhe é filho.

Argumenta-se que a mulher gestante, agindo equilibradamente com o fito de favorecer aquele "serzinho" em formação, por isso mesmo teria condições de agir no passe pois estaria, em tese, favorecendo disposições naquele sentido. O reencarnante, entretanto, se encontra numa situação diferente: espiritualmente ele está revertendo o processo de consciência, saindo da "liberdade espiritual" para a "prisão carnal", mergulhando nas águas do "Letes"; organicamente, está se reestruturando, assomando novos fluidos, células e órgãos, carente, portanto, de um condicionamento externo favorável às suas necessidades internas.

Considerando-se essas duas situações e lembrando que quando um passista aplica um passe com energias espirituais, na realidade ele não as doa, apenas canaliza-as e que, ao contrário, quando

²⁹³ XAVIER, Francisco Cândido. Reencarnação. In "Missionários da Luz", cap. 13, p. 221.

suas são as energias, tanto pode estar doando-as quanto renovando-se fluidicamente, poderíamos afirmar, com segurança, que:

1. os passes cujos fluidos são de origem espiritual, não importando, portanto, à economia fluídica do passista (no caso, da gestante), têm sua aplicação liberada por não prejudicar o processo de gestação, muito embora não seja recomendada uma atividade que se torne estafante como, de ordinário, qualquer outra que exija muitos esforços da mulher durante tal período;
2. já os passes cujos fluidos são de origem magnética, repercutindo, dessa forma, na estrutura fluídica do passista, podem ou não ter sua aplicação considerada como fator prejudicial ao processo de gestação, a depender de alguns senões da quantidade de fluido liberada; da aptidão da passista; da maneira como o processo se dá, ou seja, se doação integral ou por processo de renovação fluídica da habitualidade com que a passista o dá; da situação orgânica da passista quando neste estado, etc;
3. por medida de precaução, avaliemos com Chico Xavier a questão, chancelada pelo Dr. Bezerra de Menezes: "(...) Após o terceiro mês de gestação do nascituro, devem (as gestantes) abster-se da ação mediúnica, podendo permanecer porém, na equipe de serviço espiritual para receberem auxílio"; ou seja, convém não exceder os limites do recomendável a fim de não prejudicar inclusive o processo reencarnatório em vias de completar-se.

Como se vê, são situações que não nos permitem fazermos regra geral. Cada caso é um caso. Na dúvida, entretanto, convém a gestante não fazer grandes doações fluídicas; caso a passista queira continuar em suas tarefas durante a gestação, é recomendável se detenha ela na aplicação do passe em criança, por tudo aquilo que já comentamos no item 1.2 deste capítulo.

Aqui abordamos a situação em sua linha genérica; entretanto, mulheres existem que sofrem problemas complicadíssimos durante a gravidez. Nessas situações, a mulher não deve aplicar passes.

3.3.2 — Como Paciente

A gestante precisa muito do passe; não só por ela, mas pelo ser que vem de retorno ao nosso meio. Por ela, o passista, via de regra, deve tomar os mesmos cuidados que tem quando aplica passe em crianças pois ali se encontra, em estreita e simbiótica ligação, uma em formação, por isso mesmo carente de fluidos finos e equilibrados. E como a ligação é muito profunda entre os seres, não devemos submeter a gestante a violentas cargas fluídicas, sob pena de afetarmos o reencarnante, muitas vezes singelamente indefeso.

Nestes casos, é sempre bom fazermos dispersivos todas as vezes que aplicarmos passes em gestantes a fim de evitarmos embaraços aos seres ali presentes.

Uma consideração paralela surge. Parece haver um vínculo entre os "enjões de gravidez" e as "perdas" fluídicas do ser reencarnante por ocasião do processo de "contrição" perispiritual.

Ocorre que o Espírito reencarnante, na sua "morfogênese espiritual", perdendo, paulatinamente, componentes fluidicos de suas anteriores formas perispirituais, promoveria um "derramamento" de fluidos no ambiente perispiritual da mãe, com isso provocando "convulsões e/ou congestões fluídicas", tendo os enjões como consequência. A cultura popular, por sua vez, confirma que os sintomas de enjões são decorrentes da gravidez. Especialistas dizem se tratar de problemas psicológicos e outros alegam seja ação hormonal, semelhante ao efeito do

anticoncepcional oral. Enquanto a evidência do fenômeno é suficiente para uns, outros alegam a figura do placebo²⁹⁴. Fato, entretanto, é que a "coisa" acontece e são os "derramamentos" fluídicos, aí estará a confirmação da assertiva popular; contudo, o placebo, argumentam os defensores da tese psicológica, descarta esta possibilidade. Que poderemos concluir disso tudo?

Partindo-se das evidências, é muito provável que o processo de "perdas" fluídicas pelo reencarnante seja o responsável pelos distúrbios orgânicos da gestante. Como comprová-los? Se, de fato, assim se der, os passes dispersivos serão excelente terapia; assim diz a teoria. E a prática, o que nos diz? Ela nos demonstra que o raciocínio está correto; quem duvidar faça a prova. Mas, pode-se argumentar, e os placebos, por que funcionam? Sabemos que eles atuam organicamente por comando psíquico, mental. Atuando o placebo psicologicamente no paciente, apesar dos efeitos materiais dos processos de "perdas" fluídicas repercutirem fisicamente na mãe, sua ingestão propiciará a dispersão fluídica, por ato reflexo de comando psíquico, o que não contraria as causas aventadas. Ocorre que quando a mãe ingere o placebo, psiquicamente ela envia um comando dispersivo ao fluido dispersável agregado causador do mal-estar. Este comando é psiquicamente obedecido pois o "derramamento" de fluidos na mãe, exteriorizado por reações orgânicas, teve sua absorção, em primeiro plano, via organização perispiritual, organização esta plenamente submetida aos comandos e reflexos mentais.

Por outro lado, o placebo já não é tão desassociado dos padrões que vimos tratando em fluidoterapia: "Fé, esperança, confiança, são importantes componentes do efeito placebo que podem curar lesões, alterar a química do corpo, e mesmo mudar o curso das mais implacáveis doenças. Expectativa e crença podem jogar uma regra crucial, fazendo-nos melhores, assim como tornando-nos doentes", nos diz Laurence Cherry²⁹⁵.

Tudo isso só vem a favorecer o argumento dos "derramamentos" fluídicos. Daí se sobressair a necessidade de a grávida receber passes de forma regular, até mesmo para melhor predispor-la ao parto; para fornecer energias revigorantes ao reencarnante; para harmonizar a corrente sangüínea de ambos; enfim, para prestar relevantes serviços no processo reencarnatório.

4. DAR ALTA

Esta tem sido uma questão delicada. Afinal, como avaliar o momento exato de se dar a alta a um paciente que está participando de um tratamento fluidoterápico? Mesmo delicada, não nos aflijamos compulsivamente, pois, a excessiva preocupação com tal fator nos induz à expectativa perniciosa dos resultados. Entrementes, não podemos desprezar-lhe o valor, pois, chega sempre o momento em que determinado tratamento pode ou deve ser suspenso ou encerrado, assim como ocorre que nem sempre o fim de um tratamento fluídico-magnético corresponde ao coroamento de um processo de cura física, orgânica.

Daí resulta a necessidade de critérios e/ou meios para se "dar alta" aos pacientes em tratamentos fluídicos. Como muito se confundirão os critérios com os meios para essa determinação,

²⁹⁴ Vide glossário.

²⁹⁵ Citado por PERES, Ney Prieto. Em O EFEITO PLACEBO e as incríveis curas por drogas falsas e cirurgias simuladas. In "Boletim Médico-Espírita", nº 1, mar. 1984, p. 105.

deixaremos às Casas Espíritas a decisão dos critérios, apresentando, como apoio, algumas das técnicas de determinação desse instante. Anotamos, de passagem, que muito embora todas, dentro da relatividade que lhes compete, tenham seus fundamentos e praticidades próprios, umas são mais efetivas que outras.

4.1 — Pela Intuição

Já ressaltamos o valor da intuição nas tarefas do passe. Trata-se de contributo de inestimável valor, perfeitamente aprimorável a partir de uma moral ilibada, decorrente da vivência evangélica de seu possuidor, e de uma educação mediúnica séria.

Quando a intuição tem essa base, toma-se dos meios mais seguros para obter informação de quando um tratamento findou. Sua prática, todavia, requer responsabilidade, respeito, equilíbrio, bom senso e pontualidade nos serviços do atendimento ao próximo. Por isso, frisamos que quando nos referimos a intuição estamos nos reportando ao verdadeiro labor cristão do servidor sério e consciente de suas responsabilidades e não à presunção de se adivinhar resultados ou de se ficar funcionando por "estalos" ou "achismos".

4.2 — Pelo Tato-Magnético

Oportunamente já avaliamos que esta faculdade, quando aprimorada, nos fornece registros muito precisos acerca do nível em que se encontra a receptividade e a reação ao tratamento fluídico, sendo esta, por isso mesmo, excelente ferramenta da intuição.

Para o uso do tato-magnético, desde que o tenhamos bem desenvolvido, independe se estamos analisando o paciente pela primeira vez ou se já o fizemos pela enésima vez. A resposta que seu "campo fluídico" nos fornece independe do tempo em que estabelecemos "contato" com o paciente, mas, sim, da nossa capacidade de registro. Isso quer dizer que, para termos certeza, precisamos antes nos certificarmos de nossas possibilidades a fim de não apressarmos conclusões de forma indevida.

4.3 — Pela Vidência/Audiência

Sem dúvida que tais faculdades mediúnicas podem nos fornecer as mais primorosas informações, mas, por meio delas, estamos sujeitos à característica muito fugidia que as envolve. Por isso mesmo, sugerimos que seus usos sejam sempre concomitantes com outras técnicas, tais como tato-magnético, intuição, etc.

Sem querer pormenorizar tais faculdades, sabemos que é comum o vidente ver projeções, autoprojeções, ideoplastias, além da própria realidade espiritual, sendo difícil, em muitas ocasiões, precisar que tipo de visão está observando. A vidência, por sua extensão perispiritual, não se assemelha, de forma absoluta, à visão física (que vibra em faixa bem definida, observando coisas, objetos e fatos em idênticas e definidas faixas). Por este motivo, nem sempre a informação obtida

pela vidência é precisa. O mesmo se dá com a audiência, a qual se verifica sob fatores variados, pelo que cabe semelhante observação.

4.4 — Por Informações e/ou Observações do Paciente

Este é um dado precioso, mas, igualmente, é bom não seja considerado isoladamente. Muitos pacientes se sentem bem (ou mal) após determinado número de passes; isso, porém, não quer dizer que ele esteja necessariamente recuperado, piorado ou com seu tratamento concluído. Mesmo valiosa, sua informação carece, muitas vezes, de uma fundamentação mais aprofundada que o simples bem ou mal-estar. Por isso mesmo, devemos conjugar suas informações e observações com as obtidas por alguns dos métodos anteriores ou seguintes.

A fim de se conseguir uma melhor confirmação desses dados, e evitar-se as consultas diretas junto aos pacientes ou responsáveis, pode-se fazer um acompanhamento através do controle por fichário pormenorizado (vide apêndice no final do livro), dentro de critérios racionais e com metodologia comum e eficiente. Essas fichas são de uma importância fundamental, pois nelas poderemos registrar todo o tratamento, desde o encaminhamento do paciente, suas observações e expectativas iniciais, toda a evolução do tratamento, comportando a comparação dos dados fornecidos pelo paciente (ou responsáveis) com os obtidos pelos médiuns, até a alta ou um novo encaminhamento, num processo verdadeiramente seguro de avaliação. E, a depender dos critérios e do rigor ali estabelecidos, por essas fichas poderemos viabilizar e coligir dados, inclusive, para avaliação e pesquisas científicas.

4.5 — Pelo Receituário

Este é outro caminho muito seguro, desde que se leve em consideração os níveis mediúnico e moral do médium receitista. Atendida esta primeira parte, como o médium receitista quase nunca está ligado diretamente ao paciente ou ao seu tratamento, sua informação, posto que isenta das influências diretas oriundas das do acompanhamento sistemático, torna-se menos vulnerável às interpretações pessoais.

Entretanto, precisamos considerar que, se a receita prescreve um número de passes muito extenso, por exemplo, 32 passes, sendo um por semana, é comum se verificar, ao longo do tratamento, uma mudança nesse número, principalmente se os passes são de origem e fins magnéticos. Para se dirimir eventuais dúvidas, pode-se recorrer novamente ao receituário ou buscar informações pelas técnicas já descritas acima, a fim de se adaptar uma nova quantidade.

Uma outra questão vale igualmente se considerada: vezes há em que a Espiritualidade prescreve um número "exagerado" de passes, como técnica de testar a paciência e a perseverança do paciente; outras existem para consorciar-lhes, indiretamente, o acompanhamento das doutrinações evangélicas; e outras enfim, para que o paciente considere como anda sua fé. A par disso tudo, pacientes existem que precisam, de fato, tomar passes por toda a vida de encarnados que tenham, de forma metódica e sistemática, por ineficiência mesmo de suas estabilidades fluidicas,

orgânicas, psíquicas e/ou morais próprias. Tais casos, entretanto, são as exceções, pelo que não se justifica o elevado número dos "papa-passes" nas Casas Espíritas.

4.6 — Pelo Desinteresse do Paciente

Pacientes existem que são relapsos até consigo mesmos, nada fazendo para recuperarem. São aqueles que não seguem as orientações que lhes são endereçadas ou que faltam sistematicamente ao tratamento. São os que querem a cura, mas, não querem se curar.

Situemos um exemplo prático. Um paciente que deva receber passes misto-magnéticos, uma vez por semana, venha duas semanas seguidas, falte duas, venha mais uma, falte três, volte outras duas, e falte mais três. Está óbvio que esse tratamento não estará surtindo o efeito desejado. Em casos tais, o paciente deverá ser admoestado, desde as primeiras faltas, a se recompor, sob pena de ter seu tratamento cancelado. Aí, a alta se dá pelo cancelamento e não pela conclusão do tratamento.

Em passes desse tipo (magneto-"X" ou misto-"X"), se o atendimento for semanal, deverá ser cancelado qualquer tratamento após duas faltas seguidas pois o efeito da fluidificação, após esse prazo, já será duvidoso, considerando-se, se for o caso, o próprio descaso do paciente que estará contribuindo decisivamente para a anulação desse efeito.

Mas, a regra para se determinar o cancelamento de um tratamento de passes deve levar em consideração outros fatores igualmente, pelo que à Casa Espírita compete ponderá-los responsabilmente antes de se decidir por limites, onde nem sempre os números fixos são os mais felizes. Dentre esses outros fatores, registre-se a quantidade de pessoas que poderiam deixar de ser atendidas por motivo de aquele paciente relapso ocupar-lhe a vez, ou até para se coibir o mau exemplo que tais pacientes transmitem aos demais, etc.

4.7 — Por Número Predeterminado de Vezes

De todos os métodos que vimos, este é o que estabelece o critério mais frágil. Afinal, se a própria medicina ensina que não existe tratamento igual para pessoas e casos diferentes, como poderia a terapia fluidica ser tão determinística?

Quem tenha aplicado passes ou racionalize seu entendimento, facilmente concluirá que qualquer fixação ou padrão exclusivo neste sentido demonstra comodismo, ritualismo ou desconhecimento de causa, porque, se os tratamentos fluidicos fossem tão rigidamente fixados, razão não haveria para se considerar os fatores morais, de fé, merecimento e esforço próprio.

Fica sinalizado, mais uma vez, que precisamos estudar e sentir os casos, analisando os fatos e as situações, inspirando-nos nos Bons Espíritos e agindo com bom senso, discernimento e amor, pois quem ama verdadeira e indistintamente não pode amar apenas por número fixo de vezes.

5. AS GESTICULAÇÕES/RESPIRAÇÕES

Assim se pronunciou André Luiz: "Lembrar-se de que na aplicação de passes não se faz precisa a gesticulação violenta, a respiração ofegante ou o bocejo de contínuo, e de que nem sempre há necessidade do toque no paciente pois "A transmissão do passe dispensa qualquer recurso espetacular"²⁹⁶.

Atentemos bem para suas palavras: ele não proíbe a gesticulação, como querem alguns; afinal, passe é movimento. O que ele nos adverte é sobre o uso da "gesticulação violenta", ao que acrescentaremos: espalhafatosa, irracional, ritualística, do tipo "abanar o paciente com as mãos". Não, não é a violência, nem a encenação irracionalmente grotesca das mãos que dão maior ou melhor poder ao fluido, mas, sim, o quê e como, pela vontade, direcionamos ao paciente.

No tocante à respiração, o adjetivo ofegante, tal como ali empregado, é muito claro. Consideremos quão inconveniente é para o paciente receber um passe com um passista o tempo todo fazendo: "uuffaaa! uuffaaa! aaahhh: huummmm!"; ressoando alto, suspirando profundo, bafejando mal-educadamente... Isto, ao contrário do que alguns possam pensar, deixa patente o desrespeito ao paciente e a falta de preparo, moral e de boa educação, do médium.

Em sua defesa, dizem que se trata de impulsos incontroláveis. Primeiro: se tudo que nos parecer incontrolável for desculpável, não haverá necessidade de nos preocuparmos em evoluir nem de reparar nossas faltas; entretanto, as detenções e os presídios estão repletos de homens que não controlaram seus impulsos. Segundo: quando se fala em "estudo e educação da mediunidade" se pressupõe, além do conhecimento da mediunidade, a assimilação das regras, inclusive da educação social. E terceiro: quando se respira ofegantemente ou se boceja, expelimos salivas, odores e excrementos que podem ser, organicamente inconvenientes ao próximo; para preveni-los desses, precisaríamos guardar nossos pacientes sob verdadeiros guarda-chuvas ou usarmos máscaras de proteção, o que, convenhamos, tornaria ridícula nossa sessão de passes.

Como uma conseqüência natural desse raciocínio, acreditamos seja desnecessário maiores comentários sobre um outro tanto de graves equívocos que usualmente se comete, tais como estalar dedos, bater os pés no chão, bater palmas, soltar "risinhos" irônicos, ficar fazendo "rezas" tipo "bezourinhos", tremer mãos, sacudir a cabeça, "bater de ombros", bocejar alto, ficar cruzando e descruzando dedos, braços e pernas, usar de mímicas, etc. Afinal, tudo isso, e muito mais, faz parte do rol dos comportamentos destituídos de qualquer razão: doutrinária, lógica, de bom senso e de boa educação, pelo que devem ser evitados.

Em face de tais ponderações, melhor será aprendamos a nos conter, assimilando as corretas noções da boa educação, corrigindo nossos erros que, por alguns considerados pequenos, não deixam de ser passíveis de domínio e correção.

A despeito das últimas colocações, entretanto, procuraremos analisar duas outras situações bem vinculadas aos gestos por motivo de comportarem explicações mais pormenorizadas.

²⁹⁶ VIEIRA, Waldo. Perante o passe. In "Conduta Espírita", cap. 28, p. 102.

5.1 — O Sacudir das Mãos

Esta é uma situação com a qual nos deparamos com freqüência. Muitos passistas imaginam que do fato de sacudirem as mãos estarão, com isso, se desfazendo dos fluidos (negativos) pretensamente advindos dos pacientes por ocasião dos passes. Saiunav nos garante, e nosso bom senso o ratifica, que isso tem um efeito psicológico, pois "Esse efeito ajuda a criar a ilusão de que se pode eliminar algo aderente, capaz de se transferir ou de se ligar. Pode até mesmo fazer com que se tenha a sensação agradável de um trabalho conscientemente executado"²⁹⁷. É importante notemos isso claramente: um "efeito psicológico", substancializado por nossos reflexos condicionados, fazendo suceda algo físico por atendimento à ordem mental, e não uma ocorrência física real por simples movimentação física.

Seguindo com Saiunav, encontramos-lo aditando a informação de que ele nunca põe em prática tal sacudir de mãos pois lhe "Parece muito ingênuo". E dá outra explicação: "O gesto de sacudir as mãos tem, antes de mais nada, um efeito puramente fisiológico; aumenta e apressa a circulação dos pulsos, onde se experimenta a sensação de peso, aumento de calor, erroneamente visto pelos magnetizadores do passado e pelos seguidores irracionais, já contemporâneos, como sendo um afluxo do famigerado prana dos yogues, de bioenergia, de bioirradiação ou de biomagnetismo"²⁹⁸. Não, não é isso. "Trata-se de um efeito fisiológico, passível de ser deixado de lado, sem qualquer receio"²⁹⁹.

E aí surgiu uma nova explicação: uma ocorrência fisiológica. E é o que se dá; quando sacudimos as mãos, fisiologicamente sentimos mudanças em nossas extremidades; como psicologicamente "expelimos" os fluidos (pretensamente) agregados, imaginamos que aquele reflexo fisiológico é uma resposta fluídica ao nosso ato de sacudir as mãos. Resultado: quando parcialmente o julgamos, assumimos uma postura e uma técnica equivocadas pois tomamos o efeito como consequência de uma causa insustentável. Não é o fisiologismo das mãos que curam ou dispersam, mas, os direcionamentos fluídicos comandados pela mente e por elas veiculados.

Uma última situação a se considerar é que muitas vezes tal prática decorre do fato de que, assim agindo, o passista imagina impressionar positivamente o paciente, partindo do pressuposto de que vários pensam seja o mal em si algo que lhe foi projetado, imposto, injetado, donde o passista estaria simplesmente lhe extraindo esse mal estranho. Como se vê, é um comportamento equivocado a partir de sua própria propositura pois que se infirma a partir de referencial falso.

5.2 — O Lavar as Mãos

Como medida de higiene, é interessante. Muitas vezes chegamos para aplicar passes vindos direto do trabalho; é o volante do carro, são as arreatas dos coletivos; é o suor natural, são os objetos que pegamos; é a poeira da rua, são os poluentes naturais, etc. Tudo isso, sem dúvida, nos recomenda lavar as mãos; mas, paremos por aí. Afinal, vale o que sai da boca do homem e não o

²⁹⁷ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 93.

²⁹⁸ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 92.

²⁹⁹ SAIUNAV, V. L. Ibidem.

lavar ou deixar de lavar as mãos, como tão bem ensinou Jesus³⁰⁰, isso mesmo, ainda que tal medida tenha justificativa plenamente racional e lógica, não podemos assimilá-la como ritual nem como condição indispensável pois casas Espíritas existem — e em grande número — que nem ao menos dispõem água para beber quanto mais para se lavar as mãos.

Por outro lado, querermos ritualizar que após os passes devamos lavar mãos, para assim extrairmos as impurezas fluídicas aí agregadas, é querer demais. É de conhecimento geral que uma limpeza fluídica se faz pelo dispersivo e que, quando o aplicamos no paciente, automaticamente estamos aplicando-o também em nós mesmos. É como a lavadeira que, à medida que vai lavando roupas, vai igualmente lavando suas mãos. Por isso, quando nos conduzimos corretamente na aplicação do passe, não retemos em nosso psiquismo fluídico as emanções deletérias dos pacientes. Se, todavia, a despeito de tudo, tal ocorrência se verificar, façamos uma prece ou, em caso extremo, peçamos um dispersivo a um companheiro. O lavar as mãos após o passe só seria aceito apenas nas condições de higiene acima apresentadas pois como ato de autodispersão fluídica definitivamente não tem justificativa nem respaldo doutrina

Mais graves ainda, no sentido dos rituais, são certas recomendações aconselhando passistas a tomarem banho antes e depois dos passes. E se a sugestão vier acompanhada de receitas com chás e ervas "purificadores de clima astral", a ausência de respaldo doutrinário é gritante e "berra" por si mesma.

6. PÉS DESCALÇOS E MÃOS PARA CIMA

6.1 — Os Pés Descalços

Certa vez, numa reunião de estudo e educação da mediunidade, uma médium daquele grupo mediúnico, estando com os sapatos apertados, resolveu tirá-los para ficar mais relaxadamente acomodada. Como era uma médium das mais antigas, daquelas que quando fala uma coisa todos dizem "amém" no fim (se bem ela não seja arrogante nem fique por aí instruindo erroneamente as pessoas), na semana seguinte começou um tal de tirar sapatos que, um mês após, já tinha se tornado "regra geral" para os demais componentes do grupo. Até que alguém resolveu perguntar por que naquela sala os médiuns tiravam os sapatos. "E porque — responderam — Dona "Fulana" também tira os dela...". Ou seja: fizemos porque alguém faz, e não ligamos de saber se está certo, se tem fundamento ou não. — Depois de explicado o motivo da primeira vez porque ela tirou os sapatos (e que tinha continuado tirando pois "o chão daqui é tão fresquinho..."), reformulou-se a prática e todos voltaram a ficar calçados... Como inclusive orienta a boa educação³⁰¹.

Mesmo se tratando de um caso particular, dá para se ter uma idéia de como as coisas são complicadas quando não se estuda ou não se investiga suas razões de ser.

³⁰⁰ Lucas, XI, vv. 38 a 40.

³⁰¹ No capítulo VIII, item 8, As correntes, na referência (181), encontramos: "Os egípcios faziam a sua "Cadeia" com os pés descalços; hoje, a evolução, a moda, a higiene e o conforto, exigem que os pés estejam calçados (...)". Se os fatores aventados não interferiram no "fenômeno", é sinal de que os "pés descalços", de fato, não fazem sentido.

Um caso semelhante se deu quando, a fim de se atender a um maior número de pessoas que buscavam um copo de água fluidificada após as reuniões, uma instituição Espírita que freqüentávamos resolveu colocar o filtro, que até então ficava num recanto de pouco acesso, à porta de entrada/saída da Casa. Já na primeira semana, tal atitude deu origem a uma verdadeira romaria, um inusitado ritual... Quem entrasse ou saísse da Instituição ia direto ao "pote". Conclusão: em menos de um mês o filtro teve de voltar ao seu lugar original, a fim de evitar aquela assimilação "eucarística" da água; não sem antes se ouvir verdadeiros brados de revolta daqueles que, "inocentemente", não viam naquilo nada mais que um copo de água fluidificada. Mas, isso também tem uma explicação. A Doutrina Espírita foi codificada há apenas 144 anos (estamos em 1991), pelo que é muito pouco provável na presente encarnação algum de nós "esteja" espírita pela terceira vez; as probabilidades nos dizem que, no máximo, esta é nossa segunda encarnação como espíritas. Por nós mesmos, imaginamos que a grande maioria dos espíritas de hoje o está sendo pela primeira vez. E o que tem isso a ver? Significa que muito provavelmente somos recém-egressos de igrejas ou orientações religiosas ritualísticas e dogmáticas, traduzido por nosso instintivo "reflexo condicionado" nos impulsionando à tentativa de ritualizarmos tudo que nos surgir proveniente de orientação religiosa. Como no Espiritismo não há rituais, paramentos e outras "coisinhas" mais, tendemos a buscar um "jeitinho" para "inventar" soluções não requeridas.

Voltemos aos pés descalços. Observamos que quando alguém quer dar um cunho pseudocientífico ao fato costuma tirar ilações da analogia do fio "terra", ou compõe um raciocínio onde explica que com os pés descalços as energia da Terra fluem mais facilmente pelo corpo. Consideremos:

1. Não somos fios condutores de eletricidade nem participamos de circuitos elétricos, pelo que não precisamos de ligação direta com a Terra além da perispiritual. Se, como já vimos a mancheias, os fluidos atuam a distância, e como os assimilamos de forma etérea via centro coronário, tal recurso, quando justificado por essa analogia, é taxativamente dispensado.
2. Sobre a questão das "energias da Terra", já tivemos oportunidade de comentá-la quando mencionamos, no capítulo IV, item 3, os estudos e teorias da "kundalini". Se, tal como vimos, aquelas energias primárias não devem ser despertadas por seus métodos esotéricos, e considerando-se que elas só fluem da maneira descrita como "fogo serpentina", a justificativa dos pés descalços, que toma por base ditas energias, se torna insustentável por inverossímil.

6.2 — As Mãos Para Cima

Parece-nos claro que tal atitude indica tratar-se do efeito físico resultante de uma pretensão psicológica de se imaginar assim poderemos captar as energias espirituais. Analisemos o assunto em dois pontos:

1. Sabemos que o acima e o abaixo são posições relativas, mesmo em se tratando de regiões espirituais. É também conhecido que os Espíritos nem sempre estão acima de nós mas, via de regra, ao nosso lado. De outra forma, os fluidos chamados espirituais estão estabelecidos num "campo energético" (fluido cósmico) multidirecional e não num sistema de represamento com liberações tipo cachoeira ou cascata. Disso tudo decorre que agimos equivocadamente quando

pressupomos a captação de uma "energia" erroneamente imaginada num lugar geográfico não condizente com a realidade.

2. Também vimos no capítulo VIII, item 1.1 "As Mãos", que não é necessariamente pelas mãos que captamos "fluidos do Céu" mas sim pelos nossos centros de força, especialmente o coronário. Isso fecha a questão.

Uma dedução que leva a se assimilar as mãos como "captadores fluídicos" vem de algumas evidências percebidas, especialmente por médiuns videntes. Dizem esses que, muitas vezes, as mãos dos passistas adquirem ou assimilam fluidos desarmonizados dos pacientes e que, portanto, as mãos são captadoras. Tomemos um ímã como analogia. Quando passamos esse metal sob uma camada de limalha de ferro, essa limalha se orienta no sentido do campo magnético criado pelo ímã. Caso não haja nenhum anteparo entre o ímã e a limalha, a limalha será atraída para aquele. Apesar disso, no ímã não localizamos uma zona de "captação magnética" mas um campo magnético que, por afinidade, "atrai" para si os metais que se lhe "combinam". Semelhante processo se dá com as mãos. Elas apresentam um "campo anímico-magnético" que, em determinadas situações de afinidade e em não havendo um "anteparo psíquico", produz a atração de alguns tipos de fluidos que, em condições normais, seriam dispersados.

Por fim, apesar dessas explicações, há quem pretenda justificar tal gesto dizendo que ele nada tem de prejudicial ao passe, daí inferindo seja indiferente fazê-lo ou não. Não concordamos com tal posição! Pode não ser considerado como dos maiores males, mas, faz muita diferença porque seu uso induz a um misticismo, a uma ritualística descabida e irracional, em face de não possuir fundamentação evangélica, doutrinária, nem científica. E importa ainda pelo fato de ser nosso dever evitarmos os equívocos que tanto têm contribuído para a tentativa de desnaturar uma Doutrina tão séria e gravemente codificada.

7. OUTROS USOS E HÁBITOS

7.1 — A Alimentação

Muito se fala, se critica e se comenta sobre a alimentação não só do passista como do paciente. Antes, ouçamos os Espíritos na obra básica da Codificação:

"Será racional a abstenção de certos alimentos, prescrita a diversos povos?"

"Permitido é ao homem alimentar-se de tudo o que lhe não prejudique a saúde. Alguns legisladores, porém, com um fim útil, entenderam de interdizer o uso de certos alimentos e, para maior autoridade imprimirem às suas leis, apresentaram-nas como emanadas de Deus.

"A alimentação animal é, com relação ao homem, contrária à lei da Natureza?"

"Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização.

"Será meritório abster-se o homem da alimentação animal, ou de outra qualquer, por expiação?"

"Sim, se praticar essa privação em benefício dos outros. Aos olhos de Deus, porém, só há mortificação, havendo privação séria e útil. Por isso é que qualificamos de hipócritas os que apenas aparentemente se privam de alguma coisa"³⁰². (Grifos originais.)

É bem verdade que aqui os Espíritos estão respondendo de forma genérica e não para o caso específico da mediunidade curadora. Mas, será que seria muito diferente?

Quando os Espíritos dizem que "a carne se alimenta da carne", estão deixando claro que, a despeito de alguns apregoarem aos quatro cantos os exagerados malefícios da carne, ela não é um mal em si mesma, pelo que não pode, pura e simplesmente, ser rechaçada como uma epidemia, uma praga, um pecado. Nada de se dizer que médium passista não pode comer carne nunca. Também; não exageremos: "acabei de me refestelar numa churrascaria e vim aplicar meus passes". Nem uma coisa nem outra; como diz o provérbio, "a virtude está no meio"³⁰³.

A carne não é pecaminosa; isto é ponto pacífico! Mas ela dispõe de certas toxinas que, quando assimiladas, interferem na qualidade radiante dos fluidos, podendo inibir condições mais favoráveis ao tratamento fluidoterápico. Seu consumo desregrado ou exagerado torna a qualidade de nossos fluidos magnéticos mais inferiorizada, com maior dosagem de impurezas orgânicas, tornando-os destoantes ante certos requisitos normais, que chamaríamos "psi-orgânicos", para que se estabeleçam as condições de uma boa fluidoterapia.

Raul Teixeira coloca um ponto de vista muito interessante: "A alimentação não define, por si só, o potencial mediúnico dos médiuns que deverão dar muito maior valor à sua vida moral do que à comida, obviamente. (...) É mais compreensível (...) que a pessoa coma no almoço o seu bife, se for o caso, ou tome seu cafezinho pela manhã, do que passar todo o dia atormentada pela vontade desses alimentos, sem conseguir tirar da cabeça o seu uso, deixando de concentrar-se na tarefa (...). Lembremo-nos que o médium Hitler era vegetariano e que o médium Francisco Cândido Xavier se alimenta de carne"³⁰⁴ (grifo original).

Existe, entretanto, uma outra situação que muitas vezes se omite ou se dá menos importância que a dada à carne, mas, que repercute de forma tão ou mais desequilibrante ainda para as emissões fluídicas; trata-se da alimentação pesada, exagerada, gulosa, quantitativa e qualitativamente falanda. Via de regra tal procedimento é muito mais restritivo à uma boa emissão fluídica do que uma alimentação leve com ingestão moderada de carne. Fora disso, não poder olvidar jamais o aspecto psíquico, moral. Afinal, não adianta muito "lavar as mãos" e nos contaminarmos com nossos pensamentos. O Evangelho é direto "Então lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E assim considerou ele puros todos os alimentos.

³⁰² KARDEC, Allan. Da lei de conservação. In "O Livro dos Espíritos", Parte 3ª cap. 5, questões 722 a 724.

³⁰³ "In mediun virtus est".

³⁰⁴ FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, J. Raul. Alimentação. In "Diretrizes de Segurança", cap. 8, questão 86, pp. 75 e 76.

"E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina.

"Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícia o dolo, a lascívia, a blasfêmia, a soberba, a loucura.

"Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem"³⁰⁵ (grifamos).

É como já foi frisado alhures: "Não é possível fornecer forças construtivas alguém, ainda mesmo na condição de instrumento útil, se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais. Um sistema nervoso esgotado, oprimido, é canal que não responde pelas interrupções havidas. A mágoa excessiva, paixão desvairada, a inquietude obsidiente, constituem barreiras que impedem a passagem das energias auxiliadoras. Por outro lado, é preciso examinar também as necessidades fisiológicas, a par dos requisitos de ordem psíquica. A fiscalização dos elementos destinados aos armazéns celulares é indispensável, por parte do próprio interessado em atender as tarefas do bem. O excesso de alimentação produz odores fétidos, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estômago, prejudicando as faculdades radiantes, porquanto provoca dejeções anormais e desarmonias de vulto no aparelho gastrointestinal, interessando a intimidade das células. O álcool e outras substâncias tóxicas operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutare"³⁰⁶. (Alexandre) (grifamos).

Como pode ser observado, o irmão Alexandre não se refere à carne em particular, mas, à alimentação em geral, pelo que devemos ter cuidado com ela. Mas, esse cuidado não deve se restringir a pensar que é pecado comer carne ou simplesmente evitá-la por recomendação não se sabe de onde nem de quem. Ponderemos racionalmente e nos preocupemos primeiro em vigiar nosso campo mental. Assim agindo concluiremos, por nós mesmos, que nos dias em que vamos aplicar passes não é de boa medida que abusemos da carne, principalmente se os passes que iremos aplicar forem de origem fluidico-magnética ou para fins magnéticos. Se for possível, preferível evitemos sua ingestão nesses dias, sem, contudo, fazer disso motivo para preocupações extremadas ou puritanismos farisaicos.

Os naturalistas nos têm demonstrado a mancheias que os alimentos naturais são muitas vezes mais ricos e saudáveis que os enlatados ou de origem animal. Mas, a proteína animal, para uma grande maioria de pessoas, ainda faz parte de sua necessidade básica, elementar, pelo que não devemos constrangê-la de forma preconceituosa ou extremada, criando certos "traumas" que redundariam em maiores prejuízos que a simples alimentação com base carnívora. É prudente e pertinente a recomendação de Keith Sherwood quando lembra: "As proteínas das plantas geralmente são deficientes em um ou mais aminoácidos essenciais, o que equivale dizer que, para obter proteínas completas, seria preciso consumir grande quantidade de vegetais. É recomendável comer pouca carne. Mas, uma vez que você decida substituir proteína vegetal por proteína animal,

³⁰⁵ Marcos, VII, vv. 18 a 23.

³⁰⁶ XAVIER, Francisco Cândido. Passes. In "Missionários da Luz", cap. 19, p. 323.

você deve se assegurar de que está consumindo regularmente a quantidade necessária de aminoácidos"³⁰⁷.

Emmanuel também vaticina que "A saúde humana nunca será o produto de comprimidos, de anestésicos, de soros, de alimentação artificialíssima. O homem terá de voltar os olhos para a terapêutica natural, que reside em si mesmo, na sua personalidade e no seu meio ambiente"³⁰⁸.

André Luiz recomenda mais: "Fugir de alimentar-se em excesso e evitar a ingestão sistemática de condimentos e excitantes, buscando tomar as refeições com calma e serenidade.

"Grande número de criaturas humanas deixa prematuramente o Plano Terrestre pelos erros do estômago.

"Sempre que possível, respirar o ar livre, tomar banhos de água pura e receber o sol farto, vestindo-se com decência e limpeza, sem, contudo, prender-se à adoração do próprio corpo"³⁰⁹.

Kardec, referendando Lamennais, é enfaticamente sensato: "(...) Como, antes de tudo, a natureza jamais age contra o bom senso, é impossível ao homem submeter-se impunemente a essas privações (da carne). Pode ser-se bom cristão e bom espírita e comer a seu gosto, desde que seja razoável. É uma questão leviana para os nossos estudos, mas não menos útil e proveitosa"³¹⁰ (grifos nossos).

Fujamos, portanto, dos excessos; tanto de proibições, notadamente as extremadas, quanto de liberalidades irresponsáveis. Podemos comer tudo, mas, analisemos quando devemos, como fazê-lo e o quanto é necessário, pois, alimentação em demasia não é sinônimo de aumento de saúde; quando muito, é apenas aumento de peso, jungidos ao aumento dos trabalhos orgânicos por digerirlos, inibindo, assim, as atividades e potencialidades fluídicas do Espírito encamado.

Um outro ponto vale ressaltar, especialmente quando consideramos o passe de origem magnético; não é de bom alvitre se fazer aplicação desse tipo de passe logo após a alimentação, tanto do passista quanto do paciente, pois a prática do Magnetismo nos ensina que tal descuido produz sérias conseqüências em ambos elementos, com efeitos quase sempre imprevisíveis.³¹¹

Não podemos esquecer que da qualidade de nossa alimentação depende a nossa conduta vital (sangüínea e fluídica), pelo que importa saibamos escolher bem, dentro das possibilidades de cada um, os alimentos com que iremos nutrir nosso organismo, e não apenas nos limitarmos a atender nossos apetites e deleites gastronômicos. Bem sabemos que, a depender do que comemos e de como comemos (quanto mais mastigada a comida, melhor aproveitamento de suas potencialidades para nosso corpo), até nossas dejeções se processarão equilibradamente. Isto é interessante seja notado, pois constantes prisões de ventre ou repetidas diarreias podem ser sinais de que nosso comportamento digestivo está incorreto, que gera, por conseqüência, irregularidades na corrente sangüínea, desaguando sérios prejuízos para nossas energias fluídicas. Por outro lado, o

³⁰⁷ SHERWOOD, Keith. Um regime diário para uma boa saúde. In "A Arte da Cura Espiritual", cap. 18, item Vamos comer corretamente, p. 214.

³⁰⁸ XAVIER, Francisco Cândido. A saúde humana. In "Emmanuel", cap. 23, item Me espiritual, p. 125.

³⁰⁹ VIEIRA, Waldo. Perante o corpo. In "Conduta Espírita", cap. 34, pp. 120 e 121.

³¹⁰ Sobre a alimentação do homem. In "Revista Espírita", dez. 1863, p. 388.

³¹¹ Veja-se exemplo em "Magnetismo Espiritual", cap. 17, p. 159.

hábito de tomar bastante líquido ao dia (recomenda-se uma média de 1,5 litro a 2 3 litros por dia para o adulto) é uma saudável e aconselhável prática.

7.2 - Os Vícios

Talvez este item fosse dispensável pois não apenas os passistas, mas, todos os espíritas devem ter consciência de que todos vícios, dos considerados menores àqueles unanimemente repudiados, são marcas de imperfeição. Mas, alguns se defendem, "eu não sou santo!". De fato, não somos santos nem a Doutrina Espirita é a doutrina só deles, pois, sua função básica é exatamente socorrer e ajudar a erguerem-se os homens caídos em erros; ela é a doutrina que ajuda a santificar o homem por convidá-lo, racional e logicamente, a reformar-se moralmente e a domar suas más inclinações. Portanto, podemos não ser santos, mas, temos nas mãos o roteiro para nos santificarmos e vivermos santamente, sem aquela desculpa do "sou imperfeito mesmo!".

Outra coisa: quando reconhecemos que estamos em erro, é sinal de que, em nós, já luz o conhecimento do mal a ser extirpado; reter-se nele é demonstrar-se em indisposição à evolução, opondo obstáculos às benesses Superiores. Agir assim, é abrir mão do direito de reclamar proteção quando as Conseqüências do erro se fizerem presentes.

Mas, vamos ao assunto de forma mais direta. É pura verdade que o Espiritismo não proíbe coisa alguma! Mas, também é verdade que muitas coisas ele não recomenda de forma nenhuma! Como o ser humano prefere registrar observações a partir do ângulo que mais o agrada, o mais comum é ouvirmos a primeira verdade, sem nos lembrarmos de aditar a segunda que não apenas lhe decorre como é complemento indissociável. Das coisas não recomendadas se encontram todos os vícios: o fumo, o álcool, o tóxico de uma maneira geral, o carteadado, os abusos de toda ordem e tudo aquilo quanto importar ao desequilíbrio orgânico e/ou psíquico do homem. Até parece se querer voltar à questão: "Assim é querer sejamos santos!". — Não, não é! Mesmo porque santidade não é apenas abstenção de elementos ou práticas nocivas. O Espiritismo nos ensina que não apenas respondemos pelo mal que praticamos (contra quem quer que seja, inclusive nós mesmos) como por todo bem que deixamos de fazer. Santidade, portanto, é um estado de elevação moral, sem agregados inferiores. A abstenção dos vícios é apenas um dos referenciais do bom passista.

Detendo nossa atenção na questão do fumo, para o passista ele é extremamente nocivo e desaconselhável, ainda que em pequenas quantidades e sem o "trago", principalmente quando se faz uso do "sopro curativo". Quanto ao álcool, a despeito da alegação de o organismo precisar de pequenas dosagens dele, sabemos que outros alimentos naturais suprem suficientemente bem essa necessidade e, como um simplório raciocínio nos indica, não temos notícia de que algum corpo normal já tenha perecido por não ingerir álcool, mas, o mesmo não se pode dizer da recíproca. No tocante aos tóxicos, psicotrópicos, alucinógenos e toda sua variedade, não apenas por afetarem diretamente o corpo orgânico, mas, por infligirem sérias constrições e graves desequilíbrios perispirituais, psíquicos e mentais a quem lhe faz uso, não devem sequer ser experimentados. Quem queira conhecer os efeitos e alcances dos tóxicos não precisa nem mesmo buscar literatura específica; basta acompanhar os noticiários e reportagens que envolvam os que se envolvem com isso. Por outro lado, os excessos: do sexo, da alimentação, dos exercícios físicos, da lassidão, entre outros, são definitivamente perniciosos; primeiro por desviarem as energias, que poderiam ser

espiritualizadas, para um adensamento material; e, depois, por escravizarem os homens à animalidade, restringindo, assim, sua marcha ascensional. Não descenderemos a comentários pois existem inúmeras obras que minudenciam tais aspectos com a profundidade e equilíbrio devidos.

Resumindo: o passista não é um ser "de outro planeta", mas, para se dizer terráqueo, não precisa assimilar os defeitos e equívocos da sociedade. Ajam e vivamos o mais natural possível; usemos tudo o que a Natureza põe à disposição; busquemos uma harmonia integral. Para isso, importa considerar: a matéria superior ao Espírito; a inferioridade como depender natural do ser humano; o trabalho como uma punição. Aqui estamos para evoluir; ajudando, servindo, amando, perdendo, compreendendo, renunciando... Se erramos, isso não é condição de evolução; é tropeço que interessa seja superado. E se conhecemos nossos erros, não esperemos novas oportunidades de correção pois ela já existe, aqui, já! Afinal, quanto tempo já perdemos? Quão melhor já poderíamos vir servindo há mais tempo?

7.2.1 - No Paciente

O paciente portador de vícios deve ser encaminhado à "evangelhoterapia" a fim de, conhecendo a doutrina e todos seus ensinamentos, adquirir condições de vencer seus maus pendores.

No tocante ao seu atendimento pelo passe, precisa ele ser advertido aos cuidados para melhor usufruir as energias que lhe serão doadas, assim conclamando-o ao afastamento dos vícios.

Para o passista, o atendimento do viciado é sempre mais tenso, pesado por motivo mesmo do desequilíbrio disseminado por todo corpo fluídico e orgânico do paciente. Isso, entretanto, não deve tolher nossa iniciativa de ajudá-lo, socorrê-lo, como não devemos nos limitar a aplicar-lhe passes omitindo-lhe o tratamento complementar e indispensável da doutrinação evangélica, por intermédio das palestras e dos estudos doutrinários.

7.3 — Sexo Antes do Passe

Se bem o assunto ligue importância também ao paciente, em virtude mesmo não ser conveniente ficar fazendo cartilhas pormenorizadas de comportamento para eles, apenas registraremos que assim como certas intervenções ou tratamentos médicos requerem do paciente a abstenção de relações sexuais antes e durante determinado período, a fluidoterapia solicita um certo autopolicimento da parte dele, pois, conforme já vimos repetidas vezes e de variadas formas, a estabilização das cargas fluídicas dependem enormemente dos campos psíquico mental do paciente, bem como da própria manutenção de seu potencial energético. Como o ato sexual em si é um forte catalisador de nossa atenção e um obliterador de energias vitais, ao tempo em que leva — analisando a questão apenas do ponto de vista fluídico — para os órgãos e sentidos empregados no ato concentrações de fluidos magnéticos mais "densos", isto pode criar um desequilíbrio fluídico no paciente, com possíveis comprometimentos na absorção e na retenção das cargas fluídicas que venham a ser doadas por ocasião do passe.

Queremos, contudo, deixar bem claro que o sexo em si não é pecado nem proibido; todavia, não podemos esquecer que a principal característica que temos de diferenciação entre os animais irracionais e nós é que possuímos a liberdade consciente de agir; isso quer dizer: fazer ou não fazer; querer ou não querer; controlar ou não controlar; pensar e decidir com razão e coração. Não creiamos que a liberdade que temos é apenas a de fazer, querer ou não controlar instintos. Quando dominamos nossos instintos, estamos decididamente avançando, pois dessa superação se observa nitidamente o equilíbrio e o discernimento já começando por luarizar nossas noites de inferioridade.

Não sirvam, entretanto, nossas palavras para se fazer condenar ninguém pois, como bem registrou o instrutor de André Luiz, o irmão Félix, "Não nos cabe condenar alguém por faltas em que talvez possamos incidir ou nas quais tenhamos sido passíveis de culpa em outras ocasiões. Compreendamos para que sejamos compreendidos"³¹².

Quanto aos médiuns... Também nada é proibido, mas, a questão da conveniência entra aqui com toda sua força.

Começemos pelos afrodisíacos: "Nemésio demonstra enorme esgotamento, à vista dos hábitos demolidores a que se rendeu. A inquietação emotiva descontrola-lhe os nervos e os falsos afrodisíacos usados solapam-lhe as energias sem que ele mesmo perceba"³¹³ (Irmão Félix). Fácil perceber como aquilo que ingerimos com fins de desvirtuamento, especialmente na área dos apetites sexuais, exerce um efeito inverso ao sentido das defesas físicas e psíquicas. O mesmo se dá com o uso abusivo ou indevido do sexo. Desnecessário dizer que tais "alquimias do vício" são fortemente desaconselhadas.

O sexo deve ser, principalmente pelo espírito médium, muito bem valorizado no real sentido do termo. Afinal, se tudo o que na vida valorizamos empregamos com proficiência e equilíbrio, não poderia ser diferente com o sexo. Portanto, nada de abusos sexuais, até mesmo para podermos valorizar o sexo na medida de sua importância. Deixemo-lo, literalmente, onde ele se encontra, não impondo-o ao coração sob forma de obsessão, pois, caso assim façamos, estaremos não o alcançando ao acaso nobre do órgão símbolo do amor, mas, projetando este àquela região. Como asseverou o Cristo: "(...) Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração"³¹⁴, registrando-nos, assim, que não devemos dar tanta valência às coisas terrenas para não nos prendermos demasiada e perniciosamente a elas.

O Espírito Carneiro Campos, numa mensagem notável³¹⁵, nos fala dos avanços do homem em vários e importantes setores da vida em geral: "Quando se trata dos compromissos e das relevantes manifestações sexuais recorrem-se a tabus ou atitudes do cinismo, sem a sã preocupação de um comportamento sério, grave, com vistas ao entendimento da questão, em clima de elevação, naturalidade, sublimação.

"(...) O problema do sexo, em grande parte decorrente da educação, resulta, sem dúvida, da atitude mental que se mantém em relação a ele.

³¹² XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. In "Sexo e Destino", cap. 5, p. 48.

³¹³ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. In "Sexo e Destino", cap. 5, p. 45.

³¹⁴ Mateus, VI, v. 21.

³¹⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. Sexo e educação. In "Terapêutica de Emergência", cap. pp. 94 a 97.

"Colocando-se o pensamento exclusivamente nas suas necessidades reais ou falsas, estas assomarão em atividade perniciosa, geradora de alienações promotora de suicídios.

"Dirigido pela mente esclarecida, faz-se nobre instrumento na programação para a qual foi elaborado pela Divindade com os elevados misteres da perpetuação da espécie."

Dentro do enfoque deste item, sabemos que a atividade sexual oblitera certas energias vitais que poderiam ser utilizadas na fluidoterapia. Quando o sexo é praticado, pelo passista, antes da aplicação dos passes, ficam diminuídas a força e a penetrabilidade dos fluidos magnéticos. Isto porque o ato sexual aciona o centro genésico em sua expressão mais material, obstaculando, assim, o livre fluir das energias magnéticas radiantes. Ademais, a atividade sexual, normalmente deixa fortes impressões no campo mental do passista e isso pode vir a prejudicá-lo no que diz respeito ao seu poder de concentração e de observação. Estes são os principais motivos pelos quais o passista deve evitar de praticar antes das sessões, policiando-se e disciplinando-se a partir de suas condições afetivas e sensuais.

Importa, agora, considerar essa questão do "antes". É de se notar que estamos aqui tratando de simplórios minutos, mas, de um intervalo mínimo 24 horas, pelos motivos já expostos. Anotemos o que nos diz o Espírito André Luiz a respeito: "A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado.

"Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carregam, em conseqüência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos"³¹⁶. E é ele mesmo quem conclui: Compreendemos, pois, que o sexo reside na mente, a expressar-se no corpo espiritual, e conseqüentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida, e, em razão disso, ninguém escarnecerá dele, desarmonizando-lhe as forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo"³¹⁷.

Finalizemos, observando as condições de conveniência. Afinal, nem sempre os cônjuges são ambos espíritas e isso faz com que, muitas vezes, um queira impor suas necessidades ao outro. Por não ter o "freio" devido nem a determinação da abstenção em determinados momentos, pode fazer seja o tarefeiro instado a satisfazer os compromissos sexuais do matrimônio, pelo que o bom senso recomenda sempre se opte pela solução menos constrangedora, a definir-se pelas condições de convivência e da ação mental de cada indivíduo. Outrossim, as condições para o "sexo antes do passe" se refere a quem tem uma vida conjugal definida. Não se interponha às nossas palavras a liberdade de se fazer sexo para quem não tem os compromissos, daí decorrentes, devidamente assumidos.

³¹⁶ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Sexo e corpo espiritual. In "Evolução em Dois Mundos", cap. 18, item Evolução do amor, pp. 142 e 143.

³¹⁷ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Sexo e corpo espiritual. In "Evolução em Dois Mundos", cap. 18, item Enfermidade no instinto sexual, p. 146.

7.4 — Os Remédios

Um Espírito amigo, ex-presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, quando estava há poucos meses de desencarnar, continuava participando, com regularidade de sempre, de uma reunião familiar, mesmo com a saúde periclitando. Uma médium, naquela noite, de forma súbita, sentiu-se compelida a jantar e, não só, a comer dois ovos praticamente crus. Achou estranho, mas, não conseguiu se controlar. Durante a reunião ela teve uma insofreável vontade de aplicar um passe nele, mas, esperou o momento adequado. Quando a ocasião se fez presente, ela aplicou-lhe um passe misto-misto e sentiu, n ocasião, como se tivesse transferindo uma energia muito forte, tão forte que nunca o houvera sentido antes. Resultado: após a reunião, ele perguntou: "Você comeu ovos antes da reunião?" Ao que ela, meio embaraçada, imaginando repreendida, respondeu, afirmativamente. Ato contínuo, ele disse que estava se sentindo fortemente restabelecido, mas, esquisitamente, registrava inequívoco gosto de ovo no paladar, ao ponto de arrotar com aquele sabor. Posterior foi confirmado que aquilo tudo teria feito parte de um atendimento previamente estabelecido pela Espiritualidade.

Numa outra oportunidade, em idêntica situação, a mesma médium tomou um medicamento por intuição, sem saber para que servia. Veio a explicação depois; foi apenas para transferi-lo, parcialmente, por igual processo, ao mesmo irmão que, conforme informações posteriores, não poderia ingerir o medicamento pois ali havia componentes indevidos ao seu debilitado estado orgânico, quer dizer o seguinte: o médium assimilou todo o remédio, reteve no próprio organismo, por obra de manipulação dos Espíritos, a parte que não deveria ser transferida, e projetou ao irmão os componentes que lhe eram necessários. Com isso, ele teve relativas melhoras físicas, aqui demorando-se até concluir seus "que-fazer", insinuando-nos, assim, uma moratória (depois confinar pela Espiritualidade).

Pode ser que o leitor se admire dessas informações, mas, garantimos que são reais, ainda que não comuns.

A forma como apresentamos os casos acima mostrou o lado positivo das transferências de substâncias, diríamos, físico-químicas, do médium ao paciente. Mas, tal prática apresenta muitos riscos que não convém serem corridos. Registramo-los aqui, apenas como ilustração e não como recomendação, pois a própria médium que assim funcionou nos dois exemplos, nunca mais, depois dessas duas oportunidades, voltou a ter qualquer registro dessa natureza em suas atividades como passista. E ela continua até hoje praticando o passe em sua forma natural. Registre-se que ali a intuição funcionou de maneira quase inconsciente e que a não repetição continuada do feito demarca a existência de limites e oportunidades, muitas vezes desconhecidos ao nosso vulgar entendimento.

Dessa forma, de maneira experimental, mostramos que há transferência de componentes físico-químicos no passe, de origem fluídica magnética e mista, pelo que é desaconselhável pessoas que estejam fazendo uso de medicamentos controlados aplicarem passes com essas características. Nesses casos, a abstenção temporária é devida e requerida. Se, no exemplo, o organismo da médium reteve as substâncias que não deveriam ser transferidas, não podemos relevar que se tratava de um caso especial em que a Espiritualidade agiu com plena mobilidade e prévia preparação, pelo que

jamais poderíamos generalizar a situação para os passistas que estão tomando certos medicamentos. Mais uma vez prevalece o bom senso.

7.5 — O Passista Doente

Eis outra questão muito comum; o passista está adoentado. Deve ele aplicar o passe assim mesmo? A resposta comporta examinemos se o passista está com alguma doença transmissível e/ou se seu estado físico o impossibilita de aplicar passe.

Se sua doença é contagiosa ou transmissível, não deve aplicar o passe, principalmente se for com fluidos magnéticos próprios, pois, quando transmitimos nossos fluidos, com ele levamos não apenas nossas "virtudes", mas, igualmente nossas mazelas. Ademais, nessas condições de contágio ou transmissibilidade de nosso mal, não devemos, sequer, ficar no ambiente das cabines de passes a fim de evitar sua propagação. Isso recomenda a prudência e o bom senso.

Algumas doenças, entretanto, existem, que não afetam significativamente a doação de fluidos, como, por exemplo, certas rinites alérgicas, dores de cabeça, dores musculares e tantas outras. Entretanto, importa meçamos com cuidado o grau de risco que expomos o paciente, bem como nossas próprias condições físicas, a fim de não pecarmos por falta de prudência. O exemplo dado no item anterior nos adverte com clareza até que ponto pode se dar a transferência fluidica, pelo que não podemos nem devemos negligenciar sobre nossas disposições orgânicas em função do paciente.

7.6 - A Higiene

Aconselha Emmanuel que "A higiene, a temperança, a medicina preventiva e a disciplina jamais deverão ser esquecidas"³¹⁸. Por sua vez, o Espírito André Luiz lembra ser dever "Cultivar a higiene pessoal, sustentando o instrumento físico qual se ele fosse viver eternamente, preservando-se, assim, contra o suicídio indireto"³¹⁹.

O Espírito Marco Prisco amplia o conceito, lembrando-nos: "Como aos recipientes se exige higiene a fim de serem conservados inalteráveis os produtos que guardam, ao médium passista são indispensáveis os requisitos da higiene física, psíquica e espiritual"³²⁰.

E sobre essa "higiene espiritual" André Luiz adverte: "(...) O médium passista necessitará vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer"³²¹.

³¹⁸ SCHUBERT, Suely Caldas. A importância da fluidoterapia. In "Obsessão/Desobsessão", 2ª Parte, cap. 10, p. 116.

³¹⁹ VIEIRA, Waldo. Perante o corpo. In "Conduta Espírita", cap. 34, p. 119.

³²⁰ FRANCO, Divaldo Pereira. Nos passes. In "Ementário Espírita", p. 117.

³²¹ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Mediunidade curadora. In "Mecanismos da Mediunidade", cap. 22, item Médium passista, p. 146.

A higiene espiritual já tínhamos visto, é indispensável; a física, ratificam agora, é necessária; por vários motivos:

- 1 — Como nossos fluidos (componentes orgânicos de fluido vital) partem também dos nossos poros, se eles estão obstruídos ou sujos, por certo comprometerão nossas emissões fluídicas, assim como a peneira suja altera o que vai ser peneirado.
- 2 — Nada mais desagradável que um odor pesado, um hálito "forte", sobre os pacientes. Muitos chegam a se desconcentrar pelo incômodo causado. De quem é a obrigação de evitar tais desconfortos ao paciente?
- 3 — Da mesma forma como, não higienizados, contaminamos os fluidos que partem de nosso psiquismo, contaminamos igualmente os que nos são cedido? -
- 4 — Se não tivermos cuidado com nossa higiene pessoal, como poderemos recomendar certos cuidados aos pacientes?
- 5 — Se bem não vivamos de aparências, não temos o direito de menosprezá-las nem de com elas nos envaidecermos; temos o dever de aproveitar-lhes os benefícios que possa oferecer. Mas, não conseguimos boa aparência sem uma higienização perfeita.
- 6 — Higiene não é sinônimo de roupa nova nem cara, mas, de limpeza, zelo e cuidados pessoais.
- 7 — Se não temos cuidado conosco mesmos, como transmitiremos a ideia de que temos cuidados com o próximo?
- 8 — Com quem você preferiria tomar um passe: um aseado e limpo, ou um desleixado e malcheiroso? — Sua resposta será a resposta de seu paciente.

7.7 — As Roupas e Adereços

Não é de hoje que vemos a Bíblia forçosamente interpretada, com o fim de atender idéias e interesses pessoais. Por isso, antes que aceitemos qual interpretação é mais prudente raciocinarmos um pouco. Vejamos a seguinte passagem: "E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários, a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal, diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas e os Espíritos malignos se retiravam"³²² Que conclusões podemos tirar? Que as roupas de Paulo estavam impregnadas de seus bons e vigorosos fluidos, decorrentes de uma vida calcada na excelência de um amor acima de quaisquer querelas humanas. Semelhante ao caso da mulher hemorroíssa que, ao tocar as vestes do Cristo, sua hemorragia, há doze anos sem cura, estancou de súbito, com Ele registrando o "toque" pois sentiu sair-lhe "um poder"³²³. Apesar das aparências, não seria lógico se extrair desses dois exemplos conselhos para se aplicar passes em vestes; tanto pelo que já vimos no capítulo VIII (item 9.1) quanto pelo fato de que, nas situações apresentadas, não houve fluidificação de roupas, mas, uma impregnação magnética.

Quando recorremos a essas fluidificações, que chamaríamos de "físicas", fitamos apenas remontando nossos atavismos passados, dos quais ainda não conseguimos ou não temos nos esforçado devidamente para deles nos desvencilhar. São, de uma maneira geral, os vícios do

³²² Atos, XIX, vv. 11 e 12.

³²³ Lucas, VIII, vv. 43 a 48.

comodismo de "ontem", refletindo-se na preguiça acalentada "hoje". Na realidade, estamos tentando substituir o esforço da reforma interior pelos adornos exteriores.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é até onde devemos ou podemos usar determinados trajes e/ou adereços quando da aplicação do passe. Não se trata de falso puritanismo ou código de censura; fato é que o passista deve se vestir coerentemente, sem "agredir" o paciente com o uso de roupas extravagantes, superdecotadas, justas demais (dificultam a circulação) ou que denotem características de exibicionismo. O bom senso nos ensina quando e onde devemos vestir o quê, inclusive a nível de modismos.

Quanto aos braços cheios de jóias e os dedos repletos de anéis (aliás, essa moda é das mais extravagantes), recomendamos parcimônia no uso desses "enfeites" para quem aplique passes, pois seu uso exagerado provoca alguns inconvenientes: barulhos e chocalhos excessivos devido à movimentação das mãos e dos braços, dificultando a concentração por parte do paciente e dos demais passistas; possibilidade de, com eles, vir a bater no paciente, assustando-o; para os menos avisados pode soar como "fetichismo", o que não condiz com a Doutrina Espírita; dependendo de como estejam amoldados ao corpo, poderá prejudicar a circulação sanguínea dos braços, mãos e/ou dedos, com isso dificultando a transferência dos fluidos magnéticos; pelo valor das jóias, poderá servir para despertar invejas no paciente, etc. E equivocados, entretanto, pensar que as jóias não devam ser usadas por motivo de um falso poder de atração magnética que elas possuíam.

7.8 — Olhos Abertos ou Fechados

Para alguns médiuns, não importa muito se o paciente está com os olhos abertos ou fechados, mas, outros se incomodam com isso. Como nosso dever é, na hora do passe, atender ao paciente e não ficar admoestando-o, eduquemo-nos, como passistas, para enfrentarmos situações como esta. Se quisermos sugerir ao paciente que feche os olhos, peçamos ao orientador do grupo que preste este esclarecimento ou que tal explicação seja feita de público, antes do início dos passes. A justificativa ao paciente é que os olhos fechados ajudam à concentração. Entretanto, isso é uma regra que, mesmo atendendo à maioria, não é universal, pois pessoas existem que se concentram melhor com os olhos abertos.

O mesmo se dá com os médiuns: ficar com olhos abertos ou fechados, vai depender de cada um e de certas circunstâncias. Afinal, algumas técnicas de passes magnéticos (por exemplo, o transversal cruzado), por requererem bruscas gesticulações, nos recomendam mantenhamos os olhos abertos, para não se correr o risco de agredir fisicamente o paciente. Contudo, não existe uma regra definitiva: vai mais da capacidade e do estilo de cada passista.

Um cuidado, entretanto, vale ser ressaltado: não confundamos a liberdade de podermos, como passistas, ficarmos de olhos abertos durante a aplicação do passe, com o usarmos da fixação do olhar para assim, e por esse meio, atingirmos ao paciente. Observemos o que registrou Michaelus: "Não é demais advertir que o magnetizador deve mostrar-se sempre cauteloso com o uso dos olhos para a cura das moléstias, não se esquecendo do conselho de Gauthier (In "Magnétisme et Somnambulisme"), de que se trata de um órgão muito delicado, que requer cuidados especiais. Por igual, convém ter sempre presente no seu pensamento a condenação de Durville ("Théories et

Procedes"), de que fixar os olhos nos olhos dos seus semelhantes, para neles provocar o estado de fascinação, é uma prática brutal de que o magnetizador não tem necessidade de usar"³²⁴.

7.9 — Os Comentários Com o Paciente

Um bom número de passistas parece ter uma espécie de "compulsão" r: sentido de comentar com os pacientes sobre sensações, observações e sugestões: Esses impulsos merecem ser controlados. Mesmo um bom serviço de passe requerendo um certo acompanhamento, para que não se faça nada precipitado, cem: bem diz Hermínio Miranda, "É preferível pecar por excesso de rigor, do que arriscar-se a pôr em xeque a harmonia e a segurança das tarefas"³²⁵.

Num trabalho de passes bem estruturado, haverá um coordenador que analisará as ocorrências, juntamente com os médiuns, e anotará providências, sugestões e encaminhamentos, dando execução ao que convir, nos critérios estabelecidos pela diretoria da Instituição e de acordo com os preceitos morais e evangélicos da Doutrina Espírita.

De uma maneira geral, recomenda-se ao passista:

- 1 — Evite comentários com o paciente, antes, durante e depois do passe; os comentários gerais devem ser públicos e, de preferência, antes do término das reuniões doutrinárias ou de preparação para o passe, conforme o caso.
- 2 — Nunca diga ao paciente que ele está com "tantos" obsessores, pois tal informação, via de regra, traz mais constrangimentos e fixações negativa que soluções. Ademais, isso é, no mínimo, uma meia-verdade, pois, se há obsessores, de igual forma existem os Espíritos amigos e guias que orientam, ajudam e sustentam.
- 3 — Caso surja a necessidade do comentário, destaque que é importante (o paciente) agradecer a Deus e a Jesus as bênçãos recebidas, alimentando a fé, a confiança e a resignação ante Seus designios de justiça e amor.
- 4 — Não faça "investigações" junto ao paciente nem fique tentando "adivinhar" sua situação física, psíquica ou espiritual. Deixe aos encarregados das entrevistas (se houver) tal tarefa e, aos Bons Espíritos, o cuidado de, por seus registros mais amplos e percepções mais profundas, favorecê-lo com suas boas e valiosas intuições.
- 5 — Nunca prescreva receitas ou orientações particulares ao paciente, principalmente, no que se refere ao uso de medicamentos, pois, só quem pode e deve fazê-lo é médico formado, conforme estabelece a Lei.
- 6 — Não recomende nem acalente a idéia de práticas esdrúxulas como o uso de velas, incensos, ritos e oferendas, pois, além de antidoutrinárias, são práticas destituídas de fundamento, lógica, bom senso, critério e respaldo científico.

No caso específico de se fazer acompanhamentos por intermédio de fichas para controle estatísticos, científicos ou verificação dos resultados, esse trabalho de comentários e sugestões aos pacientes deverá ser feito por outros que não os passistas, a fim de evitar a vinculação direta de um

³²⁴ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 11, p. 93.

³²⁵ MIRANDA, Hermínio C. As pessoas. In "Diálogo com as Sombras", cap. 2, item Os assistentes, p. 86.

com o outro. Afinal, nosso "entrar em relação" com o paciente é bem diferente daquele ensinado pelo magnetismo clássico.

7.10 — Vinculação Passista/Paciente

Esta é outra situação bem freqüente; o paciente se vincula ao passista por gostar "dos fluidos dele" ou "da maneira como ele aplica o passe", ou então o passista prefere aplicar o passe em "fulano" porque "já conheço seus problemas" ou "nos afinamos muito bem".

Isso não é positivo, pois, cria ligações equivocadas e alimenta, muitas vezes, disputas, intrigas e quizumbas desnecessárias, improdutivas e antifratemas. Afinal, se o Evangelho nos ensina que "o bem se faz sem se olhar a quem", o ditado popular nos assevera que de "cavalo dado não se abre a boca".

Por isso:

1 — Evitemos, de todas as formas, negarmo-nos a aplicar passes em alguém que não gostamos ou com a qual não nos sentimos bem pois, como espíritas, devemos praticar o amor desde sempre, pelo que urge superemos tais estados emocionais³²⁶. Ademais, quando esse alguém vem para receber o passe por nosso intermédio, aí se apresenta uma feliz oportunidade para "nos reconciliarmos o mais rápido possível com nosso adversário", conforme nos asseverou Jesus³²⁷.

2 — Evitemos, igualmente, nos vincularmos a certos pacientes e sempre quereremos atendê-los, pois, isso pode suscitar sentimentos subalternos, enaltecendo o egoísmo e a vaidade.

3 — Quando possível, sensibilizemos os pacientes a igualmente não se vincularem aos passistas de forma exclusivista.

4 — A fim de se evitar situações indutoras da vinculação, nos passes em cabines coletivas, façamos regulares rodízios dos passistas e informemos, de público, a necessidade de se evitar tal vinculação.

Uma ressalva: a amizade, a afinidade, a simpatia e a empatia não são contrárias às informações acima. Apenas, não são convenientes as vinculações exclusivistas, pois isso denota apego ao passista e não necessidade real do passe. Nesse mister, os Espíritos não atuam por exclusividade, agindo por intermédio de "A" ou "B", com exclusão de "C" ou "D".

7.11 — Os Encaminhamentos

É reconhecido que, no acompanhamento dos passes, existem necessidades de encaminhamentos, mas, para isso, a Casa Espírita deve prover os meios, oportunidades e condições necessárias e não impô-las diretamente aos médiuns passistas. Para se coibir inconvenientes,

³²⁶ Recomendamos seja lida a interessante história "Razão e Necessidade" do livro "Chico, de Francisco", pp. 52 e 53.

³²⁷ Mateus, V, v. 25.

necessário se faz uma série de providências administrativas, a fim de sanar falhas que sempre se verificam. Eis algumas sugestões:

- 1 — A Casa Espírita deve promover regulares encontros entre seus médiuns, a fim de analisar, estudar e permutar experiências, de forma objetiva e clara, discutindo abertamente, de maneira sempre cordial e fraterna, os problemas e deficiências encontrados.
- 2 — Instruir um coordenador para os encaminhamentos que se fizerem necessários, devendo este elemento ser portador de equilíbrio moral e sólidos conhecimentos doutrinários e mediúnicos.
- 3 — Jamais fazer encaminhamentos fora dos princípios evangélico-doutrinários e dos estabelecidos pela Casa Espírita.
- 4 — Veja-se os apêndices que colocamos ao final do livro.

8. AS SENSACIONES NO PASSE

É muito comum o registro de algumas sensações por ocasião do passe, tanto pelo paciente como pelo passista. Isto é facilmente explicado, pois se dá em virtude das permutas fluídicas e da sensibilidade magnética, tanto no passe espírita quanto no magnetismo ordinário.

8.1 — Sensações no Paciente

"E Quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando, e disse em alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te que não me atormentes"³²⁸.

Percebemos, aí, os Espíritos inferiores (pois eles se diziam "Legião" e o evangelista informa serem muitos) se "atormentando" com a simples admoestação do Cristo, com isso confirmando que, pela presença magnética daquele que lhes era superior em moralidade, registravam sensações novas.

Essa experiência vivida por Jesus pode ser facilmente verificada em reuniões de desobsessão, quando Espíritos imperfeitos são compelidos a se defrontarem com uma renovação fluídica; notamos que isso lhes causam, vezes sem conta, forte repugnância ou constrangimento. A mudança de "clima fluídico", entretanto, tal como a ingestão de medicamento amargo, pode ser desagradável de se processar, mas não só é benéfica quanto, muitas vezes, de imperiosas necessidade.

No paciente encarnado o passe impõe sensações bem definidas. "Os sintomas habituais são: sensação de calor ou de frio, opressão, peso na cabeça, sonolência, palidez, ansiedade, convulsões, tremuras, aceleração ou diminuição do pulso, etc."³²⁹. (Michaelus.)

Todavia, não existe nenhum padrão estabelecido, no sentido geral, que determine exatamente quais dessas sensações querem dizer exatamente o que. É que os fatores em consideração são muitos e de muitas origens. Só para termos uma idéia, dependem, diretamente, do

³²⁸ Lucas, VIII, v. 28.

³²⁹ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 9, p. 68.

próprio paciente, do passista e dos Espíritos e, de maneira independente, segundo várias condições, das quais destacamos:

- sensibilidade
- afinidade
- capacidade de registro
- capacidade de doação/recepção
- quantidade doada/recebida
- quantidade dispersada
- qualidade doada recebida
- qualidade dispersada
- origem preponderante do fluido
- o destino do fluido
- nível de permuta
- nível de empatia
- mudança do padrão fluidico
- e muitas outras não limitadas ao nosso conhecimento.

Apesar disso, é valiosa a observação, por parte do paciente, de suas sensações para, depois de passado algum tempo, reconhecer os sinais de como se comporta o tratamento fluidico em si mesmo.

Ao par dessas primeiras sensações anotadas, outras existem, bem mais específicas, que marcam e comprovam, de forma definitiva, a intervenção fluidica, quer magnética humana, quer espiritual. Vejamos alguns exemplos.

O médium M. H. Tester da Inglaterra, narra assim o registro de um seu paciente: "Tom Pilgrim contou ter sentido como se minha mão se estivesse introduzido diretamente em seu maxilar e arrancado o tumor. Logo em seguida ele já parecia bem menos distendido"³³⁰.

Por imposição de mãos a médium Olga Worrall tratou um tumor no abdômen. A paciente contou que tivera "a sensação de um grande sacarrocha virando em seu estômago". (...) O tumor continuava em seu abdômen (em maio) (...) e em novembro seu tumor desaparecera completamente" (o que foi comprovado por radiografia)³³¹.

Sheila Ostrander e Lynn Schroeder narram que "O coronel (Dr. Krivorotov posta-se atrás dele (paciente), com as mãos a uns cinco centímetros do seu corpo. Sem tocá-lo, passa as mãos em torno da cabeça, depois das costas. Os pacientes costumam dizer que sentem um grande calor irradiar-se das mãos do coronel que nunca chega a tocá-los. Quando um órgão interno está doente, os paciente; afirmam com freqüência sentir um tremendo calor saindo do lugar, como se o órgão, dizem eles, estivesse sendo abafado. (...) Durante o tratamento, os pacientes asseguram que as mãos de Krivorotov lhes queimam o corpo. Os testes, contudo, não revelaram nenhuma alteração da temperatura cutânea do paciente de Krivorotov. Na realidade, as mãos do coronel eram frias ao toque. Muitos pacientes declararam que a sensação de queimadura persistia até dois dias depois do tratamento, embora os testes médicos tornassem a mostrar que a temperatura se mantinha

³³⁰ MEEK, George W. In "As Curas Paranormais", cap. 2, p. 21.

³³¹ WORRALL, A. Ambrose e WORRALL, Olga N. Apêndice "A". In "O Dom de Curar", p. 210.

normal"³³². Observe o leitor como este registro é importante e merece ser bem ponderado, pois, mesmo com as evidências fluídicas se contrapondo às evidências físicas, essas existem.

Saiunav nos diz que: "As sensações do receptor de energia são diversas mas, na maioria dos casos, podem ser reduzidas à sensação agradável de um leve recebimento de calor, de um pequeno resfriamento, de um fraco sopro (...), da sensação de um ligeiro peso no órgão afetado (ou parte do corpo), de pequenas alfinetadas, raramente por uma sensação passageira de vômito (isto, no caso de primeira aplicação). (...) No caso da atuação em ausência (a distância), essas sensações não raro são acrescidas pelo fraco contato de algo estranho, de um leve aperto.

"(...) No caso de processos inflamatórios, bem como nas hemorragias (principalmente em mulheres; ligadas à menstruação, ao climatério e ao adormecimento de órgãos), tanto as sensações do doador quanto as do receptor mudam. O receptor sente um pouco de frio na região da ação; o doador, um pouco de calor debaixo das mãos"³³³.

Albert De Rochas informa: "Se, como magnetizador, atuo sobre essa camada de maneira qualquer, B. experimenta as mesmas sensações que se eu tivesse agido sobre sua pele, e não sente nada, ou quase nada, se atuo em outro lugar que não nessa camada (aura)"³³⁴.

Como vimos, os registros são fartos e, por vezes, impressionantes, mormente quando se trata de atendimento a distância. Isso, como já dissemos, só evidencia a ação do fluido magnético, apesar de muitos, querendo ser mais céticos que realistas, dizem não acreditar.

Encerrando, ocorre que, algumas vezes, após o passe, o paciente sai da cabine com tonturas, se sentindo meio zozzo, enjoado... Nesse caso, recomenda-se sentá-lo por alguns momentos, indicar-lhe uma respiração tranqüila e profunda, e uma prece. Caso não haja melhoras, voltar a aplicar-lhe novo passe, sendo que, desta vez, só dispersivo, pois deve estar havendo excesso de fluidos, mudanças muito bruscas no tônus fluídico do paciente ou alguma "congestão fluídica". Para casos tais, como já sabemos, o dispersivo é eficiente e suficiente.

8.2 — Sensações no Médiun

Quando estudamos o tato-magnético, vimos que passistas e magnetizadores sentem reflexos em si mesmos, tanto vindos dos pacientes quanto partindo de seus próprios organismos perispirituais. Tal como no paciente, as sensações são variadas e nem sempre querem dizer a mesma coisa, embora haja situações bem definidas. Mas, a prática, a observação atenta e o acompanhamento dos casos fornecerão respostas às demais sensações, no sentido de servirem como orientação não apenas ao diagnóstico, mas, na avaliação dos estados da cura.

Conforme registrou Michaelus, "O estudo das sensações manuais, experimentadas pelos magnetizadores, levaram Deleuze, Bruno, Aubin Gauthier, Du Potet e outros às mesmas conclusões, que foram mais tarde repetidas por Bué.

³³² OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn. O corpo energético e a ESP. In "Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro", cap. 18, item Cura, p. 242.

³³³ SAIUNAV, V. L. In "O Fio de Ariadne", p. 84.

³³⁴ ROCHAS, Albert De. A exteriorização da sensibilidade. In "Exteriorização da Sensibilidade", cap. 2, p. 43.

"Assim, quando o operador sente em suas mãos um calor seco e abrasante, é indício de que no doente a circulação geral está entrvada por uma tensão anormal dos nervos. Quando o calor é brando e úmido, é sinal de que a circulação está livre e prenuncia cessação próxima, trazendo descargas orgânicas. Se, em vez de calor, o magnetizador sente frio nas mãos, é indício certo de que no paciente há atonia e paralisia dos órgãos. Titilações e formigamentos nos dedos denunciam a existência de excesso de bilis, sangue alterado, estado herpético. Adormecimento nas mãos e dores de câimbras nos dedos, que se propagam aos braços, é sinal de estagnações linfáticas, de embaraço na função digestiva e de acúmulo de viscosidades. Quando o magnetizador experimenta estremeçimentos nervosos, vibrações, abalos rápidos e fugitivos, quais choques elétricos, é sinal de um estado congestivo do sistema nervoso e de congestões fluidicas no paciente"³³⁵. (Grifamos.)

Michaelus diz mais: "Estudando com atenção as sensações que se fazem experimentar a um doente, e as que experimenta em si mesmo o magnetizador, adquire-se logo a melhor regra de exploração que pode guiar na conduta de um tratamento; pouco a pouco, essas percepções intuitivas, arrastando a mão do operador para tal ponto do corpo doente, de preferência a um outro, determinam a escolha dos processos magnéticos mais próprios para combater as alterações mórbidas, das quais se acaba conhecendo melhor a extensão, a sede e a natureza.

"A observação, compreende-se, será tanto mais concludente e segura, quanto maior for o cabedal de conhecimentos do magnetizador.

"(...) E certo que devemos agir sempre com muita atenção e prudência. Mas não devemos temer as conseqüências da ação magnética, porque assim como provocamos determinadas reações no organismo do magnetizado, assim também podemos fazer cessá-las"³³⁶. Muito justas estas considerações. Robustecem as informações que vimos no tato-magnético e nos posiciona ante o destemor, pois, ao contrário da vaidade, confirma o dom que temos de fazer cessar os inconvenientes, em nome do mesmo princípio.

A despeito das sensações registradas na nota (50), salientamos que elas têm valor apenas referencial, pois, a prática do passe espírita tem demonstrado existir enorme diferença entre as sensações registradas por passistas diferentes em um mesmo paciente. A própria experiência, aliada a um estado de observação e análise constante, revelará dados preciosos, mesmo que, quase sempre, individuais.

Alguns passistas e magnetizadores têm uma capacidade especial de sentirem, em seus próprios corpos, os problemas orgânicos de seus pacientes, obtendo, dessa forma, uma indicação quase sempre muito precisa do problema a ser tratado. Essa "virtude" merece ser bem cuidada, apesar de, dependendo da doença ou problema orgânico, ser um método doloroso, constrangedor; mas, sua eficiência é muito valiosa na diagnose.

Não carece maior preocupação aos passistas que sentem tais sensações, pois, conforme bem sintetizou Du Potet, "Só os sintomas são transmitidos, e não a causa da doença. A gente se desembaraça facilmente, se desmagnetizando ou fazendo se desmagnetizar"³³⁷.

³³⁵ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 10, pp. 81 e 82.

³³⁶ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 10, pp. 82 a 85.

³³⁷ ROCHAS, Albert De. Nota "L". In "Exteriorização da Sensibilidade", p. 203

Isso é confirmado por Keith Sherwood, quando diz: "Excluindo as doenças contagiosas, nunca se soube que um curador tenha pego alguma enfermidade de seu paciente que pudesse afetar seu corpo físico diretamente"³³⁸. Afinal, Sherwood já havia advertido: "Previna-se para sentir sensações estranhas enquanto estiver diagnosticando. Seu sistema sensível de energia estará recebendo dados de seu paciente e irá registrar as informações, na forma de sentimentos, sensações e outros desconfortos. Estes desconfortos são temporários. Não exercerão efeitos colaterais"³³⁹.

Outra sensação que o passista deve observar com cuidado é quando sentir, após a aplicação dos passes, dores nas articulações e nos plexos, pois, isso normalmente indica um grande dispêndio de energias fluídicas, pelo que recomenda Michaelus: "Assim, o operador deverá precipuamente fiscalizar seu próprio organismo, observar detidamente a sua resistência e as suas possibilidades, e nunca abusar do exercício magnético"³⁴⁰.

Encerrando, o passista deve aproveitar toda sua sensibilidade para auferir maiores e melhores benefícios para si mesmo e, sobretudo, para o paciente. Entrementes, se, depois de tudo, ao término da sessão de passes, sentir-se muito esgotado ou com algum resquício das sensações mais violentas que tenha registrado, faça um exercício de respiração por alguns minutos e uma prece. Não havendo uma recuperação satisfatória, solicite a um companheiro passista que lhe obsequie um dispersivo e tudo voltará ao normal.

9. INCORPORAÇÃO DURANTE O PASSE

Assim como alguns espíritas recomendam aos médiuns a incorporação por ocasião do passe, vez por outra são os pacientes que, inadvertida ou incontroladamente, estão incorporando nesse momento. Afinal, como resolver se se deve ou não incorporar, se se permite ou não a incorporação?

9.1 — Do Paciente

Roque Jacintho tratou do assunto com simplicidade e eficiência: "O Momento do passe, pois, não é o de evocação.

"Não é o de doutrinação dos desencarnados.

"Não é o de orientação formal do enfermo.

"O momento do passe é, e deve ser simplesmente: o instante de transfusão fluídica que alivia as opressões espirituais ou fluídicas inferiores, renovando o ânimo do paciente (...)

"Quando o paciente trazer o hábito de manifestações indisciplinadas que surgem tão logo se inicia o passe, caberá ao passista levá-lo a desconcentrar-se (...). Pedirá que relaxe os músculos. Desligá-lo-á de quaisquer pensamentos (...)

³³⁸ SHERWOOD, Keith. Além do ego. In "A Arte de Cura Espiritual", cap. 17, p. 193.

³³⁹ SHERWOOD, Keith. A diagnose da cura e a aura. In "A Arte de Cura Espiritual", cap. 10, item Clarissensitividade e diagnose, pp. 125 e 126

³⁴⁰ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 17, p. 157.

"(...) As advertências, contudo, serão carinhosas, sem laivos de condenação ou irreverência, tendo um sentido educativo. Quase sempre tais irmãos nada mais fazem do que repetir o que já presenciaram ou estão com problemas para o desanuviar-se interiormente"³⁴¹.

André Luiz também se reportou de forma conclusiva: "Interromper as manifestações mediúnicas no horário de transmissões do passe curativo." Pois "disciplina é alma da eficiência"³⁴². E aqui ele não limita a coisa aos pacientes apenas...

Tratando-se de passe em cabine coletiva e não havendo como prevenir nem impedir tal fato ocorra, agir moderadamente, aguardando que o serviço do passe na cabine, nessa ocasião, seja concluído, enquanto um passista ficará "controlando" o paciente em incorporação. Tão logo encerre essa "rodada" de passes, agir individualmente com o paciente em questão, buscando despertá-lo e fazê-lo assumir o controle de si mesmo para, depois, dar seqüência ao trabalho do passe.

Pacientes nesta situação, normalmente devem ser encaminhados para assistirem palestras e, se possível, participarem de reuniões ou grupos de estudos doutrinários, além dos tratamentos desobsessivos, interditando, contudo, que participem de qualquer modalidade de reunião mediúnica nessas condições. Como já vimos no capítulo VIII, o sopro "frio" ajuda para o despertar do paciente que se encontre nessas condições. LEMBRAR, porém, que o amor e a fraternidade são excelentes remédios, também nestas ocasiões.

Concluindo, busquemos com Michaelus mais algumas ponderações: "Outros acidentes de pequena monta poderão surgir durante a magnetização, principalmente nos primeiros minutos, como contraturas musculares, dispnéias, ranger de dentes, riso convulsivo, lágrimas abundantes, palidez com transpiração abundante, forte pressão na cabeça, etc.

Em tais casos, o magnetizador deve usar os passes dispersivos para restabelecer o equilíbrio e acalmar o doente, para depois prosseguir na sua ação." E acresce: "Já acentuamos que o magnetizador não deve provocar o sonambulismo. (...) Não há necessidade desse expediente na terapêutica magnética"³⁴³, pois "(...) A finalidade do magnetismo não é a de provocar o sonambulismo, e sim a de curar os doentes"³⁴⁴.

9.2 — Do Passista

Tomemos o Roque Jacintho novamente: "Observemos, ainda, que a participação de um Espírito, na doação do passe, não se reconhece pela sua manifestação ostensiva, isto é, pela precipitação do fenômeno de incorporação ou de psicofonia ou de efeito físico. A participação é esse "derramar de fluidos, imprimindo ao fluido natural do passista as qualidades de que ele carece"³⁴⁵.

Suely Caldas Schubert nos fornece uma explicação muito interessante sobre a interferência dos fluidos espirituais no passe: "Para que se realize a conjugação dos fluidos do plano espiritual com

³⁴¹ JACINTHO, Roque. Passe e evocação. In "Passe e Passista", cap. 14, pp. 46 e 47.

³⁴² VIEIRA, Waldo. Perante passe. In "Conduta Espírita", cap. 28, p. 103.

³⁴³ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 17, pp. 165 e 166.

³⁴⁴ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 19, p. 184.

³⁴⁵ JACINTHO, Roque. Passe e deferente. In "Passe e Passista", cap. 1, p. 10.

os do médium, ressaltamos não ser necessário que este receba o Espírito que vem cooperar. A associação de energias se verifica sem que isto seja preciso, à simples aproximação de um amigo do plano extrafísico, que atende, assim, ao apelo do médium passista feito através da prece e estando este receptivo e preparado para a doação fluidica³⁴⁶.

Um outro fator a ser considerado é que, além dos fluidos do passista e dos Espíritos, outros influem nos processos fluidoterápicos, tanto materiais quanto espirituais e que, bastas vezes, suas liberações dependem muito de nossa posição de vigilância. Por não sermos meras máquinas de doação fluidica, cabe-nos uma administração consciente de nossas doações e/ou canalizações fluidicas. Para que isso se dê a contento, a incorporação é plenamente dispensada.

Uma última ressalva: quando o médium, alegando sempre agir ou sempre ter agido incorporado, não conseguir aplicar o passe de forma mais "natural", aconselhamos seja ele submetido a uma educação mediúnica e ao estudo mais aprofundado da mediunidade pois, nem hoje, nem nunca, incorporação não é sinônimo de adestramento mediúnico; tal adestramento se verifica exatamente pelo controle que se exerce sobre as próprias faculdades, controle esse que permite ou não, convenientemente, as manifestações espirituais. Quando, ao contrário, se argumenta que "o(s) meu(s) guia(s) é que nunca me deixa(m) aplicar passe sem incorporação", preciso se considere que Espírito Superior jamais impõe sua vontade, jamais determina arbitrios, tal como registrou inequivocamente Allan Kardec no capítulo XXIV de "O Livro dos Médiuns". Em tal situação, reconsideremos nosso(s) "guia(s)" pois provavelmente estará(ão) ele(s) precisando conhecer, urgentemente, Kardec e o Espiritismo, o mesmo se dando com o(s) seu(s) orientado(s).

10. O RECEITUÁRIO

Quando Allan Kardec estudou os "médiuns especiais", catalogou os médiuns receitistas, assim definindo-os: "Têm a especialidade de servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Importa não os confundir com os médiuns curadores, visto que absolutamente não fazem mais do que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem por si mesmos influência alguma. Muito comuns"³⁴⁷ (grifos originais). E ratificou: "(...) São simples médiuns escreventes, que têm uma aptidão mais especial que os outros, para esse gênero de comunicações e que, por isso mesmo, podem ser chamados médiuns consultores, como outros são médiuns poetas ou desenhistas"³⁴⁸. (Grifos originais).

Antes de prosseguirmos, uma primeira ilação: nada de confundir receitista com passista.

Busquemos, agora, os esclarecimentos fornecidos por André Luiz: "Junto dela, em oração, foram colocadas numerosas tiras de papel.

"Eram requerimentos, anseios e súplicas do povo, recorrendo à proteção do Além (...)

³⁴⁶ SCHUBERT, Suely Caldas. A importância da fluidoterapia. In "Obsessão/Desobsessão", 2ª Parte, cap.10, p. 117.

³⁴⁷ KARDEC, Allan. Dos médiuns especiais. In "O Livro dos Médiuns", cap. 16, item 193.

³⁴⁸ Da mediunidade curadora. In "Revista Espírita", set. 1865, p. 251.

"(...) Entre Dona Ambrosina e Gabriel destacava-se agora extensa faixa elástica de luz azulínea, e amigos espirituais, prestos na solidariedade cristã, nela entravam e, um a um, tomavam o braço da medianeira, depois de lhe influenciarem os centros corticais, atendendo, tanto quanto possível, aos propósitos ali expostos.

"Antes, porém, de começarem o trabalho de resposta às questões formuladas, um grande espelho fluídico foi situado junto da médium, por trabalhadores espirituais da instituição e, na face dele, com espantosa rapidez, cada pessoa ausente, nomeada nas petições da noite, surgia ante o exame dos benfeitores que, a distância, contemplavam-lhe a imagem, recolhiam-lhe os pensamentos e especificavam-lhe as necessidades, oferecendo a solução possível aos pedidos feitos.

"(...) — Que significa essa faixa, através da qual a médium e o dirigente se associam tão intimamente um ao outro?

"(...) — O desenvolvimento mais amplo das faculdades medianímicas exige essa providência. (...) Ambrosina não pode estar à mercê de todas as solicitações da esfera espiritual, sob pena de perder o equilíbrio. Quando o médium se evidencia no serviço do bem, pela boa vontade, pelo estudo e pela compreensão das responsabilidades de que se encontra investido, recebe apoio mais imediato de amigo espiritual experiente e sábio, que passa a guiar-lhe a peregrinação na Terra, governando-lhe as forças"³⁴⁹.

Até este ponto, observamos que a transcrição se refere ao atendimento via psicografia, sem contudo, se deter no receituário propriamente dito. Mas, a técnica é exatamente a mesma, se bem tenhamos aqui informações novas:

- 1 — As "faixas elásticas de luz azulínea", corporificando verdadeiras extensões ectoplásmicas para possibilitar o acesso seguido de vários Espíritos por meio de um só médium, demonstram, mais uma vez, que na Espiritualidade Superior não há improvisação.
- 2 — Os "espelhos fluídicos", semelhantes ao nosso processo televisor por satélite, servindo de monitores às observações dos ausentes, registrando com precisão as impressões perispirituais dos pacientes em observação.
- 3 — Para que tudo isso se dê com segurança, além da ativa participação dos Espíritos, a médium se fazia evidenciar como boa medianeira pela "boa vontade, pelo estudo e pela compreensão das responsabilidades" que lhe eram pertinentes.

Sigamos, com o mesmo registro de André Luiz:

"(...) Hilário, fixando o espelho fluídico em que os benfeitores do nosso plano recolhiam informações rápidas para respostas às consultas, solicitou de nosso orientador que alguma definição sobre o delicado instrumento, que funcionava às mil maravilhas, mostrando quadros com pessoas angustiadas ou enfermas, de momento a momento.

"— É um televisor, manobrando com recursos de nossa esfera.

"— Entretanto — inquiriu Hilário, minucioso —, a face do espelho mostra o veículo de carne ou a própria alma?

³⁴⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Mandato mediúnico. In "Nos domínios da Mediunidade", cap. 16, pp. 154 e 155

"— A própria alma. Pelo exame do perispírito, alinham-se avisos e conclusões. Muitas vezes, é imprescindível analisar certos casos que nos são apresentados, de modo metódico; todavia, recolhendo apelos em massa, mobilizamos meios de atender a distância. Para isso, trabalhadores das nossas linhas de atividade são distribuídos por diversas regiões, onde captam as imagens de acordo com os pedidos que nos são endereçados, sintonizando as missões com o aparelho receptor sob nossa vista.

"(...) — Imaginemos que alguém especifique determinada solicitação ao mandato mediúnico, sujeita" a certa demora entre a requisição e a resposta (...) Figuremos que o interessado, situado longe, desencarne e permaneça, em Espírito, como acontece em muitas ocasiões, num aposento doméstico ou em algum leito de hospital, embora já liberado do corpo físico (...) Num caso desses, a resposta dos benfeitores espirituais será fornecida como se fosse dedicada ao encarnado autêntico?

"— Isso pode ocorrer em várias circunstâncias — acrescentou o Assistente — de vez que não nos achamos num serviço automático ou milagroso. (...) Em certas situações, os necessitados exigem auxílio intensivo em pequenina fração de minuto. Assim sendo, qualquer equívoco desse jaez é perfeitamente admissível"³⁵⁰.

Como pudemos observar, o trabalho nos planos espirituais em favor de uma receita, de uma consulta, envolve muita atividade e trabalhadores, não se tratando do automatismo mágico que irracionalmente queremos funcione nessas situações. Pudemos, igualmente, registrar que, pela complexidade como o processo se verifica, o conjunto de atitudes que um médium fiel deve possuir não o exime do estudo. Por tudo isso, mesmo reconhecendo que o receitista não é, na maioria das vezes, um médium passista, devemos assimilar-lhe o exemplo de boa vontade, estudo e dedicação à tarefa, a fim de que também possamos contar com Espíritos Superiores amigos, nos secundando e ajudando nas atividades do passe.

Uma nota importante: observe-se o questionamento de Hilário e a resposta do Mentor Áulus. Como não existe adivinhação, nem nos planos espirituais, pode ocorrer que, pela forma ultrarápida como o processo se dá, algumas questões aparentemente distoem da nossa realidade, mas, ainda aí, tudo não passará de aparências, pois, se recebemos conforme damos, jamais receberemos de fona errada; nossa fé, nosso referencial, nosso imediatismo é que, muitas vezes, distorcem tanto a realidade que costumamos acusar Deus dizendo-O escrever por "linhas tortas" quando, de fato, somos nós os analfabetos da Escrita Divina.

Vamos concluir nosso item com a palavra, lúcida, sensata e esclarecedora de Martins Peralva, quando, por sinal, analisava parte das palavras acima transcritas.

"É muito freqüente colocar-se o nome de uma pessoa que não está afetada de qualquer doença orgânica e, no mesmo instante, o médium consignar, vertiginosamente: "Buscaremos cooperar em seu favor com os nossos recursos espirituais, através de passes. Jesus nos abençoe."

"Em alguns casos, as palavras finais são de encorajamento: "Confiemos em Deus."

"Outras vezes, de consolidação do bom ânimo: "Nosso amigo continua sob o amparo de benfeitores da Espiritualidade."

³⁵⁰ XAVIER, Francisco Cândido. Mandato tmediúnico. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 16, pp. 158 e 159.

"Informando-se, posteriormente, da situação da pessoa cujo nome, desconhecido do médium, fora incluído no receituário, entre centenas de outras consultas, saber-se-á que está às voltas com problemas de ordem moral, abatida, desanimada, ou mesmo atravessando uma fase de provações acerbas.

"Remédios, nem uma gota.

"E para que, se o mal era todo anímico, isto é, psíquico?

"(...) Nos casos de doença orgânica, o medicamento vem, e perfeitamente aplicável à enfermidade.

"(...) Nos centros onde o receituário é volumoso, é numerosa a equipe de médicos desencarnados (...)

"Através de um sistema de comunicações que funciona, indubitavelmente, na base do magnetismo, por meio de vibrações, as entidades responsáveis pelos diversos setores recebem notificação da consulta, entram em relação com o consulente, captam a sua imagem perispiritual e a retransmitem para o local dos trabalhos (...)"³⁵¹.

11. PASSES ANTES E DEPOIS

É aqui que se propicia o surgimento da figura "papa-passe". A indicação para se tomar passe antes e/ou depois de reuniões (de trabalhos assistenciais, de atividades mediúnicas ou de qualquer outra atividade na Casa Espírita) é uma colocação precipitada. Vale a pena, portanto, consideremos o assunto.

11.1 — Para os Passistas

Não há nenhuma necessidade de o passista tomar passes antes de iniciar a aplicá-los, salvo em casos especiais. Primeiro, porque ele deverá se preparar para suas tarefas com antecedência, pelo que não é justificável uma constância, de sua parte, chegar ao trabalho desequilibrado, atrasado ou sistematicamente carente; depois, porque a Espiritualidade provê o atendimento espiritual ao passista sério e responsável, antes do início desses trabalhos.

Além disso, os próprios pacientes, quando adentram à cabine, já vêm com seus atendimentos iniciados pela Espiritualidade, conforme podemos observar neste exemplo apresentado por Manoel Philomeno de Miranda: "Terminada a página e proferida uma oração, iniciava-se a segunda etapa, a do passe propriamente dito. Todavia, enquanto era lido o texto, os Espíritos encarregados do ministério passista já contribuíam com recursos desintoxicantes, socorrendo os pacientes que se não davam conta da ocorrência providencial. No momento em que os médiuns se acercavam, amparados por técnicos especiais, estava assegurado melhor campo para o prosseguimento do serviço"³⁵². E se aos pacientes isso se dá, em relação aos passistas,

³⁵¹ PERALVA, Martins. Receituário mediúnico. In "Estudando a Mediunidade", cap. 28, pp. 154 e 155.

³⁵² FRANCO, Divaldo Pereira. Socorros espirituais relevantes. In "Painéis da Obsessão", cap. 26, pp. 213 e 214.

convenhamos, o cuidado da parte dos Espíritos não deverá ser nada desprezável. Ademais, o passista recebe os fluidos antes de doá-los, beneficiando-se também.

11.2 — Nas Reuniões Mediúnicas

O Espírito André Luiz, abordando sobre o passe na desobsessão, assim recomenda: "Os médiuns passistas (...) atenderão aos passes, ministrando-os a todos os componentes do grupo, sejam médiuns ou não.

"Semelhante prática deve ser observada regularmente, de vez que o serviço de desobsessão pede energia de todos os presentes e os instrutores espirituais estão prontos a repor os dispêndios de força havidos, através dos instrumentos de auxílio magnético que se dispõem a servi-los, sem ruídos desnecessários, de modo a não quebrarem a paz e a respeitabilidade do recinto.

"Fora dos momentos normais, os médiuns passistas atenderão aos companheiros necessitados de auxílio tão-só nos casos de exceção respeitando com austeridade disposições estabelecidas, de modo a não favorecerem caprichos e indisciplinas"³⁵³.

A partir desta judiciosa ponderação, assimilamos que em reuniões de desobsessão o passe entra como uma atividade extremamente necessária. Não podemos inferir, entretanto, que tal se dê em relação a todos os tipos de reuniões mediúnicas; o passe não deve, nem pode, ser consignado só pelo fato de ter iniciado uma reunião, senão pela necessidade patente de quem vá recebê-lo.

De outra forma, mesmo se reconhecendo que muitos médiuns, após incorporações mais violentas, retêm certas impressões negativas nos seus campos perispirituais, não devemos generalizar tal prática para todo pós-incorporação, visto que alguns médiuns têm condições de, por si mesmo, se recuperarem, enquanto apenas parte deles carecem de uma ajuda externa, de uma "mãozinha". Daí, precisamos ponderação para não desgastar o serviço do passe.

Os médiuns, a fim de bem valorizarem suas faculdades, devem se preparar continuamente, pela aquisição de valores morais e pelos esforços empregados às suas reformas interiores. Aos que assim agem, o passe ser-lhes-á tão-só um coadjuvante esporádico; suas necessidades de recuperações fluidicas terão no passe o complemento ideal. Aos outros, que vêm no passe apenas um passe-de-mágica para os eximirem das reformas, todo um trabalho por ser implantado, todo um labor por ser efetivado, toda uma doutrina por ser desvendada; esse, o grande passe a ser-lhes administrado.

11.3 — Os Papa-Passes

Especificamente para aqueles que costumam tomar passes por qualquer motivo, bastando, para isso, verem uma cabine e um passista por perto, lembramos a recomendação de André Luiz que orienta "(...) quanto à inconveniência da petição de passes todos os dias, sem necessidade real, para

³⁵³ XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo in "Desobsessão", cap. 52, pp.. 183 e 184.

que esse gênero de auxílio não se transforme em mania", pois, "É falta de caridade abusar da bondade alheia"³⁵⁴.

Sobre essa "figura", o jornalista Luciano dos Anjos nos apresenta uma opinião muito segura: "Admito que se busque esse maravilhoso remédio espiritual. Mas quando a pessoa está precisando realmente dele. Ninguém toma remédio por tomar. Ninguém vai ao médico sem que esteja sentindo de fato alguma coisa. Tomar passe por hábito é, no mínimo, tirar a vez de outro que verdadeiramente precisa. É, ainda, cansar o médium e introduzir no nosso meio a nefasta figura do papa-passes (...). E para esse desvio não há passe que dê jeito (...)"³⁵⁵ (grifamos).

Não cabe, portanto, buscarmos o passe como quem não tem coisa alguma a fazer ou pelo simples hábito de fazê-lo. O passe, ainda que nunca contra-in-dicado, não deve ser recebido de forma desrespeitosa ou vã. Aos dirigentes das Casas Espíritas, a obrigação de alertar os médiuns, os pacientes e o público em geral quanto a tais desvios.

12. MESMO SEXO

A Casa Espírita deve contar sempre com passistas equilibrados, evangelicamente moralizados, em número suficiente para atender às necessidades dos pacientes que para lá se dirijam. Estaremos equivocados se partirmos do pressuposto de que nossos médiuns são incapazes ou que não têm moral suficiente para não poderem aplicar passes em pessoas de sexo oposto. Não podemos partir deste ponto, pois isto é um frágil argumento que só serve para posicionar o médium aquém do mínimo de suas verdadeiras responsabilidades. Cabe aos dirigentes do Movimento e das Casas Espíritas a orientação evangélica, moral, espiritual e de conhecimentos aos seus médiuns para, dessa forma, evitar distorções, erros e prejuízos futuros.

A recomendação de aplicar passes unicamente em pessoas de mesmo sexo carece de lógica, pois Deus não nos criou diferentes, salvo quanto a algumas discretas disposições genético-fisiológicas, em função exclusiva das responsabilidades características de cada um. A imposição de homens aplicar passes em homens e mulheres em mulheres evidencia um fito policialesco indevido. O médium moralizado (e todo passista tem obrigação de sê-lo) verá sempre no seu paciente um irmão carente, uma criatura a qual ele dedicará parte de sua energia, de sua atenção, a fim de favorecê-lo, mercê das bênçãos divinas, com o que tenha de melhor em si mesmo, nunca com sua sensualidade, suas imperfeições, seus vícios... Querer descer a esses escalões significa não confiarmos em nossos médiuns. E isto não é possível!!! É como diz Herculano Pires: "As pessoas que freqüentam uma reunião espírita devem ser consideradas como respeitáveis e responsáveis"³⁵⁶. Quanto mais os médiuns espíritas...

³⁵⁴ VIEIRA, Waldo. Perante o passe. In "Conduta Espírita", cap. 28, p. 103.

³⁵⁵ O atalho (final, 5). In "Reformador", dez. 1973, p. 22.

³⁵⁶ PIRES, J. Herculano. A moral mediúnica. In "Mediunidade — Vida e Comunicação" cap. 9, p. 80.

13. MUSICA

Da mesma maneira como não podemos obstar se ponha música no ambiente destinado aos passes, desde que músicas compatíveis, também não possuímos motivos para incentivar-lhe o uso. A música funciona, precipuamente, como fonte de harmonia sonora, com isso facilitando a concentração e evitando a conversação despropositada. Todavia, para atendimento deste mister, a evangelização, uma doutrinação e a exposição de temas evangélicos bem preparados são, muitas vezes, mais eficientes que a música, pois, além de harmonizar sonoramente o ambiente, patrocina reflexões graves que projeta o paciente à harmonia espiritual e moral, predispondo-o interiormente, e não só superficialmente, ao tratamento que receberá em seguida.

As práticas magnéticas clássicas testaram a música em seus tratamentos e não houve consenso a respeito do assunto, pois cada magnetizador e cada paciente tinham preferências não apenas limitadas às músicas como aos instrumentos que as executavam, sem falar na qualidade da fonte sonora. Daí, nunca ter sido normatizado nada nessa área, a não ser a nível individual.

Por tudo isso, sugerimos que façamos do Evangelho de Jesus nossa música diária, constante, dulcificando-a com a vivência cristã, inclusive na cabine de passe e nos momentos em que o apliquemos.

14. LUMINOSIDADE/ESCURIDÃO

A cabine de passes não requer a escuridão. Isso não quer dizer devamos colocá-la sob holofotes. Apenas os passes de origem fluídica magnética ou mista, em determinados tipos de tratamentos, requerem uma luminosidade mais branda, a fim de não interferir na substância ectoplásmica em "manipulação". A luz branca "queima" certos componentes do ectoplasma por fotossíntese. De outra forma, Raul Teixeira interpõe outro interessante argumento: "A providência de diminuir-se a claridade tem por objetivo evitar a dispersão da atenção das pessoas além de facilitar a concentração (...)"³⁵⁷.

Não devemos, em contrapartida, partir para a escuridão muito forte, pois os inconvenientes decorrentes são lamentáveis. Para configurar um exemplo, imaginemos uma pessoa indo pela primeira vez a um Centro Espírita, e lá seja convidada para tomar um passe (coisa que, em tese, não sabe o que é). Que imaginará ele ao entrar numa cabine fechada, escura e cheia de "gente estranha"? E, ainda por cima, se esse pessoal começar a passar as mãos por cima dele, mesmo sem o tocar? E se ele for muito "sensível" e registrar certas impressões mais fortes? Para complicar, se nesse Centro Espírita os médiuns não forem bem orientados e começarem a fungar, estalar dedos, gemer, falar feito "besouros", será que esse paciente terá coragem de voltar a pôr os pés ali? E, nessas condições, qual será sua opinião sobre os espíritas? Mesmo se tratando de um exemplo bem característico, é de se notar o quanto devemos estar atentos para não incorporarmos "receitas" sem o devido critério de análise séria prévia.

³⁵⁷ FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, J. Raul. Passes. In "Diretrizes de Segurança", cap. 7, questão 72, p. 68.

15. VENTILADORES, CALAFETADORES, CONDICIONADORES DE AR E EXAUSTORES

Dizem que ruídos interferem nos tratamentos fluídicos e que, por isso, alguns aparelhos eletrodomésticos não devem ser usados. Pura invenção. É fácil entendermos por quê. Se o fluido pode ser projetado a distância, rompendo não apenas barreiras sonoras como obstáculos materiais, que importância teria o barulho de um ventilador, por exemplo, ou a circulação provocada do ar?

Se formos práticos e lógicos, rapidamente concluiremos que é preferível combater a falta de circulação de ar, o frio excessivo, o calor causticante ou a viciação do ar, com aparelhos para esse fim criados, a ficarmos, os assistas e os pacientes, sofrendo inconvenientes perfeitamente sanáveis. Desde que tenhamos condições de possuir os aparelhos necessários e de mantê-los em bom funcionamento, nada impede seu uso nas cabines de passes, a não ser a intransigência de quem não queira estudar os motivos da proibição de forma racional.

O que muitas vezes ocorre por trás dessas proibições é que certos barulhos ou ruídos prejudicam a concentração de algumas pessoas as quais, por isso, se sentem menos eficientes. Mera questão psíquica de fácil adaptação. Quem não souber se concentrar (no bem) por motivo de barulhos ou ruídos, melhor fazer alguns exercícios urgente nesse sentido, a fim de não privar os outros de um conforto ou de uma comodidade coletiva.

16. AS EQUIPES

Muito comum, e correto, se trabalhar em equipe. Como diz o refrão popular, "a união faz a força". Não no sentido das correntes de mãos, como comentamos no capítulo VIII, mas na forma da solidariedade, da divisão de tarefas, da soma de valores, da multiplicação das bênçãos e da subtração dos personalismos.

Uma equipe normalmente tem um orientador, um líder³⁵⁸. Mas aqui, nesta interpretação, preciso é eliminarmos os característicos de vaidade e prepotência que, por vezes, encontramos nas lideranças humanas; enalteçamos os valores e aquisições morais do líder, além do domínio do assunto. Este, entre outras, deverá assumir as funções de orientação, coordenação, direção e convocação dos assistas, bem como de ser o responsável por eventuais substituições de médiuns e o portador dos encaminhamentos junto aos pacientes. Mas, isso não deverá distingui-lo como sendo o mais importante do grupo. Ele apenas tem uma função específica, da qual deverá dar bom cumprimento, favorecendo boas exemplificações no campo da humildade, compreensão, paciência, renúncia e fraternidade. Ele poderá, inclusive, ser assista também, assim como se pode promover rodízios entre os membros da equipe nesta função.

Quando há pouco falávamos da eventual substituição de membros das equipes, nos referíamos às situações verdadeiramente eventuais, pois uma equipe de assistas não deve estar mudando de membros muito regularmente, já que as condições de harmonia e de afinidade entre eles são fundamentais para um proveitoso trabalho.

³⁵⁸ Vide, no apêndice "I", descrição de uma equipe ideal para o ministério do passe.

Vejamos um registro feito por André Luiz: "— E os médiuns? São invariavelmente os mesmos?

"Sim, contudo, em casos de impedimento justo, podem ser substituídos, embora nessas circunstâncias se verifiquem, inevitavelmente, pequenos prejuízos resultantes de natural desajuste"³⁵⁹ (grifamos).

Portanto, deve-se preparar boas, pontuais e responsáveis equipes de passistas, a fim de se evitar os transtornos decorrentes de faltas ou substituições intempestivas dos seus membros.

Sintetizando as palavras de Allan Kardec, ele recomenda aos grupos que queiram contar com a assistência dos bons Espíritos:

- "— perfeita comunhão de vistas e sentimentos;
- cordialidade recíproca entre os membros;
- ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- um único desejo: o de se instruírem e melhorarem;
- exclusão de toda curiosidade;
- recolhimento e silêncio respeitosos;
- união de pensamentos;
- que os médiuns trabalhem com isenção de todo o sentimento de orgulho, amor-próprio e supremacia e sim com o desejo de serem úteis"³⁶⁰.

"A estas condições aduzimos, com Manoel Philomeno de Miranda:

- conduta moral sadia (...);
- conhecimento doutrinário;
- equilíbrio interior (...);
- confiança, disposição física e moral;
- médiuns (passistas) adestrados, disciplinados;
- pontualidade e perseverança"³⁶¹.

³⁵⁹ XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 17, p. 163.

³⁶⁰ Compilado por SCHUBERT, Suely Caldas. In "Obsessão/Desobsessão", Terceira Parte, cap. 4, p. 135.

³⁶¹ Compilado por SCHUBERT, Suely Caldas. In "Obsessão/Desobsessão", Terceira Parte, cap. 4, p. 136.

17. O DESENVOLVIMENTO

"A instrução espírita não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Incumbe-lhe a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas, a comprovação do que é possível e do que não o é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência"³⁶² (Allan Kardec). Sem dúvida, estas palavras são de fundamental importância para o desenvolvimento não apenas da Doutrina Espírita como também para a orientação que devemos tomar ante nossas responsabilidades, as quais não são nunca limitadas aos estreitos limites do nosso comodismo, pois vão além de um simples aplicar de passe. Nosso compromisso há de se estender além dos horizontes de um ingênuo "deixar fluir uma energia", para buscar explicações e entendimentos cada vez mais profundos no sentido de balizarmos nossa ação na segurança de uma intuição pura.

No campo mais específico do passe, podemos continuar com Kardec em outros de seus momentos: "A mediunidade curadora é uma aptidão, como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo, mas o resultado efetivo dessa aptidão independe de sua vontade. Incontestavelmente ela se desenvolve pelo exercício, sobretudo, pela prática do bem e da caridade"³⁶³. (Allan Kardec) (grifo original). Este trecho diz tudo. Só a prática do bem, do amor ao próximo, faz vibrar positivamente em nós nossa "aptidão".

Atendendo a uma indagação muito comum (pode transmitir-se o poder magnético?), os Espíritos responderam a ele: "O poder, não; mas o conhecimento de que necessita, para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido"³⁶⁴. E o Abade Príncipe de Hohenlohe (Espírito) acresceu: "(...) Todo o mundo possui mais ou menos a faculdade curadora, e se cada um quisesse consagrar-se seriamente ao estudo dessa faculdade, muitos médiuns que se ignoram poderiam prestar úteis serviços a seus irmãos em humanidade"³⁶⁵.

Em termos de prática, o exercício sério, constante, humilde, sincero, devotado, aliado ao estudo das teorias e experiências, dar-nos-ão a confiança que buscamos, facilitar-nos-ão o entendimento da ação fluídica, favorecer-nos-ão um manancial de bênçãos pela bênção de servir ao próximo, e nos curarão o Espírito, verdadeira cura que nossas almas anseiam.

"(...) Quanto mais o trabalho do médium curador prossegue, tanto mais o seu automatismo se desenvolve e realiza, com grande espanto seu, verdadeiros prodígios"³⁶⁶. É o que nos diz José Lhomme.

Trabalhem, pois, com Jesus; Ele, há muito tempo, sem que nos demos conta, trabalha por nós!!! Sigamos e trabalhem com Ele; este nosso maior e melhor desenvolvimento!

³⁶² KARDEC, Allan. Das reuniões e das sociedades espíritas. In "O Livro dos Médiuns", cap. 29, item 328.

³⁶³ Da mediunidade curadora. In "Revista Espírita", set. 1865, p. 254.

³⁶⁴ KARDEC, Allan. Dos médiuns. In "O Livro dos Médiuns", cap. 14, tópico 7, Médiuns curadores, item 176, questão 7a.

³⁶⁵ Conselhos sobre a mediunidade curadora. In "Revista Espírita", out. 1867, p. 317.

³⁶⁶ LHOMME, José. O médium curador. In "O Livro do Médium Curador", cap. 6, Automatismo psíquico, p. 88.

18. PASSES EM PLANTAS E ANIMAIS

Mesmo parecendo estranho a alguns, pessoas existem que se dedicam a aplicar passes em plantas, animais e objetos. O próprio Mesmer já afirmava que, depois do homem, "os vegetais, sobretudo as árvores, são os mais suscetíveis de magnetização"³⁶⁷. Valeria, então, fazermos uso do passe para aplicá-lo na plantas, nos animais e, porque não dizer, nos minerais?

Importa distingamos bem magnetismo de passe espírita. Apesar de o magnetismo ser também veiculado através do passe espírita, em face do animismo humano, não podemos cair no extremo de recomendar passes espíritas para plantas e animais, pois, conforme a própria definição de passe dada por Kardec, e ratificada por todas as grandes personagens que vimos estudando, este se dá "de perispírito a perispírito". Ora, como os animais, os vegetais e os minerais não possuem necessariamente, perispíritos, não teríamos sequer como justificar tal prática, pelo que é definitivamente desaconselhada.

Como sabemos, "(...) O magnetismo humano resulta não somente das propriedades do corpo, mas também das faculdades da alma" (Michaelus)³⁶⁸, pelo que não pode ser confundido o seu emprego.

É Kardec quem faz o registro das palavras de Erasto (Espírito) para nessa análise: "O Sr. T..., diz-se, magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porquanto o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, conseqüentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, aniquilá-los-íamos instantaneamente, se os mediunizássemos"³⁶⁹ (grifamos). Como se vê, a "essência superior" dos fluidos tem que se comportar com identidade para não produzir distúrbios.

Disso tudo, podemos concluir que o magnetismo puramente físico pode ser transmitido às plantas e aos animais (tanto que já existem vários estudos sobre o fato; "The Secret Life of the Plants", conhecido "best-seller", aborda tão interessante assunto), desde que dentro de certos padrões e limites; o "passe espírita", não. E não se trata de preconceito ou puritanismo; é que para cada caso existe um correspondente. Por exemplo: para o homem existe o médico; para o animal, o veterinário; para o vegetal, o botânico; para o mineral, o geólogo. Assim, o passe espírita existe para o espírita ou para aquele que o procura; o magnetismo, em função dos demais reinos, há de ser buscado no seio do magnetismo acadêmico, que não é o nosso caso.

19. AS BENZEDEIRAS EO MAU-OLHADO

As conhecidas "benzedeiros" (ou "milagreiras", como querem alguns) são, em grande número de casos, verdadeiras "médiuns curadoras". Só que a elas falta o estudo e o conhecimento

³⁶⁷ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 8, p. 63.

³⁶⁸ MICHAELUS. In "Magnetismo Espiritual", cap. 8, p. 63.

³⁶⁹ KARDEC, Allan. Da mediunidade nos animais. In "O Livro dos Médiuns", cap. 22, item 236.

de certas leis e técnicas, pelo que suas intuições e "simpatias" funcionam como os elementos catalisadores de toda aquela "alquimia psíquica" de tão reconhecido e propalado valor.

Mas, estaríamos nós, com essas palavras, incitando o espírita a procurá-las? Não, não é bem isso. E não decorre do fato de elas serem humildes ou desconhecem as técnicas, mas, porque nós já temos todo um corpo de atendimento fluidoterápico nas hostes Espíritas, pelo que não justifica nossa busca por elas. Entretanto, respeitamo-las com o mais sincero reconhecimento e carinho³⁷⁰, pois, por suas mãos e através de suas "rezas", muitas dores e aflições são dirimidas do seio da humanidade, de forma quase sempre anônima e nos moldes do perfeito cristianismo. Sem dúvida alguma, são elas verdadeiros pronto-socorros magneto-espirituais para atendimento dos filhos de Deus mais sofridos, daqueles aparentemente deserdados, sem falar no muito de ensinamento que elas, por seus comportamentos éticos e pela força de seus exemplos, têm dado à humanidade, salvo aquelas exceções destoantes.

Algumas rápidas questões, entretanto, merecem análise:

1. Por que elas conseguem curar se não têm técnicas?

Antes de tudo, elas têm fé e vontade, quase sempre um padrão de qualidade muito elevado; depois, a oração é a base de suas ações; por fim, vem a fé e o merecimento dos que as buscam.

2. Qual o motivo de elas usarem plantas para fazerem suas curas?

Conforme vimos há pouco, as plantas são muito suscetíveis de sofrerem magnetização. E isso não é novo. Muitos autores e magnetizadores antigos, inclusive da idade média³⁷¹, estudaram e praticaram os passes com o auxílio das plantas, pois os fluidos negativos (dispersáveis) dos pacientes se lhes agregavam. Como eles não sabiam que para a dispersão tal recurso é totalmente dispensável, já que tal efeito se dá por obra da vontade dirigida neste sentido, eles associaram ao fato de as plantas murcharem rapidamente ao seu poder de "traspasse do mal do paciente para elas.

3. E o que vem a ser o mau-olhado que elas dizem curar?

O mau-olhado nada mais é que a absorção de uma energia desequilibrante³⁷² por parte de uma pessoa considerada sadia. Como, normalmente, as criança "novinhas" são extremamente sensíveis às cargas fluídicas que se lhes aproximam, é comum elas registrarem desconfortos decorrentes desse tipo de assimilação fluídica. No caso do passe espírita, bastaria passes dispersivos; aliás, é isso o que basicamente as benzedadeiras fazem.

4. Elas dizem que certos pais põem mau-olhado nos próprios filhos. É isso possível?

Acreditamos que sim. Como dissemos, existe um fluido desequilibrante em relação à criança que, muitas vezes, não tem capacidade própria de repelir ou de, em absorvendo-o, não "digeri-lo" com rapidez, daí provocando o mal-estar. Como se trata de um processo de "combinação fluídica" por uma espécie de "osmose psíquica", pode ser que durante certo período a criança não combine equilibradamente seu campo fluídico com o do(s) pai(s) e isso provocará as mesmas sensações do

³⁷⁰ Kardec perguntou aos Espíritos ("O Livro dos Espíritos", Parte 3ª, cap. X, "Da lei de liberdade", questão 838): "Será respeitável toda e qualquer crença, ainda quando notoriamente falsa?" Eis a resposta: "Toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenável são as crenças que conduzem ao mal."

³⁷¹ Sugerimos o estudo do Capítulo V, "Cura magnética das feridas e traspasse das doenças" do livro "Exteriorização da Sensibilidade" de Albert De Rochas.

³⁷² Usamos este termo em substituição ao comumente empregado (negativo), buscando ele traduzir a realidade com mais acerto.

malfadado mau-olhado. Entretanto, isso não tem justificativa para uma permanência muito prolongada, pois, o próprio clima de amor e carinho entre os familiares ajudará no processo de equilíbrio fluídico da criança em questão, fazendo com que, em breve tempo, ela adquira a capacidade de combinação fluídica perfeita, quando então não mais ocorrerá dito fenômeno.

A propósito, uma autora recentemente lançada aqui no Brasil nos diz o seguinte: "Por efeito da vulnerabilidade da criança, sou muito conservadora no permitir que as crianças participem de grupos terapêuticos ao lado de adultos. O adulto não faz a menor idéia do que a criança experimenta (...). Tenho visto pais submeterem os filhos, sem querer, a um choque psíquico desnecessário (...). A raiva do adulto choca o sistema da criança como um choque físico, ao passo que o pesar e a depressão inundam-no como um nevoeiro"³⁷³. Como se vê, a questão é bem complexa, pelo que merece seja bem observada.

5. E quem não tenha benzedoras nem seja espírita para buscar o benefício do passe, como deverá agir?

Em todo e qualquer caso, a oração à nossa cabeceira, e em especial à da criança, é sempre um excelente remédio. Paralelamente, a reforma moral dos adultos e a introdução de fluidos equilibrantes no recinto doméstico, através de bons pensamentos, boas leituras e do hábito salutar do estudo do "Evangelho no Lar", são prodigiosas fontes de bênçãos.

6. E quanto à questão de se pôr fita vermelha ou de cor forte na criança para livrá-la do mau-olhado?

Por um lado, a superstição é a grande responsável por isto; entretanto, a justificativa das benzedoras é de que com a fita (ou outro bibelô qualquer à vista), a pessoa portadora do mau-olhado desviará seu olhar para aquilo que tem cor forte e, então, esse objeto assimilará a carga fluídica (pois, garantem, tal transmissão se dá fundamentalmente pelo olhar). Não vemos fundamento para a hipótese, pois, se assim fosse, essas fitas e/ou objetos seriam, por si sós, causa do retorno do mal já que ficariam impregnados daqueles fluidos os quais, por sua vez, seriam reabsorvidos pela criança; depois, a ser assim, os fluidos "maus" seriam transmitidos por "blocos energéticos", e de uma só vez, o que sabemos não corresponder à realidade da Lei dos fluidos. Acreditamos que, pelo fato de o portador (ou pseudoportador) do mau-olhado saber que "aquela coisa" colorida ou "chamativa" ali estar exatamente para fazer desviar os possíveis mau-olhados, este, por uma decorrência psicológica, mentalmente bloqueia ou redireciona suas emanções fluídicas no sentido de não transmiti-las à criança.

7. Entretanto, apesar das fitas e bibelôs, pessoas há que impregnam o mau-olhado, mesmo tomando todos os cuidados, inclusive aqueles ditos "simpáticos".

Isto evidencia que o fluido desequilibrante não é projetado por blocos estanques e que, nem sempre, um rápido desvio psíquico é suficiente para superar a vigorosa realidade de um "campo fluídico" consistentemente desequilibrado. Daí a necessidade da oração regular à cabeceira da criança.

8. Mas, tem pessoas que "matam" as plantas só com o olhar?

³⁷³ BRENNAM, Barbara Ann. O crescimento e o desenvolvimento humanos na aura. In "Mãos de Luz", cap. 8, item A primeira infância, pp. 111 e 112.

Isto é uma derivação do que vimos dizendo. Tanto é verdade que normalmente aquelas pessoas que se reconhecem como portadoras de mau-olhado crescem a tudo o que "elogiam" um "graças a Deus", um "Deus te abençoe", no intuito de impor um sentimento mais elevado às suas vibrações, com isso vindo a direcionar suas emissões fluidicas para dentro dos padrões do "bom-olhado".

9. "A chamada "benzedura", conhecida nos meios populares, será uma modalidade de passe?"

"As chamadas "benzeduras", tão comuns no ambiente popular, sempre que empregadas na caridade, são expressões humildes do passe regenerador, vulgarizado nas instituições espiritistas de socorro e de assistência.

"(...) A prática do bem pode assumir as fórmulas mais diversas. Sua essência, porém, é sempre a mesma diante do Senhor"³⁷⁴. (Emmanuel.)

20. ÚLTIMAS RECOMENDAÇÕES

20.1 — Emoções

Devem os médiuns se precaverem do envolvimento em questões de sensualidade, violência, politicagens e discussões desarrazoadas; a serenidade deve ser um atributo do passista.

Emoções fortes geram desequilíbrios psíquicos, causando sofrimentos morais e tristezas. Esses dois aspectos consecutivos são altamente nocivos às resistências orgânica e mental. Por eles, temos enfraquecido o corpo, em seus fluidos terapêuticos, e expomo-lo às doenças (física e espiritual) mais abertamente. Como disse o Dr. Pierre Vachet no seu livro "O Pensamento que Cura", "(...) Experiências estabelecem, de modo indiscutível, que as emoções deprimentes são os mais terríveis auxiliares dos micróbios que vivem em todos os organismos sem lhes causar o menor dano, mas que exercem os maiores prejuízos desde que diminua a resistência do corpo à ação deles"³⁷⁵.

Para o passista, a calma, a paciência, a confiança no "amanhã", a elevação do espírito pela prece, pelas boas leituras e, sobretudo, pela retidão moral, são elementos de perfeita saúde, para si e para o próximo que lhe busca o socorro. A alegria, sua jovialidade, a cortesia, sua compreensão do próximo, como substitutos da tristeza, da rabugice, da indelicadeza e das críticas mordazes, abrem-lhe campos de amizade, carinho, empatia e conforto mútuo com seus pacientes.

20.2 — Atitudes Negativas

Tal como as emoções fortes e deprimentes, as atitudes negativas são profundamente danosas ao passista. Não podemos acalantar pessimismos nem alimentar autocompaixão; não devemos temer a ação do bem nem nos limitarmos ao mínimo de nossos esforços.

O pessimismo gera vibrações negativas em nosso derredor, desarmonizando nosso equilíbrio psíquico e orgânico. O passista pessimista não confia em si esmo, tornando assim seu fluido fraco,

³⁷⁴ XAVIER, Francisco Cândido. Ciências aplicadas. In "O Consolador", Primeira Parte. cap. 5, questão 100, p. 68.

³⁷⁵ LHOMME, José. As influências mentais. In "O Livro do Médiun Curador", cap. 8 p. 110.

débil, quase inútil. O otimismo, ao contrário, doa-nos energias que acreditamos não possuímos, revigora-nos além de nossas esperanças e robustece nossa fé pela renovação de nossas cargas fluídicas. Passista pessimista rima, mas, não combina.

Do pessimismo, a autocompaixão é um traço por demais marcante. "Evans (Dra. Elida Evans, psicanalista junguiana de renome) também achava que o câncer era um sintoma de que havia outros problemas não resolvidos na vida do paciente e suas confirmações não só foram confirmadas como também elaboradas por outros pesquisadores"³⁷⁶. É uma evidência de que tal atitude é dos estados emocionais dos mais negativos para a recuperação dos portadores de câncer. Dela se origina a hipocondria, que é o pessimismo levado à sua pior consequência. O amor ao corpo e à saúde, todavia, não podem ser confundidos com sua preocupação obsessiva; afinal, a mente é quem precisa estar sã para agasalhar um corpo sã, e não o inverso.

Por outro lado, a autocompaixão é sinônimo de egocentrismo, defeito que devemos extirpar de nossas almas.

Da autocompaixão passamos às lamentações que, como registrou Manoel Philomeno, são portadoras de "(...) Miasmas que deprimem a pessoa e intoxicam o paciente, mantendo-o em área de pessimismo. Otimismo, alegria, esperança de dias melhores são, também, psicoterapias oportunas, em qualquer problema e muito especialmente na faixa do comportamento mental.

"Por isso que as religiões preconizam a confiança e a coragem, o perdão e a fé, a humildade e a paciência, logrando êxito com os seus fiéis. Sem dúvida, essas técnicas de ação moral, ou virtudes (...), são excelentes processos de preservação do equilíbrio emocional.

"Sabe-se, hoje, cientificamente, que a boa palavra proferida com entusiasmo faz que o cérebro e o hipotálamo secretem uma substância denominada endorfina, que atua na medula e bloqueia a dor, tal como ocorre na Acupuntura (...) Assim, ouvir e falar de forma positiva, sorrir com natural e justa alegria, fazem muito bem a todas as pessoas.

"A carranca na face e o amargor contumazes denotam desconforto interior, desajuste emocional"³⁷⁷.

Nossa ação no bem, portanto, deve estar acima de qualquer outra coisa para assim podermos dar cumprimento à Lei Maior do "Amai-vos uns aos outros". E, no exercício desse dever, abramo-nos em alegria e satisfação, amando e transmitindo amor, afugentando de nós, como passistas ou pacientes, os miasmas mentais originados pelas viciações das lamentações blasfemas e das tristezas irredimidas.

Como sugestão para nossa ação positiva e destemida, recomendamos seja buscado "O Evangelho segundo o Espiritismo", em seu capítulo V, itens 30 e 31; meditando nas respostas ali contidas!

Quanto a limitarmos nossa participação ao mínimo possível, a própria vida nos ensina que quem assim age nunca consegue o menor de seus objetivos; na tarefa do passe, isso representa

³⁷⁶ SIMONTON, O. Carl; SIMONTON, Stephanie Matthews & Creighton, James L. Personalidade, estresse e câncer. In "Com a Vida de Novo", cap. 5, item Os indícios psicológicos, p. 63.

³⁷⁷ FRANCO, Divaldo Pereira. Reencontro feliz. In "Nas fronteiras da Loucura", cap. 30, pp. 231 e 232.

acomodação que, por injustificável, afasta de nós os Bons Espíritos, os quais precisam de nossa participação de forma ativa e efetiva e não acomodada. Quem dá só o que dispõe em fartura ou do que lhe sobra, na realidade não dá; apenas transfere aparas. Quem doa do que lhe faz falta ou lhe solicita sacrifícios, permuta bens físicos por bênçãos espirituais.

20.3 — Prestar Atenção

Diferentemente de concentrar, prestar atenção é observar, analisar, comparar. O passista deve saber não apenas se concentrar, até mesmo para fazer uma prece, para se recolher intimamente, para superar situações às quais não deva dar importância; deve igualmente saber prestar atenção: ao paciente, às técnicas, às intuições, aos efeitos do passe, às disposições íntimas, às observações que são passadas, etc. A concentração propriamente dita é mais apropriada ao paciente que, assim agindo, entrará em vibração harmoniosa, fortalecida pela prece, conseguindo maiores recursos para assimilar os fluidos que lhe serão doados.

É muito importante que o passista aprenda a prestar atenção para poder aproveitar sua própria prática, assim como a dos companheiros, como fonte de perenes ensinamentos. E, também, para poder avaliar as condições do paciente e poder registrar o processo do passe como um benefício consciente e não autômato.

Já pensou se, por exemplo, o Espírito André Luiz não tivesse prestado atenção às ocorrências do mundo Espiritual para nos transmitir seu aprendizado, quanto de ensinamentos teríamos perdido? Sigamos-lhe o exemplo, a fim de progredirmos, ajudando aos que nos sucederem com nossas experiências.

Outrossim, nossa atenção permitirá registremos, com maior precisão, as informações que, na ocasião das avaliações dos trabalhos, transmitiremos aos companheiros, enriquecendo a cultura geral dos participantes do(s) grupo(s) de passistas.

20.4 - O Estudo

Estudar não é sinônimo de ler, mas, muitas vezes, para se estudar é preciso se ler. E, para o espírita, não há desculpa: literatura é que não falta. Para os que não sabem ler, as reuniões de estudo sistematizado da Doutrina Espírita suprem deficiências, elucidam pontos obscuros, orientam o melhor caminho; ao lado disso, as palestras doutrinárias são notáveis, principalmente àqueles médiuns que acreditam já saberem tudo; afinal, diz o refrão: "quem mais pensa que sabe, mais precisa saber que ainda nada sabe".

O estudo é fundamental; e, nesta área, em especial, pois, em termos de fluidos e de suas leis, não há quem possa se blasonar de saber o suficiente. Se nosso corpo físico ainda guarda verdadeiros mistérios a todos os homens, que se dizer acerca do corpo fluidico, do perispírito? Verdade é que tudo aquilo que não conhecemos, mas fazemos uso, precisamos estudar para podermos fazer melhor uso. Tal deve se dar com o passe.

Só não devemos querer fazer de nosso estudo — e não só nesta área específica como em qualquer outra — um campo para proselitismos. Se é verdade que as curas são meios de demonstração da Bondade Divina para com suas criaturas, não quer isto implicar devamos empregá-la para aumentar, apenas quantitativamente, o número dos adeptos do Espiritismo. Como disse um Espírito chamado Heyoan, "A iluminação é a meta; a cura é um subproduto"³⁷⁸.

Finalizando, lembramos que estudar não tem, como o passe, nenhuma contra-indicação; faz bem ao corpo e ao espírito, desde que observados os limites naturais. Estudemos e estudemos; pratiquemos e pratiquemos; e um dia saberemos fazer com perfeição, como o Cristo nos ensinou...

20.5 — A Paciência

Esta virtude deve possuir todo aquele que pretenda ser um bom passista. Com ela, a fé. Nada de impacientar-se pela brevidade dos resultados nem querer sejam nossos "dons" ampliados "da noite para o dia". Tudo tem tempo e momento certos.

Precisamos ter paciência também para podermos atender com cristã solicitude aqueles pacientes mais impacientes e, pelo exemplo, infundir-lhes confiança, fé e... paciência, pois, nosso paciente também deve ser orientado no sentido de não se desesperar, já que tal atitude é geratriz e atrativa de fluidos "descompensados".

A paciência de saber esperar, agindo, é recompensada pelo vencer sempre. A vitória resulta da perseverança lúcida de quem age por amor.

21. CONCLUINDO

Depois de termos caminhado pelas estradas do estudo da terapia fluídica, estamos chegando ao nosso destino. Como ninguém vai a algum lugar sem saber por que para lá se dirige, é certo que devemos ter elaborado alguns planos quando começamos a ler este livro, uma verdadeira viagem ao fascinante mundo da cura por nossas próprias mãos! Alguns terão vindo a esta fonte de pesquisa por mera curiosidade; outros por gostarem de como suas paisagens (raciocínios) são apresentadas; outros, ainda, para comparar as qualidades ali cultivadas... Oxalá alguns tenham aqui vindo em busca de orientação para melhor porem em prática o convite ao amor fraternal.

Como todo povo hospitaleiro, sentir-nos-íamos felizes se, nesta "terra de trabalhos constantes" que é o passe, fincássemos — junto a esse povo desinteressado, que ama pelo prazer de amar — nossas fibras e nervos, pulmões e coração, corpo e alma, numa labuta que frutifica sempre, na proporção de mil por um, pois o solo é fértil e promissor, principalmente quando adubado com fé e boa vontade.

Restam duas perguntas: "Que vimos, realmente, fazer nessa terra (e nesta Terra)? Por que estamos querendo aprender sobre o passe?"

³⁷⁸ BRENNAM, Barbara Ann. A metáfora da realidade de Heyoan. In "Mãos de Luz", cap. 20, item O mundo manifesto, p. 248.

Mova-nos tão-só o desejo de atender ao convite do Espírito de Verdade, seguindo seus ensinamentos básicos: "Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo"³⁷⁹, sobre os quais Ele explicita: "Os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são bem-amados meus. Instruí-vos na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e vos mostra o sublime objetivo da provação humana"³⁸⁰, nos inspirando muita confiança: "Venho salvá-los. Vinde, pois, a mim, vós que sofreis e vos achais oprimidos, e sereis aliviados e consolados. Não busqueis alhures a força e a consolação, pois que o muno: é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos vossos corações por meio do Espiritismo. Escutai-o. Extirpados sejam de vossas almas doloridas a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade. São monstros que sugam o vosso mais puro sangue e que vos abrem chagas quase sempre mortais. Que no futuro, humildes e submissos ao Criador, pratiqueis a sua lei divina. Amai e orai (...)"³⁸¹.

Certos de que buscamos o entendimento do passe para, conhecendo, melhor servir, sirvamos, com amor e destemor, pois assim a luz não se fará rogada, e iluminará nossas almas, clareando-nos o Espírito. Por este caminho lograremos a resposta do convite crístico: "Segue-me!", que é o que vimos — e devemos — fazer; aqui e em todo lugar!

³⁷⁹ KARDEC, Allan. O Cristo consolado. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 6, item 5.

³⁸⁰ KARDEC, Allan. O Cristo consolador. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 6, item 6.

³⁸¹ KARDEC, Allan. O Cristo consolador. In "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. 6, item 7.

APÊNDICE "I"

FUNIONAMENTO DE UMA EQUIPE PADRÃO

No capítulo X, item 16, As equipes, tratamos do atendimento fluídico (passes) por meio de equipes. Fizemos esta sugestão pelo fato de tal medida abolir a figura do "médium principal" e quebrar uma série de mitos e misticismos que usualmente se quer atribuir ao passe. Além disso, na prática, o alcance objetivado tem sido comprovadamente muito feliz e eficaz quando se opera em equipe.

Partindo-se do princípio de que iremos considerar um atendimento completo, fazendo-se uso do passe de origem magnético ou misto, com controle e acompanhamento através de fichas, comporemos uma "equipe padrão" mínima. Assim sendo, essa equipe contará com sete trabalhadores, a saber:

- uma pessoa na recepção/encaminhamento;
- uma pessoa no cadastro/entrevistas;
- duas pessoas na evangelização;
- dois assistas; e
- um coordenador/relator.

Quanto às acomodações físicas, é necessário que tenhamos, ao menos, três espaços distintos:

- um para a evangelização;
- um para a aplicação do passe (individual); e

— um recanto para as entrevistas. No que diz respeito ao mobiliário, além daquele normal a uma sala de evangelização, precisamos, ainda, de:

- uma "mesinha" e três cadeiras (para as entrevistas);
- um local para se colocar os recipientes com água (a fluidificar);
- três cadeiras na cabine (para os assistas e o coordenador);
- uma maca (de preferência) e/ou uma cadeira para o paciente; e
- uma prancheta (manual) para o coordenador fazer anotações.

Relativamente a papéis, além das fichas de cadastro/entrevistas e de avaliação pelos médiuns³⁸², tomam-se necessários "tickets" numerados para serem distribuídos com os pacientes. Esses "tickets" serão entregues pelos pacientes, à entrada da cabine de passes, ao coordenador. Os

³⁸² Modelos nos apêndices seguintes.

passistas, após cada atendimento, farão anotações sumarizadas no verso dos mesmos, registrando os fatos mais importantes observados durante o passe, inclusive eventuais detalhes registrados quando outro passista estiver atuando.

Outro impresso necessário é aquele³⁸³ que o coordenador, por períodos pré-determinados, preencherá, colocando, sinteticamente, os dados coletados e verificados durante os atendimentos do período, a fim de apresentá-los, pelo Diretor do Departamento, à Diretoria da Instituição.

O funcionamento da equipe se dará da seguinte maneira:

1) Um coordenador de passes recolhe informações junto aos passistas que participam do atendimento no chamado "passe espiritual" (aquele que as Instituições Espíritas normalmente usam após as sessões doutrinárias públicas e nos quais, teoricamente, não há atendimento fluídico-magnético humano), sobre eventuais necessidades de encaminhamentos dos pacientes para outros tipos de atendimentos e, na forma mais conveniente, faz as recomendações pertinentes sobre local, dia(s), data(s) e hora(s) convenionada(s) para aqueles atendimentos. Observação: este encaminhamento poderá ser feito ainda: através dos receituários da Casa; por indicação de trabalhadores da Casa que conheçam e confirmem a necessidade do mesmo; ou ainda por outras maneiras que a Instituição ache por bem utilizar. Quando do encaminhamento, entregar ao paciente o impresso "Recomendações gerais para atendimento magneto e/ou misto "X"³⁸⁴", sugerindo sua leitura.

2) Antes de iniciar os trabalhos de atendimento fluídico-magnético, o coordenador, o recepcionista, os evangelizadores e os passistas farão uma prece. Isto deverá se dar pelo menos 30 (trinta) minutos antes do início do atendimento (passes) propriamente dito, a fim de viabilizar um seqüenciar ininterrupto quando este efetivamente começar. Após a prece, o coordenador auxiliará nas tarefas de recepção, entrevistas, encaminhamentos e, se for necessário, de evangelização, sempre disposto e apto a suprir eventuais faltas e/ou deficiências, e dar atendimento e providências aos imprevistos de última hora. Os passistas se dirigirão à cabine e lá ficarão lendo livros tipo "Pão Nosso" ou "O Evangelho segundo o Espiritismo", ou ficarão em oração mental e preparatória para os trabalhos a se iniciarem. Evite-se, em todos os recintos e de todos os modos, conversas alheias ao trabalho do passe. Observação: caso algum passista não se sinta bem, mesmo após as leituras e a prece, outro passista poderá obsequiá-lo com um passe antes do início do atendimento geral.

3) Quando o paciente chegar à Instituição para o atendimento, deverá ser recebido pelo recepcionista, que o encaminhará ao entrevistador. Este o entrevistará de posse do modelo próprio³⁸⁵. Observações:

- I. — Caso mais de um paciente chegue por vez, encaminhar o(s) outro(s) paciente(s) à sala da evangelização, até que seja(m) chamado(s) (um a um, por ordem de chegada) para sua(s) entrevista(s). Isto porque a entrevista feita de forma individual e privada evita a possibilidade de timidez ou omissão de dados e detalhes da parte do paciente ao entrevistador.

³⁸³ Modelo no apêndice "V".

³⁸⁴ Modelo no apêndice "II".

³⁸⁵ Modelo no apêndice "III".

- II. — Se o paciente não estiver em condições físicas ou psíquicas de prestar as informações necessárias, recolhê-las junto ao acompanhante.
- III. — Caso o paciente traga água para fluidificar, deverá entregar o(s) vasilhame(s) à recepção, no momento de sua chegada; o recepcionista o(s) depositará no local previamente destinado à fluidificação das águas.
- IV. — Se o paciente está vindo pela primeira vez e não recebeu o "Recomendações gerais" para atendimento magneto e/ou misto "X", entregar-lhe uma via neste instante.

4) Após a entrevista, o paciente retornará e permanecerá na sala de evangelização, até ser chamado para o passe propriamente dito. Ali, um dos evangelizadores, previamente designado, estará fazendo comentários evangélicos sob a ótica Espírita, auxiliando os pacientes presentes a entrarem num clima de boas vibrações. Observações:

- I. — O sistema de seleção dos evangelizadores poderá funcionar por revezamento, considerando-se temas, tempo e horário.
- II. — Os evangelizadores deverão ter o cuidado de não favorecer dúvidas ou cansaços desmotivantes aos pacientes, para isso preparando antecipadamente os temas.
- III. — É importantíssimo que entre os comentários evangélicos sejam intercaladas informações acerca de: como se deve receber o passe; para que serve o passe; como agir diuturnamente para extrair os melhores frutos do passe; que providências tomar quando sentir-se mal antes, durante ou depois do passe; quais os cuidados quanto à água fluidificada; sobre a necessidade de boas leituras que comportamento deverá ter na cabine de passes; quais observações notar para transmitir por ocasião das entrevistas; etc.

5) Antes que os passistas comecem o atendimento, um deles (ou os dois) se encarregará da fluidificação da água de todos os vasilhames. Como medida de ordem, é preciso que os pacientes sejam informados que a água será fluidificada antes do início do atendimento dos passes, a fim de que eles entreguem os vasilhames cedo. Com tal medida, além de uma questão de disciplina, fica resguardada a importância de o paciente chegar antes do início geral dos trabalhos para melhor usufruir a evangelização. Observação: a fim de evitar que alguém retorne sem sua água fluidificada, pode fazer-se duas fluidificações por sessão: uma no início e outra no final. Aqueles que encaminharem seus vasilhames após iniciado o atendimento, só poderão retirá-los quando houver terminado a sessão dos passes.

6) Quando chegar a vez de o paciente ir à cabine tomar o passe, o recepcionista levá-lo-á até a mesma, onde será atendido por um único passista. Observações:

- I. — Os passistas se revezarão a cada atendimento para dar tempo de cada um preencher o verso dos "tickets", enquanto o outro atende a outro paciente.
- II. — Um dos melhores critérios de seleção dos pacientes é a ordem de chegada, com os "tickets" sendo distribuídos seqüencialmente, ressalvados casos excepcionais, tais como: doentes com muitas dores; doentes portadores de enfermidades contagiosas; crianças muito irrequietas; mulheres grávidas e pessoas em avançada idade.

7) O coordenador facilitará o acesso de entrada/saída da cabine aos pacientes, e anotará, na ficha de avaliação, o número do paciente naquele atendimento, seguido do nome do médium que o atendeu.

8) Após o atendimento, o paciente retirará seu(s) vasilhame(s) de água fluidificada ou o solicitará ao recepcionista ou, dependendo do caso, aguardará o término da sessão para recebê-los.

Observações:

- I. — Caso o paciente, ao sair da cabine, se sinta tonto ou enjoado, recomendar-lhe sentar-se, respirar profunda e tranquilamente e orar. Caso após alguns minutos o mal-estar não passe, retorná-lo à cabine para receber dispersivos.
- II. — Para o caso de duas fluidificações de água por sessão, logo após atendido o último paciente, um dos assistas fará dita fluidificação, ficando o recepcionista encarregado de entregar os vasilhames após a prece final.

9) Encerrados os atendimentos, todos os membros voltarão a se reunir para uma prece final. Finda a prece, retirar-se-ão o recepcionista, o entrevistador e os evangelizadores, ficando apenas o coordenador e os assistas.

10) A avaliação e o levantamento das observações feitas pelos médiuns serão processados logo após a prece final a fim de não se perder o "frescor" das informações. O coordenador anotará todas as observações apresentadas pelos assistas, caso a caso, nas fichas para tal fim destinadas³⁸⁶.

11) Feita a avaliação e todas as observações e registros, o coordenador dará por encerrados os trabalhos.

12) Caberá, ainda, ao coordenador, fazer outra avaliação posterior, de todas as fichas, comparando os resultados apresentados pelos médiuns em contraposição ao que disseram os pacientes (ou responsáveis) por ocasião das entrevistas. Esses dados deverão ser confidenciais e o coordenador apenas dará ciência ao grupo de alguns deles, em sua reunião mensal (se for esse o período) de avaliação, sem, contudo, explicitar muitos detalhes pessoais, a fim de resguardar a idoneidade do processo. Os dados gerais da avaliação serão voltados ao aperfeiçoamento das técnicas, dos cuidados e dos critérios adotados, sem que se faça dessa avaliação um repositório de "achismos".

13) Será de responsabilidade do coordenador a avaliação sobre as condições de "dar alta" aos pacientes. Para que este mister seja feito a contento, além dos critérios já explicitados no capítulo X, item 4, as confirmações colhidas pela avaliação comparativa das fichas é muito importante e, portanto, devem ser consideradas sempre.

Apesar da aparência burocrática de que se revestem, essas medidas são efetivamente muito valiosas e sua prática o demonstrará, para quem ainda não as testou, num curto espaço de tempo.

Para Instituições com um maior potencial de atendimento, uma equipe com mais dois evangelizadores, outro recepcionista, outro entrevistador e, pelo menos, mais dois assistas, possibilita o atendimento de dois em dois pacientes per vez, com o trabalho se desenvolvendo num

³⁸⁶ Modelo no apêndice "IV".

ritmo muito bom. Para tanto, a adição de mais uma maca (ou cadeira) na cabine se faz requerida, além dos assentos para os assistas. Todavia, não pensemos que não possamos fazer atendimento magnético e/ou misto se não dispusemos de todo esse pessoal e equipagem. Queremos lembrar ao leitor, porém, que estamos analisando uma condição ideal de funcionamento e não a única condição.

Uma ultima observação merece ser considerada; tomados todos esses cuidados, o trabalho, desde que se lhe acople um acompanhamento clínico credenciado, fornecerá excelentes condições para um estudo científico dos efeitos da fluidoterapia. Para isso, os entrevistadores deverão solicitar aos pacientes que estejam em tratamento médico cópias de seus exames clínicos anteriores e posteriores ao tratamento fluídico.

Lembramos que, para o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa científica nesta área, outras disposições muito específicas serão requeridas, tanto a nível de paciente quanto a assistas e coordenadores. Por isso mesmo, a Diretoria que venha a permitir tal pesquisa se dê na instituição, deverá estar muito atenta para não permitir que o caráter acadêmico prevaleça sobre as característica eminentemente espíritas com as quais devemos tratar o passe. Só para ilustrar lembramos os casos que envolvem questões com tratamentos por "placebos" pois no passe espírita não há espaço moral para tal prática.

APÊNDICE "II"

RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO "X"

Inicialmente, queremos explicar que por "atendimento magneto e/ou misto "x" estamos dizendo se tratar de passes com fluidos de origem do médium ou de origem mista (partes equivalentes do médium e dos Espíritos), aplicados segundo os vários alcances (espiritual, magnético ou misto), tudo consoante com nossas sugestões de caracterização do passe feitas no capítulo VI.

Como a maioria dos pacientes que vai fazer tratamento fluídico-magnético não conhece os cuidados que deve tomar, toma-se necessário prestemos informações a respeito, a fim de possibilitar, efetivamente, que eles se engajem nos compromissos de suas próprias curas. Para simplificar e unificar esse processo de informações, foi criado um modelo de "recomendações gerais", no qual procuramos especificar o maior número possível dessas informações.

Como o modelo é auto-explicativo, nos limitaremos a transcrevê-lo, antes lembrando que, para pacientes e/ou responsáveis analfabetos, faz-se necessário alguém proceder, para eles, a leitura e a explicação detalhada de todos os itens. A entrega (ou leitura) deste "recomendações gerais" deverá ser feita pelo entrevistador, concomitante ou ao final das anotações dos dados coletados na ficha correspondente³⁸⁷.

Conforme pode ser observado, o modelo abaixo — assim como os dos próximos apêndices — é o que é aplicado em uma instituição (GEAK) e, por isso mesmo, para quem queira aplicá-lo, deverá adaptá-lo à necessidade da própria Casa ou Instituição a que esteja vinculado. Esta observação é válida para os demais modelos que apresentaremos ao correr dos apêndices.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN KARDEC - GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIUNICOS - DAM
ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO
Recomendações gerais
CUIDADOS QUE O PACIENTE DEVE TOMAR

"Sem recolhimento e respeito na receptividade, não conseguimos fixar os recursos imponderáveis que funcionam em nosso favor, porque o escárnio e a dureza de coração podem ser comparados a espessas camadas de gelo sobre o templo da alma" (Áulus)³⁸⁸.

I. NO DIA MARCADO PARA O ATENDIMENTO:

³⁸⁷ Encontra-se no apêndice "III"

³⁸⁸ XAVIER, Francisco Cândido. Serviço de passes. In "Nos Domínios da Mediunidade", cap. 17, p. 168.

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

1. Alimente-se moderadamente, evitando sobrecarregar o estômago, em especial nas duas últimas refeições antes do atendimento.
2. Se você tiver vícios, reduza-os ao máximo; se possível, suspenda-os, pelo menos durante todo o tratamento.
3. Modere reações de irritabilidade, evitando aborrecimentos e descontroles emocionais.
4. Substitua conversas fúteis por boas leituras e orações.
5. Evite grandes dispêndios de energias físicas e mentais.
6. Caso se encontre muito debilitado ou necessitar, faça-se acompanhar de pessoa que possa levá-lo, conduzi-lo e trazê-lo de volta.

II. CHEGANDO À INSTITUIÇÃO PARA O ATENDIMENTO:

1. Chegue sempre antes das 19h30min. Além da ordem de chegada, existe limite máximo para atendimento por sessão.
2. Informe-se, com o recepcionista, onde e como inscrever-se para o atendimento, permanecendo na sala por ele indicada, até que seja chamado.
3. Na sala, acompanhe a evangelização e os comentários dos expositores, evitando conversas paralelas. Mantenha-se em prece.
4. Tendo sido recomendado trazer água para fluidificar, esta deverá ser entregue ao recepcionista à chegada. O vasilhame não precisa ser aberto nem a temperatura da água importará na sua fluidificação. A água deve ser potável e limpa, tanto quanto o vasilhame. Essa água deverá ser bebida ao longo da semana, de preferência pela manhã, logo após a oração matinal, um pouco por dia. Guarde-a em geladeira ou local fresco, de preferência tampada, a fim evitar poeira e insetos.
5. Quando da inscrição, receba um "ticket" numerado, o qual você entregará ao responsável quando de sua entrada na cabine.
6. Caso, nalgum momento, não esteja passando bem, converse com o entrevistador ou com o recepcionista, expondo sua situação para que ele providencie solução cabível.

III. NA CABINE DE PASSES:

1. Os passes são aplicados, preferencialmente, com o paciente deitado (numa maca). Caso você esteja com problemas que não lhe permita esta posição, poderá ficar sentado ou em pé, como for mais cômodo. Se outro inconveniente houver, informe à entrada da cabine.
2. É desnecessário tirar sapatos.
3. Nunca tire as roupas.
4. Recomenda-se não cruzar pernas e braços para facilitar a circulação sanguínea.
5. Após acomodar-se à maca (ou cadeira), relaxe os músculos, mantenha-se orando a Jesus e, de preferência, feche os olhos, para facilitar a própria concentração. Procure respirar pausada e tranqüilamente.
6. Não é necessário trajar roupas especiais. Contudo, recomenda-se não [só a higiene da alma (pela reforma moral, coadjuvada por uma prece), como também do corpo (tomar um banho antes) e das vestimentas (roupas limpas)].

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

7. Se o paciente estiver acompanhado, o acompanhante poderá entrar na cabine; seu comportamento deverá ser de recolhimento e oração, buscando ajudar o acompanhado. Em se tratando de crianças, os acompanhantes poderão retê-las ao colo.
8. Ao final do passe, se for ofertado um copo com água fluidificada é bom sorvê-lo.

IV. AO SAIR DA CABINE:

1. Caso sinta alguma tontura ou mal-estar, sente-se um pouco, relaxe, respire com tranqüilidade e ore a Jesus. Se, após alguns minutos, não melhorar, peça orientação ao recepcionista. Caso ele o indique, volte à cabine para receber um novo passe.
2. Quando sair, se tiver trazido água para fluidificar, retire ou solicite seu vasilhame.
3. Se após seu atendimento magnético estiver ocorrendo reunião doutrinária na sede da Instituição, é bom assisti-la.
4. Ao chegar em casa, evite qualquer tipo de excesso, procurando dormir com tranqüilidade e relaxadamente. Abstenha-se dos vícios após os passes, principalmente os mentais.
5. Procure não repor as refeições leves do dia de uma só vez. Alimente-se moderadamente.

V. DOS REGISTROS E OBSERVAÇÕES:

1. Quando do registro (primeira entrevista) e dos retornos, preste toda as informações possíveis.
2. As sensações percebidas após o início ou durante o tratamento (tais como cheiro de remédios, éter, flores ou como a sensação de alguém apalpando a região doente, uma massagem, um forte calor ou frio, além de sensações de desdobraimento, afastamento, acompanhamento e outras) deverão ser informadas a cada entrevista.
3. Caso tenha registrado sensações como as referidas, não só observá-las, mas, notar se no dia seguinte ainda está com as mesmas sensações, principalmente aquelas tipo impressão de ter sido cirurgiado, massageado, etc. Isto é evidência de atendimento magnético, pelo que os cuidados recomendados devem ser mantidos por todos os dias até, pelo menos, a próxima semana.
4. Nos casos acima, evite dietas "carregadas", hiperácidas, ricas em carnes; alimente-se de produtos os mais naturais possíveis.
5. Estando em tratamento médico, se possível, forneça cópia(s) do(s) exame(s) que seu(s) médico(s) tenha(m) requerido, tanto de antes do tratamento, bem como posteriores.

VI. OBSERVAÇÕES GERAIS:

1. Aparecendo sensação de tontura ou enjôo, após o atendimento, não é sinal negativo. Tome as providências recomendadas, ore a Jesus, agradeça as bênçãos que Ele sempre nos concede e repouse até o dia seguinte e, quando despertar, estará harmonizado.

2. A melhora súbita não pode ser considerada como término de tratamento, pois, se o organismo reagiu positivamente à primeira ação, não quer dizer esteja dispensado de "reforços" para a manutenção do estado saudável recentemente adquirido.
3. Se, durante o tratamento, não registrar nenhuma sensação, isto não significa que não tenha havido terapia. Por isso, não se deve, em seguida, tentar repor a alimentação leve que foi feita durante o dia com uma sobrecarga desnecessária e prejudicial; o ideal é, sentindo necessidade, fazer apenas uma rápida ceia, com uma sopa leve ou um chá com poucas torradas ou um café leite.
4. O atendimento não tem número definido previamente, mesmo que o receituário o sugira. Enquanto não for informado da alta, o tratamento deve ser continuado.
5. Nenhuma cura é total se não nos curamos mental e moralmente. Para isso, as reuniões de Evangelho são imprescindíveis. Recomenda-se ao paciente assistir às reuniões de estudo sistematizado da Doutrina Espírita e de esplanção do Evangelho. No GEAK essas reuniões ocorrem às terças (doutrinárias) e às quintas (de estudo), às 20 horas.
6. Todo tratamento fluídico, inclusive a distância, requer que o paciente se sintonize, de maneira equilibrada, com os trabalhos levados a efeito, procurando comportar-se com fé e agindo consoante aos princípios de responsabilidade que lhes tocam, pois, na Natureza não existe espaço para milagres; as bênçãos que recebemos nos são concedidas por nossa fé e merecimento.
7. Caso esteja fazendo uso de medicamentos controlados, informe quando do registro, inclusive os nomes, o período que faz uso e suas reações.
8. Não aceite sugestões não médicas quanto à suspensão de quaisquer medicamentos por eles passados; a fluidoterapia não compromete, nem se compromete, com o uso de medicamentos, podendo até favorecer sua melhor absorção em face das mudanças fluídicas que promove. Contudo, é sempre bom lembrar a recomendação de "abster-se do uso exagerado de medicamentos capazes de intoxicar a vida orgânica" pois "para o serviço da cura, todo medicamento exige dosagem". (André Luiz — Espírito.)
9. A título de reforço, é imprescindível seja observado um certo regime e cuidados especiais com o organismo, pelo menos 24 horas antes e 24 horas após o passe.
10. Lembremos que Jesus nos recomendou a oração e a vigilância, deixando claro que nossa atitude não deve ser passiva, a fim de não cairmos em tentação.
11. O tratamento magnético não dispensa a necessidade de melhoras em nossa conduta pessoal nem das responsabilidades perante nosso corpo e nossa mente, assim como não é o dispositivo único para tratamentos desobsessivos (influências espirituais negativas).
12. Caso ainda não conheça a Doutrina Espírita e deseje fazê-lo, tenha "O Evangelho segundo o Espiritismo" como sua obra de cabeceira e outras de mensagens ou de romances espíritas. O estudo de "O Livro dos Espíritos" e das demais obras que compõem o "Pentateuco Kardequiano", entretanto, é insubstituível.
13. Se você viajar ou for internado em hospital, providencie a transferência de seu nome para o atendimento "a distância". Informe e se informe com os responsáveis sobre tais fatos.
14. A interrupção por três vezes seguidas, sem que tenha sido acionado o tratamento a distância, cancela o atendimento, assim como a repetida ausência sem justificativa.

APÊNDICE “III”

MODELO DE FICHA PARA PASSES MAGNETO E/OU MISTO “X”

Trazemos, abaixo, um outro modelo de ficha, com o qual visamos controlar as informações prestadas pelo paciente (ou responsável). Embora sendo de imediata percepção, após o modelo descreveremos o preenchimento de cada campo.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
FICHA DE CONTROLE PARA PASSES MAGNETO E/OU MISTO “X”

Data: _____/_____/_____. Ficha Nº _____. Ticket: _____

Nome: _____ Idade: _____

End.: _____ Fone: _____

Resp.: _____ Qtde. Prev.: _____

Motivo: _____

Trato. médico? _____ Qto. tempo? _____ Medicos Contl.? _____

Quais: _____

Assiste às reuniões do GEAK? _____ Por quê? _____

Já fez tratamento espírita antes? _____ Quando? _____

Onde? _____

Como se sentiu? _____

OBSERVAÇÕES: _____

Vamos, agora, ao preenchimento dos campos do modelo acima.

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

Data: a da primeira entrevista.

Ficha n.º.: o número da ficha, por ordem seqüencial dos atendimentos e não apenas do dia do atendimento. (Se o modelo for impresso em gráfica, a numeração já poderá vir tipografada.)

Ticket: número do "ticket" do primeiro atendimento.

Nome: nome completo do paciente.

Idade: idade do paciente (se menos de 2 anos, colocar em meses).

End.: endereço do paciente.

Fone: fone do paciente ou de contato.

Resp.: responsável pelo paciente ou pelo encaminhamento (poderá ser indicado qual o método do encaminhamento: consulta, assista, indicação de outro Centro Espírita, etc).

Qtde. Prev.: quantidade prevista de atendimentos (se houver).

Motivo: motivo que levou o paciente a buscar este tratamento ou quem e porque o indicou.

Trato, médico?: anota-se "sim" se o paciente estiver fazendo tratamento médico e "não" no caso contrário.

Oto. tempo?: há quanto tempo está fazendo o tratamento médico (em dias, meses ou anos, conforme a conveniência).

Medictos, contrl.?: registra-se "sim" se o paciente estiver fazendo uso de medicamentos controlados; "não" para o contrário.

Quais?: Anota-se quais os medicamentos e as posologias.

Assiste às reuniões do Geak? Por quê?: perguntas dirigidas ao paciente; respostas óbvias.

Já fez tratamento espírita antes?: se o paciente já fez algum, "sim".

Quando?: em que data, período ou tempo.

Onde?: em que Centro ou Instituição.

Como se sentiu?: descrever os resultados obtidos e, se possível, explicá-los ou justificá-los.

Observações: Neste campo, algumas anotações são importantes ser feitas:

1. Inicia-se colocando o número da vez que o paciente está sendo atendido (se for a primeira, coloca-se o 1) e segue-se com a data da entrevista (sendo a primeira, é dispensável). Se houver, no prosseguimento dos atendimentos, permuta entre a pessoa do entrevistado com o responsável, anotar, entre parênteses, quem prestou as informações.

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

2. Normalmente, na primeira vez as informações já estarão contidas no espaço "motivo" acima, mas, caso o espaço seja insuficiente, utiliza-se este, logo após o número de vez (no caso, 1) que o paciente está sendo atendido.

3. Quando o atendimento já estiver sendo feito pela segunda vez em diante, logo após o número (2, 3, 4, 5...) da vez em que se dá o atendimento, cole a data da entrevista.

4. Nessa entrevista procurar-se-á obter informações como:

- a) o paciente seguiu as recomendações?
- b) o que ele sentiu antes, durante e/ou após o passe?
- c) quais as reações no dia seguinte?
- d) a água fluidificada teve sabor diferente?
- e) como está o problema; piorou, melhorou ou está na mesma?
- f) se houve alteração orgânica, a partir de quando tais alterações foram percebidas?
- g) se esteve no médico após o tratamento (nos dias seguintes), quais m observações clínicas havidas?
- h) se estiver fazendo acompanhamento médico com exames laboratoriais, terá sido registrada alguma alteração nas taxas sem que para isso tenha interferido algum medicamento?
- i) como está se sentido com o tratamento?
- j) nalgum momento, sentiu alguma presença espiritual?
- k) algumas das informações prestadas na primeira entrevista sofreram alterações? Quais?
- l) o paciente, ou o responsável, acha que já está concluído o tratamento (Obs.: esta informação não pode ser considerada como definitiva pois devem existir outros critérios complementares de avaliação para o "dar alta".)
- m) outras informações de interesse.

5. Se o entrevistador variar, é necessário que ele ponha uma rubrica sinal de identificação para atender posteriores necessidades de detalhamentos.

6. O espaço reservado às observações não é subdividido porque cada é um caso. Cada entrevistador usará a quantidade de linhas que achar conveniente.

Como a primeira página estará muito tomada com as observações iniciais, as páginas complementares poderiam ter apenas o seguinte cabeçalho:

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
FICHA DE CONTROLE PARA PASSES MAGNETO E/OU MISTO "X"

Data: ____/____/____. Ficha N° _____. Pg. N°: _____

Nome: _____ Idade: _____

OBSERVAÇÕES: _____

APÊNDICE "IV"

MODELO DE FICHA PARA CONTROLE DO ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO "X",
SEGUNDO INFORMAÇÕES OBTIDAS JUNTO AOS MÉDIUNS

Além da ficha anterior (para controle nas entrevistas), faz-se necessário uma outra para acompanhamento das informações oriundas das observações dos médiuns passistas. Para tanto, segue o modelo dessa ficha, sobre a qual aditaremos considerações atinentes ao seu preenchimento, ao final.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
FICHA DE CONTROLE DADOS/MÉDIUNS DOS PASSES MAGNETO E/OU MISTO "X"

Data: ____/____/____ . Ficha N° ____ . Ticket: ____

Nome: _____ Idade: ____

End.: _____ Fone: _____

Resp.: _____ Qtde.: _____

N° ____ M. ____ t. (____) Data: ____/____/____

S.P. _____

S.M. _____

N° ____ M. ____ t. (____) Data: ____/____/____

S.P. _____

S.M. _____

Vamos, agora, ao preenchimento desta ficha.

Data: a data da primeira entrevista.

Ficha N°: o número da ficha, por ordem seqüencial dos atendimentos. Caso o tratamento seja prolongado e haja necessidade de se fazer uso de mais de uma ficha, o número das seguintes será o mesmo da primeira, acrescido das letras "a, b, c, d...", e assim por diante.

Ticket: o número do ticket do primeiro atendimento.

Nome: nome completo do paciente.

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

Idade: idade do paciente. Se desencarnado, quantos anos tinha por ocasião do desencarne e, nas observações, colocar há quanto tempo.

End.: o endereço do paciente. Atualizá-lo sempre que necessário. Se for desencarnado, informar a época e o lugar do desencarne.

Fone: fone do paciente ou de contato.

Resp.: responsável pelo paciente ou pelo encaminhamento. Poderá ser indicada, também, a "via" como se deu o encaminhamento.

Qtde.: quantidade prevista de atendimentos (se houver).

Observações: os espaços serão preenchidos da seguinte maneira:

Nº: o número de vez que o paciente está sendo atendido. Caso tenha havido uma interrupção de atendimento superior a três vezes consecutivas, este número voltará a ser contado a partir de 1, salvo disposição em contrário.

M: nome do médium que fez o atendimento.

t: tempo gasto no atendimento, em segundos (este dado é importantíssimo para estudos e pesquisas científicas).

Data: ____/____/____ data do atendimento.

S.P.: sensações que o médium registrou em relação ao paciente. Por exemplo: uma presença espiritual ao lado do paciente; o paciente parecia não estar no lugar ou estava fazendo "isso" ou "aquilo"; que ele tinha um problema de tal ou qual ordem, nesse ou naquele outro lugar; vinha dele uma sensação de calor, frio, tremor, choque, etc; havia uma "nuvem" escura, um brilho, um embassamento, um suor gelado, etc. Pode, inclusive, não ser registrada nenhuma sensação ou, então, que o paciente está sendo bem receptivo ou em efetivo atendimento, ou, ainda, em condições de receber alta.

S.M.: sensações que o médium registrou em si mesmo, durante o atendimento. Por exemplo: frio, calor, choques, titilações, arrepios e outros, em determinados órgãos ou por todo o corpo; que aplicou um passe desse ou daquele jeito, com tal ou qual técnica; sentiu-se mal com dores localizadas ou generalizadas; enjôos ou travamentos musculares; registro de desdobramentos (que devem ser bem vigiados e orientados, se houver), sensação de paz, tranquilidade, harmonia, suave envolvimento, doação efetiva, repulsa, etc.

Caso no campo das observações seja necessário mais espaço, quando dá composição da ficha poder-se-á deixar mais linhas para os registros.

Duas observações, entretanto, é bom sejam consideradas:

1. Que esta ficha seja preenchida por uma única pessoa (de preferência o coordenador), a fim de que só ela faça as avaliações diárias, as quais serão resumidas e apresentadas à(s) equipe(s), quando da reunião de avaliação geral da(s) mesma(s);

2. Que os médiuns atentem, com equilíbrio e elevado espírito de observação, as ocorrências verificadas durante o atendimento, a fim de suas informações se tornarem o mais precisas possível. Tão logo encerre o atendimento, cada médium deverá anotar, sinteticamente, suas observações nos tickets recebidos dos pacientes, ou em cadernos pessoais para, na avaliação, não perder dados por esquecimento. O fato de o médium não ter nenhum tipo de registro, entretanto, não é motivo para sua eliminação da equipe pois, pessoas existem que são excelentes doadoras e transmissoras de "energias" balsamizantes e curativas de "primeira" linha, mas que, a nível de registro sensório, são muito ineficientes.

APÊNDICE "V"

RELATÓRIO À DIRETORIA: ATENDIMENTO MAGNETO E/OU MISTO "X"

Periodicamente, cada coordenador de equipe de passes, especialmente os magneto e/ou misto "x", deverá elaborar um relatório a ser apresentado à Diretoria da Instituição. Segue, abaixo, nosso modelo. Para melhor controle, este formulário deverá ser preenchido em três vias, sendo uma para o coordenador, outra para o Diretor do Departamento (se for a mesma pessoa, só precisará de um total de duas vias) e outra para a Diretoria da Instituição.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
RELATÓRIO À DIRETORIA DOS ATENDIMENTOS FLUÍDICOS

Data: _____ / _____ / _____ Setor: _____

Período: de _____ / _____ a _____ / _____ Horário: _____

Sessões.: _____ Q. Pactes: _____ Q. Atend.: _____ Média: _____

Coordenador: _____ (_____) (p = _____)

1º Caso: _____

2º Caso: _____

Doutrs.: _____ (_____) (ex = _____)

_____ (_____) (ex = _____)

Passis.: _____ (_____) (p = _____)

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

Receps.: nomes dos recepcionistas. Coloca-se, entre parênteses, quantas reuniões compareceu e que outras e por quantas vezes exerceu atividades como passista, entrevistador ou doutrinador.

Observações outras: preencher com outras informações importantes, ou que não couberam nos espaços previamente destinados.

Havendo necessidade de mais espaços, prever e providenciar quando da confecção das fichas.

Ao final, o Coordenador passa seu visto e entrega duas vias ao Diretor do Departamento, ficando com uma para os arquivos da coordenadoria; quanto ao Diretor do DAM, uma via fica em poder do departamento e outra segue com seu visto para a Diretoria da Casa.

APÊNDICE "VI"

RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA ATENDIMENTO A DISTÂNCIA

Da mesma maneira como estabelecido no "Recomendações gerais" do apêndice II, é comum termos que informar os cuidados que devem ser tomados tanto quem indica (teoricamente, o responsável pelo paciente) quanto quem vai receber o auxílio magnético a distância (irradiação). Para simplificar tal processo, sugerimos o modelo abaixo onde, sinteticamente, colocamos as partes a par das medidas e cuidados requeridos ao bom êxito do atendimento.

Estas "recomendações gerais" estão divididas em duas partes, no intuito de prevenir, especificamente, ao paciente e ao responsável. A entrega (ou leitura deste impresso será feita pelo entrevistador, no final da coleta dos dados.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
ATENDIMENTO A DISTÂNCIA
RECOMENDAÇÕES GERAIS
"Cuidados que o paciente deve ter"

I. NO DIA MARCADO PARA O ATENDIMENTO:

1. Alimente-se moderadamente, evitando sobrecarregar o estômago, principalmente nas duas refeições que antecederem ao atendimento.
2. Se for portador de vícios, reduza-os ao máximo ou, se possível, suspenda-os, pelo menos durante o tratamento.
3. Modere reações de irritabilidade, evitando aborrecimentos e descontroles emocionais.
4. Substitua conversas fúteis por boas leituras e preces.
5. Evite dispêndios de energias físicas e mentais.
6. Estando muito debilitado ou necessite, faça-se acompanhar de pessoa que possa trazê-lo, conduzi-lo e levá-lo de volta.

II. NO HORÁRIO PREVISTO PARA O ATENDIMENTO (Das 20h às 21h30min):

1. A observância do horário é importantíssimo.

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

2. Às 20 horas, recolha-se a um quarto tranqüilo, deite-se relaxadamente e fique orando ou sente-se comodamente e proceda leitura(s) evangélica(s), evitando conversas ou distrações outras. Caso tenha sono, ore e durma.

3. Quando for se recolher, coloque um copo com água à cabeceira para ser fluidificada pela Espiritualidade. O copo poderá ser coberto, a fim de evitar poeira ou mosquitos. Após às 21h30min, caso esteja acordado ou se acorde, beba a água (estará fluidificada). Se só acordar no dia seguinte, tome a água ao despertar.

4. Se tiver sido recomendado colocar garrafa com água para fluidificar, coloque-a à cabeceira. Esta deverá ser bebida ao longo da semana, de pouco em pouco, preferencialmente pela manhã, logo após a oração matinal. A água da garrafa independe da água do copo. A garrafa poderá estar fechada, com a água em qualquer temperatura e, ao longo da semana, se preferir, poderá ser guardada em geladeira.

5. Não é necessário roupas nem cobertas especiais. Entretanto, recomenda-se a higiene não só da alma (pela reforma moral, coadjuvada por uma prece), como do corpo (tomar um banho antes) e das vestimentas (usar roupas de vestir e lençóis simples, mas, limpos).

6. Caso esteja com problemas que não lhe permitam ficar deitado, poderá ficar sentado ou como lhe for mais cômodo.

7. Se gostar de música à cabeceira, poderá ouvi-la, desde que seja tranqüila e induza a elevadas meditações.

8. É importante que os demais membros da casa sejam informados para não incomodá-lo durante este intervalo (das 20h às 21h30min).

9. É bom deixar o quarto envolto sob a luminosidade de uma luz branda, indireta. O escuro total é dispensável.

III. DOS REGISTROS E OBSERVAÇÕES:

1. Sentindo alguma(s) sensação(ões) estranha(s), observe-a(s) atentamente para informar quando da entrevista ou para transmitir através da pessoa (responsável) que está indicando o tratamento.

2. Além de observar as sensações, notar se, no dia seguinte, ainda está com as mesmas sensações, principalmente as físicas, como: a impressão de ter sido cirurgiado, massageado, etc. Isto é evidência de atendimento magnético, pelo que os cuidados recomendados devem ser mantidos por todos os dias até pelo menos, a próxima semana.

3. Entre outras, você pode sentir cheiro de remédios, éter, flores ou registrar a sensação de alguém apalpando a região doente, uma massagem, a aplicação de passes, etc. Pode sentir, ainda, sensações de desdobramento, afastamento, acompanhamento e outras.

4. O relaxamento muscular é muito valioso e deve ser associado a uma prece fervorosa e a uma respiração pausada e tranqüila.

5. Se, até o término do horário do atendimento, não sentir nada, não significa que não tenha havido tratamento; portanto, não tente, em seguida repor a alimentação leve que foi feita durante o dia; o ideal é, sentindo necessidade, fazer apenas uma rápida ceia, uma sopa leve ou um chá com poucas torradas ou um café com leite.

6. Evite dietas "carregadas", hiperácidas e ricas em carnes. Procure alimentar-se de produtos os mais naturais possíveis.

7. Se, após o atendimento, perdurar uma sensação de tontura ou enjôo, não se preocupe. Ore a Jesus, agradeça as bênçãos recebidas e continue repousando até o dia seguinte. Ao despertar estará refeito.

8. A melhora súbita não pode ser considerada como término de tratamento. Continue-o até receber alta. Outrossim, não tendo número definido previamente, enquanto não for informado da alta, o tratamento estará sendo continuado.

9. Nenhuma cura é total se não nos curamos mental e moralmente. Para isso, as reuniões de Evangelho são imprescindíveis. Tão logo tenha condições assista às reuniões de estudo e explanação evangélica.

10. Todo tratamento fluídico, inclusive o a distância, requer sintonia equilibrada com os trabalhos levados a efeito. Comporte-se com fé e aja consoante aos princípios de responsabilidade que tocam a cada um de nós, pois na Natureza não existe espaço para milagres; as bênçãos que recebemos nos são concedidas por nossa fé e merecimento.

11. Caso esteja fazendo uso de medicamentos controlados, informe quando do registro, inclusive o período que faz uso e suas reações.

12. Não aceite, em nenhum momento, sugestões não médicas para suspender o uso de medicamentos por eles passados; a fluidoterapia não compromete, nem se compromete, com o uso desses, pois, muitas vezes, favorece sua melhor absorção pelo organismo, em face das mudanças fluídicas que promove. Contudo, lembre-se: "abster-se do uso exagerado de medicamentos capazes de intoxicar a vida orgânica. Para o serviço da cura, todo medicamento exige dosagem" (André Luiz.)

13. Considerando o atendimento a distância uma oração, lembre a recomendação: "orai e vigiai para não cairdes em tentação" (Jesus).

14. Caso ainda não conheça a Doutrina Espírita e deseje fazê-lo, tenha "O Evangelho segundo o Espiritismo" como sua obra de cabeceira e outra de mensagens ou de romances espíritas. O estudo de "O Livro dos Espíritos" e das demais obras que compõem o "Pentateuco Kardequiano", entretanto, é indispensável.

RECOMENDAÇÕES GERAIS – 2ª PARTE

"Recomendações aos responsáveis pelos encaminhamentos"
--

IV. RESPONSABILIDADE DO RESPONSÁVEL:

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

1. Sendo caridade se buscar o auxílio para os que necessitam, é igualmente caridoso indicar-lhes a "evangelhoterapia"; indicar-lhes reuniões de evangelização não é proselitismo; é distribuição de luz!

2. Quando o paciente não puder vir ao GEAK trazer suas informações, cabe ao responsável fazê-lo, inclusive explicando por que o paciente não vem ele mesmo prestá-las.

3. Todas as informações da primeira parte deste formulário devem ser explicadas pelo responsável ao paciente quando não é ele quem vem se inscrever pessoalmente.

4. Sendo questionado pelo paciente, indique-lhe "O Evangelho segundo o Espiritismo", obras de mensagens ou romances espíritas como leituras equilibrantes. Desejando conhecer a Doutrina Espírita com mais profundidade, indique-lhe as reuniões de estudo sistematizado e o estudo de "O Livro dos Espíritos".

5. Lembre a recomendação de André Luiz: "Crie em torno dos doentes uma atmosfera de positiva confiança, através de preces, vibrações e palavras de carinho, fortaleza e bom ânimo. O trabalho de recuperação do corpo fundamenta-se na reabilitação do Espírito."

6. "Em nenhuma circunstância, garantir a cura ou marcar o prazo para o restabelecimento completo dos doentes, em particular dos obsidiados, sob pena de cair em leviandade" (André Luiz).

7. "Dar atenção e carinho aos corações angustiados e sofredores, sem falar ou agir de modo a humilhá-los em suas posições e convicções, buscando atender-lhes as necessidades físicas e morais dentro dos recursos ao nosso alcance. A melhoria eficaz das almas deita raízes na solidariedade perfeita" (André Luiz).

APÊNDICE "VII"

MODELO DE FICHA PARA ATENDIMENTO A DISTÂNCIA

Para o atendimento a distância controlado por fichas, também sugerimos um modelo para coleta de informações junto ao paciente ou ao responsável. Ao final, aditaremos algumas informações sobre seu preenchimento.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
FICHA DE CONTROLE PARA ATENDIMENTO A DISTÂNCIA

Data: _____ / _____ / _____ . Ficha Nº _____ . Ticket: _____

Nome: _____ Idade: _____

End.: _____ Fone: _____

End. Atend.: _____

Resp.: _____ Qtde. Prev.: _____

Motivo: _____

Trato. médico? _____ Oto. tempo? _____ Medicos Contl.? _____

Quais: _____

Assiste às reuniões do GEAK? _____ Por quê? _____

(Se for o caso) Por que não vem às reuniões do GEAK? _____

Já fez tratamento espírita antes? _____ Quando? _____

Onde? _____

Como se sentiu? _____

OBSERVAÇÕES: _____

Vamos, agora, ao preenchimento do modelo acima.

Data: a da primeira entrevista.

Ficha N°: o número da ficha, por ordem seqüencial dos atendimentos e não apenas do dia do atendimento. (Se o modelo for impresso por gráfica, a numeração já poderá vir tipografada.)

Ticket: número do ticket do primeiro atendimento.

Nome: nome completo do paciente.

Idade: idade do paciente.

End.: endereço do paciente (se desencarnado, mencionar desde quando e onde desencarnou).

End. atend.: endereço onde o paciente estará quando do atendimento; se for o anterior, basta colocar "o mesmo".

Fone: fone do paciente ou de contato.

Resp.: responsável pelo paciente ou pelo encaminhamento (poderá ser indicado se foi encaminhamento por consulta ou por outros métodos).

Qtde. prev.: quantidade prevista de atendimentos (se houver).

Motivo: motivo que levou o paciente a precisar deste tratamento ou porque o responsável está indicando-o.

Trato. médico?: anota-se "sim" se o paciente estiver fazendo tratamento médico e "não" no caso contrário.

Oto. Tempo?: há quanto tempo está fazendo o tratamento médico (em dias, meses ou anos, conforme a conveniência).

Medictos. contrl.?: registra-se "sim" se o paciente estiver fazendo uso de medicamentos controlados; "não" para o contrário.

Quais?: anota-se quais os medicamentos e as posologias.

Por que não vem às reuniões do GEAK?: pergunta dirigida ao paciente: resposta óbvia.

Já fez tratamento espírita antes?: se o paciente já fez algum, "sim".

Quando?: em que data, período ou tempo.

Onde?: em que Centro ou Instituição Espírita.

Como se sentiu?: descrever os resultados obtidos e, se possível, explicá-los ou justificá-los.

Observações: Neste campo, algumas anotações são importantes ser feitas:

1. Inicia-se colocando o número da vez que o paciente está sendo atendido (se for a primeira, coloca-se o 1) e segue-se com a data da entrevista (sendo a primeira, é dispensável). Se, no prosseguimento dos atendimentos, houver permuta entre a pessoa do entrevistado e o responsável, anotar entre parênteses quem prestou as informações.

2. Normalmente, na primeira vez as informações serão anotadas no espaço "motivo", mas, caso seja insuficiente, utiliza-se este, logo após a número de vez (no caso, 1) que o paciente está sendo atendido.

3. Quando o atendimento já estiver sendo feito pela segunda vez em diante, logo após o número (2, 3, 4, 5...) da vez em que se dá o atendimento, colocar a data da entrevista.

4. Nessa entrevista dever-se-á obter informações como:

- a. o paciente seguiu as recomendações?
- b. o que ele sentiu?
- c. adormeceu logo ou permaneceu acordado?
- d. quais as reações no dia seguinte?
- e. a água fluidificada mudou de sabor?
- f. como está o problema; piorou, melhorou ou está na mesma?
- g. se houve alteração orgânica, a partir de quando tais alterações foram percebidas?
- h. se foi ao médico após o tratamento (nos dias seguintes), quais suas observações clínicas?
- i. se estiver fazendo acompanhamento médico com exames laboratoriais, terá sido registrado alguma alteração em taxas sem que para isso tenha interferido algum medicamento?
- j. como está se sentindo com o tratamento?
- k. sentiu, nalgum instante, alguma presença espiritual?
- l. durante o horário do atendimento, sentiu odores, vapores ou iluminações diferentes no quarto?
- m. algumas das informações prestadas na primeira entrevista sofreram alterações? Quais?
- n. o paciente ou o responsável acha que já está concluído o tratamento? (Obs.: esta informação não pode ser considerada como definitiva pois devem existir outros critérios complementares de avaliação para o "dar alta".)
- o. outras informações interessantes.

5. Se o entrevistador variar, ponha uma rubrica ou sinal de identificação para atender posteriores necessidades de detalhamento.

6. O espaço reservado às observações não é subdividido porque cada caso é um caso. Cada entrevistador usará a quantidade de linhas que achar conveniente. Como a primeira página estará muito tomada com as observações iniciais, as páginas complementares poderão ter apenas o seguinte cabeçalho:

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
FICHA DE CONTROLE PARA PASSES MAGNETO E/OU MISTO "X"

Data: ____/____/____. Ficha Nº ____ . Pg. Nº: ____

Nome: _____ Idade: _____

OBSERVAÇÕES: _____

APÊNDICE "VIII"

MODELO DE FICHA PARA CONTROLE DO ATENDIMENTO A DISTANCIA, SEGUNDO
INFORMAÇÕES OBTIDAS JUNTO AOS MÉDIUNS

Completando o circuito do atendimento a distância, necessário se faz o uso de uma outra ficha, na qual serão colocados os dados fornecidos pelos médiuns que participam do referido atendimento. Segue abaixo o modelo, com alguns comentários a seguir.

GRUPO ESPÍRITA ALLAN K AR DEC — GEAK
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS MEDIÚNICOS - DAM
FICHA DE CONTROLE DADOS/MÉDIUNS DO ATENDIMENTO A DISTÂNCIA

Data: _____ / _____ / _____. Ficha N° _____

Nome: _____ Idade: _____

End. atend: _____ Fone: _____

Resp.: _____ Qtde.: _____

N° _____ M. _____ Data: ____ / ____ / ____

S.P. _____

S.M. _____

N° _____ M. _____ Data: ____ / ____ / ____

S.P. _____

S.M. _____

Vamos, agora, ao preenchimento desta ficha.

Data: a data da primeira entrevista.

Ficha N°: o número da ficha, por ordem seqüencial dos atendimentos. Caso o tratamento seja prolongado e haja necessidade de se fazer uso de mais de uma ficha, o número das seguintes será o mesmo da primeira, acrescido das letras "a, b, c, d...", e assim por diante.

Nome: nome completo do paciente.

Idade: idade do paciente. Se desencarnado, quantos anos tinha por ocasião do desencarne e, nas observações, colocar há quanto tempo.

O PASSE – SEU ESTUDO, SUAS TÉCNICAS, SUA PRÁTICA

End. atend.: endereço do paciente na hora do atendimento (se desencarnado, mencionar desde quando e onde desencarnou).

Resp.: nome do responsável pelo paciente ou pelo encaminhamento.

Qtde.: quantidade prevista de atendimentos (se houver).

Observações: espaços a serem preenchidos da seguinte maneira:

Nº: o número da vez que o paciente está sendo atendido. Caso tenha havido uma interrupção de atendimento superior a três vezes consecutivas, este número voltará a ser contado a partir de 1, salvo disposição em contrário.

M.: nome do médium que fez o atendimento.

Data: _____/_____/_____ data do atendimento.

S.P.: sensações que o médium registrou em relação ao paciente. Por exemplo: uma presença espiritual ao lado do paciente; que o paciente "não estava" no lugar ou que "estava" fazendo "isso" ou "aquilo"; que ele tinha um problema de tal ou qual ordem, nesse ou naquele lugar; vinha dele uma sensação de calor, frio, tremor, choque, etc; havia uma "nuvem" escura, um brilho, um embaçamento, um suor gelado, etc. Pode, inclusive, não ser registrada nenhuma sensação, ou então que o paciente está sendo bem receptivo ou em efetivo atendimento ou, ainda, em condições de receber alta.

S. M.: sensações que o médium registrou em si mesmo durante o atendimento. Por exemplo: frio, calor, choques, titilações, arrepios e outros, em determinados órgãos ou por todo o corpo; que aplicou um passe mentalmente; sentiu-se mal com dores localizadas ou generalizadas; enjôos ou travamentos musculares; registro de desdobramentos (que devem ser bem vigiados e orientados, se houver), sensação de paz, tranquilidade, harmonia, suave envolvimento de doação efetiva, etc.

Caso haja necessidade de mais espaço, quando da composição da ficha poder-se-á deixar mais linhas para os registros.

Duas observações, entretanto, é bom sejam consideradas:

1. Que esta ficha seja preenchida por uma única pessoa (de preferência o coordenador), a fim de que só ela faça as avaliações diárias, as quais serão resumidas e apresentadas à(s) equipe(s) quando da reunião de avaliação geral da(s) mesma(s).

2. Que os médiuns atentem com equilíbrio e elevado espírito de observação às ocorrências verificadas durante o atendimento, a fim de suas informações se tornarem as mais precisas possíveis. Tão logo encerre o atendimento, cada médium deverá anotar, sinteticamente, suas observações nos cadernos pessoais para, na avaliação, não perder dados por esquecimento. O fato de o médium não ter nenhum tipo de registro, entretanto, não é motivo para sua eliminação da equipe, pois pessoas existem que são excelentes doadoras, mas que, a nível de registro sensório, são ineficientes.

Completando o ciclo de papéis do atendimento a distância, poder-se-á adaptar o modelo proposto no apêndice "V", a fim de se prestar as informações devidas à Diretoria da Instituição.

APÊNDICE "IX"

NOÇÕES DE ANATOMIA E FISIOLOGIA³⁸⁹

1. INTRODUÇÃO

O corpo humano é uma das obras mais belas da Natureza. Tem um funcionamento equilibrado, onde os órgãos, apesar de distintos, se interdependem, dando à vida uma bela lição de harmonia.

Mesmo não pretendendo aqui escrever um tratado de anatomia e fisiologia, queremos apresentar algumas noções básicas do assunto com vistas a um reconhecimento superficial, mas suficiente, por parte do passista, pelo que não nos deteremos em minúcias, deixando de lado informações complexas.

1.1 - O CORPO HUMANO

A divisão geral do corpo humano é: cabeça, tronco e membros.

A cabeça compreende o crânio e a face. No crânio está localizado o encéfalo (cérebro, cerebelo e bulbo), sendo a face a sede de alguns órgãos dos sentidos como os olhos (visão), nariz (olfação), língua (gustação) e ouvido (audição).

O tronco compreende pescoço, tórax e abdome. O diafragma, que é um músculo, é o responsável pela divisão interna entre o tórax e o abdome. No tórax, estão os pulmões que recebem o ar através da traquéia; o coração com seus vasos sanguíneos importantes; e o esôfago, que leva os alimentos ao estômago.

No abdome estão o estômago, o fígado, o baço, o pâncreas, os intestinos, os rins e a bexiga. Na mulher encontramos ainda ovários, útero e trompas, e no homem, a próstata, localizados na porção inferior do abdome, que é chamada de pelve.

Numa linguagem informal, o tórax é o peito, e o abdome a barriga.

Os membros são em número de quatro: dois superiores e dois inferiores. Fazem parte do membro superior a cintura escapular (ombro), braço, antebraço e mão. A cintura pélvica (quadril), coxa, perna e pé compõem o membro inferior.

1.2 - NÍVEIS DE ORGANIZAÇÃO

A célula é a unidade básica dos seres vivos. É composta de membrana, citoplasma e núcleo. Há plantas e animais (como a ameba) formados por uma única célula, a qual é responsável por todas as suas funções vitais. Nos organismos pluricelulares, as células estão agrupadas para executar essas

³⁸⁹ Compilado por Dra. Sarah Jane de Paiva Rodrigues.

funções e esse agrupamento se dá de acordo com a especialização de cada uma. Assim, células semelhantes "trabalham" em conjunto, fazendo a mesma coisa. A esse conjunto de células com funções semelhantes chamamos tecido. Os tecidos se agrupam para formar órgãos, e estes se organizam em sistemas e aparelhos para, juntos, constituírem o corpo humano (GRAVURA A).

1.3 - FUNÇÕES VITAIS

São muitas as funções do corpo humano e, para melhor entendimento, costumamos dividi-las em três grandes grupos:

1.3.1 — Funções de Vida Vegetativa ou Nutrição

Compreendem a digestão, respiração, circulação e excreção. É o conjunto de funções de conservação do ser humano.

1.3.2 — Funções de Relação

Compreendem a locomoção, sentidos (visão, audição, gustação, olfação e tato) e fonação (capacidade de falar). É o conjunto de funções que permitem o relacionamento do homem com o meio em que vive.

1.3.3 — Função de Reprodução

É a que permite a continuação da espécie.

Todas essas funções são controladas pelos sistemas nervoso e glândula: endócrino que, para alguns autores, constituem um quarto grupo de funções, denominadas de coordenação.

2. FUNÇÕES DE NUTRIÇÃO

2.1 - DIGESTÃO

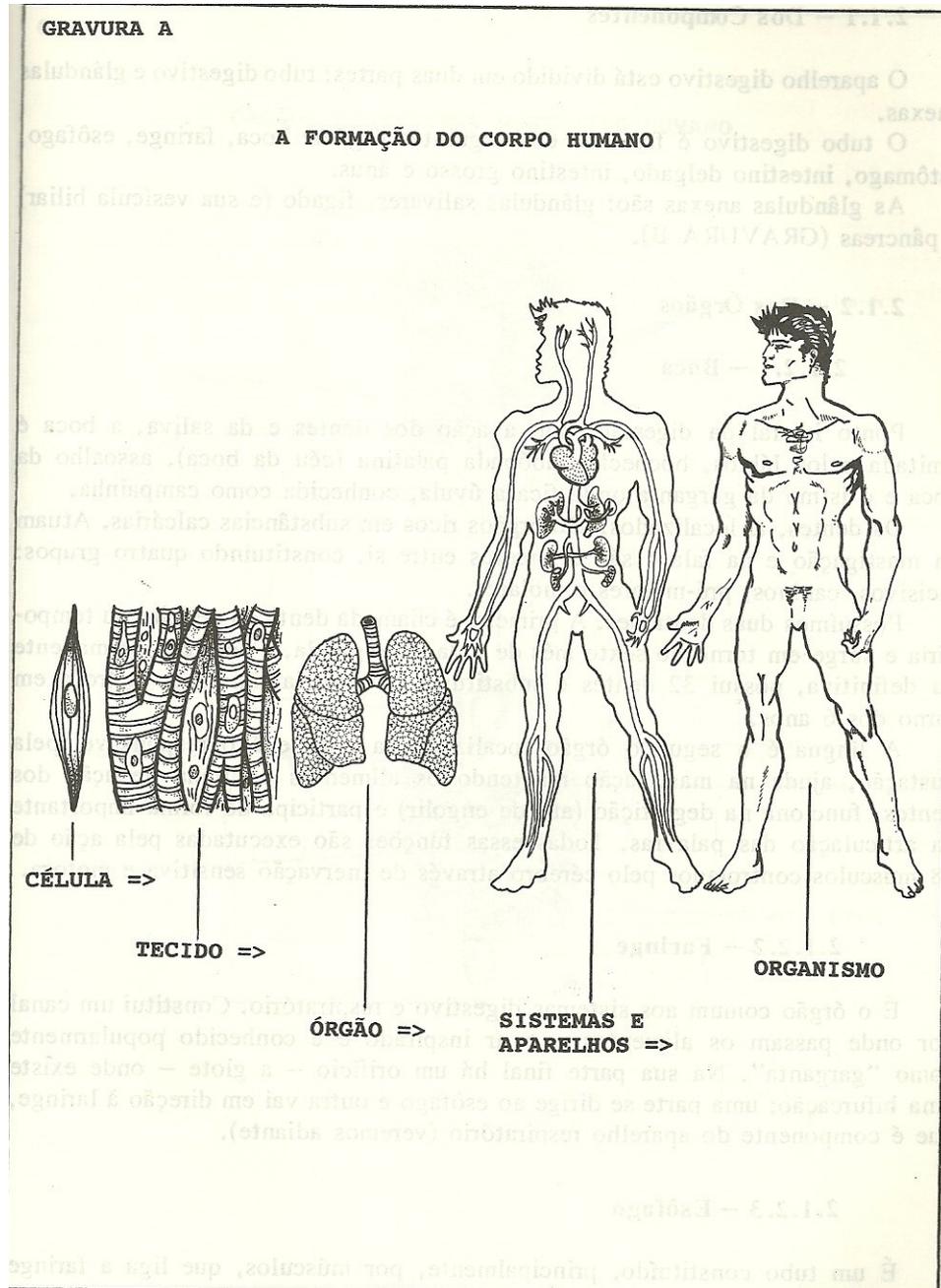
É o conjunto de fenômenos que transformam o alimento ingerido em substâncias capazes de serem absorvidas pelo organismo.

2.1.1 — Dos Componentes

O aparelho digestivo está dividido em duas partes: tubo digestivo e glândula? anexas.

O tubo digestivo é formado dos seguintes órgãos: boca, faringe, esôfago, estômago, intestino delgado, intestino grosso e ânus.

As glândulas anexas são: glândulas salivares, fígado (e sua vesícula biliar e pâncreas (GRAVURA B).



2.1.2 — Dos Órgãos

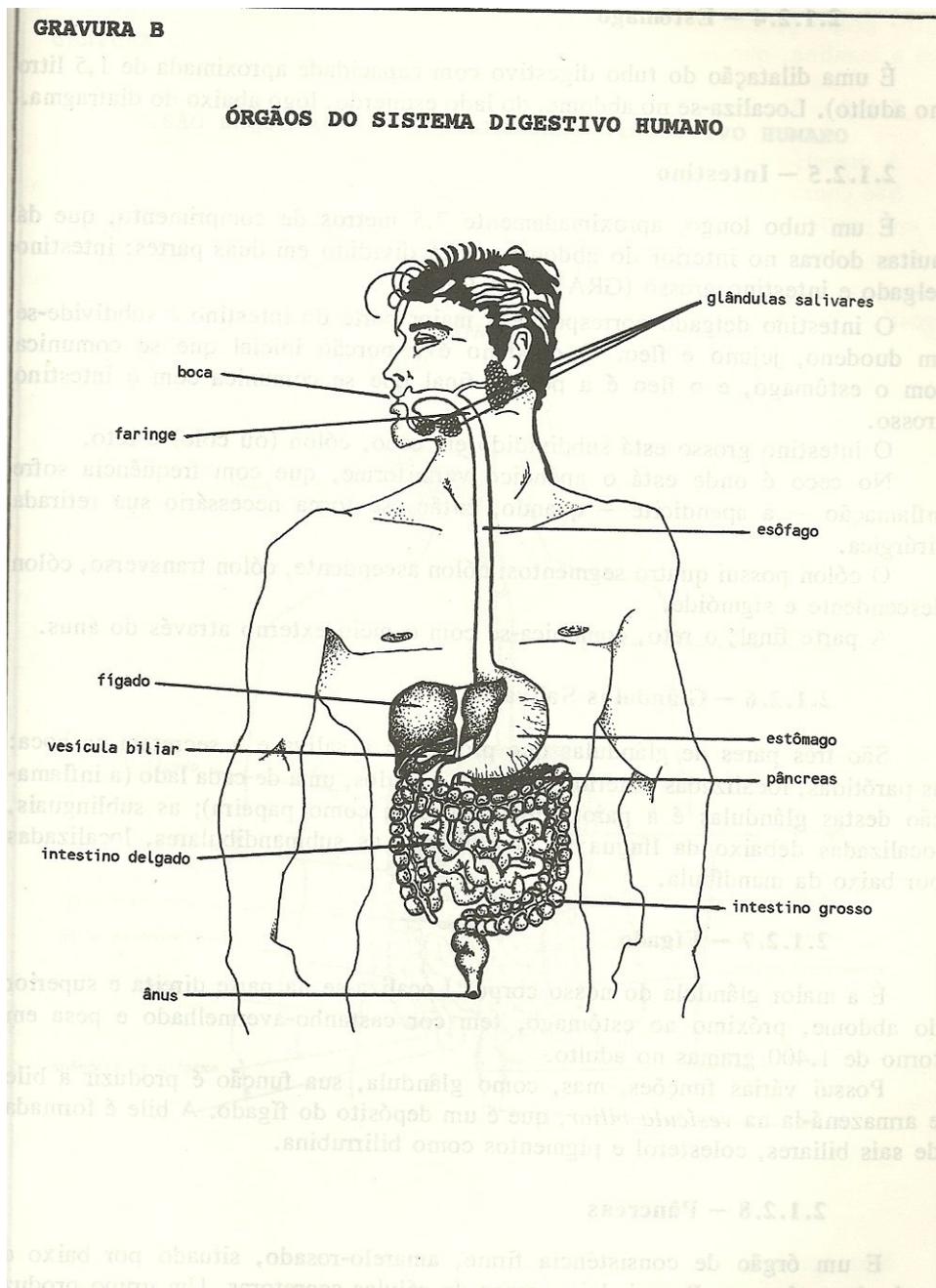
2.1.2.1 — Boca

Ponto inicial da digestão, sob a ação dos dentes e da saliva, a boca é limitada pelos lábios, bochecha, abóbada palatina (céu da boca), assoalho da boca e o istmo da garganta onde fica a úvula, conhecida como campainha.

Os dentes, aí localizados, são órgãos ricos em substâncias calcárias. Atuam na mastigação e na fala e são diferentes entre si, constituindo quatro grupos: incisivos, caninos, pré-molares e molares.

Possuímos duas dentições. A primeira é chamada dentição de leite ou temporária e surge em torno do sexto mês de vida. A segunda, a dentição permanente ou definitiva, possui 32 dentes e substitui a temporária, iniciando a troca em torno dos 6 anos.

A língua é o segundo órgão localizado na boca e é o responsável pela gustação, ajuda na mastigação mantendo os alimentos na linha de ação dos dentes, funciona na deglutição (ato de engolir) e participa de forma importante na articulação das palavras. Todas essas funções são executadas pela ação de 18 músculos controlados pelo cérebro através de inervação sensitiva e motora.



2.1.2.2 — Faringe

É o órgão comum aos sistemas digestivo e respiratório. Constitui um canal por onde passam os alimentos e o ar inspirado e é conhecido popularmente como "garganta". Na sua parte final há um orifício — a glote — onde existe uma bifurcação; uma parte se dirige ao esôfago e outra vai em direção à laringe, que é componente do aparelho respiratório (veremos adiante).

2.1.2.3 - Esôfago

É um tubo constituído, principalmente, por músculos, que liga a faringe ao estômago. Mede aproximadamente 25cm de comprimento e é dotado de movimentos que impulsionam o bolo alimentar para baixo.

2.1.2.4 — Estômago

É uma dilatação do tubo digestivo com capacidade aproximada de 1,5 litro (no adulto). Localiza-se no abdome, do lado esquerdo, logo abaixo do diafragma.

2.1.2.5 — Intestino

É um tubo longo, aproximadamente 7,5 metros de comprimento, que dá muitas dobras no interior do abdome e está dividido em duas partes: intestino delgado e intestino grosso (GRAVURA C).

O intestino delgado corresponde à maior parte do intestino e subdivide-se em duodeno, jejuno e íleo. O duodeno é a porção inicial que se comunica com o estômago, e o íleo é a porção final que se comunica com o intestino grosso.

O intestino grosso está subdividido em ceco, cólon (ou colo) e reto.

No ceco é onde está o apêndice vermiforme, que com frequência sofre inflamação — a apendicite — quando, então, se toma necessário sua retirada cirúrgica.

O cólon possui quatro segmentos: cólon ascendente, cólon transverso, cólon descendente e sigmóide.

A parte final, o reto, comunica-se com o meio externo através do ânus.

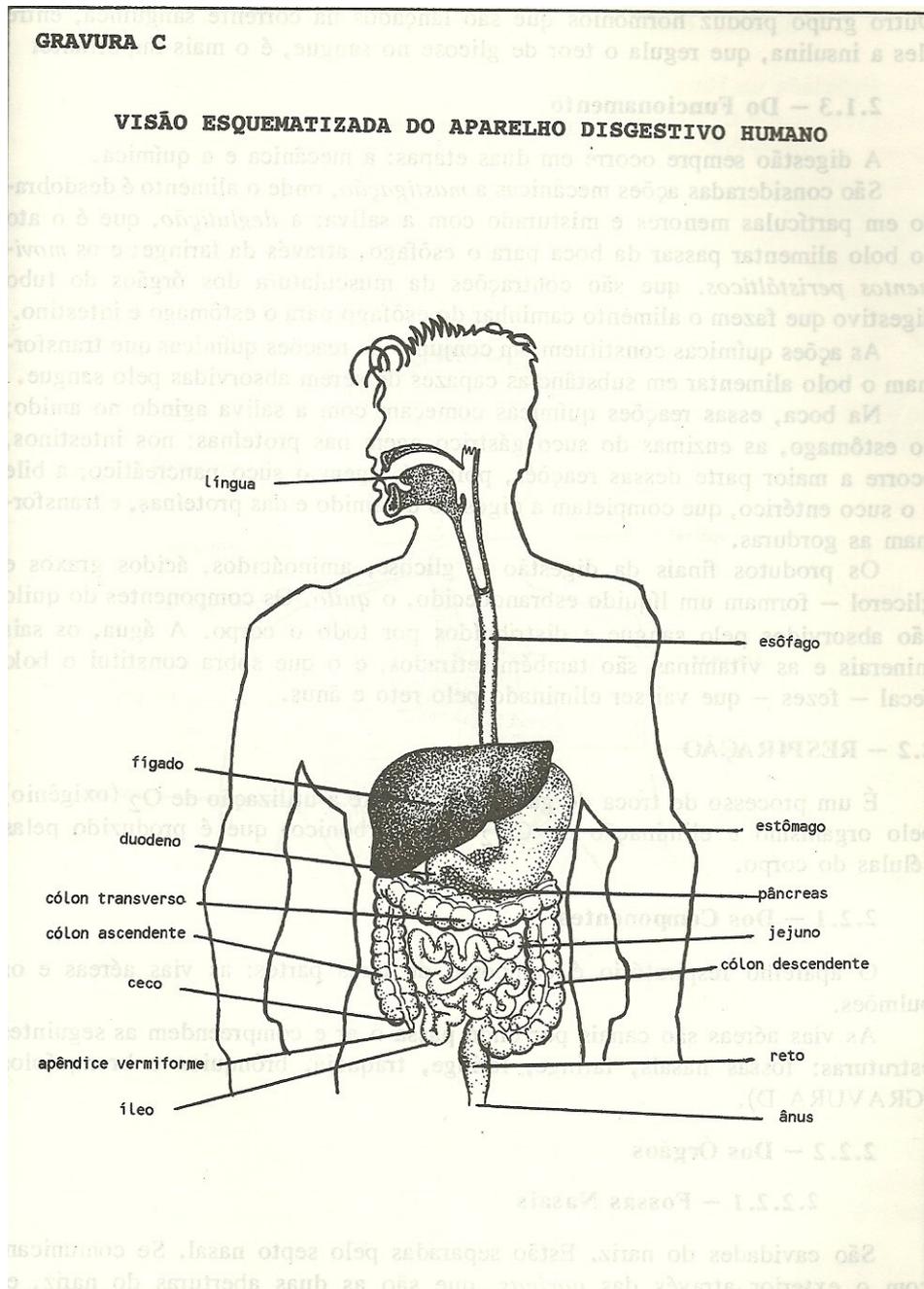
2.1.2.6 — Glândulas Salivares

São três pares de glândulas que produzem a saliva e a secretam na boca: as parótidas, localizadas anteriormente aos ouvidos, uma de cada lado (a inflamação destas glândulas é a parotidite, conhecida como papeira); as sublinguais, localizadas debaixo da língua; e, por último, as submandibulares, localizadas por baixo da mandíbula.

2.1.2.7 - Fígado

É a maior glândula do nosso corpo. Localiza-se na parte direita e superior do abdome, próximo ao estômago, tem cor castanho-avermelhado e pesa em torno de 1.400 gramas no adulto.

Possui várias funções, mas, como glândula, sua função é produzir a bile e armazená-la na vesícula biliar, que é um depósito do fígado. A bile é formada de sais biliares, colesterol e pigmentos como bilirrubina.



2.1.2.8 — Pâncreas

É um órgão de consistência firme, amarelo-rosado, situado por baixo e atrás do estômago. Possui dois grupos de células secretoras. Um grupo produz o suco pancreático, lançado no duodeno e de grande importância na digestão.

Outro grupo produz hormônios que são lançados na corrente sanguínea, entre eles a insulina, que regula o teor de glicose no sangue, é o mais importante.

2.1.3 — Do Funcionamento

A digestão sempre ocorre em duas etapas: a mecânica e a química.

São consideradas ações mecânicas a mastigação, onde o alimento é desdobrado em partículas menores e misturado com a saliva; a deglutição, que é o ato do bolo alimentar passar da boca para o esôfago, através da faringe; e os movimentos peristálticos, que são contrações da musculatura dos órgãos do tubo digestivo que fazem o alimento caminhar do esôfago para o estômago e intestino.

As ações químicas constituem um conjunto de reações químicas que transformam o bolo alimentar em substâncias capazes de serem absorvidas pelo sangue.

Na boca, essas reações químicas começam com a saliva agindo no amido; no estômago, as enzimas do suco gástrico agem nas proteínas; nos intestinos, ocorre a maior parte dessas reações, pois, aí, agem o suco pancreático, a bile e o suco entérico, que completam a digestão do amido e das proteínas, e transformam as gorduras.

Os produtos finais da digestão — glicose, aminoácidos, ácidos graxos e glicerol — formam um líquido esbranquecido, o quilo. Os componentes do quilo são absorvidos pelo sangue e distribuídos por todo o corpo. A água, os sais minerais e as vitaminas são também retirados, e o que sobra constitui o bolo fecal — fezes — que vai ser eliminado pelo reto e ânus.

2.2 - RESPIRAÇÃO

É um processo de troca de gases que permite a utilização de O₂ (oxigênio) pelo organismo e eliminação de CO₂ (gás carbônico) que é produzido pelas células do corpo.

2.2.1 — Dos Componentes

O aparelho respiratório é composto de duas partes: as vias aéreas e os pulmões.

As vias aéreas são canais por onde passa o ar e compreendem as seguintes estruturas: fossas nasais, faringe, laringe, traquéia, brônquios e bronquíolos (GRAVURA D).

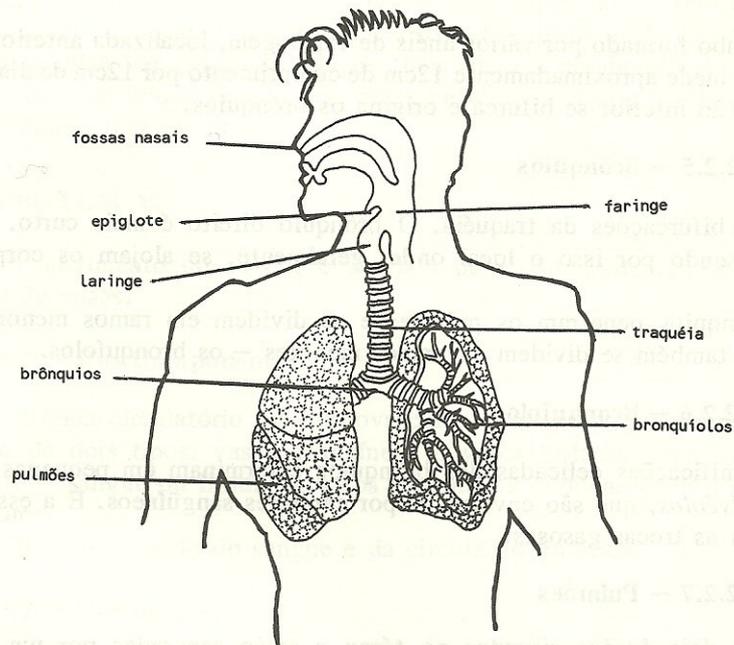
2.2.2 — Dos Órgãos

2.2.2.1 — Fossas Nasais

São cavidades do nariz. Estão separadas pelo septo nasal. Se comunicam com o exterior através das narinas, que são as duas aberturas do nariz, e, com o meio interno, através das cóanas que se abrem na faringe.

GRAVURA D

APARELHO RESPIRATÓRIO



2.2.2.2 — Faringe

Estudada no item 2.1.2.2.

2.2.2.3 - Laringe

Situada entre a faringe e a traquéia, é formada por cartilagens e é nela onde se encontram as cordas vocais, cuja passagem do ar provoca uma vibração que resulta na voz humana.

2.2.2.4 - Traquéia

É um tubo formado por vários anéis de cartilagem, localizada anteriormente ao esôfago e mede aproximadamente 12cm de comprimento por 12cm de diâmetro. Na sua posição inferior se bifurca e origina os brônquios.

2.2.2.5 - Brônquios

São as bifurcações da traquéia. O brônquio direito é mais curto, grosso e vertical, sendo por isso o local onde, geralmente, se alojam os corpos estranhos.

Os brônquios penetram os pulmões e se dividem em ramos menores que por sua vez também se dividem em ramos menores — os bronquíolos.

2.2.2.6 — Bronquíolos

São ramificações delicadas dos brônquios e terminam em pequenas bolsas chamadas alvéolos, que são envolvidos por capilares sanguíneos. É a esse nível que ocorrem as trocas gasosas.

2.2.2.7 — Pulmões

São os dois órgãos situados no tórax e estão separados por um espaço denominado mediastino, onde se localiza o coração.

São de consistência esponjosa, rosados e revestidos por uma delicada membrana, denominada pleura, que possui duas camadas: uma em contato direto com os pulmões e a outra revestindo a caixa torácica internamente. Entre as duas há um espaço ocupado por pequena quantidade de líquido que facilita os movimentos dos pulmões na respiração. O tecido pulmonar é constituído pelos alvéolos, vasos sanguíneos capilares e linfáticos e tecido conjuntivo que lhes dá sustentação.

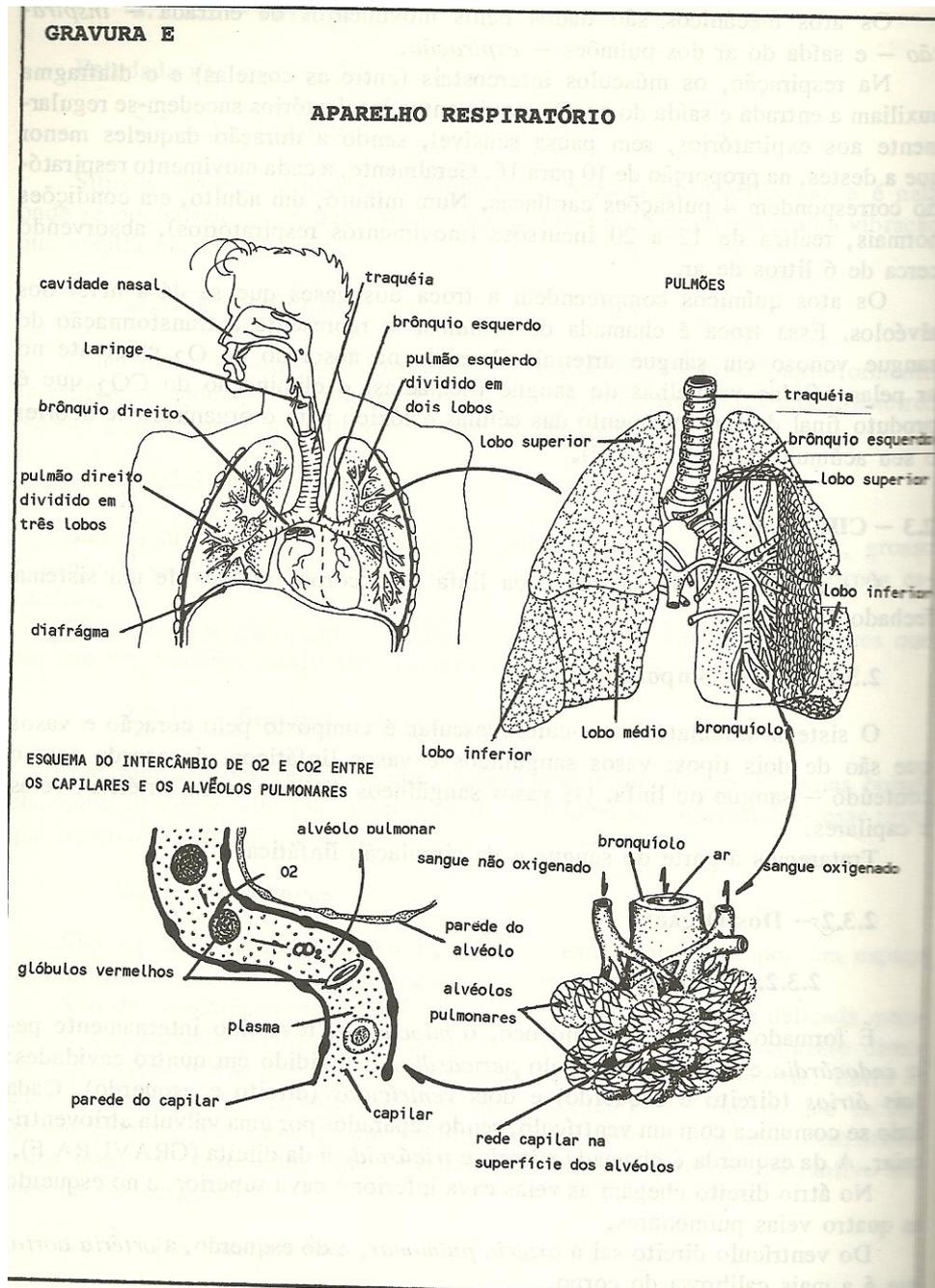
2.2.3 — Do Funcionamento

Envolve fenômenos mecânicos e químicos.

Os atos mecânicos são dados pelos movimentos de entrada — inspiração — e saída do ar dos pulmões — expiração.

Na respiração, os músculos intercostais (entre as costelas) e o diafragma auxiliam a entrada e saída do ar. Os movimentos inspiratórios sucedem-se regularmente aos expiratórios, sem pausa sensível, sendo a duração daqueles menor que a destes, na proporção de 10 para 16. Geralmente, a cada movimento respiratório correspondem 4 pulsações cardíacas. Num minuto, um adulto, em condições normais, realiza de 12 a 20 incursões (movimentos respiratórios), absorvendo cerca de 6 litros de ar.

Os atos químicos compreendem a troca dos gases que se dá a nível dos alvéolos. Essa troca é chamada de hematose e representa a transformação do sangue venoso em sangue arterial. Consiste na absorção de O₂ existente no ar pelas células vermelhas do sangue (hemácias) e eliminação do CO₂ que é produto final do funcionamento das células e tóxico para o organismo se ocorrer o seu acúmulo (GRAVURA E).



2.3 - CIRCULAÇÃO

É o movimento do sangue e da linfa pelo corpo, através de um sistema fechado de vasos.

2.3.1 — Dos Componentes

O sistema circulatório ou cardiovascular é composto pelo coração e vasos que são de dois tipos: vasos sangüíneos e vasos linfáticos, de acordo com o conteúdo — sangue ou linfa. Os vasos sangüíneos dividem-se em artérias, veias e capilares.

Trataremos à parte do sangue e da circulação linfática.

2.3.2 — Dos Órgãos

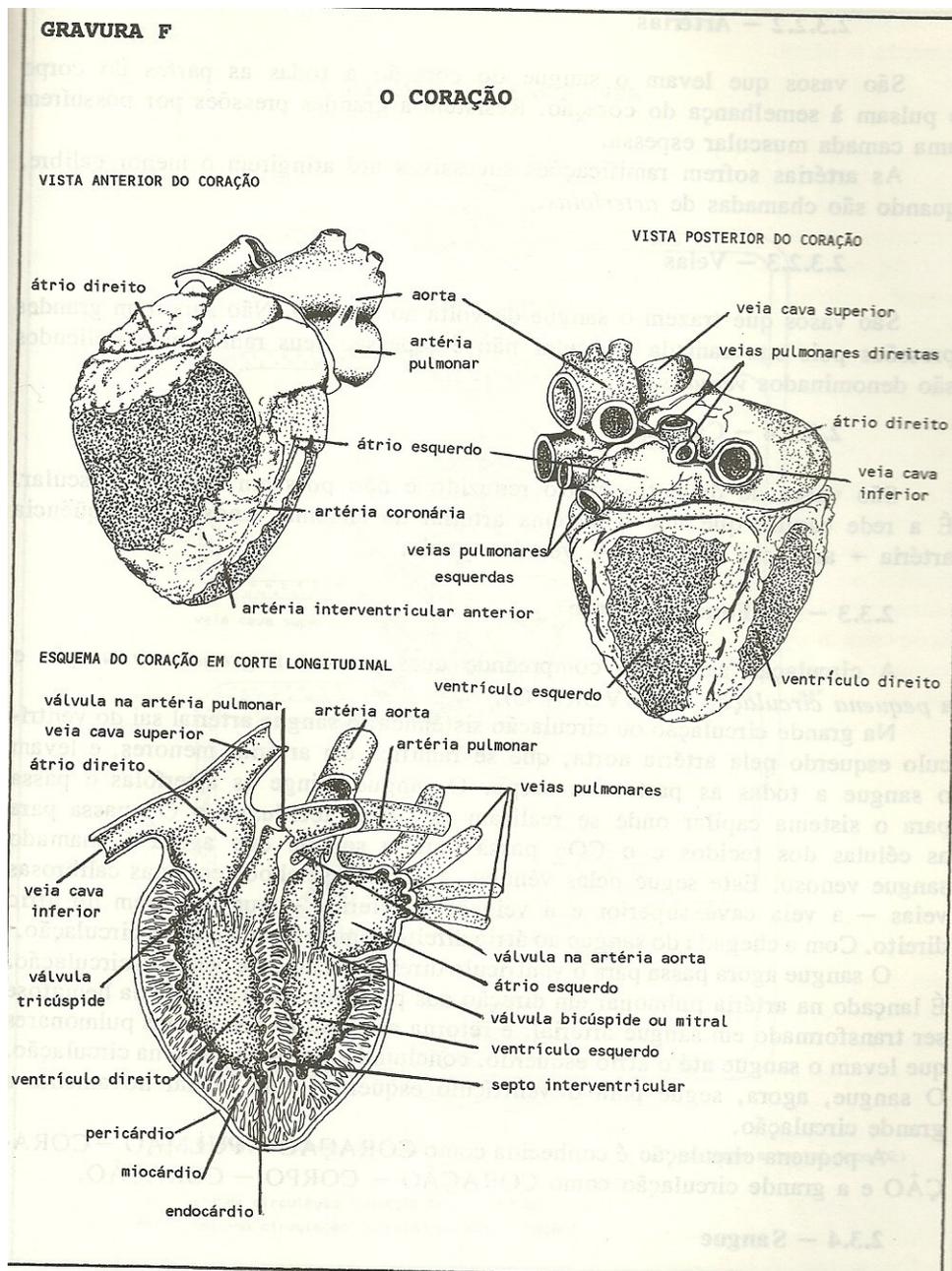
2.3.2.1 — Coração

É formado por um músculo oco, o miocárdio, revestido internamente pelo endocárdio e externamente pelo pericárdio. É dividido em quatro cavidades: dois átrios (direito e esquerdo) e dois ventrículos (direito e esquerdo). Cada átrio se comunica com um ventrículo, sendo separados por uma válvula atrioventricular. A da esquerda é chamada mitral, e tricúspide a da direita (GRAVURA F).

No átrio direito chegam as veias cava inferior e cava superior, e no esquerdo as quatro veias pulmonares.

Do ventrículo direito sai a artéria pulmonar, e do esquerdo, a artéria aorta, que é a mais calibrosa do corpo.

O coração é irrigado pelas artérias coronárias.



2.3.2.2 - Artérias

São vasos que levam o sangue do coração a todas as partes do corpo e pulsam à semelhança do coração. Resistem a grandes pressões por possuírem uma camada muscular espessa.

As artérias sofrem ramificações sucessivas até atingirem o menor calibre, quando são chamadas de arteríolas.

2.3.2.3 - Veias

São vasos que trazem o sangue de volta ao coração. Não suportam grandes pressões pois sua camada muscular não é espessa. Seus ramos mais delicados são denominados vênulas.

2.3.2.4 — Capilares

São vasos de diâmetro muito reduzido e não possuem camada muscular. É a rede capilar que une o sistema arterial ao sistema venoso, na seqüência artéria -> arteríola -> capilar -> vênula -> veia.

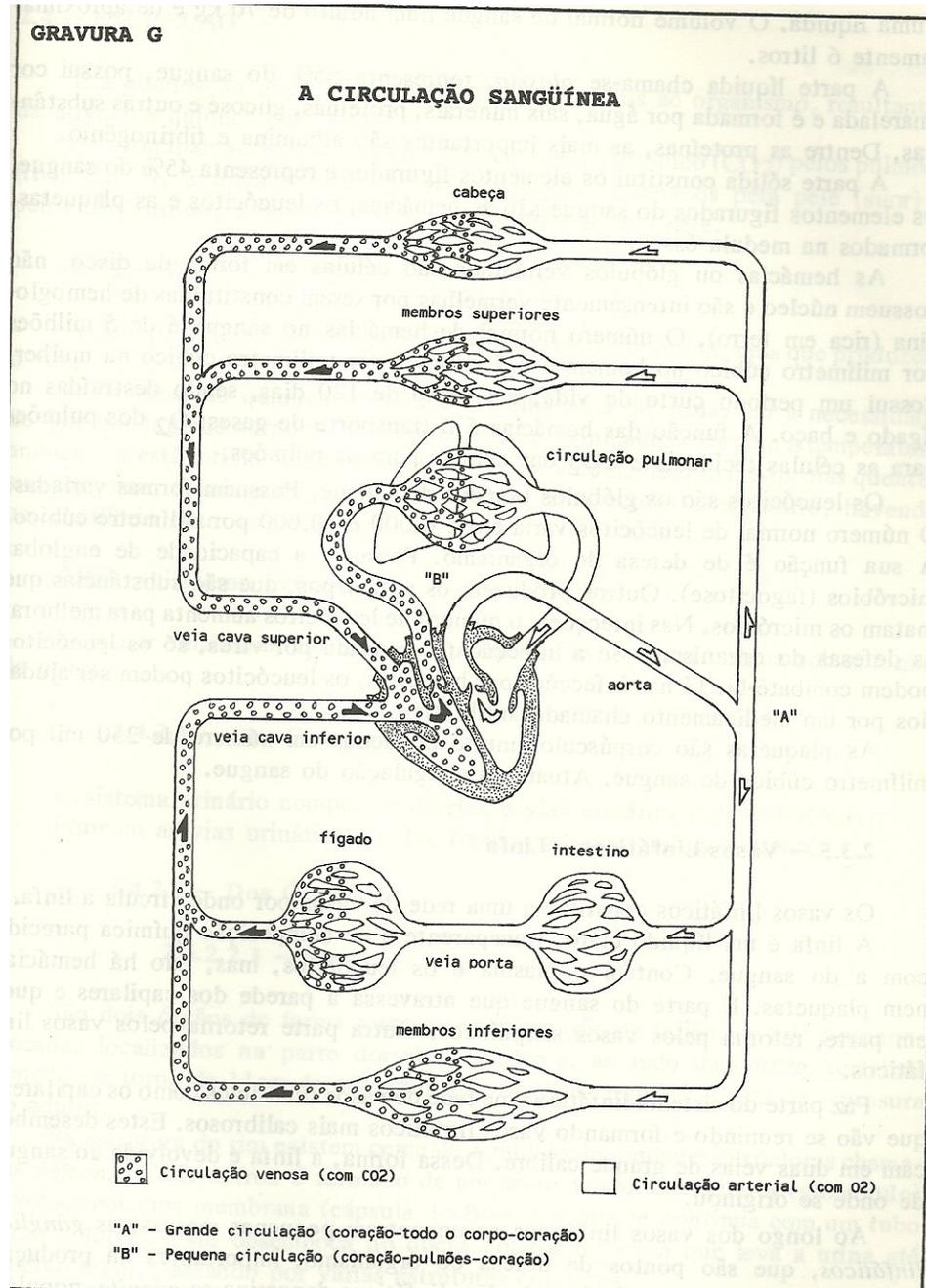
2.3.3 — Do Funcionamento

A circulação sangüínea compreende duas etapas: a grande circulação e a pequena circulação (GRAVURA G).

Na grande circulação ou circulação sistêmica, o sangue arterial sai do ventrículo esquerdo pela artéria aorta, que se ramifica em artérias menores, e levam o sangue a todas as partes do corpo. O sangue atinge as arteríolas e passa para o sistema capilar onde se realizam as trocas teciduais: o O₂ passa para as células dos tecidos e o CO₂ passa para o sangue que agora é chamado sangue venoso. Este segue pelas vênulas, veias e desemboca em duas calibrosas veias — a veia cava superior e a veia cava inferior — que se abrem no átrio direito. Com a chegada do sangue ao átrio direito completa-se a grande circulação.

O sangue agora passa para o ventrículo direito iniciando a pequena circulação. É lançado na artéria pulmonar em direção aos pulmões, para através da hematose ser transformado em sangue arterial, e retorna ao coração pelas veias pulmonares que levam o sangue até o átrio esquerdo, concluindo, assim, a pequena circulação. O sangue, agora, segue para o ventrículo esquerdo, para iniciar novamente a grande circulação.

A pequena circulação é conhecida como CORAÇÃO — PULMÃO — CORAÇÃO e a grande circulação como CORAÇÃO - CORPO - CORAÇÃO.



2.3.4 — Sangue

O sangue é um tecido líquido, vermelho, formado por uma parte sólida e uma líquida. O volume normal de sangue num adulto de 70 kg é de aproximadamente 6 litros.

A parte líquida chama-se plasma, representa 55% do sangue, possui cor amarelada e é formada por água, sais minerais, proteínas, glicose e outras substâncias. Dentre as proteínas, as mais importantes são albumina e fibrinogênio.

A parte sólida constitui os elementos figurados e representa 45% do sangue. Os elementos figurados do sangue são as hemácias, os leucócitos e as plaquetas, formados na medula óssea.

As hemácias ou glóbulos vermelhos são células em forma de disco, não possuem núcleo e são intensamente vermelhas por serem constituídas de hemoglobina (rica em ferro). O número normal de hemácias no sangue é de 5 milhões por milímetro cúbico no homem e 4,5 milhões por milímetro cúbico na mulher. Possui um período curto de vida, em torno de 120 dias, sendo destruídas no fígado e baço. A função das hemácias é o transporte de gases: O₂ dos pulmões para as células teciduais e CO₂ das células para os pulmões.

Os leucócitos são os glóbulos brancos do sangue. Possuem formas variadas. O número normal de leucócitos varia entre 6.000 e 10.000 por milímetro cúbico. A sua função é de defesa do organismo. Possuem a capacidade de englobar micróbios (fagocitose). Outros produzem os anticorpos, que são substâncias que matam os micróbios. Nas infecções, o número de leucócitos aumenta para melhorar as defesas do organismo. Se a infecção for causada por vírus, só os leucócitos podem combatê-la. Já nas infecções por bactérias, os leucócitos podem ser ajudados por um medicamento chamado antibiótico.

As plaquetas são corpúsculos muito pequenos em número de 250 mil por milímetro cúbico de sangue. Atuam na coagulação do sangue.

2.3.5 — Vasos Linfáticos e Linfa

Os vasos linfáticos constituem uma rede de vasos por onde circula a linfa.

A linfa é um líquido claro, transparente e de composição química parecida com a do sangue. Contém o plasma e os leucócitos, mas, não há hemácias nem plaquetas. É parte do sangue que atravessa a parede dos capilares e que, em parte, retoma pelos vasos sanguíneos. Outra parte retoma pelos vasos linfáticos.

Faz parte do sistema linfático uma rede de vasos finíssimos como os capilares que vão se reunindo e formando vasos linfáticos mais calibrosos. Estes desembocam em duas veias de grande calibre. Dessa forma, a linfa é devolvida ao sangue de onde se originou.

Ao longo dos vasos linfáticos se encontram pequenas massas, os gânglios linfáticos, que são pontos de defesa do organismo, importantes na produção de leucócitos. A inflamação dos gânglios linfáticos denomina-se adenite, popularmente conhecida como "íngua".

2.4 - EXCREÇÃO

É a eliminação dos resíduos inúteis e prejudiciais ao organismo, resultantes da atividade química das células.

As principais substâncias excretadas são o gás carbônico (CO₂) pelos pulmões (item 2.2.3), a uréia e o ácido úrico, que são eliminados pela pele (suor) e pelos rins (urina), além de substâncias gordurosas pela pele.

2.4.1 - Pele

A pele (item 3.2.5) possui 2,5 milhões de glândulas sudoríparas que produzem o suor.

A composição química do suor é semelhante à da urina, daí a necessidade de uma boa higiene corporal. O volume de suor eliminado varia com a temperatura ambiente e está intimamente relacionado com o volume de urina. Nos dias quentes suamos mais e urinamos menos e nos dias frios ocorre o contrário, havendo um equilíbrio entre as perdas.

2.4.2 — Sistema Urinário

Tem por finalidade filtrar o sangue retirando resíduos e água sob a forma de urina.

2.4.2.1 — Dos Componentes

O sistema urinário compõe-se de rins e vias urinadas (GRAVURA H). Formam as vias urinárias a pelve renal, ureteres, bexiga e uretra.

2.4.2.2 — Dos Órgãos

2.4.2.2.1 - Rins

São dois órgãos de forma semelhante a um grão de feijão, de cor castanho-rosada, localizados na parte dorsal do abdome, ao lado da coluna vertebral e mede em tomo de 11 cm de comprimento, 6cm de largura e 2,5cm de espessura no adulto.

Na estrutura do rim existem cerca de 1 milhão de unidades filtradoras chamadas néfrons. Cada néfron é formado de um emaranhado de capilares (glomérulo) envoltos em uma membrana (cápsula de Bownan) que se continua com um tubo (tubo coletor). Este desemboca no ducto coletor de urina que leva a urina até a pelve renal, passando por várias estruturas coletoras.

Nos rins são filtrados cerca de 200 litros de sangue por dia para formarem em torno de 1,5 litro de urina/dia.

2.4.2.2.2 — Pelve Renal

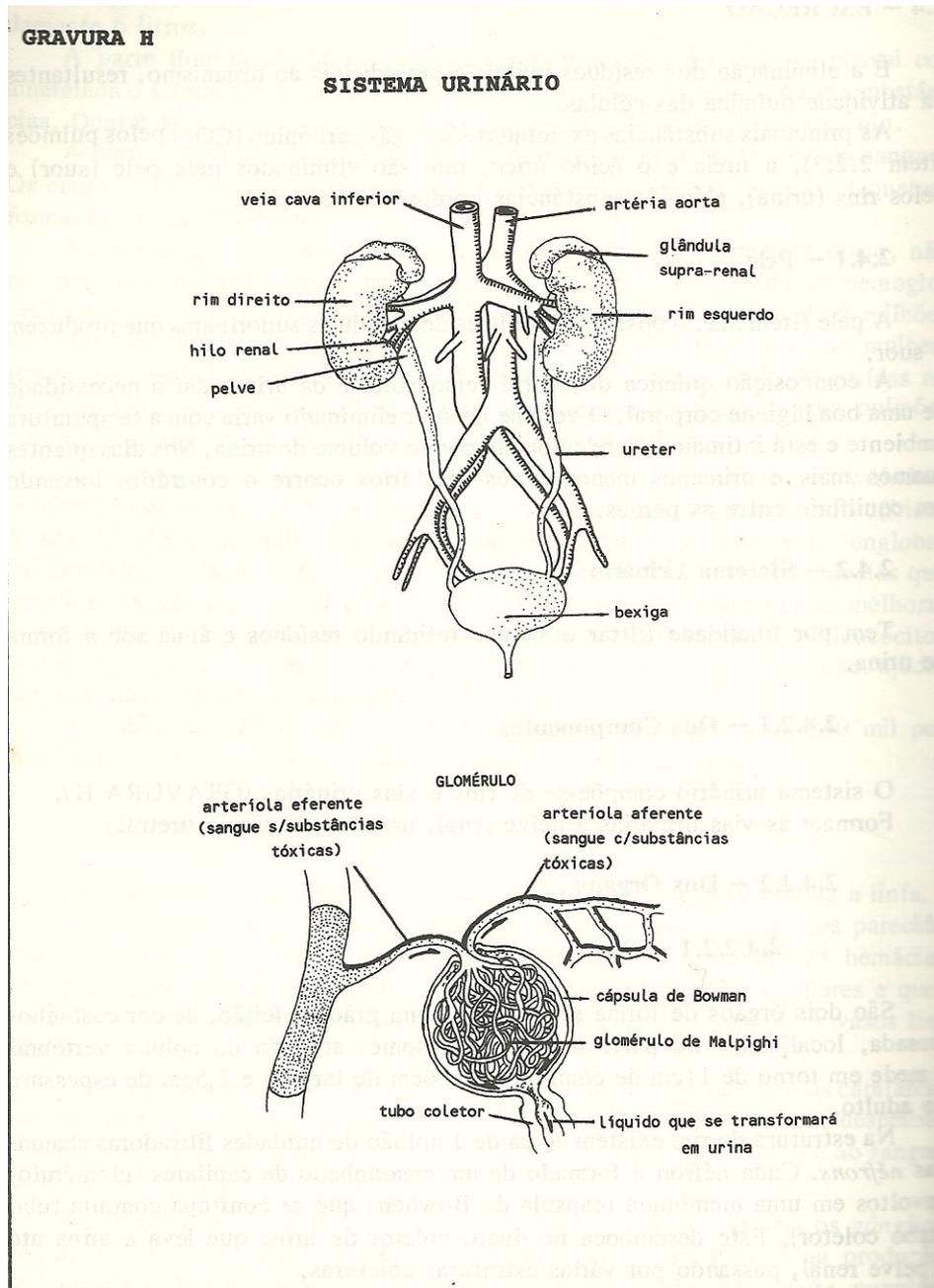
Constitui o reservatório central do rim e tem a forma de funil. Continua-se com ureter a cada lado.

2.4.2.2.3 — Ureteres

São dois tubos musculares de 25 a 30cm de comprimento que levam a urina da pelve renal até a bexiga.

2.4.2.2.4 - Bexiga

É um órgão oco, muscular, que armazena a urina. Possui uma capacidade média de 250ml. Comunica-se com a uretra.



2.4.2.2.5 - Uretra

Canal único que sai da bexiga e elimina a urina. A uretra feminina é curta, o que facilita as infecções urinárias.

2.4.2.3 — Urina

Líquido formado pela filtração do sangue nos rins, é constituído em 95% de água, sendo os 5% restantes distribuídos entre cloreto de sódio (NaCl), uréia, ácido úrico e outras substâncias.

3. FUNÇÕES DE RELAÇÃO

3.1 - LOCOMOÇÃO

E o ato de movimentar e deslocar o corpo.

3.1.1 — Dos Componentes

Compõem o sistema locomotor o esqueleto e os músculos. Quando se fala em esqueleto a tendência é que se pense em osso, mas o esqueleto é composto também de cartilagens.

3.1.1.1 — Esqueleto

As principais funções do esqueleto são: a sustentação do corpo; a manutenção da forma do corpo; auxílio na movimentação e proteção de órgãos como o cérebro, coração e pulmões.

Os ossos são classificados em ossos longos, curtos e chatos.

Nos ossos longos predomina o comprimento, como o fêmur — osso da coxa — que é o maior de nosso corpo.

Os ossos curtos são aqueles onde comprimento, largura e espessura se equivalem. Por exemplo, as vértebras da coluna vertebral.

Quando a espessura é muito pequena em relação ao comprimento e largura, os ossos são ditos chatos, como os ossos do crânio.

As articulações ou juntas são encarregadas de unir os ossos. Elas podem ter muito movimento, como a do ombro; pouco movimento, como as das costelas; ou nenhum movimento, como as do crânio.

As carruagens são tecidos consistentes, menos duros que os ossos. São poucos os locais onde existem cartilagens. Mas, sempre que há a necessidade de um tecido resistente e não rígido, a Natureza coloca ali o tecido cartilaginoso, como vemos no septo nasal e na orelha.

3.1.1.2 — Músculos

São três os tipos de músculos do corpo: o liso, o esquelético e o cardíaco.

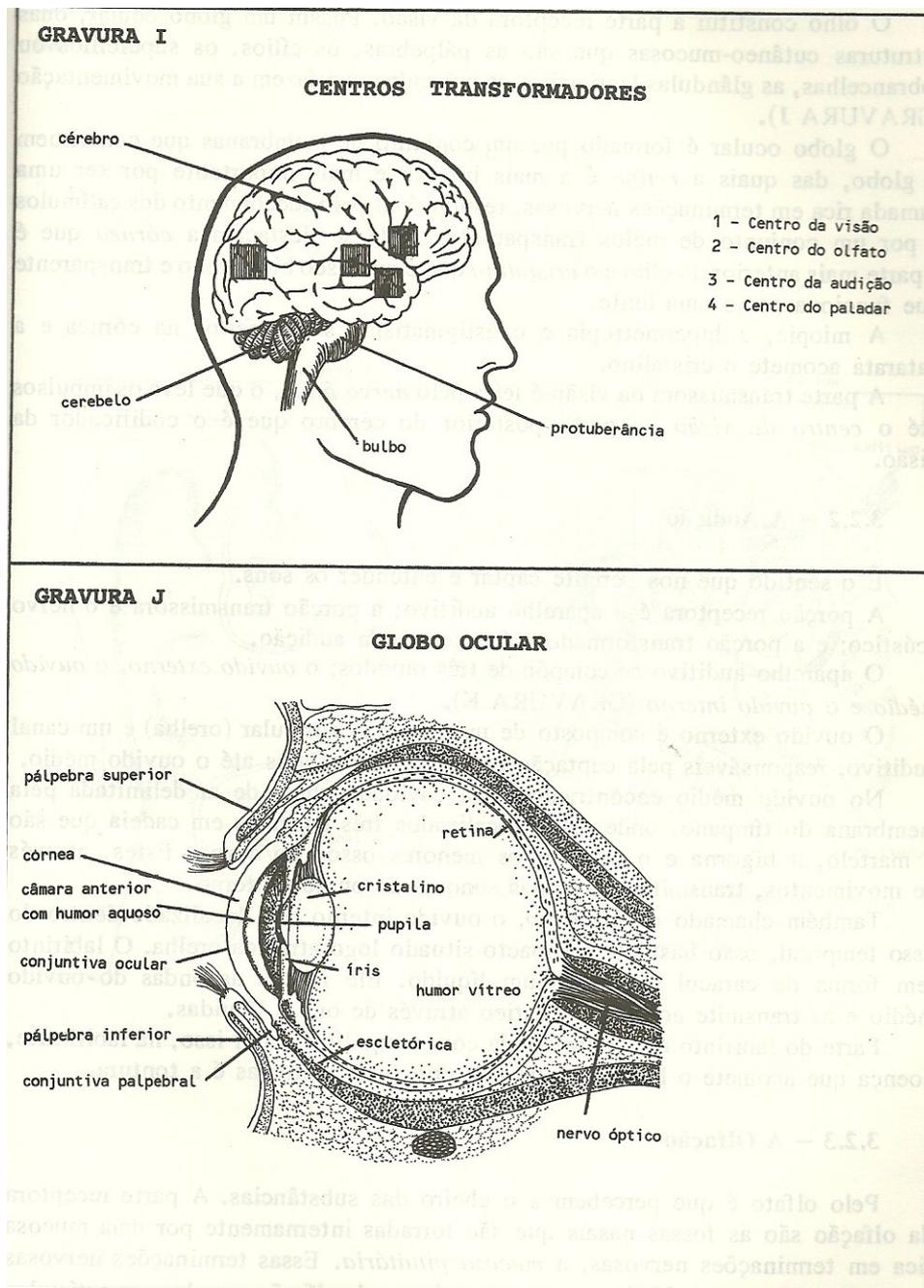
Os músculos lisos não obedecem a nossa vontade, formam os órgãos internos como esôfago e estômago.

Os músculos esqueléticos ou esfriados obedecem a nossa vontade. São os órgãos ativos do movimento. Prendem-se aos ossos através dos tendões. Possuem contratibilidade, que é a capacidade de realizar trabalho; elasticidade, que é a capacidade do músculo de voltar ao normal depois da contração; e excitabilidade que é a movimentação do músculo causada por um agente externo como, por exemplo, um choque.

Por último, o músculo cardíaco que forma o coração e se assemelha, na forma, ao músculo estriado e age de forma involuntária, como um músculo liso.

3.2 - OS SENTIDOS

É através dos sentidos que o homem se mantém em contato com o meio em que vive. A visão, audição, olfação, gustação e tato representam os cinco sentidos fundamentais do corpo através dos quais os estímulos do ambiente são captados em forma de impulsos nervosos e transmitidos ao cérebro que os transforma em sensações. Então, para que ocorra uma sensação é necessário existir um órgão receptor, um órgão transmissor e um transformador ou codificador. Os centros transformadores estão esquematizados na GRAVURA I.



3.2.1 — A Visão

É o principal dos cinco sentidos no homem. Permite que os objetos luminosos ou iluminados sejam percebidos.

O olho constitui a parte receptora da visão. Possui um globo ocular, estruturas cutâneo-mucosas que são as pálpebras, os cílios, os supercílios ou sobrancelhas, as glândulas lacrimais e os músculos que fazem a sua movimentação (GRAVURA J).

O globo ocular é formado por um conjunto de membranas que constituem o globo, das quais a retina é a mais interna e mais importante por ser uma camada rica em terminações nervosas, responsável pelo recebimento dos estímulos e por um conjunto de meios transparentes onde se destacam a córnea que é a parte mais anterior do olho e o cristalino que é um disco biconvexo e transparente que funciona como uma lente.

A miopia, a hipermetropia e o astigmatismo são defeitos na córnea e a catarata acomete o cristalino.

A parte transmissora da visão é feita pelo nervo ótico, o que leva os impulsos até o centro da visão na parte posterior do cérebro que é o codificador da visão.

3.2.2 - A Audição

É o sentido que nos permite captar e entender os sons.

A porção receptora é o aparelho auditivo; a porção transmissora é o nervo acústico; e a porção transformadora é o centro da audição.

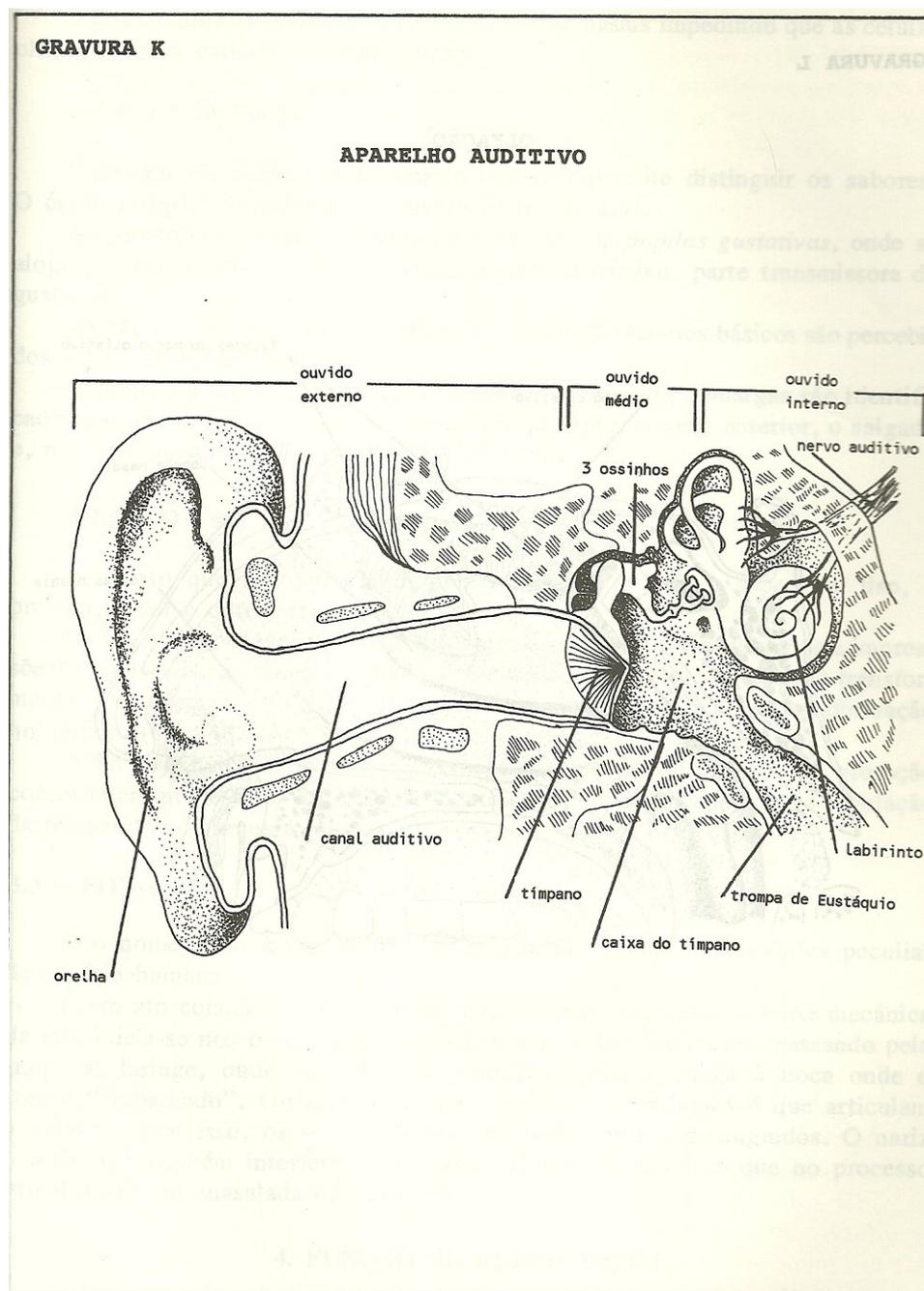
O aparelho auditivo se compõe de três ouvidos: o ouvido externo, o ouvido médio e o ouvido interno (GRAVURA K).

O ouvido externo é composto de um pavilhão auricular (orelha) e um canal auditivo, responsáveis pela captação e condução dos sons até o ouvido médio.

No ouvido médio encontramos uma cavidade cheia de ar delimitada pela membrana do tímpano, onde estão localizados três ossinhos em cadeia que são o martelo, a bigorna e o estribo, os menores ossos do corpo. Estes, através de movimentos, transmitem as ondas sonoras ao ouvido interno.

Também chamado de labirinto, o ouvido interno está localizado dentro do osso temporal, osso bastante compacto situado logo atrás da orelha. O labirinto tem forma de caracol e contém um líquido. Ele recebe as ondas do ouvido médio e as transmite ao nervo acústico através de ondas líquidas.

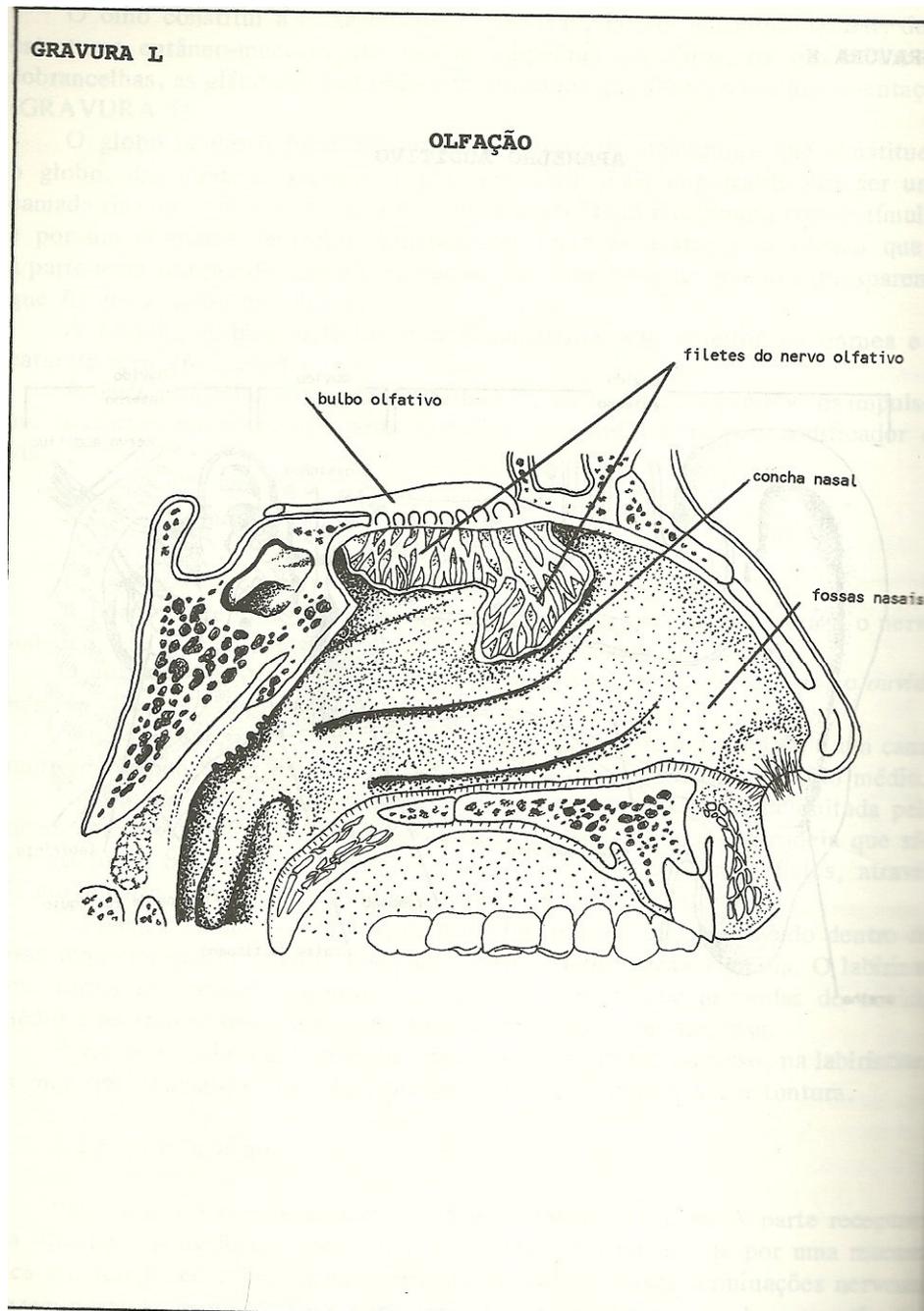
Parte do labirinto está relacionada com o equilíbrio. Por isso, na labirintite, doença que acomete o labirinto, um dos principais sintomas é a tontura.



3.2.3 - A Olfacção

Pelo olfato é que percebemos o cheiro das substâncias. A parte receptora da olfacção são as fossas nasais que são forradas internamente por uma mucosa rica em terminações nervosas, a mucosa pituitária. Essas terminações nervosas fazem parte do nervo olfativo, parte transmissora da olfacção, que leva os estímulos até o centro do olfato (GRAVURA L).

No resfriado, as secreções enchem as fossas nasais impedindo que as células olfativas sejam estimuladas pelo cheiro.



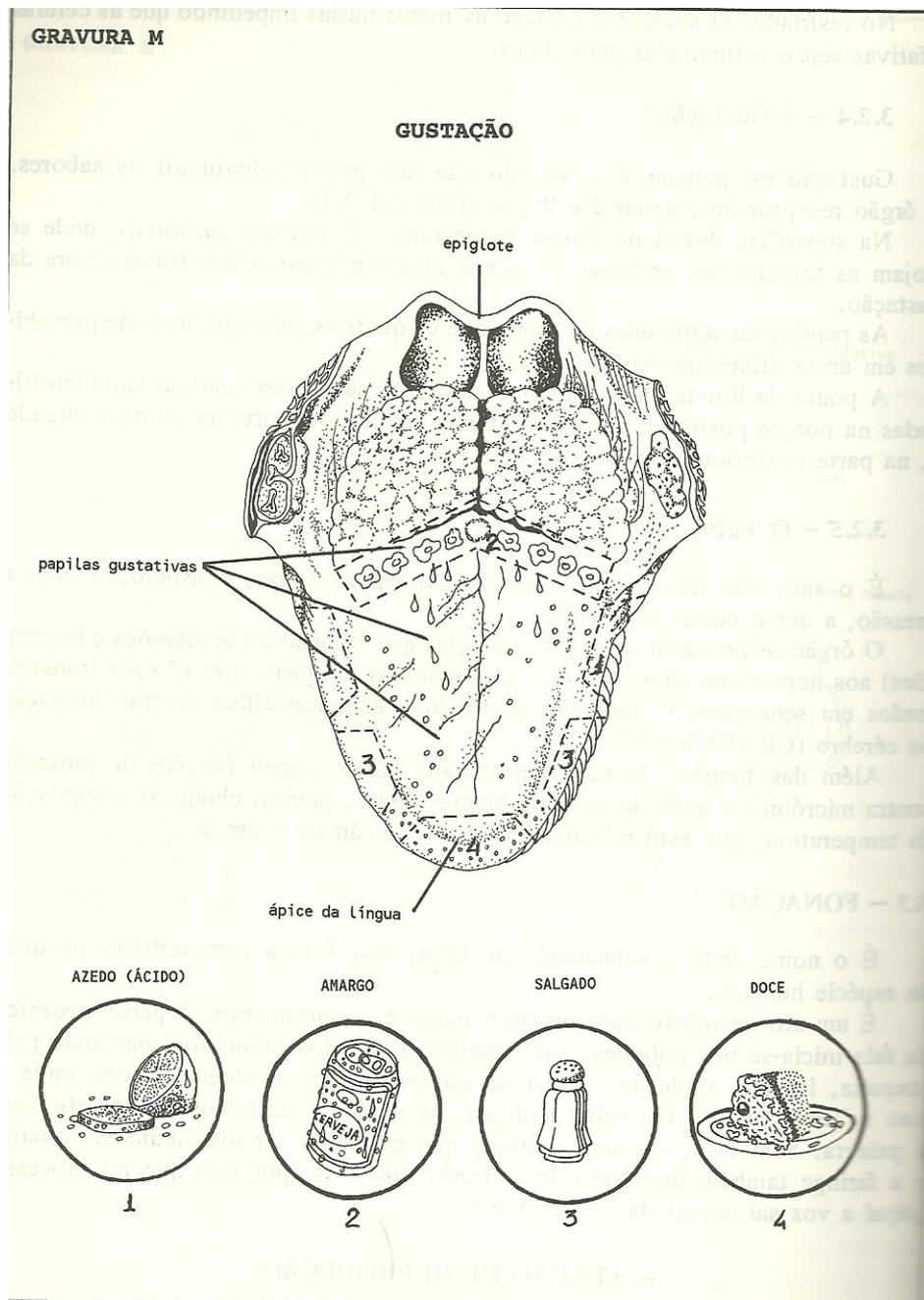
3.2.4 — A Gustação

Gustação ou paladar é o sentido que nos permite distinguir os sabores. O órgão receptor do paladar é a língua (item 2.1.2.1).

Na superfície dorsal da língua encontramos as papilas gustativas, onde se alojam as terminações nervosas do nervo glossofaríngeo, parte transmissora da gustação.

As papilas são agrupadas de forma que os quatro sabores básicos são percebidos em áreas diferentes na língua.

A ponta da língua capta melhor o doce. As sensações amargas são identificadas na porção posterior. As faces laterais captam, na parte anterior, o salgado e, na parte posterior, o azedo (GRAVURA M).

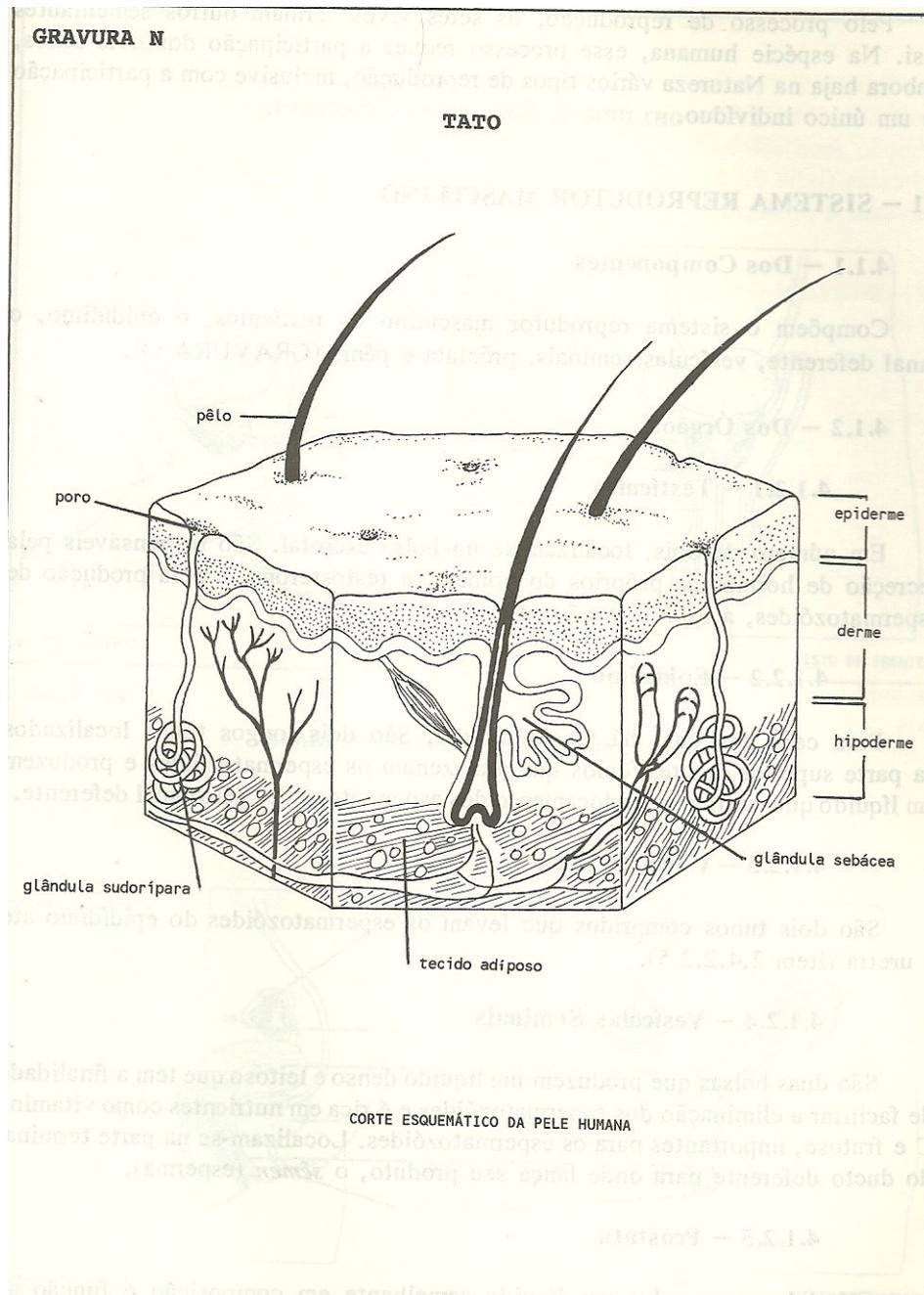


3.2.5 - O Tato

É o tato que nos permite descobrir o calor, o frio, o áspero, o liso, a pressão, a dor e outras sensações.

O órgão responsável pelo tato é a pele, que transmite (as pressões e impressões) aos nervos, os quais levarão ao cérebro os impulsos que vão ser transformados em sensações. O tato não possui uma área específica de transformação no cérebro (GRAVURA N).

Além das funções de tato e excreção, a pele possui funções de proteção contra micróbios e ação do meio ambiente (vento, poeira, choques) e regulação da temperatura, que está relacionada com a função de excreção.



3.3 - FONAÇÃO

É o nome dado à capacidade de falar, que é uma característica peculiar da espécie humana.

É um ato complexo cujo primeiro passo é o pensamento. A parte mecânica da fala inicia-se nos pulmões, que expõem o ar pelos brônquios, passando pela traquéia, laringe, onde faz vibrar as cordas vocais, e chega à boca onde o som é "trabalhado". Ou seja, a língua, os dentes e os lábios é que articulam a palavra. Sem isso, os sons emitidos não poderiam ser distinguidos. O nariz e a faringe

também interferem na emissão dos sons, por isso que no processo gripal a voz sai anasalada ou "fanhosa".

4. FUNÇÃO DE REPRODUÇÃO

A capacidade de reprodução é a principal característica dos seres vivos.

Pelo processo de reprodução, os seres vivos formam outros semelhantes a si. Na espécie humana, esse processo requer a participação dos dois sexos, embora haja na Natureza vários tipos de reprodução, inclusive com a participação de um único indivíduo.

4.1 - SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO

4.1.1 — Dos Componentes

Compõem o sistema reprodutor masculino os testículos, o epidídimo, o canal deferente, vesículas seminais, próstata e pênis (GRAVURA O).

4.1.2 — Dos Órgãos

4.1.2.1 — Testículos

Em número de dois, localizam-se na bolsa escrotal. São responsáveis pela secreção de hormônios próprios do homem, a testosterona, e pela produção de espermatozóides, a espermatogênese.

4.1.2.2 - Epidídimo

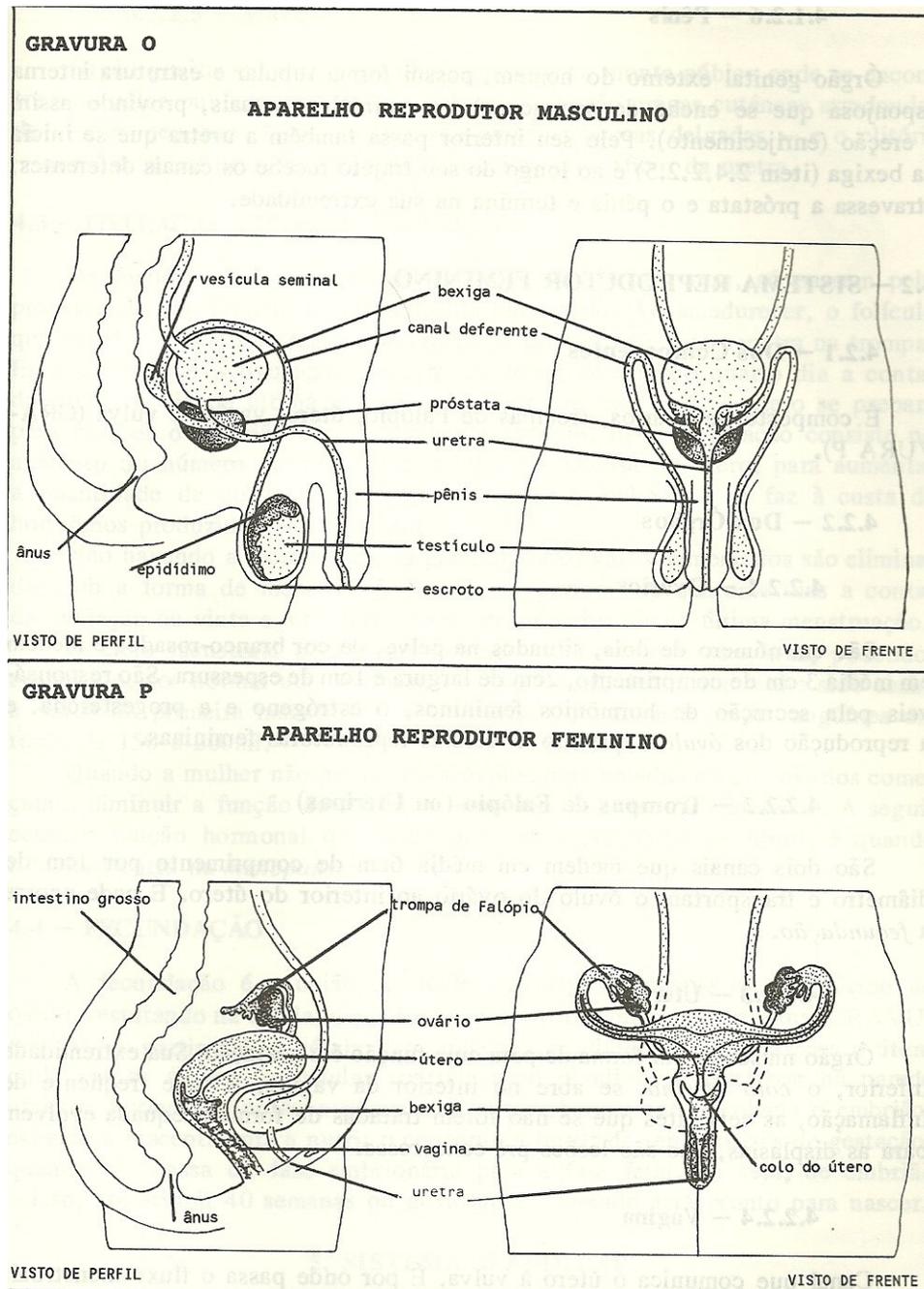
Para cada testículo há um epidídimo. São dois longos tubos localizados na parte superior dos testículos que armazenam os espermatozóides e produzem um líquido que auxilia no deslocamento dos espermatozóides pelo canal deferente.

4.1.2.3 — Canal Deferente

São dois tubos compridos que levam os espermatozóides do epidídimo a uretra (item 2.4.2.2.5).

4.1.2.4 — Vesículas Seminais

São duas bolsas que produzem um líquido denso e leitoso que tem a finalidade de facilitar a eliminação dos espermatozóides e é rica em nutrientes como vitamina C e frutose, importantes para os espermatozóides. Localizam-se na parte terminal do dueto deferente para onde lança seu produto, o sêmen (esperma).



4.1.2.5 - Próstata

Glândula que produz um líquido semelhante em composição e função das vesículas seminais, responsável pelo odor característico do sêmen.

4.1.2.6 - Pênis

Órgão genital externo do homem, possui forma tubular e estrutura interna esponjosa que se enche de sangue sob os estímulos sexuais, provindo assim a ereção (enrijecimento). Pelo seu interior passa também a uretra que se inicia na bexiga (item 2.4.2.2.5) e ao longo do seu trajeto recebe os canais deferentes, atravessa a próstata e o pênis e termina na sua extremidade.

4.2 - SISTEMA REPRODUTOR FEMININO

4.2.1 — Dos Componentes

É composto de ovários, trompas de Falópio, útero, vagina e vulva (GRAVURA P).

4.2.2 — Dos Órgãos

4.2.2.1 – Ovários

São em número de dois, situados na pelve, de cor branco-rosados e medem em média 3 cm de comprimento, 2cm de largura e 1cm de espessura. São responsáveis pela secreção de hormônios femininos, o estrógeno e a progesterona, e a reprodução dos óvulos, que são as células reprodutoras femininas.

4.2.2.2 — Trompas de Falópio (ou Uterinas)

São dois canais que medem em média 6cm de comprimento por 1cm de diâmetro e transportam o óvulo do ovário ao interior do útero. É onde ocorre a fecundação.

4.2.2.3 - Útero

Órgão muscular em forma de pêra cuja função é a gestação. Sua extremidade inferior, o colo uterino, se abre no interior da vagina. É sede freqüente de inflamação, as cervicites que se não forem tratadas de forma adequada evoluem para as displasias, que são lesões pré-cancerosas.

4.2.2.4 - Vagina

Canal que comunica o útero à vulva. É por onde passa o fluxo menstrual, sendo ainda órgão copulador e canal de passagem do bebê no parto natural.

4.2.2.5 - Vulva

Órgão genital externo da mulher, apresenta o monte púbico onde se encontram os pêlos pubianos, os grandes lábios — que são pregas cutâneas arredondadas —, os pequenos lábios — que são pregas mucosas delgadas — e o clitóris — que é uma estrutura erétil localizada acima do orifício da uretra.

4.3 - OVULAÇÃO/CICLO MENSTRUAL

Os óvulos existem no ovário desde o nascimento, mas, só passam pelo processo de amadurecimento a partir da puberdade. Ao amadurecer, o folículo que contém o óvulo se rompe na superfície do ovário e este penetra na trompa. Esse processo é a ovulação e ocorre em torno do décimo quarto dia a contar do primeiro dia da última menstruação. Durante essa fase, o útero se prepara para receber o embrião caso a mulher engravide. Essa preparação consiste no aumento do número de vasos e glândulas na mucosa do útero, para aumentar a quantidade de nutrientes que vai alimentar o embrião e se faz à custa de hormônios produzidos pelos ovários.

Não havendo a fecundação, as glândulas e os vasos aumentados são eliminados sob a forma de menstruação, após um período de quatorze dias a contar da ovulação ou vinte e oito dias a partir do primeiro dia da última menstruação.

O ciclo menstrual padrão considerado é de vinte e oito dias, podendo, entretanto, ser normal uma variação de 25-35 dias, desde que tenha sido assim a partir da primeira menstruação — menarca —, com uma perda sangüínea em torno de 150 a 200ml.

Quando a mulher não possui mais óvulos para amadurecer, os ovários começam a diminuir a função de secreção hormonal, é a fase do climatério. A seguir cessa a função hormonal do ovário que tem repercussão no útero, é quando a mulher entra na menopausa.

4.4 - FECUNDAÇÃO

A fecundação é a união do núcleo do espermatozóide com o núcleo do óvulo, resultando na célula ovo. Esse encontro ocorre na trompa uterina (GRAVURA Q). A partir daí, a célula ovo começa a se dividir e caminha para o útero onde vai se alojar. As células continuam se dividindo e penetram na parede uterina. Formam-se então a placenta e as membranas que envolvem o embrião, estando a placenta apta a nutrir o concepto a partir do terceiro mês de gestação, quando ele passa da fase embrionária para a fase fetal, ou seja, de embrião a feto, até atingir 40 semanas ou nove meses, quando está pronto para nascer.

5. SISTEMA GLANDULAR

Glândulas são órgãos que apresentam como característica a produção de secreções fluidas, de composição diferente da do plasma sangüíneo (item 2.3.4) e do tecido tecidual.

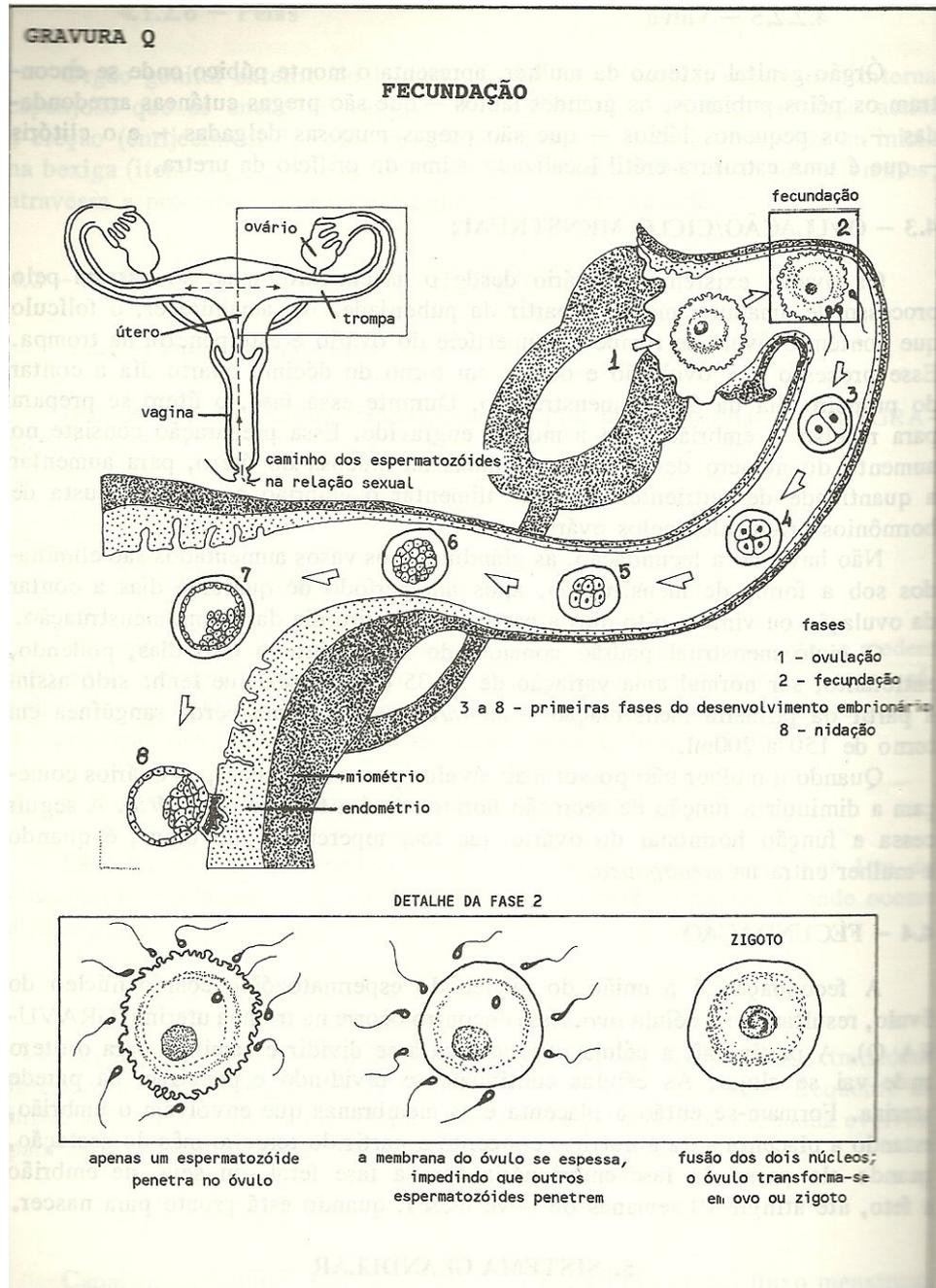
As glândulas podem lançar o seu produto diretamente na corrente sangüínea — glândulas endócrinas — ou através de camadas excretoras na superfície do corpo ou no interior de órgãos — glândulas exócrinas. Quando a glândula se utiliza das duas vias de eliminação, são chamadas glândulas mistas.

5.1 - GLÂNDULAS ENDÓCRINAS

O produto das glândulas endócrinas é denominado hormônio. Esta substância tem a capacidade de regular a função de determinados tecidos, geralmente estimulando, mas às vezes inibindo certas atividades.

As glândulas endócrinas são reguladas pelo sistema nervoso ou por outra glândula endócrina.

São classificadas como glândulas endócrinas: hipófise, corpo pineal, tireóide, paratireóides e adrenais (supra-renais) (GRAVURA R).



5.1.1 - Hipófise

A hipófise é um pequeno órgão rosado, ovalado e que mede aproximadamente 1cm no maior eixo. Está localizado na base do crânio, numa cavidade óssea chamada sela túrcica.

É a glândula mais importante do corpo.

Seus hormônios principais são:

- gonadotrofinas: agem nas gônadas (testículos no homem e ovários na mulher) e órgãos sexuais;
- hormônio tireotrófico (TSH): age na tireóide estimulando a produção dos hormônios dessa glândula;

- Prolactina: atua nas mamas iniciando a lactação (produção de leite) e mantendo-a depois do parto;
- hormônio do crescimento (GH): sua atuação se verifica em todo o organismo promovendo o crescimento; e
- hormônio antidiurético (vasopressina): regula o equilíbrio hídrico do corpo.

5.1.2 - Tireóide

Está localizada na base do pescoço na frente da traquéia e é ricamente vascularizada, o que lhe confere uma coloração avermelhada.

Produz os hormônios tiroxina (T4) e a triiodotironina (T3), que são compostos formados à base de iodo. A deficiência alimentar de iodo (encontrado no sal de cozinha) prejudica a síntese dos hormônios, causando o bócio. Uma deficiência de TSH (item 5.1.1) também prejudica a atividade tireoidiana.

Os hormônios da tireóide aceleram o metabolismo, influem no crescimento físico, no amadurecimento sexual e desenvolvimento mental.

5.1.3 — Paratireóides

São quatro pequenas glândulas medindo, cada uma, cerca de 2mm de diâmetro, localizadas na face posterior da tireóide.

Secretam o paratormônio, que regula os níveis de cálcio e fosfato no sangue.

5.1.4 — Adrenais (Supra-renais)

São duas glândulas localizadas acima dos rins, achatadas e em forma de meia-lua.

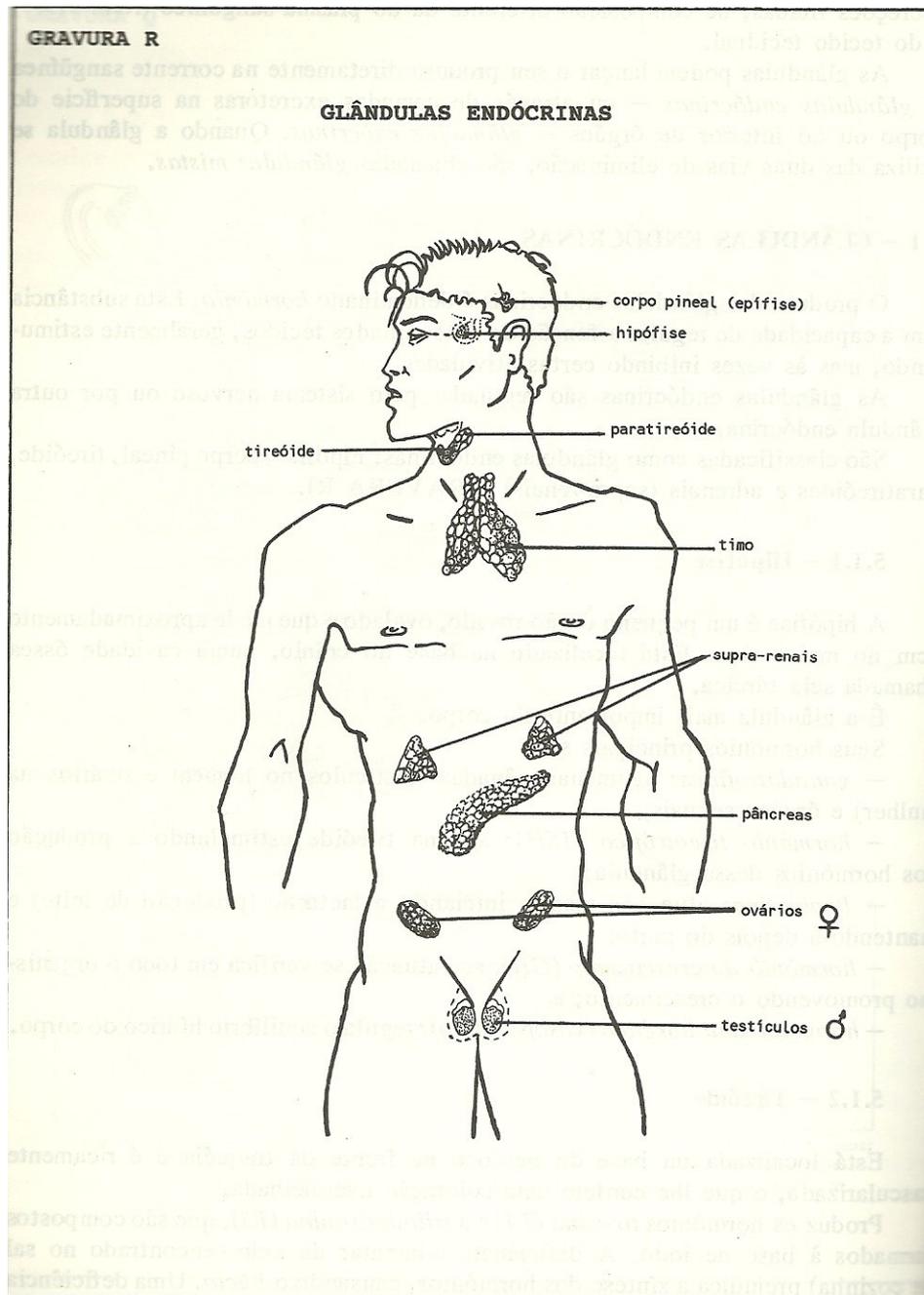
A função das adrenais é a de equilibrar o organismo diante dos mais variados estímulos, tanto fisiológicos como patológicos — como tensão emocional, jejum, variação de temperatura, exercício muscular, infecções e outros.

O principal hormônio é a adrenalina, que estimula o sistema nervoso simpático. Num susto ou forte emoção, por exemplo, aceleram as batidas do coração (taquicardia) e promovem a contração dos vasos sanguíneos da pele dando a palidez.

5.1.5 — Corpo Pineal

Também chamada de epífise, é no homem adulto um órgão de aproximadamente 8 x 5mm, localizado no epitélamo. Apesar de muito estudado, ainda não se conhece de todo suas funções, sendo a mais aceita a ação sobre as gônadas, agindo como inibidor.

(Para uma visão espiritual do funcionamento desta glândula, sugerimos a leitura do capítulo 2 — A Epífise, do livro "Missionários da Luz", de André Luiz e psicografia de Francisco Cândido Xavier.)



5.2 - GLÂNDULAS EXÓCRINAS

A maioria das glândulas do corpo estão classificadas neste grupo. Dentre as principais podemos destacar:

- glândulas sudoríparas, localizadas na pele e que secretam o suor;
- glândulas sebáceas, também localizadas na pele, produzem substâncias gordurosas;
- glândulas lacrimais, localizadas no canto externo do olho, produzem a lágrima;
- glândulas salivares (item 2.1.2.6); e
- glândulas gástricas, localizadas na mucosa do estômago, produzem o suco gástrico.

5.3 - GLÂNDULAS MISTAS

São também conhecidas como glândulas anfícrinas.

Seus representantes são o pâncreas (item 2.1.2.8), as gônadas (item 5.1.1, e descrito nos itens 4.1.2.1 e 4.2.2.1) e o fígado (item 2.1.2.7).

6. SISTEMA NERVOSO (SN)

É um conjunto de estruturas complexas que elaboram e presidem todas as atividades do corpo.

6.1. - DOS COMPONENTES

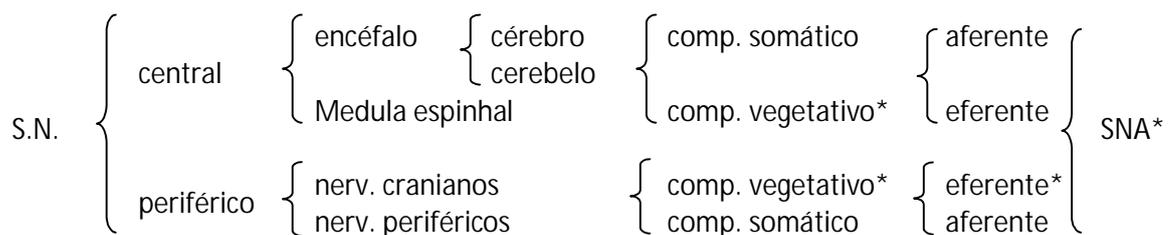
O sistema nervoso divide-se em: Sistema Nervoso Central (SNC) e Sistema Nervoso Periférico (SNP).

O SNC é constituído por encéfalo (cérebro, cerebelo e tronco cerebral) e medula espinhal.

Fazem parte do SNP os nervos cranianos e os nervos espinhais.

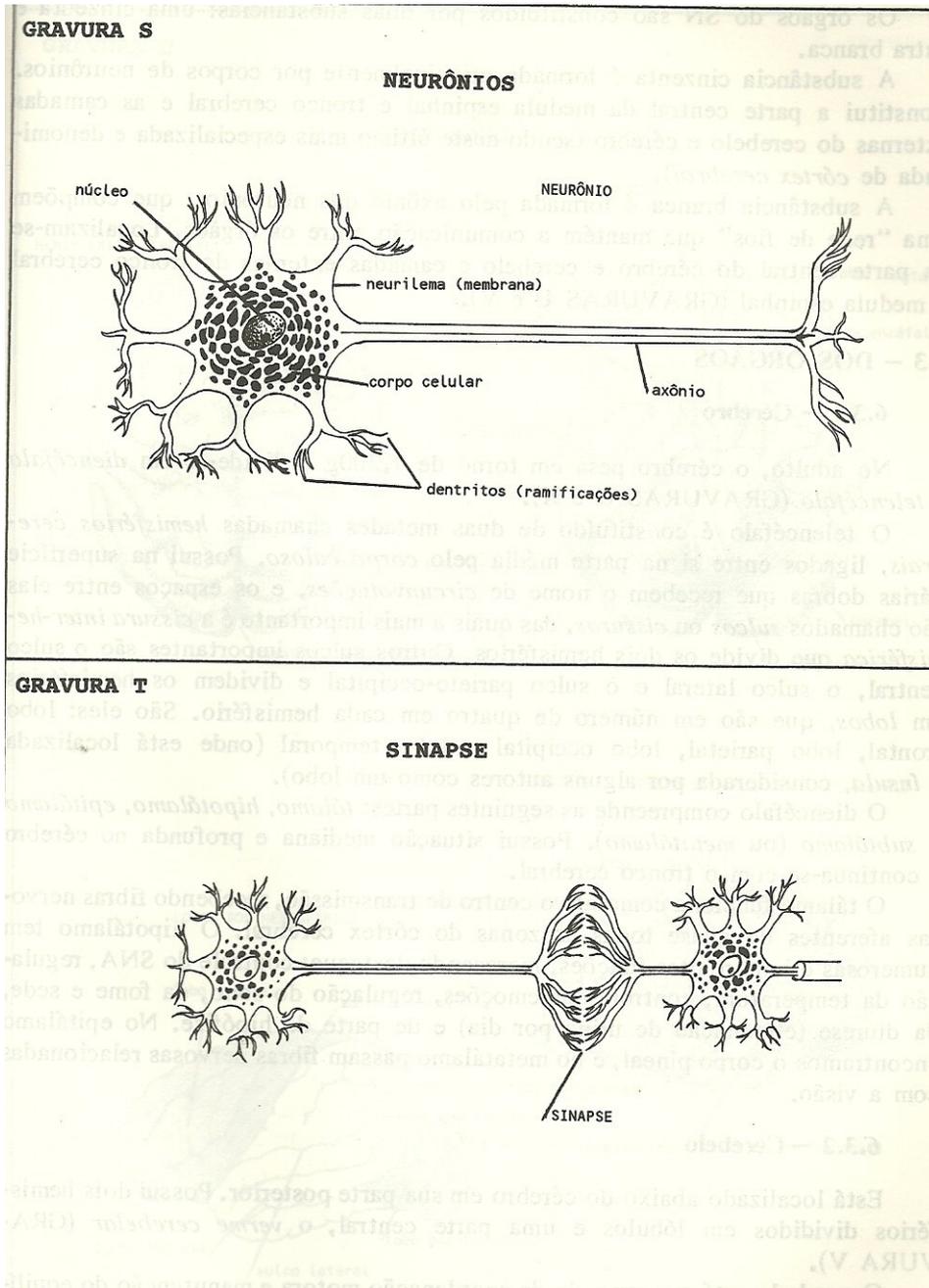
Uma parte do sistema nervoso controla as funções de relação (item 1.3.2), é o sistema nervoso somático, e outra parte controla as funções de vida vegetativa (item 1.3.1), é o sistema nervoso neurovegetativo.

Os componentes somáticos e vegetativos existem tanto no SNC como no SNP e cada um possui uma via aferente (que leva as ordens elaboradas no encéfalo para os órgãos que vão executá-las). Essa via eferente do sistema neurovegetativo é chamada sistema nervoso autônomo (SNA). Eis o resumo:



6.2 - ESTRUTURA DO SISTEMA NERVOSO (SN)

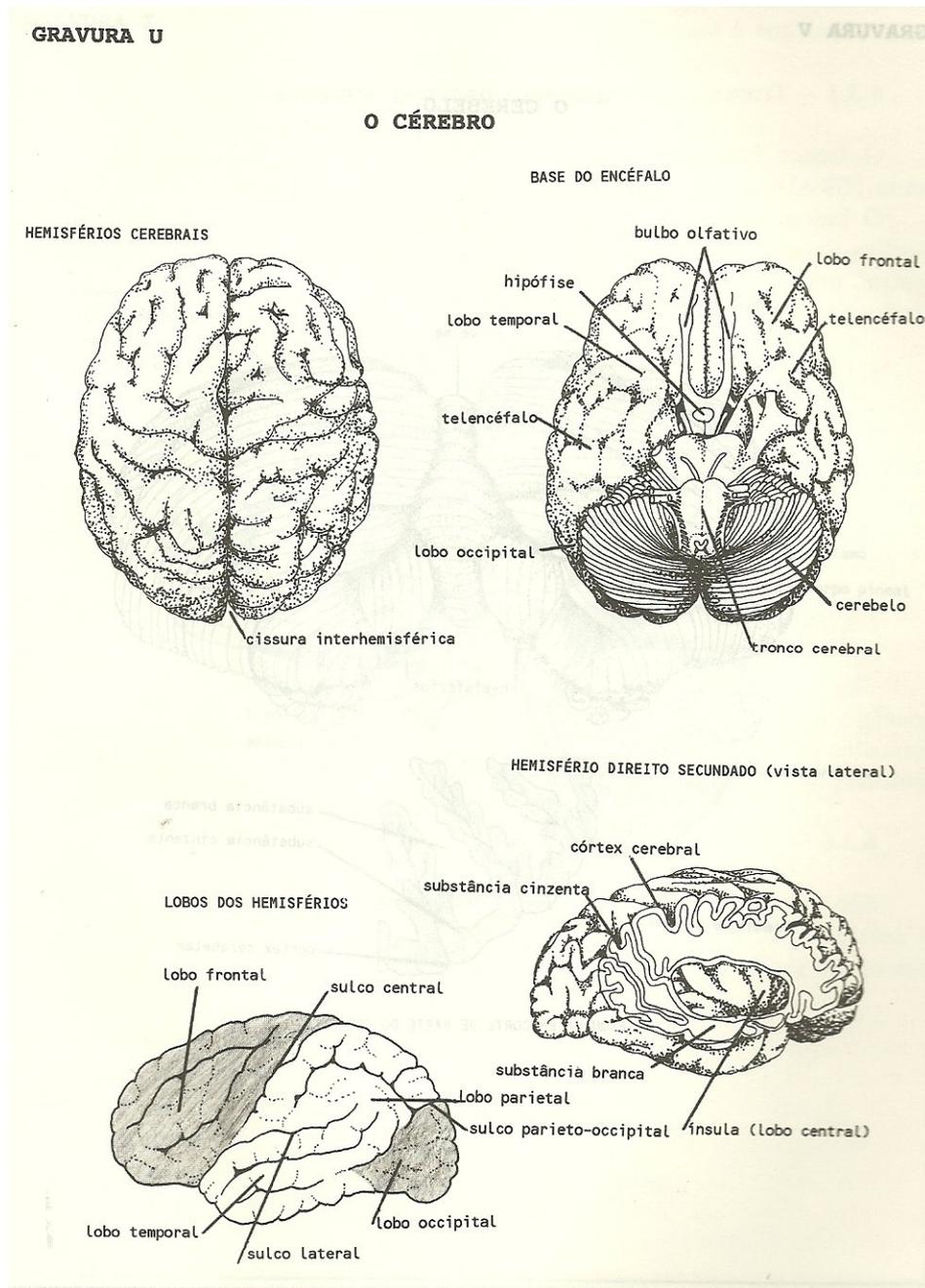
O neurônio (GRAVURA S) é a célula especializada do tecido nervoso. É constituído por um corpo celular, um prolongamento comprido e único, o axônio, e várias ramificações menores e numerosas partindo do corpo celular, os dendritos. O axônio de um neurônio se comunica com os dendritos de outro axônio constituindo a sinapse (GRAVURA T), local onde ocorre a transmissão dos impulsos nervosos. O seu tamanho varia muito podendo atingir 1 metro de comprimento.



Os órgãos do SN são constituídos por duas substâncias: uma cinzenta e outra branca.

A substância cinzenta é formada principalmente por corpos de neurônios. Constitui a parte central da medula espinhal e tronco cerebral e as camadas externas do cerebelo e cérebro (sendo neste último mais especializada e denominada de córtex cerebral).

A substância branca é formada pelo axônio dos neurônios, que compõem uma "rede de fios" que mantém a comunicação entre os órgãos. Localizam-se na parte central do cérebro e cerebelo e camadas externas do tronco cerebral e medula espinhal (GRAVURAS U e V).



6.3 - DOS ÓRGÃOS

6.3.1 - Cérebro

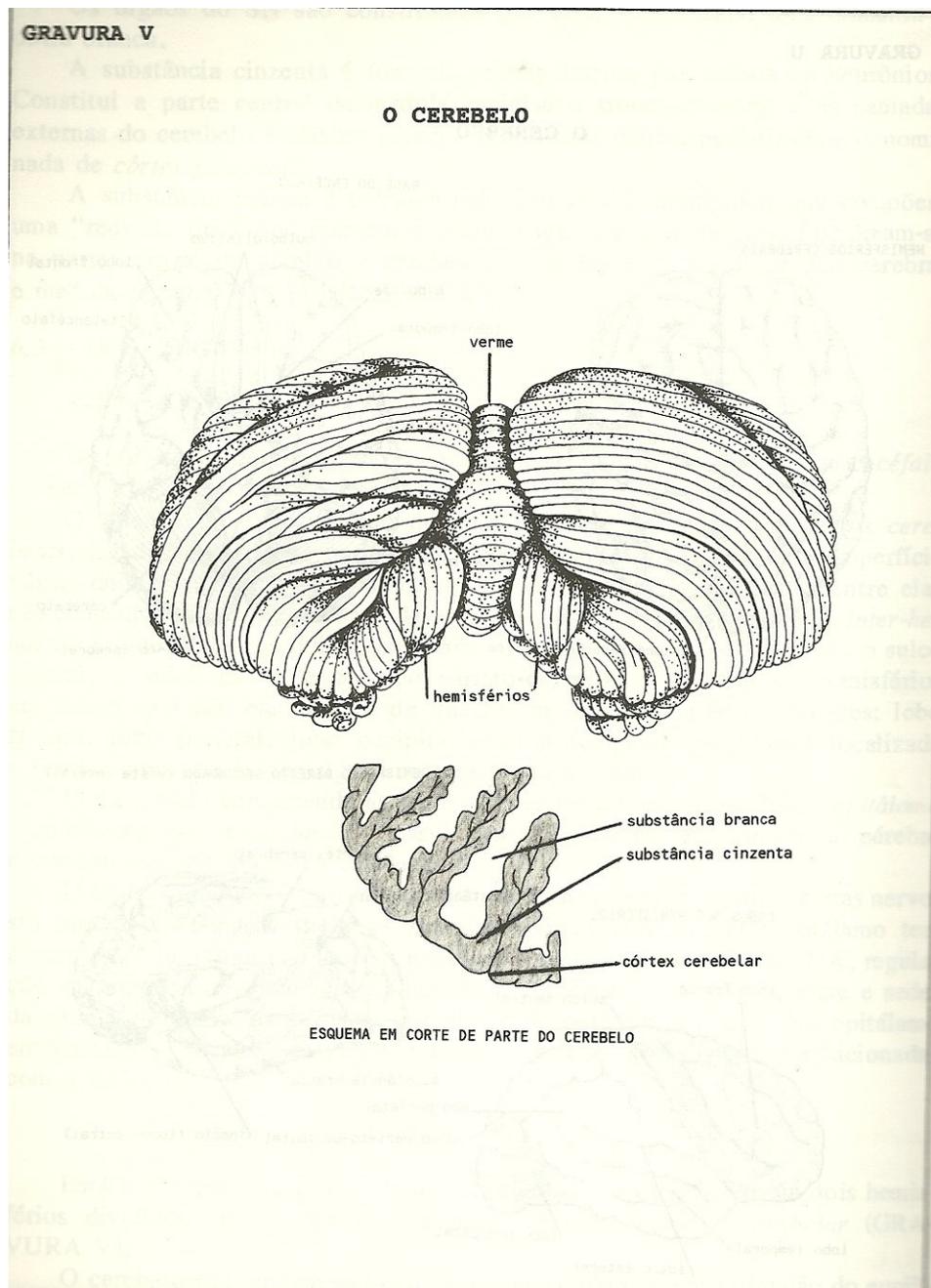
No adulto, o cérebro pesa em torno de 1.200g e divide-se em diencéfalo e telencéfalo (GRAVURAS U e X).

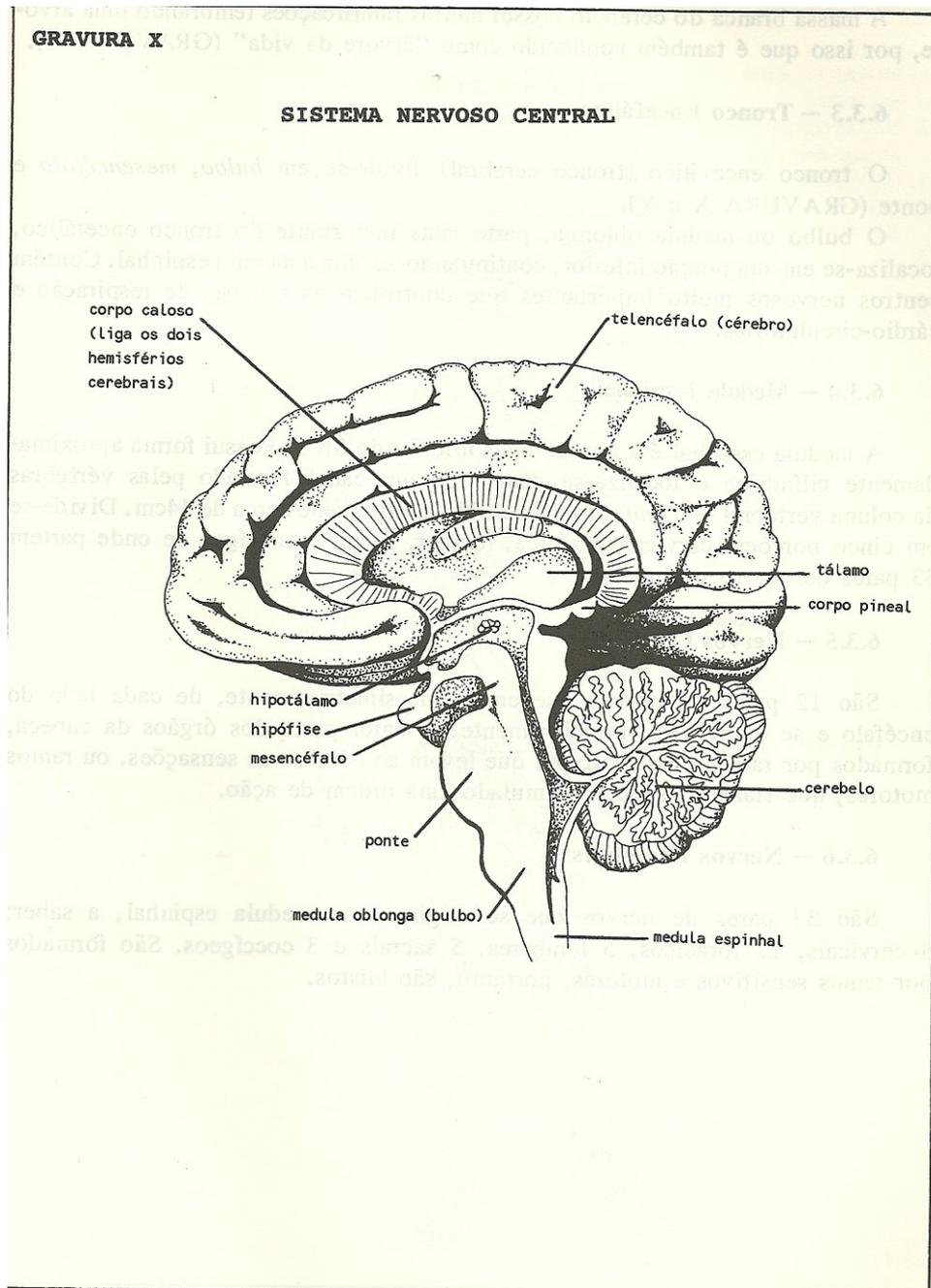
O telencéfalo é constituído de duas metades chamadas hemisférios cerebrais, ligados entre si na parte média pelo corpo caloso. Possui na superfície várias dobras que recebem o nome de circunvoluções, e os espaços entre elas são chamados sulcos ou cissuras, das quais a mais importante é a cissura inter-hemisférica que divide os dois hemisférios. Outros sulcos importantes são o sulco central, o sulco lateral e o sulco parieto-occipital e dividem os hemisférios em lobos, que são em

número de quatro em cada hemisfério. São eles: lobo frontal, lobo parietal, lobo occipital e lobo temporal (onde está localizada a ínsula, considerada por alguns autores como um lobo).

O diencefalo compreende as seguintes partes: tálamo, hipotálamo, epitálamo e subtálamo (ou metatálamo). Possui situação mediana e profunda no cérebro e continua-se com o tronco cerebral.

O tálamo funciona como ativo centro de transmissão, recebendo fibras nervosas aferentes de quase todas as zonas do córtex cerebral. O hipotálamo tem numerosas e importantes funções, merecendo destaque: controle do SNA, regulação da temperatura, controle das emoções, regulação do sono, da fome e sede, da diurese (eliminação de urina por dia) e de parte da hipófise. No epitálamo encontramos o corpo pineal, e no metatálamo passam fibras nervosas relacionadas com a visão.





6.3.2 — Cerebelo

Está localizado abaixo do cérebro em sua parte posterior. Possui dois hemisférios divididos em lóbulos e uma parte central, o verme cerebelar (GRAVURA V).

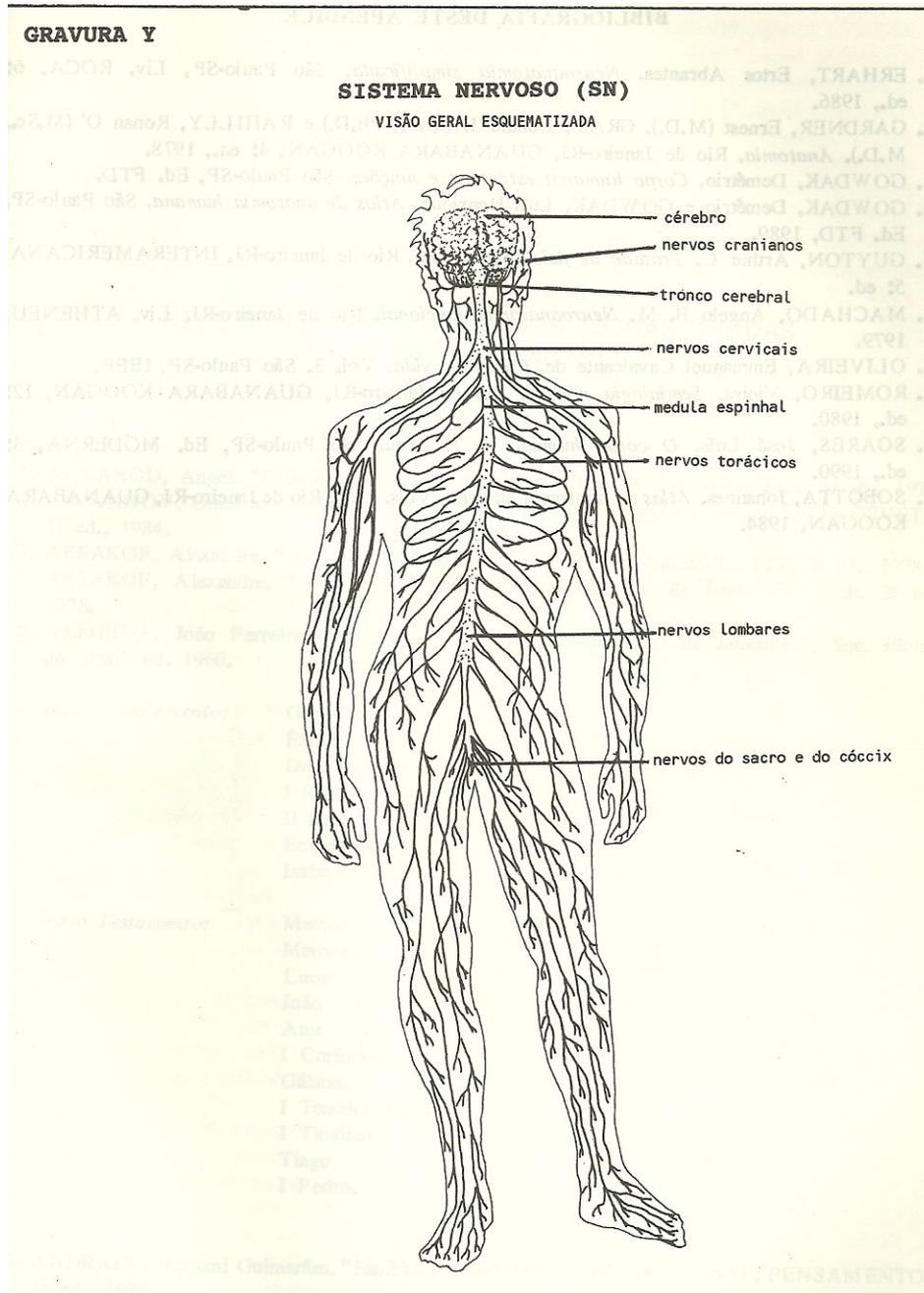
O cerebelo está encarregado da coordenação motora e manutenção do equilíbrio corporal através de ligações neurais com o labirinto.

A massa branca do cerebelo possui muitas ramificações lembrando uma árvore, por isso que é também conhecido como "árvore da vida" (GRAVURA X).

6.3.3 — Tronco Encefálico

O tronco encefálico (tronco cerebral) divide-se em bulbo, mesencéfalo e ponte (GRAVURA X e Y).

O bulbo ou medula oblonga, parte mais importante do tronco encefálico, localiza-se em sua porção inferior, continuando-se com a medula espinhal. Contém centros nervosos muito importantes que controlam as funções de respiração e cárdio-circulatórias.



6.3.4 — Medula Espinhal

A medula espinhal é a porção mais inferior do SNC. Possui forma aproximadamente cilíndrica e localiza-se dentro de um canal formado pelas vértebras da coluna vertebral — o canal vertebral. No adulto mede cerca de 44cm. Divide-se em cinco porções: cervical, torácica, lombar, sacral e coccígea de onde partem 33 pares de nervos espinhais.

6.3.5 — Nervos Cranianos

São 12 pares de nervos que emergem, simetricamente, de cada lado do encéfalo e se distribuem, principalmente, à maior parte dos órgãos da cabeça, formados por ramos ou sensitivos, que levam ao cérebro as sensações, ou ramos motores, que trazem ao local estimulado uma ordem de ação.

6.3.6 — Nervos Espinhais

São 33 pares de nervos que se originam na medula espinhal, a saber 8 cervicais, 12 torácicos, 5 lombares, 5 sacrais e 3 coccígeos. São formados por ramos sensitivos e motores, portanto, são mistos.

BIBLIOGRAFIA DESTE APÊNDICE

1. ERHART, Ertos Abrantes. Neuroanatomia simplificada. São Paulo-SP, Liv. ROCA, 6: Ed., 1986.
2. GARDNER, Ernest (M.D.), GRAY, Donald J. (M.S., Ph.D.) e RAHILLY, Ronan O' (MSc., M.D.). Anatomia. Rio de Janeiro-RJ, GUANABARA KOOGAN, 4: ed., 1978.
3. GOWDAK, Demétrio. Corpo humano: estrutura e funções. São Paulo-SP, Ed. FTD.
4. GOWDAK, Demétrio e GOWDAK, Luís Henrique. Atlas de anatomia humana. São Paulo-SP, Ed. FTD, 1989.
5. GUYTON, Arthur C. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro-RJ, INTERAMERICANA, 5: ed.
6. MACHADO, Ângelo B. M. Neuroanatomia funcional. Rio de Janeiro-RJ, Liv. ATHENEU, 1979.
7. OLIVEIRA, Emmanuel Cavalcante de. Ciência e vida. Vol. 3. São Paulo-SP, IBEP.
8. ROMEIRO, Vieira. Semiologia médica. Rio de Janeiro-RJ, GUANABARA KOOGAN, 12 ed., 1980.
9. SOARES, José Luís. O corpo humano – 1º grau. São Paulo-SP, Ed. MODERNA, 3: ed., 1990.
10. 10. SOBOTTA, Johannes. Atlas de anatomia humana. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro-RJ, GUANABARA KOOGAN, 1984.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (OBRAS CITADAS E REFERENCIADAS)

LIVROS E OPÚSCULOS

1. AGUAROD, Angel. "Grandes e Pequenos Problemas". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3: ed., 1976.
2. AIVANHOV, Omraam Mikhaél 'Centros e Corpos Subtís'. Lisboa-Portugal, Ed. PROSVETA, li ed., 1984.
3. AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo" - I. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3: ed., 1978.
4. AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo" — II. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3: ed., 1978.
5. ALMEIDA, João Ferreira (Tradutor). "A Bíblia Sagrada". Rio de Janeiro - RJ, Soc. Bíblica do Brasil, ed. 1960.

Antigo Testamento: Gênesis
 Êxodo
 Deuteronômio
 I Reis
 II Reis
 Eclesiastes
 Isaías

Novo Testamento: Mateus
 Marcos
 Lucas
 João
 Atos
 I Coríntios
 Gálatas
 I Tessalonicenses
 I Timóteo
 Tiago
 I Pedro.

6. ANDRADE, Hernani Guimarães. "Espírito, Perispirito e Alma". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1984.
7. ANDRÉA, Jorge. "Correlações Espírito-Matéria". Rio de Janeiro-RJ, Ed. SAMUS, 1ª Ed. 1984.
8. ANDRÉA, Jorge. "Dinâmica Psi". Rio de Janeiro-RJ, Ed. FON FON, 1ª ed., 1981.
9. ANDRÉA, Jorge. "Enfoques Científicos na Doutrina Espírita". Rio de Janeiro-RJ, Ed. SAMUS, 1ª ed., 1987.
10. ANDRÉA, Jorge. "Forças Sexuais da Alma". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1988.
11. ANDRÉA, Jorge. "Nos Alicerces do Inconsciente". Sobradinho-DF, EDICEL, 31 ed., 1990.
12. ARMOND, Edgard. "Curas Espirituais". São Paulo-SP, LAKE, 3: ed., 1978.
13. ARMOND, Edgard. "Mediunidade". São Paulo-SP, LAKE, 3: ed.

14. ARMOND, Edgard. "Passes e Radiações". São Paulo-SP, Ed. ALIANÇA, 15ª ed., 1978.
15. ARRUDA, José Jobson de A. "História Antiga e Medieval". São Paulo-SP, Ed. ÁTICA, 1ª ed., 1976.
16. AULETE, Caldas. "Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro-RJ, Ed. DELTA, 4ª ed., 1958.
17. BACK, Hugolino (Frei) e GRIS A, Pedro A. "A Cura pela Imposição das Mãos". Florianópolis-SC, EDIPAPPI, 4ª ed., 1988.
18. BARROLO, Célia Regina. "Aos que se Tratam pela Homeopatia". São Paulo-SP, OESP, 1ª ed., 1985.
19. BLADES, Dudley. "A Energia Espiritual e Seu Poder de Cura". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1989.
20. BOZZANO, Ernesto. "Animismo ou Espiritismo". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1982.
21. BOZZANO, Ernesto. "Metapsíquica Humana". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1960.
22. BRENNAN, Barbara Ann. "Mãos de Luz". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1: ed., 1990.
23. CAMINO, Rizzaro. "O Delta Luminoso". Rio de Janeiro-RJ, AURORA.
24. CHANEY, Earlyne e MESSICK, William L. "Kundalini e a 3ª Visão". Rio de Janeiro-RJ, RECORD, 3ª ed., 1980.
25. CHAPMAN, George. "Encontros Extraordinários". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed.
26. CLIFFORD, Terry. "A Arte de Curar no budismo Tibetano". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1987.
27. CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. "Orientação ao Centro Espírita". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1988.
28. CURTI, Rino. "O Passe". São Paulo-SP, LAKE, 2ª ed., fev. 1988.
29. DAVIDSON, John. "Energia Sutil". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1989.
30. DeGRANDIS, Robert (S.S.J.). "Ministério de Cura para Leigos". São Paulo-SP, Ed. LOYOLA, 1ª ed.
31. DELANNE, Gabriel. "A Alma é Imortal". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 4ª ed., 1978.
32. DELANNE, Gabriel. "A Evolução Anímica". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 4ª ed., 1976.
33. DELANNE, Gabriel. "Investigaciones Sobre la Mediunidad". Buenos Aires-Argentina, Ed. CONSTÂNCIA, 1ª ed., 1948.
34. DENIS, Léon. "Depois da Morte". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 10ª ed., 1978.
35. DENIS, Léon. "No Invisível". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 9ª ed., 1981.
36. D'ESPÉRANCE, E. "No País das Sombras". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 4ª ed., 1981.
37. DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. "Os Irmãos Karamázovi". Rio de Janeiro-RJ, ABRIL CULTURA-1ª ed., 1971.
38. FARIA, Osmard Andrade. "Parapsicologia". Rio de Janeiro-RJ, LIVRARIA ATHENEU, 1ª ed. 1981.
39. FRANCO, Divaldo Pereira. "Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas". São Paulo-SP-USE, 1ª ed., jun. 1981.
40. FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, J. Raul "Diretrizes de Segurança". Niterói-RJ, Editora FRATER, 1ª ed., 1990.
41. FRANCO, Divaldo Pereira (Espírito Joanna de Ângelis). "Dimensões da Verdade". Salvador-BA. LEAL, 2ª ed., 1977.
42. FRANCO, Divaldo Pereira (idem). "Estudos Espíritas". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1982.
43. FRANCO, Divaldo Pereira (Espíritos Diversos). "Sementes de Vida Eterna". Salvador-BA, LEAL, 1ª ed. 1978.
44. FRANCO, Divaldo Pereira (idem). "Terapêutica de Emergência". Salvador-BA, LEAL, 1ª ed., 1983.

45. FRANCO, Divaldo Pereira (Espírito Manoel Philomeno de Miranda). "Loucura e Obsessão". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1990.
46. FRANCO, Divaldo Pereira (idem). "Nas Fronteiras da Loucura". Salvador-BA, LEAL, 1ª ed., 1982.
47. FRANCO, Divaldo Pereira (idem). "Painéis da Obsessão". Salvador-BA, LEAL, 1ª ed., 1984.
48. FRANCO, Divaldo Pereira (Espírito Marco Prisco). "Ementário Espírita". Matão-SP, O CLARIM, 2ª ed., 1972.
49. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. "Novo Dicionário da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro-RJ, NOVA FRONTEIRA, 2ª ed., 1989.
50. FREIRE, Antônio J. "Da Alma Humana". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1956.
51. GONÇALVES, Paulo Eiró (Organizador). "Medicinas Alternativas". São Paulo-SP, IBRASA, 1ª ed., 1989.
52. GORDON, Richard. "A Cura Pelas Mãos". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1988.
53. HAWKING, Stephen W. "Uma Breve História do Tempo". Rio de Janeiro-RJ, Ed. ROCCO, 1ª ed., 1988.
54. HUTTON, J. Bernard. "Mãos que Curam". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1989.
55. IMBASSAY, Carlos. "O Espiritismo à Luz dos Fatos". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1952.
56. IMBASSAY, Carlos. "O Espiritismo Perante a Ciência". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1952.
57. IMBASSAY, Carlos. "A Mediunidade e a Lei". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1962.
58. IVANOVA, Barbara. "O Cálice Dourado". São Paulo-SP, Ed. AQUARIANA, 1ª ed., 1990.
59. JACINTHO, Roque. "Passe e Passista". São Paulo-SP, Ed. LUZ NO LAR, 9ª ed., 1987.
60. JAGOT, Paul-Clément. "Iniciação à Arte de Curar pelo Magnetismo Humano". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1984.
61. JOHARI, Harish. "Chakras". Rio de Janeiro-RJ, Ed. BERTRAND DO BRASIL, 1ª ed., 1990.
62. JORGE, José. "Antologia do Perispírito". Juiz de Fora-MG, INSTITUTO MARIA, 1ª ed., 1983.
63. KARDEC, Allan. "O Céu e o Inferno". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 20ª ed., 1967.
64. KARDEC, Allan. "O Evangelho segundo o Espiritismo". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 84ª ed., 1982.
65. KARDEC, Allan. "A Gênese". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 24ª ed., 1982.
66. KARDEC, Allan. "O Livro dos Espíritos". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 57ª ed., 1983.
67. KARDEC, Allan. "O Livro dos Médiuns". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 30ª ed., 1972.
68. KARDEC, Allan. "Obras Póstumas". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 12ª ed., 1964.
69. KILNER, Walter J. "A Aura Humana". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1989.
70. KRIPPNER, Stanley (Ph.D.). "Possibilidades Humanas". Rio de Janeiro-RJ, FRANCISCO ALVES, 1ª ed., 1980.
71. KRISHNA, Gopi "O Despertar da Kundalini". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1988.
72. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. "Aids, o Desafio Final". São Paulo-SP, Ed. BEST SELLER, 1ª ed., 1988.
73. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. "Morte, Estágio Final da Evolução". Rio de Janeiro-RJ, RECORD, 1ª ed.
74. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. "Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer". São Paulo-SP, MARTINS FONTES, 1ª ed., jun. 1979.
75. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. "Sobre a Morte e o Morrer". São Paulo-SP, MARTINS FONTES, 1ª ed., set. 1981.
76. LEADBEATER, C. W. "Os Chakras". São Paulo-SP, PENSAMENTO, ed. 1989.
77. LEYMARIE, Madame P. G. "Processo dos Espíritos". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1977.
78. LEX, Ary. "Pureza Doutrinária". São Paulo-SP, Ed. FEESP, 1ª ed., jul. 1988.
79. LHOMME, José. "O Livro do Médiun Curador". Rio de Janeiro-RJ, Ed. ECO, 6ª ed.

80. MALIK, Malcom. "El Arte de Magnetizar ai Alcance de Todos". Buenos Aires-Argentina, Ed. CAYMI, 1ª ed., 1973.
81. MEEK, Georg W. (Organizador). "As Curas Paranormais". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1983.
82. MEIRA, Rubens P. "Atualidade de Allan Kardec, o Perispírito". São Paulo-SP, Ed. BRASBIBLOS, 1ª ed., 1986.
83. MELO, Jacob Luiz de. "Caracterização do Passe na Casa Espírita". Brasília-DF, apostila apresentada no Congresso Internacional de Espiritismo, out. 1988.
84. MICHAELUS. "Magnetismo Espiritual". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1967.
85. MIRANDA, Hermínio C. "Diálogo com as Sombras". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1979.
86. MIRANDA, Hermínio C. "A Memória e o Tempo" - I. São Paulo-SP, EDICEL, 1ª ed., 1981.
87. MIRANDA, Hermínio C. "A Memória e o Tempo" - II. São Paulo-SP, EDICEL, 2ª ed., out. 1985.
88. MOTOYAMA, Hiroshi. "Teoria dos Chakras". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1990.
89. OSTRANDER, Sheila e SCHROEDER, Lynn. "Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro". São Paulo-SP, CULTRIX, 3ª ed., 1980.
90. PAULA, João Teixeira de. "Dicionário Enciclopédico Ilustrado Espiritismo, Metapsíquica, Parapsicologia". Porto Alegre-RS, Ed. BELS, 3ª ed., 1976.
91. PERALVA, Martins. "Estudando a Mediunidade". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 8ª ed., 1981.
92. PEREIRA, Yvonne A. (Espírito Camilo C. Botelho). "Memórias de um Suicida". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1966.
93. PEREIRA, Yvonne A. (Espírito Charles). "Amor e Ódio". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1976.
94. PETRONE, Moacyr. "Assistência Espiritual". São Paulo-SP, Ed. FEESP, 1ª ed., 1988.
95. PIRES, J. Herculano. "Mediunidade (Vida e Comunicação)". São Paulo-SP, EDICEL, 2ª ed.
96. POWELL, Arthur E. "O Duplo Etérico". São Paulo-SP, PENSAMENTO, ed. 1989.
97. RAMACHÁRACA, Yogue. "A Ciência da Cura Psíquica". São Paulo-SP, PENSAMENTO, ed. 1988.
98. RENDEL, Peter. "Os Chakras". São Paulo-SP, HEMUS, 1ª ed., 1983.
99. ROCHAS, Albert de. "Exteriorização da Sensibilidade". São Paulo-SP, EDICEL, 3ª ed., jan. 1985.
100. RODRIGUES, Henrique e TAMÁSIA, M. B. "Em Busca da Matéria Psi". Matão-SP, O CLARIM, 2ª ed., 1976.
101. ROSE, Kenneth Jon. "O Corpo Humano no Tempo". São Paulo-SP, MCGRAW-HILL, 1ª ed., 1990.
102. SAIUNAV, V. L. "O Fio de Ariadne". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1985.
103. SAYÃO, Antônio Luiz. "Elucidações Evangélicas". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1948.
104. SCHUBERT, Suely Caldas. "Obsessão/Desobsessão". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1981.
105. SHERMAN, Harold. "O Poder de Curar". Rio de Janeiro-RJ, RECORD, 4ª ed.
106. SHERWOOD, Keith. "A Arte da Cura Espiritual". São Paulo-SP, Ed. SICILIANO, 1ª ed.
107. SILVEIRA, Adelino da. "Chico, de Francisco". Jabaquara-SP, Ed. CULTURAL ESPÍRITA UNIÃO, 2ª ed., 1987.
108. SIMONETTI, Richard. "Quem tem Medo da Morte?". Bauru-SP, GRÁFICA S. JOÃO, 9ª ed., 1989.
109. SIMONTON, O. Carl., MATTHEWS-SIMONTON, Stephanie e CREIGHTON, Jams L. "Com a Vida de Novo". SUMMUS EDITORIAL, 3ª ed., 1987.
110. SOUZA, M. Matheus de. "Magnetoterapia". São Paulo-SP, IBRAQUI, 1ª ed., 1987.
111. SUI, Choa Kok. "A Antiga Ciência e Arte da Cura Prânica". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1989.
112. THIAGO, Lauro S. "Homeopatia e Espiritismo". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1972.
113. TOLEDO, Wenefledo de. "Passes e Curas Espirituais". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1988.

114. TURNBULL, V. "Curso de Magnetismo Pessoal". São Paulo-SP, PENSAMENTO, ed. 1987.
115. WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. "Allan Kardec" - vol. II. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1980.
116. WORRAL, A. Ambrose e Olga N. "O Dom de Curar". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1979.
117. VIEIRA, Waldo (Espírito André Luiz). "Conduta Espírita". Rio de Janeiro-RJ, FEB.
118. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Entre a Terra e o Céu". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1972.
119. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Os Mensageiros". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 21ª ed., 1987.
120. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Missionários da Luz". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 20ª ed. 1987.
121. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "No Mundo Maior". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 10ª ed. 1982.
122. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Nos Domínios da Mediunidade". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 7ª ed., 1972.
123. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Obreiros da Vida Eterna". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 8ª ed., 1971.
124. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Sexo e Destino". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 7ª ed., 1980.
125. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "Caminho, Verdade e Vida". Rio de Janeiro--RJ, FEB, 9ª ed. 1981.
126. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "O Consolador" Rio de Janeiro-RJ, FEB, 6ª ed., 1976.
127. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "Emmanuel". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 8ª ed., 1977.
128. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "Pão Nosso". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 9ª ed., 1982.
129. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "Seara dos Médiuns". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed. 1978.
130. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "Segue-me". Matão-SP.O CLARIM, 5ª ed., ago. 1982.
131. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito Emmanuel). "Vinha de Luz". Rio de Janeiro-RJ, FEB.
132. XAVIER, Francisco Cândido e ARANTES, Hércio Marcos C. (Espíritos Diversos). "Encontros no Tempo". Araras-SP, IDE, 4ª ed., jul. 1985.
133. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA Waldo (Espírito André Luiz). "Desobsessão". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1975.
134. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA Waldo (Espírito André Luiz). "Estude e Viva". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1972.
135. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA Waldo (Espírito André Luiz). "Evolução em Dois Mundos". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 10ª ed., 1987.
136. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA Waldo (Espírito André Luiz e Emmanuel). "Mecanismos da Mediunidade". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 1ª ed., 1960.
137. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA Waldo (Espírito André Luiz). "Opinião Espírita". Uberaba-MG, Ed. CEC, 5ª ed., 1982.

REVISTAS E JORNAIS

138. "Correio Fraternal do ABC" (uma edição avulsa, que não temos o número).
139. FEB - (Revista) "Reformador" jul. 1972. Rio de Janeiro-RJ, FEB.
140. FEB - (Revista) "Reformador" dez. 1973. Rio de Janeiro-RJ, FEB.
141. FEB - (Revista) "Reformador" jan. 1986. Rio de Janeiro-RJ, FEB.
142. FEB — (Revista) "Reformador" ago. 1986. Rio de Janeiro-RJ, FEB.
143. KARDEC, Allan. "Revista Espírita", mar. 1858. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
144. KARDEC, Allan. "Revista Espírita", jun. 1858. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
145. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". set. 1858. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
146. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". mar. 1859. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
147. KARDEC, Allan. "Revista Espírita", mai. 1859. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
148. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". ago. 1860. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
149. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". fev. 1861. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
150. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". dez. 1863. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
151. KARDEC, Allan. "Revista Espírita", jan. 1864. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
152. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". abr. 1865. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
153. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". set. 1865. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
154. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". jun. 1867. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
155. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". jul. 1867. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
156. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". out. 1867. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
157. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". nov. 1867. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
158. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". mar. 1868. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
159. (Revista) "Ciência Ilustrada", jan./fev. 1983. São Paulo-SP, EDITORA ABRIL.
160. "Seleções Reader's Digest", out. 1990. Lisboa-Portugal, LISGRÁFICA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (OBRAS PESQUISADAS NÃO CITADAS)

LIVROS E OPÚSCULOS

1. ANDRADE, Ariovaldo Caversan Geziel. "Manual e Dicionário Básico de Espiritismo". São Paulo-SP, ABC DO INTERIOR, 2ª ed., out. 1988.
2. ANDRADE, Hemani Guimarães. "A Matéria Psi". Matão-SP, O CLARIM, 2ª ed., ed., mar. 1981.
3. ANDRADE, Hernani Guimarães. "Morte, Renascimento, Evolução". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 3ª ed., 1985.
4. ANDRADE, Hemani Guimarães. "Psi Quântico". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1988.
5. ANDRÉA, Jorge. "Energética do Psiquismo — Fronteiras da Alma". Petrópolis-RJ, SOCIETO LORENZ, 1ª ed..
6. ANDRÉA, Jorge. "Lastro Espiritual nos Fatos Científicos". Petrópolis-RJ, SOCIETO LORENZ, 1ª ed.
7. ANDRÉA, Jorge. "Impulsos Criativos da Evolução". Niterói-RJ, Ed. ARTE E CULTURA, 1ª ed. 1989.
8. BANAL, Spártaco. "As Sessões Práticas do Espiritismo". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1983.
9. BEDIN, Vargas Margot e Iracema. "Homeopatia, Magnetismo e a Cura da Calvície". Caxias do Sul-RS, Editora dos autores, jul. 1988.
10. BENDIT, Lawrence J. e PHOEBE D. "O Corpo Etérico do Homem". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed.
11. BERGER, Ruth. "A Cura e Suas Cores". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1989.
12. BESANT, Annie. "Os Sete Princípios do Homem". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1988.
13. BODIER, Paul. "Como Desenvolver a Mediunidade". Rio de Janeiro-RJ, Ed. ECO, 7ª ed.
14. BOZZANO, Ernesto. "Os Animais têm Alma?". Rio de Janeiro-RJ, Ed. ECO, 1ª ed.
15. CARVALHO, Francisco de. "Influências Espirituais e Energéticas Nocivas". Salvador-BA, Edição do autor, versão 4.0, fev. 1991.
16. CARVALHO, Márcia Maria Almeida de. "Curso de Passes". Natal-RN, URUASSU, 1ª ed., out. 1988.
17. CHANDU, Jack F. "Cura Pelas Mãos". São Paulo-SP, HEMUS, 1ª ed., 1983.
18. CHIA, Mantak. "A Energia Curativa Através do Tao". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed. 1989.
19. CHOPRA, Dr. Deepak. "A Cura Quântica". São Paulo-SP, EDITORA BEST SELLER, 1ª ed.
20. DEXIS, Léon. "O Problema do Ser, do Destino e da Dor". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 11ª ed., 1979.
21. DURVTILLE, Heitor. "Magnetismo Pessoal". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1989.
22. DURVTILLE, Heitor y BUSQUETS, Joan. "Curación por el Magnetismo". Barcelona-Espanha, Ed. ÍNDIGO, 1ª ed., 1989.
23. EDSALL, F. S. "O Mundo dos Fenômenos Psíquicos". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed.
24. ERASMO (Espírito). "Pequeno Manual dos Médiuns". Goiânia-GO, CEIS, 1ª ed.
25. ERNY, Alfred. "O Psiquismo Experimental". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2: ed., 1953.
26. FRANCO, Divaldo Pereira (Espírito Manoel Philomeno de Miranda). "Nos Bastidores da Obsessão". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1976.
27. GIBIER, Paul. "Análise das Coisas". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 4ª ed., 1981.
28. GOLDSMITH, Joel S. "A Arte de Curar pelo Espírito". São Paulo-SP, ALVORADA, 5ª ed.
29. HAY, Louise L. "Cure o seu Corpo". São Paulo-SP, DAG GRÁFICA, 1ª ed.
30. HÉLÉNA, Charles. "Votre Guérison par le Magnétisme". Paris-França, Ed. HÉLÉNE-CHARLES, 1ª ed., 1969.

31. JAGOT, Paul-Clément. "Como Desenvolver seu Magnetismo Pessoal". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1989.
32. JAGOT, Paul-Clément. "A Influência a Distância". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 6ª ed., 1989.
33. JÚNIOR, Geraldo Medeiros. "Manual do Curador — Manipulação de Psicobioenergias". São Paulo-SP, PETIT ED. E DISTRIB., 1ª ed., jun. 1990.
34. KUHNE, Louis. "Cura Pela Água". São Paulo-SP, HEMUS, 5ª ed.
35. LODGE, Oliver (Sir). "La Evolución Biológica y Espiritual dei Hombre". Buenos Aires-Argentina, Ed. VICTOR HUGO, 1ª ed., 1947.
36. LOWEN, Alexander (M.D.). "Bioenergética". São Paulo-SP, SAMUS, 4ª ed.
37. MENDONÇA, Sávio. "A Arte de Curar Pela Radiestesia". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 3ª ed., 1989.
38. MILLER, R. Michael e HARPER, Josephine M. "Manual Prático da Energia Psíquica". São Paulo-SP, Ed. SICILIANO, 1ª ed., 1989.
39. MOSS, Thelma (Ph.D.). "O Corpo Elétrico". São Paulo-SP, CULTRIX, 1ª ed., 1986.
40. MURPHY, Joseph. "Como Utilizar o seu Poder de Cura". Rio de Janeiro-RJ, Ed. RECORD, 9ª ed.
41. NETTO, Aureliano Alves. "Curas Espirituais". Rio de Janeiro-RJ, Ed. TECNOPRINT, 1ª ed., 1986.
42. PASSEBECQ, André. "Psicoterapia por Métodos Naturales". Barcelona-Espanha, EDICIONES MARTÍNEZ ROCA, 1987.
43. PASTORINO, C. Torres. "Técnica de Mediunidade". Rio de Janeiro-RJ, SABEDORIA, 1ª ed., 1969.
44. PERALVA, Martins. "Mediunidade e Evolução". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 2ª ed., 1981.
45. PIRES, J. Herculano. "Arigó - Vida, Mediunidade e Martírio". São Paulo-SP, EDICEL, 2ª ed.
46. PIRES, J. Herculano. "Obsessão, o Passe, a Doutrinação". São Paulo-SP, PAIDEIA, 1ª ed.
47. POLIDORO, Osvaldo. "Programa Divino e Curas Espíritas". Rio de Janeiro-RJ, LIV. FREITAS BASTOS, 2ª ed., 1965.
48. POWELL, Arthur E. "O Corpo Mental". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 9ª ed., 1988.
49. RAPHAEL, Katrina. "As Propriedades Curativas dos Cristais e das Pedras Preciosas". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 3ª ed., 1990.
50. RHINE, J. B. e BRIER, Robert. "Novas Perspectivas da Parapsicologia". São Paulo-SP, CULTRIX, 1ª ed., 1971.
51. RHINE, Louise E. "Canais Ocultos do Espírito". São Paulo-SP, BESTSELLER, 1ª ed., 1966.
52. RODRIGUES, Henrique. "A Ciência do Espírito". Matão-SP, O CLARIM, 1ª ed., jun. 1985.
53. RODRIGUES, Henrique e NAMI, Hilda Fontoura. "Psicobiofísica nos Problemas Humanos". Rio de Janeiro-RJ, LIV. FREITAS BASTOS, 2ª ed., 1989.
54. ROUSTAING, J.B. "Os Quatro Evangelhos" - vol I. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1971.
55. ROUSTAING, J.B. "Os Quatro Evangelhos" - vol II. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1971.
56. ROUSTAING, J.B. "Os Quatro Evangelhos" - vol III. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1971.
57. ROUSTAING, J.-B. "Os Quatro Evangelhos" - vol IV. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1971.
58. SARGENT, Epes. "Bases Científicas do Espiritismo". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1982.
59. SCHUTEL, Cairbar de Souza. "Médiuns e Mediunidade". Matão-SP, O CLARIM, 8ª ed., set. 1984.
60. SCIUTO, Giovanni. "Mestres e Mistérios do Magnetismo". Portugal, EDITORA ULISSEIA.
61. SILK, Joseph. "O Big Bang - a Origem do Universo". Brasília-DF, Ed. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1ª ed., 1985.
62. TAMASSIA, M. B. "Você e a Mediunidade". Matão-SP, O CLARIM, 2ª ed., jan. 1987.
63. TANSLEY, David V. (D.C.). "Chakras-Raios e Radiônica". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed. 1988.
64. TIRET, Colette. "Auras Humanas". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 2ª ed., 1987.

65. TREVISAN, Lauro. "O Poder Infinito da Sua Mente". Santa Maria-RS, Ed. DA MENTE, 170ª ed.
66. UBALDI, Pietro. "A Grande Síntese". São Paulo-SP, LAKE, 11ª ed., 1979.
67. VALENTE, Aurélio A. "Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed. 1973.
68. WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. "Allan Kardec" - vol I. Rio de Janeiro-RJ, FEB, 3ª ed., 1982.
69. WEINMAN, Rik A. "Suas Mãos Podem Curar". São Paulo-SP, PENSAMENTO, 1ª ed., 1990.
70. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Ação e Reação". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1976.
71. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Libertação". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 5ª ed., 1971.
72. XAVIER, Francisco Cândido (Espírito André Luiz). "Nosso Lar". Rio de Janeiro-RJ, FEB, 11ª ed., 1970.
73. ZÖLLNER, Johann Carl Friedrich. "Physica Transcendental". Rio de Janeiro-RJ, ed. 1908.

REVISTAS - JORNAIS - APOSTILAS

1. COEM - Apostilas. Curitiba-PR, COEM, 1ª ed., jul. 1978.
2. FERGS — "Normas para os Trabalhos do Depto. de Assistência da Sociedade Espírita Federada". Porto Alegre-RS, FERGS, 1ª ed., nov. 1977.
3. FERN - "Estudando o Passe". Natal-RN, FERN, 1ª ed., 1987.
4. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". Jan. 1862. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
5. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". Fev. 1862. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
6. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". Dez. 1862. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1964.
7. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". Fev. 1866. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
8. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". Abr. 1869. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
9. KARDEC, Allan. "Revista Espírita". Jun. 1869. São Paulo-SP, EDICEL, ed. 1966.
10. (Revista) "Parapsicologia Hoje", número 4. Campo Grande-MS, CPDV, abr. 1986.
11. (Revista) "Planeta" - Efeito Kirlian, número 111-A. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS.
12. (Revista) "Planeta" — Dicionário do Inexplicado, número 132-A. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS.
13. (Revista) "Planeta", número 133. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS.
14. (Revista) "Planeta" - As Curas Paranormais, número 134-a São Paulo-SP, EDITORA TRÊS.
15. (Revista) "Planeta" - Haia loga, número 135-A. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS.
16. (Revista) "Planeta" — Fronteiras do Desconhecido, número 137-C. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS, ed. fev. 1984.
17. (Revista) "Planeta" — Mediunidade, número 145-A. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS, ed. out. 1984.
18. (Revista) "Planeta" - número 151. São Paulo-SP, EDITORA TRÊS, ed. abr. 1985.
19. (Revista) "Revista Espírita Allan Kardec", ano I, nº 2, Goiânia-GO, Gráfica e Ed. PAULO DE TARSO, 1ª ed.

GLOSSÁRIO

Abissal: 1. Abismal. 2. Espantoso, assombroso, enorme.

Afrodisíaco: Excitante dos apetites sexuais.

Agglutinina: Anticorpo que produz a aglutinação de um antígeno determinado como, por exemplo, bactérias.

Aleivosidade: Relativo a aleivosia (traição, perfídia, dolo, deslealdade, fraude, falsa acusação, calúnia, injúria).

Alopático: Relativo ou pertinente a alopatia (sistema de medicina que combate as doenças por meios contrários a elas, procurando conhecer-lhes a etiologia e atacar-lhes as causas).

Aposição: 1. Ação ou efeito de apor. 2. Imposição de mãos.

Asclepiadeu: Verso grego ou latino formado de um espondeu (pé de verso, constituído por duas sílabas longas), dois coriambos (pé de verso de duas sílabas breves entre duas longas) e um jambo (ou iambo; pé de verso constituído de uma sílaba breve e outra longa).

Axiomático: 1. Que tem caráter de axioma, evidente, manifesto, incontestável. 2. Relativo a axioma.

Bioenergia: 1. Nova denominação para a prática da transmissão fluídica, 2. Energia fluídica, vital; fluido.

Brâmane: 1. Sacerdote que oficiava os sacrifícios do Veda; o que supervisionava a correta execução dos ritos. 2. Membro da mais alta casta hindu, a dos homens livres, os nobres arianos.

Cariocinético: Relativo à cariocinese (processo de divisão celular).

Carma: Conjunto das ações humanas em suas conseqüências.

Climatério: Conjunto de alterações somáticas e psíquicas que se observam no final do período reprodutor da mulher, por falência da função ovariana.

Coadjuvante: Que ou quem coadjuva, ajuda, concorre para um fim comum.

Colóide: 1. Sistema físico-químico de duas fases, uma das quais, a fase dispersa, está extremamente subdividida e imersa na outra, a fase dispersora. 2. Corpo que não se cristaliza, ou só se cristaliza muito dificilmente, e que, em dissolução, se difunde com lentidão extrema.

Contrição: Espécie de arrependimento das próprias culpas ou pecados, motivado pela caridade sobrenatural ou amor de Deus.

Corolário: 1. Proposição que imediatamente se deduz de outra demonstrada. 2. Dedução, conseqüência, resultado, consectário.

Cosmogônico: 1. Respeitante à Cosmogonia. 2. Concernente às origens e evolução do Universo.

Deletéria: 1. Que destrói ou danifica; prejudicial, danoso. 2. Que é nocivo à saúde.

Desídia: 1. Negligência, preguiça, indolência, inércia. 2. Desleixo, descaso, incúria.

Dharma: A doutrina de Buda, na qual se encontram as "Quatro Verdades Nobres". De sua expressão surgiu a medicina dármica, a qual, segundo seus seguidores e praticantes, cura mediante práticas espirituais e psicológicas pela compreensão da natureza da mente e pelo controle das emoções negativas; é a chamada medicina religiosa.

Difusível: Que se pode difundir; difusivo (que tem sobre o organismo ação rápida e enérgica).

Dispnéia: Dificuldade na respiração.

Druida: Antigo sacerdote, entre os gauleses e bretões.

Ectoplasma: Faculdade que possuem certos médiuns para a produção de ectoplasma (fluido com característica muito orgânica).

Eflúvio: 1. Emissão invisível que se desprende dum fluido; efluência. (...) 2. Emissão de energia ou de matéria. 3. No texto recebe, por vezes, a conotação de campo fluídico.

Endosmótico: Concernente à endosmose (corrente de fora para dentro entre dois líquidos de densidades diversas separadas por uma membrana ou placa porosa).

Enzimático: Relativo a enzima (substância catalítica de natureza protéica dotada de ação específica no sentido de produzir uma alteração química).

Epiderme: Camada celular superficial, não vascularizada, que reveste o derma e com ele constitui a pele.

Escabiose: Sarna.

Esotérico: 1. Diz-se do ensinamento que, em escolas filosóficas da antigüidade grega, era reservado aos discípulos inteiramente instruídos. 2. Todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes. 3. Diz-se de ensinamento ligado ao ocultismo. 4. Compreensível apenas por poucos; obscuro, hermético.

ESP: Sigla da expressão inglesa "Extra-Sensory-Perception" que significa percepção extra-sensorial.

Estereotipado: Que é sempre o mesmo, que não varia; invariável, fixo, inalterável.

Etéreo: 1. Do grego, aithérios, pelo latino aethereu. 2. Relativo ao, ou da natureza do éter.

Etiologia: 1. Estudo sobre a origem das coisas. 2. A parte da medicina que trata da origem das doenças.

Etiopatogenia: Causa e evolução de uma doença ou lesão.

Evangelhoterapia: Terapia através do Evangelho, pela Evangelização.

Faquir: 1, Hindu mendicante, em geral muçulmano, que vive em ascetismo rigoroso. 2. Indivíduo que se exhibe deixando-se picar ou mutilar, agüentando jejuns rigorosos, sem dar o menor sinal de sensibilidade.

FeedBack: Expressão inglesa que quer dizer retorno, realimentação.

Fetichismo: 1. Adoração ou culto de fetiches. 2. culto de objetos materiais tidos como a encarnação de um Espírito, ou em ligação com ele, e possuidores de virtude mágica.

Fisiopsicossomático: 1. Do grego, Physis (natureza) + psicológico + somático (referente ao corpo). 2. Natureza organo-psicológica.

Fluidoterapia: Terapêutica que emprega os fluidos magnéticos (espirituais e humanos); terapêutica do magnetismo.

Fotosfera Psíquica: O mesmo que aura humana.

Fotossíntese: Síntese de substâncias orgânicas mediante a fixação do gás carbônico do ar através da ação da radiação solar.

Frenesi: 1. Delírio, desvario, tresvario. 2. Entusiasmo delirante; excitação, arrebatamento.

Galardão: 1. Recompensa de serviços valiosos. 2. Honra, glória.

Geriatrics: Parte da medicina que se ocupa das doenças dos velhos.

Halo: 1. Auréola. 2. Hálux. 3. Aura.

Hemácia: Glóbulo vermelho do sangue.

Hierofante: 1. O sacerdote que presidia aos ministérios de Alêusis, na Grécia antiga. 2. Na antiga Roma, o grão-pontífice. 3. Cultor de ciências ocultas; adivinho.

Hipnomagnético: Técnica de passes magnéticos utilizada para levar o paciente ao transe hipnótico.

Hipocondria: 1. Afecção mental em que há depressão e preocupação obsessiva com o próprio estado de saúde. 2. Tristeza profunda; melancolia. 3. Popularmente, mania de doença.

Histiocitária: Relativo a histiócito (macrófago fixo do tecido conjuntivo que pertence ao sistema fagocítico-mononuclear. São originados na medula óssea e possuem a função especializada de endocitose e digestão intracelular).

Histogênese: Formação e desenvolvimento dos tecidos orgânicos.

Histologia: Estudo da formação ou disposição e função dos tecidos orgânicos.

Holístico: 1. Derivado de Holismo, que é a tendência que se supõe seja própria do Universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas. 2. Total, integral (mente, corpo e Espírito).

Ideoplastia: Formação fluídica de uma idéia ou ação mental.

Idiosincrasia: Disposição do temperamento do indivíduo, que o faz reagir de maneira muito pessoal à ação dos agentes externos. 2. Sensibilidade anormal, peculiar a cada indivíduo, a uma droga, proteína ou outro agente.

Insuflação: Técnica de passe que se utiliza do sopro.

In Vitro: Em vidro; refere-se a um processo ou reação efetuado em uma placa de cultura ou em um tubo de ensaio.

In Vivo: Processos ou reações efetuados no organismo vivo.

Ipsa Facto: Expressão latina que se traduz: por isso mesmo.

Látigo: Castigo, flagelo.

Lato Sensu: Expressão latina que quer dizer: em sentido lato, amplo, largo, extenso.

Letes: Um dos cinco rios da mitologia (esquecimento).

Medianímico: 1. (do francês médianimique). É o mesmo que Mediânico, Mediúnico, Mediunítico. 2. De forma mais popular, é um processo mediúnico coadjuvado conscientemente pelo animismo do médium.

Mentalismo: ação da mente nos processos de indução mental, similar aos processos de indução eletromagnéticos.

Metabolismo: O conjunto dos fenômenos químicos e físico-químicos mediante os quais se faz a assimilação e a desassimilação das substâncias necessárias à vida, nos animais e nos vegetais.

Miasma: 1. Emissão mefítica do solo, supostamente nociva. 2. Influência deletéria; corrupção, podridão.

Micra: Plural de mícron.

Micron: O mesmo que micro. A milionésima parte do metro.

Modus Operandi: Expressão latina que quer dizer: modo de operar, maneira de operacionalizar.

Mórbido: 1. Enfermo, doente. 2. Relativo a doença. 3. Que causa doença; doentio.

Morfogênese: Origem e desenvolvimento das partes do organismo.

Mortificação: 1. Ato ou efeito de mortificar-se (macerar-se ou torturar-se com penitências). 2. Desgosto, sofrimento, tormento, aflição.

Naturopatia: Sistema terapêutico em que não se utiliza drogas, mas, simplesmente os meios naturais, como a luz, a água, o ar, o calor, etc.

Nefrítico: Relativo à nefrite (doença inflamatória dos rins).

Neologismo: 1. Palavra, frase ou expressão nova, ou palavra antiga com sentido novo. 2. Nova doutrina, sobretudo em teologia.

Neuroendócrina: Referente aos sistemas nervoso e endócrino, em relação anatômica ou funcional (a hipófise é um órgão neuroendócrino).

Nomos: Primeira unidade econômica, social e política dos egípcios, espécie de clã.

Objurgatória: Objurgação (censura, repreensão violenta).

Oclusão: 1. Estado daquilo que está fechado. 2. Obliteração; apagamento, esmorecimento.

Osmótico: Relativo à osmose (passagem do solvente numa solução através de membrana impermeável ao soluto).

Otorrinolaringologia: Especialidade médica que estuda e trata das doenças do ouvido, do nariz e da garganta.

Panacéia: 1. Remédio para todos os males. 2. Recurso sem nenhum valor empregado para sanar dificuldades.

Papiro: 1. Erva africana da qual se fazia papel na antiguidade. 2. Manuscrito antigo, feito de papiro.

Patogênico: Capaz de produzir doenças.

Pentateuco 'Kardequiano': Conjunto das cinco obras basilares da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, que são: "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho segundo o Espiritismo", "A Gênese" e "O Céu e o Inferno".

Pitagórica: Que segue a orientação da doutrina de Pitágoras de Samos, filósofo e matemático grego (séc. VI a.C).

PK: 1. Sigla da Parapsicologia que, segundo Osmard Andrade de Faria, é Paracinese; segundo J. Banks Rhine, é Psicocinética, o mesmo que PC. Quer dizer: influência exercida pela força mental, sob qualquer de suas formas possíveis. 2. Segundo Hernani Guimarães Andrade, vem do inglês "Psychokinesis", que significa psicocinesia. Diz-se da função responsável pelos fenômenos "Psi-Kapa", isto é, os fenômenos objetivos.

Placebo: Medicamento inerte empregado com fins sugestivos ou morais, ou, ainda, em trabalhos de pesquisa, quando é dado a um grupo de pacientes que ignoram estar tomando o medicamento cuja ação se quer investigar.

Poltrão: Indivíduo covarde ou medroso.

Prana: 1. O fluido vital. 2. Em teosofia, o princípio da vida.

Profilaxia: 1. Parte da medicina que trata das medidas preventivas contra as enfermidades. 2. Emprego de meios para evitar doenças.

Prosopopéia: 1. Discurso empolado ou veemente. 2. Entono, vaidade.

Protoplasma: Relativo ao conteúdo celular vivo, formado principalmente de citoplasma e núcleo.

Protoplásmica: Adj. relativo ao protoplasma; protoplasmática.

Psicofísico: 1. Adjetivo relativo ao Espírito e à matéria. 2. Relativo à psicofísica.

Psicofonia: Fenômeno mediúnico em que um Espírito "fala" por intermédio de um médium; popularmente chamado de "incorporação".

Psicossomático: 1. Pertencente ou relativo, a um só tempo, aos domínios orgânico e psíquico. 2. Diz-se das perturbações ou lesões orgânicas produzidas por influências psíquicas (emoções, desejos, medo, etc).

Quimioelétrico: Processo energético decorrente de ações ou reações químicas e/ou elétricas.

Quintessência: 1. Extrato levado ao último apuramento. 2. O mais alto grau; o requinte, a plenitude, o auge.

Quiroprático: Aquele que se ocupa da quiroprática (sistema de tratamento baseado na teoria de que as doenças resultam da falta de funções nervosas normais e que emprega a manipulação e ajustagens específicas das estruturas do corpo, especialmente da coluna vertebral).

Radícula: 1. Pequena raiz. 2. Objeto que semelha uma pequena raiz.

Rapé: Tabaco em pó para cheirar (costume/vício que nos dias atuais perdeu enormemente seu "prestígio").

Receitista: Médium que avia receitas sob orientação espiritual normalmente por via psicográfica.

Rosa-crucianismo: Doutrina fundada na seita Rosa-Cruz dos iluminados na Alemanha do século XVII.

Sacramental: Relativo ao sacramento (ritos da Igreja Católica).

Selha: Vaso redondo, feito de madeira e com bordas baixas.

Simbiótica: Decorrente de simbiose (processo de vida em comum com outros).

Sincrético: Em que há sincretismo (amalgama de doutrinas ou concepções heterogêneas).

Sine Qua Non: Expressão latina que indica uma condição sem a qual não se fará certa coisa.

Sinergia: 1. Ato ou esforço coordenado de vários órgãos na realização duma função. 2. Associação simultânea de vários fatores que contribuem para uma ação coordenada.

Soma: O organismo considerado como expressão material, em oposição às funções psíquicas.

Sonâmbulo: No sentido mediúnico, diz-se do médium que tem a faculdade de "desdobrar-se" e, em assim procedendo, trazer informações do plano espiritual.

Sub-reptício: 1. Obtido por meio de sub-repção, ilicitamente; fraudulento: depoimento sub-reptício. 2. Feito às ocultas; furtivo.

Súcia: Agrupamento de pessoas de má índole e/ou má afamadas.

Sui generis: Expressão latina que significa: de seu próprio gênero; que não apresenta analogia como nenhuma outra.

Tanatólogo: Especialista em tanatologia (teoria da morte; parte da medicina legal que se ocupa da morte e dos problemas médico-legais com ela relacionados; que se ocupa da morte e do morrer).

Tântrico: Derivado de tantra, que é o estudo e a descoberta da consciência, tântrico é um sistema que considera a consciência como uma entidade homogênea. A nível de medicina budista, ela abrange um grau intermediário entre o mental e o físico, empregando práticas psicofísicas iogues de transformação de energias sutis; é a conhecida medicina iogue.

Terapêutica: 1. Parte da medicina que estuda e põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar os doentes. 2. Terapia.

Totêmico: Pertencente ou relativo a totem (animal, vegetal ou qualquer objeto considerado como ancestral ou símbolo de uma coletividade — tribo, clã — sendo, por isso, protetor dela e objeto de tabus e deveres particulares).

Trompa: 1. Instrumento usado em laboratório químico destinados a fazer aspirações para transferência e/ou transporte de produtos químicos. 2. (Fisiológico) — de Falópio ou uterina: Órgão tubular que parte do útero em direção à pelve, e tem por função receber o óvulo na superfície do ovário. — de Eustáquio: órgão tubular que comunica o ouvido médio com a faringe.

Unipolarização: Referente a um só pólo. Em eletricidade, aquele que é produzido ou age por um único pólo elétrico ou magnético; em biologia, diz-se da célula que tem um só pólo ou prolongamento.

Vágado: Vertigem.

Volição: Ato pelo qual a vontade se determina a alguma coisa.